

“Equipado
para
Tôda Boa Obra”



[em branco]

“Equipado para Tôda Boa Obra”



“Tôda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensino, para repreensão, para correção, e para instrução na justiça; a fim de que o homem de Deus seja completo, perfeitamente equipado para tôda boa obra.”

—2 Timóteo 3:16, 17, *Weymouth* (em inglês).

“Equipado para Tôda Boa Obra”
 Publicado em inglês em 1946
 Publicado em português em 1952
 pela

WATCHTOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY, INC.
 International Bible Students Association
 Brooklyn, N. Y., U. S. A.

“Equipped for Every Good Work”
 Portuguese

BRAZILIAN EDITION

ENDEREÇO DAS FÁBRICAS E EDITORES:

America (U. S.),	117 Adams St.,	Brooklyn 1, N. Y.
Australia,	11 Beresford Road,	Strathfield, N. S. W.
Bolivia,	Casilla No. 1440,	La Paz
Brazil,	Rua Licínio Cardoso 330,	Rio de Janeiro
Canada,	40 Irwin Ave.,	Toronto 5, Ontario
Chile,	Moneda 1710,	Santiago
Colombia,	Apartado Nacional 147,	Barranquilla
England,	34 Craven Terrace,	London, W. 2
France,	3 Villa Guibert,	Paris 16°
Germany (Western),	Am Kohlheck, (16)	Wiesbaden-Dotzheim
México,	Calzada Melchor Ocampo 71,	México 4, D. F.
Paraguay,	Río de Janeiro y Esq. Mary Lyons,	Asuncion
Peru,	Pasaje Velarde 165,	Lima
South Africa,	Private Bag, P. O. Elandsfontein,	Transvaal
Sweden,	Luntmakaregatan 94,	Stockholm Va.
Switzerland,	Allmendstrasse 39,	Berne 22
Uruguay,	Joaquín de Salterain 1264,	Montevideo
Venezuela,	Ave. Prin. del Paraíso 27, Quinta Savtepaúl,	Paraíso, Caracas

Made in the United States of America

Impresso nos Estados Unidos da América do Norte

C O N T E Ú D O

	LIÇÃO	PAGINA
"EQUIPADO PARA TÔDA BOA OBRA"		5
PREPARO DO CAMINHO		
PARA O ESTUDO DA BÍBLIA		7
A ORIGEM DA BÍBLIA	1	7
A PRESERVAÇÃO DA BÍBLIA	2	11
A AUTENTICIDADE DA BÍBLIA	3	16
LÍNGUAS DA BÍBLIA: O HEBRAICO	4	21
LÍNGUAS DA BÍBLIA: O ARAMAICO	5	25
LÍNGUAS DA BÍBLIA: O GREGO	6	30
O CRESCIMENTO DO CÂNON BÍBLICO	7	35
A TERMINAÇÃO DO CÂNON DA BÍBLIA	8	39
MANUSCRITOS DAS ESCRITURAS HEBRAICAS	9	43
VERSÕES DAS ESCRITURAS HEBRAICAS	10	48
MANUSCRITOS EM PAPIRO DAS ESCRI- TURAS GREGAS	11	52
MANUSCRITOS EM VELINO E FAMÍLIAS DE MANUSCRITOS	12	57
A LUTA DA BÍBLIA PELA SOBREVIVÊNCIA	13	62
A BÍBLIA INGLESA IMPRESSA	14	67
O TALMUDE E SUA HISTÓRIA	15	72
ALGUNS DOS ENSINOS DO TALMUDE	16	78
O PERÍODO DOS ESCRITOS APÓCRIFOS	17	83
O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS	18	89
A GEOGRAFIA DA TERRA PROMETIDA	19	95
A GEOGRAFIA DE JERUSALÉM	20	99
AS ESCRITURAS HEBRAICAS		104
GÊNESIS	21	104
ÊXODO	22	109
LEVÍTICO	23	113
NÚMEROS	24	117
DEUTERONÔMIO	25	122
JOSUE	26	126
JUIZES	27	130
RUTE	28	134
PRIMEIRO SAMUEL	29	138
SEGUNDO SAMUEL	30	143
PRIMEIRO REIS	31	148
SEGUNDO REIS	32	154
PRIMEIRO CRÔNICAS	33	164
SEGUNDO CRÔNICAS	34	168
ESDRAS	35	173
NEEMIAS	36	177
ESTER	37	181
JÓ	38	186
SALMOS	39	191
PROVÉRBIOS	40	195
ECLESIASTES E O CANTICO DOS CANTICOS	41	200
ISAÍAS	42	204
JEREMIAS	43	209
LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS	44	215

C O N T E Ú D O

	LIÇÃO	PÁGINA
EZEQUIEL	45	219
DANIEL	46	225
OSÉIAS	47	230
JOEL E AMÓS	48	234
OBADIAS E JONAS	49	239
MIQUÉIAS E NAUM	50	244
HABACUC E SOFONIAS	51	249
AGEU E ZACARIAS	52	253
MALAQUIAS	53	258
 AS ESCRITURAS GREGAS		 265
MATEUS	54	265
MARCOS	55	271
LUCAS	56	275
JOÃO	57	279
ATOS DOS APÓSTOLOS	58	291
ROMANOS	59	298
PRIMEIRA E SEGUNDA CORÍNTIOS	60	304
GALATAS E EFÉSIOS	61	309
FILIPENSES E COLOSSENSES	62	315
PRIMEIRA E SEGUNDA TESSALONICENSES	63	319
PRIMEIRA E SEGUNDA TIMÓTEO	64	324
TITO E FILEMON	65	329
HEBREUS	66	333
TIAGO	67	339
PRIMEIRA E SEGUNDA PEDRO	68	344
EPÍSTOLAS DE JOÃO E JUDAS	69	350
APOCALIPSE	70	356
 RESUMO BÍBLICO, SEM COMENTÁRIO, DE DOCTRINAS FUNDAMENTAIS		 362

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, MAPAS E TABELAS

	PÁGINA
PROVA DE QUE JESUS É O MESSIAS PROMETIDO	19
O PAPIRO DE NASH	44
O TEXTO MASSORÉTICO	46
OS PRINCIPAIS MANUSCRITOS EM PAPIRO	54
OS PRINCIPAIS MANUSCRITOS EM VELINO	57
TABELA DO TALMUDE	73
MAPAS EM CÔRES DA PALESTINA CONFORME DIVIDIDA ENTRE AS DOZE TRIBOS, DA PALES- TINA EM RELEVO, E DE JERUSALÉM	96-97
MAPA DA ANTIGA TERRA HABITADA	112
CRONOLOGIA DESDE A CRIAÇÃO ATÉ O PRIMEIRO REI DE ISRAEL	142
MAPA DOS DOMÍNIOS DE DAVI E SALOMÃO	149
TABELA DE REIS E PROFETAS	159
TABELA DOS LIVROS DA BÍBLIA	263
MAPA DA PALESTINA NO TEMPO DE CRISTO	269
EVENTOS PRINCIPAIS DA PEREGRINAÇÃO TERRESTRE DE JESUS	284
MAPA DO MEDITERRÂNEO ORIENTAL NO PRIMEIRO SÉCULO E.C.	296

“EQUIPADO PARA TÔDA BOA OBRA”

POR QUE SE PUBLICA ÊSTE LIVRO

JEOVÁ Deus é um Obreiro perfeitamente equipado para qualquer empreendimento, seja a formação de um átomo ou de um universo. Dirige agora na terra uma obra estranha na qual a verdade bíblica expõe as mentiras religiosas. É a obra gloriosa de proclamação do Reino estabelecido de Deus e sua pronta marcha contra Satanás e sua organização no cataclismo destrutivo do Armagedon. Quando estalar essa guerra de vindicação, a “obra estranha” terá sido abreviada em justiça; então se dará o “estranho ato” de Deus em testemunho da sua supremacia. Agora é o tempo para as testemunhas de Jeová trabalharem no seu assinalamento de serviço do Reino, enquanto ainda é possível. Agora é o tempo aceitável para que sejam frutíferas e abundantes em boas obras. E ainda que em si mesmas sejam imperfeitas, são obreiros perfeitamente equipados. Não é necessário que se envergonhem perante Deus. Com confiança podem efetuar sua própria salvação e não precisam temer o tempo em que todos serão julgados e recompensados segundo as suas obras. Semearam boas obras; ceifarão uma boa recompensa.

Por que pode o obreiro fraco e imperfeito ter tal confiança? É por causa do seu equipamento. Escute como Paulo o descreve ao jovem Timóteo: “Desde menino soubeste as sagradas letras que podem fazer-te sábio para alcançares a salvação pela fé em Cristo Jesus. Tôda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensino, para repreensão, para correção, e para instrução na justiça; a fim de que o homem de Deus seja completo, *perfeitamente equipado para tôda boa obra.*” (2 Tim. 3:15-17, *Weymouth* [em inglês]) Os obreiros que estudam com diligência essas escrituras inspiradas da Palavra de Deus não se envergonharão no serviço, estarão perfeitamente equipados,

aprovados por Jeová Deus. Estarão armados com a mesma mente instruída de Cristo Jesus. Lembra-se como êle se retirou para a solidão do deserto e estudou a Palavra de Deus, e como êsse estudo o equipou para derrotar a obra iníqua do tentador Satanás e para sair e principiar a campanha da boa obra do Reino? O conhecimento da Bíblia protege contra a má obra, e equipa para a boa obra.

Este livro é publicado pela Sociedade Watch Tower com o fim de voltar a mente do leitor ao armazém inexaurível de equipamento perfeito. Lança o fundamento para o estudo bíblico por considerar o nascimento, crescimento, preservação e autenticidade da Bíblia. Mostra como o sutil Satanás e seus parvos fracassaram em destruir suas páginas escritas, como fracassaram em substituí-la pela tradição rabínica, e fracassaram em contaminá-la com a mistura de fábulas apócrifas. Com êste fundamento por trampolim, o estudante lança-se num estudo pormenorizado da Bíblia, livro por livro, e perante os olhos do leitor passa em revista a obra secular de Deus. Ao chegar à conclusão, o coração e a mente dedicados se expressarão publicamente em boas obras. Este livro, junto com seu livro companheiro *Auxílio Teocrático aos Publicadores do Reino* (em inglês), equiparão ainda mais a testemunha de Jeová para adiantar a “obra estranha” de Deus. Eis o motivo pelo qual foi publicado.

OS EDITORES

PREPARO DO CAMINHO PARA O ESTUDO DA BÍBLIA

"Equipado para Toda Boa Obra" está dividido logicamente em três grandes secções. As vinte lições iniciais lançam a base para as cinquenta restantes. Um estudo atencioso desta primeira divisão familiarizará o estudante com a origem, desenvolvimento, preservação e autenticidade da Bíblia. Entenderá mais relativo aos idiomas originais em que a Bíblia foi registada pelos escritores inspirados, e sua visão se esclarecerá quanto a como o conteúdo desses escritos originais autografados foi transmitido através de vinte, trinta e mais séculos a fim de chegar a nós em mais de mil línguas. Esta divisão prepara o leitor para aprofundar-se no estudo de cada um dos sessenta e seis livros da Bíblia; aguça-lhe a vista para contemplar os dramas empolgantes da Bíblia ao se desenvolverem perante seus olhos como um magnífico filme.

Lição 1

A ORIGEM DA BÍBLIA

Muitos religiosos das regiões onde se fala o inglês se inclinam a pensar que a Bíblia como livro originou-se de maneira puramente milagrosa. Formam a vaga idéia de que foi escrita no céu, em inglês, naturalmente, ali dividida em capítulos e versículos, com referências e notas marginais, e então enviada por um anjo à terra. Recuam temerosamente diante da *Versão Normal Americana* e outras traduções modernas da Bíblia, cuidando que sua venerada Bíblia, a *Versão Rei Jaime*, é a única Bíblia verdadeira. Não entendem que a *Versão Rei Jaime* é comparativamente jovem, tendo em 1952 apenas 341 anos, ao passo que o primeiro registo da Escritura se fêz há 3.464 anos. A língua inglesa nem sequer existia então.

A Bíblia começou a ser assentada por escrito lá atrás no deserto pelo homem chamado Moisés, e na língua hebraica. A maior parte do que hoje se chama erradamente o "Velho Testamento" foi escrita na língua hebraica, e nos referimos a ela corretamente como as "Escrituras Hebraicas". As Escri-

turas Hebraicas, porém, não estão escritas inteiramente em hebraico. Esdras 4:8-6:18 e 7:12-26, Jeremais 10:11, e Daniel 2:4-7:28 foram registados originariamente em arameu. A língua original do que se chama erroneamente o "Novo Testamento" é a grega; portanto se fala muitas vêzes desta secção da Bíblia como as "Escrituras Gregas".

Todos os livros da Bíblia, num total de 66, têm uma origem comum. A Bíblia é de autoria singela, embora fôsem muitos os escritores. Isto a salienta entre todos os outros livros do mundo. A Bíblia é a revelação que Jeová faz de si mesmo e de seus propósitos. No comêço da escrita bíblica Ele contribuiu pessoalmente ao cânon das Escrituras registando em duas tábuas de pedra o Decálogo, ou os Dez Mandamentos. (Êxo. 24:12; 31:18) Criaturas humanas encarregaram-se da obra de escrever, mas tôdas elas escreveram sob orientação e ditado de Deus, movidas pelo seu espírito. Alguns eram juizes e reis. Outros eram eruditos, mais outros humildes lavradores, pastôres, pescadores, etc. Não eram escritores profissionais, mas homens de ação, servos e testemunhas de Jeová de tôdas as rodas sociais. Escreveram através de um longo período de tempo. Moisés iniciou o Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia, cêrca de 1513 A. C. O apóstolo João encerrou o cânon da Bíblia dezesseis séculos mais tarde.

Todavia, êste grupo diverso de mais de trinta homens largamente separados na corrente do tempo produziu uma obra prima literária perfeitamente harmoniosa. Isto se conseguiu, não pela habilidade dos escritores, mas pela sabedoria e poder infinitos do Originador da Bíblia. Os próprios escritores o admitem prontamente. Davi disse: "O espirito de Jehovah fala por mim, e a sua palavra está na minha lingua." Lucas declarou: "Falou pela boca dos seus santos profetas." Pedro acrescentou ao testemunho: "A prophecia jamais foi dada pela vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falavam, movidos pelo espirito santo." Paulo não deixou lugar para mais dúvida nem exceções quando disse compreensivamente: "Toda a Escriptura é divinamente inspirada." Certa-

mente, apenas Jeová Deus é o Originador da Bíblia.—2 Sam. 23: 2; Atos 1: 16; Luc. 1: 70, *Almeida*; 2 Ped. 1: 21; 1 Ped. 1: 10, 11; 2 Tim. 3: 16, 17, *Ver. Trinitária*.

A Bíblia não era originalmente um só livro, mas ao passo que seu cânon cresceu, tornou-se uma pequena biblioteca de livros e folhetos. A idéia geral de ser a Bíblia um só livro é relativamente moderna, ainda que fôsse reunida em forma de códice durante o segundo século depois de Cristo. No quarto século da era cristã a Bíblia ainda era designada em latim *Bibliotheca Divina*. “Bíblia” vem da palavra grega *biblia*, significando rolos de papiro, volumes ou livros; literalmente, folhetos. Os primitivos cristãos gregos chamavam as Escrituras *Ta Biblia*, isto é, “Os Livros,” querendo dizer por isso os livros preeminentes ou supremos.

Na *Versão Brasileira* e na *Almeida* há 39 livros nas Escrituras Hebraicas e 27 nas Escrituras Gregas. As Bíblias hebraicas e judaicas alistem apenas 24 livros hebraicos, porque 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias, e os doze livros dos chamados “Profetas Menores” juntos, são contados cada um como um só. Os sete agrupamentos principais e escriturários dos livros da Bíblia são: (1) a Lei; (2) os profetas; (3) o Agiógrafo (escritos santos, inclusive os Salmos); (4) os Evangelhos; (5) Os Atos; (6) as epístolas; e (7) O Apocalipse.

Ainda resta, porém, uma divisão a ser mencionada que serve, não a um bom objetivo, mas sim a um mui maligno: a separação da Palavra de Deus no suposto “Velho Testamento” e “Novo Testamento”. Tal divisão não foi autorizada pelo Originador da Bíblia. Que está muito errada se evidencia por apoderar-se dela o Diabo a fim de nulificar a Palavra de Deus e suprimir-lhe quase três quartos do seu conteúdo inspirado. (Deu. 4: 2; Apo. 22: 19) As Escrituras Hebraicas não se chamam “Velho Testamento” em nenhuma parte da Bíblia. Nem as Escrituras Hebraicas se referiam às Escrituras Gregas ao predizerem um novo testamento ou concêrto. As Escrituras Hebraicas tratam de mais de um testamento ou pacto, e o

mesmo se dá com as Escrituras Gregas Cristãs. É uma desvirtuação diabólica da Escritura pretender que quando Paulo, em Hebreus 8:13, falou do velho pacto típico da lei como se tendo tornado antiquado e prestes a desaparecer, êle se referiu às Escrituras Hebraicas, falsamente chamadas “Velho Testamento”, e que estas se haviam cumprido e portanto a única coisa que os cristãos necessitavam daí em diante era o chamado “Novo Testamento”, as Escrituras Gregas. Os próprios escritos de Paulo desmentem tal pretensão falsa.—Rom. 15:4; 1 Cor. 10:11; 2 Tim. 3:16, 17.

Estas citações das epístolas inspiradas de Paulo manifestam que quando o Deus Todo-sábio deu ordens a Moisés e a outros depois dêle para escreverem, Êle tinha presente nosso dia perplexo quando a humanidade carece muito da verdadeira orientação e duma esperança sã. O Criador conhecia a estrutura do homem e a fraqueza de sua memória, e sabia também que o Diabo tencionava destruir o registo divino e pervertê-lo e apagá-lo da mente dos homens. Por êste motivo Deus fêz que se escrevesse um registo fiel. Desde que se fêz isto expressamente em favor dos que necessitariam informações vitais na pior crise das nações no fim do mundo, o Deus Todo-poderoso protegeria as Escrituras a despeito dos esforços de destruí-las. O que Isaías disse há mais de 2.600 anos e o inspirado Pedro apoiou há 1.900 anos, ainda é verdade hoje: “A palavra do nosso Deus subsistirá para sempre.”—Isa. 40:8; 1 Ped. 1:25.

REVISÃO: 1. Que concepção obscura possuem muitos religiosos sobre a origem da Bíblia? 2. Ao se desviarem das versões modernas, o que não entendem relativo à *Versão Rei Jaime*? 3. Em que línguas foi escrita originalmente a Bíblia? 4. Que fatos relativos à escrita da Bíblia provam que o espírito de Deus precisava operar a fim de produzir uma obra tão harmoniosa do princípio ao fim? 5. Qual é o testemunho dos próprios escritores da Bíblia sobre este ponto? 6. Realmente, que é a Bíblia, conforme manifestado pelos nomes dados a ela? 7. Quais são as várias divisões da Bíblia que se discutem em seguida e que parecem corretas e de algum valor? 8. Que divisão é errada, e qual é o seu efeito prejudicial? 9. Por que fêz o Originador da Bíblia que se escrevesse o registo?

Lição 2

A PRESERVAÇÃO DA BÍBLIA

O Originador da Bíblia é também seu Preservador. Foi êle quem fêz que se registasse a declaração: “A palavra do Senhor permanece eternamente.” (1 Ped. 1:25; Isa. 40:8) Como sabemos que esta proclamação permanece verdadeira até o nosso dia, sendo que não existe nem sequer um manuscrito original ou autografado da Bíblia, seja das Escrituras Hebraicas ou das Escrituras Gregas? Não existe nenhum manuscrito completo ou cópia escrita à mão das Escrituras Hebraicas anterior a 1008 E. C. (conservado agora em Leningrado), e nenhum dos manuscritos gregos completos ou quase completos das Escrituras Cristãs é anterior ao quarto século da era cristã.

Embora todo manuscrito original esteja perdido, desaparecido ou aparentemente destruído, há grande número de cópias antigas da Bíblia inteira, e existem manuscritos de partes da Bíblia ainda mais antigos. O número dos antigos manuscritos existentes das Escrituras Hebraicas é de cerca de 1.700. Além disto existem espalhados através da terra cerca de 4.000 manuscritos antigos das Escrituras Gregas no idioma original, e cerca de 9.000 cópias de versões ou traduções primitivas das Escrituras Gregas.

Até a destruição do primeiro templo pelos babilônios, conservava-se o “livro da lei” ao lado da arca do concêrto. “Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca do concerto do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti.” (Deu. 31:26, *Almeida*) Josué, de novo no fim da sua vida, depositou seu próprio registo diante de Jeová. “Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus.” (Jos. 24:26) Samuel fêz o mesmo: “Declarou Samuel deante do povo o que fariam os reis e, escrevendo-o num livro, depositou-o deante de Jehovah.” (1 Sam. 10:25) Estas passagens testificam a conservação do cânon da Bíblia.

Um importante incidente que mostra a preservação das Escrituras é a descoberta no templo do perdido e esquecido

“livro da lei” no décimo oitavo ano de Josias, em 641 A. C., quando após um período de idolatria religiosa restaurou-se a verdadeira adoração de Jeová. (2 Reis 22:1-10; 2 Crô. 34:14-18) Durante o cativeiro na Babilônia as Escrituras foram preservadas. Daniel escreve (9:2): “No primeiro anno do seu reinado [de Dario] eu Daniel entendi *pelos livros* o numero dos annos, a saber, setenta annos, de que falou a palavra de Jehovah ao propheta Jeremias, em que se haviam de cumprir as desolações de Jerusalem.” Após a volta do exílio em Babilônia encontramos Esdras lendo a lei ao povo novamente instalado na Terra Santa.—Nee. 8:1-18.

Nem todos os exilados judeus que voltaram em 537 A. C. do cativeiro babilônico falavam ou entendiam o hebraico bíblico. A geração mais nova falava o aramaico ou siríaco, uma língua semítica relacionada ao hebraico. Quando os levitas lhes liam a lei tinham de ‘ler distintamente e dar o sentido’, conforme registado em Neemias 8:8; isto é, parafraseavam o texto hebraico ou traduziam-no livremente ao aramaico. Chamavam-se essas paráfrases de “Targuns”, que significa “interpretações” ou “paráfrases”. Durante séculos êsses Targuns foram transmitidos oralmente de geração em geração. Aos judeus repugnava traduzir as Escrituras Hebraicas noutra língua, tão sagradas as tinham. Todavia, séculos mais tarde essas paráfrases foram escritas paulatinamente. Existem hoje vários Targuns escritos de tôdas as Escrituras Hebraicas, exceto Daniel, Esdras e Neemias.

Evidência complementar de como Deus preservou a sua Palavra durante os cinco séculos de Esdras a Cristo são as versões ou traduções em outras línguas. A mais antiga destas é o Pentateuco Samaritano. Foi produzido pela população mista de híbridos religiosos que os assírios instalaram em Samaria, depois de terem levado cativas as dez tribos de Israel, em 740 A. C. Fêz-se essa cópia cêrca de 450 anos antes de Cristo (o manuscrito existente, contudo, é de uma data muito posterior). Estritamente falando, não é uma tradução do hebraico original. É um texto hebraico transliterado do Pentateuco

escrito em caracteres samaritanos, contendo alguns idiotismos samaritanos. Por isso o Pentateuco Samaritano é de origem anterior a qualquer outro, a não ser o próprio hebraico. Esta cópia concorda substancialmente com os textos dos judeus, exceção feita a diversas variações menores.

Aproximadamente em 280 A. C. começou-se a traduzir no Egito as Escrituras Hebraicas para a língua grega. Esta versão grega se chama *Versão dos Setenta* ou *Septuaginta*. Grande número de cópias dessa tradução foram feitas e distribuídas através do mundo antigo. Ela desempenhou seu papel na preservação da Palavra de Deus por se tornar a base para traduções noutras línguas.

Quanto às Escrituras Gregas Cristãs, seu texto genuíno foi conservado não só nos MSS. Sinaitico e Vaticano 1209 mas em cerca de 4.000 MSS. adicionais na língua grega, além de quase 9.000 MSS. de versões antigas em outras línguas. Desde os anos de sua escrita as Escrituras Gregas foram assunto de muita discussão, e citaram-se tantos textos bíblicos na imensa literatura do período post-apostólico que se poderia compilar com essas citações quase todo o texto das Escrituras Gregas.

Nenhum outro livro no mundo jamais recebeu tratamento tão reverente e cuidadoso através dos séculos como a Bíblia. Foi copiada por escribas que consideravam erros com pavor respeitoso. A fim de dar a conhecer a Palavra de Deus seus copistas e tradutores frequentemente acrescentavam ao trabalho esmerado o sacrifício de suas vidas. Os antigos copistas gregos, para fins de verificação, registavam o número de palavras escritas. Os escribas hebreus profissionais contavam cuidadosamente não só as palavras mas também as letras. O hebraico escrito, até séculos depois de Cristo, constava de consoantes, e a omissão ou adição de uma só letra muitas vezes poderia mudar uma palavra em outra. Se descobriam o menor equívoco, uma só letra escrita errada, rejeitavam a secção inteira do rôlo como inadequada para uso nas sinagogas. Em consequência, essa secção era cortada e substituída por uma nova e perfeita. Eles liam em voz alta cada palavra

antes de a escrever; escrever de memória, mesmo que fôsse uma só palavra, era considerado um grande pecado. Diz-se que os escribas religiosos limpavam sua pena e oravam antes de escrever a palavra *Elohim* (Deus) ou *Adonai* (Senhor), e que religiosamente lavavam todo o corpo antes de escrever o nome sagrado “Jeová”. A precisão dêsses escribas profissionais hebreus se transmitiu em certo grau aos copistas não-profissionais das Escrituras Gregas Cristãs.

Mas apesar de tôda a precisão esmerada dos copistas e tôda a erudição dos revisores, bastantes erros meramente caligráficos entraram no texto indicando a imperfeição dos homens. Êsses erros seriam repetidos pelo copista seguinte, o qual às vêzes também adicionaria seus próprios pequenos erros. É evidente, portanto, que ao se multiplicarem as cópias, os erros provavelmente aumentariam com elas. Por êsse motivo quanto mais antigo o manuscrito tanto maior a probabilidade de que esteja correto.

A preservação das Escrituras Sagradas é um milagre divino; não só a sua preservação qual livro (desde que nenhum outro livro e os seus estudantes, copistas, tradutores e editores foram perseguidos tão implacavelmente com prisão, fogo e espada), mas também a preservação da integridade textual a despeito das falhas humanas. Os numerosos erros dos escribas são, no todo, de pouca importância. A sua influência na integridade da Bíblia é insignificante. A coisa notável não é que os escribas falíveis fizeram erros, mas que fizeram tão poucos erros de qualquer consequência. Êsses erros foram descobertos e corrigidos por comparação cuidadosa e erudita e pela coleção da multidão de manuscritos e versões existentes. O resultado de tais revisões cuidadosas e críticas são os textos bíblicos fidedignos.

Entretanto, vem a Hierarquia Católica Romana com sua presunçosa pretensão de que ela é a preservadora das Escrituras. A sua asserção descarada pode ser desmentida facilmente. O MS. Vaticano tem estado na sua possessão só a partir do século quinze, e *nem sequer um* dos antigos manuscri-

tos foi descoberto nos territórios sob o domínio da Hierarquia. Por quase cinco séculos o Vaticano tornou inacessível ao exame erudito seu MS. de valor incalculável. Mas com a descoberta e publicação de outro manuscrito do quarto século, o Códice Sinaítico, o Vaticano egoísta foi compelido a publicar cópias fac-similares do MS. Vaticano 1209, a fim de evitar que ficasse eclipsado. Um exame da história prova que a Hierarquia Católica Romana é inimiga mortal da Bíblia; que ela procurou ocultar do povo a verdade bíblica por deixá-la escondida sob a mortalha de línguas mortas; que acossou e assassinou os tradutores e distribuidores da Bíblia; que queimou incontáveis milhares de cópias das Escrituras Sagradas; que só quando falhou em apagar a luz da Bíblia para a plebe permitiu que a Bíblia fôsse traduzida na língua vernácula do povo, sendo tais traduções católicas publicadas para fazer concorrência às prévias traduções populares. A Hierarquia não é a preservadora da Bíblia, mas a Bíblia foi preservada até nosso dia apesar dos esforços desesperados da Hierarquia para destruí-la.

Aclame a Jeová como Preservador da sua Palavra inspirada. Manifestamente Deus orientou não só os escritores da Bíblia mas também os fiéis copistas do texto e os que reuniram o cânon, da mesma forma que êle está agora guiando suas testemunhas terrestres ao estudarem as suas páginas e proclamarem as verdades dela. A preservação da Bíblia se fêz por milagre do Onipotente.

REVISÃO: 1. O que é verdade com respeito às cópias originais autografadas dos manuscritos da Bíblia? e que manuscritos antigos temos? 2. Como foram as Escrituras preservadas até os dias de Esdras? 3. Que eram os Targuns? e para que foram usados? 4. Como foram preservadas as Escrituras Sagradas desde o tempo de Esdras até o tempo de Cristo Jesus? 5. De que modo se verificam as Escrituras Gregas Cristãs? 6. Que fatos mostram o grande cuidado exercido pelos copistas das Escrituras? 7. De que modo duplo é um milagre a preservação da Bíblia? 8. Como se pode desmentir a pretensão da Hierarquia Católica Romana de ser ela a preservadora da Bíblia? 9. Quem, então, deve ser aclamado como preservador da Bíblia?

Lição 3

A AUTENTICIDADE DA BÍBLIA

Jeová continua a dar ao seu povo pactuado prova corroborativa de que a Bíblia é Sua autêntica Palavra da verdade, e não a palavra de homem. A fim de se tornarem melhor equipados para boas obras no serviço de Jeová, convém que as suas testemunhas se familiarizem com a evidência da autenticidade das Escrituras Sagradas, porque as habilitará a estabelecer firmemente a fé de outros. O espaço restrito necessariamente limitará as provas; mesmo assim, podem-se fornecer provas amplas para convencer os razoáveis e mansos, visto que os insensatos nunca crerão até que sejam exterminados.—Sal. 14:1; Isa. 53:1.

Desde os tempos mais remotos os livros canônicos foram recebidos pelos judeus como documentos inspirados e inteiramente fidedignos. A verdade da narrativa bíblica tem sido atestada pelo testemunho unânime daquela nação, embora grande parte dela seja um registo da sua própria e repetida desobediência, infidelidade, sua apostasia à idolatria ou religião demoníaca e queda nas mãos de seus inimigos. Os escritores falam com tôda a candura e humildade acêrca das suas faltas; não poupam nenhuma criatura. Foram fiéis testemunhas de Jeová; sofreram e até morreram pela verdade divina. Aparentes contradições podem confundir o leitor superficial; mas desaparecem diante de uma investigação reverente e acurada. Os israelitas contemporâneos dos escritores, tanto das Escrituras Hebraicas como das Gregas, sempre aceitaram cada livro como registo verídico dos eventos.

A história profana confirma o registo bíblico quanto a nomes e biografias de caracteres históricos, e o mesmo se dá relativo aos nomes e a geografia de lugares históricos. Por exemplo, há abundância de testemunho profano corroborando a história dos Evangelhos, e parte do testemunho vem de historiadores anticristãos. Entre tais historiadores e escritores do primeiro e do segundo século acham-se Flávio Josefo, Tácito, Suetônio, Plínio o Moço, Luciano, Flegonte Traliano,

Celso e Numénio. Todos êstes testificam que no reinado do Imperador Tibério César viveu alguém que se chamava Jesus Cristo; que era um homem extraordinário que fêz grandes milagres; que foi morto a mandado de Pôncio Pilatos; que houve escuridão e terremoto fenomenais por ocasião de sua execução; que seus ensinoss se espalharam ràpidamente, e seus seguidores sofreram perseguição.

Êstes fatos prestam apoio adicional: a Palestina estava naquele tempo debaixo dum sistema peculiar de govêrno duplo, em parte judaico e em parte romano. A narração das Escrituras Gregas mostra de modo notável a forma dupla de administração, uma romana e outra judaica, envolvendo uma forma dupla de tributação, dois modos de pena capital, dois métodos de marcar o tempo, duas fôrças militares, e assim por diante. Também, encontram-se lado a lado no texto grego palavras latinas e hebraicas, uma circunstância natural durante êsse período.

Repetidamente descobertas arqueológicas provaram que o registo bíblico é verdadeiro e fecharam as bôcas blasfemas dos “altos críticos” e ateus. Antigos registos seculares, mediante inscrições em monumentos, moedas, ruínas de cidades, e numerosas outras antiguidades desenterradas, todos se unem para verificar a Bíblia. É notável que plantas, animais, aves, peixes e insetos mencionados na Bíblia foram encontrados em exata conformidade com a vida vegetal e animal das regiões particulares mencionadas. Demais, a própria ordem da criação conforme dada no primeiro capítulo de Gênesis é corroborada pela geologia. Certas formas de vida vegetal e animal se encontram em certos estratos ou camadas de rocha, aos quais os geólogos assinalam certo período de tempo. A ordem de tempo à qual os cientistas assinalam o aparecimento de certas formas de vida é idêntica à ordem do aparecimento exposta no relato de Gênesis. Naturalmente, os cientistas, concorrendo uns com os outros para atrair atenção, estabelecem cifras fantásticas de tempo para as suas descobertas; mas o importante é que o registo da criação encontrado nas rochas

da terra concorda com o registo à tinta em Gênesis. E por que não? O Criador daquele é o Autor dêste. Ambos os registos são fiéis, ainda que sejam mal interpretados pelos cientistas e clérigos.

Todos os fatos acima citados são provas fortes e convincentes da autenticidade da Bíblia. Contudo, há evidência muitas vezes mais forte: os milhares de acurados cumprimentos maiores e menores das profecias bíblicas que provam irrefutavelmente as Escrituras como história inspirada escrita de antemão. Os homens não podem predizer os eventos, nem mesmo um dia antes: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que um dia póde dar á luz.” (Pro. 27:1) Mas, “Por Deus são conhecidas todas as suas obras desde a eternidade.” Mediante esta sua presciência Jeová tem abençoado o homem por anunciar “o fim desde o principio, e desde os tempos antigos as cousas que ainda não teem sido feitas”. Ele inspirou homens a registrar estas profecias na sua Palavra, não sabendo êles mesmos acêrca de que escreviam. (Atos 15:18, *Ver. Trinitária*; Isa. 46:10; 2 Ped. 1:20, 21; 2 Tim. 3:16, 17; Dan. 12:4, 8, 10; 1 Ped. 1:10-12) Todos os homens são falíveis; a despeito da sua possível sinceridade suas palavras nem sempre são autênticas. Os textos supracitados mostram, contudo, que os homens não foram os autores da Bíblia, porém apenas empregados como secretários do Autor, Jeová Deus. E Ele é infalível!

Se fatos físicos se realizaram em cumprimento das profecias bíblicas, então constituem a evidência circunstancial mais forte da autenticidade da Bíblia, e a mente razoável se satisfaz e a fé se estabelece firmemente. (João 14:29) Incontáveis profecias bíblicas já se cumpriram. Muitos dramas proféticos estão hoje no curso de notável cumprimento. Todavia o espaço nos impede de considerá-los aqui em minúcia. Por isso, a matéria será restrita em alcance para satisfazer as condições do espaço limitado. Profecias registadas nas Escrituras Hebraicas, escritas séculos antes da vida de Jesus, serão citadas e mostrar-se-á que foram cumpridas em Jesus,

provando ser êle Cristo o Messias. Suas palavras proféticas serão citadas então, e os eventos modernos, dezenove séculos depois, dados como cumprimentos. Isto estabelecerá Jesus como o Messias e sua palavra certa e fidedigna. Todos devem então estar dispostos a reconhecê-lo como testemunha digna de confiança e devem aceitar seu testemunho com respeito à autenticidade da Bíblia.

A seguinte tabela mostra alguns dos principais eventos relativos ao Messias.

Prova de que Jesus de Nazaré é o Messias Prometido

O incidente ou evento	Profecia das Escrituras Hebraicas	Cumprimento nas Escrituras Gregas
Nascido da tribo de Judá	Gên. 49: 10	Mat. 1: 1-3
Nascido em Belém	Miq. 5: 2	Mat. 2:1, 5, 6
Nascido duma virgem	Isa. 7: 14	Mat. 1: 22, 23
Crianças mortas depois do seu nascimento	Jer. 31: 15	Mat. 2: 17, 18
Caminho preparado de antemão	Mal. 3: 1; 4: 5; Isa. 40: 3	Mat. 3: 3; 11: 10-14; 17: 12; Mar. 1: 2-4
Chamado do Egito	Osé. 11: 1	Mat. 2: 15
Comissionado	Isa. 61: 1, 2	Luc. 4: 18-21
Comêço do ministério	Isa. 9: 1, 2	Mat. 4: 13-16
Falaria em parábolas	Sal. 78: 2	Mat. 13: 31-35
Tomou sobre si enfermidades	Isa. 53: 4	Mat. 8: 17
Não creram nêle	Isa. 53: 1	João 12: 38
Odiado sem causa	Sal. 69: 4	João 15: 25
Entrada em Jerusalém	Zac. 9: 9	Mat. 21: 4, 5
Rejeitado	Isa. 53: 3; Sal. 69: 8; 118: 22, 23	Mar. 9: 12; 12: 10, 11; João 1: 11; Atos 4: 11
Um apóstolo infiel	Sal. 109: 8	João 17:12; Atos 1:20
Traído por seguidor	Sal. 41: 9	Mat. 26: 14-16, 47-50
Por 30 moedas de prata	Zac. 11: 12	Mat. 26: 15
Discípulos se dispersam	Zac. 13: 7	Mat. 26: 31, 56
Julgado e condenado	Isa. 53: 8	Mar. 15: 1-15
O emprêgo de falsas testemunhas	Sal. 35: 11	Mat. 26: 59
Calado perante acusadores	Isa. 53: 7	Mat. 27: 12-14
Ferido	Isa. 50: 6; Miq. 5: 1	Mar. 14: 65; 15: 19
Cravado no madeiro	Sal. 22: 16	Mar. 15: 25
Contado com pecadores	Isa. 53: 12	Mat. 27: 38
Blasfemado no madeiro	Sal. 22: 7, 8	Mat. 27: 39, 43
Traspassado	Zac. 12: 10	João 19: 34, 37
Sortes deitadas sobre vestes	Sal. 22: 18	Mat. 27: 35
Deram-lhe vinagre e fel	Sal. 69: 21	Mat. 27: 34, 48
Parecia desamparado por Deus	Sal. 22: 1	Mat. 27: 46
Nenhum osso quebrado	Sal. 34: 20	João 19: 33, 36
Morre uma morte sacrificial	Isa. 53: 5, 8	João 1: 29; 1 Cor. 15: 3
Sepultado com o rico	Isa. 53: 9	Mat. 27: 57-60
Ressuscitado antes de corrupção	Sal. 16: 10	Mar. 16: 6; Atos 2: 31

Lembre-se, ao estudar a evidência, que a profecia foi escrita séculos antes do cumprimento, e que os eventos em realização muitas vêzes são corroborados pela história profana e outros escritos.

Tôdas essas coisas se cumpriram no caso de Cristo Jesus. Sem dúvida, êle era o Messias. (Luc. 24: 27, 44) Além disso, era o grande Profeta que Moisés predisse. (Deu. 18: 15; Atos 3: 22, 23) Êle profetizou dos “últimos dias”; os cumprimentos são visíveis a todos. Predisse a Primeira Guerra Mundial, fomes, pestes, terremotos, dificuldades nas fileiras de seus seguidores, o aparecimento dum “servo mau” e dum “servo fiel e prudente”, a intensa perseguição das testemunhas de Jeová, a pregação mundial do evangelho agora em andamento, as condições instáveis entre os homens e seus temores e perplexidade quanto ao futuro. (Vejam-se Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21.) Predisse também o fracasso do homem no govêrno mundial em seguida à Primeira Guerra Mundial e denominou tal substituto pelo Reino uma “abominação de desolação”, e indicou o fim derradeiro.

Êstes fatos irrefutáveis marcam Cristo Jesus como verdadeiro profeta. Sua palavra é fidedigna. E qual é sua palavra fiel em relação à autenticidade da Bíblia? Seu testemunho direto é, “A TUA PALAVRA É A VERDADE!” (João 17: 17) E quando se considera que as palavras de Cristo Jesus não eram as suas próprias, mas as de seu Pai celestial, então Jeová permanece supremo como Garantia da genuinidade de Sua Palavra, a Bíblia. (João 3: 34; 7: 16) Assim, por uma só referência autorizada, se resolve a questão de modo conclusivo. O espírito de Deus prometido e predito desceu sobre os que registaram as Escrituras Gregas e fez com que terminassem autenticamente o cânon da Bíblia. A Bíblia inteira é a Palavra veraz de Deus.—Joel 2: 28, 29; João 14: 17; Atos 2: 16-18; Apo. 1: 1-3; 21: 5.

REVISÃO: 1. Por que é preciso familiarizar-se com a evidência da autenticidade da Bíblia? 2. Que fatos acerca dos judeus e escritores da Bíblia argumentam a favor da autenticidade? 3. Como confirma a história profana as crônicas da Bíblia? 4. Como corro-

boram as Escrituras a arqueologia e a geologia? 5. Por que é muito mais forte que a anterior a evidência apresentada a seguir? 6. Que profecias, com seus cumprimentos, provam a autenticidade das Escrituras Hebraicas e estabelecem Jesus como o Messias prometido? 7. Que profecias cumpridas acêrca de Cristo Jesus provam que êle é um verdadeiro profeta e testemunha fidedigna? 8. Que testemunho fidedigno deu Cristo Jesus relativo à Palavra de Deus? 9. Que ocorreu depois dêsse testemunho?

Lição 4

LÍNGUAS DA BÍBLIA: O HEBRAICO

O dedo de Jeová Deus se moveu sôbre a superfície de duas tábuas de pedra situadas no cume do monte Sinai. Escreveu no anverso de ambas as tábuas de pedra. Quando o dedo se ergueu da superfície destas “páginas” duráveis, ficou nelas a primeira cópia escrita dos Dez Mandamentos. Foram gravados em caracteres perfeitamente formados do hebraico escrito. (Êxo. 31: 18; 32: 16, 19; 34: 1-4, 28) Quase ao mesmo tempo Moisés principiou a escrever os primeiros cinco livros da Bíblia. Êle escreveu em hebraico. Com apenas poucas exceções, todos os escritores das inspiradas Escrituras Sagradas que se seguiram durante os subseqüentes mil e cem anos escreveram na língua hebraica.

Nas Escrituras Hebraicas dá-se o nome hebreus apenas ao povo; o idioma após a morte do rei Salomão, em 997 A. C. é geralmente chamado a “língua dos Judeus”. (2 Reis 18: 26, 28; 2 Crô. 32: 18; Isa. 36: 11, 13) O hebraico pertence à família de línguas faladas pela maioria dos descendentes de Sem (e alguns outros). Por tal motivo essa família de línguas se chama a semítica. Visto que Deus não confundiu a língua de Noé e Sem por ocasião da construção presunçosa da tôrre de Babel, é razoável concluir que êstes falavam o idioma semítico original do qual mais tarde brotaram os muitos ramos dessa família linguística. O hebraico é o ramo principal da família semítica, sendo bem provável que fôsse a língua falada no Éden. Já nos dias de Jacó o ramo aramaico estava em evidência, usando Labão palavras diferentes das de Jacó para expressar a mesma idéia. (Gên. 31: 47) Quando se co-

meçou a usar letras hebraicas para escrever o relato da criação e um bosquejo dos 2.500 anos da história do homem desde o Éden até o Êxodo, até então transmitida aparentemente por escrito em onze histórias, êsse idioma era capaz de pintar vividamente a inspirada narrativa histórica.—Veja-se *A Sentinela* de 1 de outubro de 1948.

O hebraico, como a maioria das línguas semíticas, foi escrito sem vogais, apenas com consoantes. Havia vinte e duas letras no alfabeto hebraico, tôdas elas consoantes, mas cêrca de nove destas podiam representar dois sons cada uma. O alcance do idioma se expandiu a mais ou menos vinte e oito sons consoantes. As vinte e duas consoantes hebraicas junto com seus nomes aparecem em sua ordem alfabética como títulos das estrofes do Salmo 119, na *Versão Normal Americana* (em inglês). Mas, ainda que a língua não tivesse vogais escritas, não obstante tinha bastantes sons vogais na sua forma oral. Passa em muito o português no uso dos sons vogais. A dificuldade da questão é que a língua escrita não proporcionava as letras vogais, e os leitores precisavam lembrar e suprir os sons vogais do idioma falado, da mesma forma que os leitores têm de fornecer as vogais de certas abreviaturas conforme sucede no inglês com bldg. (building), blvd. (boulevard), e no português com btl. (batalhão), Fr. (frei).

Enquanto se falava a língua hebraica os versados nela não tinham dificuldade em suprir os sons vogais corretos ao ler o texto de consoantes, mas quando o hebraico deixou de ser língua viva tornou-se cada vez mais difícil lembrar-se dos sons vogais corretos nos manuscritos hebraicos da Bíblia. Mas, conservou-se viva a pronúncia tradicional, a qual foi transmitida pelos que se especializavam na leitura da Lei, dos Profetas e dos Salmos para a instrução do povo. Finalmente, contudo, durante o sexto ou sétimo século depois de Cristo, inventou-se um sistema de pontos e traços colocados abaixo, dentro ou acima das letras consoantes para indicar os sons vogais exatos. Êstes não se chamam letras vogais, mas pontos

vogais. Foram acrescentados por letrados judeus chamados “massoretas”. Forneceu-se também um sistema de acentuação gráfica para indicar ênfase, pausa, relação entre palavras e cláusulas, e notação musical. Atualmente nenhum homem na terra pode ler esta notação musical, por ter-se perdido o tom.

A maioria das palavras no hebraico têm uma raiz de três consoantes. A maioria destas raízes são verbos, a categoria gramatical mais importante na língua hebraica. Estas raízes são vívidas e expressivas, relacionando-se com os sentidos da vista, do ouvido, do paladar, do tato e do olfato. As Escrituras Hebraicas empregam um pouco mais de 2.000 vocábulos radicais, porém a maioria deles são usados tão raramente que se alguém souber as 500 raízes mais frequentemente usadas poderá ler a maior parte da Bíblia hebraica. O número total de palavras no vocabulário hebraico da Bíblia se calcula entre 5.000 e 7.000. O hebraico tem dois tempos, não tanto “tempos” como sentidos, para seus verbos, a saber, o tempo perfeito ou histórico, e o tempo imperfeito ou indefinido. O hebraico não emprega mais tempos do que êsses dois. Para ilustrar: “Se me disseres para fazer isto, eu o tenho feito.” Isto é bom hebraico. “Se me disseres” é a forma indefinida: isto é, em qualquer tempo que me disseres na eternidade, no passado, presente ou futuro. “Eu o tenho feito” é a forma histórica ou passada, mas aqui se refere a um tempo futuro depois de se dizê-lo. Embora se refira ao futuro, a pessoa que põe a expressão na forma perfeita quer dizer com isso que é como se já estivesse feito.

O nome “Jeová” está numa forma verbal no sentido indefinido. Eis o motivo pelo qual êsse nome pode ser traduzido conforme Rotherham (em inglês) o verte: “Êle será, poderá ser ou chegará a ser o que quer que êle seja, queira ou possa ser.” Tudo isso se combina no único nome Jeová. Pelo motivo de conter o nome todo êsse significado o grego das Escrituras Cristãs procura transmitir o significado pela expressão que se dirige a Jeová como Aquêlê “que és, e eras, e que hás de vir”. Por êsses três tempos o grego procura expressar

o alcance do nome Jeová. Incidentalmente, êste nome do Criador aparece 6.823 vêzes nas Escrituras Hebraicas, sendo representado por suas quatro consoantes, JHVH (יהוה). Depois de registadas as Escrituras Hebraicas os judeus desencaminhados e supersticiosos consideraram o nome demasiado santo até para ser pronunciado, e o substituíram por *Adonai* (meu Senhor) ou *Elohim* (Deus) ao lerem em voz alta. A fim de relembrar ao leitor que fizesse isto colocavam-se as vogais de um ou outro dêstes substitutos debaixo das consoantes JHVH. Assim temos hoje a forma portugueza do que os judeus religiosos consideravam o nome incomunicável, isto é, Jeová. Por causa da superstição religiosa dos chefes judeus perdeu-se a antiga pronúncia hebraica que hoje só pode ser adivinhada, embora tenhamos em português a forma eufônica aportuguesada que aparece milhares de vêzes na Versão Brasileira e dezenas de vêzes na Versão Almeida da Bíblia.

Malaquias, o último livro das Escrituras Hebraicas que se escreveu, foi registado na língua dos judeus. Não se sabe ao certo o tempo da sua composição, mas há evidência para se crer que foi no fim da época do governador Neemias, quase cem anos depois de serem libertos os israelitas do cativeiro. É bem evidente que naquela época nem todos os judeus entendiam o hebraico. (Nee. 13: 24, 25) Alguns anos antes, quando a lei de Deus era lida públicamente na língua hebraica tradicional, no hebreu dos manuscritos da Bíblia, foi necessário pôr a leitura em paráfrase aramaica a fim de que o povo a entendesse. (Nee. 8: 8) Antes do cativeiro dos judeus em Babilônia haviam-se introduzido algumas palavras aramaicas na linguagem hebraica; durante os setenta anos em Babilônia aumentou o influxo de aramaísmos; após a libertação o idioma hebraico foi superado e substituído por uma invasão em grande escala do aramaico, e deixou de existir pouco depois do tempo de Neemias como língua viva do povo judeu. Sòmente os sacerdotes e escribas judeus conheciam depois o hebraico das Escrituras. O aramaico se tornou o vernáculo da que era uma vez a nação escolhida de Jeová Deus.

Até o século dezesseis o estudo da língua hebraica foi quase inteiramente esquecido pelos não-judeus. No século dezessete estudaram-se outros idiomas semíticos. No século dezoito a gramática de outras línguas semíticas foi comparada com a do hebraico. No século dezenove Wilhelm Gesenius começou a revivificar intensamente a estudo do hebraico das Escrituras, movimento êsse que foi adotado e continuado por outros. Desde então o conhecimento dêsse idioma tem aumentado com rapidez, idioma que abrange mais de três quartos do cânon inspirado de Bíblia conforme escrito originalmente. A nota do editor, datada de 1935, em *The Complete Bible, An American Translation* (A Bíblia Completa, Uma Tradução Americana), diz: “A erudição hebraica está progredindo rapidamente, e até os poucos anos que passaram desde a primeira edição [desta versão da Bíblia em linguagem moderna] em 1931 têm visto contribuições ao assunto que nem o tradutor nem o editor podem desconsiderar.”

REVISÃO: 1. Em que língua escreveu o próprio Jeová Deus os Dez Mandamentos em pedra durável? e quem depois disso seguiu o seu exemplo? 2. Por que se chama “semítica” a família de línguas à qual pertence o hebraico? e quais eram as capacidades da língua dos judeus na ocasião do Êxodo? 3. Que faltava no hebraico escrito? e que sons, portanto, era necessário que os leitores suprissem? 4. Quando o hebraico deixou de existir qual língua viva, como se conservou a pronúncia tradicional? 5. Que informação se dá quanto às palavras radicais do hebraico? 6. Que se pode dizer acêrca do tempo dos verbos hebraicos? 7. Como é ilustrado o tempo ou sentido indefinido dos verbos pelo nome “Jeová”? e que comentário adicional segue quanto a êste nome santificado? 8. Em que eventos descobrimos o declínio e morte do hebraico como língua viva da plebe? 9. Qual tem sido o progresso no estudo do hebraico durante os recentes séculos?

Lição 5

LÍNGUAS DA BÍBLIA: O ARAMAICO

Ao aproximar-se o fim do período dos mil e cem anos, durante o qual se registraram as Escrituras Hebraicas, surgia de vez em quando outra língua nos manuscritos da Bíblia além do hebreu. Êsse idioma intruso era o aramaico. Embora pa-

lavras aramaicas incorporadas no hebraico tivessem aparecido antes dos dias de Jeremias, foi nos seus escritos que primeiro apareceu uma declaração completa em aramaico. (Jer. 10: 11, *Versão Normal Americana*, margem [em inglês]) Depois, em Babilônia, Daniel escreveu mais extensamente em aramaico, desde 2: 4 a 7: 28. (Veja-se a nota marginal sôbre Daniel 2: 4 na *Versão Normal Americana*.) Ainda mais tarde, muito depois de terminar o cativeiro dos judeus em Babilônia e quase no fim do período em que foram registadas as Escrituras Hebraicas, o escriba Esdras escreveu em aramaico no livro que leva o seu nome, de 4: 8 a 6: 18, e de novo no capítulo 7, versículos 12 a 26. (Confirme-se isto mais uma vez por verificar as leituras marginais na *Versão Normal Americana*, esta vez em relação a Esdras 4: 8 e 7: 12.) Todavia com estas breves porções não finda o interêsse do estudante da Bíblia no aramaico.

Aram era uma planície que se estendia de oeste a leste das montanhas do Líbano até o outro lado do rio Eufrates e de norte a sul desde as montanhas Taurus até além de Damasco. O país de Aram parece corresponder geralmente à Síria e Mesopotâmia dos gregos e romanos. Esta planície extensa foi ocupada pelos descendentes de Aram, filho de Sem, que se chamavam arameus e cuja língua se denominava aramaico. Por isso, seu idioma pertencia à família semítica de línguas e se relacionava estreitamente com o hebraico. Durante o tempo em que os israelitas falavam o hebraico estavam sempre em contato com pessoas que falavam o aramaico. Abraão, descendente de Sem por Arfaxad, viveu durante certo tempo em Haran, que ficava na Mesopotâmia araméia. A esposa de Isaac veio do mesmo lugar. Contudo, não é senão no fim dos vinte anos da peregrinação de Jacó na Mesopotâmia araméia que as Escrituras primeiro revelam qualquer diferença entre os idiomas hebraico e aramaico. Foi então que Jacó e seu sogro Labão, que falava aramaico, usaram palavras diferentes para designar um montão de testemunho. (Veja-se Gênesis 31: 47, e as duas referências marginais na *Versão Almeida*.)

Enquanto estavam juntos na casa de Sem, Aram e Arfaxad, naturalmente, falavam a língua semítica original. Então, uns 600 anos mais tarde, a língua de seus descendentes não era mais a mesma. O aramaico nessa época já começara a desviar-se do hebreu, a língua semítica original. Não se sabe exatamente até que ponto eram diferentes os idiomas naquela data remota.

Depois que a nação de Israel entrou na Terra Prometida, tribos araméias habitavam entre êles, e durante o período dos juízes existiam relações estreitas entre os israelitas e os arameus. (Jos. 13:13; 1 Crô. 2:23; Juí. 3:8, 10; e Juí. 10:6, *Ver. Norm. Amer.*, margem [em inglês]) O rei Davi conquistou grande parte de Aram; êle se casou com uma princesa araméia de Gesur. Salomão negociava com os reis de Aram. Quando se considera a estreita associação entre os israelitas e os arameus e se recorda que grande parte do domínio de Salomão estava povoada por arameus, não é difícil de entender por que se encontram toques aramaicos nos escritos de Salomão, Eclesiastes e O Cântico dos Cânticos. Desde os dias de Davi e Salomão até cerca de 400 A. C. os arameus eram os negociantes internacionais por terra, levando suas mercadorias e seu idioma muito além das fronteiras do seu país.

Durante os governos dos reis do reino das dez tribos de Israel houve reiteradas contendas entre os israelitas e os sírios, ou arameus. A parte setentrional do reino israelita foi conquistada; cidades mudaram de mão diversas vezes. O rei sírio de Damasco até estabeleceu um centro de comércio na capital de Israel, Samaria. Até Judá foi invadida durante o reinado do rei Acaz e alguns judeus foram levados cativos para o norte a Damasco. Depois, quando a Síria foi subjugada pela Assíria e o reino das dez tribos caiu mais tarde nas mãos do assírio Salmanasar IV, em 740 A. C., êste transferiu os israelitas a partes do seu império em que se falava aramaico e transportou para a Samaria pessoas de lugares do seu império onde se falava o aramaico integralmente ou

em parte. Isto colocou pessoas que falavam aramaico junto às portas de Judá. Revela-se que alguns anos depois as autoridades de Judá podiam entender o aramaico, mas o vulgo não. (2 Reis 18:26) Tudo isto demonstra a proximidade dos hebreus e arameus e explica o aparecimento cada vez mais frequente de aramaísmos no texto das Escrituras no decurso do tempo.

Quando Jerusalém caiu em 607 A. C. a maioria dos judeus foram levados cativos a Babilônia. Muito antes, os arameus haviam invadido o vale do Tigre e Eufrates, e quando os judeus chegaram ali a maioria da população de Babilônia era araméia. Os caldeus do sul se haviam infiltrado até o norte em Babilônia, mas parece que seu dialeto nativo foi substituído pelas línguas babilônicas e aramaicas. Costumava acreditar-se erroneamente que o caldaico e o aramaico eram idênticos. Em todo caso, quando os judeus chegaram a Babilônia rapidamente acrescentaram expressões aramaicas à sua linguagem. É bem provável que naquela época e logo depois da libertação do cativeiro os judeus podiam entender tanto o hebraico como o aramaico, mas o hebraico estava decaído e o aramaico se fortalecendo cada vez mais. Depois do tempo de Neemias os judeus, cercados por povos que falavam o aramaico e convivendo com eles, esqueceram-se do hebraico e falavam unicamente o aramaico. Desde o reinado de Dario (521-485 A. C.) o aramaico fôra reconhecido como língua internacional.

Apenas os sacerdotes e escribas judeus adestrados mantinham vivo o hebraico da Bíblia. Quando liam das Escrituras eram obrigados a acompanhar a leitura com uma paráfrase em aramaico a fim de que a plebe judia entendesse. Com o tempo essas paráfrases aramaicas foram escritas e denominadas Targuns. Quando Cristo Jesus esteve na terra a língua do povo judeu era o aramaico, e por êsse motivo as Escrituras Gregas o chamam de hebraico. O evangelho de Mateus, que parece ter sido escrito tendo-se em mente sobretudo os judeus, foi primeiro registado em hebraico. Mais tarde o próprio Ma-

teus o traduziu para o grego *koiné* que era tão largamente entendido nessa época. Não se conservou nenhuma cópia do evangelho de Mateus em hebraico. Isto parece indicar que não havia procura tão extensiva por êste como havia pela versão grega no grego *koiné* internacional daquela época.

É bem provável que até 100 E. C. as testemunhas de Jeová em Antioquia haviam traduzido ao menos os evangelhos para o dialeto aramaico falado ali, chamado siríaco (que era um tanto diferente do aramaico falado na Palestina). Visto aparecerem algumas palavras aramaicas palestinas nessa tradução crê-se que foi feita por cristãos refugiados da Palestina. Tal versão é conhecida como Antiga Versão Siríaca. De quando em quando esta era revisada e finalmente veio a ser conhecida como a *Peshito*. Esta revisão parece que estava completa no princípio do quinto século depois de Cristo. Aproximadamente no quinto ou sexto século as Escrituras Gregas foram traduzidas para o aramaico da Palestina daquele tempo. Todavia, com o crescimento e difusão do Islam, que começou no sétimo século, o árabe tomou o lugar do aramaico e o aramaico deixou de ser uma língua viva, exceto em alguns lugares afastados nas regiões montanhosas do Irã noroeste (antigamente chamado Pérsia). Assim o aramaico uniu-se ao hebraico no túmulo das línguas mortas.

REVISÃO: 1. Até que ponto é o aramaico uma língua bíblica das Escrituras pré-cristãs? 2. Onde ficava Aram, e por quem era habitado? e o que segue, portanto, relativo ao idioma aramaico? 3. De que modo estavam associados Abraão, Isaac e Jacob com os arameus? 4. Como primeiro nos inteiramos da diferença entre o hebraico e o aramaico? 5. Que sucessão de eventos pôs os hebreus em contacto com os arameus desde o tempo da entrada na Terra Prometida até o fim do reinado de Salomão? 6. Que acontecimentos mantiveram Israel e Judá expostos a povos que falavam o aramaico, desde a morte de Salomão até a queda de Jerusalém em 607 A. C.? 7. Que explica tudo isto quanto aos registos das Escrituras Hebraicas? 8. Escaparam os judeus da influência do idioma aramaico quando foram levados a Babilônia, e por quê? 9. Quando se esqueceu o povo judeu do hebraico? 10. Como se demonstra a infamiliaridade dos judeus com o hebraico durante e após o tempo de Neemias? 11. Foi o aramaico usado nas Escrituras Gregas? 12. Que história conclusiva do aramaico se apresenta finalmente?

Lição 6

LÍNGUAS DA BÍBLIA: O GREGO

É bem provável que o hebraico fôsse a língua que o homem falava originalmente no jardim do Éden. Noé e seus filhos a falavam após o Dilúvio. Por meio da linhagem de Sem foi conservada inalterada através do tempo da confusão das línguas na torre de Babel, e sobreviveu para ser o idioma que Moisés usou ao principiar a escrever o cânon hebraico. O hebraico foi o idioma em que se registou o último livro do cânon hebraico, uns onze séculos mais tarde. Por que, então, não se usou o hebraico para completar o cânon da Bíblia? Por que não foi empregado ao registrar os Evangelhos e epístolas e outros livros do assim chamado “Novo Testamento”? Por que se mudar ao grego depois que quase três quartos do cânon bíblico foram exarados em hebraico?

A resposta é que se podia servir melhor o propósito de Deus mudando-se para a língua grega. Aproximadamente uns quinhentos anos separam o último livro das Escrituras Hebraicas, Malaquias, do princípio da composição das Escrituras Gregas Cristãs. Nesse ínterim o hebraico deixou de existir como língua viva do povo. O aramaico o substituiu. Mas, pouco tempo depois, o desenvolvimento político mundial destronou o aramaico da sua posição de língua internacional e pôs em seu lugar o idioma grego. Esta mudança evoluiu lentamente com a passagem da quarta potência mundial, a Medo-Pérsia, e a vinda da quinta, a Grécia.

O idioma grego não pertence à família semítica de línguas, mas à indo-européia, falada pelos descendentes de Jafet, filho de Noé. O nome de um dos filhos de Jafet é “Javan”, que significa “mais jovem”, e parece ser o vocábulo do qual se deriva a palavra grega *jônio*. Os hebreus chamavam os gregos de “jônios”, ou, literalmente, “javanim.” Os gregos primitivos se estabeleceram primeiro ao longo do vale do rio Danúbio próximo ao mar Negro, mas com o decorrer do tempo migraram para o sul, estendendo-se pela península balcânica donde se espalharam. Ao se espalharem os gregos, os grupos

e colônias estavam mais ou menos separados pelos aspectos físicos do país, e naturalmente muitos dialetos brotaram entre os povos gregos. A língua grega começou a formar-se mais ou menos na época do Êxodo israelita do Egito, e continuou nesse período formativo até cêrca de 900 A. C.

Desde 900 A. C. até 330 A. C. temos o assim chamado “período clássico” da língua grega, quando predominava o dialeto ático. Dentro desse período, durante o quarto e o quinto século A. C., surgiram vários dramaturgos, poetas, oradores, historiadores, filósofos e cientistas gregos, todos usando o dialeto ático.

De 330 A. C. a 330 E. C. temos o período do que veio a ser conhecido por dialeto grego *koiné* ou *comum*. Seu desenvolvimento se deve em grande parte às operações militares de Alexandre Magno. Seu exército grego constava de soldados de tôdas as partes da Grécia, que falavam diferentes dialetos gregos. Com a mistura comum dos vários dialetos gregos, formou-se e entrou em uso um dialeto comum, que tinha alguma coisa de cada um dos vários. A conquista do Egito e da Ásia até a Índia por Alexandre estendeu a língua e a cultura grega através dessa vasta região. Em Alexandria, cidade no Egito fundada por Alexandre, falava-se grego, inclusive os judeus ali residentes. No decurso do tempo os judeus helênicos em Alexandria e Egito não podiam ler as Escrituras em hebraico. Felizmente, a tradução das Escrituras Hebraicas para o grego começou cêrca do ano 280 A. C. Esta versão, completada durante o primeiro século A. C., chamou-se a *Versão dos Setenta* ou *Septuaginta*. Preencheu uma necessidade vital, em vista do crescente destaque do grego *koiné*. Até os judeus na Palestina vieram sob a influência da cultura grega.

Nos dias de Jesus e dos apóstolos o grego era a língua internacional do domínio romano. A própria Bíblia testifica êste fato. Quando cravaram Jesus no madeiro foi necessário que a inscrição sôbre sua cabeça fôsse afixada não só em hebraico ou aramaico, o idioma da plebe judia de então, mas também em latim, a língua oficial do país naquela época, e em grego,

o idioma que se falava tão frequentemente nas ruas de Jerusalém como nas de Roma, Alexandria, ou nas da própria Atenas. (João 19:20) Atos 9:29 mostra que Paulo pregou o evangelho em Jerusalém aos judeus que falavam a língua grega, ou seja os helenistas. (Veja-se a nota marginal do *Novo Testamento Revisado* sobre Atos 6:1; também a *Versão Brasileira*.) Já nessa época os romanos chegaram a dominar como a sexta potência mundial, havendo muitos anos antes subjugado os gregos; não obstante, os próprios romanos foram vencidos pela cultura grega, e o grego *koiné* continuou como língua internacional. A língua grega era tão comum em Roma que, quando o apóstolo Paulo escreveu a sua epístola à companhia cristã ali, ele usou o idioma grego e não o latim, quer os padres católicos que murmuram em latim o gostem ou não. O grego, não o latim, era o idioma das assembléias das igrejas cristãs em Roma e de muitas, muitas outras congregações.

Do acima se manifesta perfeitamente por que Jeová Deus fez que se mudasse de língua na escrita da Bíblia. Ele não determinou que a sua Palavra fôsse oculta sob as mortalhas do hebraico morto da Bíblia que servira como língua séculos antes, quando era entendido e usado. O seu propósito é que as verdades da sua Palavra sejam espalhadas extensivamente como luz para o mundo. Cristo Jesus, pouco antes da sua ascensão, comissionou seus discípulos para fazerem uma obra de pregação entre tôdas as nações. Por isso seria razoável que se provessem os Evangelhos e as epístolas, Atos e Apocalipse, num idioma mais largamente entendido por tôdas as nações. O grego *koiné* era um instrumento idiomático pronto justamente para êsse fim, e Jeová Deus inspirou seus servos na terra a usá-lo de modo a completar o cânon da Bíblia. Apenas o Evangelho de Mateus, especialmente para os judeus, foi primeiro escrito em hebraico, logo seguido por uma tradução grega.

Embora os alfabetos grego e hebraico tenham uma origem comum, as duas línguas são inteiramente diferentes, não tendo a semítica quase nenhuma influência sobre a grega. Desseme-

lhante ao hebraico, o grego tem letras no seu alfabeto para representar os sons vogais. O grego tem um artigo definido (o, a, os, as), que se emprega não só com relação aos substantivos, mas também com relação aos adjetivos, advérbios, frases, cláusulas, e até sentenças inteiras. O artigo definido junto a uma palavra indica que o vocábulo pertence a certa pessoa, objeto ou coisa. O artigo definido se emprega para fazer aquilo que modifica sobressair do resto; quando se omite o artigo definido deixa-se a palavra no campo da generalidade e chama-se mais atenção à qualidade da palavra antes do que a particularidades. (Examine-se João 1:1, *Emphatic Diaglott* [em inglês], leitura interlinear; também *Trad. do Novo Mundo*) Há muitos outros empregos do artigo definido grego.

A língua grega possui grande número de conjunções ou partículas que desempenham um papel interessante na expressão grega. Quase toda sentença no grego tinha uma ou mais destas partículas para mostrar a disposição de espírito daquele que falava ou escrevia, quer antes que ele assim se expressasse ou sua atitude ao assim se expressar.

No grego os verbos têm uma voz ativa (como, *aconselho* outra pessoa) e uma voz passiva (como, *sou aconselhado*). Além disso, o grego tem uma voz intermédia ou reflexiva que não indica apenas que um indivíduo faz algo a si mesmo (como, eu *me aconselho*), mas, antes, expressa a relação do sujeito com o verbo para mostrar que ele tem um interesse pessoal na ação ou ato que se descreve ou que obtém dêle um benefício. (Na voz intermédia do verbo *aconselhar* a idéia seria a de tomar conselho com outros e assim derivar benefício do conselho de outros.)

As modificações do verbo grego indicam se a ação é contínua (*escrevo, estou escrevendo*), ou está completa (*tenho escrito*), ou é um fato isolado por circunstâncias. Esta última se chama *aoristo*, que significa que não tem limite, é indefinido, ilimitado. O aoristo deixa o verbo indefinido quanto a se a ação era contínua ou foi completada. Refere-se à ação ou estado descrito pelo verbo como simples fato, como sucedendo,

e não como sendo um fato concluído ou completado. Usa-se frequentemente o aoristo nas Escrituras Gregas. Quando se estava traduzindo a *Versão Autorizada* (em inglês, [1611]) e se principiou a tradução da *Versão Almeida* para o português cêrca de 1656, não se entendia muito bem o aoristo nem tampouco o grego *koiné* em geral.

A tradução correta do aoristo faz uma diferença no sentido, como se pode ver de 1 João 2:1 (*Versão Almeida*): “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.” Segundo esta tradução, e também o *Novo Testamento Revisado* e a *Versão Brasileira*, a referência é a um caminho ou prática de pecado. Mas em ambos os casos o apóstolo João usou a forma do aoristo do verbo “pecar”, que chama atenção ao fato da ação. Não se refere ao mesmo como a uma coisa contínua, praticada continuamente, nem como a uma coisa acabada e completa, mas se refere ao pecar como um fato. Por isso a verdadeira idéia do apóstolo é: “Meus queridos filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não cometaís nenhum ato de pecado. Mas, se alguém cometer um ato de pecado, temos um ajudador junto ao Pai, Jesus Cristo o Justo.”

Apresentou-se aqui muito pouco sôbre a estrutura do grego. É uma língua muito específica e exata, e sua gramática e construção é muito complicada, mais do que a do português. O grego *koiné* estava altamente desenvolvido e por isso era o melhor instrumento para expressar o sentido exato. Convinha bem à apresentação da verdade do Reino, e Jeová Deus fêz que fôsse usado para êsse fim. Por êste meio as Escrituras Gregas alcançaram o maior número de pessoas diretamente sem traduções. Fizeram-se milhares de cópias em grego, as quais circularam largamente, existindo na atualidade umas 4.000 cópias manuscritas das mesmas. O grego *koiné* continuou até 330 E. C., quando foi seguido pelo período bizantino do grego. O período do grego moderno começou em 1453. Mas o grego posterior nunca gozou do uso extensivo que marcou o

tempo do grego *koiné* e que tornou o *koiné* tão adequado para suceder o hebraico qual língua bíblica.

REVISÃO: 1. Que história do hebraico nos faz imaginar por que não foi usado para completar o cânon da Bíblia? 2. Por que se fez a mudança do hebraico para o grego? 3. Recapitule o desenvolvimento do grego, até o tempo em que se tornou a língua internacional do império romano. 4. Como confirma a Bíblia que o grego era um idioma internacional? 5. Por que convinha tão bem ao propósito de Jeová que êle fez com que o resto do cânon da Bíblia fôsse escrito nêle? 6. Que informações sôbre o grego se dão a respeito do (a) alfabeto? (b) Artigo definido? (c) Conjunções ou partículas? (d) Voz? (e) Aoristo? 7. Que dois períodos de desenvolvimento da língua grega se seguiram ao *koiné*?

Lição 7

O CRESCIMENTO DO CÂNON BÍBLICO

O cânon da Bíblia é o catálogo ou coleção de livros inspirados pelo espírito santo de Deus. “Cânon” vem originalmente da palavra hebraica *qaneh*, que significa “cana”. A palavra correspondente grega é *kanón*, que também significa “uma cana, ou uma vara de medir, uma régua”, algo com que se pode medir e também traçar linhas retas. Em outras palavras, o cânon da Bíblia é a régua pela qual se pode determinar o que é verdade e doutrina reta. Jeová Deus proveu-o bondosamente para que seus servos fôssem resguardados dos laços de falsidades. O cânon foi confiado ao povo de Deus, não todo a um só tempo, mas teve o seu crescimento através de séculos.

O verdadeiro cânon da Bíblia é um assunto de disputa mesmo até o dia presente. Por exemplo, a Bíblia aprovada católica romana, a *Versão Soares* em português, contém vários livros que não se acham na *Versão Brasileira* nem na *Almeida* da Bíblia. Outro exemplo é a *Versão dos Setenta* grega das antigas Escrituras Hebraicas que contém livros apócrifos ou “espúrios” (a *Versão dos Setenta* não continha originalmente os livros apócrifos). Os tradutores ou seus promotores fazem grandes esforços para que o povo atribua plena autoridade divina a todos os livros apócrifos, e dêste modo adicione algo ao cânon da Bíblia nesta data avançada.

O cânon começou primeiro a ser escrito no tempo de Moisés, e foi bem apropriado que Jeová Deus inicialmente contribuisse a êle por escrever os Dez Mandamentos. Êstes mandamentos foram escritos no Monte Sinai em material durável, em pedra, e isso com o dedo de Deus. Jeová Deus disse então a Moisés que escrevesse em forma legível as leis, ordenanças, estatutos e regulamentos para a Teocracia típica. A partir de então o cânon da Bíblia passou a crescer e aumentar constantemente. Vê-se, portanto, que aquilo que as Escrituras chamam de "lei" constituiu a primeira parte do cânon. Esta lei era um todo, um só livro escrito por Moisés. Mais tarde foi subdividido em cinco rolos, os primeiros cinco livros da Bíblia. Não só escreveu Moisés êstes primeiros cinco livros, mas há fortes razões para se crer que Moisés escreveu o livro de Jó e os Salmos 90 e 91. Portanto, com a morte de Moisés estas primeiras partes do cânon da Bíblia estariam completas.

É óbvio que a verdade não terminou com Moisés. É possível que tenha havido alguns fortes admiradores de Moisés, que tomaram a mesma atitude respeito a êle como certos estudantes da Bíblia tomaram concernente ao pastor Charles Taze Russell, pensando que quando o pastor Russell morreu a verdade parou. Houve, porém, uma apresentação de mais verdade. No que tocava ao cânon das Escrituras Hebraicas, continuou até que fôsse escrito o último livro, Malaquias. Êstes livros, desde Gênesis a Malaquias, não seguem a mesma ordem como nas modernas Bíblias portuguesas. As divisões e subdivisões dêstes livros e a ordem em que aparecem nas Bíblias hebraicas são as seguintes:

1. O Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônômio.

2. Os Profetas: Os anteriores: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. Os posteriores: (maiores) Isaías, Jeremias e Ezequiel; (menores) Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

3. O Agiógrafo (uma palavra grega que significa "escritos

santos”; no hebraico é *Kethubím*, significando “coisas escritas” ou “escritos”): Salmos, Provérbios, Jó, O Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e 1 e 2 Crônicas.

O Diabo trata sempre de fazer que ‘uma mósca morta caia no ungento e o faça exalar mau cheiro’. (Ecl. 10:1) Ele trata de causar confusão quanto à Palavra de Deus e de adulterá-la ou misturá-la com aquilo que é falso e errôneo. Por isso se esforça para adicionar à Palavra de Deus aquilo que não pertence a ela. (Deu. 4:2; Pro. 30:6; Apo. 22:18) Deus decretou que haveria um térmo para os livros do cânon hebreu, e o fim destes livros foi atingido com a produção da profecia de Malaquias. O cânon da Bíblia hebraica estava quase, mas não inteiramente, completo com o escriba Esdras, no quinto século antes de Cristo. É possível que somente a profecia de Malaquias faltasse ser-lhe agregada.

Ao tentarem determinar o tempo em que foram escritos certos livros da Bíblia, muitos “altos críticos” sustentam que os livros foram escritos muito mais tarde do que o foram na realidade, baseando estas pretensões no fato de que há coisas registradas que certamente não podiam ter sido postas ali pelo escritor original, visto que ocorreram depois da sua morte. Mas isso não relega necessariamente o tempo da composição a uma data posterior. Um dos fatos principais a ser lembrado é que o espírito santo de Deus ainda operava até o fim da produção do cânon das Escrituras Hebraicas. Por conseguinte, se se fizeram adições aos seus livros, as quais são anacronismos (eventos colocados fora da ordem do tempo), estas inserções ou adições seriam aprovadas por Deus porque seus servos fariam estas adições sob a direção do mesmo espírito de Deus que inspirou a composição original dos livros.

A primeira versão ou tradução do cânon hebraico foi para o grego, e esta era conhecida por *Versão dos Setenta* ou *Septuaginta*. A *Versão dos Setenta*, assim como existe hoje, contém livros apócrifos, mas não os continha originalmente. Es-

tava de acôrdo com o nosso presente cânon judaico das Escrituras.

Que o cânon hebraico é correto, temos prova antiga. Alguns, contudo, dirão, “Bem, mas como pode estar certo o cânon hebraico, visto os antigos manuscritos ou códices, tais como o MS. Alexandrino do quinto século depois de Cristo, o MS. Vaticano do quarto século depois de Cristo, o MS. Sinaitico do quarto século depois de Cristo, e os MSS. Beza do sexto século depois de Cristo, conterem todos alguns livros apócrifos?” Sôbre êste ponto notamos os seguintes fatos: Durante os primeiros quatro séculos da era cristã, isto é, até o fim do quarto século (o ano 397, para ser específico), os únicos catálogos cristãos dos livros inspirados da Bíblia hebraica, aceitos pelas congregações cristãs, eram os catálogos que continham unicamente o cânon hebraico das Escrituras. Êstes catálogos excluíaam os livros apócrifos.

Foi Agostinho, o “santo” católico romano, quem, no Concílio de Cartago, no ano de 397, propôs um cânon ampliado que incluiu os livros apócrifos. Êsse concílio decretou o que devia ser considerado como livros inspirados e canônicos no “Velho Testamento”. Mas o catálogo, conforme estabelecido por êste concílio, não foi aprovado ou aceito por nenhuma autoridade grega, quer dizer, por nenhuma organização eclesiástica oriental. Até mesmo no ocidente houve alguns associados com a Hierarquia Católica Romana, eminentes nos seus círculos eclesiásticos, que aderiram ao cânon hebraico das Escrituras excluindo os livros apócrifos; e esta linha de aderentes ao mesmo continuou através dos tempos até à Reforma protestante.

O Concílio de Trento (1546), na sua quarta sessão, decretou que todos os livros incluídos no seu cânon ampliado, o qual incluía os livros apócrifos, fôssem de “igual veneração”. Êste decreto foi adotado pela maioria, mas não sem oposição. Existe confusão nas fileiras católicas quanto ao que constitui o cânon da Bíblia, mas as testemunhas de Jeová estão segu-

ras de que é completo assim como está nas Bíblias mais usadas atualmente.

REVISÃO: 1. Que é o cânon da Bíblia? 2. Que fatos mostram que o cânon da Bíblia é um assunto de disputa mesmo hoje em dia? 3. Quem contribuiu inicialmente para o cânon por escrever? e qual foi o privilégio de Moisés quanto ao cânon? 4. Quais são as divisões, subdivisões e a ordem dos livros no cânon hebraico conforme está nas Bíblias hebraicas? 5. Quando estava quase completo o cânon das Escrituras Hebraicas? e com que obra foi acabado? 6. Ao tentarem fixar o tempo em que foram escritos os livros da Bíblia, em que pedra de tropeço esbarram os "altos críticos"? mas por que não é isso um verdadeiro obstáculo? 7. Qual foi a primeira tradução escrita do cânon hebraico? e que nos diz ela quanto à inteireza do cânon? 8. Que provas há acêrca da confusão da Hierarquia sôbre o cânon?

Lição 8

A TERMINAÇÃO DO CÂNON DA BÍBLIA

Entre os livros canônicos das Escrituras Hebraicas e o começo das Escrituras Gregas há um intervalo de séculos. Poderíamos perguntar, Por que houve um intervalo desde antes do ano de 280 A. C., quando o cânon hebraico foi traduzido ao grego para formar a *Versão dos Setenta* grega? Evidentemente porque aquilo que se deu no decurso dêstes séculos até a vinda do Senhor Jesus Cristo não era de qualquer valor típico. O tempo que passou permitiu à falsa religião desenvolver-se entre os judeus em forma mais sutil do que a crassa adoração de ídolos que antigamente praticaram. Era mais sutil pelo fato de professar pôr de lado ou sufocar o cânon inspirado da Palavra de Deus e desenvolver um grande número de escritos tradicionais, os quais mais tarde ficaram conhecidos como o Talmude hebreu.

Antes de passarmos a tratar do cânon das Escrituras Gregas pode-se dizer o seguinte acêrca do cânon hebraico e sua terminação, o que nos dá verdadeira autoridade para aceitá-lo. Êle acha a sua verdadeira confirmação nos dizeres e escritos do Senhor Jesus Cristo e seus apóstolos. Foi porque aceitaram o cânon hebraico como a Palavra inspirada de Deus que continuamente aludiram a êle e fizeram dêle maiores ou menores citações. A *Cyclopaedia de McClintock e Strong* diz

que nas Escrituras Gregas de depois de Cristo os escritos citam de todos os livros da Bíblia exceto Rute, Esdras, Neemias, Ester, O Cântico dos Cânticos, Lamentações e Ezequiel. O Novo Testamento em grego produzido por Nestle, eminente erudito alemão, mostra que os livros hebraicos de Rute, Esdras, O Cântico dos Cânticos e Eclesiastes são os únicos não citados ou aludidos nas Escrituras Gregas. Nem Cristo, nem os apóstolos, nem os outros escritores das Escrituras Gregas citaram de qualquer dos livros apócrifos.

Jesus chamou o cânon hebraico de “Escrituras” ou “Lei”; e em Lucas 24:44 êle se refere ao inteiro cânon hebraico como ‘a Lei, os Profetas e os Salmos’, não querendo dizer por “Salmos” só o livros dos Salmos, mas referindo-se ao Agiógrafo, a terceira parte do cânon hebraico. Os Salmos eram meramente o livro inicial do Agiógrafo; e, assim como os hebreus deram como nome dum livro a sua palavra ou palavras iniciais, assim o Agiógrafo foi chamado pelo seu primeiro livro, que era o dos Salmos. Isto mostra que o cânon das Escrituras Hebraicas estava completo antes do tempo de Cristo. Jesus o aceitou e citou dêle.

Embora o cânon hebraico estivesse completo quando Jesus Cristo esteve na terra, o cânon da Bíblia não o estava. Ainda devia crescer em mais vinte e sete livros, os livros das Escrituras Gregas Cristãs. O Senhor Jesus Cristo se opôs às tradições orais, a Mischna. Portanto, embora Jesus mesmo não escrevesse nada do cânon bíblico, é certo que não deixaria à tradição o relato das coisas que tratavam dêle e dos seus seguidores. Foram estabelecidas pela bôca de ao menos duas ou três testemunhas. Mateus, Marcos, Lucas e João registraram o testemunho. Em adição a isso, Jesus enviou o espírito santo para lhes trazer à lembrança tôdas as coisas, a fim de que não houvesse êrro no registo das coisas que Jesus disse.—João 14:26.

Em adição aos relatos dos quatro Evangelhos agregaram-se ao cânon da Bíblia o livro histórico dos Atos, quatorze epístolas de Paulo, uma de Tiago e uma de Judas, duas de Pedro,

três de João, e colocado em último lugar vem o livro altamente profético do Apocalipse. Êstes escritos ou se dirigiam a todos em geral ou a congregações ou representantes. Os destinatários os prezavam pelo seu alto valor, preservavam os escritos originais e mandavam fazer cópias das mesmas e as distribuíam por todo o mundo aos cristãos. Sem tomar em conta a quem se dirigiam os originais, êles eram inspirados e se destinavam à ampla circulação para uso e consulta geral. Todos os livros das Escrituras são proveitosos a todos os cristãos, a fim de que estejam plenamente equipados para toda boa obra. Pedro, na sua segunda epístola, testifica acêrca dos escritos de Paulo e classifica tôdas as suas epístolas junto com as outras Escrituras. Isto indica que se haviam tornado parte do cânon da Bíblia; também que estas epístolas de Paulo estavam nesse tempo em circulação geral, a par das Escrituras Hebraicas. (2 Ped. 3:15, 16) João, na última década do primeiro século da era cristã, teve o privilégio de completar o cânon grego.

Agora surge a pergunta: Estabeleceu a igreja primitiva um padrão para nós aceitarmos êstes escritos dos apóstolos e seus associados? O segundo e terceiro séculos da era cristã eram até recentemente períodos obscuros de tempo, isto é, quanto à existência de cópias manuscritas do texto das Escrituras. Esta condição persistiu até o século dezanove, quando papiros manuscritos da Bíblia começaram a aparecer e ser acumulados. Desde o século dezanove temos papiros manuscritos bíblicos tais como os P⁴⁵, P⁴⁶, P⁴⁷, e o fragmento de papiro do "Quarto Evangelho", escrito entre os anos 100 e 150 E. C., que preenchem esta lacuna, manuscritos escritos na língua grega vulgar daqueles dias, como verificam os milhares e milhares de papiros não-bíblicos, não inspirados. Êstes MSS. das Escrituras existiram em forma colecionada e foram circulados, o que mostra que foram aceitos como parte do cânon da Bíblia.

Chegamos agora a uma aparente dificuldade, a saber, a de que os antigos MSS. Alexandrino, Vaticano e Sináítico

contêm alguns livros apócrifos, tais como as epístolas de Barnabé, o Pastor de Hermas, e as epístolas de Clemente. Surge, portanto, a pergunta: Como se pode ter a certeza de que o cânon hodierno das Escrituras Gregas é completo sem êstes livros apócrifos? (Lembre-se de que êstes manuscritos são do quarto e quinto séculos.) Os primitivos escritores cristãos do segundo e terceiro século fizeram catálogos pessoais das Escrituras inspiradas e êsses catálogos concordam com o nosso cânon de hoje. Êstes catálogos não incluem os livros apócrifos.

O famoso *Hexaplos* de Orígenes continha os mesmos livros que o nosso hodierno cânon. Nos catálogos de Eusébio acêrca de que livros eram inspirados êle alista os mesmos livros. Há pelo menos dez catálogos antigos dos livros inspirados dos escritos greco-cristãos, e êstes catálogos ainda existem. Dêstes, seis concordam exatamente com o nosso cânon de hoje; três dêles omitem apenas o Apocalipse; e um dêles omite tanto Hebreus como o Apocalipse. Isto significa que êstes catálogos, todos anteriores ao Concílio de Cartago em 397, não incluem os livros apócrifos da epístola de Barnabé, o Pastor de Hermas, a epístola de Clemente (Romano) aos Coríntios, e o Apocalipse de Pedro. Além disso, o Concílio de Cartago estabeleceu no seu decreto o mesmo cânon *grego* como existe hoje.

Qual é, pois, o resumo de tudo isto? Dependemos dos catálogos dêstes primitivos escritores cristãos, que não eram inspirados, e dos catálogos dêstes antigos concílios? Determinam os MSS. Vaticano, Sinaítico, Alexandrino e Beza do quarto, quinto e sexto século qual é o cânon da Bíblia? A aceitação do cânon da Bíblia se baseia numa autoridade superior. A coisa que une tôda a Bíblia é o espírito santo de Deus, aquela fôrça ativa que iniciou e concluiu o registo do cânon. A evidência interna indica que é inspirado, porque é harmonioso de uma a outra extremidade. Não pode ser destruído pelos seus inimigos, apesar dos seus esforços durante um período de milhares de anos.—Sal. 100:5; 1 Ped. 1:23, 25.

REVISÃO: 1. Por que há um lapso de séculos entre o fim das

Escrituras Hebraicas e o comêço das Escrituras Gregas? 2. Que se desenvolveu durante êsse período? 3. Em que fato acha o cânon hebraico a sua verdadeira confirmação? e que fato adicional desqualifica os livros apócrifos? 4. Que mostra o conceito e aceitação de Jesus do cânon hebraico inteiro? 5. Por que é certo que Jesus não deixaria à tradição oral o relato das coisas acêrca de si mesmo e seus seguidores? 6. Como se assegurou o registo acurado da verdade? 7. Qual foi a extensão do crescimento do cânon bíblico depois do ministério terrestre de Jesus? e quando se completou o cânon? 8. Que descobertas nos séculos dezenove e vinte provam que a igreja primitiva aceitou êstes escritos dos apóstolos e seus associados como parte do cânon da Bíblia? 9. Como se explica a presença de livros apócrifos nos antigos manuscritos Vaticano, Sinaítico e Alexandrino? 10. Que autoridade superior e razões mais fortes do que as precedentes marcam o moderno cânon da Bíblia como completo?

Lição 9

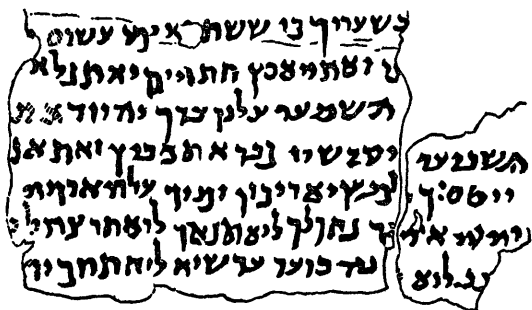
MANUSCRITOS DAS ESCRITURAS HEBRAICAS

No quinto século antes de Cristo o escriba Esdras saiu de Babilônia e veio à cidade de Jerusalém, cêrca de 140 anos depois de ter sido destruída pelos exércitos de Nabucodonosor. Foi uma época de grande atividade na produção de manuscritos das Escrituras Hebraicas. Não que ainda se tivesse de escrever muito a fim de completar o número total dos livros das Escrituras Hebraicas, pois a maior parte dêstes escritos originais estava completa. Além de Esdras e Neemias, somente o profeta Malaquias contribuiria ainda ao cânon hebraico.

Portanto, não era a produção de novas Escrituras que motivou esta intensa atividade de produzir manuscritos. Devia-se às circunstâncias cambiadas do povo judeu. No ano 607 A. C. seu lugar central de adoração fôra destruído e êles mesmos levados cativos ou de outro modo espalhados. Quando mais tarde Jerusalém foi de novo edificada e o templo reconstruído, nem todos os judeus que haviam sido espalhados a tôdas partes voltaram à Palestina. Não podiam subir a Jerusalém para ouvir a leitura das Escrituras. Em vez disto, surgiram sinagogas em todo o vasto território da Dispersão Judia, e os judeus espalhados se reuniam nestas sinagogas em seus mui-

tos grupos pequenos para ouvir a leitura da Palavra de Deus. Manuscritos, cópias escritas à mão, tinham de ser multiplicadas muitas vêzes para suprir a procura de exemplares dos escritos originais. Nenhuma destas cópias produzidas nos dias de Esdras sobreviveu até hoje. Mas com o passar do tempo produziram-se mais cópias para substituir as gastas pelo uso e ação do tempo, de modo que mesmo hoje existem umas 1.700 cópias manuscritas das Escrituras Hebraicas que datam do sexto século depois de Cristo em diante.

Em 1948 foi anunciada a descoberta do mais antigo manuscrito conhecido em existência, o do livro de Isaías. Um exame acurado mostra que êste rôlo, tentativamente designado como o manuscrito de Isaías do Mar Morto (DSIa, *Dead Sea manuscript of Isaiah*), data aproximadamente do primeiro século antes de Cristo, enquanto outros textos completos de Isaías conhecidos até agora datam do século nove depois de Cristo. Junto com êste achado se descobriu um comentário sôbre os primeiros dois capítulos do livro do profeta Habacuc (DSH). Outro manuscrito de muita antiguidade é o papiro Nash. Dêle existem sômente quatro fragmentos que, quando postos junto, nos dão vinte e quatro linhas dum texto premissorético dos Dez Mandamentos e alguns versículos de Deuterônômio, capítulos 5 e 6. A escrita não tem pontos vogais, e foi



Uma parte do papiro Nash, mostrando um texto hebraico premissorético, sem pontos vogais e sinais de acentuação, escrito no estilo ocidental. O acima faz parte do texto do Decálogo.

recentemente atribuída por W. F. Albright ao segundo século antes de Cristo.

Os homens que copiavam as Escrituras Hebraicas na era cristã e antes dela se chamavam *escribas*, ou *soferim*. Ao copiarem e transmitirem o texto das Escrituras Hebraicas tomaram a liberdade de fazer mudanças no texto. Os massoretas (discutidos mais adiante) no período depois de Cristo não fizeram mudanças, e nas margens das suas cópias manuscritas fizeram notas sobre o texto nas quais chamaram atenção às mudanças feitas pelos *soferim*. Eles anotaram os quinze pontos extraordinários dos *soferim*, a saber, quinze palavras ou frases no texto hebraico marcadas com pontos em cima e em baixo. Alguns destes pontos extraordinários não afetam a tradução nem a interpretação; mas outros o fazem e são importantes. Os *soferim* permitiram que o mêdo supersticioso de pronunciar o nome de *Jeová* os enlaçasse a alterá-lo para que se lesse *Adonai* (Senhor) em 134 lugares e *Elohim* (Deus) em 17 lugares. A Massorá (comentários marginais sobre o texto feitos pelos massoretas) anota estas mudanças. Além disso, acusa-se os *soferim* ou escribas primitivos de terem feito pelo menos 18 emendas (correções), segundo uma nota na Massorá. Em exemplo disto leia-se *O Novo Mundo* (em inglês), página 274, parágrafo 1, acêrca de Jó 32:3. A Massorá alista também trinta e duas passagens que têm leituras diferentes segundo um importante códice, e que são chamadas *Severin*. Aqui de novo, algumas destas variações afetam apenas assuntos menores tais como a ortografia, mas outros corrigem os escribas em pontos onde o sentido dos versículos da Escritura está envolvido.

Ao avançarmos no tempo depois do período dos *soferim* e suas muitas alterações no texto das Escrituras Hebraicas, achamos que já no segundo século depois de Cristo os manuscritos consonantais hebraicos se encontravam provavelmente em forma fixa. O texto hebraico que agora aparece nos manuscritos existentes e nas edições impressas da Bíblia hebraica é o assim chamado "texto massorético". Seu desenvolvimento se coloca geralmente entre o sexto e o oitavo século depois

de Cristo. Êste texto não modifica o texto consonantal hebraico anteriormente estabelecido, mas faz algumas provisões inestimáveis que servem para esclarecer a forma consonantal do texto.

O texto massorético foi a obra de um grupo de instruídos sábios judeus chamados “massoretas”, ou *Baalei Ha-masorah*, quer dizer, “senhores da tradição.” Anterior ao texto massorético a Bíblia hebraica não tinha pontos vogais ou, seja, sinais para indicar os sons vocálicos. O texto original hebraico consistia, naturalmente, só em consoantes, os sons vocálicos sendo facilmente supridos por leitores versados na língua. Os massoretas inventaram um sistema de marcação chamado pontos vogais, e por meio destes pontos vogais indicaram os sons vocálicos conforme transmitidos pela tradição oral. Um sistema de sinais de acentuação assegurou ainda mais a pronúncia correta. A data verdadeira em que foi introduzida a pontuação vogal é desconhecida. Foi provavelmente no sétimo século, para o sistema tiberiano ou ocidental, e no sexto século para o sistema babilônico ou oriental. O sistema ocidental tem os seus pontos vogais abaixo da linha hebraica, e se encontra agora em tôdas as edições impressas da Bíblia hebraica. O sistema babilônico é acima da linha.

וְהָיָה בְּשִׁמּוֹנִים שָׁנָה וָאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה לְצֵאת

sai da à quanto ano quardringentésimo e ano octogésimo no foi E

בְּנֵי-יִשְׂרָאֵל מֵאֶרֶץ-מִצְרַיִם בְּשָׁנָה הָרְבִיעִית בְּתַרְשִׁשׁ

mês no quarto ano no Egito do terra da Israel de filhos

זֶה הוּא הַתַּרְשִׁשׁ הַשֵּׁנִי לְמֶלֶךְ שְׁלֹמֹה עַל-יִשְׂרָאֵל

Israel sôbre Salomão reinar a quanto segundo o mês o êle Zif

Texto massorético hebraico, com pontos vogais e sinais de acentuação, escrito em estilo oriental de letras quadradas. O acima é a primeira parte do texto de 1 Reis 6:1, e a tradução palavra por palavra em português deve ser lida da direita para a esquerda.

Os massoretas colecionaram também uma quantidade de notas sôbre o texto, agora chamadas “massorá”. A massorá estava originalmente separada, porém mais tarde foi trans-

ferida às margens dos manuscritos bíblicos. Estas notas não interpretam o texto, mas são uma espécie de índice das peculiaridades do texto. Registaram quantos versículos continha cada livro, quantos versículos começavam com determinada letra, e outros pormenores semelhantes. Anotaram se as palavras deviam ser escritas inteira ou defeituosamente, seus pontos vocálicos e acentuação, e quantas vezes ocorriam assim. Computaram até quantas vezes cada uma das letras do alfabeto hebraico aparecia no texto da Bíblia. Anotaram os quinze casos de palavras ou frases marcadas pelos pontos extraordinários dos *soferim* ou escribas, junto com outras notas de valor. Se a massorá divergia do texto consonantal indicava-se isso então na margem com a palavra *Qerí*, que significa “deve ser lido”. Portanto, estando as variações sugeridas na margem, não mudaram em nada o texto escrito tal como fôra transmitido aos massoretas desde o tempo dos *soferim*. O espírito massorético, conforme diz o professor Rotherham, era o de “não mudar nada, reproduzir tudo, defender e salvaguardar tudo”. Eles se certificavam de que transmitiam o texto tradicional assim como o receberam.

O sábio judeu Pinner possuía um número de manuscritos chamados pelo seu nome. O Pinner N^o 1 é um rôlo de couro do Pentateuco, e contém os cinco livros de Moisés completos. Não possui pontos vogais, acentos nem massorá, fato que o marca como sendo bastante antigo. De acôrdo com a subscrição dêste manuscrito ou rôlo foi corrigido no ano 580 (E. C.) e fôra, portanto, escrito algum tempo antes disso, provavelmente há 1.400 anos. Se esta subscrição fôr genuína, então antes de publicada em 1948 a descoberta do rôlo de Isaías, era o mais antigo manuscrito das Escrituras Hebraicas de que se tinha conhecimento, com a exceção de outro manuscrito, o Códice Petropolitanus, suspeitosamente datado de 489 E. C. (O papiro Nash é mais antigo; mas é só fragmentário.)

Havia oito manuscritos-modelos célebres entre os judeus por causa da sua exatidão e valor do texto. Extraviaram-se, mas extratos dêles se acham ainda preservados. Êstes oito manu-

scritos são: (1) O Códice de Hillel; (2) o Códice Babilônico de Ben-Naftali; (3) o Códice de Israel; (4) o Códice Egípcio de Ben-Aser; (5) o Códice Sinai, sôbre o Pentateuco; (6) o Pentateuco de Jericó; (7) o Códice Sanbuki; e (8) o livro Taggin. O Helali ou Códice de Hillel (na Espanha) foi provavelmente chamado pelo judeu que o escreveu, e foi produzido por volta de 600 E. C. Tinha as vogais e acentos tiberianos ou sublineares, e também a massorá. Até 1500 E. C. serviu de modelo para se fazerem cópias, mas se acha agora perdido. Não obstante, Jeová Deus cuidou que a corrente de cópias manuscritas das Escrituras Hebraicas se mantivesse a par com o passar do tempo para preservar até êste dia a sua Palavra.

REVISÃO: 1. Qual era a situação relativa à produção de manuscritos das Escrituras no tempo de Esdras? 2. Que circunstâncias exigiam a produção de muitas cópias de manuscritos bíblicos? 3. Quais são os manuscritos mais antigos existentes agora conhecidos das Escrituras Hebraicas? 4. Quem eram os *soferim*? e que mudanças fizeram no texto da Bíblia? 5. Quando se fixou a forma do texto consonantal hebraico? 6. Que texto hebraico apresentam agora os manuscritos existentes e edições impressas da Bíblia hebraica? e quando se desenvolveu? 7. Que provisão fez êle quanto ao próprio texto consonantal? 8. Que é a “massorá”? e que informação apresenta? 9. Além do papiro Nash e das descobertas feitas em 1948, que manuscrito hebraico existente parece ser provavelmente o mais antigo? 10. Quais eram os oito manuscritos-modelos mais estimados pelos judeus?

Lição 10

VERSÕES DAS ESCRITURAS HEBRAICAS

“Versões” das Escrituras Hebraicas são traduções delas para outros idiomas ou línguas. Tôdas as versões antigas foram escritas à mão, e por isso se achavam em forma manuscrita. Algumas destas versões eram realmente versões de traduções anteriores do hebraico; como, por exemplo, as antigas versões latinas traduzidas da versão grega das Escrituras Hebraicas.

Quanto à idade, o Pentateuco Samaritano é a testemunha mais antiga do texto hebraico das Escrituras. Samaria, deve lembrar-se, era a capital do reino das dez tribos de Israel,

e o nome da capital veio a ser aplicado a todo o território ocupado pela facção setentrional da nação de Israel. Quando os israelitas de Samaria foram levados cativos pelos assírios em 740 A. C. populações pagãs de outras partes do império assírio foram transferidas para Samaria. Estes vieram a ser chamados samaritanos, e foi esta comunidade samaritana que produziu o Pentateuco Samaritano uns 300 anos mais tarde. Não é realmente uma versão ou tradução do hebraico original, mas é o texto hebraico transliterado em caracteres samaritanos, intercalado com expressões idiomáticas samaritanas. Embora a sua origem remonte ao quinto século antes de Cristo, os manuscritos em que se baseia o moderno texto impresso não são de modo algum de data tão remota.

Foi mais ou menos neste tempo que as paráfrases aramaicas começaram a ser usadas. O hebraico foi gradualmente substituído pelo arameu como língua do povo comum dos judeus, e, dos dias de Neemias em diante, era necessário que a leitura das Escrituras Hebraicas fôsse acompanhada de paráfrases ou interpretações em língua aramaica, para que o povo comum dos judeus pudesse entender a leitura. (Nee. 8:8) A palavra aramaica para “interpretação” ou “paráfrase” é *targum*, e estas traduções bastante flexíveis e livres das Escrituras Hebraicas foram chamadas targuns. Os escribas e sacerdotes judeus relutaram muito em assentar estas paráfrases por escrito, achando que as Escrituras eram demasiado sagradas para serem traduzidas. Mas não se permitia que a veneração e superstição errada dos judeus religiosos interferisse com o propósito de Jeová Deus de tornar a sua Palavra disponível ao povo comum. Traduções em forma permanente estavam destinadas a aparecer.

No que concerne às paráfrases aramaicas, estas começaram a ser escritas por volta do tempo de Cristo. O Targum de Onkelos é considerado a versão aramaica mais antiga existente do Pentateuco. O original dêste targum foi escrito no primeiro século depois de Cristo. Neste mesmo século registou-se o Targum de Jônatan sobre os livros de Josué,

Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores. Os targuns na sua actual forma escrita, contudo, não podem ser anteriores ao quarto ou quinto século depois de Cristo.

Embora fôsem escritos originalmente no primeiro século depois de Cristo, os targuns não são as mais antigas traduções escritas das Escrituras Hebraicas. A mais antiga entre as versões bem como a mais importante é a grega *dos Setenta* (*Septuaginta*; simbolizada por LXX). Foi produzida para suprir as necessidades dos judeus de fala grega em Alexandria, Egito. O nome applicava-se primeiro estritamente à versão do Pentateuco, foi, porém, mais tarde estendido para incluir todos os livros hebraicos à medida que foram traduzidos. Esta obra de tradução começou cêrca de 280 A. C., sendo provável que durante êste ano se completaram os primeiros cinco livros das Escrituras Hebraicas.

Todos os livros da *Versão dos Setenta* se achavam reunidos em um só volume pelo menos no primeiro século depois de Cristo, tempo em que a *Versão dos Setenta* foi aceita como Escritura genuína pelos judeus da Dispersão que falavam grego. Dêles esta versão grega passou aos cristãos e foi citada nos escritos dos apóstolos e discípulos de Jesus. As citações directas das Escrituras Hebraicas foram computadas em 365, além de quase 375 referências ou alusões às Escrituras Hebraicas mais ou menos definidas. A grande maioria destas citações da versão grega das Escrituras Hebraicas pelos apóstolos e discípulos foram tomadas quase literalmente da *Versão dos Setenta*, enquanto algumas parecem ser novas traduções feitas por êles mesmos do hebraico original. A *Versão dos Setenta*, portanto, se baseava num texto hebraico anterior ao texto massorético. Sem dúvida tinha por base um exemplar antigo, bem escrito das Escrituras Hebraicas, tais como se preservavam no átrio do templo em Jerusalém muitos anos antes da destruição dêsse templo.

Das versões siríacas das Escrituras Hebraicas, a *Peshito* (*P'shitta*) ou revisão "simples" foi traduzida directamente

do hebraico, embora alguns livros pareçam ter sido influenciados pelo *Versão dos Setenta*. A data da versão *Peshito* das Escrituras Hebraicas é assinalada ao segundo século depois de Cristo. O texto hebraico ou a tradução que serviu de base foi o mesmo que o usado para a texto massorético.

Áquila foi um prosélito judeu de Ponto na Ásia, um apóstata do cristianismo, e a sua versão grega do texto hebraico era muito literal. Fragmentos das versões gregas de Teodósio e Símaco, ambos do segundo século depois de Cristo, foram preservados através da múltipla versão de Orígenes chamada "Hexaplos" (significando "seis vêzes"), como o foi também a tradução de Áquila. O *Hexaplos* continha em seis colunas paralelas o texto hebraico, o hebraico transliterado em letras gregas, a *Versão dos Setenta* um pouco revisada por Orígenes para corresponder ao texto hebraico, e as três traduções acima mencionadas, a saber, as de Teodósio, Áquila e Símaco.

Cêrca do ano 382 E. C. Jerônimo começou a trabalhar na Bíblia Vulgata Latina. Antigas versões latinas existiam antes, mas elas se baseavam nas traduções gregas das Escrituras Hebraicas. A *Vulgata* de Jerônimo se baseava num texto hebraico quase idêntico ao dos massoretas, mas êle também se referiu às versões gregas na sua obra de tradução. No ano de 404 E. C. Jerônimo já havia traduzido a Bíblia inteira do texto hebraico e grego para o latim e a sua obra se tornou conhecida por *Vulgata*, o que quer dizer edição "vulgar" ou "comum" das Escrituras. Ela tornou-se por mil anos a base da ciência bíblica ocidental.

Outras versões remanescentes são a egípcia, etiópica, árabe, gótica e a armênia. Com exceção da árabe, tôdas estas versões das Escrituras Hebraicas parecem não ter sido feitas diretamente, mas por intermédio da *Versão dos Setenta* grega. A *Versão dos Setenta*, incidentalmente, foi para nós preservada em forma digna de confiança nos três famosos manuscritos, o Vaticano 1209, o Sinaítico e o Alexandrino, junto com o texto das Escrituras Gregas Cristãs.

A primeira versão inglêsa de tôdas as Escrituras Hebraicas

traduzida diretamente do texto hebraico parece ser a popular *Versão Rei Jaime* ou *Versão Autorizada* da Bíblia, publicada em 1611. “Jeová” não ocorre em manuscritos posteriores da versão *dos Setenta*, sendo êste nome representado pelas palavras gregas “o Senhor” (*ho kyrios*), e por esta razão o nome de Jeová tem sido obscurecido por muitos séculos. O texto original hebraico contém o nome de Jeová nas suas mais de 6.800 ocorrências. É, portanto, apropriado que o texto hebraico existente seja hoje usado como base para traduções a outras línguas, mesmo à face de sua possível corrupção. O Deus Todo-poderoso permitiu que fôsse assim desde a Reforma protestante do século dezesseis, e isso por razões que podem ser apreciadas neste “dia de Jeová”.

REVISÃO: 1. Que são “versões”? 2. Que sabe acêrca do Penta-teuco Samaritano e da sua produção? 3. Quando e por que usaram os judeus paráfrases aramaicas? e por que não foram logo assentadas em forma escrita? 4. Quando se escreveram os targums? 5. Qual foi a mais antiga e mais importante tradução escrita das Escrituras Hebraicas? pôr que e quando foi produzida? 6. Quando foi feita em forma de livro a *Versão dos Setenta*? e como foi ela usada pelos primitivos cristãos? 7. Que informação se dá quanto às versões siríacas e outras versões gregas? 8. Quem fez que eminente versão latina, e quando? 9. Que versão inglesa foi produzida diretamente do texto hebraico? 10. Por que é tão apropriada a tradução direta do texto hebraico para êste “dia de Jeová”?

Lição 11

MANUSCRITOS EM PAPIRO DAS ESCRITURAS GREGAS

Existem hoje pelo menos 12.000 exemplares manuscritos conhecidos das Escrituras Gregas. Cêrca de 4.000 dêstes são na língua original grega do assim chamado “Novo Testamento”. Há uns 8.000 manuscritos de versões latinas e cêrca de 1.000 manuscritos de versões em outras línguas além do latim e grego. Êstes manuscritos estão catalogados e reconhecidos por um código internacional de símbolos. Nosso interêsse se centraliza neste momento nos manuscritos de língua grega, e se limita particularmente aos manuscritos escritos em papiro.

Os primeiros manuscritos das Escrituras Gregas foram es-

critos em papiro, um material feito em fôlhas e rolos duma planta aquática egípcia dêste nome. Êste material de papiro data de 500 anos antes de Cristo. Continuou a ser usado para escrever manuscritos da Bíblia Sagrada até cêrca do ano 300 depois de Cristo. Os escritores da Bíblia, ao enviarem as suas cartas às congregações cristãs, usaram papiro. No princípio do quarto século depois de Cristo uma substância mais durável começou a ser usada para manuscritos, chamada *velino*, uma qualidade fina de pele de vitela.

Grande número de escritos em papiro foram achados na província de Fayum, no Egito. Os primeiros papiros foram encontrados no ano 1778. O mais antigo é o papiro Prisse, de séculos antes de Cristo. Em 1891 houve uma grande aquisição de papiros por parte dum britânico em Fayum no Egito, e no mesmo ano o dr. F. G. Kenyon, do Museu Britânico, publicou um livro instrutivo chamado *Classical Texts from the Papyri* (Textos Clássicos dos Papiros). Ao sul de Fayum há outros lugares de descobertas, tais como Oxirrincó. Os nomes gregos dêstes sítios mostram que havia uma grande colônia de gregos no Egito; e havia ali cristãos gregos que possuíam exemplares das Escrituras Gregas.

O achado mais importante de manuscritos desde a descoberta do manuscrito em velino chamado Sinaítico (⌚) por Tischendorf, em 1859, foi tornado público em 1931. Consistiu em porções de papiro de onze códices, contendo em grego algumas partes de nove livros do “Velho Testamento” e quinze do “Novo Testamento”. Êstes papiros variam quanto à data de produção desde o segundo até ao quarto século depois de Cristo.

O mais antigo dêstes manuscritos quanto ao tempo é a porção de Deuteronômio e Números, datando do segundo século. O apóstolo João morreu aproximadamente no ano 100; e o Apocalipse e o Evangelho de João e as suas três epístolas foram escritos na década anterior ao ano 100. Temos, portanto, papiros bíblicos das Escrituras Gregas que remontam quase aos próprios apóstolos. A designação para papiros bíblicos é a

letra maiúscula "P" seguida de um pequeno número superior. Segue-se uma tabela de destacados e antigos papiros bíblicos.

TABELA DOS PRINCIPAIS MANUSCRITOS EM PAPIRO

Sím-bolo	Nome do MS.	Século (E. C.)	Agora Preservado em	Conteúdo Aproximado
P1	Oxirrincos 2	3º ou 4º	Filadélfia	Mateus 1
P8	Aegyptus 8683	4º	Berlim (?)	Atos 4-6
P10	Oxirrincos 209	4º	Cambridge, Mass.	Romanos 1
P11		5º	Leningrado	1 Cor. 1, 6, 7
P13	Oxirrincos 657	4º	Londres	Heb. 2-5, 10-12
P15	Oxirrincos 1008	4º	Cairo	1 Cor. 7, 8
P22	Oxirrincos 1228	3º	Glasgow	João 15, 16
P23	Oxirrincos 1229	4º	Urbana, Ill.	Tiago 1
P32	Rylands 5	3º ou 4º	Manchester, Ingl.	Tito 2
P37	Michigan 1570	3º	Ann Arbor, Mich.	Mat. 26, 27
P38	Michigan 1571	3º ou 4º	Ann Arbor, Mich.	Atos 18, 19
P45	Chester Beatty 1	3º	Londres	Fragm. Mat., Mar., Luc., João, Atos
P46	Chester Beatty 2	3º	Londres; Ann Arbor	Dez das epístolas de Paulo
P47	Chester Beatty 3	3º	Londres	Apo. 9-17

O mais famoso dos manuscritos em papiro das Escrituras é o P⁴⁶, chamado "Papiro Chester Beatty N° 2". É do princípio do terceiro século. Consiste em 86 fôlhas de um códice de 104 fôlhas, e contém dez das epístolas de Paulo. Note-se que êste é um códice, isto é, não um mero rôlo manuscrito, mas um livro de fôlhas como os livros de hoje, com capa e páginas numeradas. Êste códice, um dos mais antigos conhecidos em existência, mostra que os cristãos estavam bem adiantados na introdução dêste estilo de manuscrito. As dez epístolas de Paulo que contém estão nesta ordem: Romanos, Hebreus, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses e 2 Tessalonicenses. Dois pontos de interesse se destacam: Primeiro, o livro de Hebreus está incluído neste códice antigo das epístolas de Paulo. O livro de Hebreus é um livro sem nome, e por isso se disputa quem o escreveu, negando-se geralmente que fôsse Paulo. O fato, porém, de que aparece neste códice mostra que no terceiro século era geralmente aceito pelos cristãos como epístola inspirada do apóstolo Paulo. Segundo, a epístola aos Efésios apa-

rece neste códice das cartas de Paulo. Isto refuta a pretensão dos religiosos modernistas de que a epístola não foi escrita por Paulo mas por um cristão depois dos dias de Paulo.

O P⁴⁷, ou “Papiro Chester Beatty N^o 3”, é provavelmente da segunda metade do terceiro século. Inclui dez fôlhas dum possível total de trinta e duas fôlhas do livro do Apocalipse. Contém partes do Apocalipse desde 9:10 até 17:2. Êste papiro do livro do Apocalipse é muito útil devido ao pequeno número de manuscritos realmente antigos que contêm o Apocalipse, manuscritos entre os quais se acha o Sinaítico e o Alexandrino, mas não o Vaticano N^o 1209.

Além dos papiros alistados na tabela existe na biblioteca de Rylands em Manchester, na Inglaterra, um pequeno fragmento dum códice do Evangelho de João, conhecido por “Quarto Evangelho”. Êste foi escrito na primeira metade do segundo século, ou aproximadamente dentro de cinquenta anos após a morte do apóstolo João. Isto é importante, porque apoia a verdade de que êste “Quarto Evangelho” foi produzido não, como os modernos críticos sustentavam, no ano 132 ou 150, depois da morte de João, mas no primeiro século, e então pelo próprio João. Sòmente nesta base podiam-se fazer tantas cópias do original na primeira metade do segundo século, e distribuí-las amplamente desde a Ásia Menor para chegar até o Egito, onde se achou êste fragmento.

Depois de todos êstes pormenores, a que conclusão chegamos? “E daí?” como diriam alguns modernistas. Por que é isto importante hoje? Estas novas descobertas fornecem a prova da compilação da Bíblia em tempos primitivos. Um códice existente entre os papiros de Chester Beatty contendo num só volume os quatro Evangelhos e os Atos, e outro trazendo dentro das capas de um só códice as epístolas de Paulo, mostram que a compilação das Escrituras Cristãs iniciou-se logo após a morte dos apóstolos e que o segundo século viu a compilação das Escrituras Cristãs e a terminação do cânon da Bíblia inteira. Visto que êstes códices tiveram ampla circulação e acharam seu caminho até ao Egito o mais tardar nos prin-

cípios do terceiro século, então a compilação das Escrituras Gregas devia estar terminada durante o segundo século. Também, visto que o “Quarto Evangelho” foi escrito por João durante o primeiro século, a terminação do cânon da Bíblia nem mesmo precisava esperar até a data modernista de 150 E. C.

Êstes antigos papiros manuscritos nos colocam quase junto aos próprios escritos originaes. Testificam a autenticidade das nossas versões modernas da Bíblia por assegurar-nos da pureza do texto. Note-se a conclusão a que chegou para si mesmo um sábio tão destacado como Sir Frederic G. Kenyon, da Inglaterra. Diz êle:

“O intervalo, pois, entre as datas da composição original e a evidência mais antiga existente torna-se tão pequeno que é de fato sem importância, e o último fundamento para qualquer dúvida de que as Escrituras nos foram transmitidas substancialmente assim como foram escritas foi agora removido. Tanto a *autenticidade* como a *integridade geral* dos Livros do Novo Testamento podem ser consideradas como definitivamente estabelecidas. Integridade geral, porém, é uma coisa, e certeza quanto a pormenores é outra; . . .”—*The Bible and Archaeology* (A Bíblia e a Arqueologia [publicado em inglês em 1940]), pág. 288, 289.

Quanto a esta última observação sôbre a certeza de pormenores, os problemas criados devido às muitas diferenças menores de texto é algo para o crítico textual resolver, antes do que nós tomarmos o tempo para resolvê-los. De que modo se introduziram estas diferenças nos milhares de exemplares manuscritos, porém, será de interêsse para nós e esclarecerá o desenvolvimento das “recensões” ou “famílias” entre os manuscritos bíblicos. Êste assunto, junto com o dos destacados manuscritos em velino, ocupará nossa atenção na próxima lição.

REVISAO: 1. Quantas cópias manuscritas das Escrituras Gregas existem hoje? e em quais estamos particularmente interessados neste estudo? 2. Que é papiro, e quando foi usado como material de escrita? 3. Quando e onde se encontraram manuscritos em pa-

piro? 4. Que importante achado de manuscritos se tornou público em 1931? e que período de tempo abrange? 5. Quais são alguns dos mais destacados manuscritos em papiro, seus símbolos, e as datas de produção? 6. Que contém o P⁴⁶? e por que é de interesse especial? 7. Por que é o P⁴⁷ de valor excepcional? 8. Que estabelece o fragmento de papiro do "Quarto Evangelho" de João? 9. Depois de todos estes pormenores, a que conclusão chegamos? 10. Qual é a conclusão confortante a que chegou o destacado sábio Sir Frederic G. Kenyon?

Lição 12

MANUSCRITOS EM VELINO E FAMÍLIAS DE MANUSCRITOS

Os mais importantes manuscritos bíblicos conhecidos existentes hoje se acham escritos numa qualidade fina de pele de vitela, conhecida como *velino*. Os copistas do texto bíblico começaram a usar êste material na primeira metade do quarto século depois de Cristo. É mais durável do que o papiro anteriormente usado como material de escrita, e em velino temos preservado importantes manuscritos tais como o Vaticano N^o 1209 e o Sinaítico, ambos do quarto século. Contudo, os manuscritos em papiro trazidos à luz do dia durante os séculos dezanove e vinte preenchem a lacuna que existia na cadeia dos exemplares preservados das Escrituras. Preenchem as lacunas dos séculos dois e três, que separavam os escritos originais das Escrituras Gregas dos manuscritos em velino do quarto século. Os papiros manuscritos fornecem agora os elos que fazem contínua a cadeia. Apesar disso, os famosos manuscritos do quarto e quinto século escritos em velino ainda são superiores em valor aos manuscritos em papiro. Por meio dêles Jeová fez que a Bíblia inteira fôsse fidedignamente preservada.

TABELA DOS PRINCIPAIS MANUSCRITOS EM VELINO

Símbolo	Nome do Códice (MS).	Século (E. C.)	Agora Preservado em	Recensão (Família)
Σ	Sinaítico	4 ^o	Londres	Alexandrina
A	Alexandrino	5 ^o	Londres	Bizantina
B	Vaticano N ^o 1209	4 ^o	Roma	Alexandrina
C	Ephraemi Rescriptus	5 ^o	Paris	Alexandrina
D	Bezae Cantabrigiensis	6 ^o	Cambridge, Ingl.	Ocidental
D ou D2	Bezae Claromontanus	6 ^o	Paris	Ocidental

Esta tabela mostra destacados manuscritos em velino, seu símbolo internacional, nome, data, lugar onde estão preservados atualmente, e a recensão ou família a que pertencem. Todos êles estão escritos em estilo uncial, ou seja em letras maiúsculas. O manuscrito bíblico de maior importância é o Vaticano N^o 1209. Tem três colunas em cada página e foi escrito na primeira metade do quarto século depois de Cristo. Continha originalmente em grego tôdas as Escrituras, desde Gênesis até Apocalipse. Agora, muitas partes do manuscrito estão danificadas e há várias lacunas, faltando partes de Gênesis, Salmos, e Hebreus e todo o de Timóteo, Tito, Filemon e Apocalipse. Está guardado na biblioteca do Vaticano. Finalmente, depois de muita demora e indício de relutância, as autoridades do Vaticano reproduziram um fac-símile fotográfico de todo o manuscrito, em 1889-1890.

O MS. Vaticano 1209 tem um rival no MS. Sinaítico. Ambos são do quarto século. O MS. Sinaítico contém partes da Bíblia inteira em grega, tendo 376 fôlhas, quatro colunas por página, exceto nos livros poéticos das Escrituras Hebraicas, onde apresenta duas colunas. Contém o Apocalipse, e assim preenche a lacuna do MS. Vaticano 1209. Concorde, e também discorde, com o famoso manuscrito Vaticano em vários pontos. Seu símbolo internacional é a primeira letra do alfabeto hebraico, א (aleph). O conde Constantino Tischendorf, erudito alemão, descobriu êste manuscrito em 1859 no mosteiro católico grego de Sta. Catarina no Monte Sinai. Em vivo contraste com as autoridades do Vaticano que ciosamente ocultaram por séculos a plena luz do MS. Vaticano 1209 debaixo dum "alqueire", o czar da Rússia ordenou que Tischendorf publicasse todo o Códice Sinaítico em 1862. Permitiu-se que a sua luz brilhasse prontamente, e foi êste passo que induziu os vaticanistas a publicar completa e acuradamente seu famoso manuscrito, para que não ficasse relegado a segundo plano.

O manuscrito Alexandrino é classificado em terceiro lugar entre os antigos manuscritos em velino. Também êle contém a maior parte da Bíblia, inclusive o Apocalipse. Êste manus-

crita data do quinto século e tem duas colunas em cada página. Na parte dos Evangelhos do MS. Alexandrino está representado um estágio primitivo do processo de revisar o texto das Escrituras Gregas. Este processo de revisão produziu por fim o texto bizantino, que é a base da *Versão Rei Jaime* em inglês. Originalmente o MS. Alexandrino foi trazido por Cirilo Lucar de Alexandria, no Egito, a Constantinopla. Ele foi induzido a presentear o manuscrito ao rei Jaime I, que autorizou a produção da popular Bíblia em inglês chamada pelo seu nome. O manuscrito foi enviado à Inglaterra, mas só chegou ali em 1627, depois da morte do rei Jaime, e por isso não esteve disponível para a tradução da *Versão Rei Jaime* de 1611. De qualquer modo, a aparição do MS. "A" (símbolo do MS. Alexandrino) na Inglaterra iniciou uma grande busca de manuscritos antigos por parte de críticos textuais.

Outro manuscrito antigo em velino, do quinto século e quase da mesma idade do MS. Alexandrino, é o Códice Ephraemi Rescriptus (simbolizado por um "C"). É o que se chama um "palimpsesto". Este termo se compõe de *palin*, que significa "de novo", e *psao*, que quer dizer "raspar"; significa um manuscrito do qual a escrita original foi raspada, e daí sobre ele escrito um novo e diferente texto. Torna-se assim um "rescrito". O manuscrito "C" continha originalmente as Escrituras Gregas, mais tarde, porém, estas foram raspadas e no século doze escreveram-se por cima as obras gregas dum sírio chamado Efrem (Ephrem Syrus). É por isso que se chama Códice Ephraemi Rescriptus. Por meio dum tratamento químico foi possível ler a escrita original, tornando assim o manuscrito valioso. Contém 64 fôlhas de partes da *Versão dos Setenta* grega, e 145 fôlhas de fragmentos de tôdas as partes das Escrituras Gregas. Só tem uma coluna por página.

Um quinto manuscrito de importância é o Bezae Cantabrigiensis ou Texto de Cambridge. Teodoro Beza recuperou o manuscrito em 1562 do mosteiro de Sto. Ireneu, Lyão, na França, em resultado do saque da cidade pelos huguenotes.

Contém quase tudo dos Evangelhos e dos Atos. É bilíngue, estando escrito tanto em grego como em latim, e é o manuscrito principal da recensão ocidental. Quanto às epístolas de Paulo faz-se referência a outro manuscrito de Beza, o Códice Claromontanus ou MS. Clermont. Contém as quatorze epístolas de Paulo e está também em grego e latim.

Só os destacados manuscritos em papiro e velino foram discutidos nesta e na lição precedente. Dos exemplares originais e autografados das Escrituras Gregas fizeram-se e circularam-se milhares de cópias. Há mais de 12.000 cópias existentes hoje. Mas não há duas cópias que sejam exatamente iguais. Variações menores abundam, e grupos maiores destes manuscritos têm séries de variações peculiares aos seus respectivos grupos. As cópias que têm particularidades em comum são associadas juntas como pertencentes a uma determinada "recensão", melhor dito "família". No sentido moderno recensão quer dizer revisão, mas quanto a manuscritos significa uma família de manuscritos que tem em comum um só manuscrito ancestral posterior aos escritos originais autografados.

Pode-se apreciar como surgiram estas famílias de manuscritos quando se considera, por exemplo, a carta de Paulo aos colossenses escrita de Roma, na qual êle instrui (Col. 4:16), 'Fazei ler também esta carta na igreja de Laodicéia.' Os colossenses prezariam o original, mas fariam cópias para Laodicéia e outras congregações. Os irmãos cristãos de confiança que fizeram as cópias talvez não fôsem bem instruídos mas podiam copiar. Haveria vários que fariam cópias para multiplicar os exemplares rapidamente. Devido a fraquezas humanas, estas cópias dificilmente seriam duplicatas exatas, corretas em todo pormenor. Um êrro ortográfico, a omissão duma palavra ou frase, a transposição duma palavra, êstes erros ocorreriam. E se houvesse, digamos, três cópias feitas desta carta aos colossenses, cada uma das cópias escrita por um copista diferente, teria erros diferentes. As cópias seriam enviadas, uma talvez a Antioquia na Síria, outra a Alexandria no

Egito, e outra a Cesaréia na Palestina. Talvez mandassem até uma cópia de volta a Roma. Sendo tôdas elas feitas por copistas diferentes, se encontrariam diferentes erros de cópia em cada um dos respectivos manuscritos.

Agora, ao chegar a cópia a Roma, seria recopiada por outros escribas, e êstes copiaríam os erros no manuscrito. Sendo também humanos, fariam erros próprios; de modo que, com o passar do tempo e a multiplicação das cópias, aumentariam as variações da carta original dos apóstolos. Não obstante, seu antecessor comum seria aquêlê primeiro exemplar enviado a Roma, e cada uma das cópias na área do Mediterrâneo ocidental, embora tivesse as suas próprias particularidades menores, teria uma semelhança básica comum com tôdas as outras cópias daquele setor por se originar do mesmo manuscrito ancestral. Por isso, os manuscritos daquele setor cresceríam formando uma família ou “recensão” chamada “recensão ocidental”. As leituras da recensão ocidental não têm apoio tão antigo e estavam sujeitas a livres manipulações por parte dos editores.

Mais a leste, na Ásia Menor, perto de Constantinopla e incluindo Antioquia na Síria, outro grupo de manuscritos cresceria de modo similar com suas particularidades destacadas quanto a estilo, erros, transposições, omissões e adições. Contudo, fundamentalmente teríam algo em comum, porque todos descenderíam do primeiro enviado ali de Colossos. Por isso se acharíam relacionados como uma família, família que mais comumente é chamada “recensão bizantina”. Os editores do texto nesta área se preocupavam mais em apresentar uma leitura suave das Escrituras antes do que uma exatidão literal. Portanto, se uma alteração tornasse mais fluente a leitura, os editores a fariam.

Outra família de textos é a recensão “neutra”. Esta família é classificada como “neutra” porque seus manuscritos não se enquadram nem na família ocidental nem na bizantina e se distinguem pela ausência dos erros ou alterações das outras. Os textos “neutros” se distinguem por não conterem mudanças

substanciais nem mostrarem grande manipulação editorial. Aderem intimamente aos escritos autografados originais dos apóstolos. A designação “neutra” está se mudando agora para “recensão alexandrina”.

Durante os últimos cinquenta anos os críticos do texto formaram uma nova família, a “recensão cesareana”. Não foi em Cesaréia, na Palestina, mas no Egito que esta família teve a sua origem e existiu contemporaneamente com o texto neutro; mas ela foi transferida a Cesaréia e estabelecida ali, devido a um certo Orígenes. Daí a sua designação.

Mas com estas várias famílias, e as muitas variações do texto dentro de cada família, as Escrituras nos foram transmitidas essencialmente iguais aos escritos originais. As muitas variações são principalmente menores e sem importância. Eram para se esperar em vista de tanto copiar. Mas pelo estudo cuidadoso e a comparação de manuscritos os erros de qualquer consequência foram eliminados e desfrutamos hoje um texto autêntico da Bíblia.

REVISAO: 1. Compare o velino com o papiro como material de escrita, e explique o valor dos dois tipos de manuscritos. 2. Que informação se dá quanto aos manuscritos (a) Vaticano No. 1209? (b) Sinaítico? (c) Alexandrino? (d) Ephraemi Rescriptus? (e) Bezae Cantabrigiensis? e (f) Claromontanus? 3. Que é uma recensão? 4. Como surgiram tais recensões ou famílias de textos? 5. Quais são as características das famílias ocidental, bizantina e alexandrina? 6. Por que não precisam causar preocupações as muitas variações nos manuscritos bíblicos quanto à pureza do nosso presente texto da Bíblia?

Lição 13

A LUTA DA BÍBLIA PELA SOBREVIVÊNCIA

Nenhuma película cinematográfica emocionante dos tempos modernos poderia estar mais cheia de ação dramática do que a que enche a história da luta da Bíblia pela sobrevivência. Nenhuma batalha pendente poderia ter mais importância do que a da Bíblia, contudo nenhum outro conflito poderia estar mais seguro do seu término feliz. O poder irresistível de Jeová dos exércitos está ao lado da Bíblia na luta, e há muito tempo

êle proferiu o veredicto feliz: “A palavra do Senhor permanece eternamente.” (1 Ped. 1: 25) Os vaivéns da luta sucederam-se através dos séculos, e mais de uma vez o campo de batalha ficou vermelho com o sangue dos defensores da Bíblia.

O nascimento, crescimento e morte de línguas foi o fator cruciante na luta. Chefes religiosos, por motivos egoístas e diabólicos, veneraram certas línguas como santas e sagradas; maliciosamente resistiram à marcha das línguas do povo, quanto a deixar a Bíblia andar passo a passo com a língua comum. Por quê? Êles não encontram exemplo em Jeová Deus para sua ação de retardamento e atraso. A língua que êle deu a Adão e Eva no Éden foi a hebraica. Quando êle iniciou Moisés no escrever da Bíblia vinte e cinco séculos mais tarde, ainda se usava o hebraico. O hebraico continuou como principal língua bíblica por uns onze séculos, até que se completasse o assim-chamado “Velho Testamento”. Então o hebraico morreu como língua, sendo substituído pelo arameu. Apegou-se Jeová cegamente a uma língua morta? Não; nem mesmo porque repugnasse aos chefes religiosos judeus fazer traduções das Escrituras Hebraicas ao arameu para o povo comum. Jeová adotou um ponto de vista prático no assunto, e quando êle reassumiu a escrita da Bíblia já não o fêz em hebraico. O evangelho de Mateus foi primeiro escrito em hebraico. Já nesse tempo o grego *koiné* se havia tornado a língua internacional, substituindo o aramaico neste respeito. Portanto, mantendo passo com a mudança da língua, Jeová Deus fêz Mateus traduzir êsse primeiro Evangelho ao grego *koiné*, e Êle inspirou os escritores da Bíblia que seguiram a escrever o registo em grego. A Bíblia se destinava a ser entendida, a viver, não a ser encoberta em línguas mortas e ocultada do entendimento do povo comum. Esta era a classe de pessoas que ouviriam com prazer, se se lhes desse a oportunidade.

Com o passar do tempo o latim se tornou o idioma corrente duma grande parte do povo comum. Apareceram versões latinas das Escrituras culminando na produção da *Vulgata* latina de Jerônimo. Mais ou menos ao mesmo tempo veio à luz

a organização religiosa da Hierarquia Católica Romana que cresceu tremendamente em poder. Ela abraçou o latim como língua sagrada, venerou-a, e a fêz o idioma oficial da organização religiosa. O poder político aumentou e ensoberbeceu a Igreja Católica. Ela se tornou mais e mais corrompida, ímpia, e transgrediu os ensinamentos das Escrituras. Embora a *Vulgata* latina fôsse escrita na língua do povo, que importava? Poucos sabiam ler então. Porém mais estavam aprendendo. Isto não era do agrado da Hierarquia. Por isso, quando, com o passar do tempo o latim cessou de ser a língua do povo e eles entendiam cada vez menos a Bíblia Vulgata, a astuta Hierarquia se regozijou. No século onze o Papa Gregório VII agradeceu expressamente a Deus por esta circunstância. A Bíblia não devia ser traduzida para manter-se à altura das progressivas mudanças de língua. O latim era a língua da Bíblia; que o povo venha aos sacerdotes da organização católica para obter informação bíblica. Assim argumentavam eles.

Jeová Deus, porém, diferiu da política da Hierarquia; Ele não tinha mudado de propósito de manter a Bíblia viva no idioma do povo comum manso e dócil. Perto do fim do sétimo século e no começo do oitavo começaram a fazer-se paráfrases em inglês antigo de pequenas porções da Bíblia, mas estas não foram colocadas na mão do povo. Durante o nono e o décimo terceiro século mais algumas curtas paráfrases se infiltraram na língua comum, tanto em inglês como em francês. Mas o fato permanece que nenhum movimento instrutivo de reforma foi começado antes dos dias de João Wiclef. Ele viveu aproximadamente de 1320 a 1384. Foi usado por Jeová Deus para manter viva a Bíblia para o povo em geral.

Wiclef era um erudito sacerdote católico romano e durante algum tempo foi decano dum colégio inglês. Quanto mais Wiclef estudava as Escrituras, tanto mais se lhe abriam os olhos para discernir a corrupção da Hierarquia. A verdade da Bíblia imbuíu-o de coragem e ele desafiou a tirania espiritual de Roma, a autoridade temporal do papa, a adoração de imagens por parte da Igreja, e as suas doutrinas de transubstan-

ciação, a missa, e outros ensinamentos não-bíblicos. Ele deu fôlego ao seu desafio pela circulação de muitos tratados destemidos. Com ele na obra de testemunho acerca da verdade da Bíblia se achavam muitos outros servos fiéis de Deus, desdenhosamente chamados “lollardos”, que quer dizer “tagarelas frívolos”. Companhias destes pregadores pioneiros percorriam o país distribuindo os tratados de Wiclef.

A seguir veio um golpe forte contra a Hierarquia. Os tratados de Wiclef eram em inglês médio, a língua corrente do povo comum, e agora ele estava determinado a abrir a Bíblia aos seus conterrâneos. Ele a livraria do túmulo das línguas mortas ao qual fôra confinada pela iníqua Hierarquia; viveria de novo, como se fôsse por uma ressurreição, para o povo e na própria língua deles. Todos discerniriam então que os seus tratados disseram a verdade quanto às práticas e doutrinas não-bíblicas da organização religiosa católica romana. Wiclef começou a sua obra em 1378, mas não a completou antes da sua morte, em 1384, produzindo somente a tradução completa das Escrituras Cristãs e cerca da metade das antigas Escrituras Hebraicas. Usou na sua obra a Bíblia *Vulgata* latina de Jerônimo. Nicolau de Hereford preencheu a lacuna deixada pela morte de Wiclef, e completou a obra de tradução. Cerca de oito anos depois a tradução completa foi revisada por um amigo de Wiclef, Ricardo Purvey. João Wiclef e seus associados foram os primeiros a dar-nos a Bíblia completa em inglês.

Agora que a Bíblia Sagrada quebrantara os laços do latim morto e a sua luz não mais se escondia como debaixo dum alqueire, aceitou a Hierarquia a derrota com decôr? Longe disso. A impressão de tipo móvel ainda não tinha sido inventada, e a multiplicação de cópias manuscritas da tradução de Wiclef prosseguia vagarosamente; não obstante, a versão inglesa circulava, apesar de violenta oposição. O arcebispo Arundel, de Canterbury, ao lamentar o assunto perante o papa, qualificou o tradutor de “esse desgraçado pestífero, João Wiclef, filho da velha Serpente, e precursor do anticristo, que completou a sua iniquidade com a invenção duma nova tradução das

Escrituras”. Em 1408 a Hierarquia Católica Romana proscreeveu a tradução; transgressores foram postos sob a penalidade de excomunhão maior. Em 1414, uma lei inspirada pela Hierarquia decretou que todos os que lessem as Escrituras em inglês perderiam “terra, gado, vida e bens para seus herdeiros perpétuamente”. Os apaniguados dêste malvado bando religioso caçaram os possuidores da tradução de Wicief como se fôsssem feras. Leitores da Bíblia foram queimados vivos com exemplares dela pendurados no pescoço; crianças foram forçadas a incendiar as fogueiras de morte de seus pais. Frustrada, irada, a Hierarquia condenou os escritos de Wicief no Concílio de Constança, em 1415, e em 1428 excavaram seus restos mortais e os queimaram, atirando as cinzas no rio Swift.

No século quinze a invenção da imprensa mudou a face da civilização; condenou também os maus desígnios da Hierarquia contra a Bíblia. A primeira coisa a sair do prelo do inventor João Gutenberg foi a Bíblia *Vulgata* latina, cêrca de 1456. Pouco depois apareceram versões impressas nas línguas contemporâneas dos principais países da Europa. Sòmente a Inglaterra ficou para trás. A tradução familiar inglesa de Wicief não foi ao prelo junto com as outras versões vernáculas. Nenhuma parte da Bíblia inglesa foi impressa antes de 1525, nenhuma Bíblia inglesa completa antes de 1535, e nenhuma foi impressa na própria Inglaterra antes de 1538. Não obstante, a Hierarquia perdera a luta contra a Bíblia viva para o povo comum. Embora destruísse milhares inumeráveis de exemplares da Palavra de Deus, o prelo a ultrapassou por produzir mais exemplares do que ela podia destruir.

REVISÃO: 1. Que nos assegura um término feliz para a luta da Bíblia pela sobrevivência? 2. Qual foi um dos fatores cruciantes na luta? 3. Por que não acham os chefes religiosos egoístas exemplo em Jeová Deus para suas tentativas de manter a Bíblia amortalhada em línguas mortas? 4. Que atitude adotou a Hierarquia Católica Romana quanto à Bíblia latina quando o latim cessou de ser a língua corrente do povo? 5. Quando começaram a aparecer paráfrases da Bíblia em inglês antigo? 6. Como incendiou Wicief a nação inglesa com controvérsia? 7. Como administrou êle finalmente um golpe pesado à Hierarquia? 8. Como pro-

vou então a Hierarquia seu ódio contra a Bíblia e amantes da Bíblia? 9. Que invenção fez prosperar a circulação da Bíblia em idiomas vivos e pôs definitivamente a Hierarquia no lado perdedor da luta?

Lição 14

A BÍBLIA INGLÊSA IMPRESSA

“Se Deus poupar a minha vida, antes que se passem muitos anos farei com que um rapaz que maneje o arado saiba mais das Escrituras do que o grande corpo de clérigos sabe agora.” Assim falou William Tyndale, ao resolver traduzir a Bíblia para o inglês e mandar imprimi-la. Mas verificou que “em toda Inglaterra não havia lugar para fazê-lo”. Determinado, buscou refúgio no continente europeu e em 1525 a sua tradução das Escrituras Cristãs foi ao prelo. Quantidades da mesma chegaram à Inglaterra. Era grande a demanda de exemplares, não só entre o povo comum faminto da verdade e ansioso por lê-la, mas também entre a Hierarquia desejosa de queimá-la. Os líderes católicos trovejaram suas proibições contra a “perniciosa mercadoria” e ajuntaram e até compraram exemplares para as queimas de Bíblias em Londres junto à Cruz de São Paulo. Mas apesar da ira do Cardeal Wolsey e das denúncias dos seus apaniguados bajuladores, exemplares da obra de Tyndale afluíam à Inglaterra. Mesmo camponeses chegaram a saber mais das verdades puras da Bíblia do que o grande corpo de clérigos.

Dessemelhante a Wiclef, que traduziu da *Vulgata* latina, Tyndale era versado em hebraico e grego e traduziu diretamente das línguas originais da Bíblia. Sem dúvida consultou a tradução de Wiclef, bem como a *Vulgata* e a tradução de Lutero. Diretamente do hebraico Tyndale traduziu o Pentateuco (1530) e o livro de Jonas (1531). Também publicou em 1534 uma revisão da sua tradução das Escrituras Gregas. Durante todo êsse tempo a Hierarquia seguiu o rasto de Tyndale como uma alcatéia de lobos. Finalmente o tradutor foi traído ao bando por um que se havia apresentado como amigo e interessado na verdade. Ele foi lançado num cala-

bouço, levado a “juízo” na Bélgica, condenado, estrangulado, e daí queimado a cinzas (1536).

Mas, enquanto a Hierarquia se alegrava com a prisão de Tyndale, imprimiu-se em inglês pela primeira vez a Bíblia completa. Embora tentassem, os poderes da escuridão não podiam extinguir a chama da Bíblia. A Bíblia completa em inglês, mas não impressa na Inglaterra, era a obra de Miles Coverdale. Não sendo versado no hebraico ou grego, Coverdale não podia, como Tyndale, traduzir diretamente das línguas originais da Bíblia. Ele juntou as melhores traduções ao seu alcance e as compilou, editou e traduziu com grande habilidade formando uma Bíblia completa em inglês. Sua obra baseia-se em grande parte na tradução revisada de Tyndale das Escrituras Gregas e no Pentateuco de Tyndale, e daí se utilizou da Bíblia alemã de Zuric, de Zwingli, da Bíblia alemã de Lutero, da *Vulgata*, e de outro texto latino. Esta primeira Bíblia completa em inglês saiu do prelo pela primeira vez no ano 1535. Edições posteriores apareceram na Inglaterra com a permissão do rei.

Novas revisões da Bíblia inglesa seguiram-se em rápida sucessão. Primeiro, depois da Bíblia de Coverdale, veio a chamada “Bíblia de Mateus”, em 1537. Tomás Mateus é, com tãda probabilidade, um pseudônimo de João Rogers, amigo e colaborador de Tyndale. Tyndale havia publicado só o Pentateuco e o livro de Jonas, em adição às Escrituras Gregas. Mas deixara os manuscritos inéditos da sua tradução dos livros de Josué a Crônicas. Deixou os manuscritos nas mãos de João Rogers, e este fêz fiel uso dêles. A Bíblia de Mateus que êle produziu é na maior parte uma compilação das traduções de Tyndale e Coverdale. Vendeu-se na Inglaterra com a permissão do rei; foi até dedicada ao rei Henrique VIII. Cromwell, o secretário de estado, conseguiu a permissão do rei para sua circulação na Inglaterra; Coverdale falou em favor da nova versão; assim também o fêz Cranmer, arcebispo de Canterbury.

Algumas das versões da Bíblia foram licenciadas pelo rei,

mas nenhuma especificamente autorizada e oficialmente aceita por modelo. Esta honra ficou para a “Grande Bíblia” de 1539. Cromwell empregou Coverdale e vários outros versados em hebraico e grego para fazerem uma revisão da Bíblia de Mateus. O resultado dos seus trabalhos foi a Grande Bíblia. Por meio de proclamação real (Henrique VIII já rompera então relações com a Roma papal) ordenou-se ao clero a colocar um exemplar da Grande Bíblia em cada igreja da Inglaterra, num lugar conveniente, acessível aos paroquianos para que pudessem lê-la. Na segunda edição desta Bíblia (1540) apareceu pela primeira vez no frontispício a estipulação agora familiar, “Esta é a Bíblia designada para o uso das Igrejas.” Que revés sofrera a Hierarquia que tanto odiava a Bíblia!

Mas, ela ainda lutou desesperadamente, como fera encurralada. E não se pode dizer que a sua sêde de sangue ficou completamente insaciada. Em 1540 Cromwell foi mandado ao cadafalso e decapitado, não só principalmente por razões políticas, mas também por sua obra de popularizar a Bíblia e pela sua destruição de relicários, imagens, ídolos, e o confisco das riquezas dos mosteiros. Embora o rei Henrique tivesse lançado de si o jugo papal, aparentemente permaneceu católico de coração. Durante os anos finais do seu reinado instituiu medidas restritivas quanto à leitura e uso da Bíblia. Em 1543 proibiu-se a versão de Tyndale por ato do Parlamento; ao mesmo tempo se decretou que tôdas as notas e comentários marginais em outras versões fôsem obliterados, e que nenhum trabalhador ou trabalhadora lesse para si ou para outros, públicamente ou em particular, qualquer parte da Bíblia, sob pena de multa ou prisão. Em 1546 a Bíblia de Coverdale foi incluída nesta proscrição; de fato, a única Bíblia não interdita foi a Grande Bíblia.

O quadro se ilumina durante os poucos anos do reinado do filho de Henrique VIII, Eduardo VI (1547-1553). A Bíblia é reimpressa muitas vêzes em muitas edições. Por decreto real a Palavra de Deus aparece de novo em cada igreja para uso

geral. Mas, é apenas uma breve calmaria antes da tempestade de violenta perseguição. Em 1553 “Maria a Sanguinária” Tudor subiu ao trono da Inglaterra e o país caiu outra vez nas ávidas mãos da Hierarquia. Cranmer sofreu o martírio na fogueira assim como João Rogers o havia sofrido antes. Centenas de outros defensores da Palavra de Deus morreram nas chamas das fogueiras.

Que aconteceu a Coverdale? Ele, junto com outros eruditos bíblicos ingleses, fugiu para Genebra, a cidade de Calvino e Beza. Ali êstes refugiados ingleses trabalharam na produção duma nova revisão da Bíblia. O primeiro fruto dêstes trabalhos foi uma versão das Escrituras Gregas publicada em 1557. William Whittingham foi supostamente em grande parte o responsável por esta obra. Ela foi logo suplantada pela edição da Bíblia inteira, em 1560. Esta versão ficou conhecida como a “Bíblia de Genebra”, mas também foi curiosamente chamada a “Bíblia dos Calções”, por causa da sua tradução de Gênesis 3:7: “Coseram juntas fôlhas de figueira e fizeram para si calções.” Os principais editores eram Whittingham, Gilby e Sampson. Era uma tradução excelente, baseada nos últimos conhecimentos do hebraico e erudição clássica. Foi a primeira Bíblia completa em inglês a aparecer dividida em capítulos e versículos, assim como as nossas Bíblias de hoje. Gozou de grande popularidade, e foi subsequentemente impressa e distribuída na Inglaterra (dedicada à rainha Isabel). Tornou-se a Bíblia doméstica, assim como a Grande Bíblia era a Bíblia de igreja.

A Bíblia de Genebra eclipsou a Grande Bíblia. Para remediar êste assunto o arcebispo Parker de Canterbury tomou a iniciativa em revisar a Grande Bíblia. Chamou-se para a tarefa um grupo de letrados, vários dos quais eram bispos; por isso, o resultado dos seus trabalhos é conhecido como a “Bíblia dos Bispos”. Ela falhou em avantejar-se à Bíblia de Genebra em popularidade.

A Hierarquia Católica Romana, entretentes, já havia perdido definitivamente a luta contra a Bíblia no vernáculo.

Versões protestantes foram extensamente circuladas e lidas. Elas expunham sem misericórdia a sua corrupção. Não mais podia ela impedir a Bíblia na língua do povo, isto estava agora claro; só podia tentar neutralizá-la. Isto ela fez por finalmente produzir a sua própria tradução inglesa. Muitos exilados sacerdotes católicos romanos, ingleses, refugiaram-se na Europa, na cidade de Douai, então nos Países Baixos. Estes sacerdotes publicaram em 1582 a versão católica romana do “Novo Testamento” no colégio de Reims, na França. O “Velho Testamento” não saiu até 1610, quando foi publicado em Douai. A versão não fôra traduzida dos originais hebraicos e gregos mas da *Vulgata* latina. A tradução era rígida e extremamente literal, usando muitas palavras ininteligíveis, e inglesando muitas palavras latinas em vez de traduzí-las. A *Enciclopédia Católica* (em inglês) explica que isso se fez para que “o leitor comum, achando a palavra ininteligível, pausaria e pesquisaria o seu significado”. Esta pesquisa daria ao sacerdote católico a oportunidade de obscurecer mais o assunto para o leitor. Em 1750 apareceu uma edição revisada, de Ricardo Challoner.

Veio então o ano de 1611, o ano que marcou a produção da Versão Autorizada da Bíblia ou do Rei Jaime. O rei Jaime desejava uma tradução uniforme em inglês, feita pelos melhores letrados em assuntos bíblicos, revisada depois pelos bispos e os principais doutos da igreja, apresentada ao conselho privado e finalmente ratificada pela sua autoridade real. A obra começou em 1604. Entre os revisores achavam-se os maiores eruditos daquele tempo, conhecedores do hebraico e do grego e de muitas outras línguas. Os revisores, uns cinquenta em número, não só usaram as muitas traduções então existentes, mas foram diretamente ao texto hebraico e grego da Bíblia. Por isso, quando se lançou esta versão em 1611 o frontispício podia corretamente levar êste prefixo: “Nova tradução das línguas originais, e diligentemente comparada e revisada com traduções anteriores por ordem de sua Majestade.” É supérfluo dizer ao leitor que esta Bíblia é uma obra prima de

literatura. Sua graça e dignidade, suas palavras fluentes e ritmo atraente, sua simplicidade direta e força de expressão, sua magnificência e majestade, tudo combina para fazê-la o modelo primo da língua inglesa. Sua popularidade perdura.

Muitas outras traduções seguiram a *Versão Rei Jaime*, mantendo-se em dia com o desenvolvimento das línguas. Acharam-se manuscritos mais antigos e o conhecimento do grego e hebraico aumentou, tornando possível traduções mais exatas. Uma ilustração digna de menção é a *Versão Normal Americana* de 1901. A Bíblia circula hoje em tôda a terra. Fala em mais de mil línguas. Sua circulação ultrapassou a marca dos dois bilhões e ascende agora ao seu terceiro bilhão. É a obra de maior procura em todos os tempos. A Hierarquia perdeu a sua batalha para matar a Bíblia. A Bíblia vence!

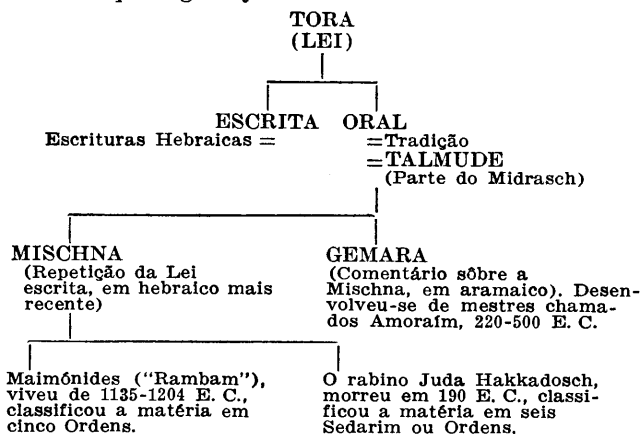
REVISÃO: 1. Que trabalho de tradução fez Tyndale? e como se provou “fiel até a morte”? 2. Que informação se dá quanto à (a) Bíblia de Coverdale? (b) Bíblia de Mateus? (c) A Grande Bíblia? (d) A Bíblia de Genebra? (e) A Bíblia dos Bispos? 3. Como se opôs a Hierarquia a todo êste trabalho? e que fez ela finalmente, e por quê? 4. Que se diz acêrca da *Versão Rei Jaime*? 5. Por que podemos dizer agora que a Bíblia venceu definitivamente a luta pela sobrevivência?

Lição 15

O TALMUDE E SUA HISTÓRIA

Segundo o erudito bíblico britânico Frederico Farrar, vamos aprofundar-nos num “mar de obscuridade e lama”. A sonda na confusão do Talmude trará à luz uma porção de coisas. Esclarecerá a situação da Palestina judaica nos dias de Jesus e dos apóstolos. Revelará as boas razões por que Jesus disse muitas coisas cortantes e agudas. Para uso mais prático, a investigação nos capacitará a penetrar na idiossincrasia do judeu, entendê-lo melhor, apreciar melhor o problema judaico, exercer tolerância para com êle e aproximarmo-nos dêle com entendimento compassivo para ajudá-lo e derrubar o muro rabínico que os ensinadores do Talmude erigiram entre o moderno judaísmo e os missionários cristãos. Isto o equipará para uma boa obra mais eficiente entre os judeus.

A tabela que segue ajudará no entendimento do estudo.



O nome hebraico para lei é *tora*. De acôrdo com os judeus, a lei existe em duas secções, a lei escrita e a lei oral. Um rabino altamente respeitado pelos judeus, chamado Maimónides, elaborou credo judeu, e o Artigo Sete dêsse credo diz: “Eu creio firmemente que a Lei, tanto a oral como a escrita, foi-nos transmitida por Moisés, e êle a recebeu de Deus.” A lei oral foi transmitida por tradição; a lei escrita foi transmitida pelos manuscritos bíblicos das Escrituras Hebraicas. A lei oral se baseia supostamente na lei escrita.

Dêste modo, com o decorrer dos séculos, desenvolveu-se muita tradição oral, e os rabinos escreveram muitas coisas que constituem esta tradição oral em explicação da lei escrita, contendo os seus argumentos a favor e contra certos significados que atribuíram à lei escrita. Incorporaram também nos seus escritos muita tradição, lenda e mito. O corpo inteiro de tais escritos se abrange pelo têrmo *Midrasch*. *Midrasch* é a palavra hebraica que significa “investigação” ou “pesquisa”. Abrange escritos ainda mais compreensíveis que o Talmude, o Talmude sendo realmente parte do Midrasch. (Não há absolutamente nenhuma relação entre êste Midrasch e o menciona-

do em 2 Crônicas 13:22; 24:27, segundo *Uma Tradução Americana* [em inglês]).

Agora, fixemos nossa atenção naquela parte do Midrasch que se chama Talmude. “Talmude” parece conter a idéia de “aquilo que se deve aprender”, quer dizer, aquilo que se deve aprender com respeito à Palavra de Deus. O Talmude inclui a lei *oral* ou a *tradição* da lei conforme a crença judaica geral. Em que baseiam os judeus esta crença numa lei oral transmitida simultâneamente com a lei que Moisés recebeu e escreveu? Em duas fontes, principalmente: um texto inspirado da Bíblia, conforme interpretado por um rabino; uma passagem num dos livros apócrifos da Bíblia.

Na primeira grande divisão (ordem) do próprio Talmude cita-se um rabino e êste usa Êxodo 24:12 para apoiar a crença nesta lei oral como tendo sido dada ao mesmo tempo que a lei escrita de Moisés. Cita-se aqui êste texto, e em chaves aparecem os comentários explanatórios dêste rabino, Josué Ben Levi: “Disse Jehovah a Moysés: Sobe a mim ao monte, e deixa-te estar alli; dar-te-ei as taboas de pedra [os Dez Mandamentos] e a lei [o Pentateuco] e os mandamentos [MISCHNA], que tenho escripto [Profetas e Agiógrafo], para que os ensines [GEMARA].” Notou particularmente os termos *Mischna* e *Gemara*? Estas são as duas grandes divisões tópicas do próprio Talmude.

Agora com referência ao livro apócrifo e ao encontrar nas suas páginas não-inspiradas alguma prova rabínica para uma lei oral confiada a Moisés mas não registada. Eles citam 2 Esdras 14:3-6 (às vêzes chamado 4 Esdras): “Revelei-me visivelmente no arbusto, e falei com Moisés, quando meu povo estava em escravatura no Egito, e enviei-o, e guiei meu povo para fora do Egito, e os levei ao Monte Sinai, e o retive comigo muitos dias, e lhe contei muitas coisas maravilhosas, e lhe mostrei os segredos dos tempos, e o fim dos tempos, e lhe ordenei, dizendo, ‘Estas palavras publicarás abertamente, e aquelas as manterás em segredo.’” Em outras palavras, os judeus argumentam que a lei escrita devia ser registada e

publicada abertamente, mas a lei oral devia ser mantida secreta no que se refere a assentá-la por escrito. Seria transmitida oralmente de uma geração a outra. Os judeus continuam no mesmo capítulo e tiram prova adicional dos versículos restantes. Os versículos 20 a 48 falam de como Esdras e mais cinco anciãos se retiram por quarenta dias e nesse tempo escrevem noventa e quatro livros. Jeová é representado instruindo Esdras para que vinte e quatro dêles sejam publicados para a leitura tanto dos dignos como dos indignos, mas que os setenta restantes sejam transmitidos só aos sábios dentre o povo judeu. Segundo a contagem judaica há vinte e quatro livros nas Escrituras Hebraicas, e foram supostamente êste os livros canônicos que Esdras e os anciãos restauraram depois do cativeiro para a leitura de todos, tempo durante o qual teriam perecido como se acreditava erroneamente.—Veja-se 2 Esdras, capítulo 14, em *A Bíblia Completa, Uma Tradução Americana* (em inglês).

O judeu sustenta que a lei oral era necessária para explicar cabalmente a lei escrita e capacitar a pessoa para fazer uma aplicação prática e minuciosa da lei escrita de Deus. O pior de tudo isto é que os judeus não só colocam a lei oral em base de igualdade com a lei escrita contida na Bíblia, mas até atribuem mais autoridade e pêsso à lei oral. Assim muitos foram levados ao êrro de invalidar a Palavra de Deus pela preferência por contraditórias tradições orais.—Mat. 15: 1-9.

Quanto ao Talmude, a Mischna desenvolveu-se primeiro. *Mischna* significa “duplicação” ou “repetição”. Os judeus sustentam que esta lei oral ou Mischna é uma repetição da lei escrita, apenas em escala maior, em forma amplificada, para que se pudesse destacar a plenitude do significado da lei escrita. Embora não haja provas, entende-se que o primeiro volume do Talmude foi escrito nos dias de Esdras. Sempre houve objeções contra o registo da lei oral ou tradições, mas, segundo a história, existiam rolos secretos escritos por particulares. Nos dias de Jesus Cristo havia um rabino, Ananias Ben Hizkiah, quem se supõe escreveu certas porções do Talmude

atual. Os rabinos que tiveram alguma coisa que ver com o desenvolvimento do modo de pensar contido no Talmude começaram nos tempos de Esdras, e são divididos em três grupos sucessivos: os *soferim*, que quer dizer “escribas”, são os primeiros; os *tanaím*, significando “mestres”, vêm a seguir (10-220 E. C.); os *amoraím* (têrmo que é tirado dum verbo hebraico que significa “falar ou dizer”) indicando “oradores” ou “explicadores”, e êste terceiro grupo floresceu de 220-500 E. C.

Foi durante o período do segundo grupo, os *tanaím*, que o Talmude começou a ser definitivamente assentado por escrito. Foi o rabino Juda Hakkadosch quem iniciou a escrita do Talmude. Êle morreu mais ou menos em 190 (E. C.). Do seu tempo em diante começou-se a escrever a *Mischna*, embora existissem previamente rolos separados, secretos e isolados. De passagem, note-se que foram os *tanaím* que floresceram durante o tempo de Jesus e os apóstolos. Lembrar-se-á de Gamaliel. (Atos 5:34; 22:3) Seu avô Hillel era chefe duma escola rabínica; uma escola rival era chefiada por Schammai. No segundo século o rabino Akiba encabeçou uma escola.

Com a nossa consideração do terceiro grupo de talmudistas, os *amoraím*, chegamos finalmente à segunda parte do Talmude, a *Gemara*. O que se disse até aqui sôbre a escrita do Talmude aplica-se sômente à primeira parte, a *Mischna*. Que necessidade há da *Gemara* no Talmude se já temos a *Mischna*? Bem, assim como a *Mischna* era supostamente um desenvolvimento da tradição oral, e *Gemara* era um comentário sôbre a *Mischna*. *Gemara* (ou, *Guemara*) significa “perfeição”, ou simplesmente “comentário”. Portanto, o Talmude moderno contém tanto a *Mischna* como a *Gemara*, a *Gemara* sendo o maior volume dos dois. Vê-se assim que o Talmude se desenvolveu sôbre um período de séculos, incorporando as várias opiniões dos rabinos de geração em geração.

A autoridade mais recente ou moderna com respeito ao Talmude foi um rabino e cientista judeu, Moisés Ben Maimon, chamado Maimónides. Viveu de 1135 a 1204 E. C. Êle

transcreveu o Talmude, e ao ajuntar e arranjar a matéria dividiu-a em cinco ordens, chamadas *Sedarim* em hebraico (singular, *Seder*). Mas a divisão do Talmude hoje seguida é a feita pelo rabino Juda Hakkadosch, escritor talmúdico do segundo século. Ele o dividiu em seis “ordens” ou *Sedarim*: (1) *Zeraim* (Sementes, regras rituais relativas à agricultura); (2) *Moed* (Festival, regras sobre o sábado e festas); (3) *Nashim* (Mulheres, regras que governam o casamento, o divórcio, etc.); (4) *Nezikim* (Injúrias, leis civis e penais); (5) *Kodashim* (Consagrações, regras que tratam dos sacrifícios e do serviço do templo); (6) *Tohoroth* (Purificações, regras acerca do puro e do impuro). O Talmude está além disso dividido em 63 tratados e 525 capítulos.

Há duas edições ou famílias ou recensões gerais do Talmude: o Talmude de Babilônia e o Talmude de Jerusalém. Desde que Jerusalém estava fora de existência quando se começou a escrever o Talmude em escala maior, o nome desta última edição é algo inapropriado. Por isso se deram ao Talmude de Jerusalém os nomes mais apropriados de Talmude do Ocidente e Talmude da Terra da Palestina. O Talmude de Babilônia é a versão oriental, porque Babilônia está a leste de Palestina. Segundo uma autoridade, o Talmude de Babilônia data de 420 E. C., enquanto que o Talmude do Ocidente data de 390 E. C. O Talmude de Babilônia cresceu a grandes proporções. Acumulando-se os escritos através dos séculos (por 1.500 anos, ou até aproximadamente o ano 1300 E. C., pouco depois de morrer Maimónides), o Talmude se tornou vultoso, mui volumoso, e, o que é pior, muito repetente. O Talmude de Babilônia abrange 2.947 páginas in-fólio. A página in-fólio é várias vezes maior do que as páginas na edição Watchtower da Bíblia, *Versão Rei Jaime*, e o Talmude tem quase três vezes tantas destas fôlhas extra-grandes quantas há pequenas naquela edição da Bíblia. Não se alegra de não precisarmos aprender o Talmude a fim de nos equipar para toda boa obra?

REVISÃO: 1. Como nos equipará o estudo do Talmude para boa obra entre os judeus? 2. Qual é o entendimento dos judeus quanto à lei? 3. Que é o Midrasch? 4. Que é o Talmude? 5. Como tentam os judeus apoiar a sua crença numa lei oral (a) por um texto inspirado da Bíblia? (b) Por um livro apócrifo? 6. Qual é o pior ponto quanto ao conceito que os judeus fazem da lei oral? 7. Que é a Mischna? e quando começou a ser escrita em certa extensão? 8. Que grupos sucessivos de rabinos tiveram algo que ver com o desenvolvimento do Talmude? 9. Quando começou o Talmude a ser definitivamente escrito? 10. Quem começou a Gemara? e que era ela? 11. Em que ordens se divide o Talmude? 12. Que duas recensões existem? 13. Quão extensos são os escritos talmúdicos?

Lição 16

ALGUNS DOS ENSINOS DO TALMUDE

Foi acêrca da sua complicada tradição oral que os escribas e fariseus judaicos se queixaram a Jesus: “Porque transgridem os teus discipulos a tradição dos anciãos?” Foi com êstes ensinamentos talmúdicos em mente que Jesus respondeu apropriadamente: “E vós, porque transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?” (Mat. 15:1-9) Isto mostra que os judeus estimaram mais a sua lei oral, apegando-se a ela até o ponto de violar a inspirada lei escrita de Deus. Mostra também que Jesus e seus discípulos se opunham a ela.

Os ensinamentos do Talmude levam a pessoa à transgressão da lei de Deus por induzir à adoração de criaturas. Seguem-se algumas traduções literais de extratos do Talmude provando a adoração de rabinos: “Assim como cada um é obrigado a honrar e temer seu pai, assim cada um tem de honrar e temer seu rabino ainda mais do que a seu pai; pois o pai lhe deu vida neste mundo, mas o rabino, que o ensina, dá-lhe vida no mundo vindouro.” “Os sábios disseram que o temor do rabino é semelhante ao temor de Deus.” “Nem se atreva a saudar seu rabino ou responder à sua saudação da maneira como saúda a um amigo ou responde à sua saudação. Mas êle tem de curvar-se diante dêle em humildade e estima e dizer, ‘Paz esteja contigo, Rabi!’” Agora, que acha? Não vem à sua mente as palavras de Jesus: “Vós, porem, não queirais

ser chamados Rabí, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos"?—Mat. 23: 8, *Almeida*.

Ficará horrorizado ao saber quanto os ensinamentos do Talmude contradizem o Registo escrito de Jeová acêrca de mulheres fiéis. Aos olhos eclesiásticos judeus a mulher não existe. Ela é posta no mesmo nível com os escravos e idiotas. O Talmude alista 613 mandamentos, mas de todos êstes só três são para mulheres, todo o resto se aplica a homens. Os três mandamentos especiais para mulheres tratam da sua obediência e respeito para com seus maridos, sua supervisão e educação dos filhos na fé do Senhor até os treze anos de idade e a observação das leis dietéticas. Exatamente como se deve considerar a mulher, segundo o ensino do Talmude, é ilustrado pela oração matinal que cada judeu pio repete. Leia com cuidado a citação do Talmude: "Bendito és, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me criaste [1] escravo. Bendito és, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me criaste [2] animal. Bendito és, ó Senhor, Rei do Universo, que não me criaste [3 e o mais baixo] mulher." Mulheres fiéis, testemunhas de Jeová, podem apreciar o que têm de enfrentar ao tratarem de oferecer a verdade a judeus pios.

A seguinte citação mostra como os rabinos colocam a lei oral acima da lei escrita: "Contudo, nossos sábios mandaram, que ninguém deve ensinar a Lei à sua filha; pela razão que a maioria das mulheres não tem adequadas as faculdades de raciocínio para o estudo e entendimento da Lei, e muitas vezes torcem seu sentido. Por isso disseram os nossos sábios que aquêle que ensina a Lei à sua filha é tão culpado como se lhe tivesse ensinado uma transgressão. *Mas isto se refere a Lei oral. Quanto à Lei escrita, não devia instruí-la nela; mas se o fizer, não é culpado duma verdadeira transgressão.*" Que fariam os rabinos com tais mulheres como Débora e Loide e Eunice? Um dos três mandamentos especiais para mulheres é o de criar os filhos na fé do Senhor. Como podem fazê-lo, sem elas mesmas terem conhecimento. O dilema da mulher se mostra ainda mais na interpretação talmúdica de Deutero-

nômio 24:1, acêrca das bases para divórcio. O marido pode divorciar-se de sua mulher mesmo se “ela apenas estraga a comida. Pois êste é o modo que explicam as palavras, ‘alguma impureza’; quer uma impureza natural pessoal ou a perpetração dum ato ofensivo contra êle”.

Lembra-se de como os escribas e fariseus sofismavam continuamente sôbre o sábadô? Bem, sua tradição oral era tanto verbosa como envolvida sôbre êste assunto. Tanto assim que era muito pesada para os judeus observá-la. Se os judeus pios não estavam seguros se violavam o sábadô ou não, tinham de correr ao rabino para obter uma decisão baseada no Talmude. Hoje, estas leis do sábadô abrangem, mesmo no Compêndio de Maimónides, mais de 170 páginas in-fólio! Em tantas palavras não falta transgressão. O ensino do Talmude sôbre êste assunto transgride a lei de Deus contida na Bíblia por dar absolução à idolatria, se o idólatra guardar a tradição do sábadô. O Talmude declara: “Os pecados de todo aquêlê que estritamente observar cada lei do Sábado, embora seja ADORADOR DE ÍDOLOS, são perdoados.” Que razões fortes tinha Jesus para marcar êstes tradicionalistas do seu dia de “guias cegos! que coaes um mosquito e engulis um camelo”!—Mat. 23:24.

Finalmente, há os mitos e lendas do Talmude, de fato, extremamente míticos, extravagantes, e imaginativos. Alguém disse que só o Alcorão dos muçulmanos ultrapassa estas lendas e mitos em seu exagêro. Há lendas sôbre Adão, de como êle amorosamente permitiu que setenta dos seus mil anos de existência fôssem dados a Salomão. Outra tradição é acêrca de Noé como tendo um corvo branco na arca, e, quando êste recusou-se a voltar, foi amaldiçoado, transformando-se num corvo prêto. Daí o provérbio, “tão raro como um corvo branco.” Uma tradição acêrca de Moisés é que êle nasceu da filha de Faraó por um dos cortesãos e foi protegido por Faraó, e que Moisés subiu ao céu para receber a lei de Deus e que os anjos questionaram a sua presença entre êles. O Talmude representa a Deus como orando, usando filactérios (tão amados pelos fariseus—Mateus 23:5), e até como que necessitando dum sacri-

fício de expiação para si mesmo porque diminuiu o tamanho da lua. Mui blasfema é a representação talmúdica de que Jeová Deus recita as lições que ouve dos lábios dos rabinos!

As lendas do Talmude sôbre Jesus são blasfemas em extremo. É importante lembrar-se de que o Talmude não foi assentado por escrito até o século depois da peregrinação terrestre de Jesus, e, seguindo o ministério de Jesus e até que se começasse a escrever o Talmude, os rabinos conjuraram muitas lendas acêrca de Cristo Jesus. Os rabinos lutaram com unhas e dentes contra o cristianismo, e êles inventaram as tradições blasfemas acêrca de Jesus para neutralizar o aumento do cristianismo. Caracterizam-se pela indecorosa arrogância e o descaso pelos fatos circunstanciais reais. O Talmude, ao crescer, transmitiu os mitos rabínicos. Dão-se nomes degradantes a Jesus Cristo.

Um judeu que estudou o Talmude mas se tornou cristão convertido escreveu um relato sôbre uma destas lendas acêrca de Jesus. A lenda é assim: "Jesus era o filho ilegítimo de Maria. . . . Foi a fim de deixar o assunto tornar-se esquecido que José levou Maria e a criança ao Egito donde voltaram quando a criança tinha mais ou menos doze anos de idade. . . . Um dos companheiros de estudos insultou-o com a vergonha de sua mãe, ocasião em que recebeu a primeira insinuação dêste fato. O jovem [agora 18] voltou para casa e perguntou sôbre o assunto a sua mãe, que não lhe deu resposta satisfatória. Pouco depois Maria começou a preparar a ceia, e enquanto se inclinava sôbre um caixote no qual se guardavam as provisões seu seio escapou das dobras do sôlto vestido oriental e pendeu sôbre a borda do caixote. Seu filho, notando isto, rapidamente fechou a tampa e se sentou sôbre ela, fazendo a declaração cruel que não a soltaria até que lhe dissesse a verdade sôbre o seu parentesco. Forçada pela excruciante dor a pobre mulher confessou a sua vergonha."

A horrível lenda continua declarando que Jesus trabalhou de carpinteiro até os trinta anos de idade, quando foi eleito rabino de um dos colégios em Jerusalém. Então, certo dia,

pretende a lenda, Jesus entrou sorrateiramente no Santíssimo do templo e roubou o pergaminho onde se achava escrito o nome secreto de Deus, isto é, Jeová. Os rabinos sustentavam que o conhecimento da pronúncia exata dêste nome de Deus transmitia poder sobrenatural. O relatório do escritor judeu continua: "Foi em virtude dêste nome, que o pergaminho roubado continha, que Jesus fêz todos os seus milagres. Após ganhar posseção dêste feitiço, fêz um corte na barriga da perna, escondeu o pergaminho na ferida, e costurou de novo a abertura. Visto que a ferida aberta o fêz cerimonialmente impuro e, portanto, interferia com o exercício do poder que acabava de adquirir, êle foi ao deserto por quarenta dias, no fim dos quais voltou a Jerusalém e começou as suas obras e pregação." Na base desta lenda o Talmude admite algumas das obras miraculosas de Jesus.

Não é de admirar-se, à face de tudo isto, que quando o Talmude começou a ser impresso e lido pelos versados em hebraico, mais ou menos na metade do século quinze, provocou grande antagonismo contra os judeus e o Talmude. Os cristãos estavam indignados com os contos do Talmude que circulavam entre os judeus. Os judeus foram perseguidos e muitos exemplares do Talmude ajuntados e queimados. Mas agora, nas novas edições expurgadas do Talmude, não se acharão estas lendas e mitos acêrca de Jesus. Para evitar a implacável perseguição os rabinos decidiram omitir estas passagens acêrca de Jesus, e determinaram que êstes assuntos concernentes a Cristo Jesus podiam ser transmitidos oralmente.

O pouco de valor que se encontra no Talmude é tirado da Palavra escrita de Deus. Estas poucas joias, conforme diz Farrar, "estão enterradas como pérolas num 'mar' de obscuridade e lama." O Talmude foi escrito expressamente depois das Escrituras Gregas para opor-se e trazer vitupério sôbre a Palavra escrita de Deus, e para dar a interpretação errada à lei escrita por meio da tradicional lei oral. Isto era para influenciar os judeus a colocar-se sob a tradicional interpretação rabínica da Palavra de Deus antes do que dar ouvi-

dos às explicações razoáveis dadas pelos discípulos de Jesus. Mas, se o Talmude erigiu uma barreira para os primitivos cristãos transporem, ainda é muralha para as modernas testemunhas de Jeová atacarem com os aríetes da Palavra de Deus. Não quer isto dizer que todos os judeus estejam a par dos ensinoss do Talmude; alguns não o estão. Mesmo judeus que conhecem êsses ensinoss os desprezam e detestam. Não obstante, o judeu está debaixo da influência do rabino, e o rabino sabe estas coisas. Êle infunde os princípios talmúdicos no povo judeu, para manter a sua posição elevada. Armado com êste entendimento da posição judia, o ministro teocrático pode penetrar a mente judia, pode ter pena do judeu por estar debaixo de tal influência demoníaca e pode, com tato, esforçar-se para indicar ao judeu manso e humilde a água viva da Palavra de Deus.

REVISÃO: 1. Como induz o Talmude à adoração de rabinos? 2. Quais dos vários ensinoss do Talmude concernentes às mulheres se dão aqui? 3. Como transgridem a lei de Deus os ensinoss talmúdicos sôbre o sábadó? 4. Que lendas e mitos gerais se citam como de origem talmúdica? 5. Quais são as suas lendas acêrca de Jesus? 6. Por que, finalmente, se omitiram as lendas concernentes a Jesus? 7. Por que se escreveu o Talmude depois das Escrituras Gregas? 8. De que modo é um impecilho para os judeus hoje?

Lição 17

O PERÍODO DOS ESCRITOS APÓCRIFOS

“Apócrifo” significa “escondido, espúrio”. O têrmo é aplicado a livros de autoria ou autoridade duvidosa, e nos tempos primitivos se referia a livros escondidos da vista pública e que poderiam ter efeito pernicioso. Jerônimo disse, “Todos os livros apócrifos devem ser evitados; . . . êles não são as obras dos autores cujos nomes levam, . . . contêm muitas coisas erradas, . . . é uma tarefa que requer grande prudência para achar ouro no meio de barro.” Há certo número de escritos apócrifos associados com as Escrituras Hebraicas e Gregas, mas os únicos que serão considerados aqui são os que foram adicionados ao cânon das Escrituras Hebraicas pela

Hierarquia Católica Romana. Daqui em diante, quando se usar o termo apócrifos ou apócrifo será para designar tais livros espúrios, chamados “deuterocanônicos” pelos católicos.

Os livros apócrifos tiveram o seu início durante o tempo que vai desde Neemias até Cristo, a maioria dêles sendo composta no segundo século antes de Cristo. Após o último dos profetas, Malaquias, os escribas vieram a destacar-se como instrutores. A verdadeira adoração foi relegada a segundo plano pela tradição crescente. Durante êste tempo seitas religiosas judias, tais como os fariseus e os saduceus, começaram a surgir e nasceu o judaísmo. Os escritos apócrifos refletem a transição e o declínio que se achavam em andamento. O elemento profético está ausente; os escritores estão sob influência grega; a desonestidade é aparente, a ficção passa por história, os escritos são falsamente apresentados como obras de escritores bíblicos, e a simplicidade e exatidão dos escritos das Escrituras Hebraicas cede a fantásticas extravagâncias de imaginação e lenda. Os apócrifos abundam em erros, e não só contradizem os livros inspirados da Bíblia, mas também a si próprios. Não obstante, é digno de nota que nenhum dos escritores dos apócrifos pretende ter sido inspirado, que nenhum dos livros apócrifos foi incluído pelos judeus no seu cânon da Bíblia, que não há escrito apócrifo citado nas Escrituras Gregas, e que nenhuma obra apócrifa foi aceita como parte do cânon da Bíblia pelos cristãos primitivos. Aparentemente os eventos do período durante o qual se escreveram os apócrifos não foram típicos ou proféticos, e por isso Jeová não fez escrever um registo inspirado dêles para ser incluído no cânon da Bíblia.

Um esboço da história dos judeus na Palestina desde os tempos de Neemias até o tempo de Cristo Jesus não só preencherá a lacuna histórica entre as Escrituras Hebraicas e Gregas, mas permitirá uma apreciação das condições modificadas que confrontaram Cristo em contraste com as que as fiéis testemunhas das Escrituras Hebraicas tiveram de enfrentar. Abarcando êste período um dos livros apócrifos tem valor es-

pecial, a saber, o Primeiro dos Macabeus. É histórico, não se aprofunda em doutrinas e, embora contenha inexatidões menores, sua exatidão geral foi verificada. É a única exceção às deficiências típicas dos livros apócrifos.

Primeiro dos Macabeus inicia a narrativa histórica no ponto em que Alexandre Magno estabelecera o domínio grego sobre a Judéia. Anteriormente a isto, Neemias havia morrido como último governador civil da Judéia. Com a sua morte os persas uniram a Judéia à prefeitura da Síria, e o prefeito dela nomeou o sumo sacerdote judeu, que administrava tanto assuntos civis como eclesiásticos. Havia luta interna, e judeus refratários juntaram-se a Sanbalat, governador de Samaria, que iniciou uma religião rival por construir um templo no monte Gerizim ao norte. Durante êste tempo a Grande Sinagoga estava em funcionamento, mas com o tempo cedeu lugar ao supremo tribunal conhecido como o Sinédrio, um corpo em poder quando Jesus esteve na terra.

Alexandre ascendeu ao trono de Macedônia cêrca do ano 336 A. C., e por volta de 332 as suas conquistas incluíam o contrôle da Palestina. Daí procedeu a esmagar por completo o império persa; a Grécia se tornou a indisputada potência mundial. A sua unidade foi quebrantada na disputa que seguiu à morte de Alexandre, em 323. O império foi dividido entre quatro dos seus generais, dois dos quais nos interessam neste estudo. Ptolomeu recebeu o Egito e Seleuco a Síria, e assim os ptolomeus do Egito e a dinastia dos seleucidas tiveram o seu comêço. Em 320 Ptolomeu Sóter arrebatou a Palestina e tomou Jerusalém num sábado, sem encontrar resistência. Foi durante o reinado de seu filho, Ptolomeu Filadelfo, que se terminou a famosa biblioteca de Alexandria e na qual êste filho fez que se collocasse a Versão dos Setenta grega da lei de Moisés, cêrca de 280. Houve quase que constantemente guerra entre os ptolomeus e os seleucidas pelo contrôle da Palestina até 198 A. C., quando o rei sírio seleucida Antíoco o Grande (III) tomou conta do país definitivamente.

Os judeus na Palestina não estavam unidos. Uns favoreciam os ptolomeus, que os deixaram mais livremente praticar a sua religião; outros se inclinavam para os seleucidas e ao nacionalismo e o desejo de adotar a cultura grega. Quando Antíoco IV (Epifânio, mas chamado Ilustre na *Versão Soares*) subiu ao trono da Síria (175-164), os nacionalistas pensaram que chegara sua oportunidade. Êste Antíoco nomeou um novo sumo sacerdote, Jesus, o qual mais tarde mudou seu nome para Jasão. Jasão suprimiu tudo o que era judeu e procurou popularizar tudo que fôsse grego; procedeu a converter Jerusalém em cidade grega. Foi, porém, suplantado por um rival, Menelau, que ofereceu arrecadar mais tributo para Antíoco. O rei sírio veio a Jerusalém e saqueou o templo, e dois anos mais tarde dessagrou-o pelo sacrifício duma porca sôbre o altar. Êle dedicou o templo em Jerusalém ao Zeus Olímpico e o de Gerizim ao Zeus Zenão; a religião dos judeus foi proscrita e a de Atenas imposta pela fôrça; queimaram-se cópias da lei; erigiu-se uma imagem no templo e trouxeram-se me-retrizes para dentro dêle; os muros da cidade foram arrasados e na cidade colocada uma guarnição de gregos e judeus apóstatas para impôr a política de unificação por meio da religião e “cultura” grega. Esta calamidade sobreveio no ano 168 A. C.

A resistência veio pouco depois. Matatias e seus cinco filhos fogem de Jerusalém para Modin. Matatias mata um judeu que tenta sacrificar em um dos altares pagãos junto com um dos funcionários do rei. Êle e seus filhos se retiram para as montanhas, tornam-se ponto de reunião para o judaísmo, e varrem o país destroçando altares pagãos e matando perseguidores e judeus apóstatas. Antes de morrer e passar a liderança a seu filho Judas Macabeu, Matatias faz que se adote um decreto que torna permissível aos judeus defender-se pela fôrça no sábado.

Judas Macabeu é o mais famoso dos macabeus. Suas fôrças derrotam um exército samaritano sob Apolônio; essa derrota das fôrças sírias enfurece tanto a Antíoco que êle envia um exército de 47.000 homens sob três generais; embora excedido

em número, Judas triunfa; a próxima onda de sírios consiste em 60.000 homens de infantaria e 5.000 de cavalaria, mas Judas a dispersa com somente 10.000 soldados, e o caminho a Jerusalém está aberto para êle. No mesmo dia, três anos depois de Antíoco ter tão vilmente profanado o templo Judas havia voltado à cidade e purificado e dedicado de novo o templo, em 165 A. C. Este vigésimo quinto dia do nono mês, casleu, foi daí em diante celebrado pela festa da dedicação.

Contudo, há 'uma mosca no unguento': a guarnição de gregos e judeus apóstatas ainda está entrincheirada na cidadela. Depois de vitórias na Iduméia, Amon, Gilead e Galiléia, e depois da morte de Antíoco Epifânio e a sucessão de seu filho Antíoco Eupator ao trono da Síria, Judas trata de desalojar esta guarnição. Eupator vem em auxílio desta com um imenso exército: 100.000 homens a pé, 20.000 homens a cavalo, 32 elefantes treinados para a batalha. Como tanques modernos êstes imensos animais, cada um com uma armadura de madeira e 32 homens de guerra nas costas, formavam a ponta de lança do assalto, cada um flanqueado por 1.000 soldados de infantaria e 500 de cavalaria. A fôrça de Judas saiu à batalha, retrocedeu para dentro das fortificações que reconstruíra, e foi salva de derrota segura só porque Antíoco tinha de voltar à Síria para derrubar um usurpador do seu trono. Antes de partir êle faz paz com os judeus.

Sob o rei seguinte, Demétrio, renova-se o conflito. Depois de mais duas vitórias gloriosas sôbre os sírios, e da conclusão dum tratado com os romanos, Judas, com 800 homens luta com um exército sírio de 22.000 comandado por Báquides, em 161 A. C. Os judeus não só sofrem derrota mas também a perda do seu chefe. Judas é sucedido por seu irmão Jónatas, e uns dois anos mais tarde Báquides faz paz com Jónatas e os judeus. Durante os vários anos que se seguiram, a intriga e traição política vêem o trono sírio ocupado sucessivamente por Alexandre Balas, Demétrio II, Antíoco VI, e Trifão. Jónatas é feito sumo sacerdote em Jerusalém, e às vêzes os pretendentes rivais ao trono da Síria lhe pedem apoio e êle fica

envolvido em choques militares. É enquanto está maquinando contra Antíoco VI que Trifão captura e mata Jónatas, que é sucedido por seu irmão Simão. Foi mais ou menos no ano 143 ou 142 A. C. que Simão obteve independência, para os judeus na Palestina, destruindo até a guarnição de pagãos e judeus apóstatas dentro de Jerusalém que tanto tempo atribulou os adoradores no templo. Tão digno de nota era o levantamento do jugo dos gentios por parte de Simão que os judeus começaram a datar os seus documentos desde “o primeiro ano sob Simão, sumo pontífice, grande capitão, e príncipe dos Judeus”.

Debaixo de Simão os judeus prosperam, e o tratado com Roma é renovado, assim como o fôra no tempo de Jónatas. Todavia, quando os judeus tinham descanso dos gentios contendiam entre si mesmos, disputas religiosas separando-os em facções. Os macabeus, têrmo geralmente aplicado a esta família de irmãos, filhos de Matatias, perseguiram e destruíram os judeus que consideravam apóstatas. Foi durante êsse tempo de tribulação tanto de fora como de dentro que as tradições, lendas e ritos formalísticos aumentaram substituindo a verdadeira adoração de Jeová, e a tradição se espalhou, lançou raízes e cresceu, não só entre os judeus da Palestina mas também entre os judeus espalhados da Dispersão.

O livro Primeiro dos Macabeus traça a história só até o ponto em que Simão é traiçoeiramente assassinado e sucedido no sumo sacerdócio por seu filho João Hircâno, em 135 A. C. Hircâno cresce em poder, converte os idumeus pela fôrça ao judaísmo, destrói o templo samaritano no monte Gerizim, e toma o partido dos saduceus depois de desentender-se com os fariseus. Seu filho e sucessor Judas Aristóbulo conquista a Ituréia e implanta ali o judaísmo pela fôrça. Segue-se Alexandre Janeu (103-78) que continua a apoiar os saduceus. Seu reinado é cheio de guerras e rebelião, e no leito de morte êle manda sua mulher Alexandra, que lhe devia suceder no trono, inverter sua política anti-farisaica e fazer paz com êles. Com a morte de Alexandra a luta resultante pelo trono por

parte dos irmãos Hircâno e Aristóbulo termina com a intervenção de Roma que se torna regente de Judéia, em 63 A. C. Institui-se uma regência de procuradores, sendo Antipater o idumeu ou edomita procurador sôbre a Judéia. Seu filho torna-se Herodes o Grande, que reina sôbre tôda Palestina depois duma subida tempestuosa ao poder. Foi êle quem reconstruiu o templo em esplendor. Conformou-se ao judaísmo, encorajou os fariseus, permitiu liberdade de religião enquanto não interferisse na política, e foi êle o Herodes que ordenou a destruição de tôdas as crianças de Belém e vizinhança numa tentativa frenética de assassinar o menino Jesus. Depois da morte de Herodes o Grande a Palestina foi dividida em tetrarquias. Foi sob esta estrutura de govêrno que os judeus podiam em sentido político dizer, “Não temos outro rei senão Cesar.” E rejeitaram a seu Rei Messias.

REVISÃO: 1. Que significa “apócrifo”? 2. Qual foi a opinião de Jerônimo sôbre os livros apócrifos? 3. Que designa aqui o termo apócrifo? 4. Que caracteriza os livros apócrifos? 5. Por que é o Primeiro dos Macabeus de algum valor? 6. Recapitule a história dos judeus na Palestina (a) de Neemias a Alexandre Magno. (b) De Alexandre até 198 A. C. (c) De 198 a 168 A. C. (d) De Matatias a Judas Macabeu e seu tempo. (e) Desde a morte de Judas até 135 A. C. (f) De 135 até o tempo do ministério terrestre de Jesus. 7. Qual é a condição quanto à falsa religião e a verdadeira adoração de Jeová?

Lição 18

O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS

O cânon das Escrituras Hebraicas termina com a profecia de Malaquias, escrita provavelmente perto do fim do govêrno de Neemias. Contudo na versão católica Soares da Bíblia encontramos sete livros adicionais agregados ao assim-chamado “Velho Testamento”, junto com adições não inspiradas aos livros canônicos de Ester e Daniel. Por que isto? Bem, êstes escritos espúrios encontram-se na *Versão dos Setenta* grega das Escrituras Hebraicas, e é através dêste canal que vieram a ser incluídos nas modernas Bíblias católicas. Contudo, êstes livros apócrifos não se achavam nas primitivas cópias da *Versão dos Setenta*.

Não foi senão até que o “Santo” católico romano Agostinho submeteu ao Concílio de Cartago em 397 E. C. um cânon ampliado que incluía os livros apócrifos que êsses escritos ganharam alguma posição firme. Êste concílio dominado pelos católicos decretou que os apócrifos fôsem classificados juntos com os livros canônicos inspirados da Bíblia. Nenhuma das organizações eclesiásticas no oriente aceitou êste decreto, e mesmo no ocidente muitos católicos romanos eminentes recusaram-se a adicionar algo ao cânon hebraico. O desacôrdo continuou até 1546 quando o Concílio de Trento, esperando esmagar a controvérsia, decretou que os livros apócrifos fôsem de “igual veneração” às Escrituras Hebraicas inspiradas e proferiu um anátema contra todo aquêle que não os recebesse como sagrados e canônicos. Mas êste decreto não passou sem oposição, e até o dia de hoje muitos escritores católicos tentaram abrandar a fôrça e o efeito do decreto. Assim, êstes livros espúrios introduziram-se sorrateiramente na *Versão Soares* católica. Segue-se um resumo do conteúdo dos livros apócrifos da Bíblia católica.

TOBIAS. O fiel judeu Tobias junto com sua família foram levados cativos à Assíria por Salmanasar. Tobias favorece ali continuamente os judeus cativos, principalmente por enterrar os que foram mortos pelos assírios. Certo dia, exausto de seu trabalho de coveiro, êle adormeceu. O relato diz, “Caiu-lhe dum ninho de andorinhas um pouco de estêrco quente sôbre os olhos, e ficou cego.” Depois disso foi sustentado por sua espôsa, a quem certo dia acusou falsamente e ela escarneceu do estado miserável dêles por causa dos seus atos justos. Êle ora a Deus por ajuda. No mesmo dia uma parenta sua, Sara, ora para ser aliviada dum espírito mau. Tobias se lembra de que um parente seu na Média lhe deve dez talentos e envia seu filho Tobias a cobrá-los. Um anjo guia o filho, e no caminho fá-lo comprar o coração, o fígado e o fel de um peixe. Quando chegam à casa de Sara em Ecbatana êle usa o coração e o fígado para expulsar o espírito mau ao Egito, onde é atado pelo anjo. Tobias casa-se com Sara e, com metade dos bens do pai

dela e os dez talentos que cobrou, ambos voltam a Nínive. Ali Tobias aplica o fel do peixe nos olhos de Tobias, e sua vista é restaurada.

O livro está cheio de fábulas rabínicas e alusões à demonologia babilônica. Em vez de histórico, o livro é fictício e carregado de superstição. As doutrinas que apresenta são de origem pós-babilônica. A maioria dos críticos fixam o tempo em que foi escrito no segundo século A. C., embora alguns o atribuam ao primeiro século A. C.

JUDITE. Os países do Ocidente haviam recusado aliar-se a Nabucodonosor, rei da Assíria em Nínive, numa guerra contra a Média, de modo que depois do seu êxito e retôrno o monarca despachou 132.000 soldados sob o seu general Holofernes para tomar vingança. Os judeus prepararam-se para resistir. Enfurecido e surpreso por se atreverem a lutar contra êle, Holofernes pergunta aos chefes de Amon e Moab quem é êste povo. O chefe amonita Aquior esboça a história dos judeus e adiciona que nenhum poder pode prevalecer contra êles a não ser que pequem contra seu Deus. Por causa disto Aquior é lançado no campo judeu para morrer com aquela nação audaciosa. Depois dum sítio de quarenta dias Holofernes está a ponto de tomar a cidade judia de Betúlia. Uma viúva devota, Judite, ora a Deus, veste-se ricamente, e acompanhada de sua criada, sai da cidade para o acampamento de Holofernes. Por meio dum ardil consegue enganar o general, cativa-o com seus encantos, e lhe decepa então a cabeça. Ela e sua criada voltam a Betúlia, ela mostra a horrível evidência, o povo se regozija, Aquior se converte imediatamente ao judaísmo, e na manhã seguinte os judeus atacam e derrotam os assírios.

Há neste livro muitas dificuldades geográficas, históricas e cronológicas; tanto assim que a maioria dos críticos o consideram ficção antes do que história. Não se conhece nem o autor nem em que tempo foi escrito, embora o próprio livro pretenda que os eventos se deram depois do exílio.

ADIÇÕES A ESTER (10:4-16:24). A matéria adicionada consiste numa elaboração dos eventos narrados no livro ca-

nônico de Ester e se origina de histórias nacionais que ampliam o glorioso triunfo registado nos escritos canônicos. A matéria é considerada mera ficção, o objetivo de adicioná-la sendo o de dar um tom mais devoto ao livro. No livro canônico de Ester o nome de Deus não é mencionado, mas referências a êle são abundantes nos capítulos e versículos espúrios. Crê-se que a adição se fêz mais ou menos no segundo século A. C.

SABEDORIA (de Salomão). O livro pretende confortar o fiel por mostrar que não importa quantos sofrimentos padeça; por mais que o iníquo prospere temporariamente, no fim os fiéis que seguem os conselhos sábios ceifarão bênçãos e verão a retribuição visitar o iníquo. A sabedoria é muitas vêzes personificada neste livro, e mais ou menos no meio dêle dá-se a oração de Salomão pedindo sabedoria. A última parte apresenta um pouco da história desde Adão até a conquista de Canaan, destacando dela casos de bênçãos pela sabedoria e de calamidades pela sua falta. Descreve-se a origem, tolice e abominação da idolatria. Dá-se atenção especial às pragas no Egito para mostrar a perdição dos iníquos e a libertação dos justos.

A influência grega é bem evidente neste livro. Muitos acham que incorpora os princípios de Platão, especialmente a crença na imortalidade da alma e até na preexistência da alma ao corpo. Evidencia a crescente tradição e a corrupção dos judeus durante os poucos séculos anteriores a Cristo. Embora pretenda Salomão como autor, cita passagens de escritores posteriores, Isaías e Jeremias, e cita da *Versão dos Setenta*, uma tradução que não foi começada até cêrca de 280 A. C. Além disso, o livro refere-se a assuntos de história inaplicáveis ao tempo de Salomão. Nem o autor, nem o tempo em que foi escrito, podem ser determinados, mas parece haver sido escrito por um judeu alexandrino, possivelmente no segundo século A. C.

ECLESIAÍSTICO. Êste livro é a composição dum filósofo. A filosofia era a tendência popular daquele tempo e teve a sua

influência sobre os judeus. O livro discute sabedoria, conduta, o homem em relação ao seu Criador, lei, provérbios, e a glória de Deus refletida nas obras da criação. Às vezes parece ensinar cortesia antes do que virtude. A matéria é composta um pouco ao acaso, sem um esboço claramente discernível do assunto.

Eclesiástico é o único livro apócrifo cujo autor é conhecido. Ele é Jesus, filho de Sirac, um judeu de Jerusalém. Escreveu provavelmente por volta do ano 200 A. C., com a alternativa de aproximadamente cem anos mais cedo. A tradição judia favorece o tempo anterior, e se isto fôr verdade, este é o livro mais antigo dos escritos apócrifos. Assim mesmo, a adoração judia estava degenerando ao ritualismo. O livro é citado no Midrasch e também no Talmude.

BARUC. Este livro segue o modelo dos escritos proféticos. Foi supostamente escrito pelo secretário de Jeremias, Baruc, enquanto se achava entre os cativos na Babilônia. É uma confissão de pecados por parte dos cativos, exorta à sabedoria e observância da lei, apresenta Jerusalém como viúva, conforta seus filhos com a esperança dum retorno, e o último capítulo pretende ser uma epístola de Jeremias que censura a idolatria, dirigida aos que se encontravam em Jerusalém ainda a serem levados cativos a Babilônia.

Os judeus em Babilônia supostamente enviaram este livro, junto com algum dinheiro, aos judeus ainda em Jerusalém. Ao pretender Baruc e Jeremias como seus autores o livro é falso, e agrega a esta culpa muitas incorreções. É incerto se foi construído sobre qualquer apoio histórico fragmentário ou se é inteiramente fictício. Crê-se que foi escrito no segundo século A. C.

ADIÇÕES A DANIEL: *Cântico dos Três Jovens*. Este consiste em 67 versículos espúrios inseridos entre os versículos 23 e 24 do terceiro capítulo do livro canônico de Daniel. É um prolixo embelezamento dos três jovens hebreus na fornalha ardente. Primeiro Azarias faz uma oração a Deus, que responde à petição enviando o anjo do Senhor e refrescando o

interior da fomalha fazendo-a assim confortável como uma brisa orvalhada, depois do qual os três jovens como de uma só bôca irrompem no cântico de louvor contido nos versículos espúrios. Estes versículos, que se contradizem mutuamente, são uma lenda que cresceu na tradição judia e por isso não inspirados.

Susana e os Dois Velhos. Êste capítulo treze, agregado a Daniel, fala da paixão de dois anciões pela virtuosa Susana, que regularmente passeia no jardim de seu marido. Certo dia êles surpreendem Susana sòzinha no jardim e lhe propõem relações ilícitas. Ela recusa apesar das suas ameaças de acusá-la falsamente de conduta impura com um jovem. As ameaças traduzidas em ação, Susana é condenada a morrer. Neste ponto cruciante intervém Daniel e por interrogar separadamente os dois velhos expõe o seu falso testemunho. A inocente Susana vive; os dois velhos que a acusaram morrem. O autor é um judeu helênico.

A Destruição de Bel e do Dragão. Jerônimo chama corretamente de fábula êste décimo quarto capítulo adicionado a Daniel. O rei Ciro tenta fazer Daniel adorar o ídolo Bel, mas em vez disso Daniel expõe o embuste dos sacerdotes de Bel de comer o alimento supostamente oferecido ao ídolo e comido por êle. Os embusteiros morrem e Daniel destroça Bel. Pedido de novo pelo rei para adorar uma serpente viva, Daniel recusa-se e destrói a serpente ou dragão. Por causa disto os furiosos babilônios o atiram na cova dos leões por sete dias, no fim dos quais Daniel deixa a cova vivo e seus perseguidores são lançados nela em seu lugar e perecem. O conto está cheio de inexatidões históricas que provam que absolutamente não é inspirado. Partes da lenda aparecem no Midrasch.

PRIMEIRO DOS MACABEUS. Ao todo há cinco livros dos macabeus, mas sòmente dois forçaram a sua entrada no cânon da Bíblia católica. Não é necessário revisar-se o conteúdo do Primeiro dos Macabeus, visto que já foi feito na lição anterior. O autor é desconhecido; o tempo da sua escrita foi provavelmente perto do comêço do segundo século A. C.

SEGUNDO DOS MACABEUS. Os primeiros dois capítulos contêm duas epístolas convidando os judeus egípcios a celebrar uma festa e apresentando histórias lendárias. A segunda carta termina com o relato do autor das suas fontes de informação. Daí em diante o livro trata em pormenores da origem de algumas das perseguições dos judeus e acrescenta algo à história de Primeiro dos Macabeus. A Hierarquia usa 2 Macabeus 12: 43-46 para apoiar a sua doutrina do “purgatório” e das “orações pelos mortos”, mas um exame cuidadoso revela que êstes versículos apoiam antes a verdade de que “ha de haver uma ressurreição tanto dos justos como dos injustos”. O livro foi escrito depois do meado do segundo século, antes de Primeiro dos Macabeus, e não é tão fidedigno como o primeiro livro dos Macabeus. Exagera e recorre à tradição.

REVISÃO: 1. Quem rejeitou os livros apócrifos? 2. Como e quando vieram a ser incluídos no cânon da Bíblia católica? 3. Resuma e comente sôbre o conteúdo de (a) Tobias. (b) Judite. (c) Adições a Ester. (d) Sabedoria. (e) Eclesiástico. (f) Baruc. (g) Cântico dos Três Jovens. (h) Susana e os Dois Velhos. (i) A Destruição de Bel e do Dragão. (j) Primeiro dos Macabeus. (k) Segundo dos Macabeus.

Lição 19

A GEOGRAFIA DA TERRA PROMETIDA

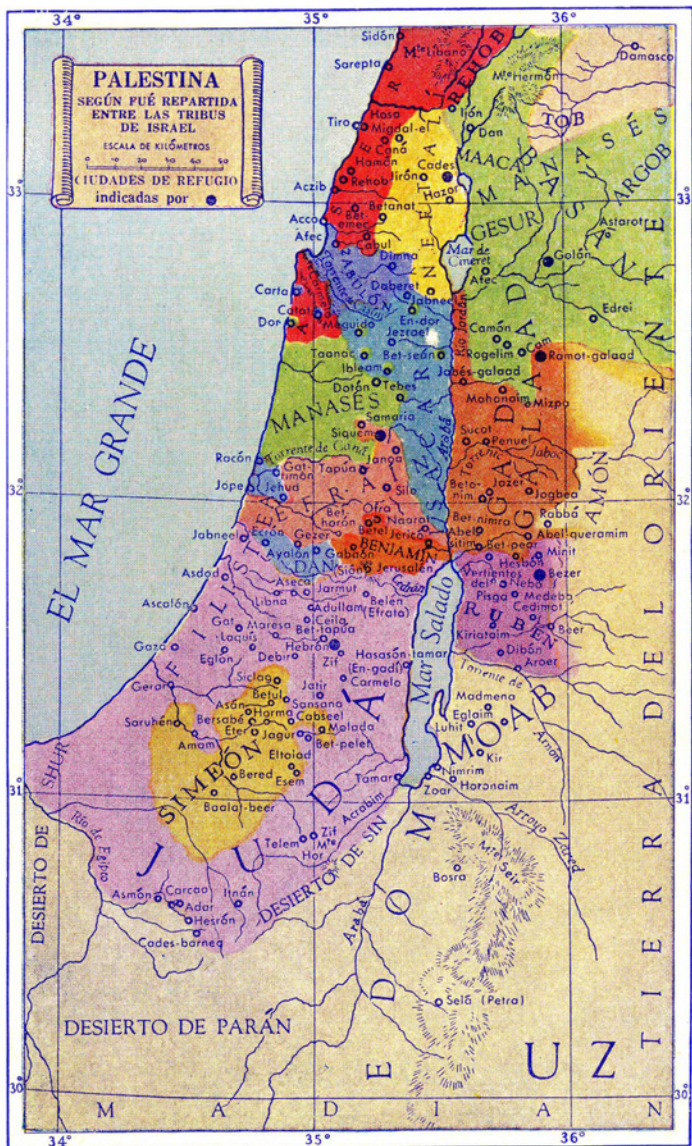
Jeová Deus disse a Abraão, quando o patriarca fiel contemplava a terra de Canaan: “Á tua semente darei esta terra.” Foi cêrca de 470 anos mais tarde que a semente de Abraão, multiplicada a milhões, atravessou o Jordão e entrou nesta terra prometida sob a liderança visível de Josué. Êles lutaram por seis anos com os cananeus intrusos antes de poderem dividir a terra por sorte entre as tribos de Israel. Mais de quatrocentos anos depois, debaixo dos reis Davi e Salomão, o reino típico de Israel estendeu-se para abranger tôda a Terra da Promissão.

A Terra da Promissão é comprida de norte a sul e estreita de leste a oeste. Ao longo da costa do Mediterrâneo há uma faixa de planície fértil, atravessada às vêzes por contrafortes

da cordilheira a leste que se projetam em direção à costa. A proeminência mais notável é a do monte Carmelo, que se lança em penhascos escarpados ao Mediterrâneo. O Carmelo (nome que significa “parque ajardinado”) era conhecido pela sua vegetação e flores vivas e densas florestas. A cadeia do Carmelo corre afastando-se do mar em direção sudeste, e por isso a planície marítima que se estende ao sul do Carmelo alarga-se rapidamente até alcançar a sua maior largura no sul da Palestina, na Filistia. É chamada a “Planície de Saron”. Pode vê-la no mapa físico colorido da Palestina?

Não há um nome só para a cadeia de montanhas que limita a planície costeira a leste, mas diferentes secções levam diferentes nomes. A parte mais setentrional é o Líbano, que se eleva a mais de 3.000 metros. Está coroadado de neve a maior parte do ano, e era conhecido pelas suas lindas florestas de cedro. Ao sul do Líbano a cordilheira é conhecida por monte Naftali. Abaixo desta secção ela é cortada por um vale comumente chamado Esdraelon fora da Bíblia. Na Escritura a parte oriental do vale é chamada vale de Jezreel, enquanto sua parte ocidental é o fértil vale de Megido, através do qual corre o rio Cison em direção noroeste para finalmente desembocar no Mediterrâneo. Abaixo dêste vale que a corta a cordilheira é conhecida por monte Efraim ou montanhas de Israel, na direção sul até Betel e Ramá. Daí em diante se chamam montanhas de Judá.

As montanhas de Judá e de Efraim são compostas principalmente de rocha porosa. Por esta razão as chuvas do inverno se infiltram rapidamente à grande profundidade, deixando áridos os planaltos nos meses do verão. As águas atingem finalmente uma camada impermeável pela qual correm até reaparecerem como fontes ao longo do lado ocidental do vale do Jordão e na costa ocidental do Mar Morto, algumas lançando a sua água até subterrâneamente no Mar Morto. A oeste da cadeia de montanhas estas águas emergem como fontes do lado oriental da longa planície costeira, embora parte da água se dirija ao Mediterrâneo por baixo da



Chipre

MAPA FÍSICA DE PALESTINA

DANDO LA IMPRESIÓN DE TRES DIMENSIONES



Mostrando los principales montes, valles, llanuras, ríos y otros rasgos topográficos. Muchos de los ríos son únicamente estacionales.

AR GRANDE
MEDITERRÁNEO)

Hamat

Cur

Riblo

R. Orontes

Can
thano

Gebal

Sidón

Sarepta

Tiro 🏹

Dan

Hazor

Mar de Galilea

Tiberiades

Tabor
562 m.)

Collado de Moré
(515 m.)

Valle de
de Gilboa
(502 m.)

M^{te} Carmelo
(531 m.)

Dor

Cesarea

Damasco

Astarot

Edrei

Ramot-galaad



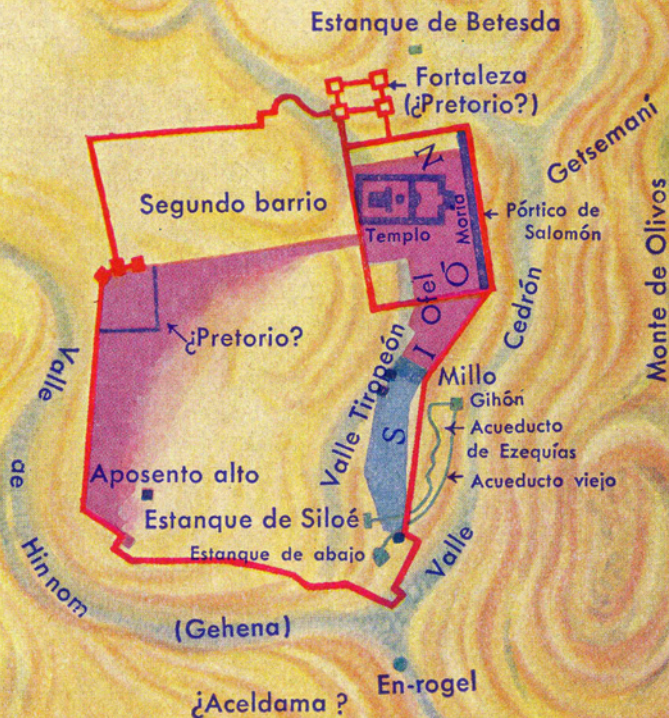
JERUSALÉN

- Ciudad de David
- Agregado por Salomón
- Muros en los días de Jesús

ESCALA DE METROS

0 100 200 300 400 500

Muro que Herodes Agripa comenzó
(42 d. de J.C.)



terra. Estranhamente, algumas das fontes brotam do solo perto de ou no próprio cume dos planaltos da Palestina, tais como as que circundam Jerusalém e Hebron. Onde há água, também há vegetação. Por esta razão as montanhas de Judá e Efraim estão salpicadas de pequenos vales verdes entre morros arredondados, cinzentos e áridos. Mas êstes morros não foram sempre rocha árida: nos tempos antigos os nativos fizeram terraços nos morros para conservar a terra preciosa e não permitir que as chuvas torrenciais do inverno a levassem para baixo. Conquistadores destruíram os terraços ou os deixaram abandonados, com o resultado de que aquilo que uma vez era terra fértil e até florestas é agora uma mistura de rocha sem vegetação.

Entre as montanhas de Judá e Efraim e as planícies costeiras há uma região de espigões separados um do outro por pequenos vales. Estas colinas que formam a transição entre as montanhas e as planícies são chamadas *sefelá* na Bíblia hebraica. *Sefelá* é às vêzes traduzido “planície”, e às vêzes “vale”. Era uma região apropriada para a criação de gado e rebanhos. Ali se encontravam oliveiras, e os sicômoros cresciam em abundância. Voltando-nos para o sul das montanhas de Judá, verificamos que o terreno se aplaina para formar o planalto árido de Sinai, embora a leste a cordilheira continue ao longo do canto oriental da península de Sinai. Esta região de montanhas, outeiros e planícies entre o *sefelá* e as montanhas de Judá por um lado e a península de Sinai pelo outro, e que corre do Mediterrâneo até o Mar Morto, se chama *negeb* na Bíblia hebraica. *Negeb* significa “sêco; queimado”. Aqui o homem e o animal realmente dependem de poços de água, não de mananciais. Parte é cultivável e parte é deserta. Na ponta inferior e mais ou menos no lugar em que o *negeb* se encontra com o próprio deserto se acha o fértil oasis formado pelas fontes de *Cades-Barnéia*. Na estação chuvosa mesmo no deserto os leitos dos rios, que parecem desfiladeiros, se enchem de torrentes de águas, enquanto no verão estão secos e quentes.

Agora dirija a vista outra vez para o norte aos majestosos picos cobertos de neve das montanhas do Líbano, e daí passe o olhar um pouco para o leste e deixe-o descansar naquele vale verde aconchegado entre as cordilheiras do Líbano e do Anti-Líbano. Por estreito que seja, êste vale fendido começa perto de Antioquia ao norte, corre para o sul através da Terra Prometida e continua até atingir o mar Vermelho, que é parte dêle. Ao sopé do elevado Líbano pode ver o rio Orontes correr para o norte; olhe mais para baixo e verá o rio Litani (Leontes) correr para o sul. Daí, no sopé do monte Hermon note as nascentes do rio Jordão, que, depois de passar as águas de Merom e pouco antes de atingir o mar da Galiléia, desce abaixo do nível do mar. O vale fendido continua abaixo do nível do mar até atingir o centro de Edom. A parte mais baixa é o Mar Morto, cuja superfície está 393 metros abaixo da superfície do Mediterrâneo.

Ao longo de cada lado do rio Jordão há uma faixa de matagal, de 180 a 1600 metros de largura. Na primavera as enchentes do Jordão inundam esta área do matagal. O fundo principal do vale do Jordão é tanto quanto 45 metros mais alto do que esta depressão da selva. O fundo do vale principal está agora seco e árido, mas em tempos bíblicos era irrigado e mui produtivo. Na Bíblia, aquela parte do vale fendido que jaz entre o mar da Galiléia e o mar Vermelho se chama Arabá. A Arabá ao norte do Mar Morto (vale do Jordão) tem uma largura de três a vinte e dois quilômetros. E vê aquela extensão de terreno estéril e íngreme entre o Mar Morto e o cume das montanhas de Judá? Bem, êste é o lugar desolado onde Cristo Jesus jejuou por quarenta dias e resistiu às tentações especiais de Satanás o Diabo.

Agora deixe o olhar viajar mais uma vez para o norte no mapa físico da Palestina e desvie outra vez a vista para o leste, agora para notar a cordilheira do Anti-Líbano e o monte Hermon. O Hermon, em todo caso, é provavelmente o “alto monte” onde se deu a transfiguração. Note então a ascensão geral do terreno ao longo de tôda a margem oriental do vale

fendido, especialmente notável entre o mar da Galiléia e o Mar Morto. Ao longo de tódá a Palestina êste terreno a leste se eleva para formar um planalto deserto. O terreno que vai de Gilead para o sul não estava incluído nos limites da Terra da Promissão, mas estava ocupado por israelitas.

REVISÃO: 1. Quando se tornou Canaan a “terra prometida”? e quando se cumpriu a promessa? 2. Descreva o monte Carmelo e as planícies ao sul. 3. Que provisão deve usar-se para ajudar na visualização da Terra Prometida? 4. Que nomes designam que partes da longa cadeia de montanhas que se estende ao longo da Palestina entre o Mediterrâneo e o vale fendido? 5. Qual é a composição das montanhas de Efraim e de Judá? e em consequência que acontece com as águas da chuva? 6. Que é (a) a *sefelá*? (b) O *negeb*? 7. Descreva o vale fendido. 8. Descreva em mais pormenores o rio Jordão e o vale do Jordão. 9. Que se diz quanto ao relêvo a leste do vale fendido?

Lição 20

A GEOGRAFIA DE JERUSALÉM

Nos dias de Abraão Jerusalém se chamava Salem. Estava situada pouco a leste da elevação de terreno que corre do norte ao sul entre o mar Mediterrâneo a oeste e o vale do Jordão a leste. Originalmente foi construída sôbre o extremo meridional dum espigão que se estende a leste do terreno elevado e volta-se depois para o sul. A cidade foi construída no cimo dêste contraforte meridional e estava cercada de muros. Era comprida de norte a sul e estreita de leste a oeste, e cobria pouco mais de quatro hectares e meio. A encosta da montanha era íngreme a leste, sul, e oeste; mas ao norte, onde o contraforte continuava a subir, não havia defesa natural. Por esta razão, a parte mais forte do muro da cidade se achava através desta aresta ao norte. Jerusalém está cercada de outeiros, tais como o monte das Oliveiras.

O suprimento de água da cidade era muito importante. No cume da colina não havia fontes. A fonte mais próxima se achava abaixo na encosta oriental quase no vale do Cedron, e se chamava Gihon. (2 Crô. 32:30) As suas águas murmuravam pelo vale do Cedron abaixo. Construir os muros lá em baixo no vale, a fim de incluir a fonte, deixaria a ci-

dade muito vulnerável. Contudo, manter os muros lá em cima no monte para circundar a cidade com fortes baluartes defensivos deixaria a fonte vital de água fora da cidade e facilmente acessível ao inimigo. O problema intrincado foi resolvido por meio duma façanha de engenharia: os nativos escavaram um reservatório dentro da rocha da montanha, fizeram um poço diretamente por cima dêle por um trecho, daí voltaram e escavaram seu caminho de volta à cidade. Os tiradores de água podiam de dentro dos muros da cidade lá no alto descer pelo túnel em declive até o poço, baixar seus baldes por meio de cordas pelo poço ao reservatório e daí puxá-los cheios para cima. Só depois do reservatório estar completamente cheio transbordaria a fonte para o vale do Cedron.

Nos dias de Josué e Davi Jerusalém também se chamava Jebus. Pouco antes dos tempos de Davi a cidade se estendeu para o norte, e um novo muro foi construído ao norte. Na parte ocidental o espaço entre o muro velho e o novo ao norte era de nove metros de largura, mas tornava-se muito mais largo com o desviar do muro velho para o sul. Alguns crêem que o espaço entre êstes dois muros setentrionais era ocupado pela cidadela chamada Milo. A fortaleza ou cidadela originalmente chamou-se Sião, porém mais tarde êste têrmo foi ampliado em sentido para abranger outras partes da cidade. A segurança que os habitantes sentiram se reflete nos escárnios e zombarias que dirigiram a Davi.—2 Sam. 5: 6-9.

Davi ofereceu a liderança do seu exército àquele que subisse pelo canal. A palavra hebraica da qual se deriva “canal” é também variadamente traduzida “curso de água” (*Ver. Norm. Amer.; Young*; em inglês), “aqueduto” (*Roth.*, em inglês), e “poço de água” (*Trad. Amer.*, em inglês). Por isso é muito provável que foi através dêsse poço e túnel que ligava o Gihon à cidade no morro que o ágil Joab, sem dúvida seguido por outros, entrou na cidade e ajudou na captura da fortaleza considerada invulnerável pelos jebuseus. Alguns presumem que a palavra hebraica traduzida “canal” não se re-

fere ao poço e túnel, mas se refira talvez a uma caverna natural no lado da colina, pouco abaixo do muro oriental. No extremo interior desta caverna havia uma abertura em forma de funil que levava à própria cidadela. Quaisquer que foram os meios, Jeová entregou a cidade nas mãos de Davi.

Alguns dos jebuseus se tornaram adoradores de Jeová Deus e eram assim estrangeiros em Israel. Conforme o costume em Palestina, os jebuseus debulhavam seus cereais em superfícies planas e elevadas fora da cidade. Em tal superfície espalhariam o trigo ou outros cereais e deixariam seus bois pisá-los ou arrastar sôbre êles um pesado trenó de madeira com pedras ou agudos pedaços de ferro fixos na parte de baixo, dêste modo debulhando o grão. Daí o lavrador lançaria punhados de grãos ao ar e deixaria que o vento levasse a palha, o grão caíndo na eira. Por esta razão a eira tinha de estar numa elevação.

Nos dias de Davi o jebuseu que estabelecera a sua eira numa elevação do terreno ao norte de Jerusalém se chamava Arauna. Davi a comprou como sítio para o templo, seu filho Salomão o edificou ali e erigiu outros edifícios na encosta meridional em direção à muralha setentrional da cidade de Davi. Sendo assim ligada a esta, Jerusalém se estendeu para o norte, mais do que dobrando o seu tamanho.

Alguns crêem que Salomão construiu outras adições à cidade num contraforte paralelo a oeste. Esta colina era mais larga do que a sôbre a qual se construiu a cidade original e se achava separada dela por um vale longo e estreito, chamado vale Tiropeon por Josefo, mas que parece ter sido aquêlle que na Bíblia é chamado Mactes. Em vez de construir a cidade lá embaixo no vale e deixá-la assim vulnerável, as duas colinas sôbre as quais se construiu a cidade estavam ligadas por uma alta ponte de pedra que se estendia por cima do vale intermédio. No decorrer dos anos a cidade se estendeu para o norte e com o tempo também o vale entre as colinas foi povoado.

Em adição aos vales do Cedron e do Tiropeon, um terceiro

e mui pressagioso vale requer atenção. Os judeus chamavam-no originalmente de *Ge-hinnom*, que significa “vale de Hinom”, mas com o tempo êste nome foi corrompido para *Gehenna* ou *Geena*. O vale ou ravina corre ao longo do lado ocidental de Jerusalém para o canto sudoeste da cidade, onde, ainda se apegando à muralha da cidade, desvia-se para o leste juntando-se ao vale do Cedron. Quanto mais a ravina progride desde o seu início tanto mais se estreita e aprofunda, e ao lado meridional de Jerusalém descende com grande rapidez entre penhascos quebrados. Nesta garganta abrigada e retirada os judeus apóstatas sacrificavam ao deus-demônio Moloc, queimando vivos seus filhos nos fogos sacrificiais. Salomão iniciou esta prática diabólica em Israel, e os horrorosos ritos foram revivificados de tempo em tempo, notavelmente durante os reinados de Acáz e Manassés. (1 Reis 11:7; 2 Reis 16:3; 2 Crô. 28:3; 33:6; Sal. 106:37-39) Jeremias condenou êstes sacrifícios religiosos em Tofet no Hinom, e finalmente o rei Josias desarraigou a idolatria e profanou Tofet por tornar a área cerimonialmente impura. (Jer. 7:31-33; 19:2-13; 2 Reis 23:10) Daí em diante o vale de Hinom, ou Geena, tornou-se o depósito de lixo ou incinerador de Jerusalém onde se queimava o lixo. Agregavam enxôfre para aumentar o poder destrutivo das chamas. Às vezes os cadáveres de criminosos considerados demasiado vis para terem a esperança duma ressurreição eram jogados nos fogos da Geena para se queimarem até se reduzirem a cinzas. Se algum dêstes cadáveres não atingisse o fogo, os vermes o consumiriam. A Geena tornou-se, portanto, um símbolo poderoso, não de tormento eterno, mas de destruição eterna, da qual não pode haver recôbro ou ressurreição.

Jerusalém foi atacada e arrasada em várias ocasiões. Jazia desolada por setenta anos de 607 A. C. a 537 A. C., inteiramente desabitada. A maior extensão alcançada por Jerusalém nos tempos antigos foi nos dias do rei Agripa. As muralhas estendiam-se então muito mais para o norte do que as de hoje e ao sul atingiam o vale de Hinom, ou Geena. Con-

tudo, a cidade moderna se estende muito além das muralhas e cobre mais território do que nunca.

Algumas observações acêrca do clima da Palestina em geral serão aqui de interêsse. Mas não se pode fazer uma só descrição do clima para abranger esta área comparativamente pequena, pois há maiores extremos de clima na Palestina do que em qualquer outro território do mesmo tamanho. Gosta de neve? Suba às montanhas do Líbano. Um ambiente tropical? Dirija-se ao vale do Jordão. E há a planície marítima se gostar do clima subtropical. Mas se ansiar por um clima temperado, as colinas, desde a Galiléia até a Judéia foram feitas para lhe agradar. É ideal ali. Pois, na primavera, depois que as chuvas do inverno saciaram a sede da terra, o sol banha os campos com calor moderado, tentando a relva a cobrir os vales dum novo verde vivo, mimando as flores silvestres a cobrir os morros com côres resplandescentes.

Oh! como se deve ter regozijado Moisés ao estar parado no monte Nebo mais ou menos nesta época do ano e deixar seu olhar passar pela extensão da Terra Prometida numa última contemplação gloriosa dêste panorama colorido! “Numa boa terra, numa terra de torrentes d’agua, de fontes e de abysmos, que se arrebetam nos valles e nos outeiros; numa terra de trigo, de cevada, de vides, de figueiras e de romeiras; numa terra de azeite de oliveiras e de mel; numa terra em que comerás pão sem escassez, e nella não te faltará cousa alguma; numa terra cujas pedras são ferro, e de cujos outeiros poderás cavar cobre.” (Deu. 8: 7-9) Certamente, Moisés não havia exagerado, não, nem mesmo igualado as glórias da Terra Prometida quando assim a descrevera ao acampamento de Israel que esperava nas planícies de Moab.

REVISÃO: 1. Como se achava localizada Jerusalém? 2. Como se assegurou o suprimento de água da cidade? 3. Como cresceu a cidade antes dos tempos de Davi? 4. Como conquistou Davi a fortaleza de Sião? 5. Onde foi construído o templo? e como alargou Salomão depois a cidade? 6. Que informação se dá acêrca do vale de Hinom? 7. Como mudou o passar do tempo a feição de Jerusalém? 8. Que observações se fazem quanto ao clima da Palestina? 9. Como descreveu Moisés o país, e exagerou êle?

AS ESCRITURAS HEBRAICAS

Através dum longo período de onze séculos homens devotados a Jeová Deus escreveram aquilo que agora comumente se chama de “Velho Testamento”. Esta designação não é bíblica. Em seu lugar este livro usa o termo “Escrituras Hebraicas”, porque foi esta a língua em que se escreveu originalmente a maior parte destes escritos, em contraste com a língua grega usada principalmente nos escritos bíblicos de depois de Cristo. Livro por livro, uma cadeia de mais de trinta escritores inspirados contribuíram para o cânon das Escrituras Hebraicas até crescerem ao seu pleno tamanho de trinta e nove livros. Esta secção de *“Equipado para Toda Boa Obra”*, com suas trinta e três lições, traz sob estreito escrutínio cada um destes livros inspirados do cânon hebraico, esboçando seu conteúdo e apresentando informação sobre a sua posição na corrente do tempo e a identificação do seu escritor.

Lição 21

GÊNESIS

Gênesis é o primeiro livro do Pentateuco, cujo nome é uma palavra grega que significa “cinco rolos; volume quíntuplo”. O Pentateuco é realmente um só livro em cinco partes (de Gênesis a Deuterônômio). Mostrando que originalmente era um só livro, o Pentateuco é chamado em muitos lugares “o livro [singular, não plural] da lei de Mosés”. (Nee. 8:1; Jos. 8:31; 2 Crô. 17:9) Sua divisão em cinco rolos (que facilitaria a manipulação) é provavelmente mais antiga do que a *Versão dos Setenta*, mas é nessa versão grega que se encontra primeiro a divisão de “lei” em cinco partes. “Gênesis” significa “origem; princípio”. É o nome que a *Versão dos Setenta* dá a êsse primeiro livro da Bíblia. Na Bíblia hebraica Gênesis toma seu nome da palavra inicial “B^oreshíth” (פְּרָשִׁית), que significa “no princípio”.

Quem foi o escritor de Gênesis? Se pudermos estabelecer isto, então o escritor de todo o Pentateuco se tornaria conhecido, visto que os seus livros eram “o livro da lei”, e todos

de um só autor. A resposta aparece na primeira ordem registrada para escrever: “Disse Jehovah a Moysés: Escreve isto para memorial num livro.” Testemunho adicional é: “Moysés escreveu.” “Disse Jehovah a Moysés: Escreve.” “Moysés escreveu os lugares de que sahiram nas suas jornadas.” Daí o registo expõe que Moisés completou seu trabalho de escrever: “Acabando Moisés de escrever as palavras desta lei num livro, até de todo as acabar, . . .”—Êxo. 17:14; 24:4; 34:27; Núm. 33:2; Deu. 31:24-26, *Almeida*.

Muitos profetas e escritores posteriores da Bíblia atribuíram a Moisés com os primeiros cinco livros, referindo-se a eles como a “lei de Moisés”. O discípulo Tiago fala que “Moysés . . . nas synagogas, . . . é lido todos os sabbados”. Paulo disse: “Moysés escreveu que o homem que pratica a justiça que vem da Lei, viverá por ella.” (Atos 15:21; Rom. 10:5; Lev. 18:5) A evidência testemunhal culminante vem dos próprios lábios de Cristo Jesus: “Pois se tivésseis crido a Moysés, me teríeis crido a mim; porque elle escreveu de mim. Porém se não daes credito aos seus escriptos, como dareis credito ás minhas palavras?” (João 5:46, 47) Então, que importa se nestes últimos dias uma multidão de altos críticos, rivalizando para que se lhes dê atenção, derramam uma torrente infundável de teorias? a escrita atribuída a Moisés, nunca questionada por 3.000 anos, não pode ser contestada com êxito.

Iniciou-se o Pentateuco depois que Moisés foi autorizado a escrever, em 1513 A. C., pouco depois do êxodo. Foi completado quarenta anos mais tarde. (Êxo. 17:14; Deu. 31:24-26) Gênesis, estando em primeiro lugar na ordem do tempo e no início do “um só livro”, foi provavelmente terminado primeiro. Mas surge a pergunta: Como chegou Moisés a conhecer a história do homem remontando até Adão no Éden? Sem dúvida de boca em boca. E não precisava necessariamente passar por tantas bocas. Cinco elos humanos ligam Adão a Moisés. Estes elos são Metuselá, Sem, Isaac, Levi e Amram. Suas vidas se sobrepõem, Metuselá vivendo durante os últi-

mos 243 anos da vida de Adão, sendo Amram o pai de Moisés. Para apoiar esta cadeia de comunicação oral houve tais homens como Lamec, Noé, Abraão, Jacó, etc. Como potente ajuda de memória o espírito infalível de Jeová Deus faria que êstes homens se lembrassem corretamente, e dirigiria aquêles a quem Êle autorizou a escrever, a saber, Moisés. (João 14:26) Mas a Bíblia não diz que a informação histórica se transmitiu a Moisés por tradição oral de geração a geração (de boca em boca). Pelo modo que Moisés escreveu Gênesis êle indica que a matéria foi-lhe transmitida por escrito e não por tradição oral. (Veja-se *A Sentinela* de outubro de 1948.) Sua autenticidade se atesta pelas inumeráveis referências que os profetas e outros escritores bíblicos fazem a êle, inclusive os apóstolos, e por Cristo Jesus ao citar dêle. Muitas das suas profecias se cumpriram maravilhosamente, e outras podem ser vistas agora em vias de se cumprirem. Tudo isto assegura que nunca poderia ter tido uma origem terrestre. O espírito de Deus inspirou Moisés a escrever e o registo é certo.

Gênesis é a mais antiga história do mundo. O primeiro versículo remonta aos tempos mais remotos, dizendo com impressiva simplicidade: “No princípio criou Deus o céu e a terra.” Vinte e seis curtos versículos mais adiante e passaram-se 42.000 anos. Descreveu-se a obra criativa de Deus em seis dias de 7.000 anos cada um. Dia e noite, a descensão de anéis, o aparecimento da terra sêca e o ajuntamento dos mares, a vida vegetal, as luzes para presidir ao dia e à noite, a vida animal seguida de formas mais elevadas de animais terrestres, culminando finalmente na criação do homem e da mulher, todos êstes eventos miraculosos de 42.000 anos passam rapidamente perante nossos olhos. O poder majestoso do Criador é visto em operação.—1:1-31.

A felicidade do primeiro casal humano é de pouca duração. São colocados no Éden, dá-se-lhes a lei de Deus por guia, e recebem um glorioso mandato divino. Aparece então a religião diabólica. O querubim, agora chamado Satanás, rebela-se, seduz Eva, e ela converte seu marido à religião que

acabava de adotar. Dêste ponto em diante tristeza, sofrimento e morte entram na cena terrestre. Assim passou êsse primeiro mundo de justiça. Mas, há um raio de esperança brilhando para os descendentes dispostos à justiça: Deus declara seu pacto edênico e promete-se uma vindoura Semente que esmagaria todos os rebeldes.—2: 1-3: 24.

Caim, o primeiro varão nascido, assassina Abel, a primeira testemunha terrestre de Jeová. O punho da religião diabólica se fortalece; os homens, em hipocrisia, chamam a criaturas pelo nome do Senhor. Os eventos atingem o clímax: começa a vida desenfreada, anjos desobedientes se materializam e convivem com mulheres para produzir uma raça degenerada de gigantes híbridos, e a corrupção e degeneração geral alcançam seu auge. Jeová anuncia um dilúvio que purificaria a terra. Só Noé e sua família sobrevivem ao dilúvio numa arca. O primeiro mundo injusto e ímpio é lavado da terra, e o registro histórico nos traz a 1655 A. M. (*Anno Mundi* significa “no ano do mundo”).—4: 1-7: 24.

Depois do dilúvio Noé e sua família adoram a Jeová, ouvem o pacto eterno, e se lhes declara de novo o mandato divino. Nimrod atinge rapidamente o cúmulo da infâmia como ambicioso ditador do mundo. Ele organiza sua religião e política e procura unificar a estrutura do seu estado total por meio de uma torre de Babel. Em vez disto, segue-se a desunião por causa da confusão de línguas e de muitas raças e reinos divisórios.—8: 1-11: 9.

Passam-se quatrocentos e vinte e sete anos no período pós-diluviano, e Jeová faz uma promessa abençoada a Abraão, uma promessa de abençoar os obedientes por meio da semente de Abraão. Em seguida o relato de Gênesis passa a apresentar a história da família de Abraão e da transmissão da promessa a Isaac e Jacó. Na terra de Canaan nasce Ismael, filho de Abraão por uma escrava. Estabelece-se o pacto da circuncisão. Abraão vê a destruição ardente de Sodoma e Gomorra. Nasce Isaac, e ao Ismael zombar de Isaac, que tinha cinco anos de idade, começa um período de aflição de 400 anos

para o povo de Deus. Isaac é quase sacrificado por seu pai, mas é poupado, e mais tarde se casa com Rebeca, que dá à luz Jacó. Os doze filhos de Jacó se tornam os cabeças das doze tribos de Israel.—12: 1-35: 29.

O relato entra no seu estágio final com a venda do “sonhador” José ao Egito. Ali êle é elevado no reino ao segundo lugar depois de faraó; isto aconteceu por causa duma interpretação inspirada do sonho de Faraó avisando os períodos de sete anos de abundância e de fome. O drama comovente da reconciliação de José com seus irmãos desenrola-se perante os olhos do leitor. Jacó e sua família se mudam ao Egito. Depois Jacó prediz Judá como a tribo real e através da qual virá o Messias. O relato termina com a morte de José, depois que êle prediz o êxodo. E assim terminam os primeiros 2.368 anos da história humana.—37: 1-50: 26.

A maior parte do registo de Gênesis trata da vida e das famílias de três homens: Abraão, Isaac e Jacó. Nestes homens se arraigava a nação de Israel, e o registo acêrca dêles nos leva ao nascimento da Teocracia típica, que foi usada para prefigurar a Teocracia permanente por meio da qual Jeová vindicará seu nome. Através do livro surge sempre a promessa da Semente. Ela foi predita no terceiro capítulo e era a substância da promessa abraâmica. Por isso o tema contido no relato de Gênesis é o de Teocracia e vindicação por meio da Semente prometida da mulher de Deus, tema êste às vêzes violentamente enfatizado por atos de julgamento em vindicação de Deus tais como o dilúvio global e a chuva de fogo sobre Sodoma e Gomorra.

REVISÃO: 1. Que mostra que os primeiros cinco livros da Bíblia eram originalmente um só volume ou rôlo? 2. Que significa o nome “Gênesis”? 3. Como poderia provar quem escreveu Gênesis? 4. Quando se escreveu Gênesis? 5. Como era possível que Moisés conhecesse e acuradamente registasse os muitos fatos e pormenores do Pentateuco, inclusive Gênesis? 6. Que garante a sua autenticidade? 7. Quais são o alcance e os eventos do capítulo 1? 8. O relato de que eventos nos leva a 1655 A. M.? 9. Que ocorreu durante os anos remanescentes até a morte de José em A. M. 2368? 10. Qual é o tema predominante do livro de Gênesis?

Lição 22

ÊXODO

O título do segundo livro do Pentateuco é emprestado da *Versão dos Setenta* grega, na qual é chamado “Exodos”, que significa êxodo, ou partida; i.e. do Egito. “Exodus”, do qual vem a palavra portuguesa “êxodo”, é a forma latina do grego “Exodos”. Este título descreve particularmente a primeira parte do livro. Assim também o título hebraico dêste livro. Nas Bíblias hebraicas é chamado *Ve-Elleh Sh'moth*, “e estes são os nomes”, que são as palavras iniciais do livro. Abreviado, o livro é simplesmente chamado “Sh'móth”, “nomes”; isto é, os nomes dos primeiros israelitas no Egito.

Que Moisés escreveu êste livro, e que a sua composição se deu durante a peregrinação no deserto, já se estabeleceu no estudo de Gênesis mostrando o inteiro Pentateuco como registro divino pela mão de Moisés. Jesus citou de Êxodo e disse que o citado se achava “no livro de Moysés”. (Êxo. 17: 14; Mar. 12: 26) O livro contém a história dos eventos que se deram durante os 145 anos desde a morte de José, no ano 1657 A. C., até 1512 A. C., o ano da ereção do tabernáculo no deserto, no sopé do monte Sinai.

Em Êxodo Moisés relata a ascensão dum novo faraó que, invejando a prosperidade do povo de Deus, lança uma vigorosa campanha anti-semita. Ele os tritura debaixo do calcanhar do estado por regimentá-los num programa de obras públicas. A escravidão e a amarga opressão fracassam; os hebreus continuam a multiplicar-se. Entra em vigor o decreto de matança de todos os meninos recém-nascidos dos hebreus, mas Moisés escapa da política infanticida por ser escondido, e é criado pela filha de Faraó.—1: 1-2: 10.

Quando já crescido, ao defender resolutamente seus irmãos, mata um opressor egípcio. Ele foge a Midian, onde se casa com Zípora, filha de Reuel. Sua fuga se deu na idade de quarenta anos; agora, quarenta anos mais tarde, ele volta ao Egito. Recebeu uma ordem divina para assim proceder, desta

maneira: Enquanto cuidava dos rebanhos do seu parente Jetro ao pé do monte Sinai surpreendeu-se com o fenômeno de ver um arbusto queimar-se sem ser consumido. Deus lhe falou do arbusto. O Todo-poderoso notara a aflição de Israel no Egito, e agora declarava seu propósito de libertá-los, por isso revelando a Moisés o significado do seu nome “Jeová”. Moisés é nomeado para convocar os israelitas à piedade e de exigir do faraó a sua soltura para que tivessem liberdade. —2: 11-4: 28.

Acompanhado de seu irmão Aarão como porta-voz, Moisés convence os israelitas do apôio de Deus pela execução de sinais. Daí enfrenta o faraó do Egito! O resultado é bem conhecido. Nada de liberdade de adoração! foi o seu edito. Nada, a não ser mais serviço nos interesses do estado, foi a resposta. Moisés executa sinais que os magos de Faraó imitam até certo ponto; mas são rapidamente derrotados e o admitem. Com efeitos devastadores as pragas varrem o país: rios se tornam em sangue, rãs vêm sobre a terra, piolhos como o pó por todos os lados, enxames de moscas se seguem, depois a morrinha no gado, a praga das úlceras, a saraiva destruidora, seguida em rápida sucessão pelas pragas de gafanhotos e escuridão, os israelitas sendo poupados da quarta praga em diante. Tudo isto só serviu para endurecer o coração do faraó. Veio então a calamitosa décima praga! Mortos estão os primogênitos do Egito! Antes dela, em 14 de nisan, instituiu-se a páscoa entre os israelitas; depois dela Faraó estava ansioso para que saíssem. Saíram marchando como nação livre. 4: 29-13: 22.

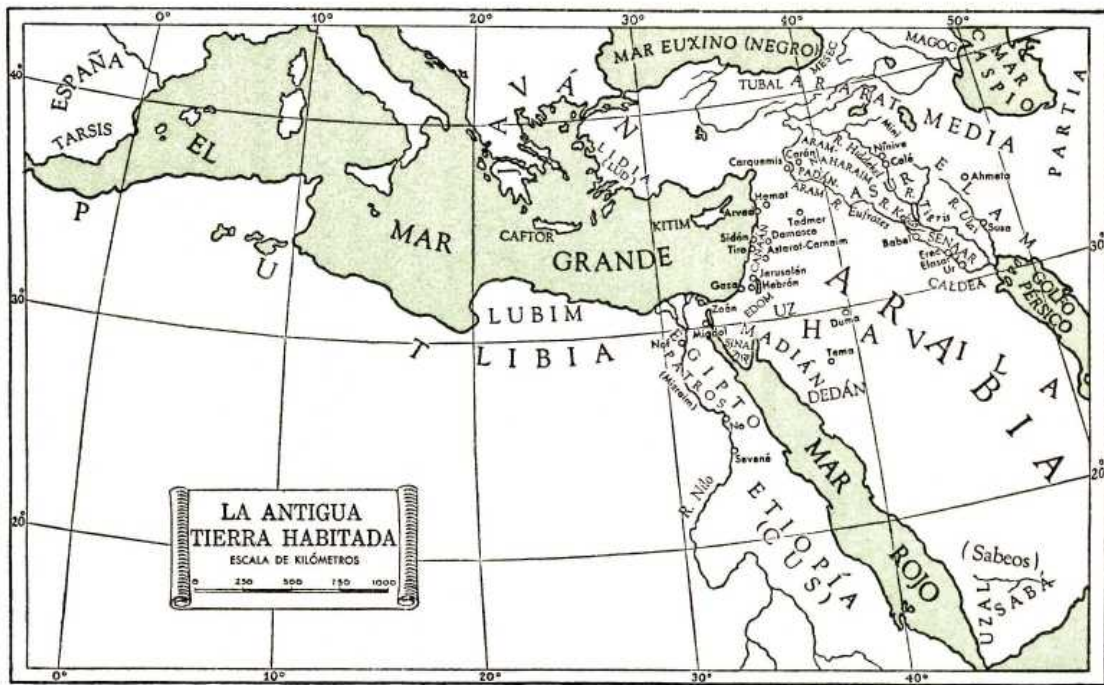
Mas, ainda não se vira tudo do empedernido faraó. Num esforço total e final contra o povo de Deus, êle, com seus exércitos guerreiros, os alcança no mar Vermelho. Moisés estende a sua vara sobre as águas. Um corredor de escape se abre diante dêles miraculosamente, mas se transforma rapidamente numa armadilha de morte para as hostes de Faraó empenhadas em louca perseguição. O mar dividido fecha-se com fúria destruidora e enterra as forças de Faraó num túmulo aquoso. E enquanto o mar em reboição traz a carreira de Fa-

raó a um fim culminante, os libertos israelitas entoam um cântico de vitória na praia.—14: 1-15: 21.

Depois disso começam as variadas experiências da peregrinação no deserto. Jeová envia o maná para alimentá-los; luta por êles derrotando Amalec. Moisés é reunido de novo à sua família pela visita de Jetro, seu parente. Três meses depois do êxodo acampam no Sinai. Ali se inaugura o pacto da lei feito no Egito por ocasião da primeira páscoa. Jeová, por meio de Moisés, grandemente pormenoriza a lei pela qual serão guiados. É epitomizada nos Dez Mandamentos. É para guiá-los à adoração para a qual foram libertos. Mas, mesmo enquanto está sendo dada a Moisés, os israelitas se desviam à adoração idólatra dum bezerro.

Recebem um mandamento específico de Deus para a construção dum tabernáculo. Os israelitas contribuem liberalmente, e artífices experimentados dirigidos pelo espírito de Jeová completam a obra. O tabernáculo é erigido, e o sacerdócio, encabeçado por Aarão, é instalado no cargo em 1 de nisan do segundo ano depois do seu êxodo do Egito. Tudo é aceitável aos olhos de Deus, conforme se manifesta pela nuvem que cobre o tabernáculo e a glória que o enche. Os versículos finais mostram que enquanto a nuvem permanecia sôbre êle os israelitas não marchavam; mas quando se elevava êles levantavam o acampamento. A nuvem de dia e o fogo à noite eram uma segurança confortadora da presença e do cuidado de Jeová. O Teócrata dirigia sua Teocracia típica.—15: 22-40: 38.

Êxodo é o registo do nascimento e organização da nova nação típica de Deus e da história constitucional da Teocracia típica de Jeová. Relata como Israel foi pôsto à parte e libertado a fim de ser para Jeová 'um tesouro peculiar acima de todos os povos, um reino de sacerdotes e nação santa'. Esta é a própria essência do livro.



A canonicidade dêste livro é suficientemente estabelecida pelo fato de que mais de quarenta de suas passagens foram citadas por Cristo e os apóstolos, palavra por palavra ou em sentido. O cumprimento de profecias, tanto em miniatura como cabalmente, prova plenamente a inspiração de Êxodo.

REVISÃO: 1. Qual é o significado do título “Êxodo”? 2. Como provaria que Moisés o escreveu? 3. Quando se registou Êxodo? 4. Que período de tempo é coberto por Êxodo? 5. No início do relato, em que condições de vida encontramos os hebreus? 6. Quais são os eventos até o tempo do êxodo e o fim derradeiro de Faraó? 7. Que eventos se relatam no resto do livro? 8. Qual é a substância ou essência de Êxodo? 9. Dê algumas provas da autenticidade de Êxodo.

Lição 23

LEVÍTICO

“Leviticus” é o termo usado na *Vulgata* latina para designar o terceiro livro do Pentateuco, e êste nome foi adotado nas Bíblias portuguesas. A *Vulgata* emprestou o termo da expressão grega da *Versão dos Setenta* “Levitikón”. Esta terceira parte do Pentateuco é assim chamada porque trata principalmente do serviço dos sacerdotes levitas. Os judeus posteriores, ou rabinos, chamavam-no *Torath Kohanim* (Lei dos Sacerdotes) e também *Torath Qar’banóth* (Lei das Ofertas). Nas Bíblias hebraicas o livro é chamado *Vayyiq’ra*, que é a primeira palavra do livro e significa “e chamou”.—*Almeida*.

Iniciar-se Levítico com a conjunção “e” o liga intimamente com o registo precedente de Êxodo; e assim, mais uma vez aumenta a evidência de que o “livro da lei”, ou o Pentateuco, era originalmente um só livro, registado por Moisés. Que os contribuintes posteriores à Bíblia escrita e o próprio Cristo Jesus reconheceram Moisés como escritor de Levítico se mostra pela ligação que fazem entre o nome de Moisés e as citações dêsse livro. Compare Neemias 8: 14, 15 com Levítico 23: 34, 40-43; Lucas 2: 22 com Levítico 12: 2; Romanos 10: 5 com Levítico 18: 5; e Mateus 8: 4 com Levítico 14: 1-32.

Quanto ao período exato abrangido pelo relato de Levítico há alguma incerteza. Contudo, é certo que não excedeu um

mês. Os seguintes textos mostram que entre o fim de Êxodo e o princípio de Números há um intervalo de um mês, o primeiro mês do ano 1512 A. C.: "E aconteceu no mês primeiro, no ano segundo [depois da saída do Egito], ao primeiro do mês, que o tabernáculo foi levantado." (Êxo. 40:17, *Almeida*) "E o Senhor falou a Moisés no deserto do Sinai, no tabernáculo da aliança, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano depois da saída dos filhos de Israel do Egito." (Num. 1:1, *Soares*) Portanto, o relato em Levítico deve ter-se dado durante êste mês intermédio. O único registo no livro da passagem de qualquer tempo é o dos oito dias consumidos na consagração de Aarão e seus filhos e o oficial dêles depois disso. (Lev. 8:33; 9:1) De tudo isto segue-se que o período coberto por Levítico foi de pelo menos oito dias e no máximo trinta. Visto que Moisés já por êste tempo recebera a ordem de escrever, é possível que escrevesse o livro de Levítico durante aquêle primeiro mês do ano 1512 A. C.

Quanto ao conteúdo, o tabernáculo e sua mobília havendo sido levantado, Levítico se lança imediatamente numa série de leis e ordenanças acêrca das espécies de sacrifícios e dos procedimentos distintivos em relação a êles. Uma análise cuidadosa mostrará um esbôço definido num arranjo tópico. Mais importante é que os regulamentos não eram meros ritos religiosos feitos por homens; não são agora mera história. Que lançavam profeticamente uma sombra de algo vindouro foi testificado pelo apóstolo Paulo: "A Lei prefigurou as bênçãos vindouras." (Heb. 10:1-14, *Uma. Trad. Amer.*; veja-se também Gálatas 3:24; Colossenses 2:16, 17) Nem tôdas as coisas que as leis em Levítico predisseram já se cumpriram completamente (por exemplo, os benefícios dos acontecimentos no antitípico dia de expiação e do jubileu). Êstes fatos tornam o conteúdo de Levítico importante para o dia de hoje e recomendam-no para o estudo sério.

O livro de Êxodo havia concluído com o levantamento do tabernáculo e a nomeação dum sumo sacerdote junto com sacerdotes inferiores para ministrarem no mesmo. Agora surge

Levítico com as suas leis que regulam o acesso do povo a Deus. Os primeiros sete capítulos tratam de ofertas. “Oferta” traduz a palavra hebraica *qorbán*, que tem o sentido básico de “aproximação” ou “achegar-se”, e refere-se àquilo que se traz para o altar. O penúltimo versículo destes capítulos apresenta uma conclusão sumária desta secção sobre ofertas, enumerando as seis classes discutidas: “Esta é a lei do holocausto, da oferta de cereaes, da oferta pelo peccado, da oferta pela culpa, da consagração e do sacrificio de ofertas pacificas.”—7: 37.

Estas ofertas caem em duas grandes secções: sacrificios com sangue e sem sangue. Só os com sangue derramado se contavam como expiadores de pecados, e por esta razão aos consagrados de Deus se proibia beber ou comer sangue. (Lev. 17: 11-14; Heb. 9: 22) As criaturas vivas usadas eram novilhos, ovelhas, bodes, pombos e rôlas. Em poucas palavras, as diferentes ofertas tinham o seguinte significado: O holocausto indicava uma completa dedicação do ofertante a Jeová. As ofertas pacíficas se davam em agradecimento e louvor a Jeová. Ofertas pelo pecado e pela culpa estavam intimamente relacionadas havendo contudo uma distinção. Geralmente falando, parece que a oferta pelo pecado se relacionava ao pecado em geral e real, enquanto que a oferta pela culpa se applicava mais a casos especiais de negligência. Estas últimas se ofereciam só para indivíduos; as primeiras para indivíduos ou para a congregação inteira. As ofertas sem sangue de cereais ou farinha (chamadas “ofertas de manjares” na *Versão Almeida*) reconheciam a bondade de Deus em suprir bênçãos terrestres. As ofertas de consagração dos recém-nomeados sacerdotes, indicavam a plena consagração do oferecedor.

Os capítulos 8 a 10 contêm quase a única narração histórica do livro, dando o relato da consagração de Aarão o levita e seus filhos, o officiar de Aarão no fim do período de sete dias de consagração, e expondo também a oferta de fogo estranho por dois dos filhos de Aarão. Este ato idólatra lhes custou a vida. Os cinco capítulos que seguem apresentam

a lei acêrca de animais puros e impuros e as leis sôbre outras impurezas e a purificação delas. O capítulo dezesseis descreve os procedimentos vitais e típicos do dia anual de expiação. Os remanescentes onze capítulos do livro tratam de leis de santidade e estabelecem os mandamentos acêrca do ano do jubileu com a sua proclamação e observação de "liberdade por toda a terra". Um capítulo exorta à obediência, contrastando suas bênçãos com as maldições que seguem à desobediência. Êste capítulo, o vinte e seis, é altamente profético. Predisse muitas coisas que mais tarde sobrevieram aos israelitas.

A essência de Levítico é o registo da expiação típica e da santificação e santidade do povo escolhido de Jeová. Os muitos sacrifícios lembravam aos homens o pecado herdado de Adão e a necessidade duma expiação. Deviam ter mantido os israelitas atentos ao vindouro Cordeiro de Deus que tiraria seus pecados. Mas, como nação, êles submergiram finalmente na prática de meras obras mortas. A lei guiou apenas um restante a Cristo.

Testificando a verdade de que o livro de Levítico foi escrito por Moisés no deserto está o fato de que um escritor posterior não poderia ter-se colocado tão completamente nos tempos de Moisés. Tudo cheira à vida num acampamento. Parte da legislação até reflete as circunstâncias especiais peculiares àqueles tempos. Por exemplo, todos os animais para alimento foram mortos à porta do santuário. Isto era bem possível enquanto todos se achavam juntos num só acampamento, com o santuário no centro; mas bem inconveniente quando êles se encontrassem espalhados pelas suas heranças tribais na Terra da Promissão, alguns bem distantes do santuário. Por isso, esta ordenança passou por uma modificação uns trinta e nove anos mais tarde, pouco antes da entrada em Canaan. (Deu. 12:15, 20, 21) Confirmando a autenticidade de Levítico estão suas citações nas Escrituras Gregas, e a explicação inspirada dos seus sacrifícios no livro de Hebreus. —Mat. 5:38, 43; 15:4; Rom. 10:5; 2 Cor. 6:16; 1 Ped. 1:16.

REVISÃO: 1. Donde vem o nome “Levítico”? 2. Que outros nomes se dão ao livro? 3. Que estabelece Moisés como escritor de Levítico? 4. Que período de tempo abrange o livro? 5. Por que é Levítico importante para o leitor moderno? 6. De que significado é a matéria dos primeiros sete capítulos? 7. Que contêm os capítulos remanescentes? 8. Qual é a essência de Levítico? 9. Que mantinham em destaque seus regulamentos? 10. Que fato interno confirma a autenticidade de Levítico?

Lição 24

NÚMEROS

Os israelitas peregrinaram pelo deserto por quarenta anos. Os relatos de Êxodo e Levítico vão apenas um pouco além do primeiro ano, e Deuteronômio começa o relato só no fim do quadragésimo ano. O intervalo histórico de trinta e oito anos e nove meses é preenchido pelo livro de Números. (Núm. 1:1; Deu. 1:3) Visto que este livro abrange a maior parte do período de quarenta anos e relata as viagens dos israelitas durante a sua jornada pelo deserto, os judeus chamam-no de *B'midbár*, que significa “no deserto”. É o quarto grupo de palavras do versículo um do livro nas Bíblias hebraicas. Esta é uma designação mais exata do livro como um todo do que o nome “Números”, transportado às Bíblias portuguesas de “Numeri” da *Vulgata* latina e “Arithmoi” da *Versão dos Setenta*. Este último nome pode ser logicamente aplicado só a cinco capítulos no máximo (1-4, 26). Os judeus, conforme seu costume, também chamam o livro pelas suas palavras iniciais, *Vaydabbér* (“e falou”).

Note que aqui também, como em Levítico, o livro começa com a conjunção “e”, ligando-o definitivamente com o precedente. É claramente uma parte daquilo que originalmente era um só livro, já provado como tendo sido escrito por Moisés. Ele é expressamente identificado em Números como o escritor: “Moisés escreveu os logares de que sahiram nas suas jornadas, de accordo com a ordem de Jehovah.” “Estes são os mandamentos e os juizos, que Jehovah, por intermedio de Moisés, ordenou.” (Núm. 33:2; 36:13) Em subseqüentes livros da Bíblia Números é reconhecido como parte da lei mo-

saica. Em prova disso, compare Josué 4:12 com Números 32:20-22, 29; 2 Crônicas 31:3 com Números 28:1-31; e Mateus 12:5 com Números 28:9, 10.

Dessemelhante a Êxodo e Levítico, a terminação de Números tinha de esperar a chegada dos israelitas às planícies de Moab, perto do fim do quadragésimo ano. Números, conforme se explicou previamente, abrange um período de trinta e oito anos e nove meses. Os capítulos iniciais talvez foram escritos mais cedo nesse período, mas, pelo menos do capítulo vinte em diante o relato trata do quadragésimo ano. De fato, não se pode dizer especificamente quando qualquer um dos primeiros cinco livros da Bíblia foi escrito por Moisés. Só porque os eventos finais de Números ocorreram nas planícies de Moab perto do fim da jornada de quarenta anos não quer dizer que o livro inteiro de Números foi necessariamente escrito ali. Se se seguisse êste princípio então se teria de argumentar que todos os cinco livros iniciais da Bíblia foram escritos no décimo primeiro mês do ano quarenta, porque todos eram originalmente um só livro e os eventos finais se deram no fim do quadragésimo ano.

Deve ser lembrado que Moisés não se sentou em cinco ocasiões separadas e escreveu os primeiros cinco livros. Ele não fez tal divisão em seus escritos. Nem esperou até o fim do período de quarenta anos para escrever então de uma só vez o que agora são os primeiros cinco livros. No início da peregrinação de quarenta anos êle foi mandado a escrever. (Êxo. 17:14) Sem dúvida, pouco depois, começou a obedecer a êsse mandamento. É razoável que, depois de registrar aquilo que agora é Gênesis e atualizar o relato, Moisés manteve em dia o registo adicionando a êle de vez em quando. Nesta base se declarou nas lições anteriores que a matéria agora conhecida como Êxodo e Levítico foi provavelmente escrita no monte Sinai. Um arrazoamento similar argumentaria que a matéria de Números com o passar do tempo foi agregada ao registo divino, e não compilada tôda em poucos dias no fim do longo período que cobre. Antes de deixarmos a questão do tempo,

é digno de nota que o relato de Números não está estritamente em ordem cronológica. Os primeiros quinze versículos do capítulo nove citam eventos que não ocorreram no período entre o fim de Levítico e o início de Deuteronômio, mas no mês anterior, supostamente coberto em Levítico.—Núm. 1: 1; 9: 1.

Números combina narrativa histórica com escritos legislativos, e até alguma poesia hebraica de grande fôrça e beleza (6: 24-26), para apresentar aos seus leitores o resumo da jornada pelo deserto. O que se destaca neste relato é a organização intimamente ligada da “cidade” ambulante de milhões de israelitas. Contaram-se os homens de guerra. A cada tribo foi assinalado seu lugar no acampamento ao redor do tabernáculo; cada tribo recebeu seu lugar na ordem de marcha. Sinais de trombeta governavam os assuntos do acampamento. Moisés estava em cargo por nomeação teocrática, e sob seu comando havia setenta servos organizacionais para apressar o funcionamento do acampamento. Acima de tudo, vigiava e dirigia o grande Teócrata. Era êle quem governava seus movimentos, indicando por meio da nuvem de dia e do fogo de noite quando deviam marchar e quando deviam permanecer acampados.

Os levitas estavam especialmente organizados. Eram contados separados dos homens de guerra, pois por decreto divino deviam ter completa isenção do serviço militar. Estavam encarregados de cuidar do tabernáculo; não estavam sujeitos a treinamento e serviço militar. (1: 47-54) Os levitas estavam divididos em três turmas segundo à sua descendência dos três filhos de Levi (Gerson, Coate e Merari); e seus deveres quanto ao tabernáculo, e sua posição no acampamento, se governavam mediante esta divisão por famílias. Seu tempo de serviço era fixo, dos vinte e cinco anos de idade aos cinquenta anos, depois de que ocupavam cargos de superintendentes e conselheiros. (8: 23-26) Outra instrução de serviço abrange os dentro dos limites de trinta a cinquenta anos de idade, e especifica sua designação para serviço no transporte do tabernáculo. (4: 3, 23, 30) O período maior de serviço mencionado

no capítulo oito provàvelmente toma em consideração o período de treinamento e prova de cinco anos de duração, desde a idade de vinte e cinco até os trinta anos de idade. Os plenos privilégios do serviço sacerdotal começavam aos trinta anos de idade e se limitavam a Aarão e seus descendentes.

Muita da matéria registada em Números trata das leis acêrca de ofertas, festas, ciumes, heranças, cidades para os levitas e cidades de refúgio, votos e outros regulamentos. O resto do livro é na maior parte histórico, pormenoriza as jornadas dos israelitas no deserto, suas provas e tribulações, suas rebeliões e punições, suas murmurações e provações, e suas libertações e conquistas. Em espírito murmurador suspiram por carne; cometem o pecado de Baal-peor; são visitados por pragas; duas vêzes há rebelião contra a regência teocrática (Miriam e Aarão contra Moisés; e alguns levitas, encabeçados por Coré, Datan e Abiron, que cobiçavam o sacerdócio confiado a Aarão e seus filhos); Jeová concede vitória sôbre os amareus e Sihon e Og; os esforços do rei Balac para amaldiçoar Israel só resultam em bênção; os midianitas são despojados e Balaão morto; e até Moisés perde o privilégio de entrar na Terra Prometida, por causa duma transgressão. (20:10-12) Aarão participa neste último pecado, e por isso é também excluído da entrada em Canaan. No quadragésimo ano Eleazar é empossado no cargo de Aarão como sumo sacerdote, e Josué recebe o cargo de sucessor de Moisés. Na contagem final dos israelitas nas planícies de Moab havia 601.730 (homens de vinte ou mais anos de idade, os levitas excluídos); só dois dêstes, Caleb e Josué, os dois fiéis dos doze que foram enviados a espiar a terra de Canaan, haviam sido contados juntos com os 603.550 originaes, cêrca de trinta e nove anos antes. Dêste modo se cumpriu ao pé da letra a sentença de Jeová contra a geração rebelde. (14:26-35) Deram-se finalmente instruções para que se designassem aos levitas quarenta e oito cidades da Terra Prometida, seis delas sendo reservadas como "cidades de refúgio" às quais o homicida acidental poderia fugir e refugiar-se.

A autenticidade de Números se prova pelos seguintes fatos: Muitos dos regulamentos de Números são aplicáveis apenas à vida num deserto e num acampamento, o que mostra que a matéria foi registada sob estas condições. (33:2) A candura do escritor testifica a veracidade do registo. Ele não esconde os pecados da sua nação ou da sua própria tribo. Além disso, o registo expõe a infidelidade do sobrinho do escritor (morto pelo Senhor por oferecer um fogo estranho) e a conduta sediciosa de seu próprio irmão e irmã. Não poupa nem a si mesmo, relatando seu pecado que o excluiu da entrada na Terra da Promissão. —20:7-12, 24.

A canonicidade de Números é ainda confirmada pelas referências a incidentes registados neste livro ou por citações diretas feitas por outras testemunhas inspiradas de Jeová. O profeta Miquéias refere-se ao registo de Números, em Miquéias 6:5. Jesus aponta a Números e Moisés, em João 3:14 e 5:46. Paulo confirma o registo de Números acêrca das serpentes que destruíram o povo (1 Cor. 10:9) e o pecado de Baal-peor (1 Cor. 10:8); Pedro e João referem-se ambos ao pecado de Balaão registado em Números, enquanto Judas se refere à rebelião de Coré bem como à de Balaão. (2 Ped. 2:15, 16; Apo. 2:14; Judas 11) Além disso, formando originalmente parte de um só rôlo, sua canonicidade fica também provada pela evidência aduzida aos outros quatro livros daquele rôlo original, agora coletivamente chamado Pentateuco.

REVISÃO: 1. (a) Como veio a ser chamado "Números" este quarto livro da Bíblia? (b) Que nome judaico do livro é mais apropriado, e por quê? 2. Por meio de que evidência se estabelece quem o escreveu? 3. Quando se escreveu o livro de Números? 4. Que período de tempo é coberto pelo relato de Números? 5. Que tipos de escritos abrange o registo? 6. Que fatos revelam uma organização compacta do povo? 7. Que luz se lança sobre o serviço dos levitas? 8. (a) Que legislação aparece em Números? (b) Que história? 9. Que evidência prova que Números é canônico?

Lição 25

DEUTERONÔMIO

O título do quinto livro da Bíblia foi emprestado da designação da versão grega *dos Setenta*, “Deuteronómion”. É um termo composto, que junta *deúteros*, significando “segunda”, e *nómos*, que quer dizer “lei”. Portanto, o nome dêste livro significa literalmente “segunda lei” e denota uma repetição de leis previamente dadas. Por causa desta declaração renovada de certas leis, junto com uma revisão ou repetição da história da peregrinação de quarenta anos no deserto, os rabinos o chamam de *Mishnéh Hattoráh*, que traduzido é “repetição, duplicata, ou duplo da lei”. Muitas vêzes o chamam simplesmente de *Mishnéh* (repetição; duplicata; duplo). Parece que êste nome significativo foi adotado tanto pelos rabinos como pelos tradutores da *Versão dos Setenta* do versículo 18 do capítulo 17, onde se manda ao rei ter uma cópia ou duplicata da lei: “Quando se assentar sobre o throno do seu reino, fará escrever para si uma COPIA DESTA LEI [*mishneh hattorah*, no hebraico; *deuteronómion*, na versão grega *dos Setenta*] num livro, do que está deante dos Levitas sacerdotes.” Isto não quer dizer o “Talmude”.

O escritor do livro, naturalmente, é Moisés, pelas mesmas razões apresentadas para estabelecer que êle escreveu os quatro livros precedentes, já que êstes cinco primeiros livros da Bíblia eram originalmente um só volume ou rôlo conhecido como a lei. O próprio Deuteronômio identifica Moisés como seu escritor, em 31:9, 22, 24-26. O último capítulo, porém, foi provavelmente adicionado ou por Josué ou pelo sumo sacerdote Eleazar, a cujo cuidado Moisés confiou o Pentateuco.

Os eventos relatados começam no primeiro dia do décimo primeiro mês do ano quarenta depois do êxodo. (1:3) O livro de Josué parece continuar a narrativa aproximadamente no sétimo dia do primeiro mês do ano quarenta e um. (Jos. 1:11; 3:2, 3; 4:19) Isto deixa um período de dois meses e uma semana entre o início dos eventos relatados em Deuteronômio e os em Josué. Porém trinta dias dêste período de

nove semanas foram gastos no luto pela morte de Moisés (34:8), o que significa que quase todos os eventos de Deuteronômio ocorreram no décimo primeiro mês do ano quarenta, e que no fim daquele mês se completara quase a escrita do livro, a morte de Moisés sobrevindo no décimo segundo mês do ano quarenta, o ano 1474 A. C. (Crê-se geralmente que os eventos do capítulo dois de Josué ocorreram durante o período de luto de trinta dias.

O cenário era a planície de Moab, e ali Moisés declarou a Israel o pacto de fidelidade. (29:1, 9-13) O livro consiste principalmente em três discursos proferidos por Moisés. O primeiro vai de Deuteronômio 1:6 a 4:40. Quase três quartas partes dêste discurso são uma recapitulação daquilo que sobreveio aos israelitas na sua caminhada de quarenta anos para Canaan. Mas não é uma lição de história seca e sem rodeios: através dela aparecem constantemente observações quanto à importância da obediência e como por ela se podiam ter evitado calamidades. Então, com o começo do quarto capítulo, êle passa a um clímax emocionante com uma fervorosa exortação à obediência, declarando, "Agora, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes; afim de que vivaes, e entreis e possuuaes a terra que Jehovah, Deus de vossos paes, vos está dando."

Por citar ilustrações concretas das terríveis consequências da rebelião contra Deus e Sua lei, Moisés edificara poderosamente seu discurso para o clímax. Êle exortou para que esta nova geração evitasse os erros da velha geração que morreu no deserto, para que estudassem a lei de Deus, que a ensinassem a seus filhos, que buscassem o Senhor e guardassem seus mandamentos e entendessem que só Jeová é Deus do céu e da terra, e, acima de tudo, para que se guardassem contra os laços da idolatria. Foi de fato um poderoso discurso!

O segundo discurso se estende de 5:1 a 26:19 e contém uma recapitulação da lei dada em Sinai, com algumas modificações e ampliações. Assim como o primeiro discurso não era só um relato histórico, também o segundo não era uma

mera recapitulação de leis e ordenanças. Moisés falou fervorosamente do coração e expressou na sua revisão da lei a necessidade vital de obediência. Ele repetiu os Dez Mandamentos, explicando em particular cada uma das ordenanças pertencentes a êstes, adicionando outras não mencionadas anteriormente. Enfatizou que os israelitas deviam amar o estrangeiro dentro das suas portas, e por isso refrear-se de oprimir a classe do estrangeiro. Confirmou tôda a lei de maneira solene e comovedora, expressando as preciosas promessas aos que a guardassem e os julgamentos seguros contra aquêles que a quebrantassem propositadamente. Em conclusão apresentou francamente perante o povo suas responsabilidades e obrigações pactuadas: “Hoje fizeste Jehovah dizer que te será por Deus, e que andarás nos seus caminhos, guardarás os seus estatutos, os seus mandamentos e os seus juízos e ouvirás a sua voz. Jehovah hoje te fez dizer que lhe serás por seu proprio povo, . . . de modo que, acima de todas as nações que elle fez, te exalte para seu louvor, renome e honra; afim de que sejas um povo santo a Jehovah teu Deus, como disse.” —26: 17-19.

No terceiro discurso os anciãos de Israel acham-se associados com Moisés. (27: 1-30: 20) Sua importância principal consiste nãs maldições pela desobediência, junto com as bênçãos pela obediência. Por isso Moisés conduziu os israelitas ali presentes a um pacto especial de fidelidade, em adição ao pacto inaugurado quarenta anos antes no monte Horeb. (29: 1) Os seis versículos de conclusão são incomparáveis pela sua honesta simplicidade, beleza e fôrça. Os últimos dois rezam: “Chamo hoje o céu e a terra por testemunhas contra ti, que te propuz a vida e a morte, a bençã e a maldição. Escolhe a vida para que vivas, tu e a tua semente, amando a Jehovah teu Deus, obedecendo á sua voz e apegando-te a elle; pois isso [êle, Almeida] é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias. Escolhe a vida para que habites na terra que Jehovah prometeu com juramento a teus paes, a Abrahão, a Isaac e a Jacob, que lhes havia de dar.”—30: 19, 20.

Depois disso o livro se encerra logo. Moisés entrega aos levitas a lei para leitura pública regular, por meio d'ele Deus encarrega Josué, e então Moisés apresenta a Israel seu cântico inspirado e profético. (31: 30; 32: 1-43) Depois de abençoar as doze tribos, Moisés sobe ao monte Nebo, contempla a Terra Prometida, e morre.

Este último mês da vida de Moisés passado com os israelitas nas planícies de Moab compara-se algo às modernas assembléias teocráticas. Foi um tempo de pausa e refrigério e de inspeção antes do grande empreendimento. Meditação, estudo e exortação estavam na ordem do dia. Os israelitas estavam prestes a entrar na Terra da Promissão. Muitos dos que ali estavam não presenciaram os diversos eventos da jornada no deserto, tendo sido destruída a geração mais velha, com exceção de alguns, especialmente por causa de sua recusa de entrar na Terra Prometida uns trinta e nove anos antes. Os discursos proferidos por Moisés ressaltaram grandemente as consequências desastrosas da rebelião contra o Senhor, definiram claramente as leis e ordenanças de Deus, e apresentaram sem ressalvas as maldições que segura e prontamente se seguiriam à desobediência. Tudo isso impressionou os seus corações com um profundo sentimento pelas suas obrigações como povo do pacto e nome de Deus. Como mostra o ângulo particular do qual Moisés apresentou os fatos, deveriam preparar esta nova geração de israelitas para entrar na Terra Prometida e herdá-la.

Deuteronômio é citado muitas vezes em outros livros da Bíblia, e particularmente nas Escrituras Gregas. Destaca-se neste sentido a profecia que aponta a Cristo Jesus, a quem Moisés prefigurou. Acha-se registada em Deuteronômio 18: 15-19, e o apóstolo Pedro, sob inspiração, tomou estas palavras antigas e mostrou seu pleno significado e aplicação. O cumprimento de muitas outras profecias e tipos e sombras d'este livro testificam abundantemente sua autenticidade.

REVISÃO: 1. Qual é a origem do nome "Deuteronômio"? (b) Qual é seu significado? e por que é apropriado? 2. Quem

escreveu o livro? 3. Que período de tempo abrange? 4. Quando foi escrito? 5. Em que, principalmente, consiste o seu conteúdo? 6. (a) Que contém o primeiro discurso? (b) Por que foi um discurso tão poderoso? 7. De que trata o segundo discurso? 8. Qual é a importância do terceiro discurso de Moisés? 9. Com que informação termina logo o livro? 10. Por que eram tão apropriados os discursos? 11. Que testifica da genuinidade dêste livro?

Lição 26

JOSUÉ

Com a composição dêste livro Jeová introduziu no serviço seu segundo amanuense ou escritor. Moisés fôra usado para escrever os primeiros cinco livros, mas Moisés já estava morto. Milhões de israelitas e seus companheiros estrangeiros se achavam postados na margem oriental do Jordão esperando o sinal para cruzar. A entrada na Terra Prometida, esperada durante quarenta anos de peregrinação no deserto, estava próxima. Transgressores pagãos seriam expulsos; batalhas pelejadas. Em uma palavra, acontecimentos momentosos estavam prestes a se desenvolver—acontecimentos feitos mais momentosos ainda pelo significado profético que continham. (1 Cor. 10: 6, 11) Precisavam ser registados para a posteridade, para perdurarem até os limites dos “últimos dias”, do século vinte de Cristo. Aquêle cujo nome designa êste sexto livro da Bíblia foi usado por Jeová como segundo escrivão: “Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus.” (24: 26) Os últimos versículos (24: 29-33) foram obviamente adicionados mais tarde sob a direção de Jeová.

Alguns disputam que Josué fôsse o escritor, mas o seguinte versículo prova que o relato foi escrito por um contemporâneo daqueles tempos: “Josué conservou em vida a Rahab, a prostituta, e á casa de seu pae com tudo o que ella possuia. Ella ficou habitando no meio de Israel até o dia de hoje [o dia em que foi escrito o registo].” (6: 25) Josué era a pessoa lógica. Treinado sob a tutela do seu predecessor Moisés, teve naquele homem de Deus um bom exemplo de como registrar eventos. A tradição judaica atribui a Josué sua escrita, e o Registo das Escrituras apoia e confirma esta crença. Quando

foi completado? Mais ou menos no ano 1454 A. C., o ano provável da morte de Josué. O livro cobre a história de Israel abrangendo os vinte anos de aproximadamente 1474 A. C. a 1454 A. C. Seu nome “Josué”, uma contração do hebraico “Jehoshua”, significa “Jah salva”. A forma grecizada é “Jesus”. (Vejam-se Atos 7: 45 e Hebreus 4: 8, e notas marginais na *Versão Rei Jaime*, em inglês, e na *Versão Figueiredo* quanto ao último texto.)

Pouco depois da morte de Moisés Jeová proclama qual o princípio fundamental para o êxito de Josué: “Sê corajoso e forte, . . . Não se apartará da tua bocca este livro da lei, mas meditarás nelle de dia e de noite, para que cuides de fazer tudo o que nelle está escripto. Então farás prospero o teu caminho, e serás bem succedido.” (1: 1-9) A razão do êxito de Josué não era sêgrêdo; e a fórmula é igualmente certa hoje para os servos de Deus. Um sumário do conteúdo dêste livro mostra absoluto êxito no serviço.

Depois de receber o cargo, Josué agiu imediatamente. Espias foram enviados para reconhecer a primeira cidade cananéia, Jericó. O povo prepara alimentos, pois em três dias atravessariam o Jordão. Os espias voltam com boas notícias, ajudados na sua missão de reconhecimento por Raab, disposta para a justiça. Apesar do estado de inundação, os israelitas cruzam em tempo o Jordão. O poder de Jeová parou e acumulou e fêz retroceder a torrente; e os israelitas a cruzaram em terra sêca. Pedras memoriais apropriadas foram erigidas para lembrar o milagre. (2: 1-4: 24) Seu primeiro acampamento em Canaan foi em Gilgal, e foi ali que se executou a lei de Jeová sôbre a circuncisão, celebrou-se a páscoa, o maná deixou de cair, e os israelitas começaram a comer os frutos da terra de Canaan. Foi também ali que ocorreu um evento de importância relativo à luta que se seguiria. Josué viu um homem parado com a espada na mão, e perguntou, “Ês tu por nós, ou pelos nossos adversarios?” Veio a resposta emocionante, “Não; mas agora estou aqui como capitão do exercito de Jehovah.” (5: 13-15) Êste poderoso Chefe das hostes invisíveis de Jeová

era sem dúvida o Verbo, o Filho unigênito de Deus, e a sua presença no início duma guerra estrênuua assegurava a vitória.

E as subseqüentes batalhas constituíram uma marcha vitoriosa, e indicaram claramente a mão poderosa do “capitão do exercito de Jehovah”. Em primeiro lugar veio a esmagadora derrota da grandemente fortificada Jericó. No sétimo dia de rodearem a fortaleza pagã Jeová arrasou seus muros e abriu o caminho à vitória. Depois caiu Ai, no segundo ataque, empregando-se o estratagema duma emboscada. O poder dos reis cananeus do sul quebrou-se na série seguinte de encontros, e especialmente em Gibeão. Os gibeonitas chegaram a Josué em Gilgal, e por meio duma artimanha arranjam uma aliança entre êles e os israelitas. Isto provocou uma confederação de cinco reis, encabeçada pelo de Jerusalém, os quais avançaram contra os gibeonitas. Em marcha forçada Josué e seus exércitos se apressaram a auxiliar os sitiados, e Jeová exaltou Seu poder por administrar um golpe atordoador aos reis confederados de Canaan.

Foi nesta ocasião que Jeová atirou do céu grandes pedras de saraiva sôbre o inimigo em fuga, matando mais do que os israelitas com a espada. Daí, um milagre ainda maior! Josué gritou, “Sol, detem-te em Gibeon, e tu, Lua, no valle de Aijalon.”- O Senhor ouviu, e o sol estendeu seu tempo de brilhar pelo espaço dum dia inteiro. (10:11-14) Altos críticos, que não crêem na Bíblia, tentam dar uma explicação derogatória do milagre de Deus de parar o sol no seu curso, ou pelo menos de reduzi-lo ao mínimo por dizer que foi uma ilusão ótica, um êrro na hora do dia, ou qualquer outro substituto insípido. A Palavra de Jeová é um relato verdadeiro, no qual homens de fé confiam, e não é necessário impor ao registo da Bíblia teoria humana e especulação vã. A luta do Armagedon, prefigurada por esta batalha em Gibeão, testemunhará atos de Jeová em escala muito maior, que convencerão, ao custo das suas vidas, aquêles que mofaram do poder de Jeová de operar milagres.

A fama de Josué se espalhou. Ao norte os caudilhos cana-

neus se aliaram e reuniram uma hoste numerosíssima, plenamente equipada para a batalha, junto às águas de Merom. Josué virou as suas hostes para o norte e caiu súbitamente sobre os inimigos combinados em Merom. Estes foram dispersos, e Josué passou pela parte setentrional de Canaan numa arrancada vitoriosa que aumentou sua lista de conquistas a trinta e um reis, alistados em Josué, capítulo 12. O inimigo não foi extirpado pela campanha; êsse não era o propósito de Jeová naquele tempo. (Deu. 7: 22; Juí. 2: 20-23) Seu poder e resistência organizada, porém, estavam quebrados.—11: 23; 21: 43-45.

Passaram-se seis anos de quase constante guerra desde a travessia memorial do inundado Jordão. Veio então a divisão da terra entre as tribos para sua herança. Foi também durante êste período de divisão da terra que o tabernáculo da congregação foi erigido em Silo, as quarenta e oito cidades designadas aos levitas, e seis delas designadas como cidades de refúgio. (20: 1-9; Núm. 35: 6, 7) Daí, depois dum período indeterminado de tempo, Josué reuniu a nação e num discurso de despedida ofereceu conselho sábio, exortou-os a serem valentes na luta e avisou-os contra os laços da religião demoníaca. Subsequentemente passou em revista as poderosas obras do Senhor a favor do Seu povo, exortando-os a servir a Jeová antes do que a deuses pagãos, e lhes expôs claramente a questão em jôgo com estas palavras: “Escolhei hoje a quem haveis de servir; . . . Eu e minha casa, porém, havemos de servir a Jehovah.”—24: 14, 15.

Assim o livro de Josué regista a história da conquista de Canaan na fôrça de Jeová, a divisão da Terra Prometida entre as doze tribos, o estabelecimento do tabernáculo em Silo, a localização dos levitas, e as duas incitantes exortações finais de Josué. Bem prefigura como o Josué Maior, Cristo Jesus, qual executor de Jeová, livrará a terra de todos os inimigos de Deus no Armagedon. Jah salva!

REVISÃO: 1. Que eventos momentosos estavam impendentes por ocasião da morte de Moisés, que tornaram necessária a manu-

tenção de registos adicionais? 2. Quem usou Deus para ocupar o lugar de Moisés no escrever, na composição do sexto livro da Bíblia? 3. Quando se completou o livro? 4. Que período de tempo cobre? 5. Qual é a fórmula divina para se ter êxito? 6. Que eventos se narram até o tempo da batalha de Gibeão? 7. Como consideram os altos críticos esta batalha? e que atitude adotam os homens de fé? 8. Que batalhas completam a conquista? 9. Que obra se completou nos seis anos seguintes de guerra? 10. Que exortação final dá Josué?

Lição 27

JUIZES

"Juizes" é uma tradução do nome hebraico *Shophetím*, que se deriva de *shahphát*, significando "julgar, vindicar, punir, governar". É aplicado aos governadores ou juizes visíveis na Teocracia típica desde o tempo de Moisés até o reinado de Saul. Não foram eleitos para o cargo, mas nomeados por Jeová. O cargo não passou aos descendentes, como sucedeu mais tarde com a realeza. Os juizes não receberam honorários, nem viveram em pompa. Eram servos de Jeová e administravam nos interesses do povo.

Quem foi o escritor do livro? A resposta não pode ser dada com certeza, mas o pêso da evidência aponta Samuel. Alguns atribuem o livro a Ezequias, outros a Esdras, e ainda outros sustentam que foi a obra de Finéias. O tempo da composição do livro parece limitar o campo das possibilidades a um homem só, a saber, Samuel. A frase repetida de que tal e tal evento ocorreu no tempo em que "não havia rei em Israel" indica claramente que havia rei quando se escreveu o registo. (17: 6; 18: 1; 19: 1; 21: 25) Além disso, no tempo em que foi escrito os jebuseus se achavam ainda em Jerusalém: "Os filhos de Benjamim não expulsaram os Jebuseus que habitavam em Jerusalem; maos elles ficaram habitando com os filhos de Benjamim em Jerusalem, até o dia de hoje [o dia de se escrever o relato]." (1: 21) Mas logo no início do reinado do rei Davi os jebuseus foram subjugados. (2 Sam. 5: 6, 7) Portanto, o registo deve ter sido escrito durante o reinado do primeiro rei de Israel, Saul; Finéias viveu muito

tempo antes dêste período, e Ezequias e Esdras muito depois. A evidência circunstancial indica Samuel como escritor.

O total dos anos em que juízes regeram em Israel não pode ser estabelecido com segurança porque o tempo de alguns dos juízes ocuparem o cargo foi em parte simultâneo com o de outros, e outras dificuldades cronológicas complicam a questão do tempo dêste período. Mas parece bastante certo que o tempo dos juízes desde que Josué assumiu o cargo até a entronização do primeiro rei israelita foi de cerca de 356 anos. A esta cifra se chega da seguinte maneira: Segundo 1 Reis 6:1, Salomão começou a edificar o templo no ano quatrocentos e oitenta depois do êxodo. Isto foi no quarto ano do seu reinado. Davi reinara antes dêle por 40 anos, e Saul, antes de Davi, por outros 40 anos. Adicionando-se a êstes 84 anos os quarenta anos gastos no deserto, que terminaram ao Josué assumir o cargo, chegamos a 124 anos. Subtraindo-os dos 480, restam 356. Dar-se então ao período dos juízes o número redondo de 350 anos não viola a declaração em Atos 13:19, 20, como pareceria ser o caso quando se lê essa referência na *Versão Almeida*. Traduções, que fazem uso dos melhores dados disponíveis sôbre manuscritos até a data, dissolvem a dificuldade levantada pela *Versão Almeida* de 1681.—Vejam-se a *Versão Brasileira*, e *Novo Testamento Revisado*.

O período dos juízes foi um tempo turbulento da história de Israel. Esteve marcado por altos e baixos, na proporção da sua obediência e desobediência. Por impelir a guerra contra os transgressores pagãos da Terra Prometida os israelitas chegaram ao pleno poder. Mas êles não expulsaram os demonólatras; em vez disto submeteram-nos à escravidão. Conforme Deus avisara, êste proceder levou os israelitas aos laços da religião demoníaca. (Deu. 7:16) Fizeram compromissos e se aliaram aos habitantes do país, e deixaram de desarraigar e completamente destruir a religião demoníaca; antes, tornaram-se escravos dela. Por isso Jeová disse, “Não os expulsarei de diante de vós, mas elles vos serão por cilada, e os seus deuses vos serão laços.” (2:3) Deixando-se enlaçar

pela idolatria, “a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e os deu na mão dos roubadores, e os roubaram; e os entregou na mão dos seus inimigos ao redor, e não puderam mais estar em pé diante dos seus inimigos. . . . E levantou o Senhor juizes, que os livraram da mão dos que os roubaram. . . . Porem sucedia que, falecendo o juiz, tornavam e se corrompiam.” (2:14-19, *Almeida*) O Senhor deixou estas nações pagãs no país para provar se os israelitas andariam no caminho da verdadeira adoração ou na religião demoníaca. —2:20-23.

Os primeiros dois capítulos de Juizes tendo preparado o ambiente, os altos e baixos daqueles séculos passam com rapidez perante os olhos do leitor. Os israelitas se submergem na adoração de Baal, sofrem debaixo do rei da Mesopotâmia, clamam ao Senhor, e são libertos por êle por meio do juiz Otniel e levantados à verdadeira adoração. (3:5-11) Passam-se quarenta anos, e êles se precipitam novamente na idolatria. Esta vez é a lâmina aguda do punhal do juiz Aod, no diafragma gordo de Eglon, que é usada para trazer a libertação. (3:12-30) Mas, depois de cada libertação e subida ao alto nível da adoração verdadeira de Jeová, os israelitas começam logo a confraternizar com os mundanos adoradores de demônios da terra de Canaan. Estas más companhias corrompem a boa moral e adoração correta, e os instáveis israelitas succumbem de novo à religião falsa e ceifam a colheita de calamidades divinas. Em ciclos regulares esta sequência de eventos reaparece vez após vez ao se repetir a história no livro de Juizes.

É como Deus de justiça que Jeová os faz pagar pelas suas recaídas na religião falsa, mas, como Deus de misericórdia, os ouvidos dêle estão sempre abertos aos seus sinceros gritos de arrependimento. Então vem a libertação e com ela uma demonstração do poder divino e um ato de vindicação. Miraculosa foi a libertação no tempo do juiz Barac, quando as hostes de Jabim sob o capitão Sísera ostentaram seu poderio mecanizado perante o pequeno bando de Barac, pouco antes do que

parecia ser uma vitória segura e fácil. No momento cruciante as janelas do céu pareceram abrir-se, e a intempestiva borrasca elétrica relampagueando e trovejando lançou chuvas torrenciais, quebrando o poder dos opressores cananeus. (4: 1-5: 31) Depois chegou o tempo em que o fazendeiro Gideão foi feito juiz e com um bando escolhido de 300 completamente derrotou o extenso arraial dos midianitas pilhantes, por uma manobra divinamente dirigida. (6: 1-8: 35) E lembre-se como aquêle lutador Jefté levou os seus guerreiros a uma irresistível investida vitoriosa contra os amonitas, destroçando seu poder sôbre Israel, e como seu desejo de ajuda divina foi enfatizado por um bem-considerado voto devidamente cumprido pelo serviço de sua filha virgem no tabernáculo de Siló. (11: 1-40) Mas, talvez o juiz mais conhecido seja o forte Sansão. Foi êle quem matou um leão só com as mãos, incendiou os campos dos filisteus virando cauda a cauda 150 pares de chacais, soltando-os nos trigais depois de acender um facho entre cada par de caudas, matou mil demonólatras com a queixada nova dum jumento, levou consigo os pesados portões de Gaza, e na morte matou mais inimigos pagãos do que em vida derrubando sôbre a sua própria cabeça o templo de Dagon quando estava cheio de demonólatras.—13: 1-16: 31.

Os capítulos 17 e 18 relatam a idolatria dum homem de Efraim, chamado Mica, que tentou estabelecer a sua própria forma de adoração, passando por alto a adoração estabelecida do Senhor no tabernáculo em Siló. O resultado desastroso dos assuntos fica de pé como aviso contra os atalhos religiosos. Os três capítulos finais de Juízes contêm a experiência horrosa dum levita de Efraim. Depois de conciliar um desentendimento doméstico, êle está em caminho de volta a casa quando os homens de Gibeá (uma cidade benjamita) abusam tão baixa e animalisticamente da sua concubina que ela morre. Êle corta seu corpo em doze pedaços, manda um a cada tribo, e descreve mais tarde o ato horrível dos homens de Gibeá às tribos que posteriormente se reúnem. Os benjamitas recusam entregar os ofensores de Gibeá, e em resultado sua tribo quase

é extirpada de Israel. O capítulo final mostra de que modo se guardou um voto e se executou um estratagema para preservar a tribo de Benjamim. Estes últimos cinco capítulos não se encontram em ordem cronológica. Seus eventos ocorreram realmente no princípio do período dos juízes, mas são anexados ao fim do livro como uma espécie de apêndice.

Que o livro de Juízes é autêntico se demonstra pelas numerosas citações e referências que a êle fazem outras partes das Escrituras Hebraicas e também das Escrituras Gregas. O décimo primeiro capítulo de Hebreus é um exemplo. O livro não honra a homens, nem mesmo aos juízes usados como libertadores. Suas proezas vieram de Deus. As coisas exaltadas são a justiça, a misericórdia e a longanimidade de Jeová.

REVISÃO: 1. Qual é a origem e o significado do nome "Juízes"? 2. Que informação geral se dá acêrca dos juízes? 3. Quem escreveu o livro? e por que dá esta resposta? 4. Qual é a duração aproximada do período dos juízes? 5. De que modo preparam os primeiros dois capítulos o ambiente para o que segue? 6. Que duas libertações se narram no capítulo 3? e quais foram as razões para os altos e baixos de Israel? 7. Que outras libertações são brevemente mencionadas, conforme contidas nos capítulos 4-16? 8. Que se narra nos últimos cinco capítulos? e em que relação ao livro como um todo se acham os capítulos finais? 9. Que prova a autenticidade do livro? 10. Que ou quem honra?

Lição 28

RUTE

O conceito geral é que o livro de Rute não é mais do que uma simples narrativa de vida pastoril ou rural, sendo bastante patética no início, florescendo, porém, mais tarde numa linda história de amor. Não é um mero idílio. O propósito de Jeová em fazer o registo da Bíblia não é para entreter, mas para instruir, e especialmente para instruir nestes "últimos dias". Os eventos dramáticos do livro de Rute estão cheios de significado profético. "Rute" significa "amiga, amizade; aparência, beleza".

É incerto quem escreveu o livro e quando foi escrito. A opinião geral o atribui a Samuel, embora muitos sustentem que

foi escrito depois do seu tempo. A frase inicial, “Nos dias em que os juizes julgavam,” indica que havia começado o tempo dos reis em Israel quando se escreveu o livro. Visto que Samuel foi o provável escritor, e visto que êle morreu antes da ascensão de Davi ao trono, a composição foi terminada provavelmente durante o reinado de Saul. Determinando ainda mais definitivamente o tempo de sua escrita, a menção da linhagem de Davi nos versículos finais sugere que êle já era de alguma preeminência, havendo sido antes disso ungido por Samuel. Também as palavras de introdução, “nos dias em que os juizes julgavam,” colocam os eventos do drama no tempo dos juizes. Embora o registo não o diga, a evidência circunstancial sugere que ocorreram durante e depois da regência do rei moabita Eglon. O relato de Rute cobre um período de tempo de pelo menos onze anos.—1: 2-4; 4: 13.

O relato destaca nitidamente a lei do matrimônio levirato, dando uma ilustração rara e admirável da sua aplicação. (Deu. 25: 5-10) Além disso, seu significado aumenta neste caso pelo fato de que foi um meio de manter intata a linhagem real de Judá que levava a Davi, e ulteriormente ao Davi Maior, Cristo Jesus. Considere os eventos narrados que levam a êste clímax.

O primeiro capítulo revela uma fome que assolava a terra de Judá e uma família fugindo dos seus estragos. Elimelec e sua espôsa Noemi, com seus dois filhos Malom e Quiliom, buscam refúgio em Moab. O marido morre naquele país e os dois filhos se casam com duas moabitas. Depois de dez anos de peregrinação Malom e Quiliom morrem, sem filhos. Restam as três mulheres e nenhuma semente para Elimelec. Só um casamento levirato poderia prover uma semente, e só em Israel havia parentes qualificados para cumprir a lei. As três mulheres voltam-se para o ocidente e começam a jornada para Judá. Duas vêzes adverte Noemi às jovens moabitas da escassa possibilidade de arranjar um marido e lar numa terra estranha e as convida a calcular as despesas. Elas o fazem. No segundo aviso uma delas volta para trás; a outra, Rute, faz

um apêlo tocante e professa sua resolução determinada, dizendo: “Para onde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que tu pousares, pousarei eu: o teu povo será o meu povo e o teu Deus o meu Deus. Onde quer que tu morreres, morrerei eu, e alli serei sepultada. Isto me faça Jehovah, e ainda mais, se outra cousa que a morte me separar de ti.” (Vers. 16, 17) A anciã Noemi e sua nora Rute viajam para Belém, chegando lá no princípio da sega da cevada.

O segundo capítulo leva o assunto um passo mais perto do clímax, localizando o parente chegado no qual se centralizavam as esperanças de prover uma semente para Elimelec. A diligência de Rute e o respeito de Boaz pelo direito de respigar conferido ao estrangeiro abrem o caminho; mas sem dúvida era Jeová quem dirigia os eventos. Seu primeiro dia de trabalho a encontra respigando atrás dos segadores de Boaz, um judeu de meia-idade. As averiguações de Boaz acêrca da moabita o inteiram da lealdade de Rute para com Noemi e da sua disposição de abandonar sua própria casa e terra natal para morar entre o povo de Jeová. Ele se mostra amistoso, diz-lhe que não respigasse em outros campos a não ser os seus, provê-lhe alimento para o meio-dia, e faz que se lhe mostre favor especial no trabalho de respigar. Quando Rute relata à sua sogra a sorte bendita no campo de Boaz, Noemi vê nisto a mão do Senhor. Segundo as instruções de Noemi, Rute continua a respigar no campo de Boaz tanto durante a sega da cevada como da do trigo.

O capítulo 3 traz o assunto a uma decisão, prepara a cena para um arranjo em harmonia com a lei do matrimônio levirato. Noemi diz, “Não te procurarei descanso, minha filha, para que te vá bem?” Recomenda-lhe então ir de noite a Boaz na eira e deitar-se aos seus pés. Mas ela não estava sugerindo um comportamento imoral. Noemi era demasiado velha para participar no casamento levirato; portanto Rute agiria em seu lugar. Dêste modo foi correto que ela buscasse “descanso” ou o estado matrimonial para Rute. Deitar-se Rute aos pés de Boaz não era uma proposta para relações im-

puras, mas um convite para que ‘estendesse a sua capa sôbre a sua serva; porque era parente chegado’. (Ver. 9) Êste era o modo simbólico em Israel de tomar uma mulher por espôsa. O proceder aconselhado por Noemi era um convite a Boaz de cumprir a parte do parente no casamento levirato. Êle o entendeu assim, mas havia um obstáculo no caminho: havia um parente ainda mais chegado do que Boaz.

O quarto capítulo do livro mostra como se resolveu esta complicação e relata o clímax e a conclusão do assunto. Um tribunal informal foi chamado à sessão à porta da cidade; o parente chegado foi chamado por Boaz e inteirado dos fatos e da sua responsabilidade. Êle a remiria? Sua resposta foi sim enquanto parecia que aumentaria com isso a sua própria prosperidade, mas foi prontamente mudada em não quando ficou sabendo de que por meio de Rute tinha de suscitar semente para Elimelec, semente que herdaria a terra remida de Elimelec. Esta recusa deixou Boaz como o próximo na linha do resgate. Êle disse ao povo ajuntado no portão, “Vós sois hoje testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo o que era de Elimelech, e tudo o que era de Chilion e de Mahlon. Também a Ruth, a moabita, que foi mulher de Mahlon, tomei-a por minha mulher, para fazer reviver o nome do defunto na sua herança, afim de que o nome delle não seja extinguido dentre seus irmãos, e da porta da sua cidade.” (Vers. 9, 10) Mais tarde Rute deu à luz um filho de Boaz, chamado Obed, que no devido tempo se tornou o avô de Davi. A lei do casamento levirato foi executada, a interrupção na linhagem real evitada, e um significativo drama profético concluído.

Os versículos finais dão a genealogia desde Perez até Davi. Entre Obed e Jessé não se menciona ninguém. Deve-se isso à falta de importância dos elos intermédios, ou que, de Naassom a Jessé, cada um viveu até uma idade muito avançada, tendo em idade bem avançada um filho? Esta última conclusão parece ser a correta, e enfatiza os esforços de Satanás

para interromper a linhagem real que levava a Davi e Jesus, e o cuidado de Jeová para que se mantivesse intata.

A autoridade canônica do livro de Rute está suficientemente confirmada pelo fato de que Rute a moabita é mencionada em Mateus 1:5 como uma das antepassadas de Jesus, mas o cumprimento do drama profético nestes “últimos dias” prova irrefutavelmente a sua inspiração divina. Os fatos se harmonizam com o drama e provam veraz o registo.

REVISÃO: 1. (a) Qual é o conceito geral que se tem do livro de Rute? (b) Na realidade, que é o livro de Rute? 2. Quem usou Jeová para escrever o livro? 3. Quando foi escrito o livro? 4. Quando ocorreram os eventos que relata? 5. Que lei lembra e ilustra o relato? 6. Que aumenta o seu significado? 7. Qual é o conteúdo do (a) capítulo 1? (b) Capítulo 2? (c) Capítulo 3? (d) Capítulo 4? 8. Está completa a genealogia que fornece? 9. Como provaria a canonicidade do livro de Rute?

Lição 29

PRIMEIRO SAMUEL

Uma mudança radical veio sôbre a organização nacional de Israel em 1117 A. C. Não que a existência nacional tivesse estado solta e desorganizada para o povo que Jeová havia libertado da escravidão no Egito 396 anos antes; absolutamente não. Mas a mudança de 1117 A. C. se elevava vertiginosamente acima dos anteriores altos e baixos e mudanças. Marcava época: terminava com a era dos juízes, e iniciava a era de reis humanos. Jeová Deus o previu e predisse (Deu. 17:14, 15; 28:36); contudo, veio como um golpe de surpresa para o fiel Samuel. Ao redor dela giram os principais eventos dum livro bíblico que leva o nome do seu profeta-juiz, a saber, “O Primeiro Livro de Samuel.” Vivamo-los através das páginas dêsse registo divino.

O capítulo inicial revela Samuel como resposta à oração duma mulher. Seu nome significa “ouvido de Deus; nome de Deus; nomeado por Deus”. A estéril Ana ora fervorosamente por um filho; faz um voto de devotá-lo ao serviço vitalício do Senhor. O bebê Samuel é a resposta. Ao desmamar o filho Ana o deposita no tabernáculo em Silo para servir a Jeo-

vá, em pagamento do voto. Elí é o sumo sacerdote nessa ocasião, fraco em zêlo por Jeová. De fato todo o zêlo de Israel por Jeová está muito baixo. Elí e seus filhos honram a si mesmos em vez de ao Senhor e agarram egoístamente o melhor das ofertas, semelhante a clérigos. As mensagens divinas contra Elí e sua casa culminam em uma ressonante condenação e mensagem de juízo da parte de Jeová pelos lábios do jovem Samuel. (2: 12-3: 21) Passam-se anos e vem o cumprimento. Numa batalha os israelitas apóstatas abusam supersticiosamente da arca de Deus como se fôsse um feitiço religioso, carregando-a do seu lugar no santíssimo ao campo de batalha. A cerimônia religiosa fracassa, os israelitas fogem, 30.000 são mortos, os filhos de Elí são mortos, e a arca é capturada. Uma calamidade por cima da outra amontoa-se para o clímax desastroso. O relatório calamitoso atingiu os ouvidos ansiosos de Elí com força esmagadora e leva sua vida a um triste fim.—4: 1-18.

Curte é a jornada da arca nas praças fortes dos filisteus. Posta no templo de Dagon, faz o ídolo pagão cair do seu pedestal e destroçar-se. Os asdodeus são afligidos por hemorróidas, e mandam a arca a Gate; os giteus sofrem da mesma praga, e enviam a arca a Ecrôm; muitos ecroneus morrem e os sobreviventes são afligidos por hemorróidas. Uma praga de ratos devasta o país. Depois de sete estrênuos meses os filisteus devolvem a arca a Israel, e 70 israelitas morrem antes que seja apropriadamente colocada em Quiriat-Jearim.—5: 1-7: 1; 6: 19, *Uma. Trad. Amer.* (em inglês).

Com o passar dos anos Israel clama ao Senhor. Eles atendem à exortação de Samuel para jogar fora os deuses pagãos e voltar-se à adoração de Jeová e respondem à chamada de reunir-se em Mizpá. Com ira fanática religiosa os pagãos em redor se opuseram a êste exercício da adoração livre e se aproximaram para os pelejar. Em resposta a uma oração Jeová lançou do céu destruição sôbre os odiados opressores filisteus, e Israel se juntou à luta vitoriosa e derrotou as hostes inimigas confusas e aterrorizadas. Apparentemente o golpe

foi esmagador. Pôs o inimigo em completa debandada e iniciou uma campanha de libertação das cidades israelitas. Os assuntos de Israel haviam melhorado e o juiz Samuel serviu zelosa e incansavelmente para manter a todos informados da ordem teocrática.—7: 2-17.

Passam-se anos, e encontramos-nos no ano 1117 A. C. na corrente do tempo. Todos os anciãos de Israel são vistos de pé diante do idoso e encanecido Samuel em Ramá. Eventos dramáticos impendem. Os anciãos aludem ao fato de que os filhos de Samuel, elevados ao pôsto de juizes, pervertem o julgamento e vendem "justiça" sob o manto de subôrno. (Deu. 16: 18-20) Samuel está velho; seus filhos não são dignos sucessores. Os anciãos chegam ao ponto: "Constitue-nos um rei, como o teem todas as nações." É uma mudança radical o que êles querem! A monarquia é preferida à Teocracia! Aborrecido e desolado, Samuel agiu só ao receber instrução de Jeová: "Ouve a voz do povo em tudo o que elles te dizem; pois não é a ti que elles rejeitaram, mas a mim, para eu não reinar sobre elles." A admoestação inspirada de Samuel pinta então um quadro da perda da liberdade para os israelitas e de regimentação e tributação, e do clamor amargoso que finalmente fariam ao Senhor por causa do rei; mas isso não detém os israelitas na sua determinação de conformar seu govêrno nacional ao das nações pagãs em volta. (8: 1-22) Os capítulos 9 e 10 revelam como Samuel encontra Saul e o unge rei, e a apresentação do rei ao povo.

"Dei-te um rei na minha ira, e tirei-o no meu furor." (Osé. 13: 11) Estas palavras de Jeová resumem a carreira de Saul como rei. A ira de Jeová se manifestou quando a repreensão de Samuel aos israelitas por pedirem um rei foi divinamente apoiada do céu por trovões e chuva durante a ceifa do trigo. (12: 16-19) Saul ganha muitas vitórias na guerra, mas invariavelmente age de modo tolo, demonstrando presunção, fazendo votos impensados, e até violando instruções teocráticas. A preeminência corrompe o seu espírito, e depois de dois curtos anos de reinado a presunção custa à sua casa o reino.

Em pânico, com a perspectiva dum esmagador assalto filisteu, e cansado de esperar pelo Senhor por aguardar a chegada do levita Samuel para oferecer sacrifícios, o benjamita Saul usurpa os deveres levíticos do sacerdote sacrificante e oferece um holocausto. A sentença divina foi: “Procedeste nesciamente . . . agora não subsistirá o teu reino.”—13:1-14.

Tirado em furor! As razões para isso se acumulam constantemente através dos remanescentes trinta e oito anos do reinado de Saul. (Atos 13:21) Houve o tempo em que êle poupou o rei amalequita, Agag, e as melhores ovelhas e bois dos amalequitas, contrário às instruções teocráticas. Sua tentativa de culpar o povo fracassou; não havia tal saída fácil para o rei desobediente! “O obedecer é melhor do que o sacrifício!” foi a decisão, e mais uma vez se declarou a rejeição de Saul como rei. (15:1-35) Depois disso Davi é ungido rei eleito, o espírito do Senhor abandona Saul, e o primeiro rei passa de mal a pior. Os demônios tomam conta da sua mente e corpo. A matança de Golias e as numerosas vitórias de Davi sobre os filisteus só conseguem irritar o ciumento e invejoso Saul. Em várias ocasiões seu ódio abafado irrompe em fúria ardente ao tentar assassinar Davi. Certa vez destruiu até uma cidade inteira de sacerdotes por causa da ajuda que prestaram ao jovem pastor agora forçado a viver como foragido em Israel. (21:1-6; 22:18, 19) No fim se volta aos espíritos demoníacos, cujos agentes humanos êle uma vez destruía. Samuel já morrera por êste tempo (25:1), e numa sessão espírita com a feiticeira de Endor o rebelde Saul tenta falar com o profeta morto. Um demônio personifica a Samuel. Aborrecido, o irritável Saul não recebe conforto do embuste, mas é deixado num estado enervado e de prostração. Suicida-se na batalha do monte Gilboa.—28:3-25; 31:1-6.

Em vivo contraste está Davi. Seu zelo e coragem pela Teocracia lhe ganham muitos amigos e apoiadores, inclusive o filho de Saul, Jônatas. (18:1; 20:16, 17, 42; 23:18; 22:1, 2) Teve várias oportunidades de matar ao perseguidor Saul, mas recusou firmemente levantar a mão contra o ungido do

Senhor. Deixai a vingança para Jeová, era o lema que guiava Davi. (24:1-15; 26:5-11) Perto do fim do reinado de Saul Davi até se refugiou em território filisteu durante dezesseis meses para evitar uma luta decisiva com o endemoninhado rei. (27:1-7) Ali êle permaneceu numa espécie de exílio até a morte de Saul, mas ainda lutando contra os inimigos de Jeová e do Seu povo.—30:1-31.

Nos manuscritos hebraicos originaes Primeiro e Segundo Samuel eram um só livro ou volume. Sua presente divisão se fez primeiro na *Versão dos Setenta*, e se chamava Primeiro e Segundo Reis. A *Vulgata* (e portanto as versões católicas Soares e Figueiredo, de hoje) adota êstes nomes. A *Versão Brasileira* os reconhece de modo secundário, dando-os como títulos alternativos. O livro único original tem como co-escriptores Samuel, Natan, e Gad, os dois últimos sendo contemporâneos de Davi o rei. "Os actos do rei David, os primeiros como os ultimos, eis que estão escriptos na historia do vidente Samuel, na historia do propheta Nathan e na historia do vidente Gad." Os primeiros vinte e quatro capítulos de Primeiro Samuel são geralmente considerados como tendo sido escritos por Samuel; o resto de Primeiro Samuel e todo o Segundo Samuel se reconhecem como vindos das penas de Natan e Gad. (1 Sam. 10:25; 25:1; 1 Crô. 29:29) O livro Primeiro de Samuel inicia sua narrativa pouco antes do nascimento de Samuel e a leva até o fim do reinado do primeiro rei de Israel. Samuel morreu cêrca de cinco anos antes de Saul, na idade de cêrca de 110 anos. Portanto, o primeiro livro de Samuel abrange um período de mais de 115 anos.

CRONOLOGIA DESDE O COMÊÇO DA CRIAÇÃO DA TERRA ATÉ O PRIMEIRO REI DE ISRAEL

Evento	Data A. C.
Início da semana da Criação	46025
Fim do primeiro dia (luz)	39025
Fim do segundo dia (firmamento)	32025
Fim do terceiro dia (terra sêca; vida vegetal)	25025
Fim do quarto dia (sol, lua, estrêlas iluminam a terra)	18025

Evento	Data A. C.
Fim do quinto dia (animais aquáticos, aves)	11025
Fim do sexto dia (animais terrestres; criado o homem)	4025
O dilúvio acaba com o primeiro mundo iníquo	2370
O pacto com Abraão acerca da Semente	1943
Israel muda-se para o Egito	1728
O êxodo de Israel do Egito	1513
Israel entra na Terra Prometida	1473
A Terra Prometida dividida entre as tribos de Israel	1467
Saul torna-se o primeiro rei humano de Israel	1117

REVISÃO: 1. Por que é o ano de 1117 A. C. uma data importante na história de Israel? 2. Que livro da Bíblia cobre a história desse tempo? 3. Como se deu que Samuel veio a servir a Jeová tão cedo na vida? 4. Por que é Elí condenado pelo Senhor? e que sequência de eventos trazem sua morte? 5. Qual é o efeito da jornada da arca nas cidades filísticas? 6. Que destaca o sétimo capítulo do registro? 7. Quando e sob que circunstâncias se faz a exigência dum rei? e a quem rejeitam os israelitas assim? 8. Que aviso rejeitam? 9. Como atuou Saul de modo presunçoso e não teocrático? 10. Que prova que ele se achava dominado pelos demônios? 11. De que modo está Davi em vivo contraste com Saul? 12. (a) Que informação se dá quanto à forma original de Primeiro e Segundo Samuel, e os títulos dados a estes livros da Bíblia? (b) Quem foi usado para registrar o livro original? (c) Que período de tempo abrange Primeiro Samuel?

Lição 30

SEGUNDO SAMUEL

Embora leve seu nome, este décimo livro da Bíblia portuguesa não tem realmente nada que ver com Samuel. De fato, nem se menciona nele o seu nome. Foi escrito por Natan e Gad, contemporâneos do rei Davi. (1 Crô. 29:29) Os vinte e quatro capítulos do segundo livro de Samuel iniciam a narrativa da história de Israel após a morte do rei Saul e a levam até quase ao fim do reinado de quarenta anos de Davi. Cobre, portanto, um período de aproximadamente quarenta anos. É uma história de guerra e derramamento de sangue, misturada com relatos das dificuldades domésticas, fraquezas humanas e pecados de Davi contra o Senhor. A coisa de importância primordial é que por meio destas guerras de Davi as fronteiras da Teocracia típica se estenderam aos limites ordenados por Jeová Deus.

Após lamentar a morte do primeiro rei de Israel e do seu amado amigo Jônatas, Davi procurou conselho do Senhor: "Subirei a alguma das cidades de Judah?" Sim. "Para onde subirei?" Para Hebron. Davi obedeceu, e "vieram os homens de Judah, e ungiram alli a David rei sobre a casa de Judah". (2:1-4) Mas êle não foi aceito por todo Israel. Foi só depois duma longa e sangrenta guerra civil entre a casa de Davi e a casa de Saul que "todos os anciãos de Israel vieram ter com o rei em Hebron, e o rei David fez com elles alliança em Hebron deante de Jehovah. Ungiram a David rei sobre Israel". União nacional, depois de sete anos e meio de guerra civil, chegara a Israel. Os jebuseus foram rapidamente expulsos da fortaleza de Sião em Jerusalém e Davi mudou seu quartel general para aquela cidade, de onde começou a reinar sôbre Israel durante os trinta e três anos seguintes.—3:1; 5:1-7.

Da guerra interna a nação israelita foi imediatamente forçada a entrar em conflito internacional. Os filisteus ao redor vieram para quebrantar o recém-fundado poder unificado de Israel; êles verificam que seu objetivo militar é mera imaginação vã, e êles mesmos são derrotados e dispersados, primeiro na batalha de Baal-Perazim e depois de novo na batalha de Gibeão. (5:17-25) A seguir o registo divino interrompe o relato de guerra por dois capítulos (6 e 7) para mostrar o zêlo de Davi pela verdadeira adoração de Jeová, que resultou em Jeová fazer com Davi Seu pacto para o reino; como êle trouxe a arca do Senhor da sua estadia de mais de setenta anos em Quiriat-Jearim a Jerusalém (mais ou menos no sexto ano do seu reinado em Jerusalém); e como êle aspirava construir um templo ao Senhor no qual a arca pudesse ser abrigada. Mas êste último privilégio, ordena Jeová, será de Salomão. O oitavo capítulo volta a registrar as vitórias de Davi nas batalhas. Os filisteus são derrotados, Moab subjugado, a Síria esmagada, e Edom guarnecido pelo rei Davi.

Depois de relatar a bondade demonstrada por Davi ao filho aleijado de Jônatas, Mefiboset, por amor de seu pai (9:1-13), a guerra entrou mais uma vez em cena. O rei Hanum de Amon

imputa motivos ulteriores a um ato de bondade de Davi, e humilha grandemente os servos de Davi. Para enfrentar a esperada ira do rei israelita, Hanum alicia muitos milhares de soldados sírios. Os mercenários pouco o ajudam. As forças combinadas de Amon e Síria são derrotadas. Um segundo ataque da parte da Síria prova-se tão desastroso para eles que prontamente pedem uma paz em separado com Israel. (10:1-19) Uma continuação da guerra com Amon é considerada no princípio do capítulo 11, mas é prontamente posta de lado para dar lugar ao relato do pecado de Davi com Betsabé, que leva à morte manobrada de seu marido, Urias, na batalha. A plena força do erro e da culpa do rei Davi são manifestas por uma parábola do profeta Natã. A criança nascida do ato pecador morre, mas depois disso Betsabé dá à luz Salomão para Davi. Os versículos finais do capítulo 12 levam a atenção de volta ao conflito com Amon e mostram como Davi dirige o vitorioso assalto final contra a cidade sitiada de Rabá e coloca os amonitas sob domínio israelita.

Dêste ponto em diante, com exceção de um relato de guerra com os filisteus e seus monstros gigantes (21:15-22), o registro de Segundo Samuel trata das dificuldades familiares de Davi e da luta interna em Israel. Um filho de Davi, Amnom, enamora-se de sua meia-irmã Tamar, violenta-a, e depois a odeia. Seu irmão Absalão espera pela oportunidade, e dois anos mais tarde mata a Amnom e foge a seu avô, em Gesur. Depois de três anos volta a Jerusalém e se reconcilia finalmente com Davi.—13:1-14:33.

Mas as dificuldades de Davi com Absalão estavam apenas começando. Este bem-parecido terceiro filho aspirava reinar sobre Israel, e não tinha escrúpulos sobre como ascender ao trono. Primeiro, por suas palavras bonitas “furtou Absalom o coração dos homens de Israel”. (15:2-6) Semeou discórdia entre os irmãos israelitas. Encorajou a mesquinhez e displicência, semeou as sementes da suspeita e descontentamento e cultivou rancores. Censurou a justiça da administração de Davi e colocou-se no papel daquele que endireita o que está

errado. Em poucas palavras, criticou e pacientemente desprestigiou o servo fiel de Deus, Davi, e por meio de astuto contraste elevou-se a si mesmo na estima de muitos israelitas. Colocadas assim as bases, o traçoeiro filho lançou a segunda fase da sua revolta indo a Hebron para levar sua conspiração a frutos mais tangíveis. Ali a conspiração floresceu e finalmente se estendeu sôbre o país na sua terceira fase, o golpe militar. Tão forte é o levante que Davi se vê forçado a abandonar Jerusalém. As fôrças de Absalão tomam posse.—15: 7-37.

O vaidoso usurpador recebeu um bom conselho de Aitofel: Aproveite a vantagem ganha e persiga imediatamente e derrote Davi! Mas, por meio de Husai o Senhor derrotou êste bom conselho e fêz Absalão hesitar e esperar até que ajuntasse um grande exército. Como um rato astuto Aitofel abandonou o barco de Absalão que se afundava e se enforcou. Pouco depois a causa de Absalão naufragou e êle com ela. Suas hostes seguiram a Davi através do Jordão e ao país de Gilead. Na floresta de Efraim os poderosos exércitos se empenham na luta. Vinte mil rebeldes morrem. O terreno escabroso e pesadamente arborizado não facilitava manobras de desenlace e os superados israelitas foram derrotados pelos judeus e postos em plena debandada. Na louca fuga a cabeça de Absalão, com sua luxuriante cabeleira, prendeu-se nos ramos baixos dum carvalho, e nesta posição pouco dignificante e desamparada Joab caiu sôbre êle e o assassinou. Isto foi em direta violação da ordem explícita do rei Davi de poupar a vida de Absalão, e sem dúvida foi a causa de Amasa ser feito capitão das hostes em vez de Joab.—17: 1-14, 22-26; 18: 1-17; 19: 13.

Mas ainda outro levante perturba a paz interna de Israel antes do registo de Segundo Samuel chegar ao fim. Seba, um homem de Belial, benjamita, arrastou consigo Israel numa rebelião. A poderosa tribo de Judá permanece leal a Davi, e os guerreiros da tribo saem atrás de Seba e suas fôrças. Durante a perseguição o oportunista Joab mata seu rival e sucessor

Amasa e toma a si o comando. Cedo Seba se vê encerrado na cidade de Abel, e para salvar a própria pele a cidade sitiada corta a cabeça de Seba e a atira sobre o muro a Joab. Assim termina de modo inglorioso outro levante contra o rei Davi. —20: 1-26.

Os capítulos finais falam de duas visitas por parte do Senhor. A terra de Israel é duramente atingida por uma fome de três anos seguidos. Davi, sempre alerta às ações de Jeová, vê mais do que uma mera coincidência nos três anos sucessivos de colheitas fracassadas e inquire do Senhor a causa. Revela-se que o pecado de Saul e sua casa sangrenta é responsável por terem morto alguns gibeonitas. O direito destes estrangeiros em Israel não fôra respeitado ou sustentado, e se fêz expiação por fazerem morrer sete dos descendentes de Saul. A segunda praga do Senhor se deve a um pecado da parte de Davi. Ele numerou Israel, sem autorização divina. Dá-se-lhe a escolha de três sentenças para expiar seu erro: três anos de fome em adição às fomes passadas, três meses de fuga diante dos seus inimigos, ou três dias de pestilência da parte de Jeová. “Caíamos nas mãos de Jehovah, porque muitas [grandes, *Soares*] são as suas misericórdias; porém nas mãos dos homens não caia eu.” (24: 13, 14; também *Almeida; Figueiredo*) A pestilência requestou as vidas de 70.000 antes que se detivesse nas próprias portas de Jerusalém.

Apesar de tôdas as pesadas calamidades e dificuldades do período relatado em Segundo Samuel, foi um tempo de gloriosas vitórias sobre os inimigos demonólatras. Viu a conquista de tôda a terra de Canaan prometida aos israelitas pelo Dono de tôda a terra e do universo, Jeová Deus. A Teocracia típica alcançara finalmente a extensão dos plenos limites ordenados para ela pelo grande Teócrata, e o pacto para o reino fôra feito com a casa de Davi.

REVISÃO: 1. Quem escreveu Segundo Samuel? 2. Que período da história de Israel abrange? 3. Qual é a coisa de importância primordial no registo? 4. Através de que série de eventos estabeleceu-se Davi finalmente como rei sobre todo o Israel em Jeru-

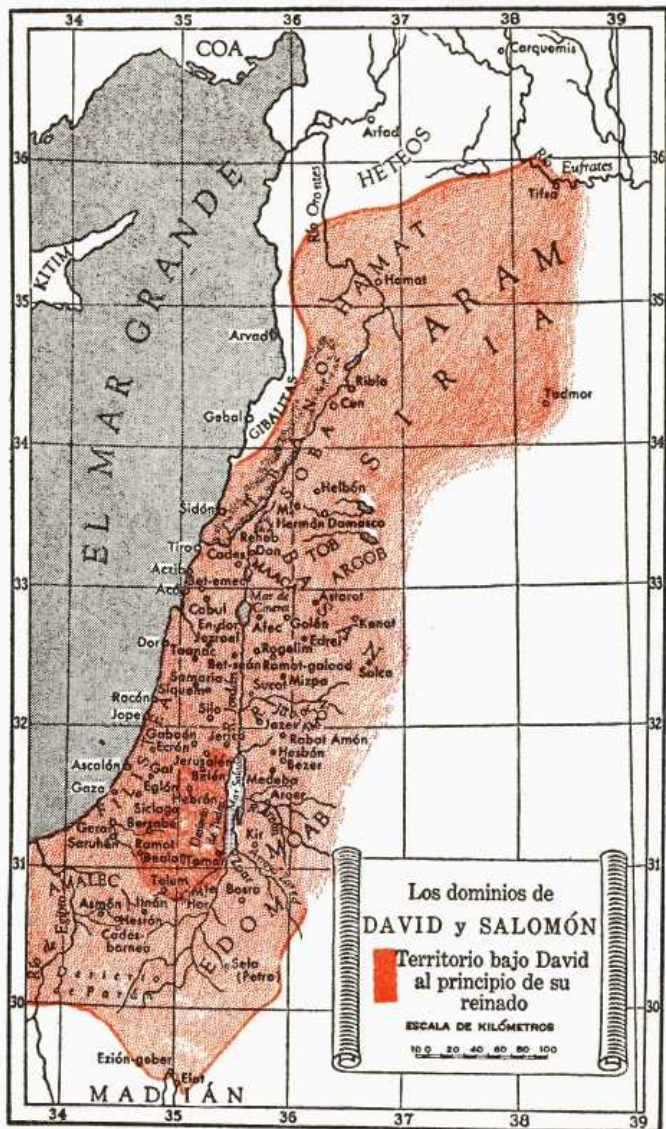
salém? 5. Em resumo, que vitórias em batalhas se citam a seguir? e que revela o zêlo de Davi pela adoração de Jeová? 6. Que experiência tiveram Amon e Síria com os exércitos de Davi? 7. Durante a guerra com Amon, de que grande pecado foi Davi culpado? 8. Que dificuldade familiar surgiu entre Amnom e Absalão? 9. Como procedeu Absalão para executar sua conspiração traiçoeira? e como terminou o assunto finalmente? 10. Que levante adicional contra Davi se descreve? 11. Que duas visitas da parte do Senhor se resumem a seguir? 12. Qual foi a glória desse período?

Lição 31

PRIMEIRO REIS

Originalmente, no cânon hebraico, Primeiro e Segundo Reis formavam um só livro, chamado "O Livro dos Reis". Recebeu a sua presente divisão dos tradutores da *Versão dos Setenta*, e os dois livros assim formados foram designados como o terceiro e quarto livro dos reinos (o primeiro e segundo sendo os que a *Versão Brasileira* e *Almeida* chamam de Primeiro e Segundo Samuel). Visto que Primeiro e Segundo Reis foram originalmente escritos como um só livro, o que se observa a seguir quanto à fonte da matéria e a composição e o provável escritor aplica-se tanto a Primeiro como a Segundo Reis, conforme agora existem nas Bíblias modernas.

Êstes dois livros dos Reis apanham o fio da narrativa histórica onde fôra abandonado por Segundo Samuel e o tecem de forma interessante através de 431 anos desde a ascensão de Salomão ao trono até o fim da comunidade de Israel, no tempo da queda de Zedequias. Quatro versículos finais suplementares nos levam 26 anos adentro do período do cativieiro babilônico, e até ao fim dos dias de Joaquim. O registo não foi escrito por uma cadeia de escritores que viveram durante êsses anos, cada um adicionando seu relato para manter em dia o registo com a passagem do tempo, mas concorda-se geralmente que é uma compilação de registos mais antigos. Três fontes são especialmente mencionadas: o "livro dos actos de Salomão"; o "livro das chronicas dos reis de Israel"; o "livro das chronicas dos reis de Judah".—1 Reis 11: 41; 14: 19, 29.



Estas "crônicas" ou anais não devem ser confundidos com os livros canônicos da Bíblia escritos depois do cativeiro, e que foram chamados Primeiro e Segundo Crônicas. Os registos a que se refere o compilador dos livros dos Reis eram sem dúvida crônicas oficiais mantidas por homens contemporâneos dos eventos registados. Uma coleção era mantida para o reino setentrional das dez tribos e conhecida como as crônicas de Israel, enquanto outra coleção era mantida para as duas tribos de Judá e Benjamim. Não há nem porções originais nem cópias dêstes anais antigos existentes hoje. Seus pontos principais estão preservados nos inspirados livros bíblicos de Reis e Crônicas. Nos dois livros dos Reis fazem-se dezoito referências ao "livro das chronicas dos reis de Israel" e quatorze ao "livro das chronicas dos reis de Judah".

Concorda-se também geralmente que a compilação de Reis se fez por uma só pessoa; mas o acôrdo cessa quanto a quem foi êsse compilador. As duas pessoas mais frequentemente sugeridas são Jeremias e Esdras. As mesmas razões (a serem apresentadas numa lição posterior) que argumentam a favor de Esdras como compilador de Primeiro e Segundo Crônicas tendem também a eliminá-lo como compilador de Reis. Além disso, é improvável que um só homem escrevesse em separado dois registos históricos cobrindo o mesmo período de tempo e tratando da mesma nação e reis. O compilador não pode ser nomeado com certeza, mas o seguinte indica Jeremias:

A tradição antiga atribui a obra a Jeremias. O Talmude refere-se a Jeremias como o escritor, e a opinião geral dos judeus concorda. O estilo e a linguagem de Reis assemelham-se aos dos escritos reconhecidos como de Jeremias. Há palavras e formas de palavras usadas nos seus escritos reconhecidos e em Reis mas em nenhum outro lugar na Bíblia. É verdade que há formas caldaicas em Reis, mas são poucas. Êste fato fez que muitos sustentassem que o compilador devia ter sido levado cativo a Babilônia, o que não se deu com Jeremias. Se as formas caldéias fôsssem muitas, como em Crônicas, êste argumento teria pêso; mas as poucas ocorrências delas

em Reis podem ser facilmente explicadas pela proximidade da Síria, Assíria e Babilônia e das frequentes relações com elas através de comércio e invasões militares. Os escritos reconhecidos de Jeremias contêm formas aramaicas. Algumas porções de Reis e Jeremias são quase idênticas. (2 Reis 24: 18-25: 30; Jer. 39: 1-10; 40: 7-41: 10; 52: 1-34) Jeremias podia facilmente ter até sobrevivido aos eventos mencionados nos quatro versículos finais do relato de Reis e os ter adicionado ao registo, ou eles podem ter sido agregados por uma mão posterior.

É plausível que a compilação foi feita por um profeta, porque o registo se refere continuamente aos profetas e seu serviço e relações com os reis através dos anos. São mencionados por nome e seus atos e palavras registados. Sua influência sobre os reis em governo é célebre. E contudo, não é muito estranho que o nome do profeta Jeremias de Anatot não seja mencionado nem uma só vez nos livros dos Reis? Ele era um dos mais ativos, estava envolvido em ardentes questões políticas do dia, viveu e profetizou durante os reinados dos últimos cinco reis de Judá e até o clímax cruciante da história de Israel como Teocracia típica. Não pode ter sido esquecimento da parte do compilador. Parece que a única explicação lógica é que o próprio Jeremias foi o compilador.

“O Primeiro Livro dos Reis” abre com o relato da tentativa de um dos filhos de Davi, Adonias, de usurpar o trono. Seus desígnios maus são frustrados pela ação rápida por parte do idoso rei Davi; Salomão é ungido rei. (1: 1-53) Os próximos dez capítulos pormenorizam o reinado glorioso de Salomão. Mostram seu pedido por sabedoria divina; a paz e abundância do seu reinado; os muitos campos nos quais se ramificou o seu conhecimento e consecuições; a construção do incomparável templo do Senhor em Jerusalém; sua dedicação daquele templo e a glória do Senhor que encheu o edifício; suas outras atividades construtoras, e a parte que o rei Hiram de Tiro desempenhou em todo este trabalho de construção; suas atividades comerciais e as riquezas aumenta-

das do seu reino; a visita notável da rainha de Sabá, em consequência da fama que se espalhou; e, finalmente, sua queda na religião do Diabo por causa das suas muitas espôsas pagãs. Depois dum reinado de quarenta anos Salomão morre fora do favor de Jeová.

Daí em diante Israel se torna uma nação dividida. Com a ascensão ao trono do filho de Salomão, Reoboão, dá-se uma revolta. Dez tribos separam-se debaixo de Jeroboão, que reina sôbre êles de Siquem no monte Efraim; duas tribos, Judá e Benjamim, junto com os levitas, apegam-se a Reoboão e sua regência de Jerusalém. Dêste ponto em diante o registo de Primeiro Reis alterna os relatos entre os reis de Israel (o reino das dez tribos) e os reis de Judá, mantendo em forma paralela os duplos anais históricos da nação dividida. O êxito ou fracasso da regência de cada rei dependia de um só ponto: Fêz êle o que era mau aos olhos do Senhor, ou fêz êle o que era reto aos olhos do Senhor? A maioria dêles fracassou neste ponto vital.

Quatro reis de Judá vêm e vão no registo de Primeiro Reis: Reoboão, Abiã, Asa e Josafat. No fim do relato reina Jeorão, filho de Josafat. Dos cinco, apenas Asa e Josafat fizeram o que era reto aos olhos de Jeová. De tempos em tempos aparecem reis fiéis na linhagem de sucessão que tratam de impedir a onda crescente de religião demoníaca que arrasta a nação inexoravelmente à sua ruína. Além disso, Jeová Deus levanta muitos profetas para soarem um vigoroso aviso aos apóstatas Israel e Judá. Isto é especialmente notável em Primeiro Reis no caso do reino das dez tribos. Nove homens diferentes ocupam o trono de Israel durante êste período turbulento: Jeroboão, Nadab, Baasa, Ela, Zimri, Tibni e Onri juntos, Onri sòzinho, Acab e Acazias. Todos êstes nove reis fizeram o que era mau aos olhos do Senhor, sem exceção alguma.

Eram vítimas da religião demoníaca. Jeroboão recebeu a confirmação de Deus de que o reino lhe seria assegurado se evitasse o pecado da religião apóstata; mas êle não teve fé.

Rivalizou com Deus no campo da adoração, erigindo ídolos em forma de bezerros em Betel e Dan e impedindo o povo de ir a Jerusalém para adorar a Jeová. (11:26-38; 12:26-33) Israel começou mal; e nunca se recuperou disso. O sétimo rei, Onri, edificou a cidade de Samaria e mudou a capital de Siquém para Samaria. Samaria, portanto, tornou-se símbolo do reino das dez tribos de Israel e ficou como rival de Jerusalém. O filho de Onri, Acab, excedeu a todos os reis anteriores em iniquidade. Ele se casa com a pagã Jezabel e estabelece a adoração de Baal em Israel; Elias prediz uma seca de três anos e meio; Elias desafia os 450 sacerdotes de Baal; eles fracassam em receber uma resposta de Baal, enquanto Jeová consome miraculosamente o holocausto de Elias e o povo reconhece Jeová como Deus e mata os 450 profetas de Baal; Elias, diante das ameaças de Jezabel, foge ao monte Horeb e é mandado de volta por Jeová a fim de ungir Eliseu para tomar o manto de Elias; os sírios sitiavam Samaria e sofrem derrota; Jezabel manobra o assassinio de Nabot para que Acab obtivesse sua vinha, em vista do que Elias profere a sentença de Jeová sobre a casa de Acab e Jezabel. (17:1-21:29) O capítulo final de Primeiro Reis vê o rei Acab ser morto numa campanha conjunta com Josafat contra Ramot-Gilead, o filho de Acab, Acazias, sentado no trono de Israel e o filho de Josafat, Jeorão, no trono de Judá. Cobriram-se cerca de 125 anos da história judaica.

REVISÃO: 1. Por que se aplicam as observações quanto à fonte da matéria, composição, e escritor tanto a Primeiro como a Segundo Reis? 2. Que período de tempo se cobre nos livros dos Reis? 3. Quais são as fontes das quais se compilam os livros dos Reis? 4. Que observações adicionais se fazem quanto a estas fontes? 5. Quem são os dois mais frequentemente sugeridos como compiladores de Reis? e qual deles é eliminado? 6. Que pontos argumentam a favor do outro mencionado como escritor? 7. Que eventos são cobertos nos onze primeiros capítulos? 8. Que divisão se dá a seguir? 9. De que depende o êxito ou o fracasso do reinado de cada rei, e como se enquadrou nisso cada um dos reis mencionados neste livro da Bíblia? 10. De que modo começou mal Israel? 11. De que modo ultrapassou Acab a todos os outros em iniquidade? 12. Quais foram as atividades de Elias durante o reinado de Acab?

Lição 32

SEGUNDO REIS

Com a conclusão de Primeiro Reis ainda nos restam 306 anos da história dos reis judeus. O fim do caminho dos reinos tanto de Israel como de Judá é atingido em Segundo Reis. Embora o historiador inspirado continue em Segundo Reis a levar lado a lado os dois registos dos dois reinos assim como o fêz em Primeiro Reis, esta breve revisão focalizará a atenção primeiro no reino de Israel e o investigará até o seu fim, e daí voltará a atenção ao reino de Judá e o seguirá até os seus dias finais no ano momentoso de 607 A. C.

O filho de Acab, Acazias, é colocado sôbre o trono de Israel, mas não por muito tempo. Um acidente fêz que êle despachasse mensageiros para inquirir de Baal-zebub quanto à sua recuperação. Elias os intercepta, repreende a Acazias por perguntar ao deus pagão de Ecrom, e prediz a morte do rei. Um capitão e cinquenta homens são enviados para trazer o profeta ao rei; fogo do céu os consome. Uma segunda companhia encontra a mesma sorte. Um terceiro grupo humilha-se, e Elias volta com êles ao rei e profere sua condenação que é pouco depois selada na morte. Jeorão ascende ao trono. (1: 1-18) A seguir Elias desaparece da cena. Num redemoinho e carro de fogo êle desaparece em direção ao céu; seu manto de profeta é tomado por Eliseu, que recebe uma porção dobrada do espírito que descansava sôbre Elias.—2: 1-15.

A morte de Jeorão não é registada senão sete capítulos mais tarde, e êstes capítulos estão cheios de ação. (9: 24) Moab rebelou-se contra Israel. Os exércitos combinados de Israel, Judá e Edom marcham ao ataque, mas caem em sérias dificuldades. Jeová por meio de Eliseu indica o caminho à vitória e os moabitas são derrotados. Eliseu multiplica miraculosamente o azeite duma viúva pobre, ressuscita o filho da sunamita, alimenta miraculosamente cem homens, cura Naaman de lepra, faz ferro flutuar, e guia ao rei de Israel a hoste dos sírios atingida pela cegueira quando procuravam levar cativo o profeta. (3: 4-6: 23) Depois disso aconteceu que a Síria sitiou

Samaria; fome aflige a cidade e ela parece destinada a cair. Mas Eliseu prediz um tempo de abundância para apenas um dia mais tarde; e assim aconteceu. Jeová fêz que os exércitos sírios sitiando “ouvissem coisas”; êles retrocedem em apresurada retirada, deixando atrás de si grandes despojos; as provisões e riquezas são tomadas por Israel. (6: 24-7: 20) Depois vem Hazael a Eliseu para perguntar acêrca das esperanças do seu senhor doente, Ben-Hadad, e Eliseu prediz que Hazael sucederia a Ben-Hadad como rei da Síria. Hazael mata a Ben-Hadad para fazer-se rei. No choque subsequente com os sírios Jeorão é ferido, e retira-se a Jezreel para curar as suas feridas. Entrementes Eliseu manda um dos filhos dos profetas a ungir Jeú rei sôbre Israel e a ordenar-lhe que exterminasse tôda a casa de Acab. Jeú dirige seu carro furiosamente a Jezreel, escarnece de tôdas as propostas de paz enquanto as prostituições religiosas de adoração de Baal afligissem o país, e mata Jeorão. Jeú é rei de Israel.

Jeú é o único rei do reino setentrional das dez tribos que consegue fazer muitas coisas boas. Contra a casa de Acab êle age com vingança como executor de Jeová. A iníqua Jezabel morre debaixo dos cascos galopantes dos cavalos do seu carro; as cabeças dos setenta filhos de Acab são amontoadas em duas pilhas diante dos portões de Jezreel; a parentela de Acab em Jezreel é destruída; apanhando no caminho Jonadab, homem de coração reto, Jeú apressa-se a Samaria e elimina ali tôda parentela de Acab; fingindo grande zêlo por Baal, ajunta os adoradores de Baal e os mata; as imagens de Baal são queimadas; o templo de Baal é feito “latrinas”. Por zelosamente executar a comissão de Jeová, prometeu-se a Jeú que a sua casa continuaria a reinar por quatro gerações. Contudo, Jeú não aboliu a idólatra adoração de bezerros nem andou completamente no caminho do Senhor. Durante seu reinado o Senhor permitiu que a Síria começasse a fazer investidas contra tôdas as fronteiras de Israel. Era o comêço do fim para Israel.—9: 30-10: 36.

Depois disso vêm e vão os seguintes como reis de Israel:

Jeoacaz, Jeoás, Jeroboão II, Zacarias, como descendentes de Jeú; e Salum, Menaem, Pecaías, Peca e Oséias. Três interregnos ou intervalos no registo dos reinados, num total de trinta anos, marcam êsse período. Durante êsse período há repetidos choques com a Síria, Jeoás obtendo três vitórias preditas por Eliseu. Eliseu morre durante seu reinado. Nenhum dos reis fêz o bem; todos foram maus aos olhos de Jeová. Finalmente sobe ao trono Oséias, o vigésimo rei de Israel, após assassinar seu predecessor. Êle é subjugado por Salmanasar, rei da Assíria, e paga-lhe tributo. Passam-se alguns anos, e Oséias regateia com o rei do Egito a libertação do opressivo monarca assírio. As hordas assírias inundam rapidamente o reino das dez tribos numa poderosa invasão; em 740 A. C. Samaria cai, depois dum sítio de três anos. O reino setentrional de Israel está condenado à destruição, depois de 258 anos de existência. Os israelitas sobreviventes, com exceção dum pequeno restante que escapou ao reino de Judá, são levados cativos à Assíria. Para tomar seus lugares na Palestina o rei da Assíria transplantou gente religiosa pagã e “pol-a nas cidades de Samaria em lugar dos filhos de Israel; elles possuiram a Samaria e habitaram nas suas cidades”.—13:14-25; 17:1-24.

O reino de Judá sobreviveu ao da outra casa de Israel por 133 anos. Na ocasião da queda de Israel à Assíria Ezequias era rei em Judá. Mas, voltemos agora ao início da história de Segundo Reis, onde encontramos o filho de Josafat, Jeorão, sentado no trono de Judá. Seu reinado de oito anos esteve manchado de iniquidades reais, similares às da casa de Acab. Êle tomou por espôsa a Atália, filha do iníquo rei Acab de Israel. Desta união descendeu o sucessor de Jeorão, Acazias, outro malfeitor. O fim dêle veio quando foi a Jezreel para confraternizar com o ferido rei israelita, Jeorão. Jeú e seus homens acabaram com ambos êstes adoradores de Baal.—8:16-29; 9:27.

Depois da morte de Acazias sua mãe Atália lançou-se numa campanha de assassinio contra a semente real e usurpou o

trono de Judá para si mesma. Contudo, seu neto Joás foi preservado por seis anos nos recintos do templo e depois instalado como rei. O sumo sacerdote Jeoiada não deu importância aos gritos fingidos de “Traição, traição!” levantados por Atália; em vez disso, mandou que fôsse levada para fora e morta. Joás fez que se reparasse o templo do Senhor, e fez aquilo que era reto enquanto Jeoiada vivia. Depois caiu vítima de religião falsa, e sua vida terminou por assassinato. (11: 1-12: 21) Os próximos três reis de Judá, Amazias, Azarias (Uzias) e Jotão, são elogiados por fazerem aquilo que era justo, mas nenhum deles removeu os altos e bosques usados em adoração diabólica. (14: 1-4; 15: 1-4, 32-35) Depois seguiu o abominável reinado de Acaz, que “andou pelo caminho dos reis de Israel, e até fez a seu filho passar pelo fogo”. Mas, se o Diabo se regozijou durante o reinado de Acaz, estava prestes a sofrer um desapontamento e revés quando o filho de Acaz, Ezequias, subiu ao trono de Judá. O expurgo que êle fez da religião falsa foi completo. Abaixo vieram os altos e os bosques; despedaçadas foram as imagens. Êste, então, era o estado expurgado e purificado do reino de Judá quando a destruição veio sôbre o Israel idólatra ao norte, no sexto ano do reinado de Ezequias, no ano 740 A. C.—16: 1-4; 18: 1-10.

Oito anos depois da queda de Samaria, Senaquerib, rei de Assíria, invadiu Judá. Os discursos injuriosos e bombásticos do seu apaniguado Rabsaqué não amedrontam a Ezequias, cuja fé é fortalecida por Isaías. Numa só noite Jeová mata 185.000 assírios e manda o arrogante Senaquerib cambaleante de volta à sua própria terra e morte. (18: 13-19: 37) Os reinados iníquos de Manassés e de Amon são seguidos pelo reinado bom de Josias. Os extensivos consêrtos que êle fez na casa do Senhor trazem à luz um exemplar do livro da lei, as cópias escritas do qual haviam sido perdidas ou ficaram desconhecidas pelas prévias recaídas na religião por parte de Judá. Uma revivificação da verdadeira adoração de Jeová varre o país. Josias manda ler a lei ao povo, dá-se nova ên-

fase ao pacto com Jeová e se destrói a idolatria. (22:1-23:25) Apesar disso, estava próximo o crepúsculo de Judá.

Jeocaz, filho de Josias, foi destronado por Faraó-Neco e substituído por Jeoiaquim. Pouco depois disso Babilônia ganhou definitivamente a luta pelo poder com o Egito, e Jeoiaquim veio sob seu contrôle. Jeoiaquim rebela-se, mas seu filho Joaquim rende-se aos babilônios que cercam Jerusalém. Depois de 37 anos de cativo em Babilônia, Jeoiaquim foi elevado ao favor do rei babilônico. (25:27-30) A nata da população judaica foi levada cativa a Babilônia; Zedequias foi feito rei. Como os três reis precedentes, fêz aquilo que era mau à vista do Senhor. Sua rebelião contra Babilônia no seu nono ano trouxe a completa derrota do pequeno reino de Judá, no décimo primeiro ano do seu reinado. O templo e outros belos edifícios de Judá foram queimados. A maioria dos hebreus foram levados cativos a Babilônia; os poucos que restaram fugiram ao Egito dois meses mais tarde, no sétimo mês do momentoso ano de 607 A. C. O país se achava desolado. A mensagem que Jeová dera a Zedequias por meio de Ezequiel havia-se cumprido: “Eu o transtornarei, transtornarei, transtornarei; também o que é não continuará, até que venha aquelle a quem pertence o direito; e lh’o darei a elle.” —23:29-25:26; Eze. 21:27.

Os dois livros dos Reis e seus anais são uma patente confirmação das predições mosaicas quanto à consequência nacional da obediência e desobediência. Certamente a “nação que tem por Deus a Jehovah” tem de evitar a religião falsa!

REVISÃO: 1. Quantos anos restam da história dos reis judeus? e como são tratados os registos nesta lição? 2. Que experiência teve Elias com Acázias? 3. Quem é o sucessor de Elias? 4. Que acontecimentos marcam o reinado de Jeorão sobre Israel? 5. Que bem consegue fazer Jeú? contudo em que fracassa ele? 6. Quem foram os próximos nove reis de Israel? e que posição ocuparam à vista de Deus? 7. Como e quando chegou ao seu fim o reino das dez tribos? 8. Resuma a história de Judá até o tempo da queda de Israel. 9. Quais foram os pontos destacados dos bons reinados de Ezequias e Josias? 10. Quais foram os eventos turbulentos que marcaram os reinados dos últimos quatro reis de Judá? 11. Que se verifica dos anais dos livros dos Reis?

TABELA de REIS e PROFETAS CONTEMPORÂNEOS e dos EVENTOS RELACIONADOS
(Com Textos Bíblicos Comprovantes)

REIS de JUDÁ	PROFETAS	A. C.	REIS de ISRAEL	PROFETAS
[SAUL] (40 anos) Atos 13: 21	SAMUEL 1 Sam. 10: 1; Atos 13: 20	1117	[SAUL feito rei na primavera] 1 Sam. 11: 15; 12: 1, 2, 17	
DAVI (40) 1 Crô. 29: 27; 1 Reis 2: 11	GAD 1 Sam. 22: 5; 1 Crô. 21: 9 NATAN 1 Crô. 17: 1; 2 Sam. 12: 1-15	1077		
SALOMÃO (40) 2 Crô. 9: 30; 1 Reis 11: 42	NATAN 1 Reis 1: 34; 2 Crô. 9: 29	1037		
REOBOÃO (17) 1 Reis 14: 21; 2 Crô. 12: 13	SEMAÍAS 1 Reis. 12: 22, 23; 2 Crô. 11: 2, 3	997	JEROBOÃO (22) 1 Reis 14: 20; 2 Crô. 10: 12-19	AÍAS 1 Reis 11: 29-31; 1 Reis 14: 1-6 HOMEM DE DEUS 1 Reis 13: 1, 2
ABIÃO (ABÍAS) (3) 1 Reis 15: 1, 2; 2 Crô. 13: 1, 2	IDO 2 Crô. 12: 15; 2 Crô. 13: 22	980		
ASA (41) [1 ano junto com Abiã] 1 Reis 15: 1, 2, 9, 10; 2 Crô. 14: 1; 16: 13	AZARIAS 2 Crô. 15: 1, 2	978		
		977	NADAB (2) 1 Reis 15: 25	
	HANANI 2 Crô. 16: 7	976	BAASA (24) 1 Reis 15: 33	JEÚ, filho de Hanani 1 Reis 16: 1, 7, 12, 13
		953	ELA (2) 1 Reis 16: 8	
		952	ZIMRI (7 dias) 1 Reis 16: 15	
		952	TIBNI e ONRI (4) 1 Reis 16: 21	
		948	ONRI sôzinho (8) 1 Reis 16: 23	
		941	ACAB (22) 1 Reis 16: 29; 2 Crô. 18: 1, 2	ELIAS 1 Reis 17: 1 MICAÍAS 1 Reis 22: 8, 14; 2 Crô. 18: 7-28
JOSAFAT (25) [um ano junto com Asa] 1 Reis 22: 41, 42; 2 Crô. 20: 31	JEÚ, filho de Hanani 2 Crô. 19: 2 JAAZIEL 2 Crô. 20: 14-18 ELIEZER 2 Crô. 20: 35-37	938		

REIS de JUDÁ	PROFETAS	A. C.	REIS de ISRAEL	PROFETAS
		922	ACAZIAS (2) 1 Reis 22: 51, 52	ELIAS 2 Reis 1: 2, 3, 17
		921	JEORÃO (12) 2 Reis 3: 1	ELISEU 2 Reis 3: 1, 11-14
JEORÃO (8) [4 anos junto com Josafat] 2 Reis 8: 16, 17; 1 Reis 22: 42; 2 Crô. 21: 5, 20	ELIAS 2 Crô. 21: 12 JOEL (?)	917		
ACAZIAS (1) [1 ano junto com Jeorão] 2 Reis 8: 25, 26; 9: 29; 2 Crô. 22: 2	JOEL (?)	910		
[RAINHA ATÁLIA] (6) 2 Reis 11: 1-3; 2 Crô. 22: 10-12	JOEL (?)	909	JEÚ (28) 2 Reis 9: 24, 27; 10: 36	ELISEU 2 Reis 9: 1-4
JOÁS (40) 2 Reis 12:1; 2 Crô. 24: 1	ZACARIAS 2 Crô. 24: 19-22	903		
		881	JEOACAZ (17) 2 Reis 13: 1	
		867	JEOÁS (JOÁS) (16) 2 Reis 13: 10	ELISEU 2 Reis 13: 14
		866		
AMAZIAS (29) [3 anos junto com Joás] 2 Reis 14: 1, 2; 2 Crô. 25: 1	HOMEM DE DEUS 2 Crô. 25: 7-9, 15	852	JEROBOÃO II (41) 2 Reis 14: 23	JONAS (?) 2 Reis 14: 23-25; Jonas 1: 1
		837		
INTERREGNO (11) 2 Reis 14: 1, 2; 15: 1	AMÓS Amós 1: 1 OSÉIAS Osé. 1: 1 ISAÍAS Isa. 1: 1	826		OSÉIAS Osé. 1: 1 AMÓS Amós 1: 1
UZIAS (AZARIAS) (52) 2 Reis 15: 1, 2; 2 Crô. 26: 3		811	INTERREGNO (22) 2 Reis 14: 23; 15: 8	
		789	ZACARIAS (6 meses) 2 Reis 15: 8	
		788	SALUM (1 mês) 2 Reis 15: 13	
		788	MENAEM (10) 2 Reis 15: 17	

JOTÃO (16)
2 Reis 15: 32, 33;
2 Crô. 27: 1
ACAZ (16) [1 ano junto
com Jotão]
2 Reis 16: 1, 2;
2 Crô. 28: 1

EZEQUIAS (29) [2 anos
junto com Acáz]
2 Reis 18: 1, 2, 10;
2 Crô. 29: 1

MANASSÉS (55)
2 Reis 21: 1;
2 Crô. 33: 1

AMON (2) 2 Reis 21: 19;
2 Crô. 33: 21

JOSIAS (31) 2 Reis
22: 1; 2 Crô. 34: 1

JEOACAZ (3 meses)
2 Reis 23: 31;
2 Crô. 36: 2

OSÉIAS Osé. 1: 1
ISAIAS Isa. 1: 1
MIQUÉIAS Miqu. 1: 1
OSÉIAS Osé. 1: 1
ISAIAS Isa. 1: 1
MIQUÉIAS Miqu. 1: 1

OSÉIAS Osé. 1: 1
ISAIAS Isa. 1: 1;
2 Crô. 32: 20
MIQUÉIAS Miqu. 1: 1

PROFETAS
2 Reis 21: 10-16;
2 Crô. 33: 10, 18
NAUM Naum 1: 1 (?)

SOFONIAS Sof. 1: 1
JEREMIAS Jer. 1: 1-3;
25: 1-8
HULDA
2 Crô. 34: 1, 8, 22;
2 Reis 22: 3, 14, 15

778

777

775

774

759

755

753

748

745

740

716

661

659

647

642

628

INTERREGNO (1)

2 Reis 15: 17, 23

PECAIAS (2)

2 Reis 15: 23

PECA (20) 2 Reis 15: 27;

2 Crô. 28: 6

ODED 2 Crô. 28: 6-9
[Tiglat-Pileser, rei de
Assíria, aceita paga-
mento de Acáz, captura
Damasco e mata Rezim,
rei da Síria] 2 Reis
16: 7-9.

INTERREGNO (7)

2 Reis 15: 30

[A fundação de Roma]

OSÉAS (9) 2 Reis 17: 1;

18: 1, 9, 10

[Queda de Samaria]

2 Reis 17: 6, 18, 20, 23

REIS de JUDÁ	REIS de ISRAEL	EVENTOS IMPORTANTES
JEOIAQUIM (ELIAQUIM) (11) 2 Reis 23: 36; 2 Crô. 36: 5	JEREMIAS Jer. 1: 1-3 HABACUC (?) Hab. 1: 5, 6; 2: 20	628
	DANIEL Dan. 1: 1-6	625
JOAQUIM (3 meses e 10 dias) 2 Reis 24: 6, 8, 12; 2 Crô. 36: 9, 10		618
ZEDEQUIAS (MATANIAS) (11) 2 Reis 24: 17, 18; 2 Crô. 36: 11	JEREMIAS Jer. 1: 1-3 2 Crô. 36: 11, 12	617
[Jerusalém destruída no quinto mês (Ab)] 2 Reis 25: 2, 8; Jer. 52: 12-14	EZEQUIEL Eze. 1: 1, 2	613 607
	OBADIAS Oba. 11-14 (?) JEREMIAS Jer. 43: 8; 44: 1	607 a 591
	DANIEL Dan. 2: 1, 19 EZEQUIEL Eze. 29: 17	
		588
	DANIEL Dan. 5:13-31; 11: 1	539
		537
[Termina a desolação de 70 anos de Jerusalém] 2 Crô. 36: 21-23; Esd. 1: 1; 3: 1	DANIEL Dan. 10: 1 AGEU Ageu 1: 1 ZACARIAS Zac. 1: 1; Esdas 5: 1	535 520
		[Nabucodonosor reina; ele derruba Nínive, capital da Assíria, e derrota o exército egípcio na batalha de Carquemis no rio Eufrates] Jer. 15: 1; 46: 2; 2 Reis 24: 7
		[Nabucodonosor subjuga Jerusalém e leva cativos à Babilônia muitos milhares de israelitas importantes e essenciais] 2 Reis 24: 8-17
		[A terra de Judá é abandonada e deixada desolada no sétimo mês (Etanim)] 2 Reis 25: 22-26; Jer. 41:1-3; 43:1-7
		[Nabucodonosor invade o Egito e derrota Faraó-Hofra] Jer. 43: 8-13; 44: 1, 11-14, 24-30 [Babilônia cai e Dario reina]
		[Primeiro ano de Ciro] 2 Crô. 36: 20-23
		[Terceiro ano de Ciro] [Segundo ano de Dario II]

[Completada a reconstrução do templo] Esd. 6: 14, 15		516	[Sexto ano de Dario II]
[Reconstruídos os muros de Jerusalém] Nee. 1: 1; 2: 1, 11; 6: 15	MALAQUIAS Mal. 3: 10 (?)	455	[Vigésimo ano de Artaxerxes III]
[Começada a tradução da Versão grega dos Setenta (LXX) da Bíblia]		332	[Domínio grego sobre a Judéia]
		Cêrca de 280	
		63	[Domínio romano sobre a Judéia]
NASCE JESUS (cêrca de 1 de outubro) Luc. 2: 1-17	ANA , profetisa Luc. 2: 36-38	2	[Nasce João Batista, seis meses antes de Jesus] Luc. 1: 26, 36, 57-63
		E. C.	
	JOÃO BATISTA Mat. 11: 9-11	14	[19 de agosto, morre César Augusto; Tibério lhe sucede]
JESUS É BATIZADO e ungido. Mat. 3: 13-17; Luc. 3: 21-23		29	[Ano décimo quinto do Imperador Tibério César de Roma] Luc. 3: 1
JESUS ANUNCIA que está próximo o Reino. Mat. 4: 12-17		30	[Começa a 70ª semana] Dan. 9: 24-27
JESUS MORRE no madeiro (em 14 de nisan). Mat. 27: 37-50		33	[João Batista é encarcerado] Mar. 1:14, 15; Luc. 3: 19, 20
JESUS É RESSUSCITADO dos mortos (em 16 de nisan). Mat. 28: 1-10		33	[Metade da 70ª semana] Dan. 9: 24-27
O espírito santo derramado em Pentecostes. Atos 2: 1-4		33	
Cornélio, o gentio, recebe o espírito. Atos 10: 1-46		36	[Fim da 70ª semana] Dan. 9: 24-27
JESUS ENTRONIZADO como Rei teocrático. Apo. 12: 1-5		1914	[Os "sete tempos", ou "tempos dos gentios", terminam aproximadamente em outubro] Dan. 4: 16, 23, 25, 32; Luc. 21: 24
O REI vem ao templo (na primavera). Mal. 3: 1		1918	[A Primeira Guerra Mundial usada para parar o testemunho acêrca do Reino]

Lição 33

PRIMEIRO CRÔNICAS

Como no caso dos livros de Samuel e dos livros dos Reis, os dois livros das Crônicas eram originalmente um só livro. E de novo foram os tradutores da *Versão dos Setenta* que fizeram a presente divisão. Os tradutores da *Versão dos Setenta*, supondo que êstes livros fôsem suplementos de Samuel ou Reis, ou da Bíblia inteira daquele tempo, chamavam-nos *Paraleipoménon*, que significa “das coisas que foram omitidas”. O nome não é particularmente apropriado; há muita repetição, e, a não ser como ampliação, muito pouco é adicionado que se poderia realmente chamar de novo. O nome “Crônicas” é mais apropriado. É tomado duma palavra grega e significa “história dos tempos”. Os hebreus chamam Crônicas de *Dib-réy Hayyamím*, que significa “palavras dos dias”, isto é, história de dias ou tempos.

Semelhante aos livros dos Reis, os dois livros das Crônicas são uma compilação de registos mais antigos da história judaica. Êstes registos antigos foram mantidos por profetas contemporâneos dos tempos e por cronistas oficiais e escrivães públicos. Alguns dêstes homens são mencionados por nome, tais como Josafat filho de Ailud, Samuel, Natan, Gad, Abias, Ido, Semaías, Jeú, Isaías, e possivelmente um profeta chamado Hozai. (1 Crô. 18:15; 29:29; 2 Crô. 9:29; 12:15; 13:22; 20:34; 26:22; 32:32; 33:19, também Soares e Figueiredo) Os seguintes escritos mais antigos foram usados como fontes de informação: as “chronicas do rei David” (1 Crô. 27:24); o “commentario [história, Almeida] do livro dos reis” (2 Crô. 24:27); o “livro dos reis de Judah e de Israel” (2 Crô. 16:11; 25:26; 27:7; 28:26; 35:27; 36:8; vejam-se também 20:34 e 33:18, considerado também como se referindo aos mesmos anais). O “livro dos reis de Judah e de Israel” não se poderia referir aos dois livros bíblicos dos Reis, visto que o relato de Crônicas envia às vêzes o leitor a êste registo antigo para informação mais pormenorizada, enquanto

os presentes livros canônicos dos Reis contêm até menos informação do que o registo de Crônicas.

Sem dúvida, o compilador de Crônicas, assim como o compilador de Reis, referiu-se aos 'livros das crônicas dos reis de Judá e de Israel', os registos antigos mencionados tantas vezes em Reis e que não devem ser confundidos com os livros bíblicos canônicos das Crônicas agora em consideração. Por último, o escritor de Crônicas certamente fêz uso dos livros bíblicos de Samuel e Reis. Por que não o faria? Prova convincente de que tanto os conheceu como usou é a existência de umas quarenta passagens paralelas entre Crônicas e êstes livros mais antigos, muitas vezes palavra por palavra. Tampouco se pode argumentar que ambos os compiladores usaram os mesmos registos anteriores, pois em muitas das passagens, que são obviamente abreviações dos registos mais antigos, a condensação é idêntica.

A evidência interna de Crônicas, sua fraseologia e linguagem, definitivamente localizam a época que foi escrito em algum tempo depois da desolação dos setenta anos de Jerusalém. Formas caldaicas, raras em Reis, são numerosas em Crônicas. Obviamente, a língua hebraica se corrompera, como foi o caso no fim do cativeiro. Sua fraseologia se iguala às obras do após-cativeiro intituladas Esdras, Neemias e Ester. O precedente nos ajuda a identificar o autor. Crônicas e Esdras foram escritos aproximadamente ao mesmo tempo; a fraseologia e o estilo são iguais; ambos destacam o elemento levítico. Algumas das expressões não são encontradas em nenhum outro livro da Bíblia; devem proceder do mesmo escritor. Admitidamente, o livro de Esdras foi escrito por Esdras. Ele era sacerdote, estaria inclinado a dar destaque às coisas pertencentes ao templo. O elemento profético, enfatizado em Reis, acha-se aqui subordinado e o elemento sacerdotal vem a destaque e influencia a pena de escritor. Além disso, o fato de que Segundo Crônicas termina no meio duma sentença que é acabada em Esdras 1:3, e que os dois versículos finais de Crônicas são iguais aos versículos iniciais de

Esdras, fortemente sugerem o mesmo escritor, que repete as suas próprias palavras para assegurar a continuação da sua história. Parece que Esdras compilou Crônicas.

O que se disse até aqui aplica-se tanto a Primeiro como a Segundo Crônicas; o que segue nesta lição pertence só a Primeiro Crônicas. Os primeiros nove capítulos contêm extensivas genealogias, desde o primeiro homem Adão até a sexta ou sétima geração depois de Zorobabel, algum tempo no quarto século antes de Cristo. (1: 1; 3: 19-24) As gerações de Zorobabel foram agregadas por uma mão posterior à de Esdras. Estas genealogias eram particularmente importantes para os judeus no tempo em que voltaram para a Palestina, para que o povo pudesse estabelecer-se no país de acôrdo com suas heranças tribais, para que as genealogias parcialmente perdidas dos sacerdotes e levitas pudessem ser restabelecidas e assim assegurado que só pessoas legítimas dirigissem a revivificada adoração no templo, e para que estivesse clara a linhagem de Judá e Davi, da qual viria o Messias. (Núm. 3: 10; Esdras 2: 62, 63) Muitas destas genealogias haviam-se tornado confusas depois da queda do reino de Judá, quando o povo foi espalhado e levado cativo. Partes das genealogias podem parecer contraditórias às que aparecem em outro lugar, mas lembre-se de que algumas das pessoas eram conhecidas por nomes diferentes e que alguns nomes talvez se corrompessem com o passar do tempo e as mudanças da língua. A maioria das dificuldades se dissolvem com um estudo cuidadoso. Incidentalmente, esta discussão mostra por que Crônicas trata mais dos deveres sacerdotais e do serviço do templo: era para uma época em que os judeus estavam voltando a Jerusalém para restabelecer ali a adoração de Jeová.

Se estas genealogias, esparsamente intercaladas com breves fatos históricos e geográficos e outras notícias, são a base para nossa contagem, então Primeiro Crônicas abrange uns trinta e sete séculos, desde Adão até várias gerações depois de Zorobabel. Contudo, a narrativa histórica no sentido mais estrito começa no capítulo dez, com o relato da morte de

Saul, e pára com o relato da morte de Davi no capítulo vinte e nove e último do registo. A narrativa histórica cobre, portanto, os quarenta anos do reinado de Davi.

Primeiro Crônicas mostra Davi como guerreiro. O relato acêrca dêle começa com sua entronização como rei sôbre todo o Israel em Hebron. Daí êle toma de assalto Jebus (Jerusalém), conquista-a, e reina da fortaleza de Sião; alistam-se seus homens valentes e se relatam algumas das façanhas dêles; os filisteus sofrem derrota em Baal-Perazim; êles voltam para mais, e recebem-no na esmagadora derrota na batalha de Gibeão; os filisteus são de novo derrotados, e Gate é tomada; os moabitas caem diante dos assaltos dos exércitos conquistadores de Davi, os assírios são esmagados, os edomitas se desmoronam e seu país é ocupado por guarnições do exército de ocupação de Davi. Tôdas as notícias de guerra são boas notícias, anúncios de vitória. Mas certa vez Davi foi ameaçado por uma guerra que êle não poderia vencer. Quando? e por quê? Foi quando êle pecou contra o Senhor por contar Israel. A sentença de Deus foi uma de três coisas: três anos de fome, três meses de derrotas na guerra, ou três dias de pestilência da parte de Jeová. Davi escapa dos três meses de reveses militares por escolher pôr-se à mercê do Senhor aceitando a pestilência.—Capítulos 11, 12, 14, 18-21.

Os capítulos ainda para discutir, 13, 15-17, 22-29, pertencem todos a assuntos de adoração—a arca de Deus, a construção do templo, o serviço dos levitas, o arranjo de outros serviços do templo. O primeiro movimento de Davi neste campo de atividade foi o de trazer a arca da sua estadia de setenta anos com Abinadab para Jerusalém. O manejo incorreto trouxe fracasso, e a arca foi posta na casa de Obed-Edom. Três meses depois levitas santificados carregam a arca nos ombros e trazem-na a Jerusalém, no meio de regozijo; seu serviço é organizado; e o novo salmo de agradecimento, composto por Davi, proclama, “Alegrem-se os céos e regosije-se a terra; que digam entre as nações: JEHOVAH REINA.” Aqui, por fim, apresenta-se a Teocracia típica real à semelhança

fiel do vindouro Govêrno teocrático do Messias.—16:31; 29:23.

Depois disso Davi aspira construir um templo para Deus; Jeová Deus, por meio de Natan, responde que Salomão construiria o templo; Davi faz extensivos preparativos e reúne materiais de construção; instrui seu filho Salomão sôbre o empreendimento e exorta os príncipes de Israel a cooperar plenamente; é reorganizado o serviço dos levitas não-sacerdotais; o serviço dos sacerdotes aarônicos é dividido em vinte e quatro turmas, e da mesma forma o dos cantores e músicos do templo; a posição dos porteiros e outras designações miscelâneas de serviço concluem a organização detalhada da adoração de Jeová. Depois de descrever a organização para o funcionamento do govêrno (27:1-34), o relato de Primeiro Crônicas termina, citando as exortações de Davi ao povo e a Salomão acêrca de obediência, a construção do templo e o serviço do templo, suas contribuições materiais para a obra e oferta voluntária da parte do povo, o agradecimento e oração de Davi a Deus, e sua morte. Pela segunda vez Salomão é ungido rei, e então “assentou-se no throno de Jehovah como rei em logar de seu pae David”.—23:1; 29:22, 23.

REVISÃO: 1. Que eram originalmente os dois livros das Crônicas? e quais são os significados de alguns dos nomes que se lhes dão? 2. Que fontes de informação usou o compilador? 3. Quando foi escrito, e em que evidência baseia a sua resposta? 4. Quem o escreveu, e por que responde assim? 5. Por que são importantes as genealogias dos primeiros nove capítulos? 6. Que se pode dizer quanto ao tempo coberto por Primeiro Crônicas? 7. Que relatos se dão das guerras de Davi? 8. Que eventos levaram ao tempo em que se podia dizer que a Teocracia típica real se apresentava à semelhança fiel do vindouro Govêrno teocrático? 9. Que diferentes obras realizou Davi relativas ao templo e seu serviço?

Lição 34

SEGUNDO CRÔNICAS

Esta segunda parte da história de Esdras abrange os quinhentos anos desde a entronização de Salomão (1037 A. C.) até o decreto de Ciro, rei da Pérsia (537 A. C.), que acabou com a desolação de Jerusalém. A história restringe-se quase que

inteiramente ao reino de Judá; ela discute o reino das dez tribos só quando se envolve nos assuntos de Judá. O registo nem mesmo toma nota da queda do reino de Israel diante dos invasores assírios, no sexto ano do reinado de Ezequias, rei de Judá, em 740 A. C. Ao passo que os livros dos Reis deram mais atenção a Israel enquanto existia e menos a Judá, Segundo Crônicas faz mais do que inverter os assuntos, dando quase tôda sua atenção a Judá e não mais do que atenção incidental a Israel. Isto foi porque Esdras estava principalmente preocupado com a adoração de Jeová que se centralizava no templo em Jerusalém, donde reinavam os reis de Judá. Seu registo fornece-nos um aspecto mais amplo dos regentes de Judá do que o dos Reis, especialmente a conduta relativa à adoração de Jeová.

Os primeiros nove capítulos de Segundo Crônicas dedicam-se ao reinado de Salomão; a história que narram é muito similar à de Primeiro Reis, exceto que condensam ou omitem várias coisas políticas, comerciais ou gerais e se concentram mais nos assuntos levíticos. Em poucas palavras, falam do seu pedido de sabedoria divina; suas abundantes riquezas; seus contratos com Hiram, o rei de Tiro, relativos à construção do templo; o número e a colocação dos trabalhadores; o começo do templo no quarto ano do seu reinado; suas dimensões e ornamentos e mobília e utensílios necessários; seu término; a transferência da arca do tabernáculo ao templo no meio de celebração; a descida da nuvem da glória de Jeová sôbre o templo; a oração dedicatória de Salomão; a alegre festa dos tabernáculos que se seguiu; a aparição noturna de Jeová a Salomão e a asseguuração de que sua oração fôra ouvida e seria atendida enquanto seguisse o caminho da obediência, mas que destruição completa cairia sôbre a nação se se tornasse desobediente; seu extensivo programa de construção através do reino; e, por fim, êstes nove capítulos relatam a visita da rainha de Sabá e mencionam mais uma vez suas atividades comerciais e as suntuosas riquezas do seu reino. Omitte-se, porém, qualquer menção do enlaçamento final de Salomão

na religião demoníaca pela influência das suas muitas mulheres pagãs.

O regime severo e opressivo da parte do filho de Salomão, Reoboão, provoca a revolta de dez tribos. Dos territórios destas tribos os levitas fogem a Judá e Jerusalém e atrás dêles seguem todos aquêles das dez tribos que haviam pôsto seu coração para buscar a Jeová. Jeroboão, do reino das dez tribos havia suplantado a adoração de Jeová com a adoração diabólica de bezerros. Mas Reoboão abandona cedo a adoração de Jeová, e é só por um arrependimento rápido que a capital do reino meridional é salva das hostes egípcias comandadas por Sescac. Reoboão é sucedido por seu filho Abiã, que obtém uma vitória dada por Deus sôbre Israel. Seu reinado é seguido pelo bom reinado de Asa, que aboliu a idolatria e fortificou o reino. Quando 1.000.000 de etíopes vieram contra Judá, Jeová deu ao Seu povo uma esmagadora vitória. A fim de parar a corrente de israelitas para Judá o rei de Israel começou a erigir barreiras, mas Asa contrapôs-se por assalariar os assírios a guerrear contra Israel. Por isto foi repreendido e morreu pouco depois.—10:1-16:14.

Josafat reina a seguir e seu reinado também é bom. Êle crê na defesa contra o demonismo por meio de conhecimento. Para rechaçar quaisquer avanços que aquêle poderia ter feito e para impedir que consiga uma posição forte, Josafat inaugura uma campanha educacional. Êle envia príncipes, sacerdotes e levitas, com o Livro da Lei, através de tôdas as cidades de Judá para instruir o povo. (17:7-9) Seu reino prosperou. Êle errou ao fazer causa comum com o iníquo Acab de Israel para lutar contra a Síria, mas recuperou-se e andou em piedade. O evento culminante do seu reinado foi a gloriosa vitória contra as fôrças combinadas de Moab, Amon e Edom. A batalha era de Deus; lançou confusão nas fileiras dos pagãos que se juntaram contra seu povo e êles se lançaram uns contra os outros em matança própria.—20:1-28.

Seguem-se três reinados iníquos, que desfazem o bem conseguido por Asa e Josafat. Primeiro Jeorão, depois Acazias,

e finalmente aquela mulher Atália. Esta última é descendente de Acab e Jezabel e segue nas pisadas dos pais. Ela ganha o trono por meio de assassínio, mas em seis anos ela própria é morta quando o jovem Joás é trazido do seu esconderijo nos recintos do templo e entronizado rei. Sob a sábia direção do sumo sacerdote Jeoiada Joás reina de modo justo e faz reparos no templo, mas depois da morte de Jeoiada o rei e o povo caem nos laços idólatras. Uma derrota das mãos da Síria vem como sentença da parte de Jeová. (21: 1-24: 27) O próximo em linha é Amazias, que inicia bem seu reinado mas termina como idólatra e vítima dum assassinato. Seu filho Uzias fêz o que era reto aos olhos do Senhor e prosperou muitíssimo no campo militar contra os filisteus, árabes, meunitas e amonitas. Neste século vinte seria chamado um gênio militar; mas a fama subiu-lhe à cabeça e êle assumiu presunçosamente deveres sacerdotais, com o resultado de que foi atacado de lepra. (26: 1-23) O bom reinado de Jotão é seguido pelo iníquo de Acaz, e chegamos ao ano 745 A. C. e o rei Ezequias.—27: 1-28: 27.

A piedade do seu reinado é sobressalente. Êle reabre o templo, cujas portas haviam sido fechadas e cujo serviço fôra proscrito pelo extremamente iníquo Acaz; reorganiza os levitas para o serviço do templo; e reúne o povo em geral à causa de Jeová. (29: 1-36) Os dois capítulos que seguem elaboram o reavivamento teocrático: a celebração da Páscoa está próxima; mensageiros com cartas de convite para juntar-se à festa são despachados através de tôda Judá e Israel; a resposta de Judá foi unânime, mas a maioria em Israel mofou, embora muitos voltassem seus rostos para Jerusalém e assistissem; a festa alegre se estende por sete dias; num levante popular contra o demonismo o povo destrói todos os traços de idolatria em Judá, Benjamim, Efraim e Manassés; restauram-se os arranjos da lei para o cuidado dos levitas e do serviço do templo. O capítulo 32 mostra a colheita pia desta ampla demonstração de justiça: o quebrantamento miraculoso do poder da Assíria invasora sob Senaquerib por Jeová eli-

minar o exército sitiante numa só noite, enviando o arrogante Senaquerib cambaleante de volta à sua pátria só para ser morto pelos próprios filhos no seu templo de idolatria.

Seguem-se os dois reinados abomináveis de Manassés e Amon; daí vem o bom reinado de Josias. Destaca-se durante seu governo a ocasião em que se encontrou uma cópia da lei ao se fazerem reparos no templo; também a jubilante Páscoa celebrada no décimo oitavo ano do seu reinado, porque “não se celebrou em Israel uma festa semelhante a essa desde os dias do profeta Samuel”. O fiel rei Josias morreu num vão esforço de conter o avanço para o norte das hostes egípcias. —34: 1-35: 27.

O capítulo final diz que depois dum reinado de três meses Jeoacaz é destronado pelo rei do Egito e seu irmão Jeoiaquim é feito rei em seu lugar. Durante o reinado de Jeoiaquim o Egito caiu diante dos exércitos babilônicos de Nabucodonosor e Jeoiaquim se viu forçado a tornar-se rei tributário do monarca caldeu. A rebelião contra o regime babilônico termina seu reinado, e seu filho Joaquim só regera por três meses e dez dias quando foi levado cativo como prisioneiro a Babilônia. Ascende então ao trono o último rei de Judá, a saber, Zedequias. No seu nono ano rebela-se contra Nabucodonosor, apesar do conselho fiel do profeta Jeremias, e no seu décimo primeiro ano a completa vitória de Nabucodonosor introduz o período de desolação de setenta anos. Jerusalém, com seu templo, é arrasada. Os últimos dois versículos saltam o período de setenta anos de desolação para proclamar o decreto de libertação de Ciro, rei da Pérsia, em 537 A. C.

REVISÃO: 1. Que período de tempo é coberto em Segundo Crônicas? 2. Em que se interessa principalmente a história? 3. Resuma o conteúdo dos primeiros nove capítulos. 4. Trace o registo até e através do reinado de Asa. 5. Que há acêrca do reinado de Josafat? 6. Revise a história até 745 A. C. 7. Que marca o reinado de Ezequias como “bom”? 8. Depois de que dois reinados maus vem a boa regência de Josias? 9. Que duas coisas são especialmente dignas de nota acêrca do reinado de Josias? e como morreu ele? 10. Resuma o conteúdo do último capítulo de Segundo Crônicas.

Lição 35

ESDRAS

A cidade cativa de Jerusalém precisava surgir de novo! Assim predisse o profeta Isaías com duzentos anos de antecedência. Quando êle fez esta profecia de reconstrução e restauração, Jerusalém ainda não fôra desolada, e, de fato, não o seria ainda por uns 130 anos. Antes da queda de Jerusalém o profeta Jeremias predisse que o tempo de desolação se estenderia por setenta anos ignominiosos, anos durante os quais a terra ficaria desolada e seus antigos habitantes mantidos cativos em Babilônia. Contudo, no fim dêsse período o templo seria reconstruído e a cidade restaurada à sua vida ativa pelos prisioneiros libertos de Babilônia. O grande Guardador de tempos e estações, Jeová Deus, havia assim declarado e registado na Sua Palavra. Viria a tempo o livramento?

Passaram-se sessenta e oito anos de cativo, sem sinal dêle. Certa noite no ano 539 A. C. a blasfêmia contra o Deus dos hebreus aumenta ainda mais. O filho-sucessor de Nabucodonosor, Baltasar, supera a iniquidade da sua festa de orgia desenfreada e ébria por usar profanamente os vasos de ouro e prata roubados do templo de Jeová para beber vinho e brindar aos seus ídolos e deuses demoníacos. Certamente ninguém podia quebrantar o poder da poderosa Babilônia e trazer a libertação dos insignificantes hebreus! Mas, espere! Com repentinidade desembriagante dedos fantásticos rabiscam as palavras fatais na parede! Naquela mesma noite Baltasar foi morto; Babilônia caiu perante as forças combinadas de Dario o medo e Ciro o persa. O curto reinado do idoso Dario é sucedido pelo de Ciro, em 537 A. C. Agora os últimos poucos grãos das areias do tempo medindo os setenta anos decretados escorriam: cumpriu-se o tempo! Mas, com a mesma precisão de tempo que marca os movimentos dos corpos celestes nos vastos sistemas solares do universo, o grande Jeová guarda o horário fixo para a libertação. Naquele mesmo ano de 537 A. C. Ciro o persa emite o decreto para o retôrno dos judeus a Jerusalém a fim de reedificarem o templo e ali restaurarem

e reconstruírem a adoração de Jeová. É significativo que o rei persa declara que atua por encarregado de Jeová Deus.—Esdras 1:1-4.

Pela preservação miraculosa do Deus Todo-Poderoso o país de Judá permaneceu sem habitantes durante os setenta anos da guarda do sábado. Um descendente da linhagem do rei Davi, a saber, Zorobabel, foi feito governador do restante restaurado e encarregado de superintender a reconstrução do templo. Junto com êle voltaram quase 50.000 homens e mulheres devotados, reconstrutores, inclusive netinins e outros servos de boa vontade. Destacadamente associado com o governador Zorobabel na obra do templo achava-se o sumo sacerdote Josué (Jesus). A um dos príncipes de Judá, Sesbazar por nome, Ciro restituíra todos os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor roubara da casa do Senhor, para que fôsem devolvidos ao serviço correto. Com a chegada a Jerusalém vieram em abundância ofertas voluntárias do povo para adiantar a obra de reconstrução. E regulou Jeová corretamente o tempo da restauração da sua adoração em Jerusalém? Ouça: A desolação completa da pátria dos judeus por Nabucodonosor ocorreu no sétimo mês; setenta anos depois, no mesmo mês, processava-se a restauração da adoração de Jeová em Jerusalém com a celebração da venturosa festa dos tabernáculos! No segundo mês do segundo ano da sua volta colocou-se o alicerce da casa do Senhor; gritos de alegria misturados com prantos de gôzo romperam o ar.—1:5-3:13.

Mas a reconstrução não se deu sem oposição. As nações gentias na Palestina chegaram com falsos oferecimentos de ajuda; suas tentativas de infiltrar uma “quinta coluna” fracassaram. A sutileza cedeu o lugar à oposição aberta. Perseguição religiosa afligiu os construtores do templo todos os dias de Ciro; uma campanha de difamação mediante cartas dirigidas ao sucessor de Ciro, Artaxerxes, acusando-os de sedição, fêz que se proclamasse uma proibição oficial sôbre a obra de reconstrução. A construção do templo se interrompeu por cerca de dezesseis anos. (4:1-24) Jeová reage suscitando seus

profetas Ageu e Zacarias, que incitam Zorobabel e o sumo sacerdote Josué a renovar a obra apesar do decreto do estado político. A obra continua!—5: 1, 2.

Os adversários religiosos apelaram mais uma vez por carta ao rei, que neste tempo era Dario II. Corajosos e com fé os construtores do templo ficaram firmes pela sua liberdade de adoração; êles argumentaram a favor da legalidade da sua obra pela referência ao decreto original do rei Ciro. Não era uma regra que a lei dos medos e persas não mudava? Em vista disto o rei Dario ordenou que se procedesse a uma busca nos arquivos do estado. O decreto do rei Ciro foi descoberto. “Não interrompaes a obra desta casa de Deus,” foi a decisão que o rei Dario enviou aos mortificados inimigos da adoração livre! Pior ainda para êles, ordenou-se-lhes que fornecessem ajuda substancial aos construtores. Quatro anos mais tarde, no sexto ano do reinado de Dario, no décimo segundo mês, adar, completou-se o templo. Celebrou-se uma festa de dedicação no meio de grande júbilo, e no mês seguinte de nisan a páscoa foi celebrada no templo reconstruído.—5: 3-6: 22.

A seguir, o relato de Esdras omite mais ou menos cinquenta anos para levar-nos ao sétimo ano do reinado de Artaxerxes III. Esdras, sacerdote e “escriba versado na lei de Moysés”, recebe uma comissão que lhe confere muita autoridade para ir de Babilônia a Jerusalém. Pode aceitar ofertas voluntárias para a expedição e o serviço em Jerusalém de qualquer que na província de Babilônia desejar contribuir, e qualquer judeu que o quizer acompanhar pode fazê-lo. O decreto fêz provisão para o sustento do templo e seus serviços, e estipulou que os que ministram no templo fôsem isentos dos impostos do estado. Deveria-se executar rapidamente o juízo sôbre qualquer que se opusesse.—7: 1-28.

Dêste ponto em diante o relato no livro é dado na primeira pessoa, falando Esdras. Êle nos conta da reunião da sua companhia junto ao rio Aava, dos três dias de acampamento ali para inspeção final, e do recrutamento de levitas e netinins.

A viagem foi perigosa, o caminho cheio de numerosos inimigos, e o perigo foi aumentado bastante pelas riquezas que a caravana transportava. Não obstante, Esdras não queria apelar para o rei persa por proteção. “Pois tive vergonha de pedir ao rei uma escolta de soldados, e cavalleiros, para nos defenderem do inimigo pelo caminho, porque tínhamos dito ao rei: A mão do nosso Deus está sobre todos os que o buscam, para o bem delles; mas o seu poder e a sua ira contra todos os que o abandonam.” (8:22) Precisavam demonstrar fé no seu Deus como Protetor capaz. Passados jejuns e oração, a companhia levantou o acampamento e dirigiu-se a Jerusalém. A viagem de quatro meses foi protegida por Jeová e os repatriados chegaram a salvo. (7:9; 8:15-36) Os últimos dois capítulos de Esdras falam das condições ofensivas de muitos dos judeus repatriados, entre êles regentes e sacerdotes, por se terem casado com mulheres pagãs, e relatam como o assunto foi remediado.

Agora, algumas observações sôbre o livro bíblico de Esdras, ao encerrar-se esta lição. Esdras (nome que significa “a ajuda”) é o escritor do livro, por meio de inspiração divina. Foi originalmente escrito parte em hebraico e parte em aramaico. As porções aramaicas são 4:8-6:18 e 7:12-26. Antigamente copiavam-se os livros de Esdras e Neemias juntos em um só rôlo, mais tarde dividido pelos judeus e intitulado Primeiro e Segundo livro de Esdras, mas em Bíblias hebraicas modernas chamados assim como na *Versão Brasileira*. O Esdras dêste livro não deve ser confundido com o Esdras que subiu a Jerusalém junto com Zorobabel, mencionado em Neemias 12:1. O período abrangido pelo livro de Esdras é quase de setenta e um anos.

REVISÃO: 1. Por que esperavam os cativos em Babilônia que Jerusalém surgisse de novo? e quando? 2. Quão brilhantes eram as perspectivas de libertação depois de sessenta e oito anos de cativeiro? 3. Como cuidou Jeová que fôsse observado o horário que Ele estabelecera para a libertação? 4. Descreva o retôrno sob a chefia de Zorobabel, e mostre a regulação exata do tempo por parte de Jeová para a restauração da adoração em Jerusalém. 5. Que eventos tornaram necessário continuar a obra debaixo da

proibição oficial? 6. Como se mantiveram os construtores do templo firmes pela sua liberdade de adoração e obtiveram uma vitória gloriosa? 7. Que comissão recebeu Esdras uns cinquenta anos depois da terminação do templo? 8. Que informação em primeira mão nos dá Esdras? 9. Que informação se fornece quanto ao próprio livro da Bíblia?

Lição 36

NEEMIAS

O livro chamado “Neemias” estava originalmente combinado com o livro de Esdras para formar um só livro bíblico e figurava sob o nome de “Esdras”. Mais tarde os judeus dividiram o livro conforme a sua presente divisão, mas chamaram os dois assim formados de Primeiro e Segundo Esdras. Agora, porém, as modernas Bíblias hebraicas seguem a mesma designação usada na *Versão Brasileira*. Há um intervalo de doze anos entre os registos históricos dos dois livros Esdras e Neemias. (Esd. 7:1, 8; 10:17; Nee. 1:1; 2:1) O registo de Neemias vai do vigésimo ao trigésimo segundo ano do reinado de Artaxerxes III, um período de doze anos. Leva a história inspirada dos judeus mais perto do tempo do Messias que qualquer outro livro do cânon hebraico, com a única possível exceção de Malaquias. O tempo dêste último não pode ser fixado com certeza, enquanto Neemias nos leva definitivamente ao ano 443 A. C., noventa e quatro anos além do fim da desolação de Jerusalém. A evidência indica o homem Neemias como escritor do livro que leva seu nome, o qual significa “Jah é confôrto”. As palavras iniciais têm a qualidade de título, e anunciam: “Palavras de Nehemias, filho de Hacaliah.” No registo, Neemias quase sempre fala na primeira pessoa. Não deve ser confundido com outro Neemias que voltou a Jerusalém junto com Zorobabel.—Esdas 2:2; Nee. 7:7.

Enquanto servia ao rei persa no palácio de Susa, Neemias recebe más notícias. Hanani e certos homens de Judá chegam ao palácio, falam com Neemias, e em resposta às suas perguntas o informam que os judeus em Judá sofrem aflição e vitupério e que a muralha de Jerusalém está demolida e os

portões queimados. Neemias chora e jejua e ora. Na sua oração desejava perdão para os filhos de Israel, invocava a Jeová para lembrar-se da Sua palavra dada por Moisés acerca do ajuntamento do Seu povo quando se voltassem arrependidos a Ele, e orava para que Jeová lhe concedesse favor quando levasse o assunto perante o rei persa.—1: 1-11.

Quatro meses depois de receber as notícias o triste Neemias apresenta sua petição a Artaxerxes III. O rei estava favoravelmente disposto para ouvir a situação dos judeus da bôca do seu copeiro e perguntou-lhe que podia fazer. Uma comissão para ir a Jerusalém, organizar e superintender a reconstrução dos muros da cidade, era o pedido de Neemias. Concedido! A ocasião estava marcada de significado muito maior do que Neemias provavelmente se dava conta na ocasião. O rei havia dado “ordem para restaurar e para edificar Jerusalem”, conforme predito por Daniel 9: 25 (*Almeida*). Portanto, êste vigésimo ano de Artaxerxes III (de 455 A. C. a 454 A. C.) marcou o início das setenta semanas de anos, ou 490 anos, que o anjo Gabriel disse a Daniel culminariam no aparecimento do Messias. Dêste modo o ano 455 A. C. tornou-se um marco na cronologia bíblica.—2: 1-8.

À sua chegada a Jerusalém, Neemias fêz uma inspeção noturna em volta dos muros da cidade e fêz os seus cálculos. A declaração de seu propósito de reconstruir a muralha, e seu relato da bênção de Deus sôbre o projeto, incitam o zelo dos judeus e fortalecem suas mãos para a obra. Mais ou menos no terceiro dia do quinto mês começou a obra da construção do muro. Neemias começou cedo a experimentar o cumprimento de Daniel 9: 25 (*Almeida*), acerca de Jerusalém, que “as ruas e as tranqueiras se reedificarão, mas *em tempos angustiosos*”.—2: 11-20.

Os samaritanos endemoninhados se levantaram a fim de paralisar a obra, sob a liderança de Sanbalat o moabita, Tobias o amonita e Gesem o árabe. Primeiro escarneceram e mofaram, e chamaram de “fracos” os esforços do pequeno restante de judeus. Mas os muros começaram a elevar-se, apesar dis-

so. Incitados a ação mais drástica, os inimigos combinados conspiraram para travar uma guerra carnal contra os edificadores. Neemias ouviu do seu plano e enfrentou a situação, mas não de maneira pacifista. Metade dos trabalhadores labutavam nas suas tarefas enquanto a outra metade estava armada para a batalha. Os que levavam as cargas e aquêles sôbre o muro punham uma dos mãos à obra e na outra seguravam a arma. Neemias estava em tôda parte vigiando; ao seu lado achava-se constantemente um trombeteiro. Um toque traria todos os trabalhadores a qualquer ponto em dificuldade para rechazar ataques. Tinham em mente as palavras de luta do governador Neemias: “Não tenhaes medo delles; lembraes-vos do Senhor, que é grande e terrivel, e pelejae pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas filhas, vossas mulheres e vossas casas.”—4: 1-23.

O capítulo 5 abandona o relato da obra de construção o suficiente para narrar dificuldades internas, de como os judeus mais ricos oprimiam a seus irmãos mais pobres, e diz como Neemias endireitou a questão. O capítulo seis apanha de novo o relato da reconstrução do muro “em tempos angustiosos”.

Os covardes inimigos não tiveram ânimo para lutar quando viram que Neemias havia descoberto sua conspiração e estava preparado para enfrentá-la com aço frio. Frustrados assim, tentaram atrair Neemias a outra cidade para matá-lo. “Porque ha de cessar a obra, emquanto eu a deixar para ir ter convosco?” queria saber o governador. Não se deixava desviar do trabalho. Quatro dessas cartas do inimigo falham no seu propósito e a quinta traz à luz uma mudança de tática. Ela acusa os edificadores de sedição e espalha a notícia de que Neemias assalariou homens para dizer dêle em Jerusalém, “Ha rei em Judah,” e ameaça que esta traição seria relatada a Artaxerxes. Tobias e Sanbalat empregam um falso profeta para aconselhar Neemias a fugir aos recintos do templo para segurança pessoal; o destemor do governador o livra da armadilha e o impede de fugir diante dos seus inimigos. Mesmo alguns dos nobres de Judá se correspondiam e simpatizavam

com os samaritanos. Todos os planos de frustrar a obra fraccassaram. A muralha foi terminada no vigésimo quinto dia do sexto mês, depois de árduos cinquenta e dois dias.—6: 1-19.

Mas ainda havia problemas a resolver. Os muros estavam reconstruídos, mas poucas pessoas moravam dentro dêles. Segue aqui a sequência dos eventos que prepararam o povo para aceitar o arranjo teocrático de povoar a cidade: No primeiro dia do sétimo mês o povo se reúne como um só homem diante da porta das águas; Esdras lhes lê tôda manhã o livro da lei de Moisés; na segunda manhã a leitura revela a maneira de guardar-se a festa dos tabernáculos no sétimo mês; com alegria transbordante o espiritualmente revivificado povo celebra a festa; durante os sete dias de festa continua a leitura das Escrituras; dois dias depois do oitavo dia, o dia de assembléia solene, o povo confessa seus pecados; reconsideram-se as bondades de Deus; faz-se um pacto com o Senhor prometendo não manter afinidade com os pagãos, mas de observar os sábados e fazer provisão para o serviço e os servos do templo. Daí veio o arranjo teocrático de povoar Jerusalém; por lançar-se sortes uma de cada dez pessoas é selecionada para morar permanentemente na cidade.—7: 1-11: 36.

Um ponto notável no precedente é a leitura pública da lei. Neemias 8: 8 descreve-a: “Leram no livro da lei de Deus distintamente; e deram o sentido, de modo que se entendesse a leitura.” Isto não se refere à leitura feita com boa enunciação e ênfase oral, mas a algo peculiar à situação daquele tempo. Devido ao cativoiro os judeus adotaram o idioma aramaico; o povo em geral não mais entendia a Bíblia hebraica. Esdras leu dos rolos hebraicos; de fato, não havia versões aramaicas escritas. Por isso, depois de Esdras ler pequenas porções era necessário que fôsem traduzidas oralmente ao aramaico para que o povo entendesse. Sôbre Neemias 8: 8 o Talmude judaico diz que “o livro” queria dizer o texto original; “distintamente” significava explicá-lo por dar a paráfrase caldaica; “deram o sentido” queria dizer a divisão de palavras, etc., de acôrdo com o sentido; e “que

se entendesse a leitura” significava dar a pronúncia tradicional das palavras (visto que não havia naquele tempo pontos vogais).

Os dois capítulos finais tratam de assuntos pertencentes aos levitas e ao sacerdócio, à dedicação do muro, e à purificação do povo. Sobre este último ponto parece que depois de doze anos no pôsto de governador Neemias voltou ao palácio de Susa por um tempo. Durante sua ausência Israel recaiu: o sábadó era profanado e se praticavam casamentos mistos com pagãos. “Passados certos dias,” a duração específica dos quais não se menciona, Neemias volta. A limpeza que êle fêz para restaurar o sistema teocrático foi cabal e vigorosa. Destaca-se a expulsão de Tobias, o amonita, das câmaras preparadas para êle nos edifícios do templo pelo sacerdote Eliasib. Este último havia ilegalmente convertido armazens destinados para os dízimos em alojamentos para o iníquo Tobias. Neemias reconverteu-os prontamente jogando literalmente fora todos os móveis de Tobias. O expurgo feito por Neemias encerra o relato.

REVISAO: 1. (a) Quanto ao livro Neemias, qual era sua forma original? (b) Que período de tempo abrange? (c) Quem o escreveu? 2. Que evento registado neste livro marca o começo das setenta semanas de anos preditas em Daniel 9: 24, 25? 3. Qual foi o primeiro ato de Neemias ao chegar a Jerusalém? 4. De que modo foi o muro reconstruído “em tempos angustiosos”, conforme Daniel predissera? 5. Era Neemias pacifista? e por quê? 6. Que outros ardís tentaram os inimigos, e com que resultado? 7. Que série de eventos levou à povoação de Jerusalém? 8. Qual é a explicação correta de Neemias 8: 8? 9. Enquanto Neemias por um tempo se achava ausente de Jerusalém, que aconteceu? 10. Que vigorosa limpeza dos assuntos fêz êle ao voltar?

Lição 37

ESTER

O livro de Ester toma seu nome do caráter principal, e não do escritor, que se crê geralmente tenha sido Mardoqueu. “Ester,” a forma persa do equivalente hebraico “Hadassa”, significa “murta fresca”. Os judeus chamavam o livro simplesmente de *M^gilláh*, que significa “rôlo, volume”. A ca-

nonicidade ou autenticidade do livro é por muitos posta em dúvida. Sua objeção principal se apoia, não em bases históricas ou bem-fundada análise crítica, mas em reação arbitrária e emocional surgida do fato que o nome de Deus não aparece nem uma só vez na narrativa.

O livro inteiro exala um espírito de fidelidade e integridade para com Deus e de profundo interesse pela causa do povo de Deus. O fato de que Mardoqueu recusou firmemente honrar e inclinar-se diante do inimigo de Deus, Haman o amalequita, é prova de que Jeová e sua lei foram reconhecidos e obedecidos por Mardoqueu. A manobra divina dos eventos se deduz de Ester 4:14. Sem dúvida se refere à oração a palavra "clamor" em 9:31. Além disso, a acusação de Haman era que os judeus nas províncias não seguiam estritamente tôdas as leis do rei mas tinham uma lei própria, diversa da de todos os outros povos. Obviamente, Haman levantava a objeção familiar dos políticos religiosos mundanos à aderência do povo de Jeová à lei teocrática.—3:1, 2, 8.

A canonicidade do livro de Ester pode ser estabelecida nas seguintes bases: Os judeus sempre o contaram no cânon hebraico da Bíblia e o têm na mais alta estima. Foi provavelmente aceito no cânon hebraico por Esdras, que viveu no tempo em que ocorreram os eventos registrados e que estaria em posição de julgar quanto à sua autenticidade. Certamente o teria excluído se fôsse uma fábula. Embora escrito em hebraico, contém persianismos e aramaísmos com que a língua hebraica havia sido contaminada; sua fraseologia neste respeito se assemelha à do livro de Esdras, Neemias, e Primeiro e Segundo Crônicas. O registro tem o som de genuinidade por harmonizar-se completamente com os tempos em que se acha historicamente localizado. Outro forte argumento a favor da sua autenticidade e base histórica é que os judeus até êste dia guardam a festa de Purim ordenada por Mardoqueu em lembrança da sua libertação naquele tempo. O argumento mais forte, porém, é que os quadros proféticos prognostica-

dos pelos eventos do livro de Ester estão se cumprindo agora, nestes “últimos dias”, sob a direção de Jeová.

Há uma diferença de opinião quanto ao escritor do livro. Há eruditos que o atribuem a Esdras. Esdras provavelmente trouxe o livro consigo quando veio de Babilônia a Jerusalém, em 467 A. C., e adicionou-o ao então ainda crescente cânon hebraico. Contudo, é mais provável que Mardoqueu escreveu o registo, porque êle estava em posição de ter todo o conhecimento pormenorizado demonstrado na narrativa dos assuntos particulares de Mardoqueu e Ester, da família de Haman, e especialmente dos pormenores domésticos do palácio de Susa. Também, com a sua promoção no serviço do rei êle teria acesso aos registos oficiais mencionados no relato.

Durante que tempo ocorreram os eventos relatados? Foi num tempo em que o império persa se estendia “desde a Índia até a Ethiopia”. (1:1) Isto marcaria Dario II como o regente mais antigo possível de exercer tal domínio, e a linguagem do livro, os eventos e costumes revelados e sua inclusão no cânon por Esdras não permitiria que se localizassem os eventos depois do reinado de Artaxerxes III. Entre êstes dois monarcas persas estava Xerxes. O Assuero do relato de Ester deve ter sido um dêstes três. No décimo segundo ano do seu reinado êste Assuero não parecia muito bem familiarizado com os judeus e suas crenças ou disposto a favorecê-los, porque se deixou prontamente influenciar por Haman para decretar a destruição dêles. Dario II dificilmente caberia neste arranjo; êle estava demasiado bem familiarizado com os judeus e os havia favorecido anteriormente no seu reinado, antes do décimo segundo ano do mesmo. Tampouco seria Artaxerxes III, porque êle favoreceu os judeus de modo especial no sétimo e de novo no vigésimo ano do seu reinado. O Assuero do relato de Ester deve ter sido Xerxes. Com isto concordam os eruditos, e a Bíblia da *Tradução Americana* e a tradução de *Moffatt* (ambas em inglês) substituem até Xerxes por Assuero no relato.

Quando, então, reinou Xerxes? Após o longo govêrno de

Dario II, Xerxes começou a reger aproximadamente em 486 A. C. Os historiadores geralmente dizem 485 A. C. Quanto ao tempo em que findou seu reinado há desacôrdo. A maioria das enciclopédias dizem que seu govêrno estendeu-se a um vigésimo primeiro ano, a 465 A. C., e que Artaxerxes III subiu então ao trono. Mas, se tomarmos o historiador profano mais exato daqueles tempos, Tucídides, que viveu durante o reinado de Artaxerxes III, em conjunto com uma tabela cronológica posterior de Diodoro, os escritos de Tucídides fixam o fim do reinado de Xerxes e o comêço da regência de Artaxerxes mais ou menos no ano 474 A. C. De acôrdo com êste cálculo, o vigésimo ano de Artaxerxes III cairia no ano 455 A. C., o que é exato e marca corretamente o tempo para o início da contagem das setenta semanas preditas em Daniel 9:24, 25. A cronologia de Usher, geralmente usada nas margens das Bíblias, concorda com êste reinado mais curto para Xerxes e dá 456 A. C. como a data do vigésimo ano de Artaxerxes, mas neste caso os compiladores das margens bíblicas geralmente em uso não empregaram a cronologia de Usher mas creditaram Xerxes com um reinado mais longo e erraram assim no tempo do importante vigésimo ano de Artaxerxes III. Em realidade, Xerxes reinou doze anos completos e possivelmente iniciou o décimo terceiro, de 486 a 474 A. C. Os eventos de Ester estenderam-se desde o seu terceiro até o décimo segundo ano, um período de cêrca de dez anos.

O livro de Ester está repleto de acontecimentos dramáticos. Primeiro, a cena é preparada para a elevação da jovem judia Hadassa ou Ester à posição de rainha por causa da rebelião da rainha Vasti que se recusara a aparecer quando chamada pelo rei Assuero. Através dum arranjo sugerido pelos conselheiros do rei, Ester é finalmente selecionada como a nova rainha do império persa. (1:1-2:20) Depois, Mardoqueu, que atuou como conselheiro de Ester na sua elevação à posição de rainha, descobre uma conspiração contra a vida de Assuero. Êle comunicou isto a Ester, que transmitiu a informação ao rei

em nome de Mardoqueu. Os conspiradores foram enforcados.—2: 21-23.

Haman, o amalequita ou agagita, é promovido pelo rei a uma posição acima de todos os outros príncipes. Sua vaidade é alimentada pelas reverentes genuflexões de todos os servos do rei na porta; mas a constante recusa de Mardoqueu, que está também estacionado na porta do rei, o irrita. O irado Haman planeja a destruição não só de Mardoqueu mas também de todos os judeus nas províncias. As leis de Jeová que êles seguem e que proíbem inclinarem-se diante de criaturas irritam a Haman, que buscava honras, e o movem a livrar dêles o reinado. Depois de cerimoniosamente lançar Pur ou sorte, Haman apresenta-se ao rei Assuero, calunia o povo de Jeová, lança sôbre êles acusações de sedição e recebe a autorização de escrever um decreto para a destruição dos judeus. Despacham-se mensageiros através do império levando a mensagem e estabelecendo o dia treze do décimo segundo mês, Adar, como O Dia para o levante e massacre anti-semita.—3: 1-15.

Ora, Assuero não sabia que a rainha Ester era judia. Mas com o tempo o soube, e agiu com todo seu poder para salvar tanto a ela como o povo dela. Foi assim que se deram os eventos: Depois dum aviso urgente da parte do seu primo Mardoqueu, Ester arrisca sua vida para aparecer sem convite diante do rei; ela o convida junto com Haman a um banquete, e durante êste renova o convite para o dia seguinte; Haman, com o orgulho manchado só pela vista de Mardoqueu que não se curvava, jacta-se jubilantemente diante de sua espôsa e amigos, e a conselho dêles erige uma fôrca de cinquenta cúbitos de altura para nela pendurar Mardoqueu. Os reveses começam para o maquinador quando no dia seguinte se lhe pergunta que honras devem ser dadas ao homem em quem o rei se agrada, e, supondo que se tratasse dêle mesmo, esboça uma extravagante cavalgada cerimonial através das ruas da cidade, só para descobrir que Mardoqueu é o a ser honrado e êle designado para encabeçar a procis-

são; começa o segundo banquete com Ester, rogando ela a preservação de si mesma e do seu povo, os judeus, e, à pergunta irada do rei, aponta o iníquo Haman como autor do plano de massacre, e ouve o rei ordenar que o anti-semita fôsse pendurado na fôrça que preparara para Mardoqueu. O pôsto de Haman é ocupado por Mardoqueu. O rei autoriza Mardoqueu a emitir um decreto que permite aos judeus defender-se no dia do proposto massacre; nessa ocasião os judeus vitoriosos matam 75.810 inimigos; a festa de Purim é inaugurada e ordena-se que seja celebrada pelas gerações vindouras. O livro termina com a breve menção dos progressos de Mardoqueu no reino.—4: 1-10: 3.

REVISÃO: 1. Quais são os significados dos dois nomes dados a êste livro da Bíblia? 2. (a) Qual é a base da objeção principal à canonicidade de Ester? (b) Apesar desta objeção, como prova o livro a piedade dos seus caracteres judaicos? 3. Que prova há para a canonicidade do livro de Ester? 4. Quem provavelmente o escreveu? 5. Por meio de que arrazoamento estabelece-se a possibilidade de Xerxes ser o Assuero dêste livro bíblico? 6. Quando, então, reinou Xerxes e ocorreram os eventos de Ester? 7. Por que é importante para a cronologia da Bíblia fixar-se corretamente o fim do reinado de Xerxes e o comêço de reinado de Artaxerxes III? 8. Como se tornou Ester rainha? 9. Por que e como planejou Haman a destruição dos judeus? 10. No fim, como se resolveram bem os eventos?

Lição 38

JÓ

Os “altos críticos” religiosos roubariam a Deus uma das Suas respostas mais fortes ao adversário Satanás. Jó, segundo êles, é um caráter fictício, conjurado na mente dum talentoso contador de histórias. Alguns concedem que o homem Jó talvez vivesse e experimentasse algumas provas duma maneira moderada, mas não admitem nada semelhante ao relato do Registo Divino. O livro de Jó é história verdadeira. Jó não foi mera figura alegórica. Jeová o menciona entre Suas testemunhas Noé e Daniel, cuja existência real não é posta em dúvida. (Eze. 14: 14-20) Em Tiago 5: 11 a perseverança paciente e a aflição de Jó são indicados como exemplos para os cristãos perseguidos. Só um caráter real na vida poderia dar

aos cristãos a certeza de que, pela graça de Deus, “pode ser feito!” O livro quase transborda de acontecimentos dramáticos provocados pelo desafio de Satanás de que os homens não manteriam sua integridade para com Jeová se forem postos à prova e que sob dura aflição êles se desviariam de Deus e O amaldiçoariam. A integridade inabalável de Jó rebateu o falso desafio ao rosto do adversário e provou o lado de Jeová como verdadeiro. Mas os religiosos supercríticos roubariam a Deus esta resposta viva por sustentarem que Jó foi um caráter fictício e não um homem de verdade que manteve a sua integridade debaixo de prova. Como gostaria o Diabo que assim fôsse!

Apropriadamente, o nome de Jó significa “odiado; acossado; perseguido”. Jó vivia na terra de Uz, que, segundo a evidência interna do livro de Jó, parece ter sido a parte setentrional do que hoje se chama Deserto da Arábia, ao sudeste de Palestina. O país recebeu o nome de seu primitivo colonizador, Uz, filho do irmão de Abraão, Naor. Jó era, portanto, sobrinho em terceiro grau de Abraão. As palavras de Jeová acêrca de Jó, que “não ha ninguém semelhante a elle na terra, homem integro e recto, que teme a Deus e que se desvia do mal”, parecem localizar Jó na corrente do tempo. (Jó 1: 8) Era um tempo em que não havia ninguém na terra além de Jó, nem mesmo entre os israelitas, que se mantivesse reto diante de Deus e O temesse. Parece que tal tempo seria o período de 64 anos entre a morte de José e o nascimento de Moisés. (1657-1593 A. C.) Naquele tempo os israelitas estavam no Egito e se mancharam com a religião demoníaca ou demonismo. Nenhum dêles seria igual a Jó em devoção a Jeová; para a causa de Deus não haveria “ninguem semelhante a elle na terra”.

A crença de que Moisés escreveu o livro de Jó é apoiada por forte evidência circunstancial e se enquadra perfeitamente com o precedente quanto ao tempo da vida e prova de Jó. Uma comparação do poema de Jó com as composições poéticas de Moisés (Êxo. 15; Deu. 32) mostra frases inteiras

idênticas, e as porções de Jó escritas em prosa se assemelham muito mais à linguagem e ao estilo do Pentateuco do que a quaisquer outros escritos da Bíblia. Da beleza compacta e da expressão rítmica, encontradas no hebraico de Jó, se vê claramente que êsse livro fôra originalmente escrito nessa língua e não traduzido do árabe. Quem esteve em melhor posição do que Moisés para ajuntar e escrever a informação? Sem dúvida Moisés ouviu acêrca da prova de Jó quando fugiu do Egito e habitou por quarenta anos em Midian, país que se achava um pouco ao sul de Uz. Naquele tempo Jó vivia aparentemente a sua vida miraculosamente alongada e parece que morreu depois de Moisés voltar ao Egito e iniciar os israelitas na sua viagem de quarenta anos no deserto. De passagem para a Terra Prometida, Moisés podia, então, verificar a idade alcançada por Jó e registá-la, terminando assim os versículos finais do livro de Jó.

O conteúdo do livro é o que requer a nossa atenção a seguir. Depois duma breve declaração acêrca da integridade de Jó, sua família, suas possessões e sacrifícios, abrem-se ao olhar de fé as sublimes côrtes celestiais de Jeová. Certo dia em que os filhos de Deus apresentavam seus relatórios apareceu também o rebelde desafiador Satanás. Chamando-lhe Deus a atenção ao íntegro Jó o Diabo respondeu caluniosamente: “Acaso Job teme debalde a Deus? Porventura não tens posto uma sebe ao redor delle?” Levantou a acusação de que criaturas fiéis só serviam por aquilo que podiam obter disso, que Deus os subornava e daí os cercava de tal maneira que Satanás não estava livre para pô-las sob prova ardente. Jeová enfrentou diretamente a questão: “Eis que tudo o que elle tem está ao teu dispor.” Calamidades satânicas sucederam-se rapidamente: Os bois, as jumentas, as ovelhas, os camelos de Jó, e muitos dos seus servos foram roubados ou destruídos; um grande vento derrubou a casa onde seus filhos comiam e matou a todos. Mas a integridade de Jó permaneceu inabalada. (1:1-22) Pela segunda vez a cena muda-se para o céu. Esta vez é a carne de Jó que Satanás deseja afligir. Jeová

vá aceita de novo o desafio e Satanás usa imediatamente seu poder para ferir Jó com uma doença ulcerosa, identificada por muitos como elefantíase, a espécie mais horrível de lepra. Que astúcia diabólica esta, escolher uma doença que era considerada como castigo de Deus! Surgem então os três “amigos” de Jó, Elifaz, Bildad e Sofar, com grande aparência de tristeza para dar conforto fingido. (2:1-13) Este prólogo de dois capítulos em estilo de prosa fornece o fundo para o poema dramático e argumentativo que se segue, do capítulo 3, versículo 1, ao capítulo 31, versículo 40, e do capítulo 32, versículo 6, ao capítulo 42, versículo 6, inclusive.

Jó começa, queixando-se da vida, e então, ouve os três discursos de Elifaz e três de Bildad e dois de Sofar. Depois de cada uma das oito arengas religiosas Jó profere uma penetrante refutação e no fim silencia suas línguas tagarelas. A tendência dos argumentos dêles era a de convencer Jó de que era culpado de pecados particulares e iniquidades hipòcritamente escondidas do público e que esta era a causa das suas dificuldades. Êle deveria imitá-los, assim não sofreria, diziam. Mas a visão dos eventos nas côrtes celestiais já revelou aos leitores a origem satânica das tribulações. Na refutação dos argumentos dêste trio de “concoladores enfadonhos” Jó intercalou um poderoso testemunho acêrca do Vindicador de Jeová e seu Redentor e declarou sua fé no novo mundo. (32:12; 14:13-15; 19:25-27, *Ver. Norm. Amer.*, margem [em inglês]) Não só silenciou Jó seus atormentadores religiosos, mas ainda administrou uma dolorosa derrota ao Diabo, pois êle disse, “Até que eu morra, não apartarei de mim a minha integridade.”—27:5.

Depois de derrotar os falsos amigos, Eliú, um jovem que testemunhara todos os argumentos pró e contra, começa a falar. Sua ira se acendeu contra os atormentadores de Jó “porque não acharam resposta, e condenaram a Deus” por se colocarem ao lado do Diabo e contra a testemunha de Deus. (32:3, *Roth.* [em inglês]) Êle procede a corrigir Jó, que se preocupava demais com a justificação da criatura antes

do que com a vindicação do Criador. Eliú viu a necessidade da vindicação de Jeová. Após as palavras corretoras de Eliú o próprio poderoso Deus Jeová fala majestosamente do meio dum redemoinho e torna claro porque Êle era justo em permitir que Jó fôsse tão severamente perseguido e maltratado às mãos de Satanás o Diabo. Enfatizou a insignificância do homem chamando atenção às obras da criação fora do alcance do conhecimento, contrôle ou cuidado do homem; êle esclarece o sensivelmente humilhado Jó sôbre as duas organizações, a de Deus e a do Diabo; êle faz Jó compreender a incapacidade humana de combater a organização do Diabo, semelhante ao leviatã, apenas com ajuda terrestre, sem a ajuda de Deus. Jó percebe agora o direito supremo de Deus de tratar as criaturas a Seu bel-prazer, reconhece seu próprio arrazoamento falho, arrepende-se, e mostra que seu entendimento aumentou grandemente. O sublime poema de extraordinária beleza deixa o arrependido Jó sentado no "pó e na cinza".

Mas que mudança rápida e completa fazem os onze versículos finais, que voltam à prosa dos dois capítulos iniciais e formam o epílogo do livro! Expõe-se uma via de escape para os três "amigos" de Jó. Necessitam que Jó interceda e sacrifique por êles. O arrependimento de Jó é aceitável aos olhos de Jeová e êle abençoa Jó com duas vêzes tanto quanto possuía antes que as provas o deixassem sem possessões, filhos, saúde, e quase sem a própria vida. Os irmãos de Jó e antigos conhecidos se reúnem em volta dêle, confortam-no e lhe trazem presentes. Nascem-lhe dez lindas crianças, e na miraculosa extensão da sua vida por 140 anos êle sobrevive para ver seus descendentes até à quarta geração. Certamente a integridade mantida traz recompensa no fim!

REVISÃO: 1. Como tratam os "altos críticos" de roubar Deus na questão da integridade? 2. Como é frustrada a tentativa pelo testemunho divino? 3. Que se declara acêrca do nome de Jó, sua pátria, e linhagem? 4. Em que período de tempo ocorreu a prova de Jó? 5. Quem escreveu o livro de Jó? e à base de que evidência responde assim? 6. Que acusações fêz Satanás nas côrtes celestes?

e que sobreveio a Jó em resultado disso? 7. Qual é o sentido das arengas religiosas dos três amigos hipócritas de Jó? e das respostas de Jó? 8. Que se diz acêrca das expressões de Eliú e de Jeová Deus? 9. Como é Jó afetado por elas? 10. Que condição mudada de Jó mostra que a integridade mantida traz no fim recompensa?

Lição 39

SALMOS

O livro dos Salmos é uma coleção de poesia sagrada de ordem lírica, originalmente destinada a ser cantada ao som de instrumentos de corda e outros. A tradução grega *dos Setenta* chama êste livro de *Psalmoi*, que indica canções com acompanhamento musical. É da *Versão dos Setenta* que as versões da Bíblia portugueza emprestaram o título do livro, a saber, Salmos. O livro é às vêzes chamado “Saltério”, que se refere a um instrumento de cordas originalmente usado para acompanhar o cantar dos salmos. Nas Bíblias hebraicas os Salmos são intitulados *Sepher T^hillim*, ou simplesmente *T^hillim*, que significa “livro de louvores” ou “louvores”. Ambos os títulos, isto é, Salmos ou Louvores, são apropriados. O teor do livro, o tema que prevalece do princípio ao fim, é o de louvor a Jeová; porém muitos dos salmos são estritamente orações e muitos mais têm o tom de súplica.

Desde os tempos antigos o livro dos Salmos fôra dividido em cinco livros, cada um dos quais forma uma coleção separada de salmos. A divisão, do Livro I a V respectivamente, é a seguinte: Salmos 1-41, Salmos 42-72, Salmos 73-89, Salmos 90-106, e Salmos 107-150. Outro ponto de interêsse aqui é: As Escrituras Hebraicas caem em três grandes divisões, a saber, a Lei, os Profetas, e os Escritos. Salmos é o primeiro livro do grupo mencionado por último, e às vêzes usa-se o primeiro livro para designar o grupo inteiro. Por isso, quando Jesus disse que tôdas as coisas escritas acêrca dêle “na Lei de Moysés, nos Profetas e nos Psalmos” haviam de se cumprir, êle abrangeu tôdas as coisas escritas nas Escrituras Hebraicas.—Luc. 24: 27, 44.

Os Salmos representam a obra de vários escritores. Os títulos dos salmos individualmente indicam vários dos escritores, embora êstes títulos nem sempre parecem ser exatos. Por exemplo, doze salmos são atribuídos a Asaf, mas, visto que pelo menos alguns dêstes doze parecem ser dum tempo posterior, é possível que os filhos de Asaf também estejam incluídos nos títulos. Um salmo é atribuído a Eman e outro a Etan; os títulos de dois salmos nomeiam Salomão; setenta e dois se creditam a Davi, e o título dum setuagésimo terceiro menciona seu nome; um, o nonagésimo salmo, é atribuído a Moisés, e é possível que êle também compôs o salmo noventa e um. Onze salmos são indicados como para os filhos de Coré. Há uns poucos títulos adicionais que não mencionam nome pessoal, e trinta e quatro salmos estão inteiramente sem indicação. É um êrro bastante comum das pessoas tomarem-no por certo que Davi compôs todos os salmos. O precedente, porém, mostra que embora compusesse mais do que qualquer outro escritor, não os escreveu todos. Os escritores de muitos dos salmos não podem ser definitivamente estabelecidos.

Nem se pode definitivamente declarar quem colecionou os 150 salmos em um só volume. Muitos sugerem que Esdras os compilou para uso no segundo templo, completando assim o "Saltério" que se usou no primeiro templo. Davi foi o fundador do "Saltério", e não pode haver dúvida que êle iniciou a coleção. Ezequias parece também ter tido parte nela. (2 Crô. 29:30) O ponto a ser lembrado é que os salmos foram compostos em um período de mais de mil anos (desde Moisés até depois da volta do cativo), por vários escritores diferentes, e que desde o tempo de Davi em diante se fizeram diferentes coleções. É por isso, sem dúvida, que o livro dos Salmos tem cinco divisões. Cada uma delas foi uma dessas coleções. O fato de que houve diferentes coletores dêstes cinco livros explica por que alguns salmos se repetem no único livro atual dos salmos. (Compare Salmos 14 e 53; 40:13-17 e 70; 108 e 57:5-11; 60:5-12) Com tôda probabilidade Esdras

fêz a coleção final, ajuntando as coleções anteriores em um só volume, fazendo-o parte do cânon hebraico.

Além de nomearem em muitos casos o escritor, os títulos indicavam tais coisas como o estilo e caráter do próprio salmo, ou o arranjo musical quanto à espécie de côro com que devia ser cantado, ou instrumento usado para acompanhar, seu uso na adoração pública, sua dedicatória, propósito, ou ocasião da qual surgiu a composição. Para ilustrar, notem-se os títulos dos Salmos 3, 18, 34, 51, 60, 88 e 120.

O último citado é o primeiro de quinze salmos classificados como “Cantico dos degraus”. A opinião varia quanto ao que é indicado por esta classificação. A palavra hebraica assim traduzida vem duma raiz que significa “ascender” ou “subir”. Talvez se refira a degraus para subida, ou à elevação em geral. Alguns dizem, pois, que isto indica que êstes salmos devem ser cantados com a máxima elevação do voz, outros, que se refere à sublime excelência do assunto dos salmos, e outros ainda, que significa que o côro que cantava êstes cânticos se achava num lugar elevado. Se a referência é a degraus, talvez fôssem cantados pelo povo enquanto subiam os degraus do templo no monte Sião. Uma opinião geral prevalecente é que êstes “canticos dos degraus” foram cantados pelo povo enquanto viajavam para Jerusalém, quer quando voltavam de Babilônia quer enquanto viajavam para o templo às festas anuais. Falava-se geralmente da jornada à cidade como subida, por causa da sua posição elevada.—Veja-se Salmo 122: 4; Esdras 7: 9.

Alguns salmos possuem no hebraico uma estrutura alfabética na qual as linhas, versos, ou estrofes começavam com as letras sucessivas do alfabeto hebraico. Em outras palavras, a primeira linha começaria com a primeira letra do alfabeto hebraico, a segunda linha com a segunda letra e assim por diante através do alfabeto de vinte e dois caracteres. Esta estrutura é chamada “acróstica” e foi talvez empregada para ajudar a memória dos cantores. Os Salmos 9 e 10 (tomados juntos; originalmente eram um só salmo), 25, 34, 37, 111,

112, 119 e 145, são acrósticos. O Salmo 119 se distingue especialmente pela sua divisão em vinte e duas estrofes de oito versos cada uma, e cada verso na mesma estrofe começa com a mesma letra hebraica, letra que também aparece como título daquela estrofe. As vinte e duas estrofes são agrupadas sucessivamente sob as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Dêste modo a primeira estrofe leva por título a primeira letra do alfabeto hebraico, *aleph* (א), e cada verso dessa estância começa com a letra *aleph*; a segunda estrofe está encabeçada pela segunda letra, *beth* (ב), e com esta letra *beth* começa cada um dos versos dessa estrofe; e assim através das vinte e duas estrofes. A *Versão Brasileira* e *Almeida* encabeçam cada uma destas estrofes com o nome da letra hebraica, e a *Versão Normal Americana* (em inglês) também, mas, em adição, mostra a letra hebraica na sua forma escrita.

Uma expressão que o leitor dos Salmos encontrará frequentemente é “Selá”. Ela ocorre setenta e uma vêzes. É uma expressão musical, e é tida como significando “pausa, suspensão, ou retenção”, quer do cantar do salmo para um interlúdio musical ou tanto do cantar como da música instrumental para meditação silenciosa. Em todo caso, a pausa é usada para tornar mais impressivo o fato ou sentimento que se acabava de expressar, e permitir que se entenda o sentido cabal da última expressão. As seguintes citações darão informação adicional quanto aos tempos e ocasiões e lugares em que se cantavam os salmos, e também quanto ao acompanhamento musical dos cantores: 1 Crônicas 15:19-21, 28; 16:5, 6, 42; 2 Crônicas 5:12, 13; 7:6; 20:21, 22; 29:25, 28, 30; Esdras 3:10, 11; Neemias 12:27, 40-43; Salmos 95:1, 2; 98:4-6; 105:2; 150:3-5; Mateus 26:30; e Tiago 5:13.

O livro dos Salmos consiste na mais bela e exaltada poesia, odes líricas e canções jamais escritas. Os Salmos são reconhecidos como a perfeição de poesia apropriada para ser cantada e para expressar os sentimentos do salmista antes do que eventos, como acontece na poesia narrativa e dramática. Alguns dos salmos, porém, são dêste último tipo, contando uma

história ou contendo elemento dramático. Estão escritos em versos hebraicos rítmicos mas sem rimas. Característico dos salmos são seus paralelismos, isto é, a expressão de pensamentos ou sentimentos paralelos ou contrastantes em estrutura gramatical similar. Isto aumenta imensamente o poder e a fluência do ritmo.

Mas não forme ninguém a falsa impressão de que o livro dos Salmos não é mais do que belos cânticos, ricos em valor literário e expressão emocional. Não foram escritos para expressar meramente o sentimento de indivíduos, ou para se enquadrar em situações que indivíduos confrontariam em séculos posteriores. O único indivíduo que qualquer salmo jamais prefigurou é Cristo Jesus. Êles contêm muitas profecias a seu respeito, e predizem também situações com que seus seguidores se confrontariam *como classe*. O espaço não permite alistar as previsões acêrca de Cristo Jesus, mas queira pelo menos notar os Salmos 2:6; 16:10; 22:1, 7, 8, 16, 18; 34:20; 35:11; 41:9; 69:4, 8, 9, 21; 78:2; 110:1, 2; e 118:22, 23. Não se engane: os Salmos estão cheios de profecias. Foram citados por Jesus e seus apóstolos mais frequentemente do que qualquer outro livro das Escrituras Hebraicas. Até o dia de hoje são citados por pregadores do evangelho principalmente por causa da sua natureza profética.

REVISÃO: 1. Que é o livro dos Salmos? e por que é assim chamado? 2. Desde tempos antigos como foram divididos os Salmos? 3. Que nos dizem os títulos quanto aos escritores? 4. Que sabe acêrca da coleção dos salmos em um só volume? 5. (a) Além de muitas vêzes nomear os escritores, que mais dizem os títulos? (b) Ilustre-o. 6. Que opiniões diferentes há acêrca do 'cântico dos degraus'? 7. Que estrutura peculiar seguem alguns dos salmos? 8. Que se indica pelo termo "Selá"? 9. Em que estilo se escreveram os Salmos? 10. Que impressão errada comum se elimina, e como se faz isso eficazmente?

Lição 40

PROVÉRBIOS

O título dêste livro é tomado da sua primeira palavra no original hebraico, *Mish'léy*, que significa "provérbios". Mas

a palavra hebraica traduzida “provérbios” abrange mais do que isso: significa “símile” ou “similitude”, isto é, “comparação, parábola, charada”. A palavra portuguesa “provérbios” vem do termo latino *proverbia*, *pro* significando “por” e *verbia* significando “palavras”, significado básico que nos leva de volta ao sentido original para transmitir o qual se formou a palavra. Devia aplicar-se a ditos expressivos que exprimissem em poucas palavras o que originalmente requeria muitas. O provérbio poupava palavras; suas poucas palavras valiam por muitas, ou “por palavras”. O curto dito proverbial substituiu e continha tanto significado como um discurso inteiro. Pode-se dizer que o provérbio diz tudo em duas palavras. Do significado literal da palavra “provérbio”, pois, pode-se apreciar quão apropriadamente intitula o livro da Bíblia que se caracteriza por sua concisão e brevidade de linguagem.

O livro de Provérbios, como o dos Salmos, é uma coleção de coleções anteriores. Isto transparece do fato que o livro tem cinco divisões, cada uma das quais foi provavelmente uma coleção separada. As divisões são as seguintes, e com cada divisão damos a identidade do escritor: (1) Capítulos 1-9, o versículo inicial da qual é um título que indica seu originador: “Proverbios de Salomão, filho de David, rei de Israel.” (2) Capítulos 10-24, esta secção também está intitulada “Os proverbios de Salomão”. (3) Capítulos 25-29, intitulados assim: “Estes também são proverbios de Salomão, os quaes transcreveram os homens de Hezekias, rei de Judah.” (4) Capítulo 30, introduzido como “Palavras de Agur, filho de Jakeh”. (5) Capítulo 31, encabeçado pelo título, “Palavras do rei Lemuel: a profecia que lhe ensinou sua mãe.”—*Almeida*.

Do precedente se vê claramente que Salomão foi o originador da maior parte do livro, atribuindo-se-lhe os primeiros vinte e nove capítulos. Isto não significa que êle pessoalmente escreveu êstes capítulos. Primeiro Reis 4: 32 declara acêrca de Salomão: “FALOU também tres mil proverbios, e foram os seus canticos mil e cinco.” Mas, se Salomão não os escreveu pessoalmente, sem dúvida outros em volta dêle o fizeram. De

outro modo, como se poderia ter mantido a conta de tantos? Que o número três mil não era apenas um cálculo aproximado, redondo, se vê da conta muito exata dos cânticos, até cinco além dos mil. Além disso, a coleção dos provérbios de Salomão feita sob a direção de Ezequias mais de 250 anos depois foi 'transcrita' de fontes mais antigas. Sem dúvida, os provérbios de Salomão foram de tempos em tempos registrados durante seu reinado, e destas várias cópias se fizeram coleções. Quem fez essas coleções, e quem as ajuntou finalmente para formarem o livro de Provérbios? Está claramente expresso que a terceira divisão foi reunida sob a direção de Ezequias. Muitos crêem que o próprio Salomão pôs em ordem a segunda divisão; quanto a isso, talvez fôsse ele quem arranjou a primeira divisão. Que ele coligiu e "*poz em ordem* muitos proverbios" se prova por Eclesiastes 12:9. Agur e Lemuel, os proverbistas das divisões quatro e cinco, estão envoltos em obscuridade. Não dispomos de nenhum conhecimento definitivo a seu respeito, apenas especulação. Nem se pode dizer com certeza quem terminou ou completou finalmente o livro de Provérbios assim como aparece no cânon hebraico.

Salomão reinou de 1037-997 A. C. Visto que era moço quando começou a reinar, é bem provável que a maioria dos seus provérbios fôsem proferidos para o meio e a última metade do seu reinado, mas antes da sua queda na idolatria. Encontrava-se provavelmente no apogeu mais ou menos no tempo da visita da rainha de Sabá, pouco depois de seu programa de construções que durara vinte anos. Já que nada de definitivo se sabe sobre Agur e Lemuel, nada digno de confiança pode ser dito quanto ao tempo em que seus provérbios foram produzidos. Nem se pode designar uma data definitiva para a coleção e arranjo final do livro de Provérbios. Não pode, porém, ter sido antes do reinado de Ezequias (745-716 A. C.), visto que ele foi um dos coletores.

Um sumário do conteúdo específico de Provérbios é quase impossível. Como se poderia declará-los mais resumidamente? Pela sua própria natureza são o máximo em economia de pa-

lavras. Omita mais algumas palavras e o pensamento desapareceria com elas. Só se podem fazer observações gerais quanto ao conteúdo. A primeira divisão (1-9) é um poema instrutivo no qual se louva a sabedoria, que às vêzes é personificada (1: 20-33; 3: 13-20; 7: 4; 8: 1-9: 12). Esclarece-se que o temor de Jeová é o princípio da sabedoria, que a sabedoria é encontrada por aquêles que a buscam diligentemente, e que os que a retêm alcançam vida. Dão-se exortações quanto à fé, obediência e estudo, e se soa um aviso particularmente forte contra a astuta prostituta. Esta secção afasta também por um momento as cortinas do tempo e revela o Verbo ou Logos com Jeová antes das Suas outras extensas obras criativas.—8: 22-36.

A segunda divisão é uma coleção de provérbios individuais e máximas independentes. Não há tema especial que corra através desta secção, como no caso da primeira divisão. Pode ser descrita de modo geral como um contraste entre a justiça e a iniquidade, entre as virtudes pias e os vícios opostos. A terceira secção é de índole semelhante com mais máximas e observações de Salomão. A quarta divisão (30: 1-33, de Agur) é uma confissão da insignificância do homem, da pureza da palavra de Deus, e da iniquidade de certa geração. Então, em estrutura paralela de linguagem algo extensa, Agur cita quatro coisas que nunca estão satisfeitas, quatro coisas demasiado maravilhosas para êle entender, quatro coisas insupportáveis, quatro coisas pequenas mas extremamente sábias, e quatro coisas graciosas no andar. O capítulo 31, a quinta divisão, contém a lição de castidade e moderação de Lemuel, e a descrição duma mulher virtuosa.

O estilo de Provérbios é digno de observação. A maior parte do livro está escrita em poesia. Os capítulos 1-9 são compostos em poesia lírica; o resto do livro consiste na maior parte em paralelismos poéticos escolhidos, tanto a estrutura das idéias como a gramatical sendo paralelas ou o paralelismo existindo apenas na estrutura gramatical, as idéias sendo contrastes

ou antíteses. Para um exemplo da primeira espécie de paralelismos veja-se Provérbios 2:1-5, e para a última leia-se Provérbios 10:1-7. A poesia hebraica é poderosa, embora não seja rimada. Sua fôrça e ritmo, movimento e fluidez, provêm do ritmo do pensamento expresso por meio de paralelismos. Algumas das pérolas de sabedoria em Provérbios estão ligadas ou enfileiradas em sequências coerentes como um colar de pérolas; outras, como um montão de pérolas, estão soltas. No poema da mulher digna, no fim do livro, cada um dos vinte e dois versos (10-31) começa com uma letra do alfabeto hebraico em ordem regular. Tais poemas são chamados poemas alfabéticos, ou acrósticos. Veja-se a lição sôbre os Salmos para explicação mais detalhada desta estrutura.

O livro de Provérbios estabelece as regras de conduta que manterão os pés dos adoradores de Jeová em caminhos retos. Que são práticas é evidente; seu valor para manter cingidos para a justiça os lombos da mente é inegável; seu auxílio em ajudar a pessoa a cuidar do espírito ou disposição mental é tremendo. Isto se dá porque são de Deus. Lembre-se que Salomão, no início do seu reinado, orou a Jeová por sabedoria divina. Recebeu-a, falou-a, e os Provérbios a registam. Mas Provérbios tem maior alcance do que a vida quotidiana e a conduta de indivíduos: é profético de eventos momentosos. Este significado profético eleva-os a um valor igual ao dos outros livros das Escrituras Hebraicas.

REVISAO: 1. Donde vem o título "Provérbios"? 2. Qual é o significado literal de "provérbios", e que se deduz disso? 3. Que é o livro conhecido por "Provérbios"? 4. Como está dividido? 5. Quem originou a maior parte de Provérbios? 6. Como, sem dúvida, foram preservados e coligidos? 7. Quando, provavelmente, produziu Salomão a maior parte dos seus provérbios? 8. Que se sabe quanto ao tempo da coleção final para formar nosso presente livro? 9. Que observação faria quanto ao conteúdo (a) da primeira divisão? (b) Da segunda divisão? (c) Da terceira divisão? (d) Da quarta divisão? (e) Da quinta divisão? 10. Qual é o estilo de Provérbios? 11. Qual é o pleno valor de Provérbios, e por quê?

Lição 41

ECLESIASTES E O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

“Eclesiastes” é o nome dêste livro adotado de *Versão dos Setenta* grega, e significa “pregador”. Na Bíblia *hebraica* o livro se chama *Qoheleth* (pronunciado *kō-hēl’eth*), da segunda palavra do versículo inicial. *Qoheleth* é a palavra hebraica que o sábio rei Salomão aplicou a si mesmo por nome, e que significa “eclesiastes, ou pregador ou proclamador”. (Ecl. 1:1, 2; 12:8, *Uma Trad. Amer.*) Embora o livro não mencione realmente o nome de Salomão como escritor, várias passagens parecem ser conclusivas para estabelecê-lo como tal. O Pregador é identificado em Eclesiastes 1:1, 12 como filho de Davi e rei *sobre Israel em Jerusalém*. Salomão é o único na história da Bíblia que satisfaz estas condições. Os versículos 13-16 do mesmo capítulo mostram o zelo do Pregador em procurar sabedoria e o extraordinário êxito que obteve em sua busca pela sabedoria. Isso corresponde a Salomão. Eclesiastes 12:9 informa que o Pregador era compositor de provérbios. Não proferiu o sábio rei Salomão três mil provérbios?—1 Reis 4:32.

É evidente que o Pregador de Eclesiastes e Salomão são uma e a mesma pessoa. Isto é verdade apesar das opiniões contrárias de alguns “altos críticos” da Bíblia que parecem ter a paixão de turvar as águas claras da verdade com os seus “altos criticismos”. As poucas expressões aramaicas que aparecem no livro, Salomão pode ter aprendido de algumas de suas espôsas ou concubinas estrangeiras. Além disso, a Síria, onde se falava aramaico, fazia parte do império de Salomão. É possível que êstes ensaios de Salomão, assim como os provérbios, fôsem reunidos na sua forma presente em Eclesiastes por um colecionador posterior; mas essa possibilidade não influencia nem por um jota o fato de ser Salomão o escritor. É provável que compusesse esta série de pequenos ensaios já bem adiante no seu reinado de quarenta anos (1037-997 A. C.), mas antes da sua queda à idolatria e perda do favor de Deus e do espírito santo de inspiração.

Alguns tradicionalistas judeus e outros tratam de reabilitar o apóstata Salomão e argumentam que êle se restabeleceu da sua apostasia, e que depois escreveu Ecclesiastes. Não podem produzir nenhuma sombra de evidência em apóio da sua tradição; o testemunho da Bíblia parece claro que Salomão morreu sob desaprovação divina.—1 Reis 11: 1-43.

Mas, Salomão estava no favor de Jeová e sob Sua inspiração quando produziu o livro de Ecclesiastes. A essência do livro é: Teme a Deus, o Juiz de todos, e observa os seus mandamentos; fora da sua aprovação todo o demais é vaidade. Êste tema está explicitamente anunciado na introdução e é confirmado na conclusão: “Vaidade de vaidades! diz o pregador, vaidade de vaidades! é tudo vaidade.” “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juizo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau.”—1: 2; 12: 8, 13, 14, *Almeida*.

O que se segue é um esboço breve e geral do conteúdo de Ecclesiastes. Contrasta-se a condição passageira do homem com a terra sempiterna e a operação contínua dos seus ciclos naturais; o rei prova e experimenta os frutos dos esforços e labores humanos, só para jogá-los de lado como fúteis com o comentário enfatiado, “Tambem isto é vaidade”; êle vê que há um tempo marcado para cada coisa e propósito; percebe que o homem e o animal morrem da mesma maneira e que ambos voltam ao pó do qual foram formados; considera as opressões que surgem da inveja, ociosidade, cobiça, solidão e premeditação; êle avisa acêrca da insensatez do tagarela, da obrigação de pagar votos, de que Deus nota as injustiças, e que os frutos da terra são para todos e não para os poucos que em vão tratam de acumular riquezas; à revisão dos remédios para a vaidade segue-se a sua observação acêrca da sabedoria; as mesmas coisas acontecem a todos, e no túmulo não há conhecimento; a sabedoria e a tolice são apresentadas em flagrante contraste uma com a outra; expõem-se re-

gras para caridade; e o capítulo final, o décimo-segundo, reforça a sua admoestação de lembrarmos-nos do nosso Criador na nossa mocidade e vigor por soarmos avisos contra os estragos dos anos futuros quando a débil velhice nos alcança e nos rouba a nossa fôrça de nos lembrarmos do nosso Criador por meio de atividade zelosa no Seu serviço.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O título em português é uma contração das primeiras palavras do livro: “Cantico dos canticos, de Salomão.” A frase “cantico dos canticos” é um superlativo, semelhante à expressão “Deus dos deuses”, “Senhor dos senhores,” “Rei dos reis,” “céu dos céus” (o mais alto dos céus), e “santo dos santos” (o Santíssimo). Denota um cântico de suprema excelência e beleza, e não um cântico composto de vários cânticos, como a Bíblia que é um livro composto de sessenta e seis livros menores. Salomão foi o escritor do livro, conforme está declarado de modo claro no versículo inicial. Êle era um prolífero escritor de canções, atribuíndo-se-lhe mil e cinco composições. (1 Reis 4: 32) Mas de tôdas estas, êste Cântico dos Cânticos foi a melhor; era O CÂNTICO. Sem dúvida isto é assim porque veio por meio de inspiração e é de significado profético.

Dois caracteres se destacam no cântico: Um homem, Salomão, e uma mulher, Sulamita. Ambos os nomes significam “pacífico”. “Sulamita”, no hebraico, é meramente a forma feminina de “Salomão”. (Cân. 1: 5; 3: 7, 9, 11; 6: 13; 8: 11, 12) O livro pode ser resumido como segue: A noiva expressa o seu amor pelo seu espôso; confessa-se indigna, deseja ser conduzida ao rebanho, e é guiada às tendas do pastor; o noivo descreve a noiva e faz benevolentes promessas (1: 1-17); dá-se uma descrição do seu amor mútuo, da vinda do noivo, do chamado à noiva (2: 1-17); a noiva fala da ausência do seu espôso, sua busca por êle, sua reunião com êle, e descreve algumas das suas possessões (3: 1-11); o noivo descreve a noiva e declara-lhe seu amor (4: 1-16); o noivo chama a noiva, ela hesita, e depois responde só para verificar que o

noivo fôra embora; enquanto o procura ela é perseguida pelos vigias da cidade; em resposta às perguntas das filhas de Jerusalém ela começa uma esquisita descrição de seu espôso (5:1-16); as companheiras da noiva perguntam pelo noivo; o noivo dá uma descrição extensiva da noiva (6:1-7:9); a noiva expressa seu inextinguível amor por êle; se apresenta a condição de uma pequena irmã; menciona-se o arrendamento da vinha de Salomão; e o versículo final é um pedido da noiva para que o noivo venha logo.—7:10-8:14.

A essência do Cântico dos Cânticos é o amor mútuo entre o noivo e a noiva. Poucos poemas despertaram maior atenção, ou encontraram mais comentadores. É um idílio alegórico (simbólico ou pictórico) e lírico com fundo dramático. Seu caráter dramático é demonstrado pelo diálogo e a história cheia de situações e ações dramáticas. O belo tema dêste cântico dos cânticos é o verdadeiro amor marital. O assunto que considera é um assunto sagrado. A maneira pela qual foi tratado é esquisitamente poética, com tôda a beleza natural franca e casta do simbolismo bíblico.

A alegoria dêste cântico se confirma através das Escrituras, particularmente por Cristo Jesus, o Noivo, embora êste livro não seja diretamente citado nas Escrituras Gregas Cristãs. Contudo, sua previsão pictórica é verificada nos seguintes textos: Mateus 9:15; 2 Coríntios 11:2; Apocalipse 19:7-9; 21:2, 9. A canonicidade dêste livro é por alguns posta em dúvida na pretensão de que o nome de Deus não está mencionado nêle. A menção do nome de Deus não é a regra para se determinar a canonicidade. A ausência do nome de Jeová não desqualifica o livro assim como a mera presença do seu nome não o faria canônico. A mesma objeção infundada se levanta em descrédito do livro de Ester.

Contudo, o fato é que o nome de Jeová aparece no Cântico dos Cânticos. O capítulo 8, versículo 6, reza, segundo a *Versão Brasileira*: “Põe-me como sello sobre o teu coração, como sello sobre o teu braço, pois o amor é forte como a morte; o ciume é cruel como a sepultura. Os seus brilhos são brilhos

de fogo, a chamma de Jehovah." *Rotherham* (em inglês) reza, "O brilho de Jah!" A nota marginal de *Rotherham* sôbre isso diz: "Isto é, as chamas amorosas ardendo no coração humano emanam de Jeová. A ansiedade, porém, dos sofrerim [judaicos] de não descrever Jeová como fonte do amor humano, e especialmente para não exhibi-lo paralelamente com o Hades, fêz os [editores] ocidentais do texto obliterar o nome de Deus no único lugar onde o Nome Divino ocorre neste livro." Além disso, o cumprimento do significado profético do Cântico dos Cânticos, tanto quanto se o entende, confirma a autenticidade do livro.

REVISÃO: 1. Que sabe sôbre a origem e o significado do nome "Eclesiastes"? 2. Quem escreveu o livro, e quando? 3. Qual é a essência do livro? 4. Resuma seu conteúdo. 5. Que informação se deu quanto ao nome do livro O Cântico dos Cânticos? 6. Quem compôs o cântico? 7. Resuma brevemente os diálogos do livro. 8. Qual é a essência do livro? e seu estilo? 9. Como se confirma a sua alegoria? 10. Que evidência mostra a canonicidade do livro?

Lição 42

ISAÍAS

Na lista dos assim-chamados "profetas maiores" Isaías vem em primeiro lugar; isto é, primeiro em ordem de tempo e colocação no cânon da Bíblia. Êle desempenhou seu serviço profético durante os reinados dos reis judeus Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias. Parece que começou a profetizar pouco antes da morte de Uzias (774 A. C.) e continuou através dos anos até pelo menos o décimo quarto ano de Ezequias (732 A. C.). (Isa. 1:1; 6:1; 36:1) Isto estenderia seu longo registo de serviço a mais de quarenta e dois anos, pelo menos; e um período de serviço de mais alguns anos parece provável. Segundo a tradição, Isaías sobreviveu até o reinado do iníquo rei Manassés, que sanguinariamente mandou que se serrasse o idoso profeta em pedaços, e foi êste ato vil que suscitou a expressão de Paulo em Hebreus 11:37. Mas, lembre-se que isto é sômente tradição. Contemporâneos de Isaías eram os profetas Oséias, Miquéias e Oded. (Osé. 1:1; Miq.

1:1; 2 Crô. 28:6-9) Do próprio Isaías pouco se sabe definitivamente. Ele era filho de Amós (não do profeta Amós), estava casado com uma profetiza, da qual teve pelo menos dois filhos, e escreveu em adição ao livro bíblico de Isaías certas obras históricas. (Isa. 1:1; 7:3; 8:3, 18; 30:8; 2 Crô. 26:22) Seu nome significa "salvação de Jah".

O livro de Isaías pode ser dividido em três secções: capítulos 1-35, que abrange profecias de largo alcance envolvendo várias nações, e que parecem ter sido proferidas antes da invasão assíria de Judá e do cerco de Jerusalém; capítulos 36-39, que são principalmente históricos e dão o relato da invasão de Senaquerib, e também relatam a doença e cura de Ezequias e a sua indiscrição em mostrar seus tesouros ao filho do rei de Babilônia; capítulos 40-66, que abrange profecias pertencentes principalmente à restauração do fiel restante do cativo babilônico, em miniatura, e a uma restauração ainda maior muitos séculos mais tarde debaixo dum Maior do que Ciro, em cumprimento final. Esta última secção de vinte e dois capítulos parece ter sido escrita após a derrota de Senaquerib, depois que a ameaça de domínio assírio passara e a atenção profética se concentrara na vindoura ameaça babilônica. Foi provavelmente escrita durante os quinze anos pacíficos que foram agregados à vida do rei Ezequias. O que se destaca nas profecias de Isaías é o abundante testemunho acerca do Cristo e Seu reino, o restaurado restante ungido de hoje e seus companheiros, as "outras ovelhas" ou "estrangeiros". O conteúdo de cada uma destas três secções será aqui brevemente esboçado.

Secção primeira, capítulos 1-35: Com firmeza majestosa o profeta de Jeová pede a atenção de toda a criação enquanto expõe a controvérsia que Deus tem com o Seu professo povo. O grande Teócrata está enfasiado com seus abomináveis jejuns, festas e sacrifícios rituais; mas, por se desviarem da hipocrisia, seus pecados, embora como o escarlata, se tornarão brancos como a neve e, nos últimos dias, afluirão pessoas de todas as nações a Sião e Jerusalém e aprenderão a lei e ocu-

pações pacíficas de Jeová. Uma repentina mudança do profeta chama Judá a juízo pelas suas idolatrias, prediz duas calamidades e cita a falta de conhecimento como causa para sua queda no cativeiro; Isaías tem uma visão da glória de Jeová no templo, tem seus lábios purificados e é enviado a profetizar. Síria e Israel juntam as suas forças contra Judá, mas se prediz a queda dos conspiradores diante de Assíria; Judá é avisada contra ligas de nações e admoestada a temer a Jeová; depois de predizer seu nascimento humano por uma virgem, a profecia revela o governo infundável do Messias, seu aumento e paz; a Assíria é usada como vara de correção por Jeová, mas cairá por sua vez por decreto divino e um restante de israelitas fiéis voltaria à adoração de Deus; Israel é confortado pelo conhecimento do pacífico reino de Cristo e a prometida restauração dum restante fiel do qual se afastou a ira de Deus.

A atenção concentra-se a seguir em Babilônia; a destruição dela pelos medos é predita; por meio da figura do rei de Babilônia (Lúcifer) representa-se a queda de Satanás; seguem-se uma série de mensagens de infortúnios contra Moab, Damasco, Etiópia e Egito, e de novo Babilônia, daí Monte Seir, Arábia, os judeus e Tiro. As sentenças divinas de desolação sobre a terra continuam por causa da violação do pacto eterno, mas um restante voltará e se alimentará dum banquete de coisas gordurosas divinamente preparado, será libertado da morte, e entoará um cântico de louvor e confiança a Jeová; mas Ele destruirá as monstruosas potências mundiais que dominam o "mar" da humanidade, e um flagelo transbordante arrasará aos escarnecedores de Efraim e os regentes de Jerusalém que confiam num suposto pacto com a morte e o inferno em vez de aceitar a provada pedra de alicerce de Sião, o Messias Cristo. Declara-se que viria uma calamidade sobre os que èbriamente adoram segundo preceitos humanos e os que confiam no braço carnal do Egito para libertação; reafirma-se o propósito divino de fazer a Assíria sentir os fogos de destruição; prediz-se o reinado dum rei justo com seus prin-

cipes; declara-se a indignação e vingança de Jeová contra tôdas as nações para vingar o maltrato de Sião; e o último capítulo desta secção descreve esplêndidamente a condição florescente da restaurada organização visível de Jeová e o gozo bendito do Seu restaurado restante fiel que volta a ela.

Secção segunda, capítulos 36-39: Nela se discute a invasão de Judá por Senaquerib no décimo quarto ano do rei Ezequias; registam-se os discursos escarnecedores e blasfemos de Rabsaquê; como Ezequias enviou servos para consultar Isaías; de Jeová por meio de Isaías vem uma profecia confortadora contra o altivo assírio; como no fim Deus elimina os invasores e como Senaquerib é depois assassinado pelos seus dois filhos enquanto adora no templo dos seus deuses demoníacos. A doença mortal de Ezequias é curada e agrega-se-lhe quinze anos de vida; de modo indiscreto êle expõe os seus tesouros perante os olhos arregalados do príncipe balilônico Merodac-Baladan, e Isaías prediz então o tempo do cativo babilônico quando êste tesouro seria levado à Babilônia junto com o povo de Judá.

Secção terceira, capítulos 40-66: Conforme anteriormente declarado, esta secção fala repetidamente do cativo babilônico, e particularmente da queda de Babilônia e da restauração dum restante fiel a Sião ou Jerusalém. Mas a nossa consideração desta secção não deve limitar-se em alcance a tais confins estreitos como os cumprimentos em miniatura de há muito; nossa perspectiva destas gloriosas profecias precisa elevar-se muito acima e além de tais limites literais e voar a alturas sublimes prevendo o Messias e seu reino e as bênçãos e triunfos do seu reinado. No início (40:1-31) prediz-se o consôlo da Sua organização e o precursor do vindouro Messias, e a excelência incomparável da sabedoria e do poder de Jeová se descreve de modo vigoroso; Êle mostrará favor a seu servo perseguido e demonstrará que todos os oponentes não são nada; seu Servo eleito trará livramento e liberdade e luz; um povo, que servirá como testemunhas de Jeová, será remido do cativo; o suscitar do libertador Ciro

para abater a opressora Babilônia é predito com cêrca de duzentos anos de antecipação, e isso para que quando chegasse a libertação Israel soubesse que Jeová a manobrou. Sendo Ciro o conquistador de Babilônia, é lógico que se predizem humilhações e privações e morte como sobrevivendo à idólatra Babilônia; mas o servo de Jeová conduzirá o restante de Jeová para fora do cativeiro e os que são ajuntados dentre tôdas as nações formarão uma surpreendente multidão; desaparecido para sempre estará o cálice de tremor e amarguras dos lábios da organização restaurada de Jeová, mas passará para as bocas obstinadas dos afligidores que terão de bebê-lo até a última gota amarga! Sião, desperta e fortalecida, se levanta do pó e os seus filhos saem de Babilônia como vasos puros para publicar boas novas.

O capítulo 53 prediz os sofrimentos de Cristo na terra; os três capítulos que seguem mostram a "mulher" de Deus, de há muito estéril, como formosa mãe de muitos; promete-se o herdeiro do pacto do reino feito com Davi como Chefe e Comandante para os povos; a êle se apontam não só um restante em pacto, mas também estrangeiros de tôdas as nações.

O tema inspirador de prosperidade e incremento sem limites deixa de ser mencionado nos capítulos 57-59 para ceder lugar à denúncia das idolatrias de adoradores professos e para avisar da chegada do Redentor à Sião para julgamento. O tema volta com fôrça renovada e alcança novas alturas com o capítulo 60 mostrando como gentios se juntam à Sião resplandescente e seu restante ungido em quantidades sem precedentes, como o mar invasor, como densas nuvens de pombo em vôo; os portões de Sião estão continuamente abertos para receber o incremento que faz com que um se torne mil e o mínimo uma nação forte. O Messias Cristo é quem foi comissionado a conseguir tudo isso, pela unção do espírito de Jeová, e em resultado da sua obra de reconstrução Sião é chamada por um novo nome; êle é também o que pisa o lagar da ira de Jeová ao saciar a vingança divina sôbre o

mundo de Satanás; o propósito imutável de Jeová, de fender os velhos céus e fundir a velha terra e de também criar novos céus e uma nova terra, se declara a seguir, e nesse novo mundo sem fim tôda a criação, inclusive tôda carne na terra, virá regularmente e adorará diante do seu Criador e Soberano.

Naturalmente, os “altos críticos” da Bíblia que se deleitam em coar mosquitos que nem mesmo existem, levantam questões acêrca dêste livro sôbre as quais balbuciam em vão, sendo a principal a de que Isaías, de fato, não escreveu a terceira secção do livro, isto é, os capítulos 40 a 66. Tão fraca é a sua pseudo-evidência que não precisamos gastar espaço para apresentar a clara e superabundante prova de que a composição é de Isaías. (Veja-se Atos 8:30-35 e Isaías 53:7, 8.) Outros ficam extáticos ante o estilo literário do livro, que de fato é de uma beleza insuperável, e deixam inteiramente de apreciar os assuntos mais importantes, seu conteúdo inspirado. A autenticidade do livro não pode ser contestada com êxito. Muitas das suas profecias se cumpriram em miniatura na nação judaica, muitas mais foram cumpridas por Cristo Jesus ou se cumpriram nêle enquanto esteve na terra e muitas mais delas passaram ou estão passando agora pelo seu cumprimento maior e completo. De todos os profetas hebraicos além de Moisés, nenhum é citado mais vêzes nas Escrituras Gregas Cristãs do que Isaías.

REVISÃO: 1. Quando serviu Isaías como profeta? 2. Que se sabe dêle pessoalmente? 3. Como pode ser dividido o livro? 4. A que tempo parece pertencer cada uma das divisões? 5. Que contém a primeira secção? 6. Que história e profecia são registadas na segunda divisão? 7. De que ponto de vista deve ser considerada a profecia de Isaías, especialmente a secção três? 8. Resuma o conteúdo da secção três, tendo em mente o aspecto mais amplo. 9. Como ofendem de novo a Palavra de Deus os “altos críticos” coa-mosquitos? 10. Que se pode dizer da autenticidade do livro de Isaías?

Lição 43

JEREMIAS

“Ah, Senhor Jehovah! eis que não sei falar, porque sou um menino.” Tais foram as palavras que de emoção irromperam

dos lábios do jovem Jeremias de Anatot quando, no ano de 647 A. C., Jeová lhe disse que desde o seu nascimento fôra ordenado profeta para as nações. Mas as palavras não foram alguma desculpa para encobrir qualquer preguiçosa falta de zelo por Jeová Deus. Ele foi adiante com firme confiança depois que Jeová lhe prometeu apôio divino e tocou seus lábios e pôs na sua jovem bôca as palavras do Altíssimo. Por quarenta anos antes da queda de Jerusalém as ardentes denúncias e gritos de aviso de Jeremias ecoaram pelas ruas de Judá e Jerusalém. Avisaram claramente acêrca da desolação de Jerusalém que duraria setenta anos; iluminaram de modo claro o caminho de volta ao favor de Deus. Mas as palavras de aviso foram desprezadas, e os obstinados e rebeldes israelitas viram a destruição de Jerusalém e foram ao cativeiro na Babilônia, em 607 A. C. As profecias de Jeremias se cumpriram; portanto se provaram inspiradas, de Deus. Ele acrescenta ao seu livro dados históricos pertencentes ao vigésimo sexto ano da desolação de Jerusalém (o trigésimo sétimo ano do cativeiro do ex-rei Joaquim), estendendo assim a uns sessenta e seis anos o período de tempo abrangido pelo livro que escreveu e que leva o seu nome. (Jer. 1:1-10; 52:31-34) Seu nome, incidentalmente, significa “Jah é elevado”.

Jeremias entrou em choque direto com a intolerância, o fanatismo e a perseguição religiosa. Sua impopularidade era grande em todo nível ou classe da sociedade humana na Jerusalém religiosa, desde os reis e príncipes políticos e os sacerdotes religiosos até o povo comum. Lutavam contra o fiel profeta, mas não podiam prevalecer, porque Jeová estava com Seu servo para o libertar.—1:17-19.

O conteúdo do livro de Jeremias não está em ordem cronológica, porém mais de acôrdo com os assuntos. Dois males se destacam: o povo abandonou a Jeová, a fonte de águas vivas; cavaram as suas próprias cisternas, cisternas rôtas, que não retêm as águas. A nação, uma vez plantada como vinha nobre, se degenerara. Sangue inocente mancha seus vestidos de aparência pia. Judá viu as fornicções de Israel e o cati-

veiro à Assíria resultante, mas ela seguiu o mesmo caminho perverso de sua irmã e cairá num cativeiro igual, mas à Babilônia. A hipócrita Judá pretende seguir a lei de Deus, porém seus sacerdotes e profetas são falsificadores, enganadores, extorsionários e pervertedores do juízo, e o povo gosta disso. Ademais, por causa do seu serviço de lábios a Deus jactam-se descaradamente: “Somos livres, podemos fazer todas estas abominações.” Sem se envergonharem continuam com suas iniquidades e se fortalecem com predições de paz. Sonhadores! Não paz, mas desolação! Jeová não poupará o templo profanado de Jerusalém assim como não poupou o tabernáculo de Silo nos dias do sacerdote Eli. Sòmente por endireitarem as veredas poderia se apartar a calamidade; mas nada disso para os religiosos hipócritas!—2: 1-9: 26, *Almeida*.

Avisa-se-os contra a maneira pagã de construir ídolos de madeira e metal, da impotência de tais “deuses” sem fôlego; mas os caminhos maus de Judá são tão imutáveis como as malhas do leopardo! Os falsos profetas que negam as predições de fome e matança por espada cairão por estas mesmas retribuições; a nação será seguramente dispersa. Para enfatizar a certeza da vindoura calamidade, Jeremias é instruído para não se casar, mas também prediz uma restauração depois do cativeiro: divinamente dirigidos “pescadores” e “caçadores” ajuntarão o resto do povo, e os de boa vontade de muitas nações juntar-se-ão a êste restante restaurado. Seguem-se exortações sôbre o sábadado.—10: 1-17: 27.

Usando o oleiro com o seu barro por tipo Deus mostra seu absoluto poder sôbre as nações; depois de declarar os retinintes juízos de Deus contra os idólatras no vale de Hinom, Jeremias quebra o vaso do oleiro para ilustrar como Judá será quebrantada por Jeová. (18: 1-19: 15) Pasur, o governador do templo, golpeou Jeremias e o pôs no cepo. Intrépido, ao ser libertado, Jeremias corajosamente repete a sua profecia da condenação de Jerusalém e diz a Pasur na face que êle, sua família e amigos morrerão em Babilônia. O zêlo ardente

nos ossos de Jeremias não o deixa parar de pregar. Nos tempos do rei Zedequias a cidade cairá depois de duro sítio; mas primeiro o rei Salum (Joacaz) morreria cativo; Jeoiaquim seria enterrado como um jumento; e Joaquim junto com sua mãe, seria levado cativo a Babilônia onde morreria.—20: 1-22: 30.

Outra promessa emocionante de restauração logo cede lugar a fortes denúncias por parte de Jeremias dos falsos profetas sonhadores; por meio da ilustração dos figos bons e maus Jeremias contrasta o destino de duas classes que foram a Babilônia ao cativeiro, uma classe que se torna um fiel restante para voltar à pátria, e a outra uma classe irreformável.—23: 1-24: 10.

O capítulo vinte e cinco marca o tempo da destruição de Jerusalém como sendo de setenta anos, e estabelece também um limite de tempo para a dominação mundial de Babilônia, no fim do qual Babilônia cairá. O copo do vinho do furor de Deus com Nabucodonosor por Seu executor passará a outras nações, a muitas nações, e serão forçadas a beber dêle; os mortos cobrirão a terra de uma extremidade a outra. No primeiro ano do reinado de Jeoiaquim a firmeza de Jeremias em profetizar irritou tanto os chefes religiosos que êles tumultuaram a população e tentaram matar o profeta. Realizou-se um julgamento; os sacerdotes e profetas levantaram acusações de sedição e exigiram a sentença de morte; Jeremias fêz a sua defesa como profeta de Deus e advertiu-os para não trazerem seu sangue inocente sôbre a nação dêles; na sua decisão os anciãos se lembraram como Miquéias predissera a desolação de Sião durante o reinado de Ezequias mas não fôra perseguido por isso, e como Urias de modo similar profetizara contra a cidade e daí temerosamente fugira ao Egito, sendo contudo trazido de volta por Jeoiaquim e morto. Acêrca de Jeremias decidiram: "Este homem não é réo de morte."—26: 1-24.

Sob a figura de ataduras e jugos Jeremias profetiza acêrca da sujeição de Judá e dos reinos vizinhos a Nabucodonosor;

o falso profeta Hananias quebra os jugos de madeira, mas êles são substituídos por jugos de ferro e Hananias morre dentro de um ano, conforme predito por Jeremias. (27: 1-28: 17) Jeremias envia uma carta aos do primeiro cativo, que já estão em Babilônia, dizendo-lhes que esperassem pacientemente o passar dos setenta anos depois da queda de Jerusalém e que não esperassem ser mais cedo libertos de Babilônia; mas, falsos profetas em Babilônia impugnam sua predição e pregam uma breve libertação, ação que provoca outra carta de Jeremias, esta vez anunciando julgamentos contra êstes falsos profetas. (29: 1-32; os versículos 16-20 ou são interpolações posteriores ou adições editoriais, e são como tais marcados nas traduções de Moffatt e Smith [em inglês].) Os dois capítulos que seguem falam das dificuldades de Jacó e da restauração, e predizem o tempo quando o pacto da lei seria substituído por um novo pacto.

No décimo ano do reinado de Zedequias, Jeremias é encarcerado por causa da sua obra de testemunho; enquanto ali êle compra um campo como evidência segura da restauração final de Israel à terra; o próprio Deus reafirma o vindouro cativo e a restauração, e promete um pacto eterno para o bem do povo. Jeremias fala então a Zedequias da queda de Jerusalém; ao agravar-se a ameaça babilônica Zedequias e os príncipes e o povo fazem um pacto para proclamar liberdade a quaisquer servos que fôssem hebreus; mas quando as tropas sitiadas se retiram temporariamente os judeus violam o pacto e trazem os seus servos anteriores outra vez à sujeição; são reprovados, e diz-se-lhes que Nabucodonosor voltaria e saquearia a cidade. Durante o sítio de Jerusalém a obediência dos recabitas a um mandamento do seu pai terrestre, Jonadab, é posta em vivo contraste com a desobediência dos judeus ao seu Deus, Jeová. O relato volta agora para trás ao tempo em que Jeremias por intermédio de Baruc escreveu um rôlo ou livro de profecia, que o rei Jeoiachim queimou mas outro rôlo foi escrito contendo as mesmas profecias e mais ainda. —32: 1-36: 32.

Durante a curta retirada dos babilônios de Jerusalém, Jeremias é prêso ao sair da cidade e é acusado de deserção para os caldeus. Seus perseguidores religiosos o mandam açoitar e lançar na prisão; mais tarde êle é atirado a um calabouço cheio de lama, acusado de enfraquecer a moral da cidade em luta; desta imundície é liberto pelo eunuco etíope Ebedmelec; Zedequias consulta Jeremias no pátio da prisão e mais uma vez ouve que a sua única oportunidade é de render-se aos caldeus. Êle recusa entregar-se, e no décimo primeiro ano do seu reinado a cidade cai e êle vê os seus filhos mortos antes de lhe cegarem os olhos; todos, com a exceção dos mais pobres da terra, são levados cativos a Babilônia; Jeremias é liberto, e Gedalias é feito governador em Mizpa, porém assassinado dois meses depois. Apesar do aviso de Jeremias, o povo que fôra deixado no país foge para o Egito, a Tafnes, levando consigo Jeremias; ali o profeta continuou a denunciar as idolatrias dos judeus e a advertí-los de que os exércitos dos caldeus desceriam e causariam destruição, até contra Faraó-Hofra, rei do Egito.—37: 1-44: 30.

Depois duma breve profecia assegurando preservação ao secretário de Jeremias, Baruc, vêm em sucessão uma série de profecias contra Egito, Filistia, Moab, Amon, Edom, Damasco, Quedar, Hazor e Elam; e, como clímax, a própria poderosa Babilônia, aquela que foi usada para derrubar todos os reinos anteriores, é avisada da sua completa desolação. A profecia de condenação contra Babilônia é intercalada com várias predições sôbre a volta de Israel do cativeiro. (45: 1-51: 64) O capítulo final de Jeremias revisa e amplia a história da queda de Jerusalém, também dada no capítulo 39, e relata o saque do templo. O livro se encerra com a menção do cativeiro de um número de fugitivos judeus por Nabucodonosor, e do tratamento benigno dado a Joaquim por Evil-Merodac por ocasião da sua ascensão ao trono de Babilônia, vinte e seis anos após a queda de Jerusalém. Êste capítulo concludente é muito semelhante ao último capítulo de Segundo Reis, o qual evidentemente foi compilado por Jeremias.

A autenticidade do livro de Jeremias não deverá ser posta em dúvida. Jeremias testemunhou o cumprimento em miniatura de muitas das profecias que registou, inclusive a da queda de Jerusalém perante Babilônia. Ele predisse a restauração da adoração de Jeová em Jerusalém depois dum período de desolação de setenta anos. Setenta anos exatos até ao mês, depois da completa desolação do país, os judeus cativos que haviam voltado comemoraram esta restauração por celebrar em Sião a jubilosa festa dos tabernáculos! Algumas das profecias do livro se cumpriram quando Jesus esteve na terra; cumprimentos maiores nestes “últimos dias” ou já se realizaram ou estão iminentes. O livro é muitas vezes citado nas Escrituras Gregas Cristãs.

REVISÃO: 1. Como respondeu Jeremias à sua ordenação? 2. Na força de quem profetizou ele? e com que efeito? 3. Que período de tempo é abrangido pelo livro? 4. Resuma o conteúdo dos capítulos (a) 2-9, (b) 10-17, (c) 18-22, (d) 23, 24, (e) 25, 26, (f) 27-31, (g) 32-36, (h) 37-44, (i) 45-51, e (j) o capítulo 52. 5. Que estabelece a autenticidade do livro além de qualquer dúvida?

Lição 44

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

Este livro não revela a mão do escritor. A primeira evidência exterior direta acerca do escritor aparece no versículo inicial da tradução mais antiga existente, a *Versão dos Setenta*, versículo adicional que reza: “E aconteceu que, depois que Israel foi levado para o cativeiro, e Jerusalém ficou despovoadá, se sentou o profeta Jeremias a chorar, e rompeu em endeixas sobre Jerusalém com as lamentações seguintes, e, . . . disse.” (*Soares*) O Talmude judaico, que incorpora as mais antigas tradições, diz: “Jeremias escreveu seu livro, o livro de Reis, e Lamentações.” Que Jeremias era escritor de lamentações parece ser confirmado por 2 Crônicas 35:25, onde se faz menção da sua lamentação sobre a morte de Josias; esta, porém, não deve ser confundida com o livro de Lamentações agora em consideração. Ainda, quem além de Jeremias estaria tão qualificado para escrever este livro que

lamenta o sítio e a queda de Jerusalém e o exílio que se seguiu? Foi certamente composto por uma testemunha ocular das misérias lamentadas. As próprias palavras e a fraseologia de Lamentações confirmam a evidência de ser Jeremias o escritor, porque são surpreendentemente similares em linguagem e estilo ao livro profético que leva o nome de Jeremias. Por tôdas estas razões as versões portuguesas da Bíblia intitulam hoje o livro confiante e corretamente “Lamentações de Jeremias”.

Alguns, mui dèbilmente, têm sustentado que Jeremias escreveu êste livro por ocasião da morte do rei Josias. Mas o conteúdo descreve tão perfeita e vividamente os horrores e misérias e tristezas do sítio e da queda de Jerusalém que parece até exclamar em voz alta que é por causa destas tragédias e desgraças nacionais, e não sôbre outras, que se levantam as lamentações. Parece evidente da profunda emoção mostrada e da vividez das cenas descritas que o profeta registou Lamentações pouco depois da queda da cidade, enquanto os terríveis acontecimentos ainda estavam frescos e prominentes na mente.

O livro é dividido em cinco capítulos, que são cinco poemas, cinco elegias, completas em si mesmas. Os capítulos 1, 2 e 4 contêm 22 versículos, cada um dos quais começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Dêste modo os 22 versículos usam os 22 caracteres do alfabeto hebraico na ordem alfabética. Por isso, conforme se aprendeu na lição sôbre os Salmos, êstes poemas são poemas alfabéticos, ou acrósticos. Também o capítulo três segue esta estrutura, mas tem três versículos seguidos começando com a mesma letra hebraica, passando assim alfabeticamente através dos 66 versículos (similar ao Salmo 119, exceto que nesse salmo oito versículos consecutivos começam com a mesma letra em vez de três). Embora o capítulo 5 tenha 22 versículos não segue qualquer ordem alfabética na sua estrutura. A corrente de emoção e pesar se fortalecem e aprofundam através dêstes poemas magistrais. Após a volta dos israelitas do cativeiro êste livro era

lido anualmente no dia nove do quinto mês (Ab), e em tempos muito posteriores judeus peregrinos proferiram algumas de suas palavras no Muro das Lamentações na Jerusalém de hoje.

O último capítulo do livro de Jeremias apresenta os eventos históricos de cujas ruínas surgiram as cinco elegias de Lamentações. Provê o fundo histórico para o livro de Lamentações. A exclamação inicial de lamento deplora a desolação: "Como está sentada solitaria a cidade que estava cheia de povo!" (Lam. 1:1) Copioso pranto continua o contraste triste, e ao continuarem com sua torrente de aflições que sobreveio à Sião anteriormente alegre os poemas se entrincheiram cada vez mais nas descrições do sítio e da queda de Jerusalém em 607 A. C. Judá foi ao cativo, habita entre pagãos, é perseguida sem descanso, enquanto Sião chora em desolação. A causa da calamidade se mostra ser suas próprias transgressões avultadas; a justiça de Jeová ao permitir a derrocada da cidade rebelde é prontamente admitida em prantos. Mas, levantam-se queixas contra os antigos amantes e amigos que se tornaram inimigos na hora da calamidade e se regozijaram da sua queda. Que a sua iniquidade venha à atenção de Jeová e traga uma retribuição similar sobre as suas próprias cabeças! —1:2-22.

O mais conspícuo no segundo poema, ou seja no capítulo 2, é a destruição que desolou Sião. Do próprio Jeová veio isso; como fogo se derramou a sua ira para devorar o rebelde Israel. Ele detestou o seu santuário onde a verdadeira adoração fôra suplantada pela cerimônia pagã e ritos religiosos; derrubado foi o muro e os portões gradeados que uma vez detiveram os aríetes do inimigo; desaparecera dos profetas tôda visão da parte de Jeová; em vez disto conjuraram imaginações e vaidades tolas; não expuseram as iniquidades da cidade, e nada fizeram para prevenir o cativo; em resultado seus inimigos a devoraram, depois bateram palmas, assobiavam e maneavam as cabeças por causa da sua desolação. Durante o sítio a fome andava garbosa e horrenda pelas

ruas; crianças famintas pediam alimento a mães famintas, e em vez de serem atendidas foram devoradas por aquelas que as deram à luz. Também a espada conquistadora adicionou a sua colheita sangrenta ao já incontável número que enchia as ruas da cidade na esteira da fome e pestilência. Em tôda parte os cadáveres silenciosos clamavam a sua terrível acusação que de todos os habitantes da cidade sòmente a fome, a pestilência e a espada comiam até se saciar.

O capítulo 3, escrito na primeira pessoa, representa Jeremias ou falando da sua própria tristeza e oração ou personificando os filhos desolados de Jerusalém. Êle lamenta suas calamidades, mas exalta as misericórdias e compaixões de Deus. Por causa destas qualidades divinas a dor se faz suportável e cedo passará das vidas daqueles que esperam pacientemente pela salvação de Jeová. Em tôda esta inundação de calamidades a justiça não foi violada, e por isso o profeta pergunta peremptoriamente: “Porque se queixa o vivente? porque se queixa o varão do castigo dos seus peccados?” O remédio é de ‘esquadrinhar e provar os nossos caminhos e de voltar a Jeová’. Uma oração de libertação é proferida e ela parece lembrar o tempo em que as perseguições lançadas contra Jeremias foram mais ardentes, quando êle fôra lançado na sórdida masmorra. Desta condição humilhada ascende a sua oração aos ouvidos de Jeová no céu e a libertação chega. Jeremias suplica que a recompensa merecida pelos seus atos atinja os perseguidores, o que sem dúvida quer dizer, em escala maior, os perseguidores de Sião, que agora jazia desolada.

O capítulo quatro reproduz alguns dos quadros e pensamentos dos capítulos um e dois, mas o contraste entre a glória anterior de Sião e a sua presente condição lastimosa se apresenta mais nitidamente. O ouro que uma vez brilhava no santuário se escureceu até desaparecer, e as grandes pedras de alvenaria foram niveladas com as ruas. O estado de fome do presente é contrastado com a copiosa abundância do passado. As iniquidades da cidade são de novo mencionadas, faz-se re-

ferência à sua fútil espera pela ajuda do Egito, e os dois versículos finais amaldiçoam Edom por regozijar-se com a queda de Sião e lembram a Edom que o mesmo cálice amargo será pôsto em seus lábios escarnecedores.

O quinto e último capítulo lamenta a triste sorte de Sião no cativeiro e desolação e oferece uma oração ou petição de libertação a Jeová. O maltrato e as torturas e ultrajes que sofreu das mãos dos inimigos perseguidores são de novo considerados, e a alegria cedeu lugar às mortalhas de luto. Levanta-se uma súplica para que Jeová não os esqueça e abandone para sempre, que se volte de novo para êles e os restaure à antiga situação. Contudo, as palavras finais do poema parecem assumir um tom de resignação: “Mas tu rejeitaste-nos inteiramente; tu te iraste violentamente contra nós.” (*Soares*) A restauração ainda está longe, dependendo da misericórdia de Deus.

REVISÃO: 1. Baseado em que evidência se atribui êste livro a Jeremias? 2. Que aflições causaram êste lamento? e quando, provavelmente, foi escrito? 3. Que observações se fazem relativo ao estilo de composição dêste livro? 4. Como foi apropriadamente provido o fundo para Lamentações? 5. Resuma o conteúdo do capítulo 1. 6. Que destruição, carnificina e morte são descritas no capítulo 2? 7. Sobre que se focaliza a atenção no capítulo 3? 8. De que modo difere o tratamento do capítulo 4 do dos capítulos 1 e 2? 9. Que oração se oferece no capítulo final de Lamentações?

Lição 45

EZEQUIEL

“Ora aconteceu no trigesimo anno, no quarto mez, aos cinco dias do mez, que, estando eu no meio dos captivos, junto ao rio Chebar, se abriram os céos, e tive visões de Deus. No quinto dia do mez, dia em que se completou o quinto anno do cativeiro do rei Jehoiachim, veio, na verdade, a palavra de Jehovah ao sacerdote Ezequiel, filho de Buzi, na terra dos Chaldeus, junto ao rio Chebar; e ahi esteve sobre elle a mão de Jehovah.” (Eze. 1:1-3) Dêstes versículos iniciais aprendemos que o serviço de Ezequiel como profeta inspirado de Deus começou em Babilônia e no quinto ano do primeiro ca-

tiveiro, que seria o ano 613 A. C. Sendo da classe sacerdotal e de alguma posição na comunidade judaica, estava no meio daqueles que foram levados cativos por Nabucodonosor em 618 A. C. (2 Reis 24:11-16) Dos versículos acima citados parece também que Ezequiel tinha trinta anos quando foi chamado a serviço profético. Continuou como profeta até pelo menos o vigésimo sétimo ano do primeiro cativeiro, o que estenderia seu serviço a um período de vinte e dois anos, desde 613-591 A. C. (29:17) Movido pelo mesmo espírito de Deus pelo qual êle falava, registou suas profecias no livro que leva seu nome. O nome "Ezequiel" significa "Deus fortalecerá; força de Deus".

As profecias e visões de Ezequiel estão na maior parte em ordem cronológica e ao mesmo tempo seguem de modo geral o arranjo tópico de assuntos. Esta ordem duplamente lógica resultou de maneira natural do tempo oportuno das várias visões. Até o décimo mês do nono ano do primeiro cativeiro o ponto central ao redor do qual revolviam as profecias de Ezequiel era a completa queda e desolação de Jerusalém, com somente breves referências à restauração. Este é o teor dos primeiros vinte e quatro capítulos. Foi então que Nabucodonosor sitiou Jerusalém. (Eze. 24:1, 2; 2 Reis 25:1) Durante o sítio e enquanto se cumpriam as previsões de Ezequiel sobre a destruição, o profeta volta a atenção principalmente ao proferimento de calamidades sobre nações estrangeiras. (25:1-32:32) Mas, com a chegada das notícias de que Jerusalém caíra a gloriosa nota de restauração soa predominantemente através do resto do livro. Tôdas as profecias, quer sobre a queda e restauração de Israel, quer sobre a imminente destruição de nações pagãs, destacam um só tema: a vindicação de Jeová. Mais de sessenta vêzes surge a majestosa determinação: "Saberão [ou, sabereis] que eu sou Jehovah."

Os judeus cativos em Babilônia antes da queda de Jerusalém continuaram a confiar no Egito para libertação do cativeiro babilônico. Entre êles se encontravam falsos profetas

que prediziam uma breve soltura e paz, e os cativos não quiseram crer nas predições de Ezequiel sôbre a queda de Jerusalém, assim como o aviso similar de Jeremias na própria Jerusalém passou desatendido. Contudo, Ezequiel fôra comissionado a profetizar, quer os rebeldes cativos ouvissem quer não. Mas se não quisessem escutar, que adiantaria? Porque, quando as coisas profetizadas viessem a acontecer, então “saberão que tem estado no meio delles um propheta”.

Os primeiros três capítulos relatam a gloriosa visão da organização de Jeová semelhante a um carro, assistida por quatro querubins e de cujo trono sai uma voz que comissiona e instrui Ezequiel como profeta e atalaia da casa de Israel. Êle ouviria a palavra de profecia da bôca de Jeová, e então daria a Israel aviso da parte do Altíssimo, quer quisessem ouvir quer não.

Primeiro por deitar-se 390 dias sôbre o lado esquerdo e 40 dias sôbre o lado direito diante dum tijolo com o desenho de Jerusalém, e por seu alimento de baixa qualidade durante êsse período de 390 dias, êle prediz figurativamente o sítio da uma vez santa cidade e a fome que a assolaria. O clímax e fim do sítio é prefigurado pelo cabelo e a barba do profeta como que cortado e dividido em três partes, uma das quais é queimada, outra é cortada com uma faca, e a terceira espalhada lo vento; assim se prefigurou a queda dos habitantes de Jerusalém pela fome e pestilência, pela espada, e por serem espalhados entre nações pagãs. Êstes julgamentos vêm por causa da crassa idolatria de Israel, e nem ouro nem prata podem livrar os desobedientes. Em visões Ezequiel é transportado a Jerusalém, onde vê as diversas e flagrantes práticas de demonolatria no templo. Um homem vestido de linho com um tinteiro de escrevente marca então as testas dos poucos que suspiram e choram por causa de tôdas estas abominações, e depois dêle seguem seis homens com instrumentos de matança, matando a todos os que não estavam marcados. De novo se vê o homem de linho receber brasas de fogo das mãos dum querubim que atende ao carro de Jeová e espalhá-las

sôbre a cidade iníqua. A viagem visionária de Ezequiel a Jerusalém, para lhe dar os pormenores sôbre os seus príncipes opressivos, termina com uma promessa de restauração e purificação para Israel.—4: 1-11: 25.

Ezequiel apresenta outra cena teatral indicando que Israel iria ao cativeiro. Durante o dia êle traz tôda sua mobília para fora e no crépusculo sai por uma abertura na muralha. A explicação do quadro só traz gargalhadas dos judeus cativos; diziam que a visão ainda estava muito distante, muitos dias; Jeová promete que viria cedo; os mentirosos profetas de paz e as falsas profetisas são repreendidos; os idólatras hipócritas são censurados e recebem uma resposta de acôrdo com seus corações insinceros; mesmo que houvesse em Jerusalém homens justos tais como Noé, Daniel e Jó, êles não livrariam a cidade, mas sômente a si mesmos. O sarmento da videira, inútil para qualquer trabalho, é usado para tipificar a rejeição de Sião; o cuidado e amor de Deus por Jerusalém são demonstrados pela figura duma criança desamparada e abandonada que fôra adotada e criada até se tornar mulher formosa, e a apostasia da cidade é demonstrada pelos adultérios dessa mulher com estrangeiros. Às mãos das suas nações amantes cairá Jerusalém; ela é pior do que suas irmãs Sodoma e Samaria; seu proceder de rebeldia contra Nabucodonosor e de voltar-se para o Egito são simbolizados por um cedro semelhante à videira que se volta para uma de duas águias; depois do qual Jeová dá um símbolo da restauração do seu govêrno teocrático.—12: 1-17: 24.

Jeová, em prova da sua própria justiça equitativa, ilustra a seguir a responsabilidade de cada indivíduo no tempo do julgamento: cada alma viverá ou morrerá pelas suas próprias ações. Os príncipes de Israel, semelhantes a cachorrinhos de leão salvarão a nação da queda diante de Babilônia por voltar-se ao Egito para ajuda. Uma revisão da história nacional de Israel prova ser uma de rebeliões contra Jeová; mas, em muitas ocasiões êle lhes trouxe salvação por causa do Seu próprio grande nome; êle expurgará finalmente a nação e

restaurará o restante fiel ao seu monte santo. Quando vier a espada de destruição, Nabucodonosor a apontará contra Jerusalém diante de Rabá dos amonitas; êste transtôrno continuará até a vinda daquele de quem é o direito de reinar. Jeová expõe assim as abominações feitas pelos príncipes, sacerdotes e o povo. Sob a figura de duas irmãs, Oola e Ooliba, mostram-se os males imundos do reino das dez tribos de Israel e do reino de Judá, e sua queda às mãos dos antigos amantes, os assírios e babilônios, é prefigurada. (18: 1-23: 49) O capítulo vinte e quatro anuncia o início do sítio de Jerusalém e mostra sua queda segura. A espôsa de Ezequiel morre, e se proíbe ao profeta lamentá-la; seu proceder era dêste modo um sinal que os atordoados cativos não lamentariam a queda do templo do Senhor.

Os capítulos 25 a 32, proferidos enquanto Ezequiel esperava notícias da destruição de Jerusalém, contêm profecias contra várias nações pagãs, sentenças adversas que seriam executadas por Babilônia. Os mencionados são os seguintes: Amon, Moab, Edom, Filistia, Tiro, Sidon, e Egito e seus apoiadores. Especialmente longas são as mensagens contra Tiro e o Egito. Os quatro versículos de Ezequiel 29: 17-20 estão fora da sua ordem cronológica, proferidos que foram dezesseis anos e três meses mais tarde do que seu contexto. Mas pertencem logicamente a esta proclamação de desolação contra o Egito. Depois de sitiada treze anos por Nabucodonosor, a cidade de Tiro foi com êxito evacuada por mar pelos habitantes de Tiro e o monarca babilônico não conseguiu despôjo apreciável. O Egito devia ser sua compensação.

O capítulo 33 revisa os deveres de Ezequiel como atalaia. O versículo vinte e um (segundo a *Versão Siriaca*, e *Uma Tradução Americana*, *Moffatt*, e *Rotherham*, margem [em inglês]) fala dum homem que escapara de Jerusalém para vir a Ezequiel em Babilônia com o relato da queda da cidade, trazendo a notícia no décimo mês do *décimo primeiro* ano, ou seja cêrca de cinco meses depois da queda da cidade. O Profeta fôra avisado de esperar êste mensageiro. (24: 26) Ao

ouvir da queda da cidade, Ezequiel declara imediatamente que o país inteiro ficaria completamente desolado (o que já ocorrera, no sétimo mês, mas as notícias acêrca disto não chegariam a Babilônia ainda por muitos dias). O capítulo trinta e quatro repreende os falsos pastores e retrata admiravelmente Jeová Deus como o Grande Pastor que ajuntará seu rebanho e fará com êles uma aliança de paz e derramará sôbre êles bênçãos abundantes. Fará isto por seu pastor subordinado, "meu servo David."

Depois de proferir uma mensagem de juízo contra Monte Seir, o profeta conforta Israel com as promessas de bênçãos dadas por Deus e a restauração de Israel à Palestina, estipulando que o motivo principal em tudo isso é a vindicação do nome de Deus, que fôra profanado entre os pagãos. A visão da ressurreição dos ossos secos que enchiam o vale corrobora as promessas de restauração dum restante fiel; dois pedaços de madeira tornando-se um só proclamam a vindoura unidade do restaurado Israel de Deus sob o Davi maior. (35: 1-37: 28, *Almeida*) Os dois capítulos que seguem falam do assalto malicioso de Gog ao Israel restaurado e pacífico e a completa derrota final daquele iníquo instrumento de Satanás, e as atividades do restante de Israel depois daquela batalha.

Os últimos nove capítulos do livro se relacionam com a visão de Ezequiel do templo de Jeová em Jerusalém. O profeta a recebe mais de doze anos depois da sua profecia anterior (32: 1, 17; 40: 1), e, com exceção de 29: 17-20, ela é sua última. Fala das medidas do templo; descrevem-se as câmaras dos sacerdotes e o altar, e os usos das primeiras e as ordenanças do último; a vinda de Jeová ao templo no seu carro de juízo se descreve no capítulo 43; dão-se ordenanças que governam os sacerdotes e os príncipes; descreve-se a partilha da terra entre o santuário, os sacerdotes e levitas, e a cidade e os príncipes; regista-se a visão dum rio de águas que manam do templo e se aprofundam cada vez mais ao correrem para o oriente e depois para o sul ao mar de Sal, e as

qualidades curativas e nutritivas das águas; e o livro termina com assuntos concernentes a heranças e às fronteiras da terra das doze tribos, e concernente à cidade Jeová-Samá.

48: 35, *Almeida, margem.*

REVISÃO: 1. Que se aprende dos três versículos iniciais do livro de Ezequiel? 2. Que arranjo ou esboço duplamente lógico se segue? 3. Quais são os três pontos principais cobertos pela profecia? mas que único tema destacam todos eles? 4. Qual foi a comissão de Ezequiel, e sob que condições a executou? 5. Resuma os capítulos (a) 4-11, (b) 12-17, (c) 18-24, (d) 25-32, (e) 33, 34, (f) 35-39, e (g) 40-48.

Lição 48

DANIEL

Este livro leva o nome do seu escritor. Embora não haja declaração direta no livro que o escreveu Daniel, cujo nome significa “Deus é juiz” ou “Deus julga”, nunca foi questionado que ele seja o escritor. Em muitas passagens Daniel fala na primeira pessoa, e em Daniel 7: 1 declara-se expressamente que ele assentou por escrito uma das suas várias visões. (Dan. 7: 2, 28; 8: 2; 9: 2; 12: 5, 7, 8) O erudito Daniel registou o livro em duas línguas, isto é, parte em hebraico e parte em aramaico. O aramaico é usado do capítulo 2 versículo 4 ao capítulo 7 versículo 28.

Que período de tempo abrange o livro de Daniel? Todos os comentaristas admitem certas dificuldades na fixação do ponto de partida da história com que se inicia o livro. Eles se amofinam para harmonizar uma aparente discrepância entre Jeremias 25: 1 e Daniel 1: 1, 2. Na realidade, quando se entende o elemento tempo em Daniel 1: 1, 2, em harmonia com os fatos históricos, vê-se que Jeremias 25: 1 se refere a um tempo anterior e tôdas as dificuldades se dissolvem. O registo histórico claro em 2 Reis capítulos 24 e 25 mostra que a Babilônia vencedora levou cativos de Jerusalém e Judá duas vezes, a saber: primeiro, no fim do curto reinado de Joaquim (618 A. C.) e segundo, onze anos mais tarde por ocasião da queda de Zedequias e o derrubamento completo de

Jerusalém (607 A. C.). Por ocasião do primeiro cativo, em 618 A. C., só a nobreza e os judeus mais educados foram levados cativos. Neste grupo seletivo se encontravam o príncipe judeu Daniel e seus três companheiros, famosos pelo episódio do forno ardente.—Dan. 1:1-7; 2 Reis 24:10-16.

Mas, Daniel 1:1, 2 fixa o início deste primeiro cativo no "terceiro anno" de Jeoiaquim, que começou a reinar em Judá em 628 A. C. Não significaria isto que o cativo de Daniel e dos outros começou em 626 A. C., o terceiro ano de Jeoiaquim como rei de Judá? Não, não poderia ser assim, porque Nabucodonosor (ou, Nebuchadnezzar) não fôra entronizado até o ano seguinte, 625 A. C. Na realidade, o versículo inicial de Daniel significa que "no terceiro anno do reinado de Jehoiakim, rei de Judah" *como rei tributário de Babilônia* "veiu Nebuchadnezzar, rei de Babilônia, a Jerusalem e a sitiou". Como assim? Porque Jeoiaquim fôra pôsto no trono por um decreto egípcio e foi por vários anos tributário do Egito, mas quando Babilônia derrotou o Egito Jeoiaquim passou ao controle babilônico e permaneceu assim por três anos, depois do qual período de três anos como tributário de Babilônia o rei judeu se rebelou. (2 Reis 24:1) Esse terceiro ano como rei tributário de Nabucodonosor foi o undécimo e último do seu reinado total, porque o monarca babilônico veio contra o rebelde rei judeu e completou rapidamente a conquista durante o reinado de três meses do sucessor de Jeoiaquim, Joaquim. Portanto, 618 A. C. foi a data do primeiro cativo e o ponto inicial da história no livro de Daniel. O livro termina no terceiro ano de Ciro, 535 A. C., cobrindo assim oitenta e três anos. O precedente vindica a exatidão de Jeremias 25:1, e que o arrazoamento é correto e própria a separação feita no reinado de Jeoiaquim se verá na discussão do capítulo dois de Daniel.

Depois que o primeiro capítulo revela como o jovem Daniel e seus três companheiros hebreus se mantiveram imaculados no alimento e na bebida, resultando na descoberta de Nabucodonosor de que eram dez vezes mais sábios do que todos

os magos e astrólogos do seu domínio, o segundo capítulo começa: “No segundo anno do reinado de Nebuchadnezzar, teve Nebuchadnezzar sonhos.” Mas o sonho específico que lhe perturbara o sono desvaneceu-se ao despertar. Nenhum dos seus sábios caldeus lhe podia dizer o sonho, muito menos dar a sua interpretação. Não obstante, Daniel, depois duma oração unida com seus três companheiros hebreus, pelo poder de Deus revelou o sonho e sua interpretação. O sonho tratava duma grande e terrível imagem composta de metais diferentes, os pés sendo duma mistura de ferro e barro. Uma grande pedra, cortada sem mãos dum monte, feriu então a imagem nos pés e pulverizou a monstruosidade prostrada de tal maneira que os ventos veraniais levaram todos os traços dela. Em seguida, a pedra cresceu a proporções montanhescas e encheu tôda a terra. Quando Daniel acabou de interpretar êste sonho foi promovido a vice-rei sôbre tôda a Babilônia e seus três companheiros foram promovidos no govêrno.

O tempo dêste sonho e sua interpretação é declarado como sendo o segundo ano do reinado de Nabucodonosor. Na realidade Nabucodonosor havia reinado, sòmente sôbre Babilônia, muito mais do que dois anos. Ora, na ocasião dêste sonho o jovem prisioneiro Daniel completara seus três anos de treinamento especial na côrte e fôra apresentado a Nabucodonosor e ganhara uma grande reputação de sabedoria, especialmente em sonhos e visões. No ano dezenove do seu reinado Nabucodonosor foi usado como executor de Deus para destruir a infiel Jerusalém e terminar a história de Israel como nação teocrática independente. Nabucodonosor começou então a reinar duma maneira única, ou seja, como o primeiro dos regentes mundanos dos tempos dos gentios. No segundo ano do seu reinado *nesta capacidade especial* Nabucodonosor teve o sonho que mostrava o fim da organização e regência de Satanás e a tomada do poder pelo reino de Cristo, conforme registado no capítulo 2. Aqui de novo, como em Daniel 1: 1, demonstra-se o modo peculiar do escritor do livro de fazer uma contagem secundária dos anos do reinado dum rei. Êle faz o cál-

culo começando a contar dum evento destacado durante o reinado que coloca o rei numa nova relação.

Os capítulos 3 e 4 também concernem ao reinado de Nabucodonosor. No capítulo 3 dá-se o relato acêrca da imagem que êle fêz erigir na planície de Dura, e diante da qual todos deviam inclinar-se e adorar ao som de música nacional. Mas Sadrac, Mesac e Abednego não se prostraram em adoração religiosa à imagem do estado. Êles receberam uma oportunidade especial para mudar de idéia diante de Nabucodonosor, mas sua firme recusa veio sem hesitação. Nabucodonosor, irado, ordenou que se esquentasse a fomalha sete vêzes mais do que o normal e nela foram arrojados os três hebreus fiéis. Devido ao calor excessivo os que os lançaram dentro ficaram torrados pelas labaredas das chamas, mas dentro da fomalha os três hebreus andavam sem queimar-se junto com uma quarta pessoa, semelhante ao Filho de Deus. A adoração correta estava vingada da adoração demoníaca da imagem do estado!

O quarto capítulo relata o sonho de Nabucodonosor acêrca da grande árvore verde e frutífera que abrigava e alimentava tôda carne na terra. Um representante celestial deita a árvore abaixo, deixando só o tronco, em cadeias de metal. Assim ficaria por sete tempos. A interpretação que Daniel deu ao sonho teve um cumprimento em miniatura em Nabucodonosor, e foi desde então plenamente corroborada pelo completo cumprimento maior.

Os capítulos 5, 7, e 8, registam eventos do reinado de Belsazar. No primeiro ano do seu govêrno Daniel anotou o sonho dos quatro animais e sua interpretação. (7:1-28) Êste glorifica o reino de Deus sob Cristo como tendo domínio eterno. No terceiro ano do reinado de Belsazar, Daniel teve a visão do carneiro e do bode, e recebe de Gabriel a interpretação dêle. (8:1-27) O quinto capítulo relata a festa ímpia de Belsazar, durante a qual os dedos duma mão de homem escreveram algo estranho na parede. Nenhum dos astrólogos e adivinhos caldeus podia interpretar a escrita, mas Daniel declarou a mensagem dela: Porque Belsazar se exaltou acima

de Jeová e profanou os vasos do templo, Deus contara o reino de Belsazar e seus dias estavam terminados; o monarca babilônico fôra pesado na balança e achado em falta; seu reino estava dividido, e seria dado aos medos e persas. A escrita no muro se cumpriu naquela mesma noite.

Os capítulos 6, 9, 10, 11 e 12 tratam de eventos nos reinados de Dario e Ciro. (539-535 A. C.) O sexto capítulo relata a bem conhecida história de como Daniel foi traído pelos políticos invejosos e lançado na cova dos leões, da qual, porém, foi liberto e seus traidores finalmente arrojados nela, para perecerem entre as mandíbulas das feras reais. O capítulo 9 (539 A. C.) revela Daniel meditando sobre a profecia de Jeremias acerca da desolação de setenta anos de Jerusalém. Esse período terminaria em dois anos. Foi então, enquanto Daniel, cheio de esperanças, confessava seus próprios pecados e os de Israel e orava, que se lhe deu a gloriosa profecia das setenta semanas, que marcava o tempo do advento terrestre do Messias. Tão compreensível e tão exata era ela com respeito ao tempo que na época devida, no ano 29 E. C., os judeus aguardavam expectantemente o Messias. (Luc. 3:15) No capítulo 10 (535 A. C.) as três semanas de lamentação e jejum de Daniel são recompensadas pela aparição dum anjo que lhe prediz (nos capítulos 11 e 12) os conflitos entre os reis do sul e do norte pela dominação do mundo e a elevação do Messias ao poder; informa-se a Daniel quanto aos tempos do cumprimento e entendimento destas coisas. Nos últimos dois capítulos se menciona a abominação desoladora. (11:31; 12:11) A última data mencionada na história pessoal de Daniel é a em relação à visão destas coisas. (10:1) É atribuída ao terceiro ano de Ciro o persa, o que seria 535 A. C. Assim o livro abrange desde onze anos antes da desolação de setenta anos até dois anos depois dêste período.

REVISÃO: 1. Quem escreveu o livro? e em que línguas? 2. Em que duas ocasiões foram judeus levados cativos a Babilônia? 3. Quando foi Daniel levado a Babilônia? 4. De que modo estão estes fatos históricos em harmonia com Daniel 1:1? 5. Qual, então, é o período total do tempo abrangido pelo livro de Daniel?

6. Que sonho se relata em Daniel 2? 7. Em que sentido foi isto durante o segundo ano do reinado de Nabucodonosor? 8. Resuma o conteúdo dos (a) Capítulos 3 e 4. (b) Capítulos 5, 7, 8. (c) Capítulos 6, 9, 10, 11, 12.

Lição 47

OSÉIAS

Com o livro de Oséias chegamos aos escritos dos doze profetas “menores”, como são chamados comumente. São menores só quanto à extensão dos seus escritos, certamente não no conteúdo ou significado do mesmo. Estes escritos formam os últimos doze livros das Escrituras Hebraicas, conforme arranjadas na *Versão Brasileira*. Cada livro leva o nome do profeta que o escreveu e cujas palavras contém, assim como no caso dos livros dos profetas “maiores” Isaías, Jeremias e Ezequiel.

Além da declaração de que Oséias era filho de Beerí, não se sabe nada de definitivo quanto à sua descendência. Contudo, êle era aparentemente do reino das dez tribos e residia ali. Êle fala do rei de Israel como “nosso rei”. (Osé. 7:1, 5) Suas profecias são dirigidas principalmente à Israel da qual Samaria era capital e Efraim a tribo dominante; Judá é mencionada apenas incidentalmente. Seu tempo de serviço como profeta foi extraordinariamente longo, começando perto do fim do govêrno do rei israelita Jeroboão II, possivelmente durante o interregno de onze anos que precedeu ao domínio do rei Uzias, de Judá, passando pelos reinados de ambos os reis de Judá, Jotão e Acaz, e alcançando o do rei Ezequias de Judá. Ao todo, seu serviço profético cobre uns oitenta e cinco anos; talvez até mais se, conforme muitos crêem, viveu para ver a queda de Samaria que êle predisse, no sexto ano de Ezequias, em 740 A. C. Deve ter tido mais de cem anos de idade por ocasião da sua morte, porque quando começou a profetizar se lhe ordenou que casasse, o que significa que era então jovem. Que falou sob inspiração se expressa claramente. Profetas contemporâneos foram Isaías, Miquéias e Amós. O nome “Oséias” significa “salvação, libertação”.—Osé. 1:1, 2; Isa. 1:1; Miq. 1:1; Amós 1:1.

O estilo de Oséias é conciso e abrupto, e caracteriza-se pelo poder e força comuns a tais expressões sucintas. Convites ao arrependimento cheios de ternura e sentimento estão intercalados com advertências e repreensões. As repreensões são fortes, os avisos ameaçadores, as exortações comoventes, os lances proféticos vívidos e ardentes. E as transições de um para outro são rápidas e inesperadas. Contudo, misturadas com a intrepidez e o calor das suas expressões se acham uma grande variedade de figuras de expressão que elevam algumas passagens ao sublime em beleza delicada de expressão.

A vida doméstica de Oséias está intimamente ligada às profecias do seu livro; de fato, os principais eventos registados da sua vida eram em si mesmos uma série de símbolos proféticos. Outros profetas efetuaram vários atos simbólicos para ilustrar sua mensagem, mas a triste vida doméstica de Oséias era em si mesma uma parábola encenada. Por ordem de Jeová êle se casa cedo na vida com uma mulher chamada Gomer, a quem ama profundamente, mas que, conforme predito, prova-se esposa infiel e adúltera. Êle fez muitos esforços infrutíferos para regenerá-la. O registo oferece uma forte base para a crença de que só um dos três filhos que ela deu à luz foi reconhecido por Oséias como sendo seu; os outros dois foram frutos das suas prostituições. Acerca do primeiro filho está escrito que ela “deu-lhe á luz um filho”; dos outros dois que seguiram o registo declara indefinidamente que ela “deu á luz uma filha” e “deu á luz um filho”. Os filhos recebem nomes simbólicos da parte de Jeová por meio de Oséias, sendo o filho legítimo chamado “Jezreel” para lembrar que Jeová no tempo devido tiraria vingança da casa de Jeú pelo sangue de Jezreel; a filha foi chamada “Lo-Ruama” (“não lastimada”); e o segundo filho foi repudiado com o nome “Lo-Ami” “não meu povo”).—Osé. 1: 2-9; 2 Reis 10: 30.

Depois de dar à luz êstes três filhos Gomer desertou completamente a Oséias para os seus amantes. Finalmente, ela mesma é abandonada pelos seus amantes, cai na miséria, po-

breza e escravidão. Tão indulgente, porém, é seu marido, que sob a direção de Deus êle a resgata da sua vida de vergonha pelo preço duma escrava a fim de protegê-la, cuidar dela, e por tenra restrição tentar ganhá-la de volta à pureza, ao amor marital, e à fidelidade para com seu pacto matrimonial. —2: 1-3: 5.

Sob a alegoria duma mulher adúltera, expulsa pela justa ira do seu marido mas finalmente perdoada e restaurada, o profeta fala da relação de Jeová com a nação de Israel. A amarga e triste experiência de Oséias e seu grande e inabalável amor formam um quadro profético e comovedor da maravilhosa longanimidade de Jeová para com Israel, que repetidamente se prostituiu com outros deuses. O quadro fala da Sua prontidão para favorecer o Israel idólatra bastando que se emendasse dos seus caminhos e se purificasse. As palavras dinâmicas que Oséias proferiu com tal intensidade ardente ganham fôrça tremenda com a ilustrção da própria vida matrimonial do profeta; os avisos e exortações e apelos compassivos que êle profere são reforçados com poder esmagador pela alegoria trágica da vida real que os apoiava. Faça mais vívida a sua apreciação da relação entre Jeová e o espiritualmente adúltero Israel por lembrar-se, ao ler a profecia de Oséias, do notável paralelo doméstico tão compreensível à mente humana. Com o início do capítulo 4 o centro da atenção passa da alegoria às coisas maiores retratadas por ela. Com um grito Oséias atrai atenção às suas palavras que mostram a causa da dificuldade de Israel: "Por falta de conhecimento foi destruído o meu povo." (4: 1, 6) Sem verdadeiro conhecimento e, portanto, sem defesa contra a falsa religião, Israel é levado a grandes impurezas e adultério espiritual. (4: 12-19) O rei, os sacerdotes e o povo de Israel se revolvem todos na religião dos demônios. Israel cairá; mesmo Judá ao sul não resistirá. (5: 1, 5) Mas, apesar das admoestações divinas Israel não procurou Jeová para proteção; antes, em tempos de dificuldade recorreu a alianças com regentes

mundanos. Israel recorreu à Assíria para ajudá-lo; feridas mais profundas resultaram em vez de cura.—5:13.

Oséias começa o sexto capítulo da profecia com um apêlo apaixonado para que Israel se volte a Jeová; só ali encontrarão o bálsamo curativo para suas feridas. Nada de respostas. Jeová, por meio do profeta, declara que a bondade dêles é como o orvalho da manhã que cedo passa. Por isso, “os cortei pelos profetas; pelas palavras da minha bocca os matei.” Muitas das palavras de Oséias eram cortantes. A descrição das prostituições de Israel que segue depois no capítulo 6 continua através do capítulo seguinte e culmina neste clímax: “E Efraim tornou-se como uma pomba imbecil, sem inteligência. Chamaram o Egito, foram buscar os Assírios. Ai dêles, porque se retiraram de mim! Serão destruídos, porque prevaricaram contra mim; resgatei-os, e êles proferiram mentiras contra mim.”—6:5; 7:11, 13, *Soares*.

Não encontrarão auxílio no Egito, nem cura na Assíria, mas traição pelo primeiro e ruína pelo último. Oséias 8:7 anuncia em fraseologia majestosa o fim de tôdas as suas abominações: “Pois semeiam o vento, e ceifarão o turbilhão.” Pouco depois o iníquo Israel ceifou êsse turbilhão destruidor quando as investidas das hostes assírias culminaram a sua invasão em êxito com a tomada da capital, Samaria, em 740 A. C.

Os capítulos restantes, com exceção do último, continuam a corrente de repreensões e predições terríveis do vindouro cativoiro. Desprezados foram os repetidos avisos sôbre a futilidade de recorrer para ajuda às potências rivais do Egito e da Assíria. (12:1) O aviso mais forte da imminente destruição vem em Oséias 13:16: “Samaria virá a ser deserta, porque se rebelou contra o seu Deus; cairão à espada; seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão abertas pelo meio.” (*Almeida*) Os bezerros de ouro e outros deuses demoníacos dos espiritualmente adúlteros israelitas seriam impotentes para impedir as hordas invasoras da Assíria.

Não obstante, Oséias prediz também a restauração de Is-

rael. (1:10, 11; 2:14-23; 3:5; 14:1-9) Embora não resultasse na volta de todo o Israel do cativeiro, muitos membros do reino das dez tribos experimentaram a libertação. Fugiram a Judá para escapar do cativeiro assírio, e muitos dos seus descendentes, sem dúvida, voltaram do cativeiro babilônico duzentos anos mais tarde. Assim, neste sentido representativo Israel passou por um cumprimento em miniatura da restauração. O cumprimento completo veio sôbre o Israel espiritual, especialmente de 1918 E. C. em diante.

Outras profecias de Oséias tiveram um cumprimento tanto em miniatura como em sentido maior. Cristo Jesus e seus discípulos fizeram numerosas referências às profecias de Oséias, corroborando assim a autenticidade e inspiração dêste livro. Quanto a isto compare Oséias 1:10; 2:23 com Romanos 9:25, 26 e 1 Pedro 2:10; Oséias 6:2, 6 com 1 Coríntios 15:4 e Mateus 9:13; 12:7; Oséias 10:8 com Lucas 23:30 e Apocalipse 6:16; Oséias 11:1 com Mateus 2:15; Oséias 13:14 com 1 Coríntios 15:55; e Oséias 14:2 com Hebreus 13:15.

REVISÃO: 1. Que informação se dá sôbre o grupo de escritos que se iniciam com o livro de Oséias? 2. Que se sabe sôbre o homem Oséias e seu tempo de serviço? 3. Qual é o estilo de Oséias? 4. Por que são importantes os assuntos domésticos de Oséias? 5. Que informação se dá acêrca dêles? 6. Que é representado pela alegoria? 7. Por que caiu Israel? 8. A quem recorreu para auxílio? 9. Que foi predito como sendo sua ceifa? e quando a colheu? 10. Em que palavras se predisse a restauração de Israel, e como a experimentou em sentido representativo? 11. Compare com as profecias de Oséias as referências feitas a elas nas Escrituras Gregas Cristãs.

Lição 48

JOEL E AMÓS

Indivíduos não são importantes, nem mesmo os que Jeová usa como seus profetas e mensageiros. Esta verdade é repetidamente enfatizada no estudo dos livros proféticos da Bíblia. Vez após vez os profetas empregados por Jeová Deus para falar e escrever passam quase inidentificados. A história pessoal, se é que é mencionada, é pouca; e ainda assim é usual-

mente apresentada por causa do seu significado profético. O que é importante é a mensagem que se declara, e não o indivíduo que a apresenta. Isto se vê no caso da profecia de Joel. O versículo inicial, em forma de título, diz-nos tudo o que chegamos a conhecer definitivamente do homem Joel. Lemos: “Palavra de Jehovah que foi dirigida a Joel, filho de Bethuel.” “Joel” significa “Jah é Deus”.

Quando proferiu e escreveu êle a profecia que Deus deu por meio dêle? Trava-se uma acalorada controvérsia sôbre êste ponto, e as muitas opiniões divergentes fazem a data calculada oscilar entre quase quinhentos anos. Verdadeiramente não se pode fixar a data com grande grau de certeza. Contudo, há alguma razão para atribuir a profecia ao tempo do rei israelita Jeorão, cujo reinado (921-909 A. C.) corria paralelo aos reinados do filho de Josafat, Jeorão (ou Jorão) e Acázias, reis de Judá, e talvez coincidissem um pouco com a regência usurpatória da rainha assassina Atália de Judá.

Aqui está a razão: A profecia de Joel prediz uma praga de gafanhotos e outras pestilências de proporções devastadoras. Pragas de gafanhotos não são raras na Palestina, mas esta seria algo para se falar, por gerações vindouras. Além disso, esta invasão especial de insetos que viria por ordem de Jeová, é chamada “seu exercito”. Na sua esteira viria uma terrível fome. (Joel 1: 2-4, 10-12, 16-20; 2: 3, 11) Foi exatamente tal fome que assolou a Palestina por sete anos, durante o reinado de Jeorão, rei de Israel. Também, esta fome fôra especificamente trazida por Jeová, como aquela que Joel predissera. (2 Reis 8: 1) Tal praga podia apropriadamente vir como juízo divino durante o tempo do reinado de Jeorão em Israel e Jeorão e Acázias em Judá, porque todos os três foram malfetores e lançaram ambos os reinos ainda mais profundamente na adoração dos demônios. Joel predisse que abundância se seguiria à fome, e isto também parece coincidir. Jeú sucedeu a Jeorão em Israel e em certa medida fêz o bem, e os quatro reis judeus depois de Atália foram divinamente elogiados.—Joel 2: 21-27.

Um ponto final a favor dêste período para a profecia de Joel: O Egito e Edom são as nações destacadas para a justiça retributiva por causa da sua violência contra Judá, enquanto que não se mencionam Assíria e Babilônia. (3:19) Evidentemente, no tempo em que se escreveu a profecia o Egito e Edom eram os ofensores cujas violências estavam frescas na mente; a Assíria e Babilônia aparentemente ainda não os haviam suplantado no papel de principais perseguidores. Todo o precedente é forte evidência circunstancial para localizar a profecia de Joel no período indicado. A maioria dos comentadores favorecem o reinado de Uzias. A sua razão principal é a referência ao Egito e Edom com a exclusão de Assíria e Babilônia, mas a razão se aplica com fôrça maior aos reinados de Jeorão e Acazias por que os dois reinados que imediatamente os precederam experimentaram assaltos do Egito e de Edom. (2 Crô. 14:9-15; 20:10, 11) Alguns crêem que Joel escreveu depois do exílio, mas isso é pouco provável, em vista do fato de que êle parece ter *predito* a restauração do exílio judeu. O mais provável é que Joel era profeta em Judá enquanto Eliseu serviu como profeta em Israel.

O capítulo 1 de Joel pormenoriza a desolação deixada no rastro das sucessivas ondas de lagartas, gafanhotos, pulgões e brugos. Homem e animal sofreram igualmente os rigores da fome. O capítulo 2 leva o quadro adiante, adicionando-lhe apenas um aspecto militar. Em nuvens que obscurecem o céu os gafanhotos invasores continuam a vir. O ruído crepitante de milhões e milhões de asas e pernas é como o fogo que devora o rastolho, seu estrondo como o fragor das rodas de carros em corrida desenfreada. Em fileiras cerradas marcham sôbre os muros da cidade, correm de um lado da cidade a outro, sobem nas casas, entram pelas janelas. As massas rastejantes que avançam não têm rei visível; contudo, cada um marcha no seu próprio caminho sem acossar o outro. Jeová os dirige como seu exército vingador. O povo aflito é convidado a humilhar-se, a rasgar os corações e corrigir seus passos. Se fizessem assim, então Jeová varreria sempre para

o sul êste exército de insetos procedente do norte; até às regiões áridas do deserto ao sul de Judá os levaria sôbre as asas do vento. (2: 1-20; Pro. 30: 27) O cumprimento em miniatura se deu com gafanhotos literais; os gafanhotos não simbolizam os exércitos de Babilônia ou quaisquer outros exércitos pagãos. O próprio Jeová indica na sua Palavra o significado simbólico no cumprimento maior, em Apocalipse 9: 1-11, que pressagia a devastação das pastagens e forragens clericais por Suas testemunhas.

Abundância segue à fome e ao arrependimento. Prediz-se que o espírito de Deus seria derramado sôbre tôda a carne, declaração profética que teve seu famoso cumprimento em miniatura por ocasião de Pentecostes em 33 E. C. (2: 28, 29; Atos 2: 14-18) Todo aquêlê que invocar o nome de Jeová será liberto. Aparentemente o capítulo 3 é uma profecia de longo alcance, apontando não só ao cativo babilônico mas à libertação dêle. Depois disso as nações pagãs perseguidoras que dispersaram o povo de Deus serão reunidas para destruição. Estão convidadas para se prepararem para a guerra contra Jeová, a virem com suas multidões e todos os apetrechos de guerra para sua derrota final no vale da sega ou debulha. Os versículos finais mostram a condição bendita e purificada de Judá e Jerusalém e sua morada eterna em segurança.

AMÓS

Amós não foi educado num colégio ou escola teocrática de profetas fundada por Samuel. Êle foi chamado por Jeová da sua ocupação de pastor e colhedor de frutos de sicômoro em Tecoa de Judá ao ofício de profeta. Profetizou durante os dias do rei Uzias de Judá e do rei Jeroboão II de Israel, provavelmente durante o período de quinze anos em que os dois reinados coincidiram (826-811 A. C.). Seu serviço foi, portanto, contemporâneo ao de Oséias e Isaías. Profetizou também dois anos antes do desastroso terremoto ocorrido durante o reinado de Uzias; mas não é possível fixar o tempo dêste desastre, embora a crença comum seja que ocorreu na oca-

sião em que Uzias presumiu de assumir os deveres sacerdotais no templo e foi ferido com lepra. (2 Crô. 26:16-21; Zac. 14:5) O nome de Amós significa “carregado; carregador de cargas”, e como profeta levou mensagens carregadas de calamidades não só para Israel mas também para numerosas nações pagãs.—Amós 1:1; 7:14, 15.

Os sírios, os filisteus, os de Tiro, os edomitas, os amonitas, todos estão condenados a curvar-se diante da vindoura vingança de Deus, segundo o capítulo 1 de Amós. O segundo capítulo agrega Moab à lista das nações pagãs, predizendo em poucas palavras o cativoiro que viria sôbre Judá, e então volta a atenção profética com uma firmeza quase sem vacilações a Israel, o reino das dez tribos. Ali permanece principalmente pelo resto do livro. As libertações passadas da parte de Jeová foram esquecidas por Israel enquanto se degradava na demonolatria.

Amós 3:7 reza: “Certamente o Senhor Jehovah não fará cousa alguma, sem revelar o seu segredo aos seus servos, os prophetas.” Jeová revelou a Amós a vindoura queda de Israel e a razão dela. O profeta faz público um amplo aviso; de fato, o próprio Jeová os avisou dum modo especial por reter a chuva e enviar pestilência e pelo derrubamento de alguns. Contudo não voltaram a Jeová; portanto, “Prepara-te, Israel, a encontrares com teu Deus.” (3:1-4:13) O quinto capítulo que começa com uma lamentação por Israel, torna-se uma exortação ao arrependimento, e termina com a denúncia das suas inaceitáveis ofertas religiosas e a predição de que irá ao cativoiro “alem de Damasco”. Antigamente, certos israelitas foram levados cativos a Damasco; mas agora iriam mais além, ao cativoiro assírio. (2 Reis 10:32, 33; 15:29; 17:6) O sexto capítulo continua esta predição do cativoiro, mostrando a extensão da desolação, e especialmente se dirige aos que descansam despreocupadamente, satisfeitos consigo mesmos.

Depois de predizer em três visões a ruína de Israel, o sétimo capítulo relata uma experiência de campo do profeta.

Amós havia avançado resolutamente no território inimigo com a mensagem de Deus, e isso suscitou a ira dum falso sacerdote no centro religioso de Betel, em Israel, a saber, Amazias. Êste correu ao rei Jeroboão com a acusação de sedição contra Amós, e em seguida disse a Amós que fôsse para casa, a Judá, e que não profetizasse em Israel ou em Betel, visto que tinham a sua própria “igreja” ou “capela”. (7:10-13) Em consequência, Amós predisse muita miséria pessoal para Amazias. Depois de predizer os atos divinos de juízo sôbre Israel por sua opressão dos pobres, o oitavo capítulo prediz uma fome, “não fome de pão nem sêde de água, mas de ouvir as palavras de Jehovah.” (Ver. 11) O nono e último capítulo descreve na mais viva fraseologia a impossibilidade de escape da execução das sentenças de Jeová; mesmo no cativoiro o iníquo Israel sofrerá males. Sômente os últimos cinco versículos aliviam a mensagem carregada de calamidade: nêles se prediz a volta dum restante do cativoiro para fazer uma obra de reconstrução e para gozar de bênçãos abundantes para sempre debaixo do reconstruído reino da casa ou linhagem de Davi.

REVISÃO: 1. Que verdade quanto a indivíduos se destaca no caso do profeta Joel? 2. Quando foi dada a profecia de Joel? e em que baseia a sua resposta? 3. Descreva o exército de insetos e os resultados da sua invasão. 4. Quando e como teve que profecia de Joel um bem conhecido cumprimento em miniatura? 5. Resuma o conteúdo do capítulo 3 de Joel. 6. Que informação preliminar se dá quanto a Amós e o tempo em que profetizou? 7. Resuma (a) os capítulos 1 e 2. (b) Os capítulos 3 a 6 inclusive. 8. Que experiência de campo teve Amós em Betel? 9. Que profecia destaca o capítulo oito? 10. Que quadro pinta o capítulo final?

Lição 49

OBADIAS E JONAS

O livro de Obadias é o livro mais curto das Escrituras Hebraicas. É demasiado curto para justificar uma divisão em capítulos, assim é meramente dividido em vinte e um versículos. As palavras iniciais, que formam uma espécie de título,

nomeiam o profeta que Jeová usou para proferir e registrar suas profecias: "Visão de Obadias." E com esta concisa declaração termina a informação fidedigna acêrca de Obadias. Seu nome significa "servo de Jah". Há vários outros caracteres bíblicos que se chamam assim, mas nenhum dêles é idêntico ao alistado como o quarto dos profetas menores. Desde tempos remotos há uma multidão de opiniões sôbre a identidade de Obadias, mas a sua própria variedade e ampla discrepância são a prova mais convincente da sua falta de valor. Porém, a identificação dum indivíduo não é a coisa importante, mas sim a profecia que Jeová o usou para falar e escrever.

Mais incerteza surge ao se tentar fixar o tempo em que Obadias viveu e escreveu. As Escrituras não marcam definitivamente o tempo, mas da evidência interna do próprio livro há forte probabilidade de que fôra escrito pouco depois da queda de Jerusalém diante de Babilônia. Na sua profecia de condenação contra Edom, Obadias lembra-lhes o tempo em que observavam e se regozijavam pela queda de Jerusalém e pela marcha dos seus habitantes ao cativeiro. Além disso, juntaram-se ao saque dos pertences dos judeus e cortaram a via de escape aos que fugiam. (Oba. 11-14; veja-se também Salmo 137:7; Lamentações 4:21, 22; Ezequiel 35:1-15) Obadias referiu-se talvez aos eventos que ocorreram por ocasião do cativeiro babilônico em 607 A. C., e predisse então a ruína que esperava Edom, e que mais tarde veio sôbre o típico Edom de maneira tão literal que desapareceu para sempre essa nação. Há uma notável semelhança entre as palavras de Obadias nos versículos 1-9 e os de Jeremias 49:7-22. É bem possível que mais ou menos no mesmo período de tempo Jeová assegurou duplamente o fim de Edom pelas bôcas destas duas testemunhas.

O livro de Obadias é uma constante denúncia de Edom e uma mensagem de juízo declarando sua completa destruição. Da parte de Jeová vêm estas novas animadoras: "Levantae-vos, e levantemo-nos contra Edom em guerra." Embora se-

jam os pagãos os chamados contra Edom, contudo é claro que é Jeová quem cuida de que seja abatido ao pó da terra. Seu orgulho só o enganou ao pensar que sua habitação elevada fôsse um lugar inacessível em altura e segurança. Jeová investigará a sua iniquidade há muito escondida e o destruirá até não restar traço! Seus antigos confederados se voltam contra êle. A suposta sabedoria dos seus sábios e o poder dos seus poderosos desfalecem; a matança alimenta-se no monte de Esaú até não restar habitante. Que grande calamidade! —1-9.

Os versículos 10-16 dizem por que. “Por causa da violencia feita a teu irmão Jacob, cobrir-te-á a vergonha, e serás exterminado para sempre.” O profeta lembra então como os edomitas avivaram a aflição sôbre Judá e Jerusalém no dia do cativoiro, conforme se mencionou anteriormente nesta lição. A justiça retributiva de Jeová os levará ao seu fim eterno. Os últimos cinco versículos compensam a visão do fim calamitoso de Edom predizendo as glórias futuras que viriam sôbre a casa de Jacó. Em contraste com a desolação de Edom, uma restauração do cativoiro e nova possessão de terras são previstas para a casa de Jacó. Aparecerão salvadores no monte Sião e “o reino será de Jehovah”.

A profecia de Obadias se cumpriu literalmente em miniatura. Prova disto é a capital de Edom, Petra, a cidade cortada no rochedo. Hoje é uma relíquia deshabitada do passado distante. O típico Edom foi exterminado para sempre. Seu extermínio começou com a invasão dos exércitos de Nabucodonosor, cêrca de cinco anos depois da queda de Jerusalém. O cumprimento maior desta profecia está em vias de se realizar nestes “últimos dias” contra o Edom antitípico e está firmemente avançando para seu clímax. Tudo isto evidencia a canonicidade do livro de Obadias.

JONAS

A estranha aventura de Jonas no ventre dum grande peixe durante três dias e três noites é uma das histórias mais co-

nhcidas da Bíblia. Suscitou muita especulação quanto à espécie de peixe que serviu de transporte submarino, e tem sido o centro de tempestuosos debates desafiando a credibilidade do relato. Não há nada no registo que permita considerar o assunto como lenda alegórica. Sua veracidade histórica é comprovada pela referência de Cristo Jesus aos eventos do livro, o que revela que o relato inteiro narra um importante drama profético. (Mat. 12: 38-41) Algumas das teorias esquisitas inventadas pelos teólogos para privar a história da sua parte miraculosa não poderiam ser tragadas nem pelos mais crédulos. A fé na Palavra de Deus e a fé no poder ilimitado do Criador juntam-se para estabelecer em mentes fiéis a integridade do relato assim como Jeová o fêz registrar.

Jonas escreveu o livro que leva seu nome e no qual êle pessoalmente figura tão proeminentemente. Seu nome significa “pombo”. Êle era profeta, filho de Amitai, um galileu da tribo de Zebulom. Esta informação se tira da consideração conjunta de Jonas 1:1 e 2 Reis 14: 25. Dêste último texto se torna claro que Jonas profetizou durante ou antes do reinado de Jeroboão II, que subiu ao trono do reino das dez tribos em 852 A. C. É bem provável que conhecia e manteve contato com o profeta Eliseu.

A fim de contrastar a falta de fé da parte do Seu povo pactuado com a dum povo pagão “a palavra de Jehovah veio a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vae á grande cidade de Niniveh, e clama contra ella; porque a sua malicia subiu á minha presença”. Mas Jonas, querendo evadir-se da sua comissão de ir como missionário aos pagãos do longínquo oriente, apressou-se ao pôrto marítimo de Joep para tomar um navio a Tarsis no extremo ocidente, na costa meridional da Espanha.—1:1-3.

Levantou-se da parte de Deus uma tremenda tempestade, que ameaçou naufragar o navio. Todos os marinheiros clamavam aos seus deuses; mas Jonas dormia no bôjo do navio. O capitão acordou o dorminhoco e exortou-o a invocar seu Deus. Lançando-se sorte, ficou Jonas destacado como causa

da sua dificuldade. A remada frenética não levou o navio balouçante a um porto ou à terra. Os marinheiros aterrorizados, às instâncias do arrependido Jonas, jogaram-no então ao mar tempestuoso, que assim cessou de rugir. Mas Jeová tinha um trabalho para seu profeta. Ele cuidou que um poderoso peixe estivesse pronto para tragar Jonas e salvá-lo do túmulo aquoso. Passadas partes de três dias, chamadas três dias e três noites, e depois duma fervorosa oração da parte de Jonas, Jeová fêz que o peixe vomitasse o profeta à praia. Convidado pela segunda vez a ir à capital de Nínive, não se atreveu a desobedecer de novo. Ele foi a Nínive e proclamou públicamente, “Ainda quarenta dias, e Niniveh será subvertida.” Uma onda de arrependimento varreu a grande cidade; tanto o rei como o povo jejuaram e se humilharam em saco e cinzas. Jeová poupou misericordiosamente a cidade.—1: 4—3: 10.

Desapontado e aborrecido porque a sua predição não se cumprira, que se concedera graça a uma nação pagã, Jonas se retirou da cidade e se sentou numa barraca para amuar, esperando em vão ver a execução da sentença que proclamara. Então, por meio duma lição objetiva em misericórdia e compaixão, Jeová repreende o manhoso profeta. Deus fêz que crescesse uma aboboreira para abrigar do calor o carrancudo observador; sua sombra foi grandemente apreciada. Mas na manhã seguinte Deus fêz que um bicho ferisse a aboboreira e seu conforto foi substituído por um vento cáldo do oriente e o sol abrasador. Na aflição o profeta pediu para morrer. Estava zangado porque a aboboreira fôra tirada. Os últimos dois versículos do livro revelam como Jeová demonstrou a inconsistência de Jonas no assunto da misericórdia. O profeta desejava misericórdia para a aboboreira a fim de que vivesse, para que servisse ao propósito misericordioso de abrigá-lo do calor; mas ele não estava interessado na misericórdia para com os arrependidos ninivitas.—4: 1-11.

Sob a manobra de Jeová Jonas encenou bem a sua parte no drama profético. Depois ele registou fielmente o drama, não poupando a si próprio. Pode-se presumir que ele voltou a

Israel e continuou fiel a Jeová. Certamente o proceder de arrependimento dos ninivitas pagãos era uma repreensão para Israel, que naquele tempo havia rompido o pacto com Jeová e se lançado no demonismo.

REVISÃO: 1. Quem era Obadias? 2. Qual é o tempo provável em que Obadias profetizou, e por que responde assim? 3. Que calamidade pesada se declara nos primeiros nove versículos da profecia? 4. Por que é ela declarada? 5. Que aclara o fim do livro? 6. Como argumentaria a favor da canonicidade do livro? 7. Que estabelece que os eventos registados no livro de Jonas ocorreram em realidade? 8. Que se diz acerca de Jonas e o tempo em que escreveu? 9. Como reagiu primeiro Jonas à sua comissão? 10. Que eventos posteriores o levaram a cumprí-la? 11. Qual era a reação de Jonas quanto à misericórdia de Jeová para com Nínive? 12. Em que sentido se pode dizer que Jonas serviu a Jeová fielmente?

Lição 50

MIQUÉIAS E NAUM

O primeiro versículo da profecia de Miquéias forma uma breve introdução dela: "Palavra de Jehovah que veio a Miqueas, o morashtita, nos dias de Jotham, Ahaz e Hezekias, reis de Judah, a qual elle viu sobre Samaria e Jerusalem." Assim, em poucas palavras somos informados logo no princípio que a profecia é de Jeová, que ela veio por intermédio de Miquéias (nome que significa "quem é semelhante a Jah?"), que êle era da cidade de Moreset-Gat (1:14), que profetizou durante os reinados de Jotão, Acaz, e Ezequias (774-716 A. C.), e que a sua mensagem concernia tanto ao reino de Israel como ao de Judá. Não só revela a referência ao profeta como morastita sua cidade natal, mas serve também para distinguí-lo de "Micaías, filho de Inlá", que viveu um século e meio mais cedo. (1 Reis 22:8, Almeida) Na Bíblia hebraica "Micah" ("Miquéias") é uma abreviação do nome inteiro "Micaías". Miquéias, o morastita, era contemporâneo dos profetas Oséias e Isaías.

Com o versículo dois começa a própria profecia, e ela continua através de sete capítulos. Três secções estão introduzidas com a chamada 'Ouví'; e estas três secções, assim desta-

cadás, constituem três divisões naturais da profecia. Cada uma destas divisões começa com repreensões e ameaças e termina com uma promessa ou mensagem de esperança. A primeira parte (1: 2-2: 13) descreve a vinda de Jeová contra seu povo com ardente indignação por causa das suas transgressões. Samaria se tornaria como um montão de ruínas num campo; seria arrasada até os alicerces. Incurável será a sua ferida. Estas predições de mau agouro se cumpriram na Samaria literal com o cativo assírio em 740 A. C. Ademais, a ameaça assíria aproximou-se mesmo das portas de Jerusalém no tempo de Ezequias. Os cumprimentos maiores sôbre a “crístandade” apóstata vêm neste século vinte depois de Cristo. As iniquidades do povo de Deus são discutidas pormenorizadamente na última metade desta secção, e os versículos finais dão a promessa dum ajuntamento e restauração dum restante de Israel.

A terceira divisão inicia-se com o capítulo 3, e termina com o último versículo do capítulo 5. Especialmente convidados para “ouvir” são os príncipes e chefes do povo, que deviam conhecer o juízo correto, mas que pervertem a justiça e perseguem os verdadeiros adoradores. Os falsos profetas que infestam o país são acusados de fazer o povo errar; por isso cairá sôbre eles escuridão total e não terão nenhuma resposta da parte de Deus para dar ao povo. As denúncias de Miquéias atingem seu auge com a censura dos cabeças do povo que julgam por recompensa, os sacerdotes que ensinam por salário, e os profetas que adivinham por dinheiro, todo o tempo sustentando que Jeová está com eles. Por isso, “Sião será lavrada como um campo, Jerusalem se tornará em montão de pedras.”

Mas agora as horríveis predições dão lugar a gloriosas profecias de restauração. Em brilhante fraseologia de rara beleza o profeta pinta um quadro da casa restabelecida de Deus e dos povos e nações que afluem a ela. Reconversão total para a paz eterna, sem mesmo se aprender a guerra, mas liberdade do mêdo, liberdade da falsa religião por meio de adoração

correta—estas são algumas das bênçãos ao vir o “primeiro domínio, o reino”. Um restante fiel voltará do cativeiro babilônico, e os que se deleitam na expectativa da profanação de Sião serão os primeiros a serem desapontados e depois despedaçados pela “filha de Sião” de Jeová. Os sucessos do impiedoso assírio serão só temporários e êle será rechaçado e a sua própria terra desolada. O restante de Jacó, alimentado pelo Justo Governador, torna-se por sua vez para muitos como orvalho refrescante e como chuviscos. Quando Jeová tiver expurgado êste restante da religião falsa, então executará tal fúria e vingança sôbre as nações como nunca se ouviu, e a falsa religião perecerá junto com seus aderentes. Chama-se aqui atenção especial sôbre o versículo dois do capítulo 5, que prediz o lugar do nascimento do menino Jesus, isto é, Belém-Judá.—Mat. 2: 4-6.

A terceira secção é mui dramática na sua primeira metade. Usando uma intrépida figura poética Jeová convoca uma audiência, que abrange a terra tôda, para ouvir Sua controvérsia com seu povo professo. A forma de diálogo no qual se escreveu o capítulo 6 apresenta o quadro com a máxima vividez. Jeová faz uma revisão da justiça dos seus tratos com seu povo. Em troca disto nada se requer de extraordinário, mas apenas êste requisitos simples e compreensíveis de Jeová: “que procedas com justiça, e ames a misericórdia, e andes humilde com o teu Deus.” (6: 8) Mas ao contrário, sua violência, suas mentiras, seus enganos e fraudes andam mão a mão com sua celebração formalística de ritos cerimoniais e aberta adoração de demônios. O capítulo final desta secção e do livro lamenta a raridade das pessoas justas, e que todos os do apóstata Israel ocupam ambas as mãos em fazer o mal. Não se pode confiar em ninguém; sim, “os inimigos do homem são os da sua propria casa.” (*Almeida*) Portanto, que os amantes da justiça olhem para Jeová. A organização perseguidora do inimigo, Babilônia, é avisada para não se regozijar quando o restante fiel passar pela correção divina, porque o misericordioso Jeová perdoará a seus fiéis, mas executará vingança

sôbre todos os inimigos atônitos. Dêste modo vindicará Jeová para seu povo escolhido sua misericordiosa palavra da verdade.

NAUM

“Consolação” ou “confôrto” é o significado do nome Naum, mas a mensagem que êle falou e escreveu esteve longe de ser uma consolação ou confôrto para aquêle a quem se dirigiu principalmente. Antes, é chamada pêso, “Peso de Nínive;” (*Almeida*) “Carga de Ninive.” (*Ver. Trinitária*) É uma expressão de condenação contra os cruéis assírios pelo tratamento tirânico que dispensaram a Israel. A fúria de Jeová se acendeu, e o profeta traçou belas figuras de retórica retratando a Sua vinda para executar vingança. Por exemplo, Jeová dos exércitos “tem o seu caminho no turbilhão e na tempestade”, “as nuvens são o pó dos seus pés,” o mar e os rios secam-se à sua repreensão, à sua vinda a vegetação murcha, os montes tremem, os outeiros se derretem, e a terra se queima. Quem, pois, na terra, pode ficar em pé diante da sua indignação e sustentar sua ira furiosa? Certamente nenhum dos inimigos! “elle conhece os que nelle confiam.” (Naum 1:1-7) É só para êles, pois, que a mensagem da sua vinda para vingança é uma consolação e confôrto.

Um ponto alentador acêrca da vinda de Jeová para devorar seus inimigos de uma vez para sempre é que “elle vae destruir duma vez; não se levantará por duas vezes a angustia”. Não mais se permitirá aos assírios, ébrios de poder, afligir da sua capital o povo de Deus, pois Jeová quebrará o jugo assírio do pescoço do seu povo e cavará o túmulo para o vil opressor. Quão belos serão então os publicadores, que guardam os seus votos, restaurados ao seu serviço divino! (1:8-15) Jeová restaurou a excelência do seu povo, e vem agora para literalmente despedaçar o inimigo saqueador que os havia despojado. Com êle marcha sua organização cingida para a batalha “no dia da sua preparação”.—2:1-3, *Almeida*.

Com o versículo quatro do capítulo dois descerra-se diante do ôlho do leitor a cena dentro dos muros de Nínive. Os carros

de guerra correm ali de um lado a outro em terrível confusão. Não poucas colisões entravam o trânsito nas avenidas e ruas. Os poderosos homens de guerra são recrutados e enviados apressadamente a defender os muros da cidade. Mas nada disso adianta. A cidade de Nínive é saqueada e desolada. Perguntas escarnecedoras se dirigem aos conquistadores semelhantes a leões que antes não mostraram medo e que arrancaram e esfaquearam e destruíram: onde estão agora o intrépido rei assírio e suas hostes destemidas? Sobraram agora apenas corações que se derretem, joelhos que tremem e rostos empalidecidos; e êstes cedo desaparecem no esquecimento diante da espada executora de Jeová dos exércitos.—2: 4-13.

O capítulo três e último do livro de Naum pormenoriza mais ainda a vergonha e ruína que viria sôbre a sanguinolenta Nínive. Na sua aflição não haveria ninguém que a chorasse, ninguém para a confortar ou ajudar. O profeta a compara então à populosa "No-Amon" (Tebas), no Egito. A Etiópia e o Egito haviam sido os ajudadores de No-Amon, contudo ela caiu no cativeiro. Uma sorte igual espera a Assíria. Qualquer que tentar dar-lhe ajuda será igualmente consumido. Por causa de iniquidade e opressão amplamente conhecidas de Nínive, o regozijo pela sua queda também se espalhará largamente.

Um cumprimento literal da profecia de Naum, embora em miniatura, veio sôbre Nínive. Ela caiu em 625 A. C. diante dos babilônios sob Nabucodonosor, de quem Jeová fala como "meu servo". À luz de Naum 1: 8; 2: 6, 8, que reza (*Figueiredo*): "E com uma inundação impetuosa acabará de uma vez com o lugar d'ella, . . . Enfim as portas se abriram pela inundação dos rios, e o templo [o palácio, *Ver. Bras.*] foi destruído até ficar por terra; . . . E Nínive ficou toda coberta de agua, como um tanque," existe um interessante relato histórico. Alega que o inundado rio Tigre fez uma brecha na muralha da cidade e inundou a cidade, e que o rei assírio fez uma grande pira fúnebre no palácio, na qual êle e muitos dos seus servos e concubinas morreram quando se lhe tocou

fogo. Os babilônios sitiante entraram então através da brecha no muro e tomaram a parcialmente inundada e parcialmente queimada Nínive. Contudo, é possível que as águas da enchente fôsem um quadro figurativo das forças invasoras de Nabucodonosor.—Veja-se o Prólogo de *Nebuchadnezzar* de G. R. Tabouis, 1931 (em inglês).

Uma questão resta a ser decidida: Quando profetizou Naum? Esta é uma questão que não se pode decidir definitivamente. É certo que êle proferiu e anotou sua profecia antes da queda de Nínive, em 625 A. C., porque êle predisse essa calamidade. Também é certo de que falou depois da queda de No-Amon, aproximadamente em 664 A. C., porque se referiu àquêle desastre para tornar claro à Nínive a certeza dum destino similar para ela. (3: 8-10) Portanto, o livro de Naum foi escrito em algum tempo entre 664 A. C. e 625 A. C.

REVISÃO: 1. Que revelações se fazem em Miquéias 1:1? 2. Como está dividida a profecia? 3. Qual é o conteúdo (a) Da primeira secção? (b) Da segunda secção? (c) Da terceira secção? 4. A quem se aplica bem o significado do nome "Naum"? e a quem não? 5. Que verdade alentadora se revela por êste profeta? 6. Que cena dentro dos muros de Nínive confronta o olhar do leitor? 7. Que evento histórico anterior pressagia que não haverá ajuda para a Assíria? 8. Que cumprimento em miniatura da profecia de Naum sobreveio à Nínive literal? 9. Quando profetizou Naum?

Lição 51

HABACUC E SOFONIAS

Habacuc 1: 1 reza: "O peso que viu o profeta Habacucue." (*Almeida*) Habacuc, cujo nome significa "abraço (de amor)", é assim identificado como profeta e portador duma profecia carregada de futuras calamidades. Abundam teorias e tradições fantásticas sôbre a história pessoal dêste profeta, mas em tôdas estas especulações vãs nada há em que se possa confiar. A única informação direta, fidedigna, é o pouco que se dá no versículo inicial da profecia de Habacuc.

Indiretamente, porém, podemos colher fragmentos adicionais da evidência interna do livro que Habacuc compôs sob inspiração. O mais importante desta colheita é a informação

quanto ao tempo aproximado do proferimento da sua profecia. Habacuc 2: 20 diz, "Jehovah, porém, está no seu santo templo." A inscrição no fim do capítulo 3 é uma indicação para a disposição da ode nêle contida, "Para o cantor-mor, com os meus instrumentos de cordas." Portanto, o templo estava ainda de pé e ainda se realizava o serviço de música. Isto significaria que êle proferiu e registou a sua profecia um pouco antes da destruição do templo em 607 A. C. Mas quanto tempo antes?

Um limite é pôsto por Habacuc 1: 5, 6: "Vêde entre as nações, e contemplaes e maravilhaes-vos em extremo; porque vou fazer nos vossos dias uma obra, que não haveis de acreditar, embora vos seja contada. Pois eis que suscito os Chaldeus, essa nação feroz e apressada, que marcha sobre a largura da terra para se apoderar de moradas que não são suas." Falando aqui no tempo futuro, Habacuc predisse a queda de Jerusalém diante dos babilônios, e êle disse especificamente que isto se daria "nos vossos dias", isto é, nos dias daqueles a quem falou. Atribuir-se a profecia de Habacuc à primeira parte do reinado de Jeoiaquim (628-618 A. C.) se harmonizaria com o precedente, e com o seguinte: O povo não acreditaria na predição da conquista babilônica, embora lhes fôsse anunciada pelo profeta inspirado de Jeová. Essa descrença seria particularmente forte na primeira parte da regência de Jeoiaquim, porque Jeoiaquim fôra entronizado pela potência egípcia e o país estava sujeito ao Egito, enquanto Babilônia não era naquele tempo uma ameaça tão grande para Judá, visto que ainda não quebrantara o poder do Egito na batalha de Carquemis, em 625 A. C. Ademais, a contaminação do povo de Deus falada na profecia coincide com a que prevalecia no princípio do reinado de Jeoiaquim.

Habacuc clama contra a iniquidade e a perversidade, a rapina e a violência, o litígio e a contenda, a desordem e perversão da justiça que predominam no país. (1: 2-4) Êle profere então a sua profecia concernente à terrível eficiência da máquina de guerra babilônica e seu avanço vitorioso através

da terra da Palestina. (1: 5-11) Jeová 'pôs êste povo para juízo', 'o pôs para correção,' proclama o profeta. Jeová usa os caldeus sob Nabucodonosor para executar sua sentença contra o infiel Israel. Mas as saias da totalitária Babilônia não estão limpas. Ela procede traiçoeiramente, devora muitos dos que são mais justos do que ela, apanha homens na sua rêde como se fôsem peixes do mar, e se jacta então e adora as armas e o poder do estado. Habacuc faz perguntas pertinentes sôbre êstes assuntos.—1: 12-17.

Habacuc espera pelas respostas de Jeová, e é mandado a registá-las quando chegam. A orgulhosa e opressora Babilônia cairá. Nunca satisfeita, estendendo-se sempre para ganhar mais poder e domínio, despojando nações e povos, ela constrói sua organização à base de conquistas militares, sôbre sangue. Jeová mostrará Seu poder, e ao destruir o opressor, o conhecimento da Sua supremacia cobrirá a terra assim como as águas cobrem o mar. Exposta, envergonhada, a violenta e ensanguentada Babilônia cairá, morrendo nos lábios seus gritos vãos pedindo ajuda aos seus ídolos.—2: 1-20.

No terceiro capítulo Habacuc prorrompe num salmo-oração proclamando a terrível fôrça e o imensurável poder a se desencadear quando Jeová sair marchando como Deus de batalha. Certamente, nem mesmo uma chuva de bombas atômicas feita por homens poderia comparar-se com o estupendo poder explosivo e a destruição que abalará a terra, descritos aqui como produzidos pelo Criador do átomo! Ora, só a notícia disto faz tremer os lábios do profeta e estremecer as suas entranhas! Contudo, através de tudo isso serão preservados os que se alegram e confiam em Jeová. O estilo em geral de Habacuc tem sido muito admirado, e êste capítulo três incita a ilimitados louvores. Sua magnificência e majestade elevam-se às alturas de sublime poesia sem paralelo na Escritura.

SOFONIAS

A decaração de Sofonias (ou, Zephánias) dos juízos de Deus sôbre Judá por causa da sua recaída na religião do Diabo

cai em ouvidos atentos. Considerado por muitos descendente do rei Ezequias, êste profeta, cujo nome significa “escondido por Jah”, proclamou a mensagem de Deus durante o reinado do bom rei Josias (659-628 A. C.). (1:1) Mas quando durante êste longo reinado de 31 anos? Bem, suas palavras denunciaram Judá por seguir Baal e outras divindades demoníacas, por sua adoração de estrêlas e outros corpos celestes. Suas iniquidades serão descobertas; sua indiferença para com Jeová e sua presunção que êle não agiria nem para o bem nem para o mal serão dissipadas. O dia de retribuição vem depressa, será um dia em que nem a prata nem o ouro poderão libertar da ira de Jeová.—1:2-18.

Tais declarações ardentes difíceilmente se aplicariam aos tempos depois do décimo segundo ano da regência de Josias, porque daquele tempo em diante êle expurgou o país da demonolatria. No oitavo ano do seu reinado êle começou a buscar a Jeová. (2 Crô. 34:3) Portanto, Sofonias deve ter profetizado logo no início do reinado de Josias, enquanto a demonolatria ainda estava no apogeu. Sem dúvida a prédica ardente contribuiu muito para que Josias buscasse a Jeová e mais tarde expurgasse a falsa religião do país. Esta localização da profecia de Sofonias na corrente do tempo harmoniza-se com o fato de que êle predisse a queda de Nínive, a matança dos etíopes, e que ambas viriam pela “espada” de Jeová. Ambas estas profecias tiveram um cumprimento em miniatura em 625 A. C., quando Nabucodonosor, o ‘servo de Jeová’, tomou a cidade de Nínive e quebrantou o poder do Egito na batalha de Carquemis no rio Eufrates, muitos anos mais tarde seguindo-se a sua invasão do Egito mesmo até Tafnes.—2:12, 13; Jer. 43:8-13, *Almeida*.

A reforma sob o rei Josias foi só temporária; não impediu permanentemente a execução das sentenças que Sofonias proferiu acêrca do cativoiro dos judeus. A desolação viria com certeza sôbre a nação que não desejava a Jeová Deus. Mão a mão com sua mensagem de calamidade Sofonias exortou os mansos para com Jeová Deus a meditar sèriamente e a buscar

a mansidão e a justiça para que fôsem escondidos no dia da ira do Senhor. A fúria destruidora de Jeová limpará a terra da religião falsa! As nações pagãs cairão e seus deuses serão extintos. Depois disso todos adorarão unicamente a Jeová. —2:1-15.

O capítulo 3 repreende especialmente Jerusalém por suas contaminações com a religião falsa, por sua recusa à instrução divina. Tôdas as nações serão reunidas, para que se derrame sôbre elas todo o furor de Jeová. A língua do restante reunido do povo de Jeová será de adoração pura, e no meio dêles haverá uma multidão de pessoas que confiam em Jeová, antigas vítimas de aflições religiosas. Jeová regozijar-se-á, então, amorosamente com seu restante reorganizado, e êstes não afrouxarão as mãos com medo, mas serão um povo para seu nome e cantarão em tôda parte os seus louvores.

REVISÃO: 1. Que testemunho direto há sôbre Habacuc? 2. Que informação importante se obtém da evidência interna quanto ao tempo da profecia? 3. Contra que condição em Judá protesta Habacuc? 4. De que modo usará Jeová a Babilônia? e contudo, por que não estão limpas as salas de Babilônia? 5. Que finalmente segará Babilônia? 6. Que relata o terceiro capítulo? 7. Como se pode estabelecer mais definitivamente a profecia de Sofonias na regência do rei Josias? 8. Que fato argumenta que sua mensagem caiu em ouvidos atentos? 9. Resuma o conteúdo do (a) Capítulo 2. (b) Capítulo 3.

Lição 52

AGEU E ZACARIAS

“No segundo anno do rei Dario, no sexto mez, no primeiro dia do mez, veiu a palavra de Jehovah por intervenção do propheta Aggeo a Zerubbabel, filho de Shealtiel, governador de Judah, e ao summo sacerdote Josué, filho de Jehozadak.” (Ageu 1:1) Nestas palavras o versículo inicial do livro de Ageu informa que Ageu, o profeta, que escreveu o livro que leva seu nome, falou por inspiração. O escrito é por isso autêntico e canônico. As palavras nos informam também acêrca do tempo em que Ageu começou a profetizar e aquêles a quem se dirigiu. As profecias de Ageu, cujo nome significa

"festivo", consistem em quatro breves discursos, dados em três dias diferentes. O último é datado do dia vinte e quatro do nono mês, no segundo ano de Dario (II), o que indica que desde o primeiro até o último passaram-se apenas três meses e vinte e quatro dias. Portanto, o livro é curto não só quanto ao comprimento mas também quanto ao tempo coberto. Pouco se sabe acêrca do próprio Ageu. Êle voltara provavelmente de Babilônia junto com Zorobabel, em 537 A. C.

Veja-se o cenário histórico das profecias de Ageu: Dezesete anos antes, a saber, em 537 A. C. Zorobabel voltara do cativo com quase 50.000 judeus para reconstruir o templo. Surgiu oposição de adversários vizinhos, aquêles híbridos religiosos chamados "samaritanos" que depois de certo tempo conseguiram interromper a obra de construção. Manobraram a imposição duma proibição oficial persa sôbre a obra teocrática de reconstrução e por quase dezesseis anos a obra do templo ficou paralisada. Foi neste tempo e nesta situação que Jeová suscitou o profeta Ageu, no segundo ano de Dario II, em 520 A. C.—Esdra 1:1-4; 2:1, 2; 4:1-5:1.

Em primeiro lugar o profeta dirigiu a palavra de Deus àquêles a quem os modernos chamariam de "enfraquecedores da moral". Havia, entre o restante que voltou do cativeiro, aquêles que temerosa e egoístamente olharam às condições externas e clamaram, "Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada." Mais tarde êstes desanimadores se queixaram que o novo templo construído não era nada comparado com o que Salomão erigira. (1:2; 2:3; *Almeida*) Mas Ageu, sem se desencorajar, arrazoou com os de pouca fé e zêlo pela casa de Deus e infundiu fôrça e fervor nos seus corações desalentados. Seu primeiro discurso denunciou a indiferença dos judeus que moravam em casas acabadas e estavam contentes a permitir que a casa da Senhor jazesse desolada. Por causa disto os céus "teem retido o orvalho" e a terra "tem retido e seu fructo". Uma série de colheitas fracassadas e estações infrutíferas os empobreceram; das vastas sementeiras segam pouco. (1:4-11) As pa-

lavras de Ageu penetraram profundamente nos corações do povo e dos seus líderes Zorobabel e Josué. Menos de quatro semanas depois, a despeito da proscrição imperial, reiniciou-se a obra do templo!—1:12-15.

O segundo discurso de Ageu (2:1-9, *Almeida*) foi proferido menos de um mês depois do reinício da obra. Esta vez era para frustrar qualquer propaganda dos antigos de que o novo templo desapontava quando comparado com a glória do templo de Salomão. Mas êste discurso dirigido a Zorobabel e Josué e a todo o restante assegurou-lhes que “a gloria desta última casa será maior do que a da primeira”, pois Jeová fará “tremar todas as nações” e “virá o Desejado de todas as nações” ao templo. Dois meses e três dias depois colocou-se o alicerce do templo de Jeová, e o terceiro discurso (2:10-19) pergunta aos sacerdotes pelas antigas impurezas da nação; chama-os a considerar a praga das colheitas fracasadas que assolou o país enquanto a obra do templo esteve paralisada; promete bênção em virtude da renovada atividade de construção. Conforme se desenvolveram os assuntos na realidade, Jeová abençoou o zelo e destemor dêles fazendo que Dario II renovasse o decreto de Ciro que autorizava o trabalho. Os maliciosos inimigos samaritanos foram derrotados. O quarto discurso (2:20-23) foi proferido no mesmo dia, e foi dirigido exclusivamente a Zorobabel. Predisse que Jeová abalaria êste mundo iníquo de Satanás, derrubaria seus reinos e govêrnos, e estabeleceria no poder do Reino o Zorobabel Maior, Cristo Jesus.

ZACARIAS

“Zacarias” significa “lembrado por Jah”. O livro da Bíblia assim chamado foi escrito por um profeta dêsse nome e contém as palavras que Jeová falou por seu intermédio. Zacarias era contemporâneo de Ageu e começou a profetizar dois meses depois do primeiro discurso de Ageu. Portanto, o cenário histórico da profecia de Zacarias é em geral o mesmo do que se acaba de discutir em Ageu. Zacarias é às vezes

chamado "filho de Ido", mas o versículo inicial da sua profecia é mais explícito, dizendo, "Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido." Êle era para Ido filho na segunda geração. Que Zacarias era tanto sacerdote como profeta é demonstrado em Neemias 12:12, 16. Quando começou seu serviço profético era ainda jovem, e continuou nêle por pelo menos dois anos, até 518 A. C.—Zac. 1:1, *Almeida*; 2:4; 7:1; Esdras 5:1; 6:14, *Almeida*.

O livro de Zacarias é geralmente dividido em duas partes: os capítulos 1-8 e os capítulos 9-14. A primeira parte consiste principalmente numa série de visões que em geral se relacionam com o templo e as esperanças levantadas com a sua reconstrução, e termina com um discurso que responde a perguntas surgidas quanto a certas festas. O profeta vê cavaleiros do Senhor inspecionando os assuntos da terra e ouve as promessas do acabamento do templo e da prosperidade de Jerusalém; êle vê os quatro chifres que espalharam Israel e os quatro ferreiros que destruirão os chifres: recebe a visão dum homem que tinha na mão um cordel de medir e se aproximava de Jerusalém, o que prediz o crescimento e a prosperidade de Jerusalém e o ajuntamento de outras nações ao Senhor; ouve como Satanás é repreendido e vê a vestimenta suja do sumo sacerdote Josué substituída por uma gloriosa muda de vestidos; um castiçal de ouro com sete lâmpadas ladeado de duas oliveiras para seu suprimento de óleo saúdam a seguir seu olhar espantado e êle ouve gritos de "Graça, graça," proclamando a produção da pedra fundamental do templo; êle tem a visão dum rôlo voador que regista as maldições que virão sôbre aquêles que roubam a Deus e os que juram falsamente a êle; vê as iniquidades babilônicas removidas do restante restaurado de Deus; finalmente, quatro carros puxados por cavalos aparecem como símbolo da organização guerreira de Deus, e o construtor do templo de Deus é identificado como "o Renovo", que será sacerdote sôbre seu trono. Os últimos dois capítulos desta primeira secção dão a resposta de que as festas de lamentos e de religiosa compaixão própria deve-

riam ceder a tempos de gôzo e alegria; que a Sião restaurada prosperaria e que homens de tôdas as nações agarrariam a “orla do vestido daquelle que é judeu” para acompanhá-lo a Jerusalém por causa das bênçãos de Jeová sôbre seu povo.

A segunda parte da profecia de Zacarias, os capítulos 9-14, têm o costumeiro tom e caráter profético, em contraste com a parte precedente, cheia de visões, similar às profecias de Daniel e Ezequiel. Muitos críticos da Bíblia sustentam que esta última porção, por causa da mudança do estilo e de outra suposta evidência interna, foi escrita por outro que não Zacarias, por alguém que viveu muito antes de Zacarias. Aos que apreciam não só o assunto do cumprimento em miniatura, mas também o assunto mais importante do cumprimento maior, seus argumentos desencaminhados não impressionam muito. A definida mudança do assunto explica facilmente a diferença na maneira de apresentação e estilo. Formas similares de expressão e mensagens proféticas semelhantes ligam ambas as partes. O que é mais convincente, o escritor da segunda parte demonstra conhecimento dos escritos dos profetas que seguiram a destruição de Jerusalém, mas por fazer alusões aos mesmos êle se refere ao futuro cumprimento antitípico de tais profecias. Portanto, a segunda parte não poderia ter sido escrita muito antes de Zacarias, mas, assim como a primeira, deve ter sido escrita depois do exílio judeu. Sem dúvida foi Zacarias a quem Jeová usou para registrar todos os quatorze capítulos do livro que leva o nome dêste profeta.

Esta última parte declara vingança contra nações pagãs, prediz a vinda de Cristo como rei a Jerusalém montado num jumento, a extensão do domínio do Reino através da terra, o ajuntamento do Seu povo, a traição de Cristo por trinta moedas de prata, o derramamento do espírito de Deus sôbre seu restante depois do arrependimento dêles, a vergonha dos falsos profetas e a futilidade de esconderem a sua identidade, a queda de dois têrços do povo e a salvação de um têrço (um restante) pela purificação. O último capítulo prediz o assalto

internacional contra Jerusalém no dia de Jeová, o fender do “monte das Oliveiras” para refúgio do seu povo, o Reinado indisputável de Jeová sôbre a terra, a praga com que ferirá todos os opressores, e a adoração regular Dêle ano após ano por parte do povo e por meio da Sua santa organização do templo.

Muitas das profecias de Zacarias já se cumpriram, e o seu cumprimento total, maior e definitivo, não está muito distante. Quanto a referências à profecia de Zacarias nas Escrituras Gregas, confirmando ainda mais a autenticidade do livro, compare Zacarias 8:16 com Efésios 4:25; Zacarias 9:9 com Mateus 21:4, 5 e João 12:14-16; Zacarias 12:10 com João 19:37; Zacarias 13:7 com Mateus 26:31 e Marcos 14:27, mostrando o cumprimento dessas profecias em miniatura.

REVISÃO: 1. (a) Que diz o versículo inicial da profecia de Ageu? (b) Que mais se diz acêrca do homem Ageu e sua profecia? 2. Que eventos históricos levam às profecias de Ageu? 3. Revise o conteúdo (a) Do primeiro discurso de Ageu. (b) Do segundo discurso. (c) Do terceiro. (d) Do quarto. 4. Que informação preliminar se dá acêrca de Zacarias? 5. Como é geralmente dividido êste livro? 6. Resuma o conteúdo da primeira parte. 7. Que “altos criticismos” falham em desacreditar que Zacarias seja o escritor da segunda parte? 8. Qual é o conteúdo dessa parte? 9. Que prova a autenticidade do livro como um todo?

Lição 53

MALAQUIAS

Por ordem de Jeová Moisés iniciou a escrita das Escrituras Hebraicas com o livro de Gênesis. Onze séculos mais tarde o inspirado Malaquias terminou a escrita do cânon hebraico com o livro profético que leva seu nome. “Malaquias” (do hebraico “Malachijah”) significa “mensageiro de Jah”. Alguns crêem que “Malaquias” não seja o nome pessoal do escritor, mas um nome que lhe foi dado por causa do seu cargo profético. Há também alguns que sustentam que o termo “Malaquias” não se destinava a ser aplicado a um ho-

mem, mas era meramente um título para o livro. O versículo inicial, porém, parece indicar que Malaquias era um homem e que, em harmonia com o procedimento usual quanto aos livros proféticos, o livro que êle foi inspirado a escrever adotou o nome do escritor: “Peso da palavra do Senhor contra Israel, pelo ministerio de Malaquias.”—Mal. 1:1, *Almeida*.

Não há nem um único fato registado acêrca da linhagem ou história pessoal de Malaquias; nem existe uma declaração direta quanto ao período de tempo em que profetizou. Portanto, não se pode dizer com certeza quando êste último livro das Escrituras Hebraicas foi registado. Contudo, a opinião geralmente aceita, baseada na evidência interna do livro, é a seguinte:

Malaquias fala dos judeus como estando sob a administração civil dum governador, o que faz o livro definitivamente posterior ao cativoiro, visto que essa foi a única ocasião em que os judeus estiveram sob governadores. O templo havia sido reconstruído e esperava-se que se realizassem os serviços do templo. Não se faz menção da reconstrução do templo; portanto devia ter sido acabado algum tempo antes. Êstes fatos eliminam a administração do governador Zorobabel. Tampouco se menciona a reconstrução da muralha, o que parece eliminar a primeira parte da regência do governador Neemias. Argumenta-se, porém, que o livro foi registado na última parte da administração de Neemias, provàvelmente depois do trigésimo segundo ano de Artaxerxes III (443 A. C.) e da volta de Neemias do palácio persa em Susa. Por quê? Porque Neemias foi o último dos governadores civis judeus, e a profecia de Malaquias faz referência a tal governador. (1:8) Além disso, Malaquias denunciou as mesmas coisas que prevaleceram quando Neemias voltou da Pérsia, a saber: os judeus se casaram com mulheres pagãs (Mal. 2:11, 12; Nee. 13:23-26); os dízimos não foram trazidos para o sustento do serviço do templo (Mal. 3:8-10; Nee. 13:10-12); o pacto do sacerdócio, ou seja, aquêle feito com Levi fôra profanado

(Mal. 2:4-8; Nee. 13:11, 29), e outros pontos da lei violados (Mal. 2:8; Nee. 13:15). Esta evidência interna não fixa com certeza o tempo da profecia de Malaquias; mas antes aponta constantemente à probabilidade da última parte do governo de Neemias.

A essência da profecia de Malaquias é a condição impura do sacerdócio e a repentina vinda de um juízo. Seu estilo não é tão cheio de figuras de retórica como o de outros profetas. Não possui a beleza de expressão que caracteriza tantos dos outros livros proféticos; não tem as aptidões para proferimentos poéticos que qualificam vários dos outros profetas. Mas é arranjado em fortes frases argumentativas. Arrazoa, faz comparações, e suas contínuas perguntas despertam interesse. O filho honra seu pai e o servo seu senhor, mas em que honram os sacerdotes de Israel a seu Pai e Senhor, Jeová? Perguntas adicionais revelam o verdadeiro estado de coisas relativo ao serviço do templo: os sacerdotes dizem que a mesa do Senhor é desprezível oferecendo nela pão contaminado e animais cegos, coxos, doentes e feridos. Não farão de graça nenhum serviço, não importa quão leve seja.—1:2-14.

As bênçãos dos sacerdotes serão amaldiçoadas, a semente delas corrompida, e seus rostos cobertos com o estêrco das suas festas. Conforme o concêrto com Levi acêrca do sacerdócio, “os labios do sacerdote devem guardar a sciencia, e da sua bocca devem os homens procurar a lei; porque elle é o mensageiro de Jehovah dos exercitos.” Mas, durante o tempo de Malaquias os sacerdotes corromperam o concêrto de Levi, não ensinaram ao povo a lei, mostraram parcialidade, agiram traiçoeiramente, não se mantiveram nos caminhos de Jeová e fizeram também que muitos outros tropeçassem na lei divina. Puseram de lado as espôsas judias da sua juventude e tomaram para si mulheres estranhas, mulheres pagãs. Suas continuamente iníquas palavras enfadaram a Jeová Deus.—2:1-17.

O capítulo três começa com a emocionante profecia acêrca do mensageiro de Jeová que prepara o caminho diante do Senhor, e anuncia o aparecimento repentino dêste “mensagei-

ro do concêrto” no templo para julgamento. Assentar-se-á ali como purificador e expurgará e purificará os sacerdotes, os filhos de Levi, para que possam oferecer a Jeová uma oferta em justiça, em pureza. Seu serviço será então agradável, porque o imutável Deus Todo-poderoso terá, então, por meio do Seu Mensageiro no templo, expurgado a todos os feiticeiros, e perjuros e opressores e os que “desviam o estrangeiro do seu direito”. (3:1-6) O resto do capítulo mostra que os que roubavam a Deus retendo os dízimos e as ofertas aceitáveis, arrependendo-se, receberiam tantas bênçãos que seriam incapazes de contê-las tôdas. O país floresceria. Então, embora alguns achassem que não traz proveito servir a Jeová, muitos pensariam no Senhor, e Jeová se lembraria dêles.—3:7-18.

Nas Bíblias hebraicas a profecia de Malaquias tem só três capítulos, tendo o terceiro vinte e quatro versículos. As versões portuguesas, porém, terminam o capítulo três com o versículo dezoito e dos seis versículos restantes fazem um quarto capítulo. Êstes versículos predizem um dia vindouro no qual os soberbos e os iníquos serão consumidos por fogo como o rastolho, e que não se deixará dêles nem raiz nem ramo. Mas sôbre os que temem a Deus nascerá o Sol da justiça trazendo curas, e êles pisarão os iníquos. O versículo 4 admoesta os israelitas a se lembrarem da lei de Moisés. O versículo 5 predisse que Jeová enviaria Elias, profeta, antes do grande e terrível dia do Senhor. O versículo 6 predisse a obra dêsse profeta: “E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.”—*Almeida*.

Na Bíblia hebraica a profecia de Malaquias é a última dos “Profetas Posteriores” e portanto colocada imediatamente antes do “Agiógrafo” ou “Escritos Sagrados”, *K^ethubím*. Malaquias foi o último dos profetas antes da era cristã. Suas palavras, em Malaquias 4:4, 5, possuem êste significado. Êle não induziu os israelitas a esperar uma sucessão de profetas como nos tempos passados, mas lhes diz que guardassem a lei de Moisés e esperassem Elias o profeta pouco antes da

vinda do Messias. A observação da lei era o que se lhes recomendava para capacitá-los a permanecer no caminho certo até que viesse o Messias, e não profetas futuros. Quão apropriada era esta admoestação sôbre a observância da lei como conclusão para as Escrituras Hebraicas! O primeiro escritor da Bíblia, Moisés, fôra usado para dar a Israel esta lei quando Israel foi chamado como nação santa para Jeová. Se a seguissem, os manteria no caminho certo e estreito da verdadeira adoração e fora da estrada larga e destruidora da adoração dos demônios e idolatria. Agora aquêlo que encerra o cânon hebraico, Malaquias, a apresenta mais uma vez para sua direção através dos poucos séculos restantes até atingir seu alvo e terminar no Messias Cristo.

A canonicidade dêste livro, que encerra o cânon hebraico, nunca foi posta em dúvida. É muitas vêzes citado nas Escrituras Gregas, onde se anotam os cumprimentos em miniatura das suas profecias. Em relação a isto, compare Malaquias 3:1 e 4:5, 6 com os seguintes textos das Escrituras Gregas: Mateus 11:10-15; 17:10-12; Marcos 1:2, 3; 9:11-13; Lucas 1:15-17, 76; 7:27; João 1:6-8, 15; compare também Malaquias 1:2, 3 com Romanos 9:13. Nestes últimos tempos ocorreram cumprimentos maiores, que confirmam com irrefutáveis fatos físicos em nossos dias a autenticidade do último livro do cânon hebraico.

REVISÃO: 1. Quem terminou o que Moisés iniciou? 2. Que é evidente do versículo inicial da profecia de Malaquias? 3. A que período de tempo para a composição da profecia aponta o dedo da probabilidade? e por que razões? 4. Qual é a essência da profecia, e o estilo em que foi escrito? 5. Que estado de coisas revelam as perguntas do profeta? 6. Como corromperam os sacerdotes o pacto com Levi acêrca do sacerdócio? 7. Resuma o conteúdo do (a) Capítulo 3. (b) Capítulo 4. 8. Como se deduz das próprias palavras do profeta que êle era o último dos profetas no tempo em que se escreveram as Escrituras Hebraicas? 9. Por que são seus versículos finais uma conclusão tão apropriada para as Escrituras Hebraicas? 10. Que cumprimentos em miniatura da profecia de Malaquias estão registados nas Escrituras Gregas?

TABELA DOS LIVROS DA BÍBLIA, MOSTRANDO O ESCRITOR DE CADA LIVRO, O LUGAR EM QUE FOI ESCRITO, O TEMPO DA ESCRITA, E O TEMPO COBERTO PELOS EVENTOS

(Sôbre alguns nomes dos escritores e lugares não há certeza; muitas datas são aproximadas. CIRCA (c.) = aproximadamente. Para informação mais completa vejam-se as respectivas lições.)

Livros das Escrituras Hebraicas de antes de Cristo

Nome do livro	Escrutor	Lugar em que foi escrito	Tempo (A. C.)	Tempo abrangido (A. C.)
Gênesis	Moisés	Deserto	1513	46025-1657
Êxodo	Moisés	Deserto	1512	1657-1512
Levítico	Moisés	Deserto	1512	1 mês (1512)
Números	Moisés	Planícies de Moab	1474	1512-1474
Deuteronômio	Moisés	Planícies de Moab	1474	1 mês (1474)
Josué	Josué	Canaan	1454	1474-1454
Juízes	Samuel	Canaan	c. 1100	c. 1454-1192
Rute	Samuel	Canaan	c. 1090	11 anos em Juízes
1 Samuel	Samuel; Gad; Natan	Canaan	c. 1077	1192-1077
2 Samuel	Gad; Natan	Canaan	c. 1040	1077-c. 1040
1 Reis	Jeremias	Jerusalém	1 rôlo	c. 1040-917
2 Reis	Jeremias	e Egito	c. 581	922-c. 581
1 Crônicas	Esdras	Jerusalém?	c. 460?	1077-1037
2 Crônicas	Esdras	Jerusalém?	c. 460?	1037-537
Esdras	Esdras	Jerusalém	c. 460	537-466
Neemias	Neemias	Jerusalém	443	455-443
Ester	Mardoqueu	Susa, Pérsia	474	484-474
Jô	Moisés	Deserto	c. 1490	c. 1656-1500
Salmos	Davi e outros			
Provérbios	Salomão; Agur; Lemuel		c. 1010	
Eclesiastes	Salomão	Jerusalém	c. 1000	
Cântico dos Cânticos	Salomão	Jerusalém	c. 1010	
Isaías	Isaías	Jerusalém	c. 730	c. 775-732
Jeremias	Jeremias	Jerusalém; Egito	c. 581	647-c. 581
Lamentações	Jeremias	Jerusalém	607	
Ezequiel	Ezequiel	Babilônia	591	613-591
Daniel	Daniel	Babilônia	535	618-535
Oséias	Oséias	Israel	c. 742	c. 830-742
Joel	Joel	Judá	c. 917?	
Amós	Amós	Judá	c. 811	
Obadias	Obadias		c. 607?	
Jonas	Jonas		c. 852	
Miquéias	Miquéias	Judá	c. 716	
Naum	Naum	Judá	664-625	

Nome do livro	Escritor	Lugar em que foi escrito	Tempo (A. C.)	Tempo abrangido (A. C.)
Habacuc	Habacuc	Judá	c. 628	
Sofonias	Sofonias	Judá	c. 655	
Ageu	Ageu	Jerusalém	518	114 dias (520)
Zacarias	Zacarias	Jerusalém	520	520-518
	Malaquias	Jerusalém	c. 442?	

Livros das Escrituras Gregas de depois de Cristo

Nome do livro	Escritor	Lugar em que foi escrito	Tempo (E. C.)	Tempo abrangido (E. C.)
Mateus	Mateus	Palestina	41?	2 A. C. - 33 E. C.
Marcos	Marcos	Roma	60	29-33
Lucas	Lucas	Roma	60	3 A. C. - 33 E. C.
João	Apóstolo João	Éfeso, ou cercanias	98	29-33 (exc. 1: 1-5, 14)
Atos	Lucas	Roma	61	33-61
Romanos	Paulo	Corinto	56	
1 Coríntios	Paulo	Éfeso	55	
2 Coríntios	Paulo	Filipos	55	
Gálatas	Paulo	Antioquia da Síria	51	
Efébios	Paulo	Roma	60	
Filipenses	Paulo	Roma	60	
Colossenses	Paulo	Roma	60	
1 Tessalonicenses	Paulo	Corinto	50	
2 Tessalonicenses	Paulo	Corinto	50	
1 Timóteo	Paulo	Macedônia	61-64	
2 Timóteo	Paulo	Roma	65	
Tito	Paulo	Éfeso	61-64	
Filemon	Paulo	Roma	60	
Hebreus	Paulo	Roma	61	
Tiago	Tiago, irmão de Jesus	Jerusalém	c. 60	
1 Pedro	Pedro	Babilônia	62-64	
2 Pedro	Pedro	Babilônia?	c. 64	
1 João	Apóstolo João	Éfeso, ou cercanias	98	
2 João	Apóstolo João	Éfeso, ou cercanias	98	
3 João	Apóstolo João	Éfeso, ou cercanias	98	
Judas	Judas, irmão de Jesus	Palestina	c. 65	
Apocalipse	Apóstolo João	Patmos	96	

AS ESCRITURAS GREGAS

Malaquias terminara de escrever o último livro do cânon hebraico. Por uns quatro séculos a pena dos escritores bíblicos permaneceu inativa. Veio então Jesus Cristo à terra, testificou acêrca da verdade, estabeleceu um novo pacto a proveu o resgate. Era necessário preservar o registo de tais coisas; a pena da escrita bíblica é mais uma vez chamada a serviço. Mas esta vez as mãos inspiradas que a seguram movem-na numa língua diferente do hebraico: esta vez sua mensagem é em grego. Este livro adota, por isso, o termo “Escrituras Gregas” para designar essa porção da Bíblia escrita durante os últimos sessenta anos do primeiro século depois de Cristo, evitando assim a expressão não-bíblica de “Novo Testamento”. Oito escritores inspirados registaram os vinte e sete livros das Escrituras Gregas. As dezessete lições desta secção apresentam cada um dos livros ao escrutínio do leitor por meio dum tratamento semelhante ao conferido a cada livro das Escrituras Hebraicas.

Lição 54

MATEUS

Moisés foi usado por Jeová Deus para iniciar o cânon das Escrituras Hebraicas. Era, portanto, apropriado que o Senhor Deus usasse o Profeta maior do que Moisés para iniciar o cânon das Escrituras Gregas. Isto não quer dizer que o próprio Jesus escreveu alguma parte das Escrituras Gregas; não o fez. Mas foi seu nascimento como criatura humana e seu advento como Messias o Cristo que desencadeou uma série de cumprimentos de profecias das Escrituras Hebraicas. Eventos da maior consequência para o universo inteiro foram então encenados neste globo terrestre durante o ministério de Cristo Jesus. Inseparavelmente ligadas a êles estavam não só a provisão dum resgatador para os homens mas a vital vindicação do nome e da palavra de Jeová por meio da Semente prometida.—Gên. 3:15; Gál. 3:16.

Jesus não deixaria a transmissão do relato de tão momentosos eventos de importância universal entregue aos lábios indignos de confiança da tradição oral. Não estava êle oposto

às tradições orais dos anciãos? (Mat. 15:1-9; Mar. 7:1-13) Por isso não deixaria entregue às tradições variáveis dos homens o relato de eventos que tratavam d'ele e dos seus primeiros seguidores, eventos que marcavam o cumprimento de muitas das profecias das Escrituras Hebraicas e o crescimento primitivo da classe do “reino dos céus”. Ele fez que as boas novas fôsem assentadas em “preto e branco” pela mão de quatro testemunhas e assim preservadas para nós nestes “últimos dias” da pregação do evangelho.

“Evangelho” significa “boas novas” ou “boas notícias”. A provisão dos quatro Evangelhos não só fornece relatos corroborativos mas também capacita o estudante moderno a obter um quadro mais completo do ministério terrestre de Cristo. Frequentemente o que um relato omite o outro supre; um enfatiza talvez um aspecto, enquanto outro Evangelho talvez destaque outras particularidades. Cada relato serve seu propósito; nenhum pode ser desprezado; êles se fundem para preservar os essenciais do primeiro advento de Cristo. Os três Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas de modo geral apresentam a matéria da mesma maneira, tomando um ponto de vista comum, e tratando dos mesmos eventos. Por esta razão são chamados Evangelhos “sinópticos”. Tanto quanto se aplica a êstes Evangelhos, o termo adota seu significado básico, “ponto de vista similar.” Não deve ser entendido como significando que êstes três relatos evangélicos façam uma mera sinopse da vida de Jesus. Muitos eventos foram omitidos como pouco importantes; outros são apresentados em pormenores. O precedente se tornará claro ao se examinar individualmente os quatro Evangelhos.

Mateus era judeu. Antes de ser convidado para seguir a Cristo chamava-se Levi e era publicano, um daqueles populares cobradores de peagens e tarifas. (Mat. 9:9; Luc. 5:27) Depois se tornou um dos doze apóstolos. (Mat. 10:3; Mar. 3:18; Luc. 6:15) Seu nome significa “dádiva de Jah”. Mateus escreveu seu Evangelho principalmente para os judeus, assentando-o primeiro na língua dos judeus de então,

o hebraico, traduzindo-o êle mesmo mais tarde ao grego comum ou *koiné*. Em adição à sua composição original em aramaico, vê-se que se destinava especialmente para os judeus pela atenção que se dá às profecias messiânicas e à maneira em que se cumpriram em ou por Jesus de Nazaré. Êste escritor do evangelho cita repetidamente das Escrituras Hebraicas e em dezenas de casos mostra de que maneira se cumpriram em Jesus Cristo como Messias. O evangelho de Mateus é o evangelho do Reino e exalta a pregação dêsse evangelho do Reino. Não segue uma ordem cronológica, mas um arranjo tópico. Trata principalmente dos eventos na Galiléia e dos acontecimentos finais em Jerusalém. Em vez de tentar fazer uma narrativa pormenorizada, Mateus se preocupa mais em apresentar as parábolas e discursos de Jesus. Esta é a particularidade que o distingue.

O tempo em que foram escritos os Evangelhos não pode ser fixo definitivamente. Parece que Mateus escreveu seu relato em hebraico não muitos anos depois da ascensão de Cristo. As inscrições no fim de muitos manuscritos afirmam que foi oito anos mais tarde, ou seja em 41 E. C. (êstes MSS. são todos posteriores ao século dez). Algum tempo depois Mateus fêz uma tradução grega do seu relato hebraico. Crê-se geralmente que o Evangelho de Mateus foi o primeiro dos quatro Evangelhos a se escrever. Isto parece provável, visto que fôra principalmente escrito para os judeus. É possível que os Evangelhos fôssem escritos na ordem em que aparecem nas Bíblias modernas, isto é, em primeiro lugar Mateus (pelo menos o original hebraico), depois Marcos, Lucas, e por último João. Lucas escreveu seu Evangelho antes de Atos, e há boa evidência de que Atos foi registado aproximadamente em 61 E. C. (Luc. 1:1-4; Atos 1:1) Isto significaria que pelo ano 61 E: C. todos os três Evangelhos sinópticos se achavam escritos. O Evangelho de Mateus em hebraico para os judeus desbravou o caminho para o registo das boas novas do Reino conforme proclamadas pelo próprio Rei, Cristo Jesus.

Agora uma ligeira revisão do conteúdo geral dêste Evange-

lho. Começa com a genealogia humana de Jesus e uma revelação a José quanto à concepção miraculosa do menino no ventre da virgem judia, Maria. (Mat. 1: 1-25) É aparente que Mateus trata êstes preliminares do ponto de vista de José, assim como é igualmente aparente que Lucas apresenta o relato do nascimento de Jesus, tendo em mente Maria. Nesta base Mateus fornece a genealogia segundo José, enquanto Lucas a alista segundo a linhagem de Maria. Isto explica a diferença entre estas duas genealogias de Jesus. Só Mateus conta a visita dos magos, a fuga ao Egito, e a matança das crianças de Belém pelo assustado Herodes. (2: 1-23) O relato salta a seguir até o ministério de João Batista e o batismo, a unção e a tentação de Jesus. Daí, outro salto no tempo, esta vez até cerca de seis meses mais tarde, para lançar-se nas grandes campanhas de pregação realizadas na Galiléia. Foi então que pela primeira vez o Rei ungido exclamou, "Está proximo o reino dos céos." Sua fama se espalhou; de tôda Palestina vieram multidões para ouvir sua mensagem e testemunhar seus milagres. (4: 1-25) É com esta preparação que Mateus apresenta a seguir o registo mais completo que temos do famoso sermão do monte de Jesus.—5: 1-7: 29.

Até êste tempo o Rei ungido já celebrara duas páscoas em Jerusalém, as quais nem Mateus, nem Marcos, nem Lucas mencionam nos seus Evangelhos. Muitos milagres foram realizados e escolhidos os doze apóstolos. Estas coisas Mateus relata, mas não em ordem cronológica. Isto se pode ver num relance pela referência à tabela nas páginas 284-290. (Esta tabela mostra em ordem cronológica os eventos registados nos Evangelhos, onde se acham registados, e se são tratados por um, dois, três ou todos os quatro Evangelhos. Isto facilita a comparação dos quatro relatos. Mostra também o tempo e o lugar aproximado dos acontecimentos.) Mateus prossegue na sua apresentação da campanha intensiva de Jesus na Galiléia, citando milagres, transmitindo-nos as parábolas de Jesus e sua explicação, anotando especialmente a terceira viagem de pregação na Galiléia quando Jesus enviou os apóstolos

los aos pares, para que a obra de testemunho se espalhasse. (9:35-11:1) Aqui Mateus interrompe o relato para dizer que o encarcerado João Batista enviou discípulos para perguntar se Jesus era o Prometido que viria, o que resultou nos fiéis comentários de Jesus acêrca de João, seguidos da sua exprobração às cidades da Galiléia por sua incredulidade quanto a Ele. (11:2-24) Depois da volta dos apóstolos conta-se a miraculosa alimentação primeiro de 5.000 e mais tarde de 4.000, milagres que se achavam separados por uma viagem através da Fenícia e Decápole. (14:13-21; 15:21-38) A campanha galiléia é culminada pela transfiguração e por profecias acêrca da morte e ressurreição de Jesus.—16:13-17:13, 22, 23.

Mais uma vez o relato avança no tempo, deixando inteiramente de lado o ministério posterior de Jesus na Judéia e a maior parte do de Peréia, como se poderá prontamente ver na tabela. Ele relata alguns dos eventos que ocorreram na passagem através de Peréia em caminho à Jerusalém para a última páscoa, e sua morte. (19:1-20:28) Cada um dos Evangelhos sinópticos de Mateus, Marcos e Lucas cobrem bem minuciosamente os últimos poucos dias da vida terrestre de Jesus, e seguem geralmente a ordem cronológica. O relato de Mateus, porém, faz contribuições decisivas para preencher os últimos dias. Por exemplo, só ele dá a parábola das bodas, das dez virgens, dos talentos, e das ovelhas e cabritos. (22:1-14; 25:1-46) Só Mateus relata completamente a denúncia fulminante dos escribas e fariseus por parte de Jesus. (23:1-39) Nenhum outro Evangelho fala do suicidio de Judas, ou sôbre a guarda de soldados no sepulcro. (27:3-10, 62-66) Mateus fala também da reunião de Jesus com seus discípulos na Galiléia depois da sua ressurreição, e de como lhes disse para irem e fazerem discípulos de tôdas as nações, batizando-as e ensinando-as. (28:16-20) Muitas vêzes, porém, os outros Evangelhos preenchem um claro no relato de Mateus. Providencialmente, da bôca de duas, três ou quatro testemunhas se estabelece a maior parte dos acontecimentos da peregrina-

ção terrestre de Jesus; contudo, onde falta o testemunho múltiplo o espírito santo operou para produzir um testemunho fidedigno por parte de pelo menos um escritor.

REVISÃO: 1. Que deu início à escrita do cânon das Escrituras Gregas? 2. Que meios de transmissão do registo destes eventos importantes ditou Cristo Jesus, e por quê? 3. Por que se providenciaram quatro relatos do Evangelho? 4. Que são os Evangelhos sinópticos? 5. Para quem, principalmente, foi escrito este Evangelho, e por que responde assim? 6. Qual é a particularidade que o distingue? 7. Que informação se dá quanto ao tempo da escrita do Evangelho de Mateus em particular e dos outros Evangelhos em geral? 8. Dê um resumo do relato de Mateus até o sermão do monte. 9. Que eventos adicionais nos levam ao fim da campanha galiléia? 10. Que ministérios omite o relato de Mateus? contudo, que contribuições valiosas é ele o único a fazer para nosso conhecimento dos eventos finais da vida terrestre de Jesus em Jerusalém?

Lição 55

MARCOS

Marcos não era um dos doze apóstolos. Não foi companheiro constante de Cristo Jesus. Não há nenhuma indicação que fôsse discípulo de Cristo enquanto Ele esteve na terra. Como, pois, podia estar qualificado para escrever um relato da vida de Jesus? Além disso, como foi ele capaz de escrever um relato que é invariavelmente reconhecido como sendo o mais vívido e gráfico dos quatro Evangelhos? Marcos era natural de Jerusalém, e sem dúvida, havia visto Jesus em várias ocasiões. (Atos 12:12, 25) Crê-se que fôsse ele quem seguiu a Jesus depois de ser traído, fugindo quando acossado pela multidão. (Mar. 14:51, 52) Mas estas poucas e breves experiências com Jesus nunca proveriam o fundo necessário para a composição deste Evangelho, que trata principalmente do ministério galileu de Jesus e em geral ultrapassa aos outros em minuciosos pormenores descritivos. Possui a característica dum relato de testemunhas oculares.

Um relance rápido às atividades de Marcos na igreja primitiva revela essas fontes. “João, que tem por sobrenome Marcos,” era filho duma mulher chamada Maria. O apóstolo Pedro costumava fazer visitas na casa deles, e foi para ali

que se dirigiu depois de solto da prisão por um anjo. (Atos 12: 5-17) Pedro refere-se a Marcos como "meu filho Marcos", o que se considera significar que Marcos fôra provavelmente convertido a Cristo pela pregação de Pedro. De qualquer modo, a relação entre os dois era muito íntima. Estiveram juntos em Babilônia. (1 Ped. 5: 13) Êste é o mesmo Marcos que acompanhou seu primo Barnabé e o apóstolo Paulo em viagens de pregação, e se achava mais tarde com Paulo por ocasião do primeiro encarceramento do apóstolo em Roma. (Atos 12: 25; 13: 13; 15: 36-40; Col. 4: 10; Filem. 24) Mas é na sua associação íntima com Pedro que se centraliza nossa atenção. Pedro foi testemunha ocular do ministério terrestre de Jesus. Foi um dos primeiros discípulos de Cristo. (João 1: 35-42) Papias, escritor cristão no início do segundo século depois de Cristo, preserva para nós a informação de que Marcos era intérprete (e provavelmente amanuense, ou secretário) do apóstolo Pedro. Sem dúvida, portanto, Pedro foi a testemunha ocular que originou o Evangelho de Marcos. Aparentemente retrata de modo exato o que Pedro dissera a Marcos em várias ocasiões, embora seja pouco provável que realmente lhe ditasse o Evangelho.

Quando e onde escreveu Marcos seu relato do Evangelho? Conforme sucede com cada um dos Evangelhos, o tempo da composição dêste não pode ser definitivamente estabelecido. Foi provavelmente escrito pouco antes do Evangelho de Lucas, que precedeu por pouco o registo dos Atos por Lucas, por volta de 61 E. C. Quanto a onde se escreveu o Evangelho de Marcos, o pêso sobrepujante do testemunho destaca Roma. É possível que Marcos escreveu seu Evangelho em Roma mais ou menos no tempo do primeiro encarceramento de Paulo ali.

Pensava Marcos em qualquer classe especial de pessoas ao compor o registo do seu Evangelho? Mateus escreveu com os judeus em mente, apresentando muitas profecias das Escrituras Hebraicas e mostrando como se cumpriram em ou por Cristo Jesus, tudo para provar aos judeus que êle era o Messias a quem a nação judia esperava. Mas esta característica

não se evidencia no Evangelho de Marcos. Ele omite por conta própria tôdas as referências às Escrituras Hebraicas, exceto nos versículos iniciais do primeiro capítulo (15:28 é uma interpolação). Omite-se tôda alusão à lei de Moisés. As únicas citações das Escrituras Hebraicas que Marcos introduz no seu relato são as feitas pelos caracteres no registo dos eventos, isto é, as feitas pelo próprio Cristo ou pelos que se dirigiam a Ele. Isso não só indica que ele não pensava particularmente nos judeus ao escrever, mas leva a pessoa a suspeitar que os pontos de vista dêstes foram deliberadamente postos de lado a fim de fazer um apêlo mais forte aos não-judeus, ou gentios.

Para apoiar êste ponto de vista há o seguinte: O estilo conciso e abrupto era apropriado para o gôsto duma assistência romana. O que dava também um toque de familiaridade para tais leitores eram os numerosos latinismos que ocorrem nêle. Palavras e frases que não seriam entendidas por leitores gentios são traduzidas para êles. (Veja-se 3:17; 5:41; 7:11, 34; 14:36; 15:34.) É digno de nota que Marcos não incluiu a genealogia de Jesus no seu relato. Esta era de importância vital para os judeus que esperavam o Messias através da linhagem de Judá e do rei Davi, mas não seria tão interessante ou importante para os cristãos gentios.

Êste segundo dos quatro Evangelhos tem outras particularidades que o distinguem dos outros. É o Evangelho mais curto, contudo pinta em geral mais vividamente que os outros os quadros de cenas e eventos. Sua brevidade se atribue não a menos descrição nem a menos matéria histórica, mas à omissão ou severa condensação dos discursos de Cristo Jesus. A inclusão dêstes discursos retardaria o avanço da ação por separar mais a narração dos eventos; a ausência dêles aproxima mais a atividade narrada e dá ao relato uma vivacidade animada que não se encontra nos outros Evangelhos. No Evangelho de Marcos vemos a Cristo Jesus como servo zeloso, homem de ação, cuja missão é desenvolvida mais pela narração de atos do que pela repetição de palavras.

Já no versículo quatorze do seu Evangelho, Marcos lançou o leitor no ministério galileu de Jesus. Contara-se o serviço de João Batista como precursor; narrara-se o batismo de Jesus e se apresentara concisamente a tentação no deserto. O versículo quatorze mostra então o encarceramento de João e depois disso Jesus na Galiléia. Desde o versículo 14 do capítulo 1 até o princípio do capítulo 10 os milagres e os circuitos de pregação de Jesus na Galiléia passam sucessivamente perante os olhos do leitor como um rápido noticiário cinematográfico. Ação! Para cativar a onda crescente de atividade êste escritor do Evangelho sacrifica muito no sentido de ensino por meio de discursos e parábolas, mas esta lacuna é preenchida pelos outros dois Evangelhos sinópticos de Mateus e Lucas. Ora, tão decidido está Marcos a cobrir terreno rapidamente que nem mesmo se detém o bastante para pelo menos mencionar o soberbo sermão do monte de Jesus, e menos ainda para dar seus pontos destacados! Tais omissões de instrução vital, incidentalmente, argumentam fortemente que o ensino já fôra anteriormente provido e que, portanto, não era necessário repetí-lo ali. Isto, ligado ao fato de que o Evangelho de Marcos fôra composto especialmente para gentios e não para judeus, apoia a crença de que o Evangelho de Mateus o precedera.

Havendo terminado sua narração da campanha galiléia no capítulo 9 versículo 50, Marcos, como Mateus, omite inteiramente o ministério posterior de Jesus na Judéia a partir da festa dos tabernáculos de 32 E. C. até à festa da dedicação do mesmo ano. Omite também muito da segunda parte do ministério na Peréia, continuando-o só na sua passagem final da Galiléia à Jerusalém. Termina sua história com os eventos finais que ocorreram em Jerusalém, mas encerra o relato mui abruptamente, no capítulo 16 versículo 8. Evidentemente, a fim de suavizar a repentinidade desta conclusão, uma mão posterior adicionou os versículos 9 a 20.

REVISÃO: 1. Que há no relato de Marcos que lhe dá o tom duma história contada por testemunha ocular? 2. Por que seria

o próprio Marcos incapaz de fornecer de primeira mão esta vivacidade e frescura? 3. Quais, então, foram as fontes de testemunho ocular às quais Marcos teve acesso para compor o relato do seu Evangelho? 4. Quando e onde escreveu Marcos o relato? 5. Conforme mostra a evidência interna do livro, que classe especial não teve Marcos em mente e que classe especial considerou êle? 6. Que outras particularidades distinguem êste Evangelho dos outros? 7. De que maneira trata Marcos a campanha galiléia? e que argumenta isto quanto ao tempo da composição? 8. Que atividade de pregação omite Marcos? 9. Como termina êle sua história? 10. De que maneira tratou uma mão posterior de suavizar esta conclusão?

Lição 56

LUCAS

“Muitos escritores empreenderam compor relatos do movimento que entre nós se desenvolveu, tal como nos transmitiram as testemunhas oculares originais que se tornaram instrutores da mensagem. Por esta razão, Teófilo, e porque investi-guei tudo com cuidado desde o princípio, decidí escrever acêrca disso um relato coordenado para vossa excelência, para que possais ser informados com certeza das coisas que vos foram ensinadas.” (Luc. 1:1-4, *Uma Trad. Amer.* [em inglês]) Assim inicia Lucas seu Evangelho, e é a êstes poucos versículos da introdução que estamos endividados pela perspectiva histórica exata que revela os esforços primitivos de preservar o registo do ministério terrestre de Cristo. Durante algum tempo depois da ascensão de Cristo o relato foi mantido vivo pela instrução oral da parte de testemunhas oculares. Mas os pormenores têm a propensão de mudar com a contínua repetição oral e a exatidão tende a sofrer com o decorrer do tempo. Muitos escritores empreenderam, portanto, a tarefa de escrever o registo vital. O espírito de Jeová dirigiu especialmente a composição de quatro de tais registos escritos, nossos presentes quatro Evangelhos que encabeçam a coleção de livros que compõem o cânon grego.

A introdução de Lucas diz-nos mais ainda. Deduz-se claramente que êle não era testemunha ocular dos eventos que registou, que dependia de relatos escritos e comunicações orais anteriores como fontes de informação. Se Lucas teve em men-

te os Evangelhos escritos por Mateus e Marcos quando se referiu a composições anteriores é um ponto muito controversial. Certamente não limitou sua expressão a êstes dois escritores do Evangelho, porque suas fontes de informação lhe tornaram acessível muita matéria não coberta pelos outros dois Evangelhos sinópticos. É razoável crer-se, porém, que Lucas teve acesso aos Evangelhos de Mateus e Marcos e que as composições destacadas dêstes se achavam entre os trabalhos escritos dos “muitos escritores”. Mas, disto não se pode argumentar que qualquer dos Evangelhos fôsse só uma abreviação, condensação ou recapitulação dos outros. Cada escritor do Evangelho foi independente dos outros; cada um dêles foi movido pelo espírito de Deus para escrever seu relato inspirado, para que futuros leitores pudessem de quatro registos independentes mas corroborativos ter “a certeza das coisas”.

A introdução de Lucas ainda nos diz mais. Nomeia Teófilo como a pessoa que Lucas teve em mente ao escrever e que o propósito era para estabelecer com certeza as verdades que Teófilo já havia aprendido, a maior parte provavelmente através de tradição oral. Não se sabe exatamente quem era êste Teófilo, e seria perda de tempo entrar nas muitas conjecturas vagas nas quais os críticos bíblicos indulgem. Não obstante, êle era sem dúvida cristão e, conforme muitos crêem, um convertido dentre os gentios, tanto por causa do seu nome grego como por causa das características gerais do relato evangélico que se lhe escreveu. Lucas cita muito menos das Escrituras Hebraicas do que Mateus, e êle traça a linhagem de Jesus (através de Maria) até Adão, não parando com o patriarca Abraão como o faz Mateus. O Evangelho de Lucas foi escrito para todos os homens, não só aos de descendência abraâmica. Para cumprir seu propósito de escrever e estabelecer com certeza as verdades da vida de Jesus, Lucas revela também na sua introdução que cuidadosamente preparou, investigou, reuniu material, e o esboçou de antemão, a fim de apresentar “um relato coordenado”.

Quando compôs Lucas seu relato do ministério terrestre de

Cristo? De novo é impossível darmos uma resposta definitiva. Atos 1:1, 2, porém, fornece alguma ajuda: “No meu primeiro livro, ó Teófilo, falei de tudo que Jesus fez e ensinou, desde o princípio até o dia em que foi elevado ao céu, depois de ter dado pelo espírito santo suas ordens aos Apóstolos que escolhera.” (*Negromonte*) Lucas escreveu o livro de Atos, e de novo endereçou sua obra a Teófilo. O “primeiro livro” refere-se ao Evangelho de Lucas, que Teófilo já recebera. Atos foi escrito por volta do ano 61 (E. C.), em Roma, Pouco antes disso Lucas escreveu seu Evangelho, possivelmente também em Roma. Alguns crêem que Lucas não escreveu o Evangelho e Atos dos Apóstolos até depois de voltar de Roma à Grécia, aproximadamente em 61 ou 62 E. C. Antes de passarmos a considerar o conteúdo do próprio Evangelho deve observar-se que Lucas, “o medico amado,” esteve intimamente associado com o apóstolo Paulo nas suas viagens de pregação, e que o registo do Evangelho de Lucas foi quase tão grandemente influenciado por Paulo como o de Marcos por Pedro.

O Evangelho de Lucas é uma soberba narrativa, bem delineada, e historicamente exata. Cobre de modo geral os eventos registados nos dois outros Evangelhos sinópticos. Sua omissão principal (que se notará prontamente na tabela dos eventos da peregrinação terrestre de Jesus) vem depois da alimentação dos 5.000 na costa nordeste do mar da Galiléia. Difere dos outros Evangelhos sinópticos por não falar da tentativa democrática mas não teocrática do povo de fazer Jesus rei temporal pela força da vontade popular dêles, do seu andar sobre água, das muitas curas na terra de Genezaré, da anulação da Palavra de Deus pela tradição dos homens, do circuito de pregação através da Fenícia e daí à Cesaréia de Filipe e mais abaixo à Decápole, da alimentação de 4.000 neste último local, e do aviso contra o fermento dos fariseus.

Mas o Evangelho de Lucas mais do que compensa esta pequena falta. Só êle revela os fatos acêrca do miraculoso nascimento de João Batista. Seu relato do nascimento de Jesus ultrapassa por muito em valor e pormenores o de Mateus.

(1: 5-2: 39) É Lucas quem mostra as atividades de Jesus nas côrtes do seu Pai como menino de doze anos. (2: 41-50) Mais importante, porém, é o relato da segunda metade do ministério de Jesus na Judéia e da segunda metade do ministério da Peréia. Nem Mateus nem Marcos mencionam êste ministério específico na Judéia, entre a festa dos tabernáculos, 32 E. C., e a festa da dedicação, 32 E. C. (um período de aproximadamente dois meses e dez dias). Crê-se que foi durante êste ministério que os setenta foram enviados a pregar; deram-se muitos discursos e parábolas instrutivas e se efetuaram curas milagrosas; realizaram-se encontros nos quais Jesus silenciou os contenciosos fariseus.—10: 1-13: 21.

O ministério posterior na Peréia pode ser dividido em duas partes. Êle ministrou por um tempo ali, além do Jordão, depois da festa da dedicação. O ministério na Peréia foi então interrompido por uma viagem à Jerusalém, a retirada a Efraim, de onde êle passou rapidamente através de Samaria e a ponta inferior de Galiléia e desceu mais uma vez à Peréia para serviço ministerial ali enquanto avançava em direção a Jerusalém para celebrar a última páscoa. Esta primeira parte do ministério posterior em Peréia, imediatamente depois da festa da dedicação, é coberta só pelo Evangelho de Lucas. A referência à tabela da peregrinação terrestre de Jesus revelará os ensinamentos e parábolas importantes expostos nesta ocasião.—13: 22-17: 10.

Na narração dos eventos finais da peregrinação terrestre de Jesus, conforme se desenrolaram dramaticamente durante essa última semana em Jerusalém, o Evangelho de Lucas se ajusta aos outros dois Evangelhos sinópticos, dando em geral os mesmos eventos. É, porém, o único Evangelho que narra a ascensão real do ressuscitado Jesus Cristo. (24: 50-53) É interessante notar que Lucas encerra seu Evangelho com o relato da ascensão e abre sua continuação, os Atos dos Apóstolos, com a narração do mesmo evento. Dêste modo uma narração comum a ambas as obras de Lucas as liga juntas e seu “relato coordenado” da vida de Jesus é completado pela his-

tória de como fiéis apóstolos e discípulos continuaram nas pisadas do Rei ungido do novo mundo.

REVISÃO: 1. Com que palavras começa Lucas seu Evangelho? 2. Que informação nos dá esta introdução quanto à preservação do registo do ministério terrestre de Cristo? 3. Que se deduz desta introdução quanto ao próprio Lucas? 4. Que fontes de informação podem ser incluídas nas disponíveis a Lucas? contudo, que não argumenta isto? 6. Quando compôs Lucas seu Evangelho? 7. Em comparação com os outros dois Evangelhos sinópticos, que eventos principais omite o relato de Lucas? 8. Em contraste com Mateus e Marcos, que diz Lucas acerca (a) do ministério posterior na Judéia? (b) Do ministério posterior na Peréia? 9. Que evento final regista Lucas que não é coberto nos três outros Evangelhos?

Lição 57

JOÃO

O cânon grego ficou concluído com os escritos do apóstolo João, o discípulo mencionado especialmente como sendo amado por Cristo Jesus. (João 13:23) João escreveu três epístolas ou cartas, o livro de Apocalipse, e o Quarto Evangelho, tudo aparentemente na última década do primeiro século depois de Cristo. Parece que João escreveu seu Evangelho depois do seu destêrro na ilha de Patmos e sua volta a Éfeso, sendo a data da composição mais ou menos 98 ou 99 E. C. A contenção dos modernos críticos de que este "Quarto Evangelho" foi produzido em 132 ou 150, o que seria depois da morte do apóstolo João, é destruída pelo importante achado dum fragmento dum códice manuscrito em papiro do Evangelho de João. Este códice de papiro foi escrito na primeira metade do segundo século, isto é, entre 100 a 150 E. C. Foi achado no Egito. Naquele período antigo, pois, existiam exemplares largamente circulados do Evangelho de João, desde Éfeso até lá em baixo no Egito. Tudo isto argumenta forçosamente que o Evangelho original fôra necessariamente escrito alguns anos antes e facilmente recua a data da composição ao tempo da vida do idoso apóstolo João. Está de novo vindicada a integridade e genuinidade dos escritos da Bíblia pelas excavações arqueológicas.

Quando João escreveu seu relato ocular da vida de Cristo, os três Evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, já se achavam registados há muito tempo. Seu testemunho era bem conhecido. Suas narrações haviam claramente estabelecido as atividades públicas de pregação de Jesus Cristo durante sua passagem na terra. Tudo isso é aparente da evidência interna do Evangelho de João. Ele não trilha o mesmo caminho dos sinoptistas, ou seja, dos três escritores precedentes do Evangelho. Não se preocupa tanto com os eventos como com os discursos de Jesus na vida íntima com Seus discípulos, discursos não apresentados nos Evangelhos anteriores. Um relance à tabela que segue a esta lição é suficiente para mostrar que o apóstolo João raras vêzes repete o que os precedentes três escritores do Evangelho relataram.

O Evangelho de João é de valor especial em determinar a duração do ministério público de Jesus enquanto esteve na terra. O número de páscoas celebradas depois do batismo de Jesus é a chave para desvendar êste importante enigma cronológico. Mateus, Marcos e Lucas mencionam só uma páscoa depois do batismo, aquela celebrada pouco antes da morte de Jesus no madeiro. Se esta fôsse a única, então as extensas atividades de pregação de Jesus Cristo estariam comprimidas num curto período de seis meses. O Evangelho de João estende-se sôbre um período de três anos e meio, indicando a passagem de quatro páscoas durante o ministério terrestre do Rei ungido.—2: 13; 5: 1; 6: 4; 12: 1 e 13: 1.

Há controvérsia sôbre se João 5: 1 se refere à páscoa ou a uma festa diferente. O versículo reza: “Depois destas coisas havia a festa dos judeus; e Jesus subiu a Jerusalém.” (*Ver. Norm. Amer.*, margem [em inglês]) Êste texto implica claramente que era a *festa* que levou Jesus a Jerusalém nessa ocasião. A páscoa seria a festa mais provável a ditar sua presença. Declara-se expressamente que êle assistiu a duas páscoas e se menciona uma razão especial (em João 7: 1) por assistir êle à terceira sem publicidade. Tão importantes eram as páscoas. O colher de espigas maduras pelos discípulos pa-

rece ter ocorrido depois da festa mencionada em João 5:1, e êste arrancar de grãos maduros indicaria um tempo depois da páscoa e antes de Pentecostes. (Luc. 6:1) Só quando se considera esta festa como sendo a páscoa resta suficiente tempo para a expansiva obra ministerial na Galiléia, sem acumulação arbitrária. A declaração precedente quanto à passagem de quatro páscoas é divinamente corroborada pela profecia inspirada de Daniel muitos séculos antes, a saber, que Messias o Príncipe seria morto na metade da setuagésima semana de anos. Essa “metade” viria depois dum ministério como Messias de três anos e meio de duração.—Dan. 9:27.

Visto que o Evangelho registado pelo apóstolo João cobre terreno virgem, uma vistoria geral do seu conteúdo é essencial para completarmos nosso estudo do ministério terrestre de Jesus conforme revelado pelos quatro Evangelhos. Só João mostra a passagem de mais de seis meses desde o tempo do batismo de Jesus até o início da campanha na Galiléia com o grito eletrificante, “Está proximo o reino dos céos.” Revela-se que durante êste intervalo Jesus ganhou seus primeiros discípulos, fêz o seu primeiro milagre, celebrou a primeira páscoa depois do seu batismo e expulsou do templo os vendedores, pregou a Nicodemos, e dirigiu as atividades batismais dos seus discípulos. (1:35–3:36) Depois do encarceramento de João Batista, Jesus pregou aos samaritanos na sua viagem de volta à Galiléia.—4:1-42.

Passaram-se muitos meses de intensiva pregação na Galiléia, e outra celebração pascoal se aproximara, mas o apóstolo João escreveu apenas nove versículos sôbre êste tempo momentoso (4:46-54). Por quê? Porque êstes acontecimentos já foram estabelecidos pela bôca de três testemunhas inspiradas; os três registros sinópticos do Evangelho atestam a ofensiva impelente da verdade lançada por Cristo Jesus contra as mentiras. Além disso, êstes três relatos precendentes não interrompem o avanço rápido da campanha galiléia para registrar a segunda páscoa e a celebração dela por parte de Jesus em Jerusalém. Mas João o faz, e preenche assim a la-

cuna. (5:1) O segundo ano da poderosa campanha na Galiléia, durante a qual se escolhem os doze apóstolos, profere-se o sermão do monte, faz-se uma segunda viagem de pregação através da Galiléia e logo a seguir uma terceira ronda de revisitas no território, na qual os apóstolos são enviados aos pares, tôdas estas atividades dêste segundo ano momentoso na Galiléia são omitidas pelo Evangelho de João, pela mesma razão pela qual omitiu o primeiro ano da campanha galiléia.

Mas agora com outra páscoa impendendo, novamente uma que nenhum dos três escritores do Evangelho menciona, João se apresenta para remediar a lacuna. Ele apanha a narrativa com a volta dos apóstolos da sua participação na terceira passagem pela Galiléia, nos deixa saber que a páscoa está próxima, fala-nos da miraculosa alimentação de 5.000, da tentativa não-teocrática de coroar Jesus rei, e do andar de Cristo sôbre água. (6:1-21) Neste ponto João registra um discurso proferido por Cristo na sinagoga em Cafarnaum (Capernaum) que faz muitos discípulos se desviarem. (6:22-71) Então, em 7:1, João apresenta a razão por que Jesus assistiu à terceira páscoa sem publicidade: "Visto que os judeus procuravam tirar-lhe a vida." Isto é, ali na festa em Jerusalém se fomentaria a conspiração, e ainda não era o tempo devido de Deus para que a Serpente e sua semente ferissem o calcanhar do Rei. A profecia adiava êste aparente triunfo de Sata-nás para mais uma páscoa adiante.

A campanha galiléia parece neste tempo estar terminada. A obra de pregação espalhou-se aos distritos circunvizinhos. Faz-se uma viagem através da Fenícia, cruzando-se depois para a Decápole, e pouco depois ela surge em Cesaréia de Filipe. Depois dum retôrno à Galiléia e de mais pregação, embora muito dêste período seja empregado no amestramento dos apóstolos, Jesus se dirige a Jerusalém a festa dos tabernáculos de 32 E. C. É nesta celebração da festa que João apanha mais uma vez o fio da narração e descreve os ensinamentos de Jesus na festa dos tabernáculos, mas abandona-o imediatamente depois para deixar Lucas sôzinho pormenorizar o resto do minis-

tério posterior na Judéia. (7:2-9:41) Ele começa de novo mais de dois meses depois apenas o necessário para anotar que Jesus esteve na festa da dedicação, seu ensino sobre o Bom Pastor e sua retirada para além do Jordão. (10:1-42) Lucas completa mais uma vez, narrando a primeira parte do ministério posterior na Peréia. João preenche os pontos falhos, falando da ressuscitação de Lázaro de entre os mortos, do conselho de Caifás contra Jesus, e da retirada de Jesus a Efraim.—11:1-54.

A seguir João salta na corrente do tempo até poucos dias antes da páscoa de 33 E. C. deixando de lado a segunda parte do ministério posterior de Peréia por se achar bem coberto pelos três relatos sinópticos do Evangelho. Mas, mesmo ao relatar as atividades de Jesus durante os poucos dias antes da Sua morte no madeiro, o apóstolo João não repete meramente os outros escritores do Evangelho. Ele omite muitas coisas, nem mesmo mencionando qualquer dos eventos daquela movimentada quarta-feira, 12 de nisan de 33. O relato de João da última celebração pascoal de Jesus e Seus apóstolos e dos eventos que seguiram é muito mais íntimo e pormenorizado. Só ele fala da lavagem dos pés dos apóstolos por Jesus (13:1-20) e apresenta detalhadamente o discurso instrutivo de Jesus daquela noite sobre o prometido consolador ou espírito santo, sobre o amor mútuo, o suportar de perseguição e tribulação, terminando com a oração de Jesus pelos crentes. (14:1-17:26) Segue-se então com detalhes especiais o relato da sua traição, do seu julgamento perante o Sinédrio judeu e o governador Pilatos diante do qual testificou sua qualidade de rei; depois, sua morte e ressurreição, e seu aparecimento visível aos discípulos depois da sua ressurreição. Em conclusão, João opina que havia muitas outras coisas que Jesus fêz, tantas que, se fôsem escritas, o mundo não poderia conter os livros que encheriam. Mas os cristãos hoje estão gratos que o espírito santo de Jeová moveu João a escrever seu Evangelho como conclusão ao cânon das Escrituras Gregas, pois é inestimável.

EVENTOS PRINCIPAIS DA PEREGRINAÇÃO TERRESTRE DE JESUS
 Conforme Registrados nos Quatro Evangelhos, e Colocados em Ordem Cronológica

Abreviaturas usadas: Jer., Jerusalém; Bel., Belém; B. além J., Betânia além do Jordão; Naz., Nazaré; Caf., Cafarnaum; Gen., Genezaré; M. G., mar da Galiléia; NE, nordeste; SE, sudeste; c., aproximadamente.

TEMPO	LUGAR	EVENTO	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
3 A. C.	Templo, Jer.	Nascimento de João Batista predito a Zacarias			1:5-25	
c. 2 A. C.	Nazaré,	Nascimento de Jesus predito a Maria, que visita Isabel			1:26-56	
2 A. C.	Judéia					
2 A. C., c. 1 outubro	Colinas de Judá	Nascimento de João Batista; sua vida (posterior) no deserto			1:57-80	
	Belém	Nascimento de Jesus	1:18-25		2:1-7	
		Genealogias de Jesus	1:1-17		3:23-38	
	Cercanias de Belém	Anjo anuncia boas novas; pastores visitam o menino			2:8-20	1:14, 9-13
	Belém,	Jesus circuncidado (8º dia),			2:21-38	
	Jerusalém	apresentado no templo (40º dia)				
	Jer.; Bel.; Naz.	Magos; fuga ao Egito; crianças mortas; volta de Jesus	2:1-23		2:39, 40	
11 E. C.	Jerusalém	Jesus aos 12 anos na páscoa; volta à casa			2:41-52	
29, primavera	Deserto, Jordão	Ministério de João Batista	3:1-12	1:1-8	3:1-18	1:6-8, 15-2
		Comêço do Ministério Público de Cristo				
29, outono	Rio Jordão	Batismo de Jesus	3:13-17	1:9-11	3:21-23	1:32-34
	Deserto na Judéia	Tentação de Jesus (40 dias)	4:1-11	1:12, 13	4:1-13	
	B. além J.	Testemunho de João Batista acerca de Jesus				
	Vale inf. Jordão	Primeiros discípulos de Jesus				1:19-34
	Caná da Galiléia;	Primeiro milagre de Jesus; êle visita Cafarnaum				1:35-51
	Cafarnaum					2:1-12
30, páscoa	Jerusalém	Celebração da páscoa; expulsa vendedores do templo				2:13-25
	Jerusalém	Discussão de Jesus com Nicodemos				3:1-21
	Judéia, Enon	Discípulos de Jesus batizam; João diminuiria				3:22-36
	Maqueros	João encarcerado; Jesus parte para Galiléia	4:12; 14:3-5	1:14; 6:17-20	3:19, 20; 4:14	4:1-3

	Sícar, em Samaria	Em viagem à Galiléia; Jesus ensina os samaritanos				4:4-42
		Grande Ministério Galileu				
	Galiléia	Anuncia Primeiro "Está próximo reino dos céus"	4:17	1:14, 15	4:14, 15	4:43-45
	Caná; Naz.; Caf.	Cura um menino; lê sua comissão; rejeitado, muda-se	4:13-16		4:16-31	4:46-54
	M. G., cercanias Caf.	Chamada de Simão e André, Tiago e João	4:18-22	1:16-20	5:1-11	
	Cafarnaum	Cura um endemoninhado, a sogra de Pedro, muitos outros	8:14-17	1:21-34	4:31-41	
	Galiléia	Primeira viagem na Galiléia, com os quatro agora chamados	4:23-25	1:35-39	4:42-44	
	Galiléia	Leproso curado; multidões vêm a Jesus; ele faz curas	8:2-4; 9:1-8	1:40-45; 2:1-12	5:12-26	
	Cafarnaum	Chamada de Mateus; festeja com publicanos; justificado	9:9-17	2:13-22	5:27-39	
31, páscoa	Jerusalém	Jesus assiste à festa; cura a um homem; repreende fariseus				5:1-47
	Voltando de Jer. (?)	Discípulos colhem espigas de cereais num sábado	12:1-8	2:23-28	6:1-5	
	Galiléia; M. G.	Cura uma mão num sábado; retira-se à praia; curas	12:9-21	3:1-12	6:6-11	
	Monte perto Caf.	Os doze são escolhidos apóstolos	10:2-4	3:13-19	6:12-16	
	Perto de Caf. Caf.; Naim	O sermão do monte Cura servo do centurião; ressuscita filho da viúva	5:1-7:29 8:5-13		6:17-49 7:1-17	
	Maqueros;	João na prisão manda discípulos a Jesus	11:2-19		7:18-35	
	Galiléia	Cidades exprobradas; revelação a pequeninos; jugo suave	11:20-30			
	Galiléia	Pés ungidos pela pecadora; parábola dos devedores			7:36-50	
	Galiléia	Segunda viagem de pregação na Galiléia, com os doze			8:1-3	
	Galiléia	Curado um endemoninhado; acusado de estar em pacto com Belzebu	12:22-37	3:20-30		
	Galiléia	Escribas e fariseus querem sinal	12:38-45			
	Galiléia	Discípulos de Cristo são parentes chegados	12:46-50	3:31-35	8:19-21	
	Mar da Galiléia	Parábola do semeador, do joio, outras; explicações	13:1-53	4:1-34	8:4-18	

TEMPO	LUGAR	EVENTO	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
Próxima a páscoa de 32 (João 6: 4) 32, páscoa	Mar da Galiléia	Tempestade amainada ao cruzar mar	8:18, 23-27	4:35-41	8:22-25	
	Gadará, SE do M. G	Dois endemoninhados curados; porcos possesores por Legião	8:28-34	5:1-20	8:26-39	
	Provavelmente Cafarnaum	Ressuscitada a filha de Jairo; mulher curada	9:18-26	5:21-43	8:40-56	
	Cafarnaum?	Cura dois cegos e endemoninhado mudo	9:27-34			
	Nazaré	Revisita a cidade onde foi criado, é de novo rejeitado	13:54-58	6:1-6		
	Galiléia	Terceira viagem na Galiléia, expandida com envio dos apóstolos	9:35-11:1	6:6-13	9:1-6	
	Maqueros; Tiberíades	João Batista decapitado; temores de culpa de Herodes	14:1-12	6:14-29	9:7-9	
	Caf.; NE do M. G.	Apóstolos voltam da viagem de pregação; alimentados 5.000	14:13-21	6:30-44	9:10-17	6:1-13
	NE do M. G.; Gen.	Tentativa de coroar Jesus; êle anda sobre mar; faz curas	14:22-36	6:45-56		6:14-21
	Cafarnaum	Discurso na sinagoga; muitos discípulos se desviam				6:22-71
	Prov. Caf.	Tradições que invalidam a Palavra de Deus	15:1-20	7:1-23		7:1
	Fenícia; Decápole	Viagem pela Fenícia, depois Decápole; alimentados 4.000	15:21-38	7:24-8:9		
	Magadan (Magdala)	Saduceus e fariseus novamente buscam sinal	15:39-16:4	8:10-12		
	NE M. G., Betsaida	Avisa contra fermento dos fariseus; cura cegos	16:5-12	8:13-26		
	Cesaréia de Filipe	Jesus o Messias; prediz a morte e a ressurreição	16:13-28	8:27-9:1	9:18-27	
	Prov. Monte Hermon	Transfiguração perante Pedro, Tiago e João	17:1-13	9:2-13	9:28-36	
	Cesaréia de Filipe	Jesus cura endemoninhado que discípulos não podiam curar	17:14-21	9:14-29	9:37-43	
	Galiléia	Jesus prediz de novo sua morte e ressurreição	17:22, 23	9:30-32	9:43-45	
	Cafarnaum	Dinheiro do Impôsto milagrosamente provido, e pago	17:24-27			
	Cafarnaum	O maior no Reino; buscai humildade, amor, misericórdia	18:1-35	9:33-50	9:46-50	

32, festa
dos taber-
náculos
32, festa
da dedi-
cação

Galiléia	Tudo posto de lado para serviço ministerial	8:19-22	9:57-62	
Galiléia, Samaria	Deixa Galiléia para festa dos tabernáculos		9:51-56	7:2-10
	Ministério Posterior na Judéia			
Jerusalém	Ensino público de Jesus na festa dos tabernáculos			7:11-52
Jerusalém	Ensino depois da festa; cego curado			8:12-9:41
Provavelmente Judéia	Setenta enviados a pregar; volta e relatório deles		10:1-24	
Judéia, Betânia	Fala do bom samaritano; na casa de Marta e Maria		10:25-42	
Provavelmente Judéia	Ensina de novo oração modelo; persistência em pedir		11:1-13	
Provavelmente Judéia	Refuta acusação falsa; mostra condenável a geração		11:14-36	
Provavelmente Judéia	A mesa dum fariseu, Jesus denuncia os religiosos		11:37-54	
Provavelmente Judéia	Discurso sobre o cuidado de Deus, a fidelidade dos ministros		12:1-59	
Provavelmente Judéia	Cura mulher inválida num sábado; três parábolas		13:1-21	
Jer.; além do J.	Jesus na dedicação; Bom Pastor; cruza o Jordão			10:1-42
	Ministério Posterior na Peréia			
Peréia (ou, além do Jordão)	Ensina em cidades, vilas, dirigindo-se à Jerusalém		13:22	

TEMPO	LUGAR		MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
	Peréia	Entrada no Reino; ameaça de Herodes; casa desolada			13:23-35	
	Provavelmente Peréia	Vários ensinamentos; parábola da grande cela			14:1-24	
	Provavelmente Peréia	Calcular o custo de ser discípulo			14:25-35	
	Provavelmente Peréia	Parábolas: ovelha perdida; moeda perdida; filho pródigo			15:1-32	
	Provavelmente Peréia	Parábolas do mordomo injusto, do rico e de Lázaro			16:1-31	
	Provavelmente Peréia	Perdão e fé; servos inúteis			17:1-10	
	Betânia	Lázaro ressuscitado dos mortos por Jesus				11:1-46
	Jer.; Efraim	Conselho de Caifás contra Jesus; Jesus retira-se				11:47-54
	Samaria, Galiléia	Cura e ensina passando por Samaria, Galiléia			17:11-37	
	Samaria ou Galiléia	Parábolas: viúva importuna; fariseu e publicano			18:1-14	
	Peréia	Passagem por Peréia; ensina sobre divórcio	19:1-12	10:1-12		
	Peréia	Jesus recebe e abençoa crianças	19:13-15	10:13-16	18:15-17	
	Peréia	Jovem rico; parábola dos lavradores na vinha	19:16-20:16	10:17-31	18:18-30	
	Provavelmente Peréia	Pela terceira vez Jesus prediz sua morte e ressurreição	20:17-19	10:32-34	18:31-34	
	Provavelmente Peréia	Pedido para Tiago e João se assentarem no Reino	20:20-28	10:35-45		

	Jericó	Passagem por Jericó, êle cura dois cegos	20:29-34	10:46-52	18:35-43	
	Arrabalde de Jericó	Jesus visita Zaqueu; parábola das dez minas			19:1-28	
		Ministério Público Final em Jerusalém e Arrabalde				
Nisan 9, 33	Betânia	Jesus chega à Betânia poucos dias antes da páscoa				9-11 11:55-12:1, 12:12-19
Nisan 10	Betânia-Jer.	Entrada triunfal de Cristo em Jerusalém	21:1-11, 14-17	11:1-11	19:29-44	
Nisan 11	Betânia-Jer.	Amaldiçoada a figueira infrutífera; segunda purificação do templo	21:18, 19, 12, 13	11:12-18	19:45-48	
	Jerusalém	Discussão com gregos; descrença dos judeus				12:20-50
Nisan 12	Betânia-Jer.	Seca a figueira infrutífera	21:19-22	11:19-26		
	Jer., templo	Duvidada a autoridade de Cristo; parábola dos dois filhos	21:23-32	11:27-33	20:1-8	
	Jer., templo	Parábola dos lavradores maus, das bodas	21:33- -22:14	12:1-12	20:9-19	
	Jer., templo	Perguntas capciosas sobre impôsto, ressurreição, mandamento	22:15-40	12:13-34	20:20-40	
	Jer., templo	Pergunta silenciadora de Jesus sobre descendência do Messias	22:41-46	12:35-37	22:41-44	
	Jer., templo	Denúncia mordaz dos escribas e fariseus	23:1-39	12:38-40	20:45-47	
	Jer., templo	A oferta da viúva		12:41-44	21:1-4	
	Monte das Oliveiras	Queda de Jerusalém; segunda vinda; fim deste mundo	24:1-51	13:1-37	21:5-36	
	Monte das Oliveiras	Parábola das dez virgens, talentos, ovelhas e cabritos	25:1-46			
Nisan 13 (4ª-f., à tardinha)	Jerusalém	Chefes religiosos planejam a morte de Jesus	26:1-5	14:1, 2	22:1, 2	
	Betânia	Festa em casa de Simão o Leproso; Maria unge Jesus	26:6-13	14:3-9		12:2-8
	Jerusalém	Judas negocia com sacerdotes a traição de Jesus	26:14-16	14:10, 11	22:3-6	

TEMPO	LUGAR	EVENTO	MATEUS	MARCOS	LUCAS	JOÃO
Nisan 14	Perto e em Jer.	Preparação para a páscoa	26:17-19	14:12-16	22:7-13	
	Jerusalém	Páscoa comida com os doze	26:20, 21	14:17, 18	22:14-18, 24-30	13:1-20
	Jerusalém	Jesus lava pés dos apóstolos				
	Jerusalém	Judas identificado traidor, retira-se	26:21-25	14: 18-21	22:21-23	13:21-35
	Jerusalém	Ceia memorial instituída com os onze	26:26-29	14:22-25	22:19, 20	[1 Cor. 11: 23-25]
	Jerusalém	Negação de Pedro, dispersão dos apóstolos, preditas	26:31-35	14:27-31	22:31-38	13:36-38
	Jerusalém	Consolador; amor mútuo; tribulação oração de Jesus				14:1-17:26
	Getsêmane	Agonia no jardim; traição e prisão de Jesus	26:30, 36-56	14:26, 32-52	22:39-53	18:1-12
	Jerusalém	Julgamento por Anás, Caifás, Sinédrio; Pedro nega	26:57-27:1	14:53-15:1	22:54-71	18:13-27
	Jerusalém	Judas, o traidor, enforca-se	27:3-10		[Atos 1: 18, 19]	
	Jerusalém	Perante Pilatos, depois Herodes, e de volta a Pilatos	27:2, 11-14	15:1-5	23:1-12	18:28-38
	Jerusalém	Entregue à morte, depois de Pilatos procurar sua soltura	27:15-30	15:6-19	23:13-25	18:39-19:16
	Morreu às 15 hrs., 6 ^a -f.	Morte de Jesus no madeiro, e eventos acompanhantes	27:31-56	15:20-41	23:26-49	19:16-30
Nisan 15	Jerusalém	Corpo de Jesus removido do madeiro e sepultado	27:57-61	15:42-47	23:50-56	19:31-42
Nisan 16	Jerusalém	Sacerdotes e fariseus arranjam guarda para sepulcro	27:62-66			
	Jer., e vizinhança	Ressurreição de Jesus, e eventos daquele dia	28:1-15	16:1-8	24:1-49	20:1-25
	Jer., Galiléia	Aparecimentos subsequentes de Jesus Cristo	28:16-20	[1 Cor. 15:5-7]	[Atos 1: 3-8]	20:26-21:25
	Oliveiras, cerca de Betânia	Ascensão de Jesus, no 40º dia da sua vida ressuscitada	[Atos 1: 9-12]		24:50-53	

REVISÃO: 1. Onde e quando escreveu João seu Evangelho? 2. Que refuta a data tardia marcada pelos críticos modernos para a produção dêste Evangelho? 3. Como difere o Evangelho de João dos outros três? 4. De que modo só êste Evangelho fixa a duração do ministério terrestre de Jesus? 5. Por que é provável que a festa mencionada em João 5:1 era uma páscoa? e que confirma o ponto de vista da passagem de quatro páscoas desde o batismo de Jesus até à sua morte? 6. Quanto tempo passou desde o batismo de Jesus até à proclamação, "Está proximo o reino dos céos"? 7. Por que não pormenorizou João a poderosa campanha galiléia? contudo, de que modo preenche êle uma lacuna? 8. Por que assistiu Jesus à terceira páscoa sem publicidade? 9. De que duas festas adicionais em 32 E. C. toma João nota? e qual é a posição delas nos eventos de ministério de Jesus, conforme revelado pelos outros Evangelhos? 10. Compare a reportagem que João faz dos eventos durante os últimos poucos dias da vida de Jesus como homem com a dos outros escritores do Evangelho.

Lição 58

ATOS DOS APÓSTOLOS

Os apóstolos cujos atos estão registados neste livro da Bíblia são principalmente Pedro e Paulo. O valor de Atos reside na sua provisão duma história acurada de como se cumpriu a promessa do espírito santo feita por Cristo, como sob sua direção o evangelho se espalhou e até gentios foram favorecidos, e como a perseguição mais feroz fracassou em eliminar a verdade do Reino. Atos, além disso, provê o cenário para as epístolas de Paulo. Sem êste soberbo fundo histórico para contemplá-las, perderiam muito da sua fôrça. Foi Lucas quem escreveu Atos, conforme se vê pela comparação de Lucas 1:1-4 com Atos 1:1. Êle assegurou uma firme continuidade entre seu Evangelho e Atos por repetir o evento final do seu Evangelho no início de Atos, a saber, a ascensão. (Luc. 24:49-53; Atos 1:4-12) Havendo forjado êste elo de ligação, Lucas prossegue com e cadeia de eventos que se estendem por mais vinte e oito anos além. Sigamo-lo, elo por elo.

Depois de lançarem sortes para preencher a vaga de Judas, vem aquêle primeiro momentoso Pentecostes depois da ascensão de Cristo! Derramou-se o prometido espírito santo; pregação em muitas línguas brotou dos lábios ungidos. Pedro levanta-se, e num discurso revelador usa a primeira "chave"

que lhe fôra confiada para abrir o mistério do Reino. (Mat. 16:19) Três mil são imersos! Os discípulos juntam tudo o que possuem nos interesses da obra de testemunho e Jeová aumenta diâriamente a igreja. (1:15-2:47; 4:31-5:11) Sob o poder do espírito santo a obra de testemunho progride! Pobres confundidos fariseus e saduceus! Assassinararam Jesus para silenciar sua mensagem cortante; e agora vejam só! O número dos discípulos subiu de três mil para cinco mil, e um ultimato religioso para que “não falassem nem ensinassem em o nome de Jesus” é firmemente rejeitado por Pedro e João. Avante com o trabalho! Mais curas milagrosas, mais ira religiosa. Encarcerados pelos saduceus, os apóstolos são soltos por um anjo. Às ameaças do concílio religioso eles dão a resposta, “Importa antes obedecer a Deus que aos homens.” Adiante eles vão com o testemunho de casa em casa!—3:1-4:30; 5:12-42.

Mais combustível é derramado nas chamas da perseguição! Crepitam e ardem furiosamente quando Estêvão é apedrejado até morrer. Mas, ai dos perseguidores, sua campanha é um tiro pela culatra. Os cristãos que “havia sido dispersos, iam por toda a parte prégando a palavra”. Filipe o evangelista trabalha como pioneiro em Samaria, e Pedro e João lhe seguem para cuidar dos seus êxitos. A seguir surge um acontecimento estranho e inesperado: Saulo de Tarso, a ponta de lança da perseguição inimiga, é convertido pelo próprio Cristo e colocado no apostolado desocupado por Judas. Saulo torna-se o apóstolo Paulo, prega em Damasco, e sente o calor da perseguição na qual antes se empenhou. Escapando dos desígnios assassinos dos judeus fazendo-se baixar do muro num câsto depois do escurecer, o novo apóstolo se associa por algum tempo com os apóstolos em Jerusalém antes de mudar-se para Cesaréia e Tarso.—6:1-9:31.

Se a conversão de Paulo criou uma comoção, não foi nada comparada com o que ainda viria: o uso que Pedro fêz da segunda das “chaves do reino dos céos”. Com a sua pregação aos gentios ele abriu-lhes a porta de entrada no Reino. Sua

ação foi confirmada do alto pelo derramamento do espírito sobre aquêle centurião gentio Cornélio e seus parentes em Cesaréia. (10: 1-48) Pedro relata o assunto aos apóstolos em Jerusalém. (11: 1-18) Assim terminaram as “setenta semanas” da profecia de Daniel, e chegamos ao ano 36 E. C.—Dan. 9: 24.

Com o décimo segundo capítulo Pedro desaparece do relato e Paulo aparece com destaque. O capítulo fala da perseguição da igreja por Herodes Antipas, do seu assassinato de Tiago e do encarceramento e libertação de Pedro, e da morte de Herodes às mãos de Deus. Mais ou menos neste tempo Barnabé e Paulo, agora ativos no serviço, vêm de Antioquia a Jerusalém com uma oferta de auxílio para os irmãos na Judéia. (9: 27, 30; 11: 22-30) O fim do capítulo os vê voltar a Antioquia na Síria, acompanhados de João Marcos.

Dessa Antioquia Paulo, junto com Barnabé e Marcos, começa sua primeira viagem missionária. (Para aumentar seu interesse e apreciação, acompanhe as viagens de Paulo no mapa da página 296). A primeira escala é perto, Selêucia; daí passam às cidades de Chipre, Salamina e Pafos; depois a Perge na Panfília. Dali João Marcos volta a Jerusalém; Paulo e Barnabé avançam para Antioquia da Pisídia. Depois para a Galácia e sua sub-província de Licaônia, e para as cidades de Icônio, Listra (aqui os irados religiosos apedrejam Paulo e o arrastam para fora da cidade, tido como morto) e Derbe. De Derbe êles voltam pelo mesmo caminho através de Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia, e mais uma vez para baixo à província de Panfília e a cidade de Perge. Depois duma escala em Atália, as duas testemunhas zelosas navegam até o ponto de partida, Antioquia de Síria. Termina assim a primeira viagem de pregação. (13: 1-14: 28) Foi efetuada pouco depois de sua viagem a Jerusalém com os donativos de auxílio, feita em 44 E. C.

Passou-se um longo intervalo de testemunho em Antioquia, interrompido por uma viagem a Jerusalém para decidir uma disputa acêrca da circuncisão, antes que Paulo empreendesse

sua segunda viagem. Finalmente, êle sai de novo como servo viajante aos irmãos, "fortalecendo as egrejas"; mas desta vez acompanhado de Silas em vez de Barnabé. (15:1-40) Para cima através da Síria e Cilícia. às cidades de Derbe e Listra (onde se lhes junta Timóteo), e através da região de Frígia e Galácia caminham Paulo e Silas. Deixando de lado a província romana de Ásia ao ditado do espírito, êles passam por Mísia e alcançam Troas. É neste ponto que a história começa a ser contada na primeira pessoa do plural, indicando que o narrador Lucas se havia juntado ali aos viajantes. (16:10) Dirigidos pelo espírito santo se dirigem à Macedônia. Navegando através do que agora se chama mar Egeu, param na ilha de Samotrácia, e no dia seguinte chegam a Neápolis na Macedônia. Emocionantes experiências de campo são contadas, ocorridas na escala seguinte, Filipos. Parece que Lucas ficou para trás nesta cidade, enquanto Paulo e seus outros dois companheiros avançaram para Anfípolis, Apolônia, Tessalônica e Beréia. Daí para a frente Paulo vai sozinho, entrando nas cidades gregas de Atenas e Corinto. Neste último lugar se juntam a êle Silas e Timóteo, e êle permanece ali por dezoito meses (50, 51 E. C.). Enquanto ali em Cortinto, Paulo escreveu suas primeiras epístolas canônicas, as duas cartas aos tessalonicenses. Separando-se Silas e Timóteo, Paulo viaja para Éfeso, embarcando dali para Cesaréia, e depois a pé para Jerusalém. Voltando à que parece ter sido sua base de operações, Paulo chega a Antioquia da Síria, terminando assim sua extensa segunda viagem. (15:41-18:22) Ela ocorreu provavelmente nos anos 49-51. Foi mais ou menos neste tempo que Paulo escreveu sua carta aos gálatas.

A terceira viagem de Paulo cobre um período de uns quatro anos (52-56 E. C.), e na maior parte retrança a segunda viagem, com a exceção de que desta vez a província da Ásia recebe um bom testemunho. Viajando sozinho de Antioquia, Paulo marcha para o norte e oeste, entrando na Galácia e Frígia, fazendo revisitas, expandindo a obra. Daí êle vai

para a costa e Éfeso, em cuja vizinhança fica uns três anos. (20:31) Sua pregação ali suscita oposição, mas tôda a Ásia ouve o evangelho. Perto do fim da sua estadia em Éfeso escreveu a primeira carta aos coríntios, mais ou menos em 55 E. C. Passa então à Macedônia (onde escreve a segunda epístola aos coríntios), e desce mais uma vez à Grécia. Enquanto passava o inverno ali êle escreveu aos romanos. Êle volta através da Macedônia, o narrador Lucas se junta a êle (20:5), e navegam para Troas. Seus companheiros de serviço embarcam para Assôs, mas Paulo atravessa o país a pé, encontrando-os ali e viajando com êles para Mitilene, Quios, Samos, Trogílio, Mileto, Cós, Rodes, Pátara, e dali através do azul Mediterrâneo chegam finalmente ao pôrto de Tiro. Em viagem para Jerusalém Paulo se detém em Ptolemaida e Cesaréia. Depois Jerusalém, e o fim da sua terceira viagem de pregação.—18:23-21:15.

O relato atinge agora seu clímax com a narração da prisão de Paulo em Jerusalém, seu julgamento, seu apêlo a César, sua viagem a Roma, e sua pregação ali. As coisas se sucedem rapidamente. Violentos motins se levantam contra Paulo em Jerusalém; êle testemunha aos desordeiros religiosos irados; aparece perante os principais sacerdotes e o conselho; uma conspiração para assassinar Paulo é frustrada pelo envio dêle a Félix em Cesaréia sob o manto da noite e forte escolta militar. Perante Félix Paulo refuta as falsas acusações de sedição; por dois anos Paulo é mantido em prisão, Félix esperando por um subôrno que nunca chega; Festo ouve então o caso de Paulo, e o seu plano de entregar Paulo aos judeus é frustrado pelo apêlo de Paulo a César; mas antes de Paulo ir a Roma êle tem oportunidade de apresentar uma emocionante defesa perante o rei Agripa, hóspede de Festo.—21:17-26:32.

Aventuras excitantes dominam os dois capítulos finais. Paulo o prisioneiro, junto com Lucas, viaja para a Itália, mais ou menos em 58 E. C. Depois de parar em Sidon, o navio segue ao longo da costa da Cilícia e Panfília a atraca em Mirra, uma cidade de Lícia. Aí passam para outro navio e



continuam a viagem, ainda ao longo da costa meridional da Ásia Menor. Na frente de Cnido os ventos ditam que passem por baixo de Creta, e ao contornarem finalmente essa ilha e alcançarem Bons Portos o perigo aumentou de tal modo que Paulo advertiu do imminente desastre. Mas o centurião confiou no parecer do capitão do navio e a viagem continuou. Passaram-se duas semanas, e os viajantes se encontram naufragados na ilha de Melita (Malta), abaixo de Sicília. Três meses mais tarde, um navio que invernara na ilha os levou ao norte até Siracusa na Sicília, dali para Régio na Itália, e finalmente até Putéoli. As etapas finais da viagem fizeram-se então pela Praça de Ápio e as Três Vendas, e Paulo atinge Roma, aproximadamente em 59 E. C. Atos termina com a notícia de que Paulo, sob uma guarda de soldados morava ali e pregava o reino de Deus, pelo menos por dois anos. (27: 1-28: 31) Durante êste primeiro encarceramento em Roma Paulo escreveu as epístolas aos efésios, filipenses, colossenses e a Filemon.

Resta uma questão a decidir: Quando registou Lucas o livro de Atos? A opinião geral é que foi próximo ao fim dêste período de dois anos em Roma, aproximadamente em 61 E. C. Visto que o registo atinge até êste tempo, não poderia ter sido antes, e visto que deixa Paulo com seu caso ainda por decidir, não poderia ter sido escrito muito mais tarde. Lucas foi certamente movido pelo espírito de Jeová para registrar em Atos as verdades e experiências de campo que tanto aumentam nossa apreciação e entendimento das Escrituras Gregas.

NOTA: Embora os anos 61-63 E. C. sejam geralmente aceitos como o tempo do primeiro encarceramento de Paulo em Roma, uma descoberta arqueológica recente recua em mais ou menos dois anos a vida posterior de Paulo. Uma inscrição encontrada em Delfos indica que Gálio veio a Corinto para seu ano de procônsul em 51 ou em 52. Paulo, pois, deve ter chegado ali na sua segunda viagem, aproximadamente em 50 E. C. (Atos 18: 11, 12) Estabelecido êste ponto, então Paulo esteve de volta em Antioquia da Síria por volta do fim de 51. Embora passasse "muito tempo" entre a primeira e segunda viagem (Atos 14:26-15:41), Paulo gastou meramente "algum tempo" em Antioquia entre a segunda e a terceira viagem. (Atos 18:22, 23) Estava ansioso de visitar as igrejas na Galácia e fortalecê-las, e sob estas circunstâncias não parece provável que ficasse dois ou três anos em Antioquia. Passando ali provavelmente o inverno, é bem possível que Paulo iniciasse a terceira viagem em 52. Quatro anos depois de iniciá-la chegou a Jerusalém, e pouco depois

foi prêso, aproximadamente em 56 E. C. Por dois anos ficou encarcerado em Cesaréia (até 58), e a passagem de outro ano o indica dirigindo-se a Roma, visto que passara o inverno em caminho. (Atos 24:27; 28:11) Isto o coloca em Roma no ano 59.

A maioria dos cronologistas pretendem que Festo sucedeu a Félix em 60 E. C.; mas essa data é altamente controvertida. (O ano em que a procuradoria passou de um para outro foi o ano em que Paulo viajou para Roma.) Muitos dizem que foi 55 E. C. Se Félix serviu juntamente com Cumano de 48 a 52, e sôzinho de 52 a 56, então, à base destes oito anos passados, Paulo podia dizer a Félix, em 56, "há muitos annos és juiz desta nação." (Atos 24:10) A pouco provável data de 60 E. C. favorece mais o registo de Josefo do que o do historiador Tácito. Tácito teve acesso a registos públicos para sua informação; mas Josefo é vago sôbre este período específico de tempo, e escreveu de fontes particulares ou de memórias de infância. Em vista do achado comparativamente recente em Delfos, marcando o tempo em que Paulo esteve em Corinto durante a segunda viagem, a sucessão e o tempo dos eventos depois disso, conforme dados nas Escrituras, apoiam fortemente uma data anterior para a chegada à Roma, isto é, 59 em vez de 61. Isto faz a libertação de Paulo cair em 61, o que deixa tempo antes da sua morte, em 65 ou 66, para mais viagens à Macedônia, Grécia, Creta, Ásia Menor, e até Espanha.

A concordância bíblica exaustiva de Young (em inglês), sob "Félix" e "Festo", dá o ano 58 como o tempo em que Félix foi sucedido por Festo, e, portanto, concorda com a posição tomada nesta lição. Além disso, a *Enciclopédia Britânica*, edição de 1942, volume 3, página 528, após considerar as duas datas extremas para a substituição de Félix por Festo (55 e 60 E. C.), conclue: "A conclusão das duas linhas de argumentos sugere o ano 58 para a revocação de Félix e a chegada de Festo. Se S. Paulo foi prêso em 56, apelou para César por ocasião da chegada de Festo em 58, então, ao atingir Roma na primeira parte do ano seguinte, e permanecer ali prisioneiro por dois anos inteiros, somos levados ao princípio da primavera de 61 para o fim do período registado em Atos."

REVISÃO: 1. Que valor especial tem o livro de Atos? 2. Quem escreveu o livro? 3. Como progrediu a obra depois de Pentecostes? 4. Como foi vencida a perseguição? e que evento inesperado ocorreu? 5. Que ocorreu em 36 E. C.? 6. Qual foi a rota e os pontos destacados da (a) primeira viagem de testemunho de Paulo? (b) Sua segunda viagem? (c) Sua terceira viagem? 7. Que experiência teve Paulo no tribunal? 8. Descreva sua viagem aventureira a Roma, e suas atividades ali depois da chegada. 9. Quando escreveu Lucas o livro de Atos?

Lição 59

ROMANOS

"Paulo, servo de Christo Jesus, chamado para ser apóstolo, . . . a todos os que estão em Roma, queridos de Deus, chamados para serem santos." (Rom. 1: 1-7) Estes versículos de saudação que prefaciam esta epístola magistral identificam o remetente e os destinatários. No tempo em que Paulo escreveu esta carta à congregação cristã em Roma Paulo já se provara um muito zeloso "servo de Christo

Jesus” e certamente trabalhou mais abundantemente do que todos êles. Em que base se pode dizer isto? Na base do seu relatório de serviço de campo. Êle completara anteriormente duas extensivas viagens de pregação para ‘fazer discípulos de tôdas as nações’, e na ocasião de escrever aos romanos estava longe da sua base de operações, Antioquia da Síria, e no meio da sua terceira jornada. É evidente que escreveu de Corinto, visto que menciona Gaio e Erasto, habitantes de Corinto, como estando com êle. (16:23; 1 Cor. 1:14; 2 Tim. 4:20) Recomenda-lhes também Febe de Cencrêia, localidade próxima, que êle possivelmente usou para entregar a epístola à congregação de Roma. (16:1, 2) A melhor evidência disponível tende a colocar a estadia de três meses de Paulo na cidade grega de Corinto e vizinhança durante o inverno de 55-56 E. C.; e fixa, portanto, o tempo aproximado da escrita do livro Romanos.—Atos 20:2, 3; 1 Cor. 16:6.

Quanto aos destinatários da epístola, a companhia das testemunhas de Jeová em Roma, pode-se dizer que sua congregação estava composta tanto de judeus como de gentios. (1:13; 2:17-29; 4:1; 7:1; 11:13) Naquele tempo os judeus eram numerosos em Roma. Aproximadamente em 50 E. C. foram banidos da cidade por Cláudio César (Atos 18:2), mas haviam retornado pelo tempo da epístola de Paulo aos romanos. (Rom. 16:3) Poucos anos mais tarde, quando Paulo estava prêso em Roma, havia ali judeus em número bastante grande. (Atos 28:17) O capítulo quatorze parece destinado a eliminar alguns mal-entendidos entre os grupos gentios e judeus da congregação de Roma. O teor da carta inteira parece ser o de colocar os judeus e gentios em igualdade exata perante Deus. Não pela lei, mas pela fé em Cristo Jesus e pela graça de Deus vem a justificação. Êste era o tema da carta à congregação cristã em Roma.

Nesta altura surge uma questão de interesse: Como chegou o evangelho em primeiro lugar a Roma e se estabeleceu ali uma congregação cristã? As exclamações preconcebidas da Hierarquia Católica de que foi pela visita do apóstolo

Pedro podem ser postas de lado sem séria consideração; não existe a mínima evidência para apoiar a sua pretensão. É pura tradição manufaturada que Pedro foi o primeiro “bispo” da cidade e cujos sucessores continuam até o dia de hoje. Na sua carta aos romanos Paulo não dá crédito a Pedro pelo estabelecimento da congregação ali. Embora mencione na carta trinta e cinco nomes, e envie lembranças por nome a vinte e seis, nem menciona nem manda lembranças a Pedro. (Capítulo 16) O registo da Bíblia diz, porém, que em Pentecostes, quando se derramou o espírito santo (33 E. C.), entre os que ouviam o discurso de Pedro e o evangelho pregado em muitas línguas havia certos “vindos de Roma”. (Atos 2:10, *Pereira*) Êstes, ao voltarem a Roma, podiam facilmente ter fundado ali a primeira igreja cristã.

Depois disso, os judeus se espalharam pelo império romano; alguns dêles eram cristianizados e talvez fizeram pregação adicional em Roma. Dois judeus a quem Paulo pregou em Corinto e que creram, voltaram mais tarde a Roma, e sem dúvida trouxeram à congregação romana a mensagem assim como fôra declarada por Paulo. (Atos 18:2; Rom. 16:3) Além disso, parece que Paulo conhecia pessoalmente vinte e seis membros da congregação em Roma; êstes transmitiram as palavras do apóstolo aos cristãos ali. Foi provavelmente assim que se estabeleceu e se alimentou a congregação na capital da sexta potência mundial. Paulo, e não Pedro, foi o “apostolo dos Gentios”; Paulo, e não Pedro, foi o a quem Cristo Jesus disse que tinha de ir a Roma para dar testemunho; e foi Paulo, e não Pedro, quem escreveu a carta aos romanos para fortalecer sua fé e protegê-los contra o enredamento num jugo religioso de escravidão. Paulo, e não Pedro, foi quem sentiu a responsabilidade de escrever-lhes assim. —Atos 23:11; Rom. 15:14-16.

Paulo cumpriu com a responsabilidade escrevendo, pela mão de Tércio, uma das epístolas mais belas das Escrituras Gregas. Depois de apresentar-se a si mesmo e seu apostolado, e duma saudação a todos os em Roma “chamados para serem

santos”, Paulo expressa seu caloroso interêsse pela igreja de Roma e seu fervoroso desejo de visitá-los. A impiedade dos homens é condenada como inexcusável, porque, embora invisível aos homens, o poder e a eternidade e a soberania de Deus são claramente vistos nas Suas obras poderosas da criação. Em vez de adorar o Criador, tolamente fazem deuses das coisas criadas, e se afundam cada vez mais na degradação e injustiça. A morte os espera. (1: 9-32) Mas se os gentios fazem estas coisas, os judeus não devem julgar apressadamente e declarar os pecadores indignos de ouvir o evangelho. O exame de si mesmo talvez revelaria pecados similares daquele que julga com dureza. Tenha em mente que Deus não é respeitador de pessoas, mas judeus e gentios são recompensados de acôrdo com os seus atos. Os judeus, inclinados a se jactarem da lei, deviam lembrar-se que não são os ouvintes da lei que são justos perante Deus, mas os cumpridores.—2: 1-29.

Tôda a humanidade está incluída na citação de Paulo, “Não ha nenhum justo, nem sequer um.” O resumo e substância do assunto é que ninguém pode ser justificado pelas obras da lei, que a justiça e justificação vêm sòmente pela graça por meio da fé em Cristo Jesus, excluindo assim a jactância das obras da lei, e que, tanto judeus como gentios, são justificados pela fé. (3: 1-31) O apóstolo apoia seu argumento na história, no caso de Abraão. A justificação lhe fôra imputada ou creditada visto que êle teve uma certa posição perante Deus, mas essa posição não veio pela lei ou por obras. Êle foi contado justo por causa da sua fé, uma fé exemplar.—4: 1-25.

O quinto capítulo revela a reconciliação por meio de Cristo. “Por um só homem entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, assim tambem a morte passou a todos os homens, visto que todos peccaram.” A morte reinou desde Adão até Moisés. Quando se deu a lei, a morte ainda continuava a reinar e o peccado abundava. Mas se o peccado abundou, então a graça de Deus em prover Cristo Jesus aumentou ainda mais. Por causa do peccado de Adão a morte veio sôbre

todos os homens, mas pela justiça do perfeito Jesus *todos* os crentes, quer judeus quer gentios, recebem a justificação da vida. Mas, para que ninguém torça seu argumento para dar liberdade ao pecado licencioso, Paulo demonstra no capítulo seguinte que os que foram batizados em Cristo Jesus estão mortos para o pecado, não devem viver em pecado, têm de andar em novidade de vida, viver para Deus. Libertos do pecado, não devem mais servir ao pecado ou ser escravizados por êle. “O salario do peccado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna em Christo Jesus nosso Senhor.”

Pela ilustração dum casal judeu e da liberdade obtida pela morte, Paulo mostra que os herdeiros cristãos do Reino estão livres do antigo concôrto da lei. Estão mortos para a lei e livres para casar-se com outro, isto é, Cristo. O pecado habita em corpos carnaes imperfeitos e a lei torna conhecido êste pecado, condenando o pecador à morte. Tôdas as boas intenções no mundo não poderiam fazer que corpos pecaminosos se equiparassem com a lei perfeita e justa de Deus, mas a libertação da lei do pecado em nossos membros vem pela graça divina por meio de Cristo Jesus. (7: 1-25) A carne fraca, sob a lei, só poderia merecer a morte, mas os que estão em Cristo não andam segundo a carne mas segundo o espírito. Dêste modo são dirigidos pelo espírito e gerados como filhos de Deus e coherdeiros de Cristo. O espírito ajuda aos cristãos a vencer as fraquezas, e no fim é Deus quem justifica. Com tal ajuda divina, “Quem nos separará do amor de Christo?” Nada; somos “mais que vencedores”.—8: 1-39.

No capítulo nove Paulo manifesta tristeza pelos judeus, mas mostrá que Israel segundo a carne não é o Israel de Deus. Não os filhos segundo a carne ou lei, mas os filhos segundo a promessa, êstes são os que compõem a verdadeira semente com Cristo o Messias. Só um restante do Israel segundo a carne alcança isso, e o número predestinado dos associados da Semente é preenchido pela chamada de gentios. Por tropeçarem no Messias ou Cristo e por obstinadamente buscarem estabelecer a sua própria justiça por meio de obras

da lei, a maioria dos judeus sai perdendo. (9: 1-33) Recusaram ver em Cristo o fim do antigo concêrto da lei. A salvação seria agora aberta a todos por meio de Cristo; havia desaparecido a diferença entre judeu e gentio. A salvação vem por meio de confissão e invocação do nome do Senhor. Para capacitar tôdas as criaturas humanas a assim invocarem o Senhor e para fortalecer a fé, pregadores da verdade são enviados a tôdas as nações.—10: 1-21.

Embora um restante de Israel fôsse transferido a Cristo, a maioria ficou enredada na sua própria tabela de justiça por meio de obras e tradição. Pela queda dos judeus, as oportunidades da herança cristã se estenderam aos gentios; mas êstes não se devem jactar, porque se Deus não poupou os ramos naturais de Israel certamente não pouparia os ramos enxertados dos gentios se se tornassem obstinados e ensoberbecidos. (11: 1-36) Concluindo êste conselho, Paulo faz diversas exortações. Apresentai os corpos sagrados como sacrificios vivos, o que é serviço racional! Não vos conformeis a êste mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente por meio do estudo da vontade de Deus. Não pensai demais de vós mesmos, porque todos nós somos membros do um só corpo de Cristo com diferentes serviços a fazer! Em honra considerai uns aos outros, servi ao Senhor, regozijai-vos na esperança, sêde pacientes na tribulação, sêde hospitaleiros, não sábios aos vossos próprios olhos, e não vos vingueis. Ademais, sujeitai-vos sempre às Autoridades Superiores, Jeová Deus e Cristo Seu Rei. Não julgueis o servo de outro; para seu próprio senhor êle está de pé ou cai.—12: 1-14: 23.

Paulo termina a epístola com uma discussão do seu apostolado para com os gentios, seu proceder passado na pregação, seu desejo de ver a congregação de Roma na viagem à Espanha, mas que isto tinha de esperar até que tivesse entregue em Jerusalém os fundos de auxílio para os pobres do Senhor na Judéia, e finaliza com uma lista de saudações aos conhecidos em Roma. (15: 1-16: 27) Esta carta aos romanos

é a mais compreensiva apresentação da mensagem ou evangelho que Paulo pregou.

REVISÃO: 1. Quem escreveu Romanos? e por que podia o escritor falar de si mesmo da maneira como o fez? 2. Quando e de que lugar foi escrita a epístola? 3. Que espécie de congregação existiu em Roma? 4. Como foi estabelecida e nutrida? 5. Resuma os (a) capítulos 1, 2. (b) Capítulos 3, 4. (c) Capítulos 5, 6. (d) Capítulos 7, 8. (e) Capítulos 9, 10. (f) Capítulos 11-14. (g) Capítulos 15, 16.

Lição 60

PRIMEIRA E SEGUNDA CORÍNTIOS

Na sua segunda viagem de pregação o apóstolo Paulo trabalhou como pioneiro através da Grécia. Durante sua estadia de dezoito meses em Corinto fundou e organizou a primeira companhia cristã desta cidade. Anos mais tarde, aproximadamente em 55 E. C., Paulo se achava em Éfeso no decorrer da sua terceira viagem de pregação. Nessa época escreveu sua primeira epístola canônica à igreja em Corinto. Parece que ele recebera uma carta dos coríntios na qual lhe fizeram certas perguntas que necessitavam resposta. Além disso, Paulo é movido a escrever-lhes por causa dos relatórios perturbantes que lhe chegaram aos ouvidos. (1 Cor. 7:1; 1:11; 5:1; 11:18; 16:17) Aparentemente, as notícias envolviam coisas mais importantes do que as perguntas na carta dos coríntios; Paulo trata delas primeiro, e é só no sétimo capítulo que toma conhecimento da carta dêles. Está seriamente preocupado pelo bem-estar espiritual desta companhia que iniciara pela graça de Deus, e ele brande a pena poderosamente nesta primeira epístola para restaurá-los à pureza e aceitabilidade à vista de Jeová. Os dois versículos iniciais estabelecem Paulo como escritor e os coríntios como os destinatários da epístola.

O primeiro ponto de importância de que Paulo trata é o assunto das divisões dentro da igreja coríntia. Alguns caíram vítimas da adoração de criaturas, mirando a certos homens como seus mestres e líderes. Paulo ataca firmemente êste laço diabólico. Parece que a linguagem de Paulo não era bastante

elegante para agradar a alguns; não era o grego clássico dos vãos filósofos que se orgulhavam da sua própria sabedoria, mas era o grego *koiné* ou comum falado pelo homem da rua. Mas Paulo não lidava com palavras lisonjeiras de sabedoria humana; declarava em linguagem facilmente entendida por todos a gloriosa sabedoria de Deus. Ademais, sendo sectários, os coríntios estavam sendo carnis e não espirituais, não teocráticos. Um planta a semente da verdade, outro a rega, mas é Deus quem dá o crescimento. Cristo Jesus, e nenhum dos seus pregadores humanos, é o fundamento seguro sobre o qual se podem edificar obras substanciais. Que a verdade ardente expurgue e incendeie as obras edificadas sobre outro fundamento. A sabedoria deste mundo é tolice diante de Deus e nenhuma carne consagrada deveria gloriar-se nela. Gloríe-se, não em homens, mas em Deus e Cristo.—1: 10-3: 23.

Paulo conclue isto com uma revisão do seu ministério e de modo geral esboça os vitupérios que sofreu como apóstolo aos gentios. Eles têm muitos instrutores em Cristo, mas devem lembrar-se que foi Paulo quem sofreu muito para no princípio pregar-lhes e gerá-los por meio do evangelho. No interesse deles lhes havia mandado Timóteo, e ele próprio os visitaria mais tarde. (4: 1-21) No quinto capítulo Paulo trata dum caso de fornicção que fôra amplamente noticiado, o caso dum filho tomar a espôsa do seu pai. Compara esta impureza moral ao fermento que estraga a massa inteira; deviam lançar fora este fermento de imoralidade para preservar a pureza da congregação cristã. Outro assunto é tratado: os irmãos coríntios recorriam a tribunais mundanos para decidir diferenças entre si mesmos. Isto não devia ser assim. Os santificados de Cristo julgarão o mundo; por que, então, deviam submeter seus casos ao mundo para julgamento? Melhor seria sofrer a fraude do que um irmão levar outro perante um tribunal de descrentes. Em todos estes assuntos deviam ser puros porque não se pertencem a si mesmos; foram comprados por Deus por um preço, e o corpo dos membros de Cristo devia ser usado para glorificar a Deus.—6: 1-20.

Com a abertura do sétimo capítulo Paulo trata de algumas das perguntas feitas pelos coríntios na carta que lhe mandaram. Êle discute o casamento e os casados, os não casados e as viúvas, e pessoas solteiras. A inclinação da pessoa casada é de agradar a seu cônjuge, enquanto o solteiro integralmente trata de agradar ao Senhor. Êle opina, portanto, que aquêles que se casa faz bem, mas o que não se casa faz melhor. Acêrca do alimento oferecido aos ídolos, Paulo explica que o ídolo não pode manchar o alimento e que o comer ou o não comer não altera a posição do cristão diante de Deus. Não obstante, se por comer tal alimento o cristão faz um dos irmãos mais fracos tropeçar, seria errado comer diante dêle. Dêste ponto em diante Paulo avança no seu argumento para mostrar que êle não ofenderia em matéria alguma. Embora seja direito legítimo do ministro ser sustentado na sua obra por aquêles a quem serve, não se aproveitou de tal sustento. Êle é o servo de todos e tornou-se tudo para todos, para que não fizesse alguém tropeçar.—7: 1-9: 27.

Êle admoesta o povo de Deus contra o pecado, indicando os resultados desastrosos de exemplos típicos durante a viagem de Israel à Terra Prometida, os quais foram registados para nossa admoestação. Anuncia de novo a propriedade de comer-se a carne vendida no mercado, embora seu sangue talvez houvesse sido derramado diante dum ídolo. Mas outra vez aconselha aqui de não ofender-se um irmão fraco por proceder assim. Êle dá certas instruções de conduta na adoração congregacional, reprovando de novo os coríntios pela divisão em classes que há entre êles, e os repreende pela irreverência e desordem na sua celebração do Memorial e lhes mostra como evitar a participação indigna.—10: 1-11: 34.

Os dons espirituais são o assunto que a carta, tòpicamente arranjada, discute a seguir. Os capítulos doze a quatorze inclusive seguem bem de perto êste tópico, mostrando os vários dons espirituais e as diversas designações de serviço na assembléia de Deus; hàbilmente compara o funcionamento coope-

rativo destas coisas com os membros do corpo humano natural. Mostra que o dom de profecia é preferível ao de falar em línguas, mas que o amor é a maior de tôdas as qualidades. Êle indica como êstes dons espirituais devem ser usados, especialmente o de falar em línguas.

Segue-se então um argumento poderosíssimo para estabelecer a certeza da ressurreição dos mortos. Nem todos os membros do corpo de Cristo dormirão na morte; ao som da última trombeta o restante vivo será na morte instantâneamente mudado de mortal a imortal. Que vitória sôbre a morte! Com tal perspectiva gloriosa, certamente há tôda razão para ficar-se firme e inabalável em integridade e superabundar-se na obra do Senhor. (15:1-58) Em conclusão, Paulo dá conselhos à companhia coríntia acêrca das contribuições para os irmãos pobres. Informa-os da sua intenção de visitá-los, depois de se demorar em Éfeso até Pentecostes. Pede-lhes para receberem Timóteo cordialmente e diz que Apolo viria quando fôsse possível. Depois de algumas outras admoestações e saudações dos irmãos de Éfeso e da Ásia, êle termina com uma saudação do próprio punho.—16:1-24.

SEGUNDA CORÍNTIOS

Paulo escreveu sua segunda epístola aos coríntios de Macedônia, possivelmente de Filipos, poucos meses depois da primeira, provàvelmente no fim do verão de 55 E. C. Parece que, depois de enviar a primeira epístola de Éfeso, Paulo mandou Tito a Corinto, possivelmente para notar a reação dos coríntios à sua carta e para ajudar também na direção da coleta que estava sendo feita para os irmãos pobres na Judéia. Paulo estava mui ansioso pelos coríntios, de como receberiam as repressões da primeira carta e se se purificariam como congregação. Êle esperava encontrar-se com Tito em Troas ao viajar de Éfeso à Macedônia, mas ficou desapontado. Tito voltou a êle na Macedônia e Paulo ficou grandemente confortado com seu relatório de como os coríntios receberam a primeira epístola e a tristeza pia e o arrependimento que se

efetuou nêles. Cheio de alegria e com o coração aberto para os irmãos coríntios, Paulo envia-lhes a segunda epístola, aparentemente entregue por Tito. Tôdas as circunstâncias e eventos precedentes aparecem na consideração que segue sôbre o centeúdo da carta, e especialmente da nossa referência a Primeira Coríntios 16:1-8 e Segunda Coríntios 2:12, 13; 6:11; 7:4-16; 8:1-6, 16, 23; 9:1-5.

Depois de declarar que o “Deus de todo o conforto” é uma consolação para os que sofrem perseguição, e mencionar sua própria libertação do assalto assassino em Éfeso, Paulo explica por que não fêz a visita proposta aos coríntios. Planejava evidentemente ir de Éfeso diretamente visitá-los em Corinto e ir dali para cima à Macedônia, voltando de novo por Corinto em caminho a Jerusalém. Mas as notícias que ouvira acêrca de Corinto e a necessidade de escrever, como o fêz, a sua primeira epístola, fizeram-no alterar sua rota, passando por Macedônia e dali descendo a Corinto para passar o inverno inteiro com êles. (1:1-2:4) Prosseguindo, parece que o ofensor de quem tratara no capítulo cinco da primeira epístola havia sido expulso da congregação, mas se arrependera depois; Paulo aconselhou, portanto, que fôsse perdoado.—2:5-11.

Paulo não precisava de cartas de recomendação para os coríntios como, por exemplo, Apolo as necessitava (Atos 18:24-28). Êles mesmos eram epístolas vivas que provavam seu apostolado. Prossegue mostrando quanto mais glorioso é o ministério do espírito do que o ministério da lei. A letra da lei mata, mas o espírito de Deus vivifica. (3:1-18) Nos três capítulos seguintes (4-6) Paulo discute o glorioso tesouro de serviço possuído em corpos semelhantes a frágeis vasos de barro, as aflições do momento, a esperança certa da glória celestial, o cargo de embaixador concedido às novas criaturas em Cristo, e a necessidade dos cristãos estarem separados dêste mundo e não sob jugo desigual com os incrédulos.

Os capítulos 7 a 9 inclusive revelam o encontro de Paulo com Tito na Macedônia e sua alegria ao ouvir do arrependi-

mento dos coríntios, seu relato da liberalidade dos macedônios na contribuição para os irmãos pobres na Judéia, sua jactância diante dos macedônios da generosidade das testemunhas coríntias, e sua fervorosa expressão de agradecimento a Deus pela dádiva inefável da graça divina estendida a criaturas humanas que transborda delas em tão generoso espírito de contribuir.

Os quatro capítulos restantes (10-13) parecem volver ao assunto das recentes divisões dentro da companhia coríntia de testemunhas e as perguntas levantadas acêrca do apostolado e da autoridade de Paulo. É uma emocionante defesa e vindicação das suas cartas e conduta no serviço. Ele expõe os falsos apóstolos, cita suas próprias qualificações e trabalhos apesar de perseguição, fala duma revelação, gloria-se dos vitupérios, e diz estar pronto a vir uma terceira vez. (12:14; 13:1) Não que estivera lá anteriormente por duas vezes. No tempo em que escreveu estivera ali apenas uma vez, havendo planejado uma segunda visita, mas alterado seus planos. (1:15) Agora pela terceira vez ele *planeja* visitá-los, mas esta seria na realidade só a segunda visita. Se na ocasião de escrever realmente tivesse estado ali duas vezes, não falaria da visita planejada mas não realizada como o “segundo benefício”; teria sido o terceiro. Um conselho final admoesta os coríntios a se examinarem e provarem se estão na fé ou não.

REVISÃO: 1. Quando, donde e por que escreveu Paulo 1 Coríntios? 2. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1-3? (b) Capítulos 4-6? (c) Capítulos 7-9? (d) Capítulos 10, 11? (e) Capítulos 12-14? (f) Capítulos 15, 16? 3. Quando, donde e sob que circunstâncias escreveu Paulo 2 Coríntios? 4. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1, 2? (b) Capítulos 3-6? (c) Capítulos 7-9? (d) Capítulos 10-13?

Lição 61

GÁLATAS E EFÉSIOS

O apóstolo Paulo escreveu do seu próprio punho a carta às igrejas na Galácia, e isso enquanto seu espírito estava sumamente agitado. Ele teve razão de estar excitado e inspirado

para escrever uma das suas mais vigorosas e veementes epístolas. Judeus cristãos haviam seguido o apóstolo Paulo nas suas atividades de pregação na Galácia e semeado ensinamentos tão contraditórios que Paulo acusou os gálatas de se terem desviado a um evangelho diferente do de Cristo. O resoluto lutador pela verdade e zeloso apóstolo que trabalhou como pioneiro entre as nações gentias não negligenciou nem deixou os cristãos convertidos da Galácia serem arrastados à escravidão. Interveio rápida e enérgicamente a fim de estralhar os argumentos escravizadores dos judeus cristianizados que se recusavam a admitir a superioridade da graça à lei. Primeiro está a sua carta magistral de refutação e argumento sólido, desbaratando os argumentos daqueles que se apegavam à lei; e este golpe esmagador foi seguido pelo próprio apóstolo que viajou ao campo de serviço da Galácia.

Era costume de Paulo, distinto do de Lucas, usar os nomes romanos das províncias. Estudos recentes na organização provincial do império romano mostram que Licaônia se achava incluída na administração provincial da Galácia. Portanto, o termo “igrejas da Galácia” incluiria as estabelecidas em tais cidades da Licaônia como Icônio, Listra e Derbe, cidades visitadas por Paulo na sua primeira viagem missionária. Sem dúvida ele revisitou estas igrejas gálatas na sua segunda viagem, que terminou aproximadamente em 51 E. C. O peso da evidência parece favorecer a crença de que foi neste tempo, e de Antioquia da Síria, que Paulo escreveu do próprio punho a carta aos gálatas que tão sensivelmente desfaz a posição falsa dos judaizantes. Essa evidência é a seguinte:

Na sua carta aos gálatas Paulo diz que foi três anos depois da sua conversão que subiu a Jerusalém, e fala de outra viagem a Jerusalém quatorze anos mais tarde. (1: 18; 2: 1) Conforme acontece tantas vezes nas Escrituras, estes períodos de tempo parecem contar-se no primeiro e último ano do período. Então, se a conversão de Paulo se deu mais ou menos em 34 E. C., a viagem a Jerusalém no terceiro ano seria em 36 E. C., e a no décimo quarto ano seria em 49 E. C. Esta últi-

ma seria provavelmente por ocasião do concílio em Jerusalém acêrca da circuncisão dos gentios. (Atos 15:1-31) Êste concílio era bastante importante para marcar época.

Além disso, visto que a circuncisão parecia ser a ponta de lança dos judaizantes, e visto que era êste o ensino básico que lançara as congregações gálatas em confusão, o concílio em Jerusalém bem podia ser aquêle a que o apóstolo se referiu. Os “alguns outros” que foram com Paulo e Barnabé ao concílio podiam incluir Tito, mencionado por Paulo aos gálatas. (Atos 15:2) Pouco depois do concílio Paulo começou a segunda viagem, entregando às igrejas gentias os decretos dêste concílio apostólico. (Atos 16:1-5) Sem dúvida, êle entregou êstes decretos, que confirmaram que os cristãos gentios estavam livres da antiga lei judaica, aos que estavam na Galácia, estabelecendo-os assim mais ainda na fé. Nesta segunda viagem êle passou pela Galácia mais ou menos em 49 E. C., viajando dali a Corinto, donde partiu aproximadamente em 51 E. C., e logo estava de volta em Antioquia na Síria. Em Antioquia ouviu talvez acêrca da condição instável das igrejas gálatas, que ‘tão depressa estavam passando’ do evangelho e dos decretos apresentados dois anos antes. (1:6) Naturalmente, podia ter ouvido do desvio dos gálatas enquanto ainda estava em Corinto, ou durante sua breve estadia em Éfeso, e podia ter escrito a epístola aos gálatas de qualquer um dêstes lugares; mas o sistema “extraoficial” de comunicações dos cristãos estava muito melhor desenvolvido da Galácia a Antioquia da Síria. De qualquer modo, o ano provável da escrita da epístola permanece o mesmo, 51 E. C.

Voltando ao conteúdo da própria carta se vê Paulo impressionando aos gálatas a pureza do evangelho que lhes pregou, que êle não o recebera de homem mas fôra insruído pela revelação de Jesus Cristo. Lembra-lhes sua anterior devoção ao judaísmo e à tradição e a sua perseguição aos verdadeiros cristãos; mas quando se lhe revelou o evangelho e êle foi comissionado por Cristo “apóstolo dos gentios” aceitou essa ordenação divina, não consultando os outros apóstolos em

Jerusalém ou qualquer outro homem, mas pregando na Arábia e em Damasco antes de ir a Jerusalém. Depois disso evangelizou na Síria e Cilícia. Desviara-se completamente do judaísmo e seus ritos.—1: 1-24.

No segundo capítulo discute-se a viagem a Jerusalém com Barnabé e Tito. Uma recapitulação das poderosas obras de Deus entre os gentios por meio do apostolado de Paulo convenceu o corpo governante ali da sua designação divina como apóstolo aos gentios. Paulo não procurou agradar a homens, não teve medo dos homens e até resistiu a Pedro em certa ocasião quando êste parecia ceder aos preconceitos do judaísmo. Êle ataca então firmemente a fábula de que o homem pode ser justificado pelas obras da lei. Se isto fôsse verdade, então não haveria necessidade de Cristo Jesus morrer como resgate. Porém, a justificação para a vida não vem pela lei, mas pela fé em Cristo Jesus; os que estão em Cristo não deviam voltar à lei e suas obras mortas, frustrando assim a graça de Deus que se transmite às criaturas por meio de Cristo.

Paulo lança-se então numa séria discussão da justificação. Ela vem pela fé, não pela lei. Abraão foi contado justo por causa da fé. Isto foi antes de se dar a lei. Quando chegou a lei, ela agiu como maldição porque expunha os israelitas como pecadores e dignos da morte. Cristo remiu-os desta maldição por cumprir a lei, terminando-a assim, e abriu-lhes de par em par as oportunidades da bênção por meio da Semente prometida a Abraão, cuja fé nessa Semente fez com que êle fôsse considerado justo. A lei dada em Sinai 430 anos depois da promessa abraâmica não invalida a promessa; a lei serviria como mestre para guiar os israelitas ao Messias Cristo, e ela fez isso para com um restante do Israel carnal. Mas agora que viera Cristo a lei terminara e tanto os judeus como os gentios estão debaixo da promessa. (3: 1-29) Por meio de Cristo os gálatas receberam o espírito que os gerou como filhos de Deus; não deviam voltar às obras mortas da antiquada lei. Êle reforça seu argumento pela alegoria da espôsa livre de Abraão, Sara, e da escrava, Agar, a substância dela sendo que os cris-

tãos são filhos da livre (a Jerusalém de cima) pela promessa, e não filhos da escravidão debaixo da lei.—4: 1-31.

O apóstolo exclama, portanto: “Para a liberdade Christo nos livrou; portanto ficae firmes e não vos sujeiteis de novo a um jugo de escravidão [a lei].” (5: 1) Quando circuncisos, vos tornais devedores da lei inteira; decaístes da graça, argumenta Paulo. Êle apela então para que os gálatas andem segundo o espírito e produzam os frutos do espírito, e evitem andar segundo a carne, produzindo seus frutos mortíferos. (5: 2-26) No capítulo final Paulo aconselha aos gálatas que se auxiliem uns aos outros num espírito de amor; contudo, em obra e integridade cada um leva a sua própria carga e no fim colhe o que semeou. Semeiem segundo o espírito, e entendam que os que se apegam à circuncisão e à lei só tratam de fazer uma exibição na carne.

EFÉSIOS

Esta carta não foi escrita por algum cristão depois do tempo de Paulo, conforme alguns religiosos modernistas sustentam. Êles dizem que o escritor tratou de resumir tôdas as epístolas do apóstolo Paulo e fêz um comentário delas nesta epístola aos efésios num estado elevado de sentimentos. Mas o Papiro Chester Beatty N° 2, escrito no princípio do século três, contém 86 fôlhas dum códice das epístolas de Paulo, e entre elas está a carta aos efésios. Isto mostra que a epístola era do próprio apóstolo Paulo, já que tão cedo fôra classificada num códice das suas cartas. O versículo inicial da epístola identifica Paulo como escritor; assim também 3: 1. Efésios 4: 1 e 6: 20 apontam indiretamente a Paulo como escritor, e especialmente localizam para nós o lugar e o tempo da escrita: Roma, enquanto Paulo esteve prisioneiro ali, aproximadamente em 59-61 E. C. A carta foi provavelmente escrita perto do fim dêste período. Alguns rejeitam Efésios como composição de Paulo porque se parece muito com Colossenses, dizendo que não escreveria duas cartas similares. Mas, há fortes indícios de que Efésios e Colossenses, junto com File-

mon, foram escritos mais ou menos ao mesmo tempo e entregues juntas por Tíquico, acompanhado de Onésimo. (Efê. 6: 21, 22; Col. 4: 7-9; Filem. 10-12) É razoável, portanto, que as cartas se pareçam.

Depois da saudação, Paulo expressa a bondade de Deus ao adotá-los como filhos por meio de Cristo e dar-lhes o espírito santo como penhor ou antegôsto da sua herança celestial. Os olhos do seu entendimento foram abertos para verem seus privilégios de reinar com Cristo, que está exaltado acima de tudo com exceção do próprio Jeová. Ele, Cristo Jesus, é também a cabeça da igreja, os membros do seu corpo. (1: 1-23) Exalta-se especialmente a graça de Deus para com os gentios. Estiveram uma vez longe, alienados de Deus, separados da nação escolhida de Deus pelo pacto da lei; mas agora Cristo Jesus derrubou êste muro de separação e pela graça tanto judeus como gentios podem aproximar-se de Deus. Tornam-se um em Cristo, conjuntados como templo santo para Jeová. (2: 1-22) Paulo revisa brevemente seu apostolado aos gentios, e mostra que estas verdades acêrca do Reino esclarecem o mistério encoberto desde o princípio do mundo.—3: 1-21.

Uma forte exortação para manter unidade demanda agora atenção. Há razão superabundante para unidade: um só corpo, um só espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus. Fizeram-se provisões para o crescimento e a maturidade espiritual por se fornecerem apóstolos, profetas, evangelistas, mestres e outros para a obra organizacional a fim de que tudo seja feito eficientemente e na unidade de um só corpo. Ele exorta à santidade e ao amor, insta que se evite linguagem e conduta impuras, e admoesta que se redima o tempo para fins de serviço pio. Reconsideram-se os deveres de espôsas e maridos, filhos e pais, servos e senhores. A exortação de Paulo de ser forte no Senhor e de revestir-se de tôda a armadura de Deus, enfatizando a guerra contra "as hostes espirituais da iniquidade", é especialmente poderosa. Quanto ao próprio Paulo, a sua oração é para que

sempre pudesse falar intrèpidamente o evangelho, embora seja “embaixador em cadeias”.—4: 1-6: 24.

REVISÃO: 1. Por que foi Paulo movido a escrever aos gálatas? 2. Que área incluiria o termo “egrejas da Galacia”? 3. Que evidência indica o tempo e o lugar onde se escreveu a carta? 4. Que está coberto no (a) capítulo 1? (b) Capítulo 2? (c) Capítulos 3, 4? (d) Capítulos 5, 6? 5. Que estabelece que Paulo é o escritor da carta aos efésios? 6. Quando e donde se escreveu a carta? 7. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1-3? (b) Capítulos 4-6?

Lição 62

FILIPENSES E COLOSSENSES

Parecia existir um laço especialmente forte de amor entre Paulo e os cristãos em Filipos. Paulo fôra o primeiro a pregar-lhes o evangelho, e revisitou-os duas vêzes para firmá-los mais na fé. Em retribuição e apreciação dêste serviço inicial e as posteriores visitas, os filipenses supriram repetidamente as necessidades de Paulo duma maneira material. (Fil. 4: 15, 16) Por exemplo, quando Paulo esteve em Roma por ocasião do seu primeiro encarceramento, Epafrodito de Filipos esteve com êle. Os filipenses enviaram Epafrodito a Paulo com coisas necessárias ao apóstolo. (4: 18) Uma longa enfermidade impediu a breve volta de Epafrodito a Filipos, mas quando êle finalmente chegou a fazer a viagem levou consigo a epístola de Paulo dirigida aos cristãos em Filipos. (2: 25-30) A carta não contém nenhuma censura ou repreensão; está escrita com amabilidade e oferece uma amorosa exortação à fidelidade contínua. Por causa da demorada enfermidade do portador da carta e as viagens intervenientes feitas entre Roma e Filipos, o tempo da escrita da epístola é colocado aproximadamente no meio do encarceramento de dois anos de Paulo, ou seja, arredor de 60 E. C. Alguns sustentam que as prisões mencionadas na epístola não eram as sofridas em Roma, mas em outras partes, tais como Cesaréia. Mas Filipenses 1: 7, 13, 14 e 4: 22 estabelecem Roma como lugar do encarceramento e portanto o lugar de onde se escreveu a epístola aos filipenses.

O apóstolo Paulo associou consigo Timóteo no escrever da epístola (1: 1), e prossegue com uns comentários gerais sôbre seu amor aos filipenses e suas orações para que cresçam cada vez mais em conhecimento e frutos de justiça. Êle exulta então no fato de que até suas prisões resultaram na divulgação da mensagem do evangelho: “As cousas que me aconteceram, teem antes contribuido para o progresso do Evangelho.” De tôda maneira se prega Cristo. Paulo espera sinceramente que quer na vida quer na morte êle possa sempre magnificar intrêpidamente a Cristo Jesus. Espera novamente ver os filipenses; mas quer venha visitá-los quer apenas ouça dêles, êle os exorta para que permaneçam firmes em unidade pregando o evangelho e que nunca cedam em terror aos seus adversários.—1: 2-30.

Ao recomendar-lhes amor, unidade e humildade, aconselha-os a terem a mesma mentalidade de Cristo Jesus, que não procurou alta reputação mas veio à terra como homem e servo e humilhou-se até a morte ignominiosa no madeiro ou estaca. Em troca foi soberanamente exaltado por Deus e lhe dado um nome diante do qual o joelho de tôda criatura no céu e na terra se deve dobrar e cada língua deve confessar. Nesta base de amor e humildade os cristãos filipenses foram aconselhados a efetuar a sua própria salvação com temor e tremor. Não deviam ser murmuradores, mas irrepreensíveis e sinceros no meio da iniquidade, zelosamente expondo a palavra da vida a todos os homens, Paulo expressa então sua esperança de em breve poder-lhes enviar Timóteo e vir logo depois pessoalmente; mas até que se apresentem estas oportunidades êle está decidido a mandar Epafrodito com a epístola.—2: 1-30.

Por meio de repetição êle enfatiza os avisos contra os falsos mestres, especialmente os que buscam atrair os cristãos ao jugo da escravidão ao antigo concêrto da lei e assim confiar nas obras da carne. Se houvesse pessoa que pudesse ter confiança na carne, Paulo argumenta, êle seria tal; mas, considera essas coisas sem valor e as abandona de bom-grado para

ganhar a Cristo. Em Cristo êle aspira viver e morrer e alcançar assim a ressurreição. Dedica-se com singularidade de propósito a avançar em direção do prêmio da vocação celestial; êle admoesta os filipenses fervorosamente a serem igualmente decididos. Contrastando êste propósito digno dum galardão daqueles que buscam a justiça pela fé em Cristo com o propósito daqueles que se esforçam a provar-se justos pelas obras da sua carne, Paulo mostra que êstes últimos fizeram do seu ventre um deus, que as suas obras vangloriosas serão para sua vergonha, e que terminarão em destruição. Os fiéis, porém, receberão do céu, onde está sua cidadania, uma gloriosa transformação.—3: 1-21.

Êle termina com conselhos gerais, e no interêsse de manter seus corações e mentes cheios das coisas corretas, Paulo diz: “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é veneravel, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amavel, tudo o que é de boa fama, se ha alguma virtude e se ha algum louvor, seja isso o que ocupe os vossos pensamentos.” Deviam praticar as coisas ouvidas e aprendidas do apóstolo. Tudo pode ser feito por meio de Cristo que fortalece.—4: 1-23.

COLOSSENSES

O próprio Paulo, até o tempo de escrever a carta, não pregara aos habitantes da cidade de Colossos, na província de Ásia na Ásia Menor. (Col. 2: 1) Parece que um dos primeiros, se não o primeiro, a proclamar ali o evangelho foi Epafras. (1: 7) É bem possível que a congregação em Colossos fôsse fundada pelos cooperadores de Paulo durante sua estadia de três anos em Éfeso, no decorrer da sua terceira viagem de pregação. De qualquer modo, Paulo, na prisão em Roma por ocasião do seu primeiro encarceramento ali, com a chegada de Epafras recebe notícias da congregação cristã de Colossos. (1: 8; 4: 3, 10, 18) O relatório dêste mensageiro impele Paulo a escrever sua epístola aos colossenses. Foi na mesma ocasião, perto do fim do seu encarceramento de dois anos, que êle escreveu sua epístola a Filemon e aos Efésios.

Tôdas as três foram aparentemente entregues por Tíquico, que se fazia acompanhar de Onésimo. (4: 7-9; Filem. 10-12) Os viajantes podiam ter passado por Éfeso em caminho a Colossos, deixando com os efésios a carta dêles e continuando sua viagem a Colossos, entregando as duas epístolas restantes. O companheiro de serviço de Paulo, Filemon, vivia em Colossos.

Paulo incluiu consigo seu jovem colaborador Timóteo como remetente desta epístola aos colossenses. Regozijou-se com a fé, o amor e a produtividade da companhia de testemunhas em Colossos e orou para que aumentassem em conhecimento e boas obras. Ele discute doutrinas. Por meio do sangue de Cristo vem a redenção; Cristo é identificado como o “primogenito de toda a criação”, sendo ele o instrumento usado por Jeová para trazer à existência tôdas as outras criações. Além disso, Ele é a cabeça do corpo, sua igreja, e é o primeiro a ser ressuscitado como criatura espiritual. É pelo seu officio de Reconciliador que os homens, uma vez alienados de Deus, são levados agora a uma relação familiar íntima com o Criador. Paulo recomenda então aos colossenses seu próprio ministério e declara seu regozijo no privilégio de completar algumas das aflições de Cristo deixadas para o corpo.—1: 1-29.

No capítulo 2 se dão exortações. Ele os avisa contra se deixarem enlaçar pelas palavras suaves da sabedoria vã do homem e lembra-lhes que em Jeová Deus e Cristo Jesus se encontram escondidos “todos os thesouros da sabedoria e da sciencia”. Estai, pois, arraigados e edificados e confirmados na verdade proveniente Dêles, e, “cuidae que não haja ninguem que vos faça de vós presa sua por meio da sua philosophia e vão engano, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Christo”. Paulo assegura então que as ordenanças do antigo pacto da lei foram riscadas por Cristo Jesus, cumpridas e terminadas Nêle e pregadas na estaca. Portanto, a observância de dias e festas e outras sombras de coisas vindouras é agora uma coisa do passado; em Cristo os seguidores estão libertos das ordenanças

da lei e estão mortos para êste mundo e suas obras ostentativas da carne.—2: 1-23.

Agora é o tempo para depositar as afeições nas coisas de cima; não é mais o tempo para continuar no velho proceder dêste mundo mau e impuro. Morrendo para as corrupções do velho homem, o cristão deve revestir-se do novo homem e estar vivo para a misericórdia, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, perdão, amor e paz. Assim haverá unidade, concórdia, sem distinção de nacionalidades. Avante marcharão todos no serviço do Reino. (3: 1-17) A seguir dão-se conselhos nos interesses da paz e harmonia domésticas; consideram-se os deveres de espôsas, maridos, filhos, pais, servos e senhores. (3: 18-4: 1) Depois de admoestar os colossenses para remirem o tempo e para estarem sempre prontos a responder em linguagem graciosa as perguntas honestas de todos os homens, Paulo termina sua epístola com vários itens pessoais. Dá ordens para que esta epístola fôsse lida à igreja de Laodicéia, e que aquela enviada aos laodicenses fôsse lida à companhia em Colossos.—4: 2-18.

REVISÃO: 1. Qual era a relação entre Paulo e a companhia filipense? 2. Quando e donde lhes escreveu? 3. Qual é o conteúdo do (a) capítulo 1? (b) Capítulo 2? (c) Capítulo 3? (d) Capítulo 4? 4. Que impeliu Paulo a escrever aos colossenses? 5. Quando e donde escreveu êle? 6. Que discute Paulo no (a) capítulo inicial? (b) No segundo capítulo? (c) Nos primeiros 17 versículos do capítulo 3? (d) Nos versículos 3: 18 a 4: 1? (e) No resto do capítulo 4?

Lição 63

PRIMEIRA E SEGUNDA TESSALONICENSES

No decorrer da sua segunda viagem de pregação, Paulo fundou a companhia cristã em Tessalônica, aproximadamente em 49 ou 50 E. C. Desde o seu nascimento a companhia esteve sujeita a provas no crisol da perseguição religiosa. Por três sábados Paulo pregou na sinagoga, e “alguns dêles ficaram persuadidos e aderiram a Paulo e Silas, bem como grande

multidão de gregos devotos e não poucas mulheres influentes. Mas os judeus, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios e, ajuntando o povo, alvorocaram a cidade, assaltaram a casa de Jáson, e os procuravam para entregá-los ao povo. Porém, não os achando, arrastaram Jáson e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Êstes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui; os quais Jáson acolheu; e todos êles procedem contra os decretos de César, dizendo haver outro rei, que é Jesus." (Atos 17:1-10, *N. T. Revisado*) Na noite seguinte os irmãos mandaram Paulo e Silas apressadamente a Beréia. Mas a companhia de testemunhas em Tessalônica ficou estabelecida.

Paulo ficou muito preocupado com o bem-estar desta nova companhia, tão cêdo sujeita a tal prova ardente. Perseguição acirrada manteve o apóstolo em movimento, passando de Beréia a Atenas. Duas vêzes procurou voltar a Tessalônica, mas foi impedido por distúrbios satânicos. (1 Tes. 2:17, 18) Incapaz de esperar mais e mui ansioso acêrca dos novos convertidos, Paulo envia Timóteo aos tessalonicenses para estabelecê-los mais e confortá-los. O jovem cooperador volta a Paulo, que neste tempo está pregando em Corinto, e seu relatório, de quão fielmente a companhia de Tessalônica suportou as perseguições tempestuosas, traz grande alívio e gôzo a Paulo. (1 Tes. 3:1-7; Atos 17:14-16; 18:1, 5) Tanto transborda de agradecimentos a Deus pela perseverança dêles que, conjuntamente com Timóteo e Silvano, escreve sua primeira epístola aos tessalonicenses. Êle escreve de Corinto, mais ou menos na primavera de 50 E. C. Esta carta tem a distinção de ser a primeira epístola canônica de Paulo e, com a provável exceção do Evangelho de Mateus, é o primeiro livro das Escrituras Gregas a ser escrito.

O teor geral dos primeiros três capítulos desta primeira epístola aos tessalonicenses reflete o fundo histórico precedente dos eventos. O capítulo 1 elogia sua fé e lembra que receberam a palavra da verdade em muita aflição, mas que

por causa destas mesmas circunstâncias provadoras sua firmeza na fé os fêz exemplo não só na Macedônia e em Acaia mas até mais além. No capítulo 2 Paulo reconsidera a maneira da sua pregação entre êles, de como sem qualquer traço de engano ou palavras lisonjeiras lhes serviu com brandura e afeição, não os sobrecarregando de nenhuma maneira. Quanto às tribulações dêles da parte dos seus patrícios, lembra-lhes a situação similar na Judéia, onde os cristãos judeus em geral sofrem violência da parte dos judeus. O capítulo 3 narra como se lhes mandou Timóteo e a volta dêste a Paulo, e a alegria e confôrto que o bom relatório de Timóteo trouxe ao apóstolo.

O quarto capítulo passa a exortações sôbre santificação e como guardar puro o corpo para que possa servir como vaso de honra para o Senhor. Visto que foi Deus quem os chamou à santidade e os gerou do seu espírito santo, estarão desprezando a Deus e não a homens se se desviassem da santidade à impureza. Parece que havia uma certa lassidão da parte de alguns na companhia tessalônica em tratar dos seus próprios negócios e trabalhar diligentemente, pois Paulo aconselha: “Esforçai-vos para viver tranquilos; cuidai dos vossos negócios e trabalhai com vossas mãos.” (*Montenegro*) A seguir oferece consôlo acêrca dos que adormeceram na morte. Êstes cristãos adormecidos, com a vinda de Cristo, serão levantados dos mortos, e o restante na terra vivo na carne naquele tempo será associado com o Rei reinante Cristo Jesus.

O quinto e último capítulo fala de tempos e estações e da vinda do dia do Senhor semelhante a um ladrão. É notável que no fim ou perto do fim de cada um dos capítulos precedentes se faz menção da vinda de Cristo Jesus. Os novos aderentes ao cristianismo em Tessalônica pareciam estar cheios de expectativas e muito interessados nesta verdade específica. Paulo mostra como êste dia vindouro surpreenderia o mundo adormecido num sentimento de falsa paz e segurança: “Quando disserem: Paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina-

mente destruição, como as dores a uma mulher que está para dar á luz, e de modo nenhum escaparão." Mas os cristãos eram filhos da luz e do dia, e a vinda de Cristo não os surpreenderia como a visita dum ladrão na escuridão da noite. Vivem sóbria e alertamente para Cristo. A carta termina com várias exortações gerais.

SEGUNDA TESSALONICENSES

A segunda carta de Paulo aos tessalonicenses seguiu pouco depois da primeira. Aparentemente se julgou necessário escrever-lhes tão cedo de novo para corrigi-los dum êrro em que caíram. Parece provável que entre as testemunhas em Tessalônica havia alguns que achavam que a vinda de Cristo era iminente e que as atividades dêstes criaram uma perturbação na companhia. Em que basearam sua crença não se sabe, mas é possível que quando se leu a primeira epístola de Paulo à congregação (1 Tes. 5: 27) êstes especuladores não demoraram em aproveitar-se das frequentes referências de Paulo à vinda do Senhor para dar pêso às suas teorias. Não hesitaram em torcer as palavras de Paulo e atribuir às suas declarações significados que em realidade não continham. Paulo não esperava estar entre os vivos por ocasião da volta do Senhor, mas antecipava ser naquele tempo acordado do sono da morte. (2 Tim. 4: 8) Pedro sabia que a segunda vinda estava muito distante do seu dia. (2 Ped. 1: 14; 3: 3-8) Os apóstolos e outros escritores inspirados das Escrituras Gregas não se deixaram arrastar por especulações fantásticas na cronologia. Por isso, Paulo escreveu de Corinto uma segunda vez aos tessalonicenses, no ano 50, para deter esta onda crescente na nova e entusiástica companhia de Tessalônica.

Silvano e Timóteo estão também associados com êle nesta epístola. (2 Tes. 1: 1) Paulo elogia sua fé e amor, e informa-os de que se gloria na sua firmeza na fé apesar do dilúvio de tribulações e perseguições que receberam. Consola-os com a lembrança de que Deus recompensará os perseguidores, que êle tirará vingança dos que não o conhecem nem obedecem

ao evangelho. Sua punição será a destruição eterna a qual virá sôbre êles no dia da vindicação.—1: 2-12.

Paulo avisa a seguir contra a conclusão de que a vinda do Senhor estava próxima. Deviam ser estáveis de pensamento sôbre êste ponto, não fâcilmente perturbáveis por qualquer pretensa revelação espiritual ou por qualquer palavra ou carta supostamente procedente de Paulo. O dia do Senhor não está aqui; antes que venha aquêle tempo precisam revelar-se o “homem do pecado”, o “filho da perdição”. A vinda dêste iníquo é “segundo a eficacia de Satanaz, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça”. Os que são desta classe não receberam o amor da verdade; creram na mentira. Paulo admoesta os de Tessalônica a ficarem firmes e se apegarem às coisas que lhes foram ensinadas, ou por sua palavra fiel ou por sua epístola.—2: 1-17, *Almeida*.

Em resumo, o apóstolo está confiante que os cristãos tessalonicenses continuariam no conselho apostólico que receberam. Não parece estar considerando que a companhia dêles estivesse em perigo duma grande apostasia a novas especulações. Confiava que o Senhor dirigiria seus corações ao amor de Deus e à espera paciente por Cristo. Ordena-lhes então o que deviam fazer para assegurar boa ordem na companhia como um todo. Deviam desassociar-se dos desordeiros e andar como Paulo quando esteve entre êles. Embora pudesse ter legítimamente comido o pão dêles para seu sustento em vista do serviço prestado entre êles, trabalhou, para evitar ser carga para qualquer um. A regra era que “se alguém não quer trabalhar, não coma”. Segundo as notícias, porém, essa regra não fôra unânimemente obedecida: “Temos ouvido que alguns andam entre vós desordenadamente, que nada fazem, antes se intromettem nos negocios alheios.” Deviam trabalhar sossegadamente e não se cansar em fazer o bem. Se recusam por-se em harmonia com tal arranjo teocrático, então a congregação não devia manter relações com êles. Os desordeiros ficariam assim envergonhados e admoestados, e pro-

vavelmente beneficiados. (3:1-18) A epístola termina com uma saudação escrita pelo próprio punho de Paulo.

REVISÃO: 1. Como se fundou a companhia tessalonicense de testemunhas? 2. Que mostra a preocupação de Paulo por esta recém-estabelecida companhia? e como ficou ele aliviado e confortado? 3. Onde e quando lhes escreveu? e que distinção goza esta carta? 4. Qual é o resumo dos três primeiros capítulos? 5. Qual é o conteúdo do (a) capítulo 4? (b) Capítulo 5? 6. Por que e quando escreveu Paulo sua segunda epístola aos tessalonicenses? 7. Qual é a tendência dos seus comentários no capítulo 1? 8. Que avisos se dão no capítulo 2? 9. Resuma o conteúdo do capítulo 3.

Lição 64

PRIMEIRA E SEGUNDA TIMÓTEO

As Escrituras inspiradas declaram explicitamente que Paulo foi o escritor das duas epístolas a Timóteo. Como se isso não fôsse bastante para silenciar os orgulhosos críticos dos tempos modernos os quais sustentam que as cartas não foram escritas por Paulo e que a aparição do seu nome no cabeçalho importa numa falsificação, tôdas as antigas versões e catálogos do cânon das Escrituras Gregas contêm as epístolas e as atribuem a Paulo. Uma das objeções levantadas pelos assim-chamados "altos críticos" é que estas epístolas não podem ser enquadradas em parte alguma do relato da vida de Paulo conforme dado nos Atos. Mas Atos não pretende dar a história inteira da vida de Paulo depois da sua conversão. Tampouco nos leva o fim do livro dos Atos ao término da vida de Paulo. Em epístolas escritas de Roma êle antecipa sua breve soltura. Outros relatos antigos bem estabelecidos indicam que Paulo foi absolvido por Nero e reiniciou as suas viagens como pregador do evangelho. Existem escritos antigos que remontan- tam àquele primeiro século da era cristã que apoiam a crença de que Paulo fez a projetada viagem à Espanha depois da sua primeira absolvição. Há outros escritos antigos que falam da reassunção das suas viagens missionárias na Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Finalmente, testemunho não muito remoto dos dias do apóstolo indica que depois do seu primeiro encarceramento e libertação foi novamente prêso e julgado em Ro-

ma. Esta segunda vez foi condenado e decapitado, por volta de 65 ou 66 E. C.

Foi durante estas últimas viagens que Paulo escreveu a primeira epístola a Timóteo. A situação parece ter sido similar àquela em relação a Tito. (Tito 1: 5) Aparentemente Paulo e Timóteo estiveram juntos em Éfeso, e depois Paulo partiu para a Macedônia, deixando atrás Timóteo para cuidar de assuntos de organização na igreja em Éfeso. Sobre este ponto 1 Timóteo 1: 3, 4 reza: “Como te roguei que ficasses em Epheso, quando eu partia para Macedonia, para admoestares a alguns que não ensinassem doutrina diversa, . . . assim o faço agora.” Isto é por muitos considerado evidência de que enquanto Paulo estava em Macedônia ele escreveu a Timóteo em Éfeso. A carta foi escrita durante o período de 61-64 E. C. Em alguns manuscritos bíblicos antigos há uma subscrição declarando que a epístola fôra escrita de Laodicéia, mas essa idéia parece ter surgido da crença tradicional, firmada em bases insuficientes, de que seja esta a epístola à qual Colossenses 4: 16 se refere como “a de Loadicéia”.—*Negromonte*.

A carta ao jovem Timóteo é para instruí-lo na execução dos seus deveres. Só deve ensinar doutrina sã; deve evitar fábulas e discussões vãs. A lei é boa, se usada legitimamente; mas é necessário resistir aos sem entendimento e que julgam ser mestres da lei. Paulo exalta a graça de Deus recapitulando a sua própria conversão, declarando que obteve misericórdia porque perseguia ignorantemente. Timóteo é encarregado de pelejar a boa peleja e conservar a fé e é avisado quanto a dois réprobos mencionados por nome.—1: 1-20.

No segundo capítulo Paulo exorta acêrca de oração; identifica a Cristo Jesus como mediador entre Deus e os homens e como o resgate para todos os obedientes; as mulheres devem vestir-se modestamente, e tratar de adornar-se com boas obras; a mulher não deve usurpar a autoridade do marido, mas deve aprender em silêncio e não ser permitida a ensinar na congregação ou assembléia. Esta é a ordem teocrática: Adão foi formado primeiro, depois a mulher; Adão não foi enganado,

mas a mulher o foi. A mulher se manterá a salvo dando à luz filhos. O terceiro capítulo é quase inteiramente dedicado à discussão das qualificações de superintendentes e servos numa companhia, junto com o comportamento correto das suas mulheres e filhos. O servo numa organização de companhia deve ser sóbrio, apto para ensinar, hospitaleiro, paciente, não cobiçoso, nem avarento, nem contencioso. Além disso, deve estar firme na fé, não ser neófito mas capaz de desempenhar os seus deveres de modo irrepreensível.

Paulo avisa que alguns se afastarão da fé e se entregarão ao uso dos demônios, que mentirão hipòcritamente e torcerão a verdade. Em vez de perder tempo e energia discutindo com tais perturbadores, Timóteo devia exercitar-se na piedade por apegar-se às verdades dos ensinos de Deus e por trabalhar diligentemente. Não devia permitir que alguém o desprezasse por causa da sua juventude, mas seria exemplo para os crentes. (4: 1-16) Paulo instrue Timóteo em como dar repreensões e admoestações e nos assuntos pertencentes a viúvas. Não devia receber acusações contra um ancião a não ser perante duas ou três testemunhas. Os que pecam sejam repreendidos perante todos, para que todos se edifiquem. No cumprimento dos seus deveres não devia demonstrar parcialidade nem agir apressadamente ao fazer nomeações teocráticas tornando-se assim responsável e participante dos pecados dos tais apressadamente nomeados.—5: 1-25.

Depois de alguns comentários sôbre os deveres dos servos ou escravos, Paulo discute instrutores corruptos e suas inúteis contendas sôbre palavras e questões sem importância. Timóteo devia afastar-se de tais. A piedade com contentamento é grande lucro, e, já que nada trouxemos a êste mundo e nada levaremos dêle, devíamos estar contentes com o necessário à vida. As riquezas trazem tentações enlaçadoras; o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e os que se voltam a tais coisas atravessam-se com muitas dores. Mas o homem de Deus, tal como Timóteo, tem que buscar a piedade e dar um bom testemunho perante muitos ouvintes. É necessário que isto se

faça até o aparecimento daquele que é “a imagem expressa” de Jeová Deus, o Senhor Jesus Cristo, o “Rei dos reis e o Senhor dos senhores, aquelle que só possui a immortalidade, e que habita em luz inacessível, a quem nenhum dos homens tem visto, nem pôde ver; ao qual seja dada honra e poder eterno”. Fazendo isto, o homem de Deus se fará rico em boas obras.—6: 1-21.

SEGUNDA TIMÓTEO

Em 64 (E. C.) Nero supostamente incendiou a cidade de Roma, e culpou mais tarde os cristãos pela tragédia. Seguiu-se uma violenta campanha de perseguição de cristãos. Serviram como bodes expiatórios à sanha popular. Foram lançados às feras no anfiteatro; foram queimados como tochas vivas para iluminar os jogos noturnos nos jardins imperiais e no circo do Vaticano. Êste era o estado de coisas quando Paulo foi prêso e levado a Roma para ser julgado pela segunda vez, conforme geralmente se supõe. A data foi aproximadamente 65 ou 66 E. C. De Roma Paulo escreveu segunda epístola a Timóteo; e esta foi a sua última carta canônica. Durante o primeiro encarceramento em Roma o apóstolo teve alguma liberdade de movimento; esperava ser liberto. Desta segunda vez as coisas eram muito diferentes. Parece que êle estava em cadêias, tão seguramente encarcerado que era só com grande dificuldade que alguém conseguia chegar até êle; enquanto Paulo esperava absolvição e liberdade por ocasião do primeiro encarceramento, esperava agora terminar a sua carreira na terra. Fôra considerado malfeitor, criminoso da pior espécie. (2 Tim. 1: 8, 16-18; 2: 9; 4: 6-8, 18) Êste tratamento rigoroso mostra a mudança da atitude de Nero para com o cristianismo. Crê-se que o martírio de Paulo se deu em Roma, aproximadamente em 66 E. C. A segunda epístola a Timóteo foi provavelmente escrita antes do inverno de 65 ou 66.

Paulo admoesta Timóteo a ficar firme na fé, não se envergonhando do evangelho ou do prisioneiro Paulo. Deus não deu um espírito de temor, mas de poder e de amor a duma

mente sã. Cristo aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade e Paulo sofre porque pregara estas coisas. (1:1-18) Paulo exorta a Timóteo a confiar a outros as coisas que aprendera, para que êstes instruissem ainda outros buscadores da verdade. Como bom soldado de Cristo devia suportar as dificuldades e não ficar envolvido nos assuntos desta vida. Paulo diz a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. Mas evita os falatórios profanos, porque produzirão maior impiedade." Instrua em mansidão! —2:1-26, *Almeida*.

Dá-se um aviso acêrca dos últimos dias. Êstes serão tempos perigosos; os homens serão como os brutos; qualquer piedade demonstrada seria só exibição. Embora os homens perversos se tornassem piores, Paulo exorta Timóteo a andar nas Escrituras, que lhe foram ensinadas desde a mocidade. Por quê? Porque "tôda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensino, para repreensão, para correção, e para instrução na justiça; a fim de que o homem de Deus seja completo, perfeitamente EQUIPADO PARA TÔDA BOA OBRA." (3:1-17; *Weymouth* [em inglês]) "Prêga a palavra, insta a tempo e fóra de tempo," exorta Paulo. Tempo virá em que as pessoas não suportarão a sã doutrina mas se cercarão de mestres que lhes agradarão naquilo que desejam ouvir pregar. Timóteo, porém, tem de provar o seu ministério, apesar de aflições. Paulo declara então que está pronto a ser oferecido na morte; está confiante que pelejou uma boa peleja e que o Senhor o ressuscitará, junto com outros fiéis, da morte à vida espiritual por ocasião do Seu aparecimento. Ao terminar, Paulo pede a Timóteo que venha a êle antes do inverno, e diz que, com exceção de Lucas, está sôzinho. Pede que Timóteo lhe traga os pergaminhos que deixou em Troas. Êle menciona que Alexandre, o latoeiro, lhe causa muito mal. Regozija-se que o Senhor Deus esteve ao seu lado quando os ourtos fugiram, e expressa de novo a confiança de que Jeová Deus o preservará para o reino celestial.—4:1-22.

REVISÃO: 1. Quem escreveu as epístolas a Timóteo? e como se podem refutar os pontos de vista contrários dos "altos críticos"? 2. Que indicam escritos antigos sobre o que seguiu ao primeiro encarceramento de Paulo em Roma? 3. Quando e donde provavelmente escreveu Paulo Primeira Timóteo? 4. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1-3? (b) Capítulos 4-6? 5. Quando escreveu Paulo Segunda Timóteo? e qual era a situação de Paulo e o fundo histórico daquele tempo? 6. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1, 2? (b) Capítulos 3, 4?

Lição 65

TITO E FILEMON

A relação entre Paulo e Tito era muito semelhante à existente entre Paulo e Timóteo. Ambos estes colaboradores de Paulo foram usados como organizadores para assegurar a ordem teocrática nas recém-fundadas companhias de cristãos. Tito não é mencionado no livro de Atos, mas seu nome aparece frequentemente nas epístolas de Paulo. É destas referências que se obtém a informação que êle nasceu de pais gentios e fazia provavelmente parte da delegação que acompanhava Paulo e Barnabé de Antioquia a Jerusalém por ocasião do importante concílio sobre a questão da circuncisão e outras ordenanças da lei para os gentios convertidos. (Atos 15:2; Gál. 2:1-3) Visto que Paulo se dirige a êle como "meu verdadeiro filho segundo a fé que nos é commum" (Tito 1:4), pode ser que fôra por meio da pregação de Paulo que Tito se tornou cristão. Crê-se que, como Timóteo, Tito era também jovem no tempo das suas atividades de serviço com o apóstolo Paulo. Depois da viagem a Jerusalém, mais ou menos em 49 E. C., Tito desaparece da nossa vista por vários anos, para voltar mais tarde na segunda carta aos coríntios, aproximadamente em 55 E. C. Ali se revela como trabalhando junto com o apóstolo Paulo para endireitar os problemas da igreja coríntia e foi, aparentemente, o portador da segunda carta de Paulo à companhia em Corinto. (2 Cor. 2:13; 7:6, 13; 8:6, 16-24; 12:18) Depois, Tito novamente desaparece, para reaparecer só após o livramento de Paulo do primeiro encarceramento em Roma.

Foi aparentemente depois desta soltura que Paulo e Tito

visitaram Creta. Tito foi deixado ali para trabalho organizacional nas congregações, conforme aparece claramente da carta que Paulo mais tarde enviou a Tito: “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem o que ainda não o está e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei.” (Tito 1: 5, *N. T. Revisado*) Exatamente quando durante os poucos anos restantes da vida de Paulo, depois da sua soltura de Roma, ocorreu esta visita a Creta e a subsequente carta ao jovem colaborador deixado ali não se sabe ao certo. Por esta ocasião ele poderia ter completado a desde há muito planejada viagem à Espanha. Supõe-se geralmente que a epístola foi escrita de Éfeso, durante o período de 61 a 64 E. C.

A carta a Tito está cheia de instruções para o jovem ministro a fim de capacitá-lo para corretamente ‘pôr em ordem o que ainda não o está e em cada cidade estabelcer presbíteros’. Paulo esboça as qualificações para superintendentes (chamados “presbíteros” nas versões portuguesas): devem ser irrepreensíveis como servos de Deus, não tendo mais do que uma espôsa, e filhos instruídos na fé e bem educados. Tal nomeado não deve ser obstinado ou teimoso, incapaz de controlar seu espírito, não dado demais ao vinho, nem procurar sórdidas ganâncias. Antes, deve demonstrar hospitalidade, amor ao bem, sobriedade, justiça, santidade e temperança. Acima de tudo, o superintendente tem de apegar-se fielmente às verdades que lhe foram ensinadas e estar capaz de usá-las convenientemente em exortação e pregação convincente. Esta última qualidade era especialmente necessária em Creta, pois seus habitantes eram famosos pelo costume de mentir. E a perspectiva duma recompensa em sórdidas ganâncias só os incitaria mais a continuar neste proceder falso. Estas bôcas mentirosas precisavam ser caladas pelos argumentos convincentes de superintendentes bem arraigados na verdade do evangelho, pois de outro modo famílias inteiras seriam desviadas da fé. Os lábios mentirosos dos cretenses professavam conhecer a Deus, mas suas obras abomináveis negavam-no.—1: 1-16.

Sendo informado sôbre as qualidades que devia procurar em outros, Tito recebe instrução acêrca de como êle mesmo se deve comportar e exortar outros. Os idosos êle deve exortar a serem sóbrios, firmes na fé, pacientes e amáveis. Se as mulheres idosas se comportarem assim estarão qualificadas a ensinar às jovens a serem castas e obedientes. Também os jovens devem ser sensatos. Mas Tito não devia meramente pregar estas coisas: teria de vivê-las. Paulo escreve: “Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversario se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós.” Ordena-se-lhe que exorte os servos a serem obedientes a seus senhores. Por que tôda esta exortação sôbre seriedade no proceder? Não é uma tentativa vã a fim de desenvolver um “caráter” imaculado; é um esforço justo para viver conforme à verdade a fim de que a palavra e o nome de Deus não sejam blasfemados. A Palavra de Deus ensina aos cristãos rejeitar a impiedade e os desejos mundanos e esforçar-se a viver vidas limpas neste presente mundo mau. Têm de olhar adiante ao aparecimento de Cristo, lembrando-se que êle os resgatou da iniquidade e os purificou como zelosos obreiros do bem. Estas coisas Tito estava autorizado a exortar.—2: 1-15, *Almeida*.

O capítulo final continua neste teor. A ordem teocrática precisa ser mantida; os que se acham em posições de maior responsabilidade devem ser obedecidos, para que se faça o serviço com mais presteza e unidade. As infamações deviam ceder à gentileza e mansidão, cada um lembrando-se de que anteriormente vivia em muitos pecados e que essa impureza não foi removida pelas obras pessoais de justiça mas pelo misericordioso “lavatorio da regeneração e renovação do espirito santo” que Jeová por meio de Cristo derramou tão abundantemente. (3: 5, 6) Cada um daqueles que recebem a justificação obtém-na pela graça e não por obras. Estas coisas boas e proveitosas são o que Tito deve estabelecer, para que se produza bom serviço. Deve ensinar e instruir, mas não al-

tercar. Questões tolas, contendas e disputas sôbre a lei êle deve evitar e rejeitar os que persistem nelas depois de uma segunda admoestação.—3: 1-11.

Os quatro versículos finais (12-15), em adição às saudações, revelam a expectativa de Paulo de passar o inverno em Nicópolis. A evidência mais recente parece indicar que esta cidade chamada Nicópolis estava localizada na costa ocidental da Grécia. Tito devia encontrar-se ali com Paulo, e aparentemente fêz a viagem programada, passando dali à Dalmácia. (2 Tim. 4: 10) Os relatórios mais antigos dizem que foi em Nicópolis, aproximadamente em 65 E. C., que Paulo foi prêso e levado a Roma pela segunda vez, e que, mais ou menos no ano 65 ou 66, foi decapitado em Roma.

FILEMON

Durante a primeira vez que Paulo esteve prisioneiro em Roma escreveu quatro epístolas canônicas. Uma delas era dirigida principalmente a Filemon, embora os versículos iniciais incluam os nomes de dois outros e a igreja ou grupo de companhia que se reunia na casa de Filemon. Aparentemente foi escrita quase no fim dos dois anos de encarceramento em Roma (59-61), e enviada aos cuidados de Tíquico e Onésimo, que provavelmente deixaram em Éfeso a carta aos efésios e passaram dali a Colossos para entregar a carta aos colossenses e esta breve epístola a Filemon. Filemon residiu em Colossos. O versículo 19 da carta é geralmente tomado como significando que Filemon tornou-se cristão devido às atividades de pregação do apóstolo Paulo.—Veja-se Colossenses 4: 7-9, 17; Filemon 2, 10-12.

Depois da saudação usual e duma expressão de elogio ao amor que Filemon manifestou para com seus companheiros cristãos (1-7), Paulo chega ao objetivo principal da sua carta. Onésimo, um escravo, por alguma razão fugira do seu senhor Filemon. O fugitivo alcançou Roma. Enquanto esteve ali encontrou-se com o prisioneiro Paulo e no decorrer do tempo creu no evangelho que Paulo pregava continuamente. Por isso Paulo escreve a Filemon: "Rogo-te por meu filho

Onesimo, que eu gerei nas minhas prisões.” (Ver. 10) Onésimo era zeloso e parece ter sido de considerável ajuda a Paulo na pregação do evangelho em Roma, mas Paulo enviou-o de volta ao seu senhor Filemon para que o êrro da fuga pudesse ser resolvido por Filemon de modo generoso e voluntário. O apóstolo diz a Filemon para acolher Onésimo não como servo mas como irmão no Senhor. E se te fêz algum mal ou se te deve alguma coisa, diz Paulo, lança-o na minha conta. Em vista do fato de que foi Paulo quem trouxe Filemon à gloriosa luz do evangelho, o apóstolo podia facilmente ser considerado como possuidor dum saldo credor junto a Filemon. Paulo estava confiante que o generoso colossense faria tudo e mais do que se lhe pedia. Para encerrar, Paulo expressa a esperança de em breve visitar Filemon por algum tempo, e transmite as saudações dos associados de Paulo em Roma a Filemon e aos outros.

REVISÃO: 1. Que informação acêrca de Tito se obtém das epístolas de Paulo? 2. Quando e como parece que Tito foi deixado em Creta para servir? 3. Quando e donde provavelmente escreveu Paulo a Tito? 4. Que qualidades devia Tito procurar nos nomeados? 5. Que exortações deveria Tito dar, e por quê? 6. Que se admoestou a cada um lembrar acêrca de misericórdia e obras? 7. Que devia evitar Tito? 8. Onde esperava Paulo encontrar Tito e que aconteceu depois? 9. Em que circunstâncias se escreveu e entregou a carta a Filemon? 10. Qual é a essência da carta?

Lição 66

HEBREUS

Quem escreveu a epístola aos hebreus? Esta é uma pergunta que tem suscitado não pouca controvérsia. Contudo, não há evidência substancial que aponte a outro que não Paulo como o escritor. Os cristãos gregos e asiáticos desde tempos antigos atribuem-na unânimemente ao apóstolo Paulo. A fraseologia, as expressões e as alusões usadas na epístola são similares às de outras epístolas de Paulo. As circunstâncias existentes na época em que foi escrita se ajustam a Paulo. Por exemplo, Paulo esteve na Itália (Heb. 13: 24), esteve ali em prisão (Heb. 10: 34), e conhecia intimamente Timóteo

e teve autoridade para dizer que viajaria com Timóteo se as circunstâncias permitissem (Heb. 13:23). Mais recentemente, em 1931, descobriu-se evidência adicional que estabelece Paulo como escritor de Hebreus. Nesse ano se publicou um achado de manuscritos em papiro. Um dêles, agora conhecido por Papiro Chester Beatty N° 2 (P⁴⁶), escrito pouco depois do ano 200 E. C., contém 86 fôlhas dum códice das epístolas de Paulo. Nesta coleção antiga das epístolas de Paulo aparece primeiro Romanos, e em segundo lugar vem Hebreus; oito outras epístolas de Paulo seguem-nas. Isto significa que os primitivos cristãos reconheceram Paulo como escritor de Hebreus; ao formarem seu códice ou livro das epístolas de Paulo incluíram como uma delas a carta aos hebreus.

Quanto à doutrina a epístola é típica de Paulo, e qualquer digressão do seu estilo ou tratamento usual se deve à consideração pelos seus leitores judeus que êle teve em mente. Em outras cartas Paulo enfatiza repetidamente a salvação por meio da fé e graça e não por meio das obras da lei. Contudo, êle demonstra respeito pela lei. Entende por que foi provida, que foi um pedagogo para conduzir Israel a Cristo. Quando Cristo veio, a lei terminara porque cumprira seu propósito e foi cumprida por Cristo. Tôda essa doutrina domina as epístolas aceitas de Paulo. O escritor de Hebreus mostra o mesmo claro entendimento do assunto. Nesta carta, dirigida a judeus cristãos, êle arrazoa sãbiamente do ponto de vista estritamente judeu. Mostra como a lei, as ordenanças e os sacrificios prefiguraram Cristo e Sua obra, como tôdas estas coisas foram cumpridas por Cristo e terminadas no sentido típico, como foram substituídas por antítipos muito mais gloriosos, que eram semelhantemente mais misericordiosos e mais benéficos para os próprios crentes judeus. As conclusões tiradas são as mesmas citadas por Paulo nas suas epístolas aos gentios e congregações mistas, mas os passos pelos quais se leva o argumento às conclusões são destinados a seguidores judeus. Leva-os sôbre terreno familiar a judeus, e aquêles que fôssem honestos não teriam dificuldade em seguir

o arrazoamento e podiam com consciência limpa ser transferidos da observância da lei à fé em Cristo.

Por que escreveria Paulo, o “apóstolo dos gentios”, uma epístola à congregação cristã judia da Palestina? Ele esteve sempre profundamente interessado nos seus patrícios, como se evidencia nas suas coletas em benefício dos judeus cristãos pobres da Judéia. (Atos 11: 29, 30; Rom. 15: 26-28; 1 Cor. 16: 1-14; 2 Cor. 8: 1-4; 9: 1-15) Mas, aparentemente por ocasião desta carta ele foi movido por motivos mais fortes e mais definidos. Os cristãos judeus através da Palestina, e especialmente em e ao redor de Jerusalém com seu templo, estavam expostos à ardente perseguição por parte de judeus que se apegavam à lei e à observância das suas ordenanças, as quais, por este tempo, se haviam tornado nada mais do que meros ritos. A forte pressão e perseguição procurava reconverter os cristãos judeus ao judaísmo; a poderosa epístola que Paulo lhes escreveu visava impedir tal apostasia. (Heb. 2: 1; 4: 1, 11; 6: 6; 10: 23-26) As verdades apresentadas fortaleceriam a fé dos judeus cristianizados. Fariam ainda mais: colocariam nas suas bôcas argumentos irrefutáveis com os quais poderiam derrotar os ataques dos seus perseguidores religiosos e convencer e converter judeus honestos que buscavam a verdade de Deus. Estes argumentos os equipariam para dirigir judeus interessados sôbre terreno familiar e trazê-los ao pleno entendimento dos propósitos do pacto da lei e seu cumprimento e para introduzí-los nas bênçãos do novo pacto. A epístola de Paulo era “sustento a seu tempo” para os cristãos judeus naquele tempo e naquele território. Equipou-os para boas obras no serviço do Reino.

Quando se escreveu a epístola aos hebreus? Certamente antes da destruição do templo, em 70 E. C., porque o serviço do templo é representado como sendo celebrado continuamente. (8: 4; 9: 25; 10: 11; 13: 10) O tempo da escrita fica ainda mais limitado quando nos lembramos de que foi composta por Paulo. Ele se achava encarcerado em Roma, de 59 a 61 E. C. A carta foi escrita da Itália por alguém prêso ou re-

centemente prêso. (10:34; 13:24) Timóteo acabava de ser “liberto” ali, ou, segundo uma outra versão possível do original grego, “mandado embora.” (13:23; *Diaglott* [em inglês]) Quase no fim do primeiro encarceramento de Paulo em Roma, êle escreveu a Filemon e aos colossenses, efésios e filipenses. Timóteo estava então com êle, mas naquele tempo Paulo estava ansioso para enviar Timóteo aos filipenses. (Fil. 2:19) É possível que Timóteo fôra agora “mandado embora” a Filipos. Tudo isso argumenta que Paulo escreveu Hebreus bem perto do fim do seu encarceramento ou logo depois do seu livramento. Visto que não menciona a esperança duma breve libertação, assim como o fêz nas outras epístolas escritas da prisão, muitos concluem que já fôra absolvido, mas se encontrava ainda na Itália. O tempo da composição pode ser provavelmente atribuído ao ano 61 E. C. Assim como as outras epístolas de Paulo, Hebreus foi mui provavelmente escrito em grego *koiné*, o qual era bem entendido pelos judeus em geral. Segue-se um curto sumário do conteúdo de Heberus.

Deus, em várias ocasiões e de vários modos, falou no passado aos pais de Israel por meio de profetas, mas nestes últimos dias Deus falou a Israel por meio do seu filho Cristo Jesus. Êsse filho fôra feito herdeiro de tôdas as coisas, é a imagem expressa de Deus, purgou de pecados os seus seguidores, e está agora sentado à destra de Jeová, exaltado muito acima dos anjos. (1:1-14) Portanto, as coisas faladas por Deus pelo seu Filho amado devem ser sèriamente atendidas e lembradas. Êste Filho fôra feito inferior aos anjos e sofreu a morte a fim de provar a morte em favor de tôda humanidade obediente. Por meio da morte Cristo Jesus se qualificou para finalmente destruir aquêle que tem o poder da morte, isto é, o Diabo. Agora é misericordioso sumo sacerdote e apto para fazer reconciliação pelos pecados do povo. (2:1-18) Cristo e a sua ministração são muito mais gloriosos do que Moisés e seu serviço. A voz do Sumo Sacerdote deve ser atendida. Os que recusaram ouvir as instruções dadas por meio de Moisés morreram no deserto; por causa de descrença deixaram de

entrar no descanso de Jeová. Aquêles feitos participantes de Cristo deviam ser edificados com as duras experiências dêles; os cristãos devem apegar-se à fé e obediência, para que possam entrar no descanso prometido. Todos precisam andar circunspectamente, por que a palavra de Deus discerne os pensamentos e intenções do coração e da mente; todos se manifestam aos olhos de Deus. Mas Cristo Jesus é um sumo sacerdote misericordioso e provê graça ao servo em tempo de necessidade.—3:1-4:16.

Jesus Cristo é um sumo sacerdote compassivo porque êle mesmo fôra feito carne e passou uma severa prova de integridade às mãos de Satanás e seus agentes. Aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu; tôdas as provas penosas acharam-no perfeito em integridade. Depois êle se tornou o autor da salvação de todos os homens obedientes e foi nomeado por Deus sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec. (5:1-14) A perfeição e salvação não vem, pois, por obras mortas mas pelos bons ofícios dêste misericordioso Sumo Sacerdote. Se depois da pessoa ter sido iluminada e gerada do espírito ela se desviar, o seu retôrno ao dom divino por meio de arrependimento é impossível. Paulo, por isso, exorta os hebreus a ficarem firmes na fé, a reconhecerem que a esperança diante dêles é segura, estando garantida por um juramento de Deus. Isto devia firmá-los com segurança e impedir que se desviassem.—6:1-20.

Paulo mostra a seguir a superioridade do sacerdócio de Melquisedec sôbre o sacerdócio levítico. Levi, que recebeu dízimos, na realidade pagou dízimos a Melquisedec visto que ainda estava nos lombos de Abraão quando êste patriarca deu dízimos a Melquisedec, rei e sacerdote. A perfeição nunca poderia vir pelo sacerdócio levítico, de modo que se tornou necessária uma mudança de sacerdócio, a qual requeria também uma mudança de lei. Os sacerdotes levitas ofereciam constantemente sacrifícios pelos pecados e finalmente morriam; Cristo Jesus o Sumo Sacerdote oferece um só sacrifício que purifica para sempre, e êle mesmo vive para sempre. (7:1-28)

Cristo era mediador dum novo concêrto, um pacto melhor, pelo qual se escreviam as leis de Deus nas mentes e corações. (8: 1-13) Os sacrifícios sob o pacto da lei eram típicos. Os sumos sacerdotes levíticos entravam anualmente no santíssimo do tabernáculo e do templo e ofereciam em expiação sangue de touros e de bodes; Cristo Jesus entrou uma só vez na presença santíssima de Jeová Deus e ofereceu seu próprio sangue em expiação pelos pecados da humanidade obediente. —9: 1-28.

No décimo capítulo se mostra que os sacrifícios sob o arranjo da lei realmente não purificaram do pecado, mas eram meras sombras dum melhor sacrifício vindouro. Apontavam Cristo. Ele veio num corpo perfeito, ofereceu-o a Deus, cumpriu a lei, findou-a, e estabeleceu um novo concêrto. Sob o arranjo dêste ofereceu um só sacrifício; não era necessário repeti-lo como aquêles executados no velho pacto da lei; era suficiente para expurgar os pecados para sempre. Paulo, então, aconselha os hebreus mais uma vez a se reunirem e se exortarem uns aos outros e a ficarem firmes. Por quê? Por que se pecarem voluntariamente depois de participarem dos benefícios dêste único sacrifício, não resta mais outro sacrifício futuro pelos seus pecados. Um castigo terrível recairá sôbre os que voltam para trás. Os cristãos hebreus são lembrados que já antes se apegaram firmemente à sua fé sob severa perseguição, e poderão fazê-lo novamente.

No capítulo seguinte Paulo os fortalece por definir a fé e recapitular os exemplos passados de fé mantida apesar de cruel aflição. (11: 1-40) Com tal nuvem de testemunhas fiéis, provando que se pode manter a integridade sob pressão, os cristãos deviam tomar coragem e correr fielmente a carreira, embora sob chibatadas de perseguição. Cristo Jesus, seu Chefe e Comandante, correu pacientemente e com êxito, suportando tudo. Não se deve menosprezar a correção; ela obrará para o bem, se suportada. Fazei veredas direitas para os vossos pés; guardai-vos para que não brote alguma raiz de amargura. Ainda vos lembrais quão terrível fôra a ocasião da inaugura-

ção do concêrto da lei em Sinai, quando o monte ardia em fogo e lançava fumaça e estremecia e retumbavam os trovões e brilhavam os relâmpagos? O temor de desagradar a Deus quanto ao novo pacto deve ser maior: a assembléia cristã se chega ao monte Sião, à Jerusalém celestial, e à companhia dos anjos, à igreja dos primogênitos, a Cristo Jesus, e a Jeová Deus o Juiz de todos.—12: 1-29.

O capítulo treze e final de Hebreus é dedicado a diversas exortações, entre as quais se destaca: “Offereçamos constantemente a Deus sacrificios de louvor, isto é, o fructo dos labios que confessam o seu nome.”

REVISÃO: 1. Quem escreveu a epístola aos hebreus? e por que responde assim? 2. Por que escreveu Paulo aos hebreus? 3. Quando lhes escreveu? e à base de que evidência responde assim? 4. Como resumiria (a) os capítulos 1-4? (b) Os capítulos 5, 6? (c) Os capítulos 7-9? (d) O capítulo 10? (e) Os capítulos 11, 12? (f) O capítulo 13?

Lição 67

TIAGO

“Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesús Cristo, às doze tribos que andam dispersas, saude.” (*Almeida*) Assim começa a epístola de Tiago. Qual Tiago? Há quatro ou cinco discípulos de Jesus chamados assim nas Escrituras Gregas. Dois dêles eram apóstolos; mas visto que o escritor da epístola se identifica meramente como servo de Deus e de Cristo e não como apóstolo, êstes dois Tiagos são geralmente eliminados. O único Tiago de algum destaque que resta é o irmão de Jesus. (Mat. 13: 55; Mar. 6: 3; Gál. 1: 19, *Ver. Norm. Amer.*, margem [em inglês]) Enquanto Jesus pregava na terra seus irmãos mais moços segundo a carne não creram nêle; mas o fizeram pouco depois da sua ressurreição. (João 7: 5; Atos 1: 14) Seu irmão Tiago foi talvez convertido ao cristianismo por uma aparição do ressuscitado Jesus. (1 Cor. 15: 7) De qualquer modo, Tiago parece ter logo recebido um encargo na companhia dos cristãos em Jerusalém, e, em várias ocasiões, presidiu aos concílios em Jerusalém e anunciou decisões.

(Atos 12:17; 15:13-23; 21:18) É possível que foi Tiago quem escreveu os decretos emitidos pelo concílio que presidiu, decretos que Paulo e Silas entregaram. (Atos 15:23-29; 16:4) Com tôda probabilidade escreveu a epístola geral de Tiago e fêz que a circulassem desde Jerusalém aos cristãos em tôda parte.

Se a carta foi escrita por Tiago, irmão de Jesus, então foi enviada o mais tardar em 62 E. C. Este foi o ano em que morreu o procurador da Judéia, Festo. A história secular relata que antes que chegasse seu sucessor Albinus houve um levante dos judeus, durante o qual o sumo sacerdote reuniu o Sinédrio e levou perante êle Tiago, irmão de Jesus. O sumo sacerdote forjara falsas acusações contra Tiago e em resultado o irmão do Senhor foi entregue para ser apedrejado. Visto que seu martírio se deu no ano 62, sua epístola deve ter sido escrita antes dêsse tempo. Não é possível dizer-se quanto tempo antes do ano 62 se escreveu a epístola, mas uma consideração de várias circunstâncias mostra não ser provável que fôsse muito antes daquele tempo. Por aquela época, também, o “Israel de Deus” cristão tivera tempo de se espalhar até os limites insinuados pela carta.

A epístola de Tiago não é tanto doutrinal quanto prática. Exige que a fé seja apoiada por obras. Mas, de nenhum modo pode ser chamada uma epístola oposta à posição enfática adotada por Paulo sôbre a salvação pela fé e não por obras, conforme alguns contenderam. Absolutamente não. Ela enfatiza a necessidade de fé, mas duma fé que se manifesta em obras, em harmonia com ela, e não por mera pretensão de fé por meio de serviço de lábios. Não advoga o retrocesso às obras da lei, e eram essas as obras mortas que Paulo condenou como impotentes para trazer a salvação. Tiago e Paulo tiveram a mesma opinião sôbre a verdade do evangelho.—Atos 15:1, 2, 13, 19, 20; Gál. 1:19; 2:9.

A prova da fé do cristão obra para a firmeza e perseverança paciente; deve-se, portanto, resistir com alegria às tentações e aflições. Se faltar à pessoa a sabedoria de cima que é uma

defesa, peça-a de Deus, que lhe dará dela liberalmente se a petição vier em boa fé, sem dúvida, sem vacilação, sem subterfúgio. Os que suportam tôdas as tentações, depois da sua provação, receberão a corôa da vida. Mas, só porque Deus permite que se faça a prova, aquêlê sendo provado não deve concluir que está sendo *tentado* por Deus: Deus não tenta a ninguém. A tentação vem quando a pessoa está sendo desviada pela sua própria cobiça, a qual, concebendo, dá à luz o pecado, terminando na morte. Deus, que dá dádivas boas e perfeitas, é o Pai da luz em quem não há variação alguma, e êle gera os cristãos como filhos espirituais. Esta geração se faz por meio da palavra da verdade. E não se deve sòmente ouvi-la, mas praticá-la. Assim será abençoado no serviço. “A adoração que é pura e santa diante de Deus o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas na sua aflição, e guardar-se imaculado do mundo.”—1: 1-27, tradução de Murdock do siríaco.

O crente na verdade de Deus não deve ser respeitador de pessoas. Não se deve mostrar parcialidade para com uma pessoa por causa da sua posição ou riqueza ou aparência exterior. A roupa não faz o cristão. Quem veste roupa fina não deve ser favorecido por causa do seu adôrno, enquanto o pobre em roupa esfarrapada é empurrado para um lado. Ora, não escolheu Deus os pobres dêste mundo, ricos em fé, para herdarem o Reino? Portanto, não se despreze ao pobre. São êles principalmente a classe que honra a Deus; os ricos como grupo são opressores e blasfemadores. Não faça, então, acepção de pessoas, assim pecando, mas trate de cumprir o mandamento, “Amarás ao teu proximo como a ti mesmo.” Demonstre misericórdia, para que também receba misericórdia. E, quanto à fé, deve ser uma fé viva que encontre expressão externa no seu modo de proceder. Sòmente tal fé apoiada por obras traz justificação. “A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma.” “Assim como o corpo sem espirito [fôlego, *Ver. Rei Jaime*, margem (em inglês)] é morto, assim também a fé sem obras é morta.”—2: 1-26.

Tiago entra a seguir numa discussão vital, a de controlar

a língua. Êle usa linguagem figurativa que fortemente impressiona os seus leitores com a difficuladde de controlar êste membro pequeno que muitas vêzes é tão desenfreado. Se o homem puder controlar a língua será também capaz de governar o corpo inteiro. Os freios nas bôcas dos cavalos podem dirigir todos seus corpos. Pequenos lemes em navios grandes podem fazer voltar o navio inteiro mesmo que impellido por fortes ventos. Assim também a língua é um membro pequeno do corpo, mas é muito jactancioso. Uma fagulha pode incendiar uma floresta inteira, e a língua pode ser um fogo para inflamar o corpo todo e profaná-lo. Feras, aves, reptis, criaturas do mar, todos podem ser domados pelo homem: “porém a lingua, não ha homem que a possa domar.” Bênção e maldição procedem dêste único órgão; isto não é bom. Se a pessoa fôr sábia, que o demonstre pelo seu proceder e conduta. Ciúmes e contendas não refletem a verdadeira sabedoria, mas são diabólicos; “a sabedoria que vem lá de cima é primeiramente pura, depois pacifica, moderada, facil de se conciliar, cheia de misericordia e de bons fructos, sem parcialidade, sem hypocrisia.”—3: 1-18.

O capítulo 4 começa com perguntas sôbre a fonte de discórdia e contenda nas fileiras das companhias cristãs e attribui as difficuldades à cobiça. Parece que naquele tempo as congregações estavam caindo no laço de querer as riquezas dêste mundo, respeitando os ricos, e metendo-se desnecessariamente em assuntos mundanos na busca desenfreada dos seus bens e prazeres. Pediram erradamente tais coisas, pensando usá-las para satisfazer seus desejos carnaes. Tiago prorrompe na pergunta esquadrinhadora: “Adulteros, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?” E agrega, “Aquelle, pois, que quizer ser amigo do mundo, constitue-se inimigo de Deus.” Tiago conclui estas expressões vigorosas com sérios arrazoamentos e forte apêlo. Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Se resistirdes ao Diabo, êle fugirá de vós. Se vos aproximardes de Deus, êle se chegará a vós. Purificai-vos, arrependei-vos, sêde humildes. Não falai mal dos

outros nem os julgueis; Deus é o Juiz. Cuidai da vossa própria conduta. É pecado saber fazer o bem e não fazê-lo. —4: 1-17.

No capítulo final, os que se apaixonaram pela acumulação de riquezas são fortemente censurados. A miséria lhes sobrevirá como um dilúvio. As riquezas que obtiveram não são da espécie que perdura, e suas roupas finas e vistosas caem vítimas da humilde traça. A ferrugem do seu ouro e prata clamarão em testemunho condenatório; o salário defraudado aos trabalhadores adiciona a sua voz; e enchendo o côro até alcançar o alto céu e Jeová Deus, estão os gritos dos próprios lavradores defraudados. Viveram desenfreadamente em prazeres pervertidos os que buscavam o dinheiro, todo o tempo condenando e matando os justos que não resistiram. Mas, entre tôda esta iniquidade o cristão deve agüentar pacientemente até a vinda do Senhor e Sua execução da sentença justa. Ora, veja os profetas, como êles suportaram pacientemente muita aflição. E Jó, lembra-se como êle manteve a sua integridade através de intenso sofrimento, mas no fim foi abundantemente abençoado por Jeová Deus? Persevere, então, até o fim derradeiro da iniquidade, e recorra rapidamente à oração a Deus, especialmente em tempo de adversidade.—5: 1-20.

Dêste exame do conteúdo da epístola de Tiago manifesta-se que, em lugar de combater as epístolas de Paulo sôbre a justificação pela fé e pela graça em vez de pelas obras, Tiago tratou de corrigir certas condições surgidas nas companhias em geral, condições que se tornaram um laço. Por exemplo, êle enfatiza não só a fé, mas a fé provada por obras. Não obras da lei, mas obras em harmonia com os mandamentos de Cristo e a fé Nêle. Alguns aparentemente renderam serviço de lábios e pretenderam estar na fé, mas seu modo de proceder desmentiu sua pretensão. Por ocasião desta epístola a igreja primitiva havia crescido e ficado bem estabelecida. Alguns estavam se tornando negligentes; ficaram tentados e deslumbrados pelas atrações do mundo; foram desviados pelas suas próprias concupiscências ao pecado voluntário e para

longe do serviço teocrático. Macularam-se com o mundo impuro, respeitando a homens por causa da sua posição mundana, êles próprios anelando riquezas materiais. Era tempo de começarem a provar suas pretensões de serem cristãos por meio de obras justas. Era evidente que línguas invejosas estavam tagarelando diligentemente e necessitavam de contrôlle. Deviam manifestar a sabedoria de cima e não erudição terrestre. Tôdas estas pareciam ser as condições que tendiam a causar o desvio de alguns da fé do cristianismo. Por meio da sua epístola Tiago tratava de fazê-los cair em si.

REVISÃO: 1. Quem parece ser o escritor mais provável desta epístola? 2. Quando foi provavelmente escrita? 3. Está ela em conflito com as epístolas de Paulo, conforme alguns sustentam? 4. Qual é o conteúdo do (a) capítulo 1? (b) Capítulo 2? (c) Capítulo 3? (d) Capítulo 4? (e) Capítulo 5? 5. Que condições estava Tiago aparentemente tentando remediar pela sua epístola?

Lição 68

PRIMEIRA E SEGUNDA PEDRO

Só a tradição religiosa afirma que Pedro foi o primeiro bispo de Roma, e quando essa tradição prossegue sustentando que Pedro foi o primeiro papa, então se torna crassa blasfêmia. A Bíblia prova falsas ambas as pretensões. Quando Paulo escreveu aos romanos, em 55 ou 56 E. C., êle menciona trinta e cinco nomes, e manda lembranças a vinte e seis por nome, mas nem saudou nem mencionou o prominente apóstolo Pedro. Quão absurdo seria pensar que Paulo teria menosprezado tanto o "bispo de Roma", considerando-se que houvesse existido tal cargo e houvesse sido ocupado por Pedro! Além disso, Paulo escreveu cartas de Roma durante os anos de 59 a 61 E. C. até mais ou menos o ano 65; mas em nenhuma destas cartas, que contêm referências a bem conhecidos cristãos que trabalhavam com Paulo, e que transmitem saudações de alguns dêles, Paulo jamais menciona o apóstolo Pedro. Obviamente, Pedro não estava em Roma, quer como "bispo" quer de outro modo.

Pedro viajou pregando o evangelho, especialmente aos ju-

deus. (1 Cor. 9:5; Gál. 2:7-9) O registro bíblico não contém um relato tão definido das suas viagens como o das viagens de Paulo, contudo o mostra em diferentes lugares em diferentes tempos. Um destes lugares era Babilônia. E é este o lugar que nos interessa em relação à primeira epístola de Pedro. O versículo inicial identifica o escritor da carta como "Pedro, apóstolo de Jesus Christo", e o penúltimo versículo indica o lugar de onde a epístola foi escrita: "Saúda-vos a igreja que está em Babilônia, eleita convosco, e o mesmo faz meu filho Marcos."

A Hierarquia Católica Romana pretende que Pedro usou aqui o termo "Babilônia" como nome místico, emblemático de Roma. Mas seu testemunho é motivado pelo preconceito religioso, pelo seu motivo ulterior de fazer Pedro estar aparentemente em Roma. A saudação numa carta franca dificilmente é o lugar de se esperar linguagem críptica e vaga. Nada adianta dizer-se que Pedro usou tal linguagem obscura por temor do Império Romano, visto que ele era conhecido pela sua intrepidez. (Atos 4:13) Paulo escreveu epístolas de Roma, mesmo durante a parte mais calorosa da perseguição de Nero, e identificou Roma como seu enderço. (Fil. 4:22; Heb. 13:24; 2 Tim. 1:16, 17) A coragem de Pedro era da mesma qualidade da de Paulo. Quando Pedro disse Babilônia, queria então dizer Babilônia. Não há nem sombra de prova de que Pedro escreveu a epístola de Roma. Existe alguma discussão quanto a se a Babilônia a que se refere era a antiga Babilônia no Eufrates ou alguma outra cidade dêsse nome. Existia uma Babilônia no Egito, e pode ser que Selêucia pouco ao norte da antiga Babilônia fôsse naquele tempo chamada Babilônia moderna. Não obstante, não há razão para não se tomar a Babilônia na Mesopotâmia como o lugar donde Pedro escreveu. É verdade que no tempo de Pedro a antiga Babilônia não era mais a próspera metrópole de antes, mas ainda habitavam ali muitos judeus e era um centro de cultura judaica. (Josefo, *Antiguidades*, Volume 15, Capítulo 2, parágrafo 2, e Capítulo 3, parágrafo 1) Pedro, possuindo "o apostolado da

circuncisão", seria naturalmente atraído àquele centro judeu para pregar o evangelho.

Quando escreveu sua primeira epístola? Não se pode estabelecer um tempo definido, mas é bem provável que Pedro a escrevesse durante o período de 61-65 E. C. Marcos estava com êle. (1 Ped. 5:13) Em 60 e possivelmente no princípio de 61 Marcos estava com Paulo em Roma, mas prestes a partir para a Ásia Menor. (Col. 4:10) Da Ásia Menor êle viajou aparentemente à Babilônia e serviu ali por algum tempo junto a Pedro. Por volta do ano 65, porém, Marcos voltara da Ásia Menor e fôra chamado por Paulo a Roma. (2 Tim. 4:11) Descontando-se o tempo da viagem, Marcos esteve provavelmente com Pedro em Babilônia durante algum tempo no período de 62-64. Portanto, foi durante êsse tempo que a primeira epístola de Pedro parece ter sido escrita. O teor da carta sugere que os destinatários estavam sofrendo perseguição, mas provações ainda mais severas os esperavam. As condições harmonizam-se com o tempo em que Nero piorava, mas antes da terrível perseguição lançada contra os cristãos no ano 64.

A primeira epístola de Pedro foi dirigida aos cristãos nas províncias romanas de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bítínia. Sem dúvida as congregações ali estavam compostas tanto de judeus como de gentios. Que Pedro não escrevera exclusivamente aos cristãos judeus é óbvio das referências ao estado anterior de alguns dos seus leitores. (1:14; 2:9, 10; 4:3; 5:14) A carta foi entregue por Silvano.—5:12.

No capítulo inicial Pedro convida os cristãos a se alegrarem na herança incorruptível reservada para êles no céu, embora estivessem por algum tempo cercados por muitas tentações. Seja a prova da sua fé, embora provada por fogo, encontrada refletindo glória e louvor a Deus no tempo do aparecimento de Jesus. Os profetas predisseram os sofrimentos de Cristo e a glória que seguiria, mas não puderam apreciar plenamente as glórias da herança com Êle. Os anjos desejaram olhar nos segredos das verdades do evangelho do Reino,

mas não puderam. Os cristãos, graciosamente favorecidos pela revelação de Jesus Cristo, deviam, pois, andar circunspectamente, em temor e santidade. Não com coisas corruptíveis, tais como prata e ouro, mas com o sangue precioso de Cristo foram resgatados.

Como pedras vivas os cristãos são edificados como templo, no qual se devem oferecer sacrifícios aceitáveis a Deus. Cristo é a Principal Pedra Angular, rejeitada pelos chefes religiosos judeus e sobre a qual eles fizeram a maioria dos judeus tropeçar. Mas para vós, que aceitastes Cristo, é necessário que “proclameis as grandezas daquelle que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. Deveis evitar as concupiscências carnis e por meio de boas obras glorificar a Deus. Submetei-vos à regência e organização teocráticas. Usai vossa liberdade cristã no desempenho da piedade, não como manto para iniquidade. Amai vossos irmãos, e honrai a Cristo o Rei. Suportai pacientemente os maus tratos. Cristo Jesus o fêz, e deveis seguir nas suas pisadas.—2:1-25.

As mulheres devem estar sujeitas aos seus maridos, adornando-se com obras cristãs e um espírito manso e quieto. Os maridos devem amar suas mulheres e dar-lhes consideração como “vaso mais fraco”. Pedro exorta então à unidade e ao amor entre os irmãos em Cristo. Alegrai-vos dos vossos sofrimentos por causa da justiça; santificai ao Senhor em vossos corações e estai sempre prontos a testificar acerca da esperança que há em vós; sofri por fazer o bem antes do que por praticar o mal. Pedro revela que Cristo, depois da Sua ressurreição, pregou aos filhos de Deus desobedientes nos dias de Noé, que a passagem a salvo de oito almas humanas através do dilúvio era uma figura do batismo, e que Cristo está agora no céu à destra de Deus. (3:1-22, *Almeida*) Para resistir ao sofrimento o cristão precisa armar-se com o pensamento de Cristo Jesus, com o conhecimento da questão envolvida e dos propósitos de Deus. Depois de várias exortações Pedro discute de novo o sofrimento por causa da justiça e o gozo de manter a integridade por meio dela, mas admoesta

contra o sofrimento como ladrão ou malfeitor ou assassino ou como quem se intromete em negócios alheios. Andai circunspectamente; o juízo começa na casa de Deus.—4: 1-19.

Os anciãos numa congregação devem dispensar o alimento espiritual voluntariamente, prontamente, como bons exemplos. Todos devem ser humildes. Todos devem ser sóbrios e vigilantes, porque o Diabo anda em redor como um leão rugidor buscando devorar as testemunhas de Deus. Permanecei firmes em tôda aflição e sereis aperfeiçoados em integridade, fortalecidos e firmemente estabelecidos.—5: 1-14.

SEGUNDA PEDRO

A primeira epístola de Pedro tem sido quase unânimemente aceita como genuína, mas a autenticidade da segunda epístola por muito tempo foi questionada. Os “altos críticos” que lançam dúvida sobre o fato de Pedro ser o escritor sofismam principalmente baseados na suposta diferença de estilo entre a primeira e a segunda carta. Podemos sãbiamente evitar tal falatório vão que não encontra fundamento na história ou na Escritura. O apóstolo Pedro é declarado como sendo o escritor da carta. (2 Ped. 1: 1) O escritor fôra testemunha da cena da transfiguração (1: 16), sua morte fôra predita por Cristo Jesus (1: 14; João 21: 18, 19), e êle escrevera uma epístola anterior que circulara de modo geral (3: 1). Pedro foi o escritor, segundo as Escrituras inspiradas que Jeová Deus fêz preservar no cânon da Bíblia.

Esta segunda epístola de Pedro foi provavelmente escrita pouco depois da primeira, de Babilônia ou vizinhança. Provavelmente foi composta por volta de 64 E. C. Por êste tempo já tôdas as epístolas de Paulo a congregações haviam sido escritas e circuladas e aceitas em geral como inspiradas. Pedro assim testifica e compara-as favoravelmente com “as demais Escripturas”. (3: 15, 16) As únicas epístolas que Paulo escreveu talvez depois de Segunda Pedro foram as três assim-chamadas “epístolas pastorias”, uma a Tito e duas a Timóteo. A segunda epístola de Pedro tem um alcance mais

geral, abrangendo todos os cristãos. É certo que se dirige aos destinatários da primeira epístola (3:1), e também é evidente que se estendeu a muitos aos quais Paulo pregara e escrevera. (3:15, 16) É provável que por êste tempo a primeira epístola de Pedro circulasse além dos limites especificados nas suas palavras iniciais e assim se tornasse bastante geral.

A matéria em discussão na segunda epístola é bem diferente daquela da primeira carta. Ele diz aos “participantes da natureza divina” para demonstrarem fé, virtude, conhecimento, temperança, paciência, piedade, bondade e amor fraterno. Os que possuem tais qualidades nunca seriam estéreis ou infrutíferos no conhecimento de Cristo; aquêles que não as têm estariam cegos. Aconselha-os a fazerem firmes a sua vocação e eleição, e agrega que, para ajudá-los, fá-los-á sempre lembrar das coisas vitais. Pedro refere-se a seguir à transfiguração e ao tornar mais segura a palavra da profecia avisando que “nenhuma prophesia da Escriptura é de particular interpretação”. Não procedeu da vontade de homem, mas homens santos falaram conforme movidos pelo espírito de Deus.—1:1-21.

No segundo capítulo Pedro avisa contra falsos profetas e falsos mestres e da sua destruição certa, assim como os ímpios foram destruídos no dilúvio típico e na queda típica de Sodoma e Gomorra. Mas o Senhor sabe libertar de tôdas as tentações os fiéis que temem a Deus. Depois de vários versículos sôbre a completa perversão de falsificadores lúbricos, se demonstra que, se depois de a pessoa escapar das corrupções do mundo pelo do conhecimento da verdade, voltar ao mundanismo, seu último estado é pior do que o primeiro. É semelhante ao cão que voltou ao seu vômito ou à porca lavada que tornou a revolver-se no lamaçal.—2:1-22.

Os últimos dias! Então virão muitos escarnecedores. Serão voluntariamente ignorantes de como Deus destruiu o primeiro mundo iníquo pelo Dilúvio, e tais sábios na sabedoria carnal não acreditarão que êste “presente mundo perverso” se dissolverá sob o calor terrível dos ardentes juízos de Jeová.

Surpreendê-los-á como um ladrão de noite. "Mas nós, segundo a sua promessa, esperamos novos céos e uma nova terra, nos quaes habita a justiça." Portanto, irmãos cristãos, visto que esperais êste novo mundo, procurai diligentemente crescer em graça e em conhecimento e ser achados imaculados.—3: 1-18.

REVISÃO: 1. Foi Pedro "bispo de Roma", e por quê? 2. Onde escreveu Pedro sua primeira epístola? 3. Quando a escreveu? 4. A quem a escreveu? 5. Resuma seu conteúdo, capítulo por capítulo. 6. Como provaria que Pedro foi o escritor da segunda epístola que leva seu nome? 7. Quando a escreveu? donde? e a quem? 8. Qual é o conteúdo do (a) capítulo 1? (b) Capítulo 2? (c) Capítulo 3?

Lição 69

EPÍSTOLAS DE JOÃO E JUDAS

O apóstolo João, aquêle de quem se diz que era especialmente amado por Cristo Jesus, terminou a escrita do cânon das Escrituras Gregas, durante a última década do primeiro século da era cristã. Êle compôs cinco livros da Bíblia, três dos quais são epístolas. A primeira carta de João é quase unânimemente reconhecida como vinda da pena do apóstolo que escreveu o Evangelho e Apocalipse. Respeito a quando e onde fôra escrita, as opiniões divergem. Porém, a evidência disponível sôbre êstes pontos parece suportar a crença de que se escreveu a epístola depois do Apocalipse, escrito aproximadamente em 96 E. C., e mais ou menos ao mesmo tempo que o Evangelho de João, cêrca do ano 98 ou 99. Parece que o apóstolo João passou os últimos anos da sua longa vida nas vizinhanças de Éfeso na Ásia Menor, e é por isso provável que escrevesse sua primeira epístola desta região. Não é dirigida especificamente a uma congregação ou indivíduo e por isso se a considera como destinada à circulação geral entre companhias cristãs.

O amor é a qualidade que se faz destacar na epístola. O capítulo inicial declara que "Deus é luz, e não ha nelle nenhuma trevas". Portanto, se a pessoa pretende ter comunhão com Deus e ao mesmo tempo anda em escuridão, essa pessoa é mentirosa. Só os que andam na luz têm comunhão com Deus e Cristo e os irmãos cristãos. Todos têm pecados, mas

se confessarem êstes pecados e buscarem perdão em nome de Jesus serão purificados de tôda injustiça. (1:1-10) Depois de identificar a Cristo Jesus como o Advogado do cristão junto ao Pai e a propiciação não só dos pecados dêles mas também dos pecados do novo mundo inteiro, João admoesta contra amar êste velho mundo e as coisas que nêle há. Deus não ama êste mundo cheio de concupiscência e orgulho; os que o amam não podem ser amados por Deus nem têm amor por Deus nos seus corações. Êste mundo e seus amantes passarão, mas “aquelle que faz a vontade de Deus, permanece para sempre”. O apóstolo avisa então contra os anticristos, e admoesta os fiéis a ficarem firmes na unção do espírito da verdade que os ensinou.—2:1-29.

O amor singular de Deus pelas criaturas se demonstra pela chamada de alguns homens para serem filhos de Deus em glória espiritual, semelhantes ao glorificado rei Cristo Jesus. Aquêles chamados devem daí em diante viver para a justiça e não cometer voluntariamente pecado. Seu amor fraternal deve ser transbordante, não abrigando nos recessos íntimos do coração qualquer traço de ódio aos seus irmãos. O invejoso Caim matou seu irmão Abel, que estava disposto à justiça; os que odeiam seus irmãos também são homicidas. Deve-se mostrar o amor por atos de consideração. “Não amemos de palavra nem de lingua, mas por obras e em verdade.” (3:1-24) Depois de alguma informação sôbre como provar os espíritos para determinar se são de Deus ou do Diabo, João continua a sua exortação acêrca do amor fraternal e amor de Deus. Deus é amor. Êle manifestou seu amor para conosco enviando seu Filho à terra para servir de propiciação pelos nossos pecados. Devíamos demonstrar altruísmo semelhante para com nossos irmãos. Além disso, nosso amor a Deus tem de refletir perfeita devoção e integridade para com Êle. Intrepidez na publicação e confissão Dêle no dia do juízo é prova de perfeito amor a Deus que lança fora o mêdo.—4:1-21.

Todo o precedente culmina na definição do “amor de Deus” dada no início do capítulo 5: “Este é o amor de Deus,

que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são penosos.” A seguir surge aquêlê texto tantas vêzes citado pelos trinitaristas, 1 João 5:7, segundo a Versão Almeida da Bíblia. Êle não aparece nos antigos manuscritos Vaticano 1209, Sinaítico, e Alexandrino. De fato, não aparece em nenhum manuscrito GREGO anterior ao século quinze. Praticamente tôdas as versões modernas omitem corretamente êste texto espúrio, uma exceção notável sendo um “Novo Testamento” publicado em inglês em 1941 pela Confraternidade Católica Romana de doutrina religiosa nos Estados Unidos. Numa nota marginal êste grupo católico, cheio de preconceitos, admite que o texto não existe nos manuscritos antigos mas o incluem à base de que o papa tem autoridade para decidir a validade de todos os textos das Escrituras. (Veja-se a nota marginal da versão *Pedreira de Castro*.) A *Versão Brasileira*, e o *Novo Testamento Revisado* da Imprensa Bíblica Brasileira, traduzem corretamente esta porção da epístola, mostrando que o espírito de Jeová e a água da verdade e o sangue da propiciação combinam como três testemunhas harmoniosas, provando que Jesus é o Filho de Deus. (5:6-8) Isto purga a epístola de João do diabólico texto trinitário que se introduzira por meio de falsificação religiosa. Depois duma discussão dos bons e vitalizadores officios do Filho Cristo Jesus, João declara que todo êste mundo mau está no maligno, Satanás. Êle termina com um aviso contra a adoração de ídolos.—5:1-21.

SEGUNDA JOÃO

Visto que Primeira João foi escrita quase no fim da vida de João na terra, o tempo da composição de Segunda João não podia ser muito depois. À base do mesmo arrazoamento se aceita geralmente que também foi escrita na região de Éfeso. Embora seja dirigida à “senhora eleita com seus filhos”, alguns acham que o têrmo “senhora eleita” se refere à igreja; outros sustentam que se dirige a uma cristã fiel chamada “Kyria”. “Kyria” é a palavra grega por “senhora”, e é em

outros lugares usada como nome próprio. Segunda João não é mencionada tão cedo pelo escritores cristãos primitivos depois do período apostólico como Primeira João, e isso talvez se deva ao fato de que se dirigia a uma pessoa particular e portanto não entrou tão rapidamente em circulação geral.

A esta família dedicada a Deus João expressa amor nos laços da verdade. Alegra-se em saber que os filhos desta senhora dedicada andam na verdade; insta para que continue o amor fraternal; e mostra que tal amor se manifesta por se andar nos mandamentos do Senhor. Ele admoesta a família a não se deixar enganar por anticristos e a nada ter que ver com êles. No fim, expressa a esperança de vê-los em breve, e transmite-lhes lembranças de parentes chegados.

TERCEIRA JOÃO

O que se disse sôbre Segunda João quanto ao tempo e lugar da escrita aplica-se de modo geral também à terceira epístola de João. Foi evidentemente escrita pelo apóstolo João depois de ser sôlto da ilha de Patmos e pouco depois de se compor Segunda João. Êle se achava naquele tempo na Ásia Menor, provavelmente em Éfeso ou vizinhança. Dirigiu a terceira epístola a Gaio, uma testemunha fiel que mostrou generosidade ajudando outros de modo material. Mencionam-se pelo menos três pessoas com êste nome nas Escrituras Gregas. (Atos 19:29; 20:4; Rom. 16:23; 1 Cor. 1:14) Se era um dêstes o Gaio a quem João escreveu não se pode dizer com certeza, mas em vista da idade muito avançada de João parece provável que o Gaio a quem João escreveu não era nenhum dêstes três, mas um quarto.

João aparentemente recebera de viajantes notícias de Gaio. Regozija-se com o bom relatório que lhe trouxeram sôbre a fidelidade de Gaio e o amor manifesto por meio de obras generosas. É elogiado por ajudar aos que se empenham inteiramente na obra da pregação do evangelho. Na sua epístola João denuncia os feitos maliciosos de um certo Diótrefes, mas recomenda Demétrio. Nas observações finais João expressa a esperança de ver Gaio em breve, e manda lembranças.

JUDAS

O escritor desta epístola é identificado como “Judas, servo de Jesus Christo e irmão de Tiago”. Judas não fala de si mesmo como apóstolo (havia dois apóstolos chamados assim). Embora isso em si mesmo não impeça que seja o fiel apóstolo Judas, toma significado adicional quando na epístola o escritor fala dos apóstolos na terceira pessoa “êles”, ou “os quais”, em vez da primeira pessoa “nós”. (Ver. 17, 18; *Negromonte*) O escritor parece com isso excluir-se dos apóstolos. Ele é “irmão de Tiago”, evidentemente referindo-se ao escritor da epístola de Tiago, que era irmão de Jesus. Isto significaria que Judas era também irmão de Jesus; e seu nome aparece assim na lista dos irmãos de Jesus. (Mat. 13: 55; Mar. 6: 3; veja-se também João 7: 5 e Atos 1: 14) Em apreciação da sua relação com o ressuscitado Rei Jesus Cristo, Judas identifica-se como servo de Cristo em vez de irmão de Jesus.

Em que tempo se escreveu a epístola não pode ser fixado com certeza. Não obstante, a similaridade com o capítulo dois da segunda epístola de Pedro mostra que condições similares prevaleciam no tempo em que ambas as epístolas foram escritas. Nesta base, muitos crêem que a epístola de Judas foi escrita aproximadamente ao mesmo tempo da Segunda de Pedro, isto é, cêrca de 64 E. C. Para apoiar esta crença há a probabilidade de que fôra escrita antes da destruição de Jerusalém em 70 E. C., visto que Judas não se refere à queda da cidade. Naturalmente, o apóstolo João escreveu depois da queda de Jerusalém e não se refere a ela, mas o caso de Judas era diferente. Judas reforça seus argumentos especiais mencionando juízos divinos específicos executados nos pecadores. (Ver. 5-7) Parece provável que, se Jerusalém já caíra, êle teria apontado esta calamidade ainda tão fresca na memória dos seus leitores, especialmente porque Jesus a predissera. Segue-se, pois, que a epístola de Judas foi provavelmente escrita pouco antes de 70 E. C.

Judas não se dirige a alguma congregação eclesiástica ou

grupo ou indivíduo em particular, mas é uma carta geral destinada a circular amplamente entre todos os cristãos. A epístola avisa contra os falsos mestres que se introduzem sorrateiramente transformando a piedade em lascívia e negando a Deus e Cristo. Judas lembra então seus leitores de como Deus puniu os malfeitores no passado distante. Respeitando a Deus como Dignitário Supremo, Miguel o arcanjo não presumiu trazer “juízo de maldição” sôbre o Diabo quando disputava pelo corpo de Moisés; mas êstes animais irracionais lançam maldições contra dignitários e o domínio teocrático. São como o assassino Caim, como o cobiçoso Balaão, como nuvens sem água, árvores infrutíferas prontas para serem desarraigadas, como ondas impetuosas do mar que escumam a própria vergonha, estrêlas errantes para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas. Sua presença contamina as congregações cristãs. O fiel Enoc, séculos antes do dilúvio de Noé, predisse tais falsificadores animalísticos e o tempo em que Cristo e Suas hostes executariam juízo sôbre êles. Os fiéis servos de Deus e Cristo devem evitar tais murmuradores e queixosos que andam nas suas próprias concupiscências e se jactam e admiram a personalidade de homens para tirar vantagens; os servos fiéis precisam lembrar-se das palavras de Jesus e dos apóstolos que os avisaram da vinda de tais mofadores. Edificai-vos na fé. Guardai-vos no amor de Deus. Mostrai compaixão, mas odiai as vestes manchadas de imundície. Àquêle, capaz de guardar-vos da queda e de manter-vos imaculados, a Jeová Deus, seja glória e majestade e poder e domínio para tôda eternidade.—Ver. 1-25, *Almeida*.

REVISÃO: 1. Quando, donde, e a quem escreveu João sua primeira epístola? 2. Qual é o conteúdo dos (a) capítulos 1, 2; (b) Capítulos 3, 4? (c) Capítulo 5? 3. Quando, donde, e a quem escreveu João a segunda epístola? 4. Qual era o teor da carta? 5. Quando, donde, e a quem escreveu João a terceira epístola? 6. Qual é o seu conteúdo? 7. Quem escreveu a epístola de Judas? 8. Quando possivelmente foi escrita? e à base de que evidência responde assim? 9. A quem se dirige Judas? 10. Qual é o conteúdo da carta?

Lição 70

APOCALIPSE

“A revelação de Jesus Christo, que Deus lhe concedeu.” Estas palavras iniciais do último livro da Bíblia identificam corretamente o verdadeiro Revelador, em contraste com o título dado a êste livro na maioria das versões da Bíblia. Não é uma revelação de João, nem é João o revelador. Jeová Deus revelou certas coisas a Cristo Jesus, e Cristo Jesus passou a revelação adiante aos seus servos na terra indicando estas coisas a João e mandando-lhe que as escrevesse num livro. Jeová Deus e Cristo Jesus são os Reveladores. “Revelação” é equivalente à palavra grega *Apokálupsis*, da qual vem a forma aportuguesada “Apocalipse”.

O nome do escritor é inquestionavelmente “João” (1:1, 4, 9-11, 19; 21:2; 22:8) Mas que João? é a questão. O próprio apóstolo João, e não outro cristão duma data posterior, conforme sustentam os críticos modernos. Dizem que o estilo vigoroso do escritor do livro de Apocalipse, suas alegorias e seu espírito de vingança e de execução impiedosa dos inimigos de Deus, não combinam com o espírito amoroso, gentil do escritor do Evangelho e das cartas gerais do apóstolo João. Esquecem que o apóstolo João foi chamado por Jesus um dos “Boanerges”, isto é, um dos “filhos do trovão”. Deve ter sido um tipo vigoroso de discípulo, que invocaria fogo do céu sobre as cabeças dos inimigos de Deus se isso fôsse a vontade de Deus. (Mar. 3:17; Luc. 9:54) Tudo no Apocalipse pode ser harmonizado com o espírito do apóstolo João, que escreveu em termos tão amorosos no seu Evangelho. O assunto em discussão no Apocalipse é bem diferente do tratado no Evangelho e nas epístolas de João; também as circunstâncias sob as quais escreveu Apocalipse eram diferentes. Estas coisas explicam facilmente qualquer mudança na linguagem e no estilo.

A história primitiva da era cristã confirma o apóstolo João como escritor. A história corrobora a declaração bíblica que o apóstolo João foi banido a Patmos por causa da sua fidelidade a Deus. Justino, o Mártir, disse aproximadamente em

150 E. C.: “Um homem entre nós, chamado João, um dos apóstolos de Cristo, numa revelação que recebera, profetizou que os crentes em Cristo viveriam mil anos na [nova] Jerusalém.” Muitos outros escritores do século seguinte ao da morte do apóstolo João testificam que êle foi o relator de Apocalipse. Tanto a evidência interna como a externa estabelecem o apóstolo João como escritor de Apocalipse, e isso além de qualquer dúvida.

João foi banido ou exilado à ilha de Patmos, na costa ocidental da Ásia Menor, por causa da sua fidelidade no testemunho a favor de Jeová Deus e Jesus Cristo. Enquanto esteve ali recebeu uma série de visões, que se lhe ordenou assentar por escrito. Não é razoável crer-se que o zeloso João demorasse em obedecer à ordem vinda de Cristo para escrever. (Apo. 10: 4) Portanto, João deve ter registado as visões do Apocalipse ali mesmo naquela pequena ilha de Patmos.

Mas quando? Quando a perseguição era intensa, quando se praticavam medidas tão severas como o exílio. Duas perseguições se destacam durante os tempos apostólicos: aquela sob o imperador romano Nero (64-68) e uma quase no fim do reinado do imperador Domiciano, em 96 E. C. Embora alguns críticos sustentem que João foi exilado durante a perseguição de Nero e mantêm que o Apocalipse foi escrito nessa data anterior, são movidos nisso pela interpretação particular que dão às profecias do livro. O pêso da evidência fidedigna indica que foi durante a perseguição de Domiciano que João foi banido a Patmos. Ireneu disse no segundo século: “[O Apocalipse] foi visto não muito tempo atrás, mas quase na nossa própria geração, no fim do reinado de Domiciano.” Eusébio regista num relatório comum que durante a perseguição sob Domiciano o apóstolo João foi exilado a Patmos por sua fidelidade a Deus. O reinado de Domiciano terminou quase no fim de 96. Seu sucessor, Nerva, chamou de volta muitos dos exilados por Domiciano, entre os quais se acredita encontrava-se João. Mas nessa época o apóstolo já registara o Apocalipse, aproximadamente em 96 E. C. Trajano sucedeu a

Nerva em 98 e acredita-se que foi no terceiro ano de Trajano que o apóstolo João morreu (100 E. C.).

O Apocalipse está dirigido “às sete igrejas que estão na Asia”. Mas, havia mais de sete igrejas naquela província romana. Sete foram provavelmente selecionadas porque o número sete era considerado sagrado e significava inteireza, e a dedicatória indicaria assim a igreja cristã inteira e os que se diziam cristãos. Este pensamento está contido no versículo inicial: “A revelação . . . para manifestar aos seus servos as cousas que cedo devem acontecer.” O livro é uma revelação a todos os “seus servos”, especialmente os que vivem nestes “últimos dias”, quando “o tempo está proximo”.—Apo. 1:1-4.

Após uma introdução e saudação geral e depois de se estabelecer a presença de João em Patmos (1:1-9), registam-se visões após visões, até quase o fim do livro (1:10-22:7). A primeira visão revela o glorificado Cristo Jesus enviando mensagens separadas às sete igrejas. Das sete, Smirna e Filadélfia são as únicas não repreendidas especialmente. Particularmente Smirna é elogiada, e recebe a promessa: “Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida.” Os que têm ouvidos escutam e atendam às mensagens de Rei.—1:10-3:22.

A visão seguinte é a do trono de Deus. Aquêlê sentado ali está ladeado por vinte e quatro anciãos e por quatro animais de aparência desusada. O que está sentado no trono tem um livro com sete sêlos, que ninguém a não ser o Cordeiro de Deus pode romper. Ao quebrar êle sêlo após sêlo, a visão aumenta. Um guerreiro conquistador num cavalo branco precede à entrada de quatro cavaleiros que representam calamidade para a terra de Satanás. A seguir vêem-se os seguidores de Cristo que sofreram o martírio; os homens poderosos de Satanás são aterrorizados por um grande terremoto, o obscurcimento do sol e da lua e a queda de estrêlas. João vê então em visão os 144.000 selados do Israel espiritual e em adição a isso uma grande multidão de tôdas as nações servindo perante o trono de Deus. Com o quebrar do sétimo sêlo, aparecem na visão sete trombeteiros angélicos.—4:1-8:6.

À medida que cada anjo sôa sua trombeta, descendem as calamidades sôbre a organização de Satanás. Imaginação prodigiosa é posta em jogo na descrição destas calamidades liberadas pelo som das trombetas, conforme caem sôbre a terra, o mar, os rios e as fontes. A quarta trombeta resulta no escurecimento da têrça parte do sol e da lua e das estrêlas. Uma estrêla avança em direção leste ao quinto som de trombeta e solta a praga dum exército de gafanhotos. Mas, embora o sexto anjo soe a trombeta e solte mais calamidades e grande morticínio, as pragas não fazem o resto dos homens arrepender-se da prática do mal. Um anjo aparece com um pequeno livro. João o come, achando-o na bôca doce como mel mas amargo no ventre. Diz-se-lhe que a cidade santa será pisada debaixo de pés gentios por quarenta e dois meses, que por 1.260 dias as duas testemunhas de Deus testificariam vestidas de sacco, que então seriam mortas pela besta de Satanás, mas que o regozijo das nações jactanciosas cederia lugar ao choque e terror quando as testemunhas fôssem revivificadas pelo espírito de Jeová Deus. O sétimo anjo levanta então a trombeta e toca. E ressoa o poderoso côro celestial!—"O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e de seu Christo, e elle reinará pelos seculos dos seculos." O Deus Todo-poderoso tomou a si o poder e seu Rei ungido reina! Chegou o tempo para os mortos serem julgados, para se dar recompensa aos santos e aos profetas e a todos os que temem a Deus, e para a destruição daqueles que destroem a terra! Mas as nações da terra estão iradas.—8: 7-11: 19.

Em símbolo, uma mulher no céu dá à luz um filho varão; Miguel e seus anjos lutam contra o Diabo e seus demônios; o iníquo enganador e suas hostes são lançados por terra, onde são responsáveis por calamidades em doses concentradas; marcam também o restante dos seguidores de Cristo para perseguição especial. (12:1-17) A seguir sobe do mar a besta de sete cabeças e dez chifres. Ela assombra o mundo, e a humanidade adora ao Dragão que lhe dá seu poder. Uma besta de dois chifres semelhante a um cordeiro aparece para obrar

milagres e engano. Faz-se uma imagem da primeira besta; todos os que não a adoram têm de morrer, é o decreto blasfemo. Sem a marca da besta ninguém pode comprar ou vender. Seu número é 666.—13:1-18.

O Cordeiro de Deus está de pé sôbre o Monte Sião, e com êle estão os 144.000 coherdeiros resgatados dentre os homens. Êles cantam um novo cântico perante o trono. Anjos aparecem, um com o evangelho eterno a ser pregado, outro gritando que caiu a Babilônia, um terceiro condenando os adoradores da besta a beberem da ira de Deus, e os que daí em diante morrem no Senhor são declarados benditos, enquanto o anjo de Deus sega a colheita desta terra e outro lança os cachos da vinha da terra no lagar da ira de Deus, onde são pisados. (14:1-20) Outra visão revela sete anjos com sete taças contendo as últimas sete pragas. (15:1-8) Nenhuma parte do mundo de Satanás escapa das pragas derramadas destas taças. Derramadas são, sôbre a terra, o mar, os rios e fontes, o sol, a sede da besta, o grande rio Eufrates, e no ar! É o derramamento da sexta taça que informa acêrca do ajuntamento que os demônios fazem da sua organização para o Armagedon.—16:1-21.

Uma vistosamente ornada meretriz é vista a seguir montada numa besta côr de escarlata de sete cabeças e dez chifes. É a Babilônia, a Mãe das Prostitutas! Esta besta já aparecera uma vez, depois desapareceu, mas agora está de volta com sua cavaleira prostituta. Esta mulher a dirige numa guerra suicida contra o Cordeiro de Deus, mas antes de sofrer a destruição permanente a besta derruba esta meretriz voluptuosa e se volta contra ela em fúria ardente e desoladora. (17:1-18) Esta visão se desvanece, mas a nova que entra em foco confirma a queda de Babilônia. Ordena-se ao povo de Deus a sair dela. Seus pecados acumularam-se até os altos céus, e a paga que se lhe dá lança-a tão pesadamente na destruição como uma pedra de moinho lançado ao mar. Os líderes mundiais de Satanás choram e lamentam a sua queda. Mas os céus se regozijam. Chegou a vingança.—18:1-24.

Os dois capítulos seguintes levam a visão da batalha até o fim derradeiro de Satanás e sua prole viperina. Depois de saciar os olhos na visão das bodas do Cordeiro, João vê Cristo o “Rei dos reis, e Senhor dos senhores” chefiando suas hostes celestiais contra todos os opositores remanescentes. Até o próprio Satanás é atado na morte por mil anos, tempo durante o qual Cristo e Seus santos abençoados reinam e julgam a humanidade e no fim do qual Satanás é solto por um pouco de tempo para trazer uma prova final sôbre os habitantes do novo mundo de Jeová. Pouco depois êsse iníquo é destruído eternamente, junto com os que enganou.—19: 1–20: 15.

Num resplendor de glória sublime a série das visões de João conclue com uma vista dos novos céus e da nova terra de Jeová. A Jerusalém celestial é revelada em esplendor majestoso. Jeová Deus e Cristo Jesus iluminam-na com um fulgor que ofusca o sol do meio-dia e a essa cidade celestial as nações darão glória e honra. Do trono de Deus e do Cordeiro emana um rio puro de água da vida, e nas suas margens cresce a árvore da vida para o benefício dos servos de Deus.—21: 1–22: 7.

Os versículos finais (8-21) incluem um convite para beber da água da vida. É feito pelo Espírito e a noiva. Os que ouvem aceitam o convite e o cantam para outros ouvirem, a fim de que todo o que quizer venha e beba de graça das águas da vida. Êstes versículos, que formam a conclusão de Apocalipse, admoestam-nos também contra adicionarmos ou tirarmos da Palavras de Deus. Graças sejam dadas a Deus porque a Sua Palavra permanece para sempre, e chegou até nós hoje. Por meio dela somos ‘EQUIPADOS PARA TÔDA BOA OBRA’.

REVISÃO: 1. Que idéia errônea transmite a maioria das versões da Bíblia no título dêste livro? 2. Como provaria que foi o apóstolo João quem escreveu o Apocalipse? 3. Onde o escreveu? 4. Quando o escreveu? 5. A quem o dirigiu? 6. Que resumo poderá dar dos (a) capítulos 1-3? (b) Capítulos 4-8: 6? (c) Capítulos 8: 7-11: 19? (d) Capítulos 12, 13? (e) Capítulos 14-16? (f) Capítulos 17, 18? (g) Capítulos 19, 20? (h) Capítulos 21, 22? 7. Por que se deve agradecer a Deus pela sua Palavra duradoura?

RESUMO BÍBLICO, SEM COMENTÁRIO, DE DOCTRINAS FUNDAMENTAIS

A ALMA E SUA MORTALIDADE

- Gên. 1:20, Alm.:** "E disse Deus: Produzam as aguas abundantemente repteis de alma vivente."
- Gên. 1:30, Alm.:** "E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o reptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento."
- Gên. 2:7, Alm.:** "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente."
- Núm. 31:28, Alm.:** "Então para o Senhor tomarás o tributo dos homens de guerra, que saíram a esta guerra, de cada quinhentos uma alma, dos homens, e dos bois, e dos jumentos e das ovelhas."
- Juí. 16:30, V. Trin.:** "E disse Sansão: Morra minha alma com os Filistheos: E inclinou-se com força; e caiu a casa."
- Sal. 78:50:** "Não poupou da morte a alma delles."
- Sal. 89:48, Alm., ed. amer.:** "Que homem ha, que viva, e não veja a morte? Livrará elle a sua alma do poder da sepultura?"
- Isa. 53:12:** "Derramou a sua alma até a morte."
- Eze. 18:4, 20:** "A alma que peccar, essa morrerá."
- Atos 3:23:** "Toda a alma que não ouvir a esse propheta, será exterminada do meio do povo."
- Veja-se também:** Jos: 10:28-39, Alm.; Sal. 7:5; 22:29, Alm., ed. amer.; 33:18, 19; Mat. 10:28; Tiago 5:20; Apo. 16:3.

ARMAGEDON, A BATALHA DO DEUS TODO-PODEROSO

- Apo. 16:14, 16, Alm.:** "São espiritos de demonios, que fazem prodigios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso. E os congregaram no lugar que . . . se chama Armagedom."
- Isa. 34:1-9:** "Jehovah tem indignação contra todas as nações, e furor contra todo o seu exercito: tem-n-as destruido totalmente, tem-n-as entregue é matança. . . . A espada de Jehovah está chela de sangue, . . . a sua terra embriagar-se-á de sangue, . . . Pois é o dia da vingança de Jehovah."
- Isa. 66:15, 16:** "Pois eis que virá Jehovah com fogo, e os seus carros serão como o torvelinho, para retribuir a sua ira com furor, e a sua reprehensão com labaredas de fogo. Pois com o fogo e com a sua espada entrará Jehovah em juizo com toda a carne; e serão muitos os que ficarão mortos por Jehovah."
- Jer. 25:29-33:** "Eu vou chamar uma espada que venha sobre todos os habitantes da terra, diz Jehovah dos exercitos . . . porque Jehovah tem uma controversia com as nações, . . . Os mortos de Jehovah se extenderão naquelle dia desde uma á outra extremidade da terra; não serão pranteados, nem recolhidos, nem enterrados; servirão de esterco sobre a face da terra."
- Joel 3:9-14:** "Suscitem-se as nações, e subam ao valle de Jehoshaphat; pois alli me sentarei para julgar todas as nações ao redor. Mettei a foice, porque está madura a ceifa, vinde, pisae, porque o lagar está chelo, e os vasos dos lagares trasbordam; pois grande é a sua malícia. Multidões, multidões no valle da decisão [Soares: matança]; porque o dia de Jehovah está perto."
- Sof. 3:8:** "Portanto espera-me, diz Jehovah, até o dia em que eu me levantar para o despojo; porque o meu intento é congregar as nações, para que reuna os reinos, afirm de derramar sobre elles a minha indignação, todo o furor da minha ira; pois toda a terra será devorada pelo fogo do meu zelo."

Zac. 14:3, 12: "Então sahirá Jehovah, e pelejará contra essas nações, como quando pelejou no dia da batalha. Esta será a praga com que Jehovah ferirá todos os povos que teem combatido contra Jerusalem; consumir-se-á a carne delles, estando elles em pé, e os seus olhos se consumirão nas suas covas, e a sua lingua se consumirá na sua bocca."

Apo. 19:11-21; 20:1-3: "Vi o céu aberto, e um cavallo branco; o que estava montado sobre elle chamava-se Fiel e Verdadeiro, e com justiça julga e peleja. . . Os exercitos que estão no céu, seguiam-n-o . . . Da sua bocca sahia uma espada afiada para com ella ferir as nações; elle as regerà com uma vara de ferro, e elle é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. . . Vi a besta e os reis da terra e os seus exercitos reunidos para fazerem guerra áquelle que estava montado sobre o cavallo, e ao seu exercito. A besta foi presa e com ella o falso propheta . . . Os outros foram mortos pela espada que sahia da bocca daquelle que estava montado sobre o cavallo; . . . um anjo . . . se apoderou do dragão, da antiga serpente, isto é, do Diabo e Satanaz, e o amarrrou por mil annos."

Mar. 13:30, 32: "Não passará esta geração, sem que todas estas cousas se cumpram. Mas daquelle dia ou daquelle hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão só o Pae."

Veja-se também: 2 Crô. 20:15, 22-24; Sal. 2:4-12; 46:6-10; 83:13-18; Isa. 13:6-19; 24:1-6; 26:20, 21; 28:21; 63:1-6; Eze. 9:5-7; 38:18-23; 39:1-11; Dan. 2:34, 35, 44, 45; Amós 9:1-5; Hab. 3:3-16; Sof. 2:2, 3; Mat. 24:21, 37, 39; 1 Tes. 5:3; 2 Tes. 1:7-9; 2 Ped. 3:7, 10-12; Apo. 14:17-20; 17:14-16.

A TERRA NO PROPÓSITO DE DEUS

A TERRA LITERAL HÁ DE

PERMANECER E SER HABITADA PARA SEMPRE

Gên. 1:1: "No principio creou Deus o céu e a terra."

Isa. 45:18, Soares: "Porque eis o que diz o Senhor, que criou os céus, o mesmo Deus que formou a terra, e a fez, que a dispôs e que não a criou em vão, mas que a formou para que fôsse habitada."

Ecl. 1:4: "Uma geração vae-se e outra geração vem, mas a terra permanece para sempre."

Sal. 37:11, 29; Mat. 5:5: "Os mansos herdarão a terra, e se delectarão na abundancia de paz. Os justos herdarão a terra e nella habitarão para sempre."

Sal. 78:69: "Edificou o seu santuario como os logares elevados, como a terra que para sempre fundou."

Sal. 115:16: "Os céos são os céos de Jehovah, mas a terra, elle a deu aos filhos dos homens."

Sal. 119:90: "Estabeleceste a terra, e ella permanece firme."

Pro. 2:21, 22: "Pois os rectos habitarão na terra, e nella permanecerão os perfectos. Mas os perversos serão exterminados da terra, e della serão desarraigados os transgressores."

Pro. 10:30: "O justo não será jamais abalado."

Veja-se também: Sal. 104:5; Isa. 60:21.

PROMETIDA A ORGANIZAÇÃO DA "NOVA TERRA"

2 Ped. 3:5-7, 13: "Eram já dantes os céos e a terra que da agua e no meio da agua subsiste pela palavra de Deus. Por causa destas cousas pereceu o mundo de então, afogado em agua; mas os céos que agora existem, e a terra, pela mesma palavra se guardam para o fogo, reservados até o dia do juizo e da perdição dos homens impios. Mas nós, segundo a sua promessa, esperamos novos céos e uma nova terra, nos quaes habita a justiça."

Apo. 21:1, 3, 4: "Vi um novo céu e uma nova terra: porque o primeiro céu e a primeira terra já se foram. . . e Deus mesmo estará com elles, e enxugará toda a lagrima dos olhos delles. Não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem choro, nem dor, porque as primeiras cousas são passadas. Disse aquelle que estava sentado sobre o throno: Eis que faço novas todas as cousas."

Isa. 65:17; 66:22: "Pois eis que crio uns céos novos e uma terra nova; e não persistirão na memoria as cousas passadas, nem serão ellas lembradas." "Pois como deante de mim durarão os céos novos, e a terra nova, que hei de fazer, assim durará a vossa posteridade e o vosso nome."

Isa. 32:1: "Eis que em justiça reinará um rei, e em rectidão governarão príncipes."

Sal. 45:16: "Em logar de teus paes serão teus filhos, a quem farás príncipes por toda a terra."

O MANDATO DIVINO DADO AO HOMEM CONCERNENTE A TERRA

Gên. 1:27, 28: "Creou, pois, Deus o homem á sua imagem, á imagem de Deus o creou; homem e mulher os creou. Deus os abençoou, e lhes disse: Fructificae, multiplicaee-vos, enchei a terra e sujeitae-a; dominae sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animaes que se arrastam sobre a terra."

Gên. 9:1, 7: "Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Fructificae, multiplicaee-vos e enchei a terra. . . . fructificae, multiplicaee-vos; povoae abundantemente a terra, e nella multiplicaee-vos."

Eze. 47:22: "Repartil-a-eis em herança por sortes entre vós, e entre os estrangeiros que peregrinam no meio de vós, os quaes gerarão filhos no meio de vós; e vós os tereis como os natúraes entre os filhos de Israel; convosco entrarão em herança no meio das tribus de Israel."

BÊNÇÃOS TERRESTRES ADICIONAIS SOB O DOMÍNIO DO REINO

Mat. 6:10: "Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu."

Isa. 9:6, 7: "Porque a nós nos é nascido um menino, e a nós nos é dado um filho: o governo está sobre os seus hombros, e elle tem por nome Maravilhoso Conselheiro, Poderoso Deus, Eterno Pae, Príncipe da Paz. Do augmento do seu governo e da paz não haverá fim sobre o throno de David e sobre o seu reino, para o estabelecer e para o firmar com juizo e com justiça desde agora e para sempre. O zelo de Jehovah dos exercitos cumprirá isto."

Luc. 2:14, Pereira: "Glória a Deus no mais alto dos céus, e, na terra, paz aos homens de boa vontade."

Sal. 72:1, 4, 7, 8, Alm.: "Ó Deus, dá ao rei os teus juizos, e a tua justiça ao filho do rei. Julgará os aflitos do povo, salvará os filhos do necessitado, e quebrantarà o oppressor. Nos seus dias florescerá o justo, e abundancia de paz haverá enquanto durar a lua. Dominará de mar a mar, e desde o rio até ás extremidades da terra."

Miq. 4:1-4, Alm.; Isa. 2:2-4: "Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e concorrerão a ele os povos. E irão muitas nações, e dirão: Vinde e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e nós andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalem. E julgará entre muitos povos, e castigará poderosas nações até mui longe; e converterão as suas espadas em enxadas, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do Senhor dos Exércitos o disse."

Pro. 29:2, Soares: "Sob o govêrno dos justos está alegre o povo; quando os ímpios tomam o govêrno, o povo geme."

Sal. 67:6, 7; 85:12, Alm.: "Então a terra dará o seu fruto; e Deus, o nosso Deus, nos abençoará. Deus nos abençoará."

Sal. 145:13, 16, Alm.: "O teu reino é um reino eterno; o teu domínio estende-se a todas as gerações. Abres a tua mão, e satisfazes os desejos de todos os viventes."

Isa. 25:6-8: "Jehovah dos exercitos fará neste monte para todos os povos um banquete de cousas gordurosas, banquete de vinhos com fezes, de cousas gordurosas e ricas em tutano, de vinhos com fezes, depois de bem coados. Aniquilará neste monte a coberta que cobre todos os povos, e o véo que está posto sobre todas as nações. Anni-

quillará a morte para sempre; enxugará Deus as lágrimas de todos os rostos."

Isa. 66:1; 60:13: "Assim diz Jehovah: O céu é o meu throno, e a terra é o escabello dos meus pés. . . : farei glorioso o lugar dos meus pés."

Isa. 11:6-9; 65:25: "O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequenino os conduzirá. A vacca e a urso pastarão, as suas crias se deitarão juntas e o leão comerá palha como o boi. A creança de peito brincará sobre a toca do aspide, e a creança desmammada metterá a mão na cova do basilisco. Não farão damno nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra será chela do conhecimento de Jehovah, assim como as aguas cobrem o mar."

Isa. 33:24: "Nenhum morador dirá: Estou doente."

Jer. 33:6: "Eis que lhe trarei a ella saude e cura, e os sararei, e lhes revelarei a abundancia de paz e de verdade."

João 8:51: "Se alguém guardar a minha palavra, nunca jamais verá a morte."

João 11:26: "E todo o que vive e crê em mim, nunca jamais morrerá."

1 Cor. 15:25, 26: "Pois é necessario que elle reine, até que ponha todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O ultimo inimigo que será destruido, é a morte."

Apo. 21:4: "Não haverá mais morte."

BATISMO

Mat. 3:13-17: "Baptizado que foi Jesus, . . . eis que se abriram os céos, e viu o espirito de Deus descer como pomba e vir sobre elle; e uma voz dos céos disse: Este é o meu Filho dilecto, em quem me agrado."

Mat. 28:19: "Ide, pois, e fazei discipulos de todas as nações, baptizando-as em o nome do Pae e do Filho e do espirito santo."

João 3:22; 4:1, 2: "Depois disto foi Jesus com seus discipulos para a terra da Judéa; alli se demorava com elles, e baptizava. . . Jesus, fazia e baptizava mais discipulos que João (se bem que Jesus mesmo não baptizasse, mas sim seus discipulos)."

1 Cor. 10:2: "E todos em Moysés foram baptizados na nuvem e no mar."

1 Ped. 3:20, 21, Soares: "Os quais outrora tinham sido incrédulos, quando nos dias de Noé a paciência de Deus estava esperando, enquanto se fabricava a arca, na qual um pequeno número, isto é, oito pessoas apenas se salvaram sobre a água. A qual figura corresponde o batismo que agora vos salva."

Veja-se também: Atos 2:37-41.

O BATISMO DE JOÃO

Mar. 1:4, Diag: (em inglês): "João imergia no deserto, e publicava uma imersão de reforma para o perdão de peccados."

Luc. 3:2, 3: "Veiu a palavra de Deus a João, filho de Zacharias, no deserto. Elle percorreu toda a circumvizinhança do Jordão, prégando o baptismo de arrendimento para remissão de peccados."

Veja-se também: Mat. 3:1-11; João 1:33; Atos 10:37; 13:24; 19:3, 4.

BATISMO PELO ESPÍRITO NO CORPO E NA MORTE DE CRISTO

Atos 1:5; 2:1-4: "João, na verdade, baptizou com agua, mas vós se-reis baptizados com o espirito santo dentro de poucos dias."

Rom. 6:3, 4: "Proventura ignoraes que todos os que fomos baptizados em Christo Jesus, fomos baptizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com elle na morte pelo baptismo, para que, como Christo foi resuscitado dentre os mortos pela gloria do Pae, assim tambem nós andemos em novidade de vida."

1 Cor. 12:13: "Em um só espirito fomos baptizados todos nós em um só corpo."

Gál. 3:27: "Porque tantos quantos fostes baptizados em Christo, vos revestistes de Christo."

Veja-se também: Mar. 1:8; 10:38, 39; Luc. 12:50; João 1:33; Col. 2:12.

CONDIÇÃO DOS MORTOS

OS MORTOS NÃO CONSCIENTES

Jó 14:1, 2, 21: "O homem, nascido da mulher, é de poucos dias e cheio de inquietação. Como flor nasce, e murcha; como sombra foge, e não permanece. Seus filhos recebem honras, e elle não o sabe; são humilhados, mas elle nada percebe a respeito delles."

Sal. 6:5, Alm.: "Porque na morte não ha lembrança de ti; no sepulcro quem te louvará?"

Sal. 49:12, 14, Alm.: "Todavia o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais que perecem. Como ovelhas são enterrados; a morte se alimentará deles, e os retos terão domínio sobre eles na manhã; e a sua formosura na sepultura se consumirá, por não ter mais onde more."

Sal. 115:17: "Os mortos não louvam a Jehovah, nem alguns dos que descem ao silencio."

Sal. 146:3, 4: "Não confieis em principes, nem no filho do homem, no qual não ha auxilio. Sae o seu espirito [fôlego, Ver. Rei Jaime (em inglês)], elle volta para a terra; nesse mesmo dia perecem os seus pensamentos."

Ecl. 3:19, 20: "Pois o que succede aos filhos dos homens, succede aos brutos, uma e a mesma cousa lhes succede a elles. Como morre um, assim morre o outro; todos teem o mesmo fôlego, e o homem não tem vantagem sobre os brutos. Pois tudo é vaidade. Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão para o pó."

Ecl. 9:5, 10: "Pois os vivos sabem que hão de morrer; mas os mortos não sabem cousa alguma, nem tão pouco teem dahi em deante recompensa, porque a sua memoria fica entregue ao esquecimento. Tudo o que alcançar a tua mão para fazer, faze-o com tuas forças, porque na sepultura para onde vaes, não ha obra, nem engenho, nem conhecimento, nem sabedoria."

OS MORTOS FALADOS COMO SE ESTIVESSEM DORMINDO

2 Ped. 3:4: "Desde que os paes dormiram, tudo permanece."

1 Cor. 15:20: "Mas agora Christo foi resuscitado dentre os mortos, sendo elle as primicias dos que dormem."

João 11:11-14: "Lazaro dorme, mas vou despertá-lo do somno. Disse-lhe, então, os discipulos: Senhor, se dorme, ficará bom. Jesus tinha falado da morte de Lazaro; mas elles suppunham que falasse do repouso do somno. Disse-lhes, pois, Jesus abertamente: Lazaro morreu."

1 Tes. 4:13, 14: "Não queremos, porém, irmãos, que sejaes ignorantes a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como fazem os demais que não teem esperança. Pois se cremos que Jesus morreu e resurgiu, assim também Deus trará com Jesus os que nelle dormem."

Veja-se também: 1 Reis 2:10; 14:31; 22:50; Atos 7:60; 13:36.

NÃO SOBEM AO CÉU AO MORREREM

João 3:13: "Ninguém subiu ao céu, senão aquelle que desceu do céu, a saber, o Filho do homem."

Atos 2:29, 34: "Irmãos, é-me permitido dizer-vos ousadamente acerca do patriarcha David, que elle morreu e foi sepultado, e o seu tumulo está entre nós até hoje. Pois David não subiu aos céos."

CONSAGRAÇÃO PARA FAZER A VONTADE DE DEUS

Sal. 40:8; Heb. 10:7, 9: "Em fazer a tua vontade, Deus meu, eu me deleito; a tua lei está dentro do meu coração."

João 5:30: "Não procuro a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou."

João 6:38: "Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou."

Mat. 26:39: "Pae meu, se é possível, passe de mim este calix; todavia não seja como eu quero, mas como tu queres."

Mat. 10:38; 16:24. Torrey (em inglês): "Aquêle que não toma o seu jugo e me segue não é digno de mim." "Aquêle que me seguir negue-se a si mesmo, e tome seu jugo, e venha comigo."

Mat. 11:29: "Tomae sobre vós o meu jugo."

Mat. 4:19; 8:22; 9:9: "Segui-me."

1 Ped. 2:21: "Christo padeceu por vós, deixando-vos exemplo, para que sigaes as suas pisadas."

Mat. 6:24, 33, Alm.: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom: Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça."

Rom. 12:1: "Rogo-vos, . . . que apresenteis os vossos corpos como um sacrificio vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional."

CRISTÃOS NÃO DEBAIXO DA LEI, MAS DEBAIXO DE GRAÇA

Heb. 10:1, Alm.: "Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrificios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a elles se chegam."

Gál. 3:11-13, 19, 23-26: "É claro que pela Lei ninguém é justificado deante de Deus, porque: O justo viverá da fé. A Lei não é da fé, mas: Aquelle que faz estas cousas, viverá por ellas. Christo nos remiu da maldição da Lei, tornando-se maldição por nós, porque está escripto: Maldito todo aquelle que é pendurado no madeiro: Que é, pois, a Lei? Foi accrescentada por causa das transgressões, até que viesse a semente a quem se fez a promessa, tendo sido ordenada mediante anjos, pela mão de um mediador. Mas antes que viesse a fé, estavam debaixo da guarda da Lei, encerrados para a fé que havia de ser revelada. Assim a Lei se tornou nosso pedagogo para conduzir-nos a Christo, afim de sermos justificados pela fé. Mas tendo vindo a fé, não estamos mais debaixo de pedagogo. Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Christo Jesus."

Col. 1:14, 16, 17: "Tendo cancellado o escripto de divida que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era contrario, removeu-o inteiramente, cravando-o na cruz. Ninguém, portanto, vos julgue pelo comer, nem pelo beber, nem a respeito de um dia de festa, ou de lua nova ou de sabbado, as quaes cousas são sombras das vindouras."

Rom. 6:14: "Não estaes debaixo da lei, mas debaixo da graça."

Gál. 5:18, 22, 23, Alm., margem: "Se sois guiados pelo espirito, não estais debaixo da lei. Mas o fruto do espirito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas cousas não há lei."

Veja-se também: Jer. 31:31-34 e Heb. 8:4-10; Mat. 5:17, 18; Atos 15:1-29; Rom. 3:20, 21; 10:4; 2 Cor. 3:5-11; Gál. 4:4, 5; Efé. 2:8-16; Fil. 3:9; Heb. 7:12, 19; Tia. 2:10, 11.

CRISTO JESUS

Pro. 8:22-36: "Jehovah me possuiu no principio dos seus caminhos, antes das suas obras da antiguidade. Desde a antiguidade fui constituida, desde o principio, antes de existir a terra. Quando ainda não havia abysmos, fui dada á luz."

Col. 1:15, 16: "Que é a imagem do Deus invisivel, o primogenito de toda a criação. Pois nelle foram creadas todas as cousas nos céos e sobre a terra, as visiveis e as invisiveis, quer sejam thronos quer dominações quer principados quer potestades; todas as cousas teem sido creadas por elle e para elle."

João 1:3, 14: "Tudo foi feito por elle; e nada do que tem sido feito, foi feito sem elle." "O Verbo se fez carne e habitou entre nós."

Mat. 3:16, 17: "Baptizado que foi Jesus, sahiu logo da agua; eis que se abriram os céos, e viu o espirito de Deus descer como pomba e vir sobre elle; e uma voz dos céos disse: Este é o meu Filho dilecto, em quem me agrado."

João 18:37: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, afim de dar testemunho da verdade."

Fil. 2:6-11, Alm.: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando

a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai."

Apo. 1:17, 18, Alm.: "Eu sou . . . o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amem. E tenho as chaves da morte e do inferno."

Apo. 19:11, 13, 16: "Vi o céu aberto, e um cavallo branco; o que estava montado sobre elle chamava-se Fiel e Verdadeiro, . . . o Verbo de Deus. . . . REI DOS REIS, E SENHOR DOS SENHORES."

Veja-se também: João 8:58; 17:5; Atos 4:12; Heb. 1:1-4; 2:9; 1 Ped. 3:21, 22; Apo. 3:14.

NÃO A MESMA PERSONALIDADE OU IGUAL A JEOVÁ DEUS

1 Tim. 2:5: "Pois só ha um Deus e só ha um mediador entre Deus e os homens, Christo Jesus homem."

1 Cor. 8:6: "Para nós, comtudo, ha um só Deus, o Pae, de quem são todas as cousas, e para quem nós existimos; e um só Senhor, Jesus Christo, por quem são todas as cousas, e nós outros por elle."

1 Cor. 15:28: "Então tambem o mesmo Filho estará sujeito áquelle que lhe sujeitou todas as cousas, para que Deus seja tudo em todas as cousas."

João 14:28: "O Pae é maior do que eu."

João 17:20-23; 10:30, Alm.: "E não rogo somente por estes, mas tambem por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que tambem eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a gloria que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim." "Eu e o Pai somos um."

1 João 5:7,8: "O espirito é o que dá testemunho, porque o espirito é a verdade. Pois tres são os que dão testemunho, o espirito, a agua e o sangue, e estes tres concordam." (Veja-se também o N.T. Revisado; também a nota marginal sobre este texto em The Emphatic Diaglott [em inglês] e Pedreira de Castro.)

João 1:1, tradução interlinear palavra por palavra na Diagl.: "Em um principio era o Verbo, e o Verbo estava com o Deus, e um deus era o Verbo."

1 Tim. 3:16, N. T. Rev.: "Aquêlê que se manifestou em carne, foi justificado em espirito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória." Veja-se a nota marginal da Diag. (em inglês).

IDOLATRIA

Êxo. 20:4, 5, Alm.: "Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas aguas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás."

Isa. 42:8: "Eu sou Jehovah; este é o meu nome: a minha gloria não a darei a outrem, nem o meu louvor ás imagens esculpidas."

Sal. 96:5: "Pois todos os deuses dos povos são idolos."

Sal. 106:36, Alm.: "E serviram os seus idolos, que vieram a ser-lhes um laço."

Dan. 3:1-18: "O rei Nebuchadnezzar fez uma imagem de ouro, que tinha sessenta cubitos de alto, e seis cubitos de largo; levantou-a no campo de Dura, na provincia de Babilonia. . . . Responderam ao rei Shadrach, Meshach e Abed-Nego: . . . fica tu sabendo, ó rei, que não havemos de servir aos teus deuses, nem adorar a imagem de ouro que levantaste."

Sal. 115:4-8: "Os idolos delles são prata e ouro, obra das mãos de homens. Teem bocca, mas não falam; teem olhos, mas não vêem; teem ouvidos, mas não ouvem; teem narizes, mas não cheiram; teem mãos, mas não apalparam; teem pés, mas não andam; da sua

garganta não sae som algum. Semelhantes a elles se tornarão os que os fazem, bem como todo o que nelles confia."

2 Cor. 6:16, 17, Alm.: "Que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, . . . Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu voz receberei."

1 Cor. 10:14: "Por isso, meus amados, fugi da idolatria."

1 João 5:21: "Filhinhos, guardae-vos dos ídolos."

Col. 3:5: "Mortificaes, pois, os vossos membros que estão sobre a terra; a fornicação, a immundícia, a paixão, a má concupiscência e a avareza, que é idolatria."

1 Sam. 15:23: "Porque a rebelião é como o peccado da adivinhação, e a obstinação é como a idolatria e os teraphins."

Apo. 13:4-16: "Adoraram o dragão, porque deu a sua auctoridade á besta. Adoraram a besta, . . . Todos os habitantes da terra a adorarão, aquellos cujos nomes desde o principio do mundo não estão escriptos no livro da vida . . . Vi sahir da terra outra besta . . . mandando aos habitantes da terra que fizessem uma imagem para a besta que fôra ferida pela espada, e que ainda vivia. Foi lhe dado que communicasse folego á imagem da besta, afim de que a imagem da besta falasse e fizesse com que todos os que não adorassem a imagem da besta, fossem mortos."

Veja-se também: Exo. 32:7, 8; Lev. 26:1; Deu. 4:15-28; Juf. 2:17; Sal. 97:7; Isa. 2:20; 44:9-20; 45:16; Jer. 10:1-15; Miq. 5:13; Hab. 2:18, 19.

IGREJA

NÃO UM EDIFÍCIO LITERAL

Ato 7:48-50: "O Altíssimo não habita em casas feitas por mãos; como disse o propheta: O céu é o meu throno, e a terra o escabello dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor."

Veja-se também: 2 Crô. 2:6; Isa. 66:1, 2; Ato 17:24, 25; Rom. 16:5; 1 Cor. 16:19; Col. 4:15; Filem. 2.

A ROCHA SÔBRE A QUAL A IGREJA ESTÁ EDIFICADA

Mat. 21:42: "A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como a pedra angular; isto foi feito pelo Senhor."

1 Ped. 2:3, 4, 6-8: "O Senhor é benigno. Chegando-vos para elle, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas para Deus eleita e preciosa, . . . Por isso é que se acha na Escripura: Eis que ponho em Sião a principal pedra angular, eleita e preciosa. E aquelle que nelle crê, não será envergonhado. Para vós, portanto, que crêdes é a honra; mas para aquellos que descreem, a pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta como a pedra angular e como uma pedra de tropeço e uma rocha de escandalo."

Efé. 2:19-21: "Sois concidadãos dos santos e membros da familia de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e prophetas, sendo a principal pedra angular o proprio Christo Jesus, no qual cada edificio bem conjuntado cresce para ser um templo santo no Senhor."

1 Cor. 10:4: "Beberam duma rocha espirital que os acompanhava, a qual rocha era Christo."

Mat. 16:16-18: "Respondeu Simão Pedro: Tu és o Christo, o Filho do Deus vivo. Disse-lhe Jesus: Bemaventurado és, Simão Bar-Jonas, porque não foi carne e sangue quem t'o revelou, mas meu Pae que está nos céos. Tambem eu te digo que tu és Pedro [no grego: Petros, no gênero masculino], e sobre esta pedra [no grego: petra, no gênero feminino] edificarei a minha Igreja."

Veja-se também: Sal. 118:22, 23; Isa. 28:16; Ato 4:10, 11.

A VERDADEIRA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Efé. 1:17, 22, 23: "O Deus de nosso Senhor Jesus Christo . . . lhe sujeitou todas as cousas debaixo dos pés e para ser cabeça sobre todas as cousas o deu á Igreja, a qual é o seu corpo."

1 Cor. 12:12-30: "Pois assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, constituem um só corpo; assim tambem é Christo. Em um só espirito fomos bap-

tizados todos nós em um só corpo, . . . Mas agora Deus dispôs os membros no corpo, cada um delles como lhe aprouve. . . . O olho não pôde dizer á mão: Eu não preciso de ti; . . . os membros do corpo, que parecem ser mais fracos, são necessarios; . . . para que não houvesse scisma no corpo, mas os membros tivessem o mesmo cuidado uns pelos outros. Se um só membro soffre, todos os membros soffrem com elle; se um é honrado, todos os membros se regoiziam com elle. Ora vós sois corpo de Christo, e individualmente um de seus membros."

1 Cor. 3:16, 17, Soares: "Não sabeis que sois templo de Deus, e que o espirito de Deus habita em vós? Se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus, que vós sois."

1 Ped. 2:5, 9: "Sois vós também quaes pedras vivas, edificados como casa espiritual para serdes um sacerdocio santo, afim de offercerdes sacrificios espirituaes, acceitaveis a Deus por Jesus Christo. Mas vós sois a geração eleita, o sacerdocio real, a nação santa, o povo todo seu para que proclaméis as grandezas daquelle que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."

Heb. 12:23: "Egreja dos primogenitos que são registrados nos céos."

Fil. 3:20, 21: "Pois a nossa patria está nos céos [Soares: somos cidadãos dos céus], donde também aguardamos como Salvador o Senhor Jesus Christo, o qual transformará o corpo da nossa humilhação, de maneira que seja conforme ao corpo da sua gloria."

Veja-se também: Ato 2:47; 2 Cor. 6:16; 11:2; Efê. 5:23-30; Col. 1:18; 1 Tim. 3:15; Apo. 21:9, 10, 14.

OS NÚMEROS QUE COMPÕE O CORPO DA IGREJA

Apo. 14:1, 3: "Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com elle cento e quarenta e quatro mil que tinham escripto o nome d'elle e o nome de Seu Pae sobre as suas testas. Cantavam um novo cantico diante do throno e diante das quatro creaturas viventes e dos anciãos; e ninguem podia apprender aquelle cantico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra."

Veja-se também: Apo. 7:4-8.

IMORTALIDADE

JEOVÁ SEMPRE POSSUIU IMORTALIDADE

Sal. 90:2: "Antes que nascessem os montes, ou que tivesses formado a terra e o mundo, desde a eternidade até a eternidade tu és Deus."

Jer. 10:10: "Jehovah é o verdadeiro Deus; elle é o Deus vivo e o rei sempiterno."

1 Tim. 1:17: "Ao Rei dos seculos, immortal [V. Trin.: incorruptível], invisível, o unico Deus, seja honra e gloria pelos seculos dos seculos. Amen."

CRISTO JESUS RECEBEU

IMORTALIDADE NA SUA RESSURREIÇÃO

João 5:26: "Pois assim como o Pae tem vida em si mesmo, assim também deu elle ao Filho ter vida em si mesmo."

1 Tim. 6:14-16: "A vinda de nosso Senhor Jesus Christo; a qual no tempo próprio mostrará o bemaventurado e unico Soberano, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, aquelle que só possui a immortalidade, e que habita em luz inacessível, a quem nenhum dos homens tem visto, nem pôde ver; ao qual seja dada honra e poder eterno."

Apo. 1:17, 18: "Eu sou . . . o que vivo; fui morto, mas eis que estou vivo pelos seculos dos seculos."

OS MEMBROS DO CORPO DE CRISTO

OBTERÃO FINALMENTE IMORTALIDADE

Rom. 2:7: "Dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, buscam gloria, honra e incorrupção."

Rom. 6:5: "Se temos sido unidos a elle na semelhança da sua morte, com certeza o seremos também na da sua resurreição."

1 Cor. 15:53, 54: "Pois é necessario que este corpo corruptível se re-

vista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da immortalidade. Mas quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e este corpo mortal se revestir da immortalidade, então . . . Tragada foi a morte na victoria."

- 2 Tim. 1:10: "Christo Jesus que destruiu a morte e tirou á luz a vida e a immortalidade [Alm.: incorrupção] pelo Evangelho."

INFERNO A SEPULTURA

"INFERNO," "SEPULTURA" e "SEPULCRO" DA PALAVRA HEBRAICA "SHEOL"

Sal. 16:10, Alm.: "Pois não deixarás a minha alma no inferno [V. Bras.: Sheol], nem permitirás que o teu Santo veja corrupção."

Sal. 55:15, Alm., ed. amer.: "A morte os assalta, e vivos desçam ao inferno [Alm., a terra; margem, Seol]."

Jon. 2:1, 2, Alm.: "E orou Jonas ao Senhor, seu Deus, das entra-nhas do peixe. E disse: Na minha angustia clamei ao Senhor, e ele me respondeu, do ventre do inferno [margem, seol; Soares, sepulcro] gritei, e tu ouviste a minha voz."

Gên. 37:35, Alm.: "E levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; recusou porem ser consolado, e disse: Na verdade com choro hei de descer ao meu filho até à sepultura [V. Bras., Sheol]. Assim o chorou seu pai."

Jó 14:13, Alm.: "Oxalá me escondesses na sepultura [margem, Seol], e me ocultassem até que a tua ira se desviasse, e me pusessem um limite, e te lembrasses de mim!"

Jó 17:13, 16, Alm., ed. amer.: "A sepultura [V. Bras., Sheol] será a minha casa; nas trevas estenderei a minha cama." "As barras da sepultura [V. Bras. e Alm., Sheol] descerão quando juntamente no pó haverá descanso."

Núm. 16:33, Alm.: "E eles e tudo o que era seu desceram vivos ao sepulcro [V. Bras., Sheol], e a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação."

Veja-se também: Sal. 9:17, Alm.; 86:13, Alm.; 139:8, Alm., também, ed. amer.; Isa. 14:9, Alm., margem; Osé. 13:14, V. Trin. Veja-se a Versão Brasileira em todo caso.

"INFERNO" e "SEPULTURA" DA PALAVRA GREGA "HADES"

Ato 2:27, 31, Alm.: "Pois não deixarás a minha alma no Hades [ed. amer., e Castro, inferno], nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo: que a sua alma não foi deixada no Hades [ed. amer., e Castro, inferno], nem a sua carne viu a corrupção."

Apo. 20:13, 14, Alm.: "E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno [margem, Hades; a sepultura] deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno [margem, Hades] foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte."

1 Cor. 15:55, Alm.: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno [hades; Ver. Rei Jaime (em ingl.), sepultura], a tua vitória?"

"INFERNO" DAS PALAVRAS GREGAS "GEENA" E "TARTARO"

Mat. 10:28, Alm.: "E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma; temeí antes aquele que pode fazer perecer no inferno [V. Bras., Gehenna] a alma e o corpo."

Mat. 23:33, Alm.: "Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno [V. Bras., Gehenna]?"

Mar. 9:43-48, Alm.: "E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno [V. Bras., Gehenna; Castro, Geena do fogo]."

2 Ped. 2:4: "Pois se Deus não poupou a anjos, quando peccaram, mas lançou-os no inferno [Soares, tartaro], e os entregou aos abysmos de escuridão, para serem reservados para o juizo."

JEOVÁ DEUS

Gên. 2:4: "Do céu e da terra . . . Deus Jehovah os creou."

Deu. 10:17: "Porque Jehovah vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não se deixa levar de respeitos humanos, nem recebe peitas."

Deu. 32:4, 35: "Elle é a Rocha, as suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justiça. Deus, fiel e sem iniquidade, justo e recto é elle." "Minha é a vingança e a recompensa."

Sal. 3:8: "A Jehovah pertence a salvação."

Sal. 36:9: "Pois em ti está a fonte da vida."

Sal. 47:7, Alm.: "Pois Deus é o Rei de toda a terra; cantai louvores com intelligencia."

Sal. 62:11: "O poder pertence a Deus."

Sal. 89:14: "Justiça e equidade é o fundamento do teu throno, graça e verdade vão adeante de ti."

Pro. 2:6, 7: "Pois Jehovah é quem dá a sabedoria, da sua bocca procedem o conhecimento e o entendimento. Elle reserva a verdadeira sabedoria para os rectos."

Isa. 33:22: "Jehovah é o nosso juiz, Jehovah é o nosso legislador, Jehovah é o nosso rei: elle nos salvará."

Isa. 42:8: "Eu sou Jehovah; este é o meu nome: a minha gloria não a darei a outrem, nem o meu louvor ás imagens esculpidas."

Isa. 45:5: "Eu sou Jehovah, e não ha outro; fóra de mim não ha Deus."

Isa. 57:15: "Assim diz o Alto, e o Excelso, que habita a eternidade, de quem o nome é Santo: Habito no alto e santo lugar, tambem com aquelle que é constricto e humilde de espirito, para vivificar o espirito dos humildes, e vivificar o coração dos constrictos."

Jer. 10:10: "Jehovah é o verdadeiro Deus; elle é o Deus vivo e o rei sempiterno. Ao seu furor estremece a terra, e as nações não podem supportar a sua indignação."

Jer. 23:24: "Porventura não encho eu o céu e a terra? diz Jehovah."

Eze. 6:7: "Sabereis que eu sou Jehovah."

Mal. 3:6: "Pois eu Jehovah não mudo."

Mat. 19:26; Luc. 1:37, Alm.: "A Deus tudo é possível." "Para Deus nada é impossível."

João 1:18, Alm.: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer."

2 Cor. 1:3: "Deus . . . o Pae de misericórdias e Deus de todo o conforto."

Heb. 12:29: "Nosso Deus é um fogo consumidor."

Tia. 1:17: "Toda a boa dadiva e todo o dom perfeito vem lá de cima, descendo do Pae das luzes, no qual não póde haver mudança nem sombra de variação."

1 João 4:8: "Deus é amor."

Veja-se também: Êxo. 3:14; 33:20; Isa. 14:24, 27; 46:9-11; 1 Tim. 1:17.

TEXTOS ONDE A VERSÃO ALMEIDA USA "JEOVÁ"

Êxo. 34:6: "Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficencia e verdade."

Sal. 83:18: "Para que saibam que tu, a quem só pertence o nome de JEOVÁ, és o Altíssimo sobre toda a terra."

Isa. 12:2: "O SENHOR JEOVÁ é a minha força e o meu cântico, e se tornou a minha salvação."

Isa. 61:1: "O espirito do Senhor JEOVÁ está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos mansos."

Jer. 32:17: "Ah SENHOR JEOVÁ! eis que tu fizeste os céus e a terra."

Eze. 24:24: "Então sabereis que eu sou o Senhor JEOVÁ."

Eze. 34:31: "Vós pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto: homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o Senhor JEOVÁ."

Hab. 3:19: "JEOVÁ, o Senhor, é minha força."

Veja-se também: Gên. 15:2, 8; Isa. 56:8; 65:13, 15; Jer. 1:6; 2:19, 22; 4:10; 46:10; 49:5; mais de duzentas ocorrências em Ezequiel; Amós 1:8; 3:7, 8, 11, 13; 4:2, 5; 5:3; 6:8; 7:1, 2, 4-6; 8:1, 3, 11; 9:8; Oba. 1:1; Miq. 1:2; Sof. 1:7; Zac. 9:14; e as notas marginaes de Gên.

2:4; 22:14; Êxo. 5:2; 6:2, 3, 6-8; 17:5; Eze. 48:35; Dan. 1:11. "Jeová" ocorre 6.823 vezes nas Escrituras Hebraicas originaes, e a Versão Almeida indica às vezes estas ocorrências por imprimir "Senhor" em maiúsculas grandes e pequenas, dêste modo: SENHOR; como por exemplo em Gên. 15:18; Jer. 23:6; 33:16; Zac. 14:20; e outros textos.

JUÍZO

CRISTO JESUS CONSTITUÍDO JUIZ

Jer. 23:5: "Eis que veem dias, diz Jehovah, em que levantarei a David um Renovo justo, que como rei reinará, procederá sabiamente e executará o juizo e a justiça na terra."

João 5:22: "O Pae a ninguém julga, mas tem dado todo o julgamento ao Filho."

1 Cor. 4:4: "Quem me julga é o Senhor."

Isa. 11:3, 4: "Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem reprovará segundo o ouvir dos seus ouvidos; porém com justiça julgará os necessitados, e com equidade reprovará em defesa dos mansos da terra."

Veja-se também: Sal. 72:1-4; Atos 10:42; 17:31.

O JULGAMENTO DA IGREJA

Mal. 3:1-3: "De repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscaes; . . . Mas quem pôde supportar o dia da sua vinda? quem subsistirá quando elle apparecer? porque elle é como o fogo de fundidor e como o sabão de lavandeiros. Sentar-se-á como fundidor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata. Elles farão a Jehovah offertas em justiça."

1 Ped. 4:17: "Pois é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e se primeiro começa por nós, qual será o fim daquelles que não obedecem ao Evangelho de Deus?"

Mat. 24:42-51: "Não sabeis em que dia vem o vosso Senhor; . . . Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual seu senhor confiou a direcção da sua casa, para que a tempo dê a todos o sustento? Feliz aquelle servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas se aquelle servo, sendo mau, disser no seu coração: Meu senhor demora-se, e começar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com os ebrios, virá o senhor daquelle servo no dia em que este o não espera e na hora que não sabe, e cortal-o-á pelo meio e pôl-o-á com os impios; allí haverá o choro e o ranger de dentes."

Veja-se também: Isa. 6:1-8; Zac. 3:1-8; Mat. 21:12, 13; 25:1-30; Apo. 11:18.

JULGAMENTO DE NAÇÕES; SUA EXECUÇÃO NO ARMAGEDON

Mat. 25:31, 32: "Quando vier o Filho do homem na sua gloria, e todos os anjos com elle, então se assentará no throno da sua gloria. Todas as nações serão reunidas deante d'elle, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos."

Eze. 9:2-7: "Chamou ao homem vestido de linho, que tinha o tinteiro de escrever á sua cintura. Disse-lhe Jehovah: Passa pelo meio da cidade, . . . e marca com um signal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se fazem no meio della. Aos outros disse elle, ouvindo-o eu: Passae pela cidade após elle, e feri. Não poupem os vossos olhos, nem mostreis piedade: matae o velho, o moço e a donzella, meninos e mulheres, até os exterminardes; porém não vos chegueis a qualquer homem sobre quem estiver o signal."

Judas 14, 15, N. T. Revisado: "Eis que vem o Senhor com os seus milhares de santos, para executar juizo sobre todos e convencer a todos os impios de tôdas as obras de impiedade, que impiamente cometeram."

Veja-se também: Isa. 2:4; 11:1-4; Zac. 9:9, 10.

O DIA DE JUÍZO DE MIL ANOS

Atos 17:31: "Porquanto tem fixado um dia em que ha de julgar o mundo com justiça pelo varão que para isto destinou, do que tem

dado certeza a todos, resuscitando-o dentre os mortos."

2 Ped. 3:7, 8: "O dia do juízo . . . que um dia diante do Senhor é como mil annos, e mil annos como um dia."

Apo. 20:4, 11-13: "Vi também thronos, e se assentaram sobre elles, e foi-lhes dado o poder de julgar. . . elles viveram e reinaram com Christo mil annos. Vi um grande throno branco e o que estava sentado sobre elle, . . . Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do throno; livros foram abertos, e foi aberto outro livro que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas cousas que estavam escriptas nestes livros segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nelle havia; a morte e o Hades entregaram os mortos que nelles havia; e cada um foi julgado segundo as suas obras."

Veja-se também: Sal. 96:10-13; Luc. 22:30; João 5:27, 29; 1 Cor. 6:2, 3; 2 Tim. 4:1.

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Rom. 3:20, 23-26, 28, Alm.: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, . . . Porque todos pecaram e destituídos estão da gloria de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Christo Jesús, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesús. Concluimos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei."

Rom. 5:1, 9, 18: "Justificados, pois, pela fé, . . . justificados pelo seu sangue, seremos por elle salvos da ira. Assim, pois, como por uma só offensa veio o julgamento sobre todos os homens para a condemnação, assim também por um só acto de justiça veio o julgamento sobre todos os homens para a justificação da vida."

Rom. 8:33: "É Deus quem os justifica."

Gal. 2:16: "Sabendo, comtudo, que o homem não é justificado por obras da lei, mas sim, mediante a fé em Christo Jesus, também nós cremos em Christo Jesus, para sermos justificados pela fé em Christo e não por obras da lei; pois por obras da lei nenhuma carne será justificada."

Veja-se também: Atos 13:38, 39; Rom. 4:24, 25; 8:30; 1 Cor. 6:11; Gál. 3:11, 24; 1 Tim. 3:16; Tito 3:7; Tia. 2:17-26.

MINISTROS DO EVANGELHO

ORDENAÇÃO

Isa. 61:1, 2; Luc. 4:17-19: "O espirito de Jehovah está sobre mim, porque Jehovah me ungiu para prégar boas novas aos mansos: enviou-me para sarar os quebrantados de coração, para apregoar liberdade aos captivos e abertura de prisão aos que estão encarcerados; para apregoar o anno accetavel de Jehovah, e o dia da vingança do nosso Deus; para confortar a todos os que choram."

Joel 2:28, 29; Atos 2:16-18: "Acontecerá depois que derramarei o meu espirito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas prophetizarão, os vossos anciãos sonharão, terão visões vossos mancebos; também sobre os servos e sobre as servas naquelles dias derramarei o meu espirito."

Isa. 43:10, 12: "Vós sois as minhas testemunhas, diz Jehovah, o meu servo a quem escolhi, para que saibaes, me acrediteis e entendaes que eu sou; antes de mim não se formou nenhum deus nem haverá depois de mim. Eu é que tenho annuciado, que tenho trazido a salvação e que tenho mostrado, e não houve entre vós deus extranho; portanto vós sois as minhas testemunhas, e eu sou Deus."

João 15:16: "Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos designei para que vades e deis fructo."

A COMISSÃO DE PREGAR

Mat. 24:14: "Será prégado este Evangelho do reino por todo o mundo em testemunho a todas as nações, e então virá o fim."

Mar. 13:10: "Mas é necessario que primeiro o Evangelho seja prégado a todas as nações."

Luc. 9:60: "Replicou-lhe Jesus: Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; tu, porém, vae, annuncia o reino de Deus."

Mat. 28:19: "Ide, pois, e fazei discipulos de todas as nações, baptizando-as em o nome do Pae e do Filho e do espirito santo."

Atos 1:8: "Sereis minhas testemunhas . . . até as extremidades da terra."

1 Cor. 9:14, 16: "Assim tambem ordenou o Senhor aos que proclamam o Evangelho, que vivam do Evangelho. Se eu prégar o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação: ai de mim se não annunciar o Evangelho."

2 Cor. 5:20: "Somos, portanto, embaixadores por Christo."

1 Ped. 2:9: "Vós sois a geração eleita, o sacerdocio real, a nação santa, o povo todo seu para que proclameis as grandezas daquelle que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."

Apo. 22:17: "O espirito e a noiva dizem: Vem. Quem ouve, diga: Vem. O que tem sede, venha; e quem quizer, receba de graça a agua da vida."

Veja-se também: Isa. 6:9; Eze. 3:4, 17; 9:4; 33:7; 2 Tim. 4:2.

OBDIÊNCIA À COMISSÃO

Atos 4:19, 20: "Se é justo deante de Deus ouvir-vos a vós antes do que a Deus, julgae-o vós, pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos."

Atos 5:29: "Importa antes obedecer a Deus que aos homens."

Rom. 1:31, 32, Alm: "Infiéis nos contratos . . . são dignos de morte."

Tia. 1:22: "Tornae-vos cumpridores da palavra, e não ouvidores tão somente."

Veja-se também: Jer. 1:7, 8, 17; Mat. 10:26, 27, 32, 33; Gál. 1:8-12.

MANEIRA DE PREGAÇÃO

Heb. 13:15: "Offereçamos constantemente a Deus sacrificios de louvor, isto é, o fructo dos labios que confessam o seu nome."

Mat. 10:7, 11-14: "Pondo-vos a caminho, prégae que está proximo o reino dos céos. Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, indagaes quem nella é digno; e ahi ficae até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudae-a; se ella for digna, desça sobre ella a vossa paz; mas se o não for, torne para vós a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sahirdes daquella casa ou daquella cidade, sacudi o pó dos vossos pés."

Mar. 1:38: "Disse-lhes Jesus: Vamos a outros logares, ás povoações vizinhas, affirm de que eu tambem ahi prégue; porque para isso vim."

Luc. 8:1: "Logo depois andava Jesus pelas cidades e aldeias, pré-gando e annunciando as boas novas do reino de Deus, e iam com elle os doze."

Atos 5:42: "E todos os dias no templo e em casa não cessavam de ensinar e prégar a Jesus, o Christo."

Atos 20:20: "Não me esquivei de vos annunciar cousa alguma que era proveitosa e de vol-a ensinar publicamente, e de casa em casa."

Atos 17:17: "Assim na synagoga discutia elle com os judeus e com os que temiam a Deus, e na praça todos os dias discutia com os que alli se achavam."

Luc. 13:26: "Tu ensinaste nas nossas ruas."

Pro. 1:20, 21: "A sabedoria grita nas ruas, nas praças levanta a sua voz; clama no lugar mais concorrido, á entrada das portas e na cidade profere as suas palavras."

Pro. 8:1-3: "Não clama, porventura, a sabedoria, e não eleva o entendimento a sua voz? No cume das alturas junto ao caminho, nas encruzilhadas ella se colloca; junto ás portas, á entrada da cidade, á entrada das portas ella grita."

Atos 15:36: "Alguns dias depois disse Paulo a Barnabé: Voltemos agora para visitar os irmãos por todas as cidades em que temos annunciado a palavra do Senhor, para ver como passam."

Veja-se também: Osé. 14:2; Mat. 11:1; Atos 2:46, 47.

"O PRESENTE MUNDO PERVERSO"

Gál. 1:3, 4: "Jesus Christo, que se deu a si mesmo por nossos peccados, para nos livrar do presente mundo perverso."

João 14:30, Alm.: "Se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim."

2 Cor. 4:4: "O deus deste mundo cegou as mentes dos incredulos, para que não lhes raiasse a luz do Evangelho da gloria de Christo, o qual é a imagem de Deus."

1 João 5:19: "O mundo inteiro está no Maligno."

1 João 2:15-17: "Não ameis o mundo, nem as cousas que ha no mundo. Se alguem ama o mundo, o amor do Pae não está nelle; porque tudo o que ha no mundo, a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a vaidade da vida, não vem do Pae, mas sim do mundo. Ora o mundo passa e a sua cobiça; mas aquelle que faz a vontade de Deus, permanece para sempre."

João 15:18, 19: "Se o mundo vos aborrece, sabeis que primeiro do que a vós me tem aborrecido a mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas como não sois do mundo, antes vos escolhi eu do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece."

Rom. 12:2: "Não vos conformeis com este mundo."

1 Cor. 3:19: "A sabedoria deste mundo é estulticia deante de Deus."

2 Tim. 2:3, 4: "Soffre commigo como bom soldado de Christo Jesus. Nenhum soldado em serviço se embarça com os negocios desta vida, para que possa agradar áquelle que o alistou."

Tia. 1:27, tradução siríaca de Murdock: "A adoração que é pura e santa diante de Deus o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e guardar-se immaculado do mundo."

Tia. 4:4: "Adulteros, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Aquelle, pois, que quizer ser amigo do mundo, constitue-se inimigo de Deus."

Veja-se também: **João 8:23; 12:31; 16:11, 33; 17:14-16; 18:36; Efé. 2:2; Col. 2:8.**

ORAÇÃO**JEOVÁ É UM DEUS CAPAZ DE OUVIR ORAÇÕES**

Sal. 65:2: "Ó tu que ouves a oração, a ti virá toda a carne."

Efé. 3:19-21: "Deus . . . áquelle que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, segundo o poder que opera em nós, a esse seja gloria."

Veja-se também: **Nee. 2:2-6; Dan. 9:20-23; Jon. 2:2, 7; Tia. 5:17, 38.**

O VALOR DA ORAÇÃO, E INSTRUÇÕES A RESPEITO DELA

Isa. 56:7: "A estes os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrificios serão acceitos sobre o meu altar, porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos."

Tia. 5:13, 16: "Está afflicto alguem entre vós? ore. Muito póde a supplica fervorosa do justo."

Mat. 6:5-13: "Quando orardes, não sejaes como os hypocritas; porque elles gostam de orar em pé . . . para serem vistos dos homens; . . . pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. . . . Portanto orae vós deste modo: Pae nosso que estás nos céos; santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós tambem temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal."

João 16:23, Alm.: "Vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar."

João 17:9: "Não rogo pelo mundo, mas por aquelles que me tens dado."

1 Tim. 4:4, 5, Alm.: "Toda a criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças. Porque pela palavra de Deus e pela oração é santificada."

Veja-se também: **Jer. 7:16; 11:14; Zac. 8:21, 22; Mat. 21:13, 22; Mar. 12:40; Rom. 12:12; Efé. 6:18; 1 Ped. 4:7.**

AS ORAÇÕES DE QUEM SÃO OUVIDAS, E DE QUEM NÃO

Pro. 15:8, 29: "O sacrificio dos perversos é abominação a Jehovah, mas a oração dos rectos é-lhe agradável. Jehovah está longe dos perversos, mas ouve a oração dos justos."

Pro. 28:9: "Quem desvia o seu ouvido para não ouvir a lei, até a sua oração é cousa abominável."

Tia. 4:3: "Pedis, e não recebeis, porque pedis erradamente, afim de o despenderdes em vossos deleites."

1 Ped. 3:12, Alm.: "Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos às suas orações; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem males."

Veja-se também: 2 Crô. 7:14; Sal. 66:18; 102:17; 109:6, 7; 145:18; Isa. 1:15; João 14:13.

"OUTRAS OVELHAS"

João 10:16: "Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco, estas também é necessário que eu as traga; ellas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor."

Veja-se também: Isa. 56:3-8; Mat. 25:32-34; Apo. 7:9-17.

PUNIÇÃO PELA DESOBEDIÊNCIA

Gên. 2:17: "Da arvore do conhecimento do bem e do mal, della não comerás: porque no dia em que della comeres, certamente morrerás."

Sal. 92:7: "Quando brotarem, como herva, os perversos, e florescerem os que obram a iniquidade, é que serão destruidos para sempre."

Sal. 145:20: "Jehovah preserva todos os que o amam, mas exterminará todos os perversos."

Jer. 51:57: "Dormirão um somno perpetuo, e não despertarão."

Eze. 18:4, 20: "A alma que peccar, essa morrerá."

Atos 3:23: "Toda a alma que não ouvir a esse propheta, será exterminada do meio do povo."

Rom. 1:32: "O decreto de Deus, que são dignos de morte, os que taes cousas praticam."

Rom. 6:23: "O salario do peccado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna em Christo Jesus nosso Senhor."

Veja-se também: Sal. 9:17; 37:10, 20; Mat. 25:46, Diag. (em inglês); 2 Tes. 1:8, 9.

REINO DOS CÉUS

1 Crô. 29:11: "Teu é, ó Jehovah, o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos."

Mat. 6:10: "Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu."

Luc. 22:29, Alm.: "Eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou; para que comais e bebais à minha mesa no meu reino."

Luc. 12:31, 32: "Buscae antes o seu reino, e estas cousas vos serão accrescentadas. Não temas, pequeno rebanho; porque é do agrado de vosso Pae dar-vos o reino."

Apo. 20:4: "Elles viveram e reinaram com Christo mil annos."

1 Cor. 15:24, 28: "Então virá o fim, quando elle entregar o reino ao Deus e Pae, . . . então também o mesmo filho estará sujeito áquelle que lhe sujeitou todas as cousas, para que Deus seja tudo em todas as cousas."

Mat. 11:11: "Em verdade vos digo que não tem apparecido entre os nascidos de mulher outro maior que João Baptista; mas o que é menor no reino dos céos, é maior do que elle."

João 3:5: "Se alguém não nascer da agua e do espirito, não póde entrar no reino de Deus."

1 Cor. 15:50: "A carne e o sangue não podem herdar o reino dos céos."

João 18:36: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus subditos pelejariam."

Luc. 17:21, Alm.: "Eis que o reino de Deus está entre vós."

Isa. 9:6, 7: "Porque a nós nos é nascido um menino, e a nós nos é dado um filho: o governo está sobre os seus hombros, e elle tem

- por nome Maravilhoso Conselheiro, Poderoso Deus, Eterno Pae, Príncipe da Paz. Do augmento do seu governo e da paz não haverá fim . . . O zelo de Jehovah dos exercitos cumprirá isto."
- Apo. 12:1-5:** "Ella deu á luz um filho varão, que ha de reger todas as nações com uma vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus."
- Sal. 2:1-6:** "Porque se amotinam as nações, e os povos tramam em vão? Insurgem-se os reis da terra, e os principes conspiram contra Jehovah e contra o seu ungido, . . . Eu, porém, tenho estabelecido o meu rei em Sião, meu santo monte."
- Sal. 110:2:** "Jehovah enviará de Sião o sceptro do teu poder, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos."
- Dan. 2:44:** "Nos dias desses reis suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruído, nem passará a soberania deste a outro povo; mas fará em pedaços e consumirá todos estes reinos, e elle mesmo subsistirá para sempre."
- Dan. 7:13, 14:** "Vi nas visões nocturnas, e eis que vinha com as nuvens do céu um como filho de homem, que se chegou até o antigo de dias; foi apresentado deante delle. Foi-lhe dado dominio, e gloria e um reino, para que todos os povos, nações e linguas o servissem; o seu dominio é um dominio sempiterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído."
- Sal. 145:13, Alm.:** "O teu reino é um reino eterno; o teu dominio estende-se a todas as gerações."
- Apo. 11:15, 17:** "O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e de seu Christo, e elle reinará pelos seculos dos seculos. . . Graças te damos, Senhor Deus Todo Poderoso, que és e que eras; porque tens tomado o teu grande poder, e entraste no teu reino."
- Veja-se também o tópico "Segunda Vinda de Cristo Jesus" acêrca dos sinais que marcam o estabelecimento do reino de Deus.

RESGATE

A NECESSIDADE E A ESPERANÇA DUM RESGATE

- Rom. 5:12:** "Assim como por um só homem entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte, assim tambem a morte passou a todos os homens, visto que todos peccaram."
- Rom. 3:10:** "Não ha nenhum justo, nem sequer um."
- Sal. 51:5:** "Eis que fui nascido em iniquidade, e em peccado me concebeu minha mãe."
- Sal. 49:7:** "Nenhum delles pôde de maneira alguma remir a seu irmão, nem por elle dar um resgate a Deus."
- Osé. 13:14, V. Trin.:** "Eu os remirei da mão da sepultura; eu os resgatarei da morte: onde estão, ó morte, os teus estragos? onde está, ó sepultura, a tua carniceria?"
- Veja-se também: Jó 33:24, 25; Sal. 49:15; 103:4.

BASE PARA O ARRANJO DO RESGATE

- Êxo. 21:23, 24:** "Darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé."
- Lev. 17:11:** "A vida da carne está no sangue. Eu vol-o dei sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que faz expiação em virtude da vida."
- Heb. 9:22:** "Segundo a Lei quase todas as cousas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue não ha remissão."

O RESGATE PROVIDO POR MEIO DO SANGUE DE JESUS CRISTO

- João 1:14:** "O Verbo se fez carne e habitou entre nós."
- Heb. 2:9:** "Aquelle Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos, nós o vemos, por causa do soffrimento da morte, coroado de gloria e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte a favor de todo o homem."
- Heb. 9:12, 23-28:** "Nem pelo sangue de bodes e bezerrros, mas pelo seu proprio sangue entrou uma vez para sempre no Santo logar, havendo obtido uma redempção eterna. . . . assim tambem Christo, tendo sido immolado uma vez para sempre afim de levar os pec-

cados de muitos, apparecerá segunda vez sem peccado aos que o aguardam para a salvação."

Mat. 20:28: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos."

1 Tim. 2:6: "Que se deu a si mesmo em resgate por todos—testemunho que se deve dar em seus tempos."

Heb. 5:9: "Tendo sido aperfeiçoado, tornou-se auctor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem."

Veja-se também: Isa. 53:5, 10-12; Mar. 10:45; João 1:29; 3:16, 36; 6:51; 10:10, 11, 15; Atos 4:12; Rom. 5:8-10; 1 Cor. 6:20; 7:23; Efé. 1:7; Col. 1:14; Tito 2:14; Heb. 10:4, 5, 10-20; 1 Ped. 1:18, 19; 3:18; 1 João 1:7; 2:2; 4:10, 14; Apo. 5:9; 7:14; 14:3, 4.

RESSURREIÇÃO

João 11:25: "Disse-lhe Jesus: Eu sou a resurreição e a vida. O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá."

1 Cor. 15:21, 22: "Pois desde que a morte veio por um homem, também por um homem veio a resurreição dos mortos. Pois assim como em Adão todos morrem, assim também em Christo todos serão vivificados."

Atos 24:15, Alm.: "Há de haver resurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos."

João 5:28, 29: "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos tumulos, ouvirão a sua voz e sahirão: os que fizeram o bem, para a resurreição da vida; e os que praticaram o mal, para a resurreição do juízo."

Jó 14:13-15, Alm.: "Oxalá . . . me pusessem um limite, e te lembrassem de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias de meu combate esperaria, até que viesse a minha mudança. Chamar-me-ias, e eu te responderia."

Veja-se também: Jó 19:25, 26, Alm.; Isa. 26:19; Luc. 20:37; Heb. 11:17, 19; Mat. 22:31, 32.

"PRIMEIRA RESSURREIÇÃO"

1 Cor. 15:20, 23, 44, 49, 51, 52: "Mas agora Christo foi resuscitado dentre os mortos, sendo elle as primicias dos que dormem. Mas cada um na sua ordem. As primicias, Christo, depois os que são de Christo, na sua vinda. Semeia-se corpo animal, é resuscitado corpo espiritual. . . e como trouxemos a imagem do terreno, também traremos a imagem do celestial. Eis que vos digo um mysterio: Nem todos dormiremos, mas todos seremos mudados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da ultima trombeta. A trombeta soará, os mortos serão resuscitados incorruptíveis, e nós seremos mudados."

1 Tes. 4:14-16: "Pois se cremos que Jesus morreu e resurgiu, assim também Deus trará com Jesus os que nelle dormem. Isto vos dizemos pela palavra do Senhor, que nós os que vivermos, os que fomos deixados até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já dormem; porque o Senhor mesmo descenderá do céu com grande brado, com voz de archanjo e com trombeta de Deus, e os mortos em Christo resuscitarão primeiro."

Apo. 20:6: "Bemaventurado e santo é o que tem parte na primeira resurreição; sobre estes a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Christo, e reinarão com elle durante os mil annos."

Veja-se também: Rom. 6:5; 2 Cor. 5:1-4; Fil. 3:10, 11; 1 Ped. 1:3; 3:18; Apo. 1:5.

"MLHOR RESSURREIÇÃO"

Heb. 11:35: "Uns foram torturados, não accetando o seu livramento para alcançarem melhor resurreição."

RESSURREIÇÃO GERAL

Apo. 20:5, 12, 13: "Os outros mortos não viveram até que fossem cumpridos os mil annos." "Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do throno; livros foram abertos, e foi aberto outro livro que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas cousas

que estavam escriptas nestes livros segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nelle havia; a morte e o Hades entregaram os mortos que nelles havia; e cada um foi julgado segundo as suas obras."

Luc. 20:35, 36: "Aquelles que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro e a resurreição dentre os mortos, não se casam nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são eguaes aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da resurreição."

SANTIFICAÇÃO

Lev. 20:7, 8: "Santificae-vos e sede santos; pois eu sou Jehovah vosso Deus. Guardareis os meus estatutos, e os cumprireis: eu sou Jehovah que vos santifico."

João 17:17, 19: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Por amor delles me santifico, para que elles tambem em mim mesmo sejam santificados em verdade."

Rom. 15:16: "Santificada pelo espirito santo."

Efé. 5:25, 26: "Christo amou a Igreja e por ella se entregou a si mesmo, para que a santificasse, tendo-a purificado pela lavagem de agua com a palavra."

1 Tes. 4:3, 4: "Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação, que vos abstenhaes da fornicção, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santidade e honra."

2 Tim. 2:21: "Se, pois, algum se purificar deste, elle será um vaso de honra, santificado, util ao Senhor."

Heb. 10:10, 29: "Na qual vontade temos sido santificados pela offerta do corpo de Jesus Christo feita uma vez para sempre. . . o sangue da alliança, com que foi santificado."

Veja-se também: **Atos 26:18; 1 Tes. 5:23; Heb. 2:11; 13:12; Judas 1, V. Trin.**

SATANÁS E SEUS DEMÔNIOS

SUA ORIGEM E EXISTÊNCIA CONTINUADA

Eze. 28:12-18: "Assim diz o Senhor Jehovah: Tu eras o sello da symmetria e a perfeição da sabedoria e da formosura. Estiveste no Eden, jardim de Deus; . . . Tu eras o cherubim ungido que cobre; e estabeleci-te, de sorte que estivesses sobre o monte santo de Deus; andaste no meio das pedras de fogo. Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia em que foste creado, até que a iniquidade se achou em ti. . . tens profanado os meus santuarios."

Gên. 3:4: "A serpente disse á mulher: Certamente não morrereis."

Êxo. 9:16: "Mas devéras para isso te hei mantido em pé, para te mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja annunciado em toda a terra."

Veja-se também: **2 Ped. 2:4; Judas 6.**

SEUS ASSALTOS, E A PROTEÇÃO CONTRA ÊLES

Apo. 12:7-17: "Houve no céu uma guerra, pelejando Miguel e seus anjos contra o dragão. O dragão e seus anjos pelejaram, . . . Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanaz, aquelle que engana todo o mundo; sim, foi precipitado na terra e precipitados com elle os seus anjos. . . ai da terra e do mar, porque desceu a vós o Diabo cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta. . . O dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao restante dos filhos della, que guardam os mandamentos de Deus e mantem o testemunho de Jesus."

Apo. 16:13, 14: "Vi sahindo da bocca do dragão e da bocca da besta e da bocca do falso propheta tres espiritos immundos semelhantes a rãs; pois estes são espiritos de demonios, fazendo milagres, que saem ao encontro dos reis do mundo inteiro, para os ajuntar para a guerra do grande dia do Deus Todo-Poderoso."

1 Ped. 5:8: "Sede sobrios, vigiae. O vosso adversario, o Diabo, anda ao redor de vós, como leão rugindo, buscando a quem possa devorar."

Tia. 4:7: "Resisti ao Diabo, e elle fugirá de vós."

Efé. 6:11, 12: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para po-

derdes ficar firmes contra as ciladas do Diabo; pois não temos que lutar contra carne e sangue, mas contra os principados, contra os poderes, contra os governadores do mundo destas trevas, contra as hostes espirituaes da iniquidade nas regiões celestes."

2 Cor. 11:14, 15: "O proprio Satanaz se transforma em anjo de luz. Portanto não é grande cousa se tambem os seus ministros se transformam como em ministros de justiça."

Veja-se também: Jó 1:6-12; 2:1-6; Mat. 4:1-11; João 8:44; 2 Cor. 2:11; 1 Tim. 4:1; 1 João 3:8; Apo. 2:10; e o tópico "O Presente Mundo Perverso".

SUA DESTRUIÇÃO

Gên. 3:15: "Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."

Rom. 16:20: "O Deus de paz em breve esmagará a Satanaz debaixo dos vossos pés."

Iza. 14:12-15: "Como cahiste do céu, ó estrella radiante, filho da alva! como estás cortado até a terra, tu que abatias as nações! Tu dizias no teu coração: Subirei ao céu, exaltarei o meu throno acima das estrellas de Deus e sentar-me-ei no monte da congregação nas extremidades do Norte. Subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altissimo. Todavia serás precipitado para o Sheol, para as extremidades do abysmo."

Eze. 28:18, Soares: "Farei pois sair do meio de ti um fogo que te devore, e te reduzirei a cinzas sôbre a terra, aos olhos de todos os que te virem."

Heb. 2:14: "Para pela morte destruir aquelle que tinha o poder da morte, isto é ao Diabo."

Apo. 20:1-3, 7-10: "Elle se apoderou do dragão, da antiga serpente, isto é, do Diabo e Satanaz, e o amarrou por mil annos, e o lançou no abysmo. . . Quando forem cumpridos os mil annos, Satanaz será solto da sua prisão, e sahirá a seduzir as nações. . . Subiram sobre a largura da terra, e cercaram o acampamento dos santos e a cidade querida. Mas desceu fogo do céu e os devorou, e o Diabo que os seduzia foi lançado no lago de fogo."

SEGUNDA VINDA DE CRISTO JESUS

NÃO EM FORMA CARNAL, MAS COMO CRIATURA ESPIRITUAL

João 14:19: "Ainda por um pouco e depois o mundo não me verá mais."

2 Cor. 5:16: "Ainda que temos conhecido a Christo segundo a carne, agora comtudo não o conhecemos mais deste modo."

1 Tim. 6:14, 16: "Jesus Christo . . . que habita em luz inaccessivel."

Mat. 25:31: "Quando vier o Filho do homem na sua gloria, e todos os anjos com elle, então se assentará no throno da sua gloria."

2 Tes. 1:7, 8: "Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder em chamma de fogo. Elle tomará vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus."

O TEMPO DA SEGUNDA VINDA

MARCA DO MARCADO PELA PALAVRA DE DEUS

Eze. 21:27: "Eu o transtornarei, transtornarei, transtornarei; tambem o que é não continuará, até que venha aquelle a quem pertence o direito; e lh'o darei a elle."

Luc. 21:24, Alm.: "Jerusalem será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem."

Dan. 4:16: "Passem sobre elle sete tempos."

Apo. 12:6, 14: "Para ser alli alimentada durante mil e duzentos e sessenta dias . . . alimentada um tempo, dois tempos e a metade de um tempo."

Eze. 4:6, Alm.: "Um dia te dei por cada ano."

SINAIS FÍSICOS QUE MARCAM A SEGUNDA VINDA

Mat. 24:3-36: "Estando elle sentado no monte das Oliveiras, chegaram seus discipulos em particular, dizendo-lhe: Declara-nos, quando

succederão estas cousas, e qual o signal da tua vinda e do fim do mundo? Respondeu Jesus: . . . se levantará nação contra nação, reino contra reino e haverá formes e terremotos . . . sereis entregues á tribulação, e vos matarão; sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome . . . hão de se levantar muitos falsos prophetas, . . . Será prégado este Evangelho do reino por todo o mundo em testemunho a todas as nações, . . . a abominação de desolação, predita pelo propheta Daniel, estabelecida no lugar santo . . . haverá então grande tribulação, tal como nunca houve desde o principio do mundo até agora, nem haverá jamais. . . Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas cousas se cumpram."

Luc. 21:25, 26: "Haverá signaes no sol, na lua e nas estrellas, e sobre a terra haverá angustia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas, desfallecendo os homens de medo e pela expectação das cousas que sobreveem ao mundo; pois as potestades dos céus serão abaladas."

Luc. 17:26-30: "Assim como foi nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem: comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veiu o diluvio, e destruiu todos. Como também foi nos dias de Lot: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Lot sahio de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, e destruiu todos. Assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar."

2 Tim. 3:1-5: "Sabe, porém, isto, que nos ultimos dias virão tempos difficeis; pois os homens serão amantes de si mesmos, avarentos, pretenciosos, soberbos, maldizentes, desobedientes a seus paes, ingratos, impios, sem afeição natural, implacaveis, calumniadores, incontinentes, crueis, inimigos do bem, traidores, insolentes, presumpçosos, amando mais os prazeres do que a Deus, tendo a apparencia de piedade, porém negando o poder della. Foge também destes homens."

2 Ped. 3:3-5, 10, Alm.: "Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas proprias concupiscencias, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o principio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto . . . Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão."

Veja-se também: Mal. 3:1-3; Mar. 13:3-30; Luc. 21:7-32; 1 Tes. 5:3; 1 Ped. 4:17; Apo. 17:3, 8-14; e o tópico "Reino dos Céus".

ÍNDICE

NOTA: Os números se referem a páginas; os algarismos romanos a parágrafos. Este índice não é exaustivo, porque a informação contida no livro está disposta de maneira a torná-lo desnecessário.

A

Apócrifos,

A Destruição de Bel e o Dragão,

94, II

Baruc, 93, II, III

cântico dos Três Jovens, 93, IV

Características dos, 84, I

concílios sobre, 38, II, III; 90, I

das Escrituras Gregas, 41 II

Eclesiástico, 92, III; 93, I

Ester, adições a, 91, IV

fundo histórico dos, 84, 1-88, I

Judite, 91, II, III

na Bíblia católica, 35, II; 89, I;

90, I

não citados por Jesus,

apóstolos, 39, II; 84, I

opinião de Jerônimo sobre os,

83, I

Primeiro dos Macabeus, 84, II;

88, II; 94, III

Sabedoria (de Salomão), 92, I, II

Segundo dos Macabeus, 95, I

Susana e os Dãos Velhos, 94, I

tempo da escrita dos, 84, I

Tobias, 90, II; 91, I

usados em apóio do Talmude,

73, III

Aramaico, da família semítica,
21, I; 27, I
Escrituras Gregas em, 28, II;
29, I; 32, I; 63, I
língua dos judeus no tempo de
Cristo, 28, II; 31, III
nas Escrituras Hebraicas, 7, II;
25, II; 176, I
sucedido pelo grego, 30, II; 63, I
torna-se língua morta, 29, I
usado pelos judeus depois do
cativeiro, 12, I; 24, I; 28, I;
49, I; 180, II
Assembléias, 125, II; 338, I
Assíria, sua queda, 247, II-248, II

B

Babilônia, sua queda, 173, II;
207, II; 228, III; 251, I
Bíblia, a arqueologia confirma,
17, II
Autor, escritores, 8, I, II; 18, I;
20, III
circulação atal da, 72, I
completada, 55, III
diferentes divisões da, 9, II, III
história e geologia confirmam,
16, III-17, II
por quê, como preservada, 10, I;
11, I-13, III; 14, II; 15, I
significado do termo, 9, I
tempo utilizado para escrever a,
8, I
Veja-se MSS. da Bíblia, MSS.
das **Escrituras Gregas**, MSS.
das **Escrituras Hebraicas**,
Escrituras Gregas, **Escrituras**
Hebraicas, **Cânon da Bíblia**,
e **Traduções da Bíblia**.

C

Cânon da Bíblia, completado,
40, II, III
crescimento do, 35, I; 36, I, II
disputado, 35, II; 38, I, II, III
Cativeiro, à **Assíria**, 27, II; 48, II;
155, II; 168, II; 233, II; 238, II
à **Babilônia**, 28, I; 158, I
volta do, 43, II; 172, II; 173, I;
233, IV; 245, II
Circuncisão, pacto da, 107, III;
108, II
Criação, 106, I
Cristo Jesus, notas históricas,
16, III
o **Messias**, 18, II-20, I
Vejam-se as lições sobre os
Evangelhos.

D

Davi, 141, I; 143-147, II; 151, II;
167, I, II; 168, I

E

Elias, 152, III; 154, II
Eliseu, 152, III; 154, II; 155, II

Escrituras Gregas, cânon das,
40, II-42, II; 55, III
livros das, 9, II; 40, II, III
Vejam-se MSS. das Escrituras
Gregas.

Escrituras Hebraicas, apropriada-
mente terminadas, 261, II
aramaísmos nas, 27, I, II
cânon aceito pelos cristãos
primitivos, 39, II
cânon completado, 37, I; 40, I
como Jesus chamou as, 40, I
tempo da escrita das, 21, I;
25, II; 30, I
Veja-se MSS. das Escrituras
Hebraicas.

Evangelhos, 266, I

F

Fidelidade, pacto de, 123, I; 124, I

G

Gemara (Guemara), 76, II
Grego, alfabeto e gramática,
32, II-34, II
clássico (ático), 31, I
família indo-européia, 30, III
idioma internacional, 23, II;
30, II; 31, III; 63, I
koiné, 31, II; 34, II; 304, II
língua apropriada para a Bíblia,
32, I; 34, II
moderno, 34, II

H

Hebraico, a escrita não mostrou
originalmente pontos vogais,
13, III; 22, I, II; 45, II
alfabeto, raízes, tempos, 22, I;
23, I
Bíblia primeiro escrita em,
21, I, II
da família semítica, 21, II
falado no Éden, 30, I
não confundido no tempo de
Babel, 30, I
pontos vogais para o, 22, II; 46, I
sucedido pelo aramaico, 12, I;
24, I; 28, I; 30, II; 49, I; 180, II
Hierarquia Católica Romana e a
Bíblia, 14, II; 38, II, III; 58, I, II;
63, II; 65, I-67, II; 69, I, II;
89, I; 90, I

J

Jeová, o nome, 23, II; 51, IV;
220, I; 265, I
Jerusalém, Davi conquista,
100, I, II; 144, I; 167, I
edificações de Salomão em,
101, II, III
muros reconstruídos,
177, II-179, II
queda de, 158, I; 172, II; 173, I;
209, II; 214, I, II; 215, II;

217, II; 220, I; 354, II
restauração depois de 70 anos
de desolação, 173, I; 220, I
Juizes, tempo em que Israel era
regido por, 131, I

L

Latim, 31, III; 63, II
Lei, oral, 73, II; 74, I-75, I; 78, I
Levitas, 119, II; 120, I; 129, I

M

MSS. da Bíblia, Alexandrino,
51, III; 58, III
Bezae Cantabrigiensis, 59, II
Claromontanus, 59, II
cuidado dos copistas, 13, III
em velino, 52, II; 57, I; 58, I
Ephraemi Rescriptus, 59, I
mais acurados os mais antigos,
14, I
multiplicados depois do cati-
velo, 43, I, II
papiro, 41, I
papiro Nash, 44, I
Sinaitico, 13, II; 51, III; 58, II
Vaticano 1209, 13, II; 14, III;
51, III; 58, I
MSS. das Escrituras Gregas,
em papiro, 52, II; 53, I, II
Papiro Chester Beatty No 2, 54, I
Papiro Chester Beatty No 3, 55, I
papiro do "Quarto Evangelho",
55, II
MSS. das Escrituras Hebraicas,
oito modelos, 47, II
Pinner, 47, I
MSS. famílias de, 60, I-62, I
Massoretas e Massorá, 22, II;
45, I; 46, II
Mischna, 40, II; 74, I-76, I
Veja-se-Lei, oral.

P

Pacto Abraâmico, 107, III; 108, II
Pacto da lei, III, I; 302, II; 303, I;
318, II; 334, I; 338, I
Páscoa, 110, I; 283, I
Paulo, atividade depois do pri-
meiro encarceramento em
Roma, 324, I; 327, I
conversão de, 292, I
prisão e apelo a César, 295, I
três viagens missionárias,
293, I-294, I
Vejam-se também as lições sô-
bre as epístolas de Paulo.
Pentateuco, 36, II; 104, I; 105, II
Pentecostes, 291, II
Profetas, 36, IV; 204, I; 230, I;
261, I

R

Reis de Israel, 152, I-III;

154, I-155, II
Reis de Judá, 152, I-III; 156, I-
158, I; 170, I-172, II

S

Sacerdócio, 111, II; 113, IV; 337, II
Sacrifícios, 114, II; 115, I; 116, I;
338, I
Salomão, 151, II; 169, I
Satanás, 106, II; 186, I; 188, I;
359, II; 361, I
Saul, rei, 140, I-141, I; 147, I
Semente prometida, 106, II

T

Tabernáculo, 111, II; 129, I
Talmude, uma barreira para o
ministério cristão, 82, II
em suas partes, 74, II; 76, II
ensinos do, 78, II-81, III
natureza voluminosa do, 77, I
ordens e famílias do, 76, III;
77, I
quando e por que escrito, 75, II;
76, I; 82, II
significado de, 74, I
Veja-se Gemara e Mishna.
Targuns, 12, I; 28, II; 49, I, II
Templo, de Salomão, 131, I; 151, II;
158, I; 168, I; 214, II
de Zorobabel, 174, I-175, I;
254, I-255, I
Terra da Promissão,
conquista completada, 143, I;
147, II
divisão da, 129, I
entrada na, 125, II; 126, I; 127, II
Texto Massorético, 45, II
Tradição, 39, I; 40, II; 73, III;
78, I; 265, II
Traduções da Bíblia,
Bíblia de Genebra, 70, I
Bíblia de Mateus, 68, II
Bíblia dos Bispos, 70, II
de Áquila, 51, I
de Coverdale, 68, I
de Wiclef, 64, II
dos Setenta, 13, I; 31, II; 35, II;
37, III; 49, II; 50, I; 51, III
Douay, 70, III
Grande Bíblia, 68, III
Hexaplos, 42, I; 51, I
Peshito, 29, I; 50, III
Rei Jaime, 7, I; 71, I
Símaco, 52, I
Tyndale, 67, I, II; 69, I
Vulgata, 51, II; 63, II
Veja-se Targuns.

V

Viagens dos israelitas no deserto,
111, I; 117, I; 119, I; 120, I